Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

(Re)des)conectando gênero e religião

Peregrinações e conversões trans* e ex-trans*
em narrativas orais e do Facebook

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº

SÃO PAULO, 2014

(Re/des)conectando gênero e religião

*P*eregrinações e conversões trans* e ex-trans*
em narrativas orais e do Facebook

*E*duardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o

*T*ese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em História.

*O*rientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy.

São Paulo, 2014

Maranhão Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque

2014

(Re/des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook* / Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº; Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. – São Paulo: FFLCH/USP, 2014. 686 p.

Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Identidade religiosa. Identidade de gênero. Intolerância religiosa. Intolerância de gênero. Trânsito religioso. Trânsito de gênero.
2. História Oral de Vida, História Oral Temática, Análise de Facebook, Etnografia Ciborgue.
3. Peregrinação identitária, religiosa e de gênero, conversão identitária, religiosa e de gênero, ciborguismo e fluxo identitário, religioso e de gênero.

I Maranhão Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque

II. Título

A

utorizo a divulgação ou reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo, pesquisa, ativismo e promoção de políticas públicas, **desde que citada corretamente a fonte**:

MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **(Re/des) conectando gênero e religião**. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese de doutorado em História Social apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy.

O original desta tese encontra-se disponível na Biblioteca Florestan Fernandes e no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP.

Parodiando as orações feitas pela *Igreja Kopimista*, seguem maldições e bençãos: a quem copiar e não referenciar esta tese direito, *que uma miríade de vírus invada seu HD e sua caixa de emails se encha de spam*; *aquel@s* que copiarem e referenciarem corretamente a tese, *que seus dados não se corrompam e estejam sempre convosco – e que suas pesquisas prosperem*.

Copiando e semeando...
com as referências corretas¹

¹ Os princípios básicos do kopimismo são: “A busca do conhecimento é sagrada / A circulação do conhecimento é

(Re)des)conectando gênero e religião

*P*eregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook

*E*duardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

*T*ese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em História.

José Carlos Sebe Bom Meihy – Universidade de São Paulo. Orientador.

Membro 1:

Membro 2:

Membro 3:

Membro 4:

Data de defesa:

__ / __ / __

Dedico

A minha avó e meu avô matern@s e meu pai, *in memoriam*.
A todas as pessoas que contribuíram e co-labor-aram generosamente com este trabalho através de narrativas e memórias sensíveis. Em especial à Walleria Suri, a *Wall* e a Marina Luisa de Almeida, a *Mari*, que proporcionaram que supostos meus fossem (des)equilibrados e horizontes ampliados. E mais que especialmente, à Alexya Salvador, Jacque Chanel e Josiane Ferreira de Souza, a *Josi* – *santíssima trindade inspiradora* da tese – sem vocês esta tese não teria vida alguma.

Agradeço

*E*specialmente, a José Carlos Sebe Bom Meihy, a quem chamo carinhosamente de “(des)orientador”, por ter (des)estabilizado algumas de minhas ideias, assim como pela autonomia proporcionada nesta tese “ciborguiana” marcada por fluxos de projetos e (bri)colagens de ideias. Suas dicas, como “atente para o conceito de entre-lugares e para a ideia de redes” foram fundamentais na elaboração da tese

À *Banca de Defesa* da tese

À *Banca de Qualificação* da tese, formada pelas professoras Maria José Fontelas Rosado-Nunes (a Zeca) e Sandra Duarte de Souza

À CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado

A Mauricio Cardoso, por me acolher na disciplina *A educação no mundo contemporâneo* durante o Estágio Docência do PAE/USP em 2014, e a toda a equipe do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino)/USP

À ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões), na figura de seu presidente, Wellington Teodoro da Silva, bem como de toda sua diretoria

Ao GT Religiões e Religiosidades da ANPUH (Associação Nacional de História), através de sua presidente, Solange Ramos de Andrade

Às/aos colegas das comissões editorial, organizadora e científica do 1º Simpósio Internacional da ABHR / 1º Simpósio Sudeste da ABHR – Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas, realizado na USP em 2013, do qual fui idealizador e organizador geral

Às/aos colegas editor@s dos periódicos *Revista Brasileira de História das Religiões – GTRR/ANPUH*, *PLURA – ABHR*, *Oralidades – USP*, *Angelus Novus – USP*, e *História Agora*

Pela publicação de meus livros de 2013, à Fonte Editorial

Por denunciarem a censura interna e as tentativas de censura na Justiça ao meu livro *A grande onda vai te pegar*: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church, às revistas *Caros Amigos*, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, *Istoé*, *Revista da ESPM*, *REVER* - Revista de Estudos de Religião (PUC-SP), *Horizonte* (PUC-MG), *Revista História em Reflexão*;

aos jornais *Folha de S.Paulo* e *Brasil 247*; aos blogs *Eclésia*, *Pavablog*, *Genizah*, *UNICAP*, *Pedras que clamam*, *Uma estrangeira no mundo* e *GospelMais*, dentre outros que desconheço

Por Carta de Repúdio conjunta aos atos de censura da Bola de Neve Church, à ABHR, ACSRM, GTHRR/ANPUH e ANPUH Nacional, por Carta de Repúdio à Censura de Pesquisas, à APG/USP-Capital (Associação de Pós-Graduandos)/USP

Por me convidarem a palestrar em 2013/14, à 31^a Bienal de São Paulo, através de Benjamin Seroussi e Carlos Gutierrez; à UFSCAR, através de Viviane Mendonça e Tássio Acosta; à UERJ, através de Edgard Leite, à UMESP, através de Sandra Duarte de Souza, Leonildo Silveira Campos, Lauri Wirth, Magali do Nascimento Cunha e Jorge Miklos (UNIP); e ao Mackenzie, através de Ricardo Bitun

Aos Grupos de Pesquisa que gentilmente me acolheram entre 2010 e 14: NEHO/Diversitas/USP, coordenados por José Carlos Sebe Bom Meihy e Zilda Maria Grícoli Iokói; GREPO/PUC, por Maria José Fontelas Rosado-Nunes; MIRE/UMESP, por Magali do Nascimento Cunha; GEPP/PUC, por Edin Sued Abumanssur, e GHRR/PUC, por Fernando Torres-Londoño

À minha orientadora e meu co-orientador de mestrado, Márcia Ramos de Oliveira e Artur César Isaia, bem como minha professora de teoria e metodologia deste curso, Maria Teresa dos Santos Cunha

Pela leitura integral da tese e ajuda inestimável na transcrição de entre-vistas e confecção de tabelas, à Talita Sene. À Marta Gouveia de Oliveira Rovai, que acompanha a tese desde sua *gênese* até seu *apocalipse*. Pela leitura parcial da tese em 2012, à Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Pela leitura de partes de textos meus sobre transgeneridades, à Jacqueline de Jesus, Beatriz Bagagli e João W. Nery. Pela parceria nos textos sobre *transhomens no ciberespaço*, a João W. Nery

A Edgard Leite, que me estimulou a abrir uma conta do Facebook em 2011, dizendo que *um mundo estava lá* – e ele estava certo

A Catarina Maria Costa dos Santos, Janete Peixoto, Delise Montenegro, Viviane Paiva, Maria Lúcia Macedo Pereira e ao pessoal das Rodas de Conversa do ASITT/CRT– dentre dezenas de pessoas que generosamente *co-labor*-aram com esta tese

Well I can't tell you where I'm going,
I'm not sure of where I've been
But I know I must keep travelin'
till my road comes to an end

I'm out here on my journey,
trying to make the most of it
I'm a puzzle, I must figure out
where all my pieces fit

Like a poor wayfaring stranger
that they speak about in song
I'm just a weary pilgrim
trying to find what feels like home

Where that is no one can tell me,
am I doomed to ever roam
I'm just travelin', travelin', travelin',
I'm just travelin' on

Questions I have many, answers but a few
But we're here to learn, the spirit burns,
to know the greater truth

We've all been crucified
and they nailed Jesus to the tree
And when I'm born again,
you're gonna see a change in me

God made me for a reason
and nothing is in vain
Redemption comes in many shapes
with many kinds of pain

Oh sweet Jesus if you're listening,
keep me ever close to you
As I'm stumblin', tumblin', wonderin',
as I'm travelin' thru

Farewell to all you ladies
and to all who knew me when

Oh give me some direction Lord,
let me lean on you
As I'm travelin', travelin', travelin',
thru

Like the poor wayfaring stranger
that they speak about in song
I'm just a weary pilgrim
trying to find my own way home

Oh sweet Jesus if you're out there,
keep me ever close to you
As I'm travelin', travelin', travelin',
as I'm travelin' thru

Bem, não posso te dizer onde estou indo,
não sei bem de onde eu venho
Mas eu sei que devo continuar transitando
até meu caminho chegar ao fim

Estou aqui na minha jornada,
tentando fazer o meu melhor
Eu sou um quebra-cabeças, eu devo entender
Onde todas minhas peças se encaixam

Como um@ pobre viajante estrangeir@,
De quem eles falam em canções
Eu sou apenas um@ peregrin@ cansad@
tentando descobrir algo que me lembre de casa

Onde é ninguém sabe me dizer,
estou condenad@ a vagar para sempre
Eu só tou transitando, transitando, transitando,
transitando por aí

Tenho muitas perguntas, mas poucas respostas
Mas estamos aqui prá aprender, o espírito queima
prá conhecer a verdade maior

Tod@s fomos crucificad@s
e eles pregaram Jesus na árvore
E quando eu nascer de novo,
você verá uma mudança em mim

Deus me fez por um motivo
e nada é em vão
A redenção vem de muitas maneiras
com muitos tipos de dor

Oh doce Jesus, se você estiver ouvindo,
mantenha-me sempre perto de você
Enquanto tou tropeçando, desmoronando,
questionando, enquanto tou transitando por aí

Adeus para todas as senhoras
e para todes que me conheciam

Oh me dê algum sentido Senhor,
Deixe-me apoiar em você
Enquanto eu tou transitando, transitando,
transitando por aí

Como um@ pobre estranh@ viajante,
de quem eles/as falam em músicas
Eu sou apenas um@ peregrin@ cansad@
tentando encontrar o caminho de casa

Oh doce Jesus, se você está aí,
me mantenha sempre perto de você
Enquanto eu tou transitando, transitando,
transitando por aí

Travelin' Thru,
Dolly Parton, trilha sonora de Transamérica

Você já parou prá pensar se seu gênero é fluido ou fixo? Se sua religiosidade se manteve “intacta” durante sua história ou foi se modificando? Se gênero e religião se (con)fundiram durante sua jornada?

Em **(Re/des) conectando gênero e religião: *Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*** reflito os atos de fazer + desfazer + refazer gênero e religiosidade através de *redes* formadas por pessoas cis, trans* e ex-trans*.

Tais redes (*re/des*)conectam determinados discursos religiosos/generificados e diferentes *peregrinações e conversões de gênero e religião*, demonstrando distintas (*re/des*)engenharias de identidades, corpos e almas religiosos@s e generificad@s. Estas (*re/des*)conecções são percebidas através de etnografia ciborgue que mescla trabalho de campo on+off-line, privilegiando história oral e incursões no Facebook, em igrejas inclusivas e ministérios de recuperação/*conversão* de travestis.

***P*alavras-chave:** Identidade religiosa e de gênero, igrejas inclusivas, ministérios de recuperação/*conversão* de travestis, etnografia ciborgue, história oral, Facebook

Manual de instruções

*B*em-vind@s

*B*em-vind@s à tese *(Re/des) conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook.

Este *Manual de instruções* te ajudará a se situar na leitura. Aqui você conhecerá alguns dos termos utilizados em nossa jornada, como *trans** e *cis*; um pouco sobre a linguagem neutra / inclusiva / ciborgue adotada; algumas das metáforas utilizadas, retiradas da informática ou da internet; informações sobre o uso de itálico e de aspas; e listas de siglas e de imagens. Ao final, um *menu* (ou sumário) guiará você no percurso.

Que a jornada seja proveitosa e que tod@s *curtam e compartilhem!* *-)

Abrindo o guarda-chuva trans e o MD 2.0 – mini-dicionário de gênero, sexo e afetos*

Sou um homem completo mesmo tendo vagina

João W. Nery

Sou uma mulher normal, de peito e de pau

Indianara Siqueira²

I wanna know, have you ever seen the rain?

Creedence Clearwater Revival

O *tsunami conceitual* que se avizinha prescinde de uma cobertura provisória. Dentre tais conceitos, se destacam *transgêner@*, *não-binárie*, *binári@*, *transexual*, *travesti*, *cross dresser*, *drag queen*, *ex-travesti* e *cis*, dentre uma infinidade de outros relacionados às identidades e expressões de gênero.

Tais identidades/expressões trazem como referente a pessoa que é designada em um dado sistema sexo/gênero no nascimento e se sentem confortáveis com o mesmo. A estas pessoas os ativismos de pessoas trans* costumam denominar *cis* ou *cisgêneras* – o prefixo *cis*, em latim, designa aquilo ou quem *está do mesmo lado*, e neste caso, as pessoas em concordância com o sistema sexo/gênero enunciado ao nascer ou através de tecnologias como o ultrassom.³ Já trans* costuma designar pessoas que não concordam com o sistema sexo/gênero designado compulsoriamente no nascimento ou a partir de técnicas de “detecção de sexo/gênero”.⁴ O asterisco (*), neste caso, serve para enfeixar distintas identidades e expressões de gênero divergentes do sistema sexo/gênero “de nascimento”.

² Declarações escutadas em conversas com estas pessoas em 2011.

³ *Cisgêner@* é quem se apresenta em conformidade com a maioria das expectativas sociais relativas “ao que é ser homem ou mulher”, ou de acordo com os dispositivos de gênero que lhe foram atribuídos na gestação e/ou nascimento, enquanto o sujeito cissexual é aquele cujo desejo erótico se alinha aos padrões heteronormativos. Como aprofunda Leticia Lanz, é aquele cuja identidade de gênero está em consonância “com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, ou seja, quando sua conduta psicossocial, expressa nos atos mais comuns do dia-a-dia, está inteiramente de acordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico. Dessa forma, o indivíduo cisgênero é alguém que está adequado ao sistema bipolar de gêneros, em contraste com o transgênero, que apresenta algum tipo de inadequação em relação a esse mesmo sistema. O termo cisgênero tem circulado na Internet pelo menos desde 1994, quando apareceu no alt.transgendered usenet em um correio enviado por Dana Leland Defosse. Nele, Defosse não define o termo e parece assumir que os leitores já estão familiarizados com ele. A cunhagem do termo, segundo ela, deve ser atribuída a Carl Buijs, um homem transexual da Holanda, que usou o termo em diversas publicações suas na Internet. Buijs afirmou mais tarde, em outro correio, que ‘quanto à origem do termo, eu apenas o compus e coloquei em uso’” (LANZ, *Cisgênero*, 2014).

⁴ Como comentarei daqui a algumas páginas, a não ser em citações, as aspas costumam ser utilizadas para aludir a conteúdo irônico. Neste caso, tais tecnologias não *detectam* gênero pois este é um construto social.

Tais termos, entretanto, poderiam potencialmente ser substituídos pelo guarda-chuva *gente** ou *pessoa**, que abarcaria a tod@s igualmente. Eu mesmo costumo me definir assim: _____. Ou seja, se possível, não me defino de forma alguma pois creio que nenhuma classificação seja suficiente para rotular minha “identidade” – o que quer que isto (não) seja. Provisoriamente me “defino” como pessoa trans* não-binária, ou seja, o sistema sexo-gênero que me foi enunciado a partir do nascimento não me contempla, nem tampouco o polo binário oposto. Mas preferiria que não houvessem rotuladores identitários além de *gente* ou *pessoa*, e certamente não sou *única*⁵ em pensar assim – ainda que seja utópico pensar num guarda-chuva *gente** ou *pessoa** que contemple a tod@s independentemente de identidades específicas, especialmente porque muitas pessoas querem permanecer em suas crenças identitárias – direito que lhes deve ser assegurado e ampliado, desde que isto não envolva a hierarquização e opressão de outras identidades específicas. Em uma sociedade altamente rotuladora e hierarquizadora das identidades e que discrimina sistematicamente pessoas que não se encaixam nos padrões cis-heteronormativos, afirmar as identidades trans* é estrategicamente importante tanto para assegurar os direitos de tais pessoas à auto-marcação e auto-declaração identitária como para fomentar a promoção de direitos humanos e políticas públicas amplas e específicas – que devem acontecer fora do instinto patologizador da cis-heteronormatividade.⁶

Acerca de definições como trans* e transgêner@, seguem concepções nativas. No guia *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, Jaqueline Gomes de Jesus define como termos guarda-chuva as palavras *cisgênero*, “que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” e *transgênero*, “que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”.⁷ O coletivo *Transfeminismo* define:

o termo *trans* pode ser a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como *transexual* ou *transgênero*, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de serem excludentes, o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo trans em um termo guarda-chuva [*umbrella term*] – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade *trans* “embaixo do guarda-chuva”. Daí a ideia do guarda-chuva. Além disso, o termo também pode incluir pessoas

⁵ Comento acerca da utilização de uma *linguagem ciborgue* que agrega *linguagem não-binária* no tópico seguinte.

⁶ *Cis-heteronormatividade* é o conjunto de normas que instituem as identidades cisgêneras e as orientações heterossexuais/heteroafetivas como hierarquicamente superiores às demais, que costumam sofrer diferentes formas de apagamento, silenciamento e opressão. Dentre tais estratégias históricas de opressão se encontra a patologização das identidades trans* e das orientações homoafetivas/homoeróticas.

⁷ JESUS, *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, 2012, p. 25.

trans* que se identificam dentro e/ou fora do sistema normativo binário de gênero, ou seja, da ideia normativa que temos de “masculino” e “feminino” que forma um binário. O uso do asterisco como um termo englobador, a meu ver, é menos estigmatizador e mais fluido, de modo que elimina classificações excludentes e abre também a possibilidade da pessoa se identificar como quiser. É importante ressaltar que a identidade é soberana e as pessoas trans* tem a palavra final quanto a sua própria identificação.⁸

Leticia Lanz comenta sobre o termo *transgênero*, também entendido como guarda-chuva:

a não conformidade com a norma de gênero está na raiz do fenômeno transgênero, sendo ela – e nenhuma outra coisa – que determina a existência do fenômeno transgênero. A primeira coisa a se dizer sobre o termo ‘transgênero’ é que não se trata de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação e/ou discordância e/ou desvio e/ou não-conformidade com o dispositivo binário de gênero, presente em todas as identidades gênero-divergentes.⁹

Imagens: Coleção de sombrinhas / guarda-chuva da transgeneridade¹⁰

Mas como se espera de um guarda-chuva, este deve ser suficientemente resistente às interpéries. Mas algum guarda-chuva o é? No caso do guarda-chuva transgênero, ele sofre críticas de

⁸ KAAS, *Guarda-chuva trans**. Transfeminismo, 2012. Acerca deste coletivo, leia COACCI, *Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão*, 2013.

⁹ LANZ, *O corpo da roupa*. A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero, 2014, p. 70.

¹⁰ LANZ, *Transgente*, 2014; LANZ, *Transgênero: um histórico do termo*, 2012.

divers@s ativistas, com considerações como “temos identidades específicas. Somos travestis e mulheres transexuais. E agora, também têm os homens trans. Mas não queremos que nos confundam com transgêneros como Laerte e Leticia Lanz. Nem com o pessoal não-binário. Menos ainda com quem se monta no outro gênero. Isso nem identidade é”. Escutei este discurso algumas vezes, demonstrando a insatisfação de ativistas transexuais e travestis com tais guarda-chuvas que procuram abarcar um número mais ampliado de identidades gênero-divergentes. Saliento que, nesta tese, são consideradas identidades qualquer posicionamento pessoal em que a pessoa defina o que é identidade para ela. Assim, se a pessoa cross dresser ou drag queen define sua experiência como de identidade de gênero e não de expressão de gênero, assim será entendido e aqui descrito.

Ciente da incapacidade de qualquer guarda-chuva em acolher as múltiplas possibilidades d@human@ e se manter incólume a resistências ao mesmo, utilizaremos o guarda-chuva trans* com fins heurísticos e didáticos. Lembro que mesmo as identidades trans* específicas – como quaisquer identidades específicas – são em si também guarda-chuvas, visto pretenderem agregar pessoas diversas debaixo de sua cobertura, às vezes regulamentando quem pode ou não ser protegido pelo mesmo.

Na tese, associa-se o termo *ex-trans**, que designa a pessoa que não se vê mais como travesti, transexual ou transgênera, por exemplo. Entretanto, seria reducionista se entendêssemos a pessoa *ex-trans** como cis, visto que algumas delas – que se dizem *ex-travestis*, por exemplo –, dizem que ao mesmo tempo também não são homens – o que dá vistas a uma dinamitação da binariedade cis/trans*. Haveria algo além deste binário e de outros? A tese, não respondendo concretamente a tais coisas, procurará deixar pistas para novas incursões no tema.¹¹

Outros conceitos se relacionam a estes, como *binariedade*, *não-binariedade*, *identidade de gênero*, *expressão de gênero*, *orientação sexual* e *orientação afetiva*. Vamos a estes?

As definições a seguir foram retiradas do *MD 2.0 – Minidicionário de gênero, sexo e afetos*, da tese. Caso @ leitor@ queira se aprofundar nestes conceitos e saber mais sobre outros, é só acessar os *Anexos*, ao fim do trabalho.

¹¹ Pensar no conceito trans* (trans, transgênero, transexual), como oposto ao de cisgênero, reforça outra forma dicotômica e binária. De modo parecido, pensar na ideia de *queer* como o que é (sempre) desencaixado, presume que na outra “ponta” encontra-se aquilo “que se encaixa”, o que é outra forma de binarismo/dicotomia. Assim, convém *queerizar* o queer (conceito que veremos mais adiante), colocando-o em suspeição. Classificações como a de cis, ou de trans* (e suas variações), como quaisquer definições, ainda que possam ser assumidas com fins políticos, provavelmente, se afinam com determinados “kits de perfis-padrão” formatados “de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades” (ROLNIK, *Toxicômanos de identidade*. Subjetividade em tempo de globalização, 1997, p. 1).

Binarismos

Os *binarismos* são crenças sociais normalizantes/normatizantes identificadas em diversos (talvez em todos) os marcadores/rotuladores sociais de identidade e diferença. No caso do assunto deste minidicionário (des)pretensioso, podemos pensar em binarismos *de gênero*, *de orientações sexuais* e *de identidades de gênero*. Pessoas binárias são as que se enquadram na binariedade ou no binarismo.¹²

Binarismo de gênero: Mulher / homem (ou feminino / masculino) são designações/convenções/enquadres sócio-culturais de sexo/gênero amparadas em sinais mais ou menos visíveis ou expressos, como vestimenta, tom de voz, corpo e nome. Tratam-se de (des)encaixes identitários mais ou menos compulsórios e voluntários. “Homem” ou “mulher” são classificações binárias e contingenciais, e podem advir do sexo-gênero de designação/atribuição social ou da auto-inscrição. O binarismo de gênero (re)força a adequação compulsória a um gênero específico. Pessoas trans não-binárias são especialmente oprimidas pelo binarismo de gênero. Mas pessoas trans binárias também são afetadas pelo binarismo, visto que este “é uma das fontes de disforia, tornando compulsória a adequação de cada pessoa a somente um gênero”.¹³

Binarismo de identidades de gênero: Há mulheres e homens trans e mulheres e homens cis. E claro, “dividir” o mundo em pessoas cis e pessoas trans*, ainda que hajam necessidades políticas e que seja fundamental o respeito pelas auto-declarações quaisquer que sejam, demonstra um outro tipo de binarismo, o cis-trans* (ou trans*-cis). Em relação às identidades trans*, outro binarismo se apresenta, aquele entre binári@s e não-bináries. Na opinião da/o autora desta tese, ideal seria se pudéssemos ser apenas identificadas como *pessoas* ou *gente* – na falta de termo melhor.

Binarismo de orientações sexuais: As inscrições sociais costumam “perceber” o mundo a partir dos óculos da heteronormatividade, que apresenta como seu “contraditório” a homossexualidade: seria o binário hetero-homo. Entretanto, há diversas auto-declarações – e também pessoas que não se encaixam em nenhuma definição existente no mercado – que “fogem” a tal binarismo, como bissexuais, pansexuais e assexuais – dentre outras autodefinições possíveis.

Entre-gêneros

A expressão *transgeneridade* (ver verbete no MD 2.0) é utilizada internacionalmente para designar as identidades gênero-divergentes, agregando em algumas concepções as expressões de gênero. A expressão *entre-gêneros*¹⁴, pretende-se mais ampliada que transgeneridade ou trans*, acolhendo quaisquer identidades, expressões e, ainda, *situações* que transgridam integral ou parcialmente, permanente ou momentaneamente, as normas sociais de gênero instituídas compulsoriamente e relacionadas à cisgeneridade/cissexismo. Acolhe por exemplo as identidades / expressões de pessoas ex-trans* que não se designam nem trans* e nem cis ou de qualquer outra pessoa que não se identifique de tal forma. Como qualquer conceito, serve mais para efeitos didáticos e heurísticos, não sendo suficiente para contemplar um infinito de alternativas identitárias. Podemos pensar em *expressões entre-gêneros*, *identidades entre-gêneros*, *situações / biografias entre-gêneros*. Há pessoas, por exemplo, que passam por situações entre-gêneros mas não tem nem identidade nem expressão entre-gêneros. Comento um pouco mais aprofundadamente sobre alguns dos possíveis usos do conceito de *entre-gêneros* no capítulo “Entre” da parte Enter.

Gênero

Conjunto de normas esperadas a pessoas designadas em determinados sistemas sexo/gênero/corpo binário ou não-binário. Refere-se à características consideradas *de mulher* ou *de homem*, *femininas* ou *masculinas*, ou ainda *andróginas*. Para Judith Butler, por exemplo, gênero seria a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se

¹² Talvez possamos considerar como diferença entre binarismo e binariedade que a segunda refere-se à dualidade, e à primeira, à institucionalização/normalização/normatização da segunda.

¹³ LOBO et al, *Espetrometria Não-Binária*, 2014.

¹⁴ MARANHÃO F^O, *Apresentando conceitos nômades: entre-gêneros, entre-mobilidades, entre-sexos, entre-orientações*, 2012b.

cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.¹⁵

Relacionando com a frase de Simone de Beauvoir no segundo volume de *O segundo sexo*, “ninguém nasce mulher, aprende a ser”, Lanz diz que “mais recentemente, RuPaul, a famosa dragqueen norte-americana, fez a mesma afirmação de uma maneira jocosa “*todo mundo nasce nu; o resto é ‘drag’*. Ou seja, gênero nada mais é do que “performance de gênero”,¹⁶ conceito trabalhado por Butler e que percorre partes da tese, relacionando-se diretamente aos *atos de fala performativos de gênero*.

Gênero, atos de fala performativos de

São aqueles que, ao serem enunciados/proclamados, produzem ações, fazem acontecer aquilo que proclamam/enunciam, especialmente quando recitados, repetidos. Os performativos de gênero são citados e recitados em contextos diversos, como na religião, na escola, na família, na medicina, nas áreas psi, na mídia, nas regulamentações judiciais. Os efeitos dos performativos, entretanto, são imprevisíveis: há pessoas que se adequam aos mesmos enquanto outras os subvertem/transgridem/transcendem. Assim, a falha ou insucesso é intrínseca aos atos performativos e pode ser produtiva: é nela que moram as possibilidades de ressignificação e de subversão.

Gênero, estereótipos de

São modelos fixos, prontos e acabados do que é *ser e agir como mulher* e *ser e agir como homem*, do que constitui a *feminilidade* e a *masculinidade*. De acordo com alguns destes estereótipos, ainda que provavelmente ultrapassados, mulheres devem ser amorosas e doces, casar, ter e cuidar de filhos enquanto homens devem ser assertivos e proverem financeiramente a família. Os estereótipos servem no patrulhamento ideológico contínuo do que é conveniente ao homem e à mulher fazerem em (na) sociedade. Além disto, “por mais inocentes e favoráveis que pareçam, estereótipos são sempre restritivos e repressores da livre expressão dos seres humanos, sufocando a liberdade e a criatividade de cada pessoa e impedindo o seu crescimento pessoal e profissional em função da sua inscrição em um dos dois gêneros.”¹⁷

Os estereótipos – modelos – de gênero se fundamentam numa visão comum e compartilhada/esperada de como “macho” e “fêmea” devem se (com)portar em sociedade.

Entretanto, é possível se instituir estereótipos relacionados à não-binariedade, no sentido do *ser não-binário* é, o que poderia dar sinais da reprodução da rotulação identitária de gênero, ainda que diferentemente do *ser mulher* é e ao *ser homem* é. Tal reprodução sinalizaria para o binarismo binário/não-binário.

Gênero, expressão / performance / interface¹⁸

É como a pessoa *se apresenta*, expressa socialmente seu gênero, de acordo com uma série de normas/convenções sociais. É composta por roupas, comportamentos, timbre de voz/modo de falar, etc. Pode ser “classificada” genericamente em feminina, andrógina e masculina. As expressões de gênero *costumam* acompanhar as identidades de gênero, ou seja, a expressão de gênero pode ser a manifestação externa da identidade de gênero. Mas nem sempre a expressão de gênero é congruente ou concordante com a identidade de gênero. Uma pessoa com identidade de gênero feminina pode apresentar uma expressão de gênero feminina, andrógina/não-binária ou masculina. Assim, não há necessária congruência entre identidade e expressão de gênero.

O ativismo trans* em geral recomenda que não se confunda *expressão de gênero* com *identidade de gênero* – metaforicamente, podemos pensar que o primeiro seria o *HD* (hard drive) – a parte externa da máquina, enquanto o segundo seria o *software*, a parte mais interna referente à programação dos recursos da máquina, ou no caso, da pessoa ciborgue.¹⁹ Mas só a própria pessoa pode definir se sua experiência refere-se à identidade ou à expressão, visto estas sofrerem hierarquização e outra forma de binarismo: “a drag queen é só expressão de gênero e a travesti é identidade de gênero”. Ora, quem pode definir isso é a própria pessoa drag queen ou travesti, em relação à si mesma.

¹⁵ BUTLER, *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade, 2003, p. 59.

¹⁶ LANZ, *Dicionário Transgênero*, 2014. Mais infos no MD 2.0.

¹⁷ LANZ, *Dicionário Transgênero*, 2014.

¹⁸ O termo *interface*, vindo da informática, é usado aqui como metáfora.

¹⁹ *Ciborgue* é termo signatário de Donna Haraway e (per)corre a tese. Conversaremos sobre ele mais adiante.

Costumam ser considerados exemplos de expressões de gênero: *drag queens* / *drag kings* / *andrógines/as/os* / *crossdressers*. Mas reforçando, é possível que algumas pessoas se declarem andróginas/os/es, crossdressers, drag kings ou drag queens enquanto identidade de gênero e não expressão ou papel de gênero. Neste caso, vale a regra de ouro: respeitar as auto-marcações e auto-declarações.

Além disto, as identidades e expressões podem se interpolar. Por exemplo, uma mulher trans pode *fazer drag*²⁰ assim como um homem cis – independentemente de suas orientações afetivas ou sexuais. Aliás, não deve-se confundir expressão e identidade de gênero com orientação sexual e orientação afetiva (que por sua vez não devem ser confundidas, ainda que possam estar mescladas).

Gênero, identidade de

É como a pessoa se sente, se percebe, se entende em relação ao sistema sexo-gênero. Sua identidade de gênero pode ser feminina, masculina ou algo entre estes dois lugares, dentro de um espectro amplíssimo (incluindo os dois lugares ao mesmo tempo). Esta pessoa pode ser chamada genericamente, por exemplo, de andrógina, não-binária, queer, ou *entre-gêneros*.²¹

A identidade de gênero se associa à transgeneridade (ou à situação entre-gêneros) e à cisgeneridade. Na primeira, a pessoa não se sente confortável com o sistema sexo-gênero que lhe foi imputado na gestação ou nascimento: sua *real* identidade é aquela a qual se identifica, e não a assignada compulsoriamente. Na segunda situação, a pessoa se sente confortável e concorda com o sistema sexo-gênero que lhe é assignado na gestação ou nascimento. A *diferença* entre pessoas trans* e pessoas cis está no fato de que as primeiras costumam ser alvo sistemático de violências/discriminações/intolerâncias por conta de sua identidade de gênero (e que se associam a outros estigmas sociais que vão sendo associados a estas pessoas), o que não costuma ocorrer com as segundas.

Nem identidade nem expressão de gênero tem a ver, necessariamente, com determinadas expectativas sociais sobre o que é *ser mulher* ou *ser homem*. Para que a pessoa seja reconhecida como homem, ela deve ter um pênis? João W. Nery costuma dizer que não: “sou um homem completo mesmo tendo uma vagina, independente de não ter feito cirurgia”.²² E para ser mulher, é necessário ter uma vagina? Para Indianara Siqueira, não. Como a mesma me explicou, “sou uma mulher normal, de peito e de pau”.²³

Em relação às identidades de gênero em trânsito – ou identidades trans, ou ainda *entre-gêneros* – há diversas formas de autodeclarações, como FTM (female to male, ou de fêmea para macho), MTF (male to female, ou de macho para fêmea), transhomens, transmulheres, homens trans, mulheres trans, transgêneros/as, travestis, crossdressers, neutrois, pângeneres, agêneres, bigêneres, genderfluids, genderfuckers, genderbenders, genderbreakers, genderpivots, não-binários, epicenes, demigêneres, etc. No MD 2.0 ou no decorrer da tese @ leitor@ conhecerá um pouco mais estas auto-definições identitárias – dentre muitas outras possíveis. Butler desnaturaliza a noção de uma identidade de gênero fixa, esta pode ser *móvel e fluida*, e eu diria ainda, *peçoal*.

Não-binários (as/os) / n-b

²⁰ Acerca do verbete drag queen/drag king, o MD 2.0 explica: “comumente confundida como identidade de gênero ou orientação sexual, se aproxima mais de uma *expressão de gênero*. Trata-se, na maioria das vezes, de uma profissão praticada por pessoas cis ou trans. Em São Paulo, por exemplo, temos os exemplos de Renata Peron e de Drag Tchaka Rainha, respectivamente autodeclarada/o mulher trans e homem cis. São comuns entre as drags as expressões *fazer drag* (indicando a atividade), assim como *ser drag* (que mais comumente sinaliza para a expressão /identificação /papel de gênero, ou uma identidade provisória: não costumam demonstrar uma identidade de gênero mais “fixa” ou consolidada). Ser drag aponta para a imbricação entre apresentação/performance de gênero e apresentação/performance artística. Não deve ser confundida como uma *identidade trans* – a não ser que a *própria pessoa drag assim se identifique*. A maioria se caracteriza por sua *montagem over*, exagerada. As drag queens tiveram participação importante na rebelião / movimento de Stonewall (NY, junho de 1969), costumeiramente considerado o primeiro movimento de afirmação sexual/de gênero da história. Há drag queens que realizam cirurgias de feminilização facial e implantes de silicone nos seios, dentre outras possíveis adequações corporais, mas em geral, com fins artísticos/profissionais. Já os *drag kings* são (comumente) mulheres que se travestem de homens, também de modo exagerado e em muitos casos com fins artísticos (MD 2.0, nos Anexos).

²¹ O conceito de entre-gêneros foi pensado em 2010/11 e publicado pela primeira vez em edição da revista *História Agora* de 2012.

²² NERY, 2011.

²³ SIQUEIRA, 2011. *Indi* costuma usar esta frase, auto-explicativa, em diversos eventos também.

Identidade de gênero. Pessoas que não se encaixam/enquadram em nenhum dos gêneros binários, feminino ou masculino. Ainda que não se considerem cisgêneras, nem sempre se consideram trans, trans* ou transexuais. Há travestis, mulheres transexuais e homens trans que se consideram não-binários/as/os. Algumas não-binários se percebem agêneres ou bigêneres, ou nenhum dos dois.

Há, dentre muitas equações possíveis, quem se entenda metade menina e metade agênera, ou parte bigênera, parte só menino e parte alguma outra coisa. A abreviatura de não-binária é *n-b*. Em inglês, abrevia-se *enby*, algo como *não-bi*. Além de identidades não-binárias, é possível pensarmos em expressões de gênero não-binárias e em situações ou biografias não-binárias (observaremos este segundo caso no decorrer da tese).²⁴

Orientação afetiva / romântica

Afetividade é o conjunto de ações que envolve emoções e sentimentos. Pode estar ou não em consonância com a sexualidade. A orientação romântica ou afetiva se refere ao tipo social de pessoa a qual há atração afetiva / amorosa.

A orientação romântica ou afetiva é definida a partir da auto-declaração de identidade de gênero, ou seja, de como a própria pessoa se identifica.

As orientações mais comumente reconhecidas são a heteroafetiva e a homoafetiva, sendo que a primeira é geralmente mais legitimada e benquista (ver verbete *heteronormatividade*). A heteroafetividade é definida pela associação entre pessoas de sexos/gêneros diferentes e a homoafetividade, pela relação entre pessoas de mesmo sexo/gênero.

A pessoa pode ser *a-afetiva*, ou seja, não apreciar ninguém romanticamente; *biafetiva*, podendo se envolver com ambos os sexos/gêneros; *poliafetiva*, agregando mais de dois sistemas sexos/gêneros, o que incluiria por exemplo pessoas não-binárias, ainda que dentro deste imenso leque existam pessoas às quais a pessoa referente não se relacionaria; e *panafetiva*: não há restrições em termos de pessoa a se envolver dentro da imensa espectrometria não-binária e binária (há de se considerar que mesmo entre o binário mulher/homem há uma diversidade gigantesca de tipos humanos que podem ser ou não desejados pela pessoa referente) – o que demonstra a precariedade de qualquer conceituação/tipologia que se tente estabelecer em relação às associações afetivas (o que também vale para as sexuais, identitárias, etc).

Exemplos de orientações afetivas para pessoas binárias:

a-afetiv(a/o) ou *arromântic(a/o)*, *biafetiv(a/o)* ou *biromântic(a/o)*, *heteroafetiv(a/o)* ou *heteroromântic(a/o)*, *homoafetiv(a/o)* ou *homoromântic(a/o)*, *não-bináriaafetiv(a/o)* ou *não-bináriaromântic(a/o)*, *panafetiv(a/o)* ou *panromântic(a/o)*.

Em relação a pessoas não-binárias, que não se identificam (ao menos *não totalmente*) *nem como mulher e nem como homem*, não se toma como referente mulher ou homem, e assim, termos como hetero e homo não seriam convenientes. Uma alternativa usada por algumas pessoas não-binárias é, pensando na relação entre pessoa não-binária e pessoa binária (mulher cis ou trans* e homem cis ou trans*), utilizar *gineco* (de mulher) *afetive* e *andro* (de homem) *afetive*.

Exemplos de orientações afetivas para pessoas não-binárias:

Ginecoafetive (*ginecoromântique*), *androafetive* (*androromântique*), *não-bináriaafetive* (*não-bináriaromântique*), *biafetive* (*biromântique*), *a-afetive* (*a-romântique*), *panafetive* (*panromântique*), *poliafetive* (*poliromântique*). Em relação à afetividade por pessoas não-binárias específicas há uma imensidão de possibilidades. Dentre elas, *demigirlafetive* (*demigirlromântique*), *bigêneraafetive* (*bigênereromântique*), *agêneraafetive* (*agênereromântique*), etc.

Orientação sexual

É a atração ou desejo erótico de alguém por alguém ou algo. O alvo de interesse pode ser mais ou menos específico ou abrangente.

Socialmente, as orientações mais comumente reconhecidas são a heterossexual e a homossexual,²⁵ sendo

²⁴ O MD 2.0 apresenta parte pequeniníssima do possivelmente infinito espectro não-binário.

²⁵ Como lembra Lanz, "no final dos anos quarenta do século passado, o cientista e pesquisador americano Alfred P. Kinsey, mostrou que as escolhas individuais por parceiros sexuais vai muito além do binômio hetero/homo. No famoso relatório que leva o seu nome, ele mostrou que a condição hetero e a condição homo são apenas as duas extremidades de uma distribuição contínua onde são possíveis muitos outros tipos de escolhas sexuais. Na escala criada por Kinsey existem oito pontos correspondentes aos oito tipos de orientação sexual que ele teria observado nas suas pesquisas de campo". Seriam: "1. *Heterossexual* – faz sexo exclusivamente com parceiros do sexo oposto.

que a primeira é geralmente mais legitimada e benquista (ver verbete *heteronormatividade*).

Há pessoas de quaisquer identidades de gênero com quaisquer orientações sexuais.

A orientação sexual é definida a partir da auto-declaração de identidade de gênero, ou seja, de como a própria pessoa se identifica. Assim, uma mulher transexual que tem atração por outra mulher (trans, cis) ou por uma travesti, costuma se considerar *lésbica* e assim deve ser compreendida/respeitada. Um homem trans que aprecie outros homens (trans ou cis) e mulheres é considerado bi, e aí por diante.

Exemplos de orientações sexuais para pessoas binárias:

Não-bináriessexual, heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, polisssexual, pansexual.

Exemplos de orientações sexuais para pessoas não-binárias:

Ginecossexual, androssexual, não-bináriessexual, bissexual, assexual, polisssexual, pansexual.

Em relação à orientação sexual por pessoas não-binárias específicas há uma imensidão de possibilidades. Dentre elas, *demigirlssexual, bigêneressexual, agêneressexual*, etc.

Como vimos, assim como há identidades de gênero não-binárias, é possível haverem orientações sexuais e/ou afetivas não-binárias, para além da “polaridade” hetero/homossexual/afetiva. Em relação às *conexões entre orientação afetiva e orientação sexual*, estas podem, por exemplo, ser bissexuais/biafetivas; pansexuais/panafetivas; assexuais/a-afetivas, ou ainda pansexuais/a-afetivas; biafetivas/heterossexuais; dentre todas as equações possíveis, como assexual/biafetiva/o, pansexual/a-afetiva/o, etc., já que nem sempre orientações sexuais e românticas são “equivalentes” ou “concordantes”. As equações entre identidade de gênero, expressão de gênero, orientação afetiva e orientação sexual são múltiplas. Por exemplo:

- . Mulher cis / crossdresser masculino / assexual / panromântica
- . Homem trans / drag queen / homossexual / arromântico
- . Trans* não binária que é metade gênero, metade mulher / expressão masculina / ginecossexual / androromântica
- . Travesti / expressão feminina / heterossexual / biafetiva
- . Trans* não-binária que é bigênera / drag king / polisssexual / ginecoafetiva
- . Mulher transexual / expressão andrógina / lésbica / poliafetiva

Como na canção do Tim Maia, em relação à identidade e expressão de gênero, orientação afetiva e sexual, tanto para pessoas trans* binárias e não-binárias como pessoas cis, “vale tudo”. Aliás, mais do que na música de Maia, porque naquela “só não vale dançar homem com homem e nem mulher com mulher”, e na vida, desde que as pessoas queiram, só não pode como *deve*.

É bom realçar ainda que sexualidade refere-se ao conjunto de práticas sexuais da pessoa, como atividade / passividade (em suas distintas concepções) bem como as práticas sexuais / eróticas

2. *Predominantemente Heterossexual* – faz sexo com parceiros do sexo oposto a maior parte do tempo mas, incidentalmente, pode fazer amor com parceiros do mesmo sexo. 3. *Basicamente Heterossexual* – faz sexo com parceiros do sexo oposto a maior parte do tempo e eventualmente com parceiros do mesmo sexo. 4. *Bissexual* – faz sexo indistintamente com parceiros do sexo oposto e do mesmo sexo. 5. *Predominantemente Homossexual* – faz sexo com parceiros do mesmo sexo a maior parte do tempo e eventualmente com parceiros do sexo oposto. 6. *Basicamente Homossexual* – faz sexo com parceiros do mesmo sexo a maior parte do tempo mas, incidentalmente, pode fazer amor com parceiros do sexo oposto. 7. *Homossexual* – faz sexo exclusivamente com parceiros do mesmo sexo. 8. *Assexual* – não se interessa por nenhum tipo de parceiro ou de atividade sexual.” LANZ, *Dicionário Transgênero*, 2014.

em si. Pode estar ou não em consonância com a afetividade. Não é a mesma coisa que orientação sexual, orientação afetiva, expressão de gênero ou identidade de gênero.²⁶

Para um aprofundamento um pouco maior sugiro que se acesse o *MD 2.0 – Minidiocionário 2.0 de gênero, sexo e afetos*, situado nos *Anexos* da tese –, ainda que o mesmo também tenha caráter permeável e provisório.

O que vimos acima são algumas poucas possibilidades identitárias humanas, mas há muito mais do que podemos *crer*. Apresentados tais conceitos, caminhemos para o próximo tópico, que explica a linguagem *ciborgue* utilizada na tese e que pretende agregar a neutralidade, de modo geral, e a não-binariedade, em casos específicos.

²⁶ *MD 2.0 – Minidicionário de gênero, sexo e afetos*, nos *Anexos* da tese. Fica o alerta de que tal dicionário não dá conta da infinidade de conceitos acerca das identidades trans*, é apenas um manual para @marinheir@ de primeira viagem.

*L*inguagem inclusiva / neutra / ciborgue

Sei que a língua corrente está cheia de armadilhas.
Pretende ser universal, mas leva as marcas dos machos que a elaboram.
Reflete seus valores, suas pretensões, seus preconceitos
Simone de Beauvoir

A “diferença” entre os “sexos” e os “gêneros” é *construída*, inclusive pelo uso do idioma português, e nossa linguagem, sexista/masculinista/androcêntrica, privilegia o uso de referentes no masculino mesmo para se referir a pessoas e a termos femininos.

A língua é (re)produto(ra) de valores: as palavras têm e instauram determinadas leituras de gênero, e utilizar o masculino como linguagem “universal” ou “genérica” (“falar” de mulheres e homens utilizando termos no masculino) (re)produz estereótipos e representações, (re)forçando a assimetria e a hierarquização entre homens e mulheres – supervalorizando os “primeiros” (e estimulando suas prerrogativas) e invisibilizando/estigmatizando/subordinando/rejeitando as “segundas”.

O que ocorre quando se usa termos e referentes masculinos como se fossem neutros (como em “os argentinos descobriram a cura para o câncer”, mesmo que hajam argentinas envolvidas na descoberta)? Se imaginarmos que a intenção é a de “englobar” as argentinas, o efeito potencial é o da invisibilidade. E se pensarmos que a intenção é a de não englobar, fica patente/potente a discriminação/exclusão.²⁷

²⁷ Uso nota de rodapé aqui – sabendo não ser *convencional* fazê-lo numa parte destinada a *convenções*. Os próprios “significados” de “mulher” e “homem”, vistos através de dicionários como o Aurélio em 2014, demonstram o sexismo/androcentrismo/masculinismo, a assimetria/hierarquização entre os “gêneros” e o entendimento do “homem” como ente universal e englobador da mulher. Vejam: “*Significado de Homem*. s.m. Indivíduo dotado de inteligência e linguagem articulada, bípede, bímano, classificado como mamífero da família dos primatas, com a característica da posição ereta e da considerável dimensão e peso do crânio. / Espécie humana, humanidade: a evolução social do homem. / A criatura humana sob o ponto de vista moral: todo homem é passível de aperfeiçoamento. / Pessoa do sexo masculino, macho”. E também: “*Significado de Mulher*. s.f. Ser humano do sexo feminino. / Aquela que atingiu a puberdade. / Esposa. / Amásia, concubina. / Mulher à-toa, mulher da vida, mulher pública, meretriz”. Nem preciso recomendar ao/à leitor/a atentar: o homem, “inteligente e articulado”, é “passível de aperfeiçoamento”; já a mulher é uma “à toa, da vida, pública, meretriz” – lembrando que à meretriz costumam ser reservadas socialmente estigmatização, discriminação e outras formas de violência. É relevante perceber que “mulher pública” é entendida como “mulher de todo mundo, promíscua ou prostituta”, mas “homem público” é relacionado àquele “de negócios”, similar ao “governante”. Já a “governanta” é relacionada àquele que instrui empregados/as de uma casa. São exemplos de sexismo na linguagem que (re)produzem valores, papéis, comportamentos e identidades assimétricas. Além disto, *uma* é vista através da relação com *o* outro (“esposa”, “amásia”, “concubina”), não havendo reciprocidade: o homem é definido a partir de si mesmo. Em relação ao

Para minimizar tal assimetria, utilizo aqui possíveis formas de neutralidade/inclusividade do linguajar²⁸ – sabendo que alguns destes recursos talvez sejam destinados à provisoriedade –, com o objetivo de diminuir o caráter discriminatório de gênero, demonstrar a diversidade e auxiliar na equidade em relação a este marcador identitário, lembrando que a linguagem pode mudar a mentalidade assim como a mentalidade pode mudar a linguagem.

Um método foi tentar utilizar um linguajar neutro, substituindo termos: ao invés de o/a fiel, *a pessoa* fiel. Ou, em lugar de os/as professores/as, *corpo docente*.²⁹

Outro artifício usual entre @s estudios@s de gênero está em se utilizar, no lugar dos artigos feminino e masculino, o *x* ou o @. E é aí que está o *x* da questão: tanto o @ quanto o *x* impossibilitam a reprodução do texto na fala. Um costume que eu tinha (às vezes mantenho) há alguns anos, como alguém que procura(va) intuitivamente utilizar uma linguagem não-binária em minhas conversas, era a de substituir o *a* e o *o* pelo *e* ou simplesmente deixar alguns termos “mudos”, como em “muito obrigado” ou “muito obrigad”. Conhecendo o coletivo *Batatinhas não-binárias*,³⁰ fui inicialmente convencido a substituir na escrita *a*, *o*, @ e *x* por *e* – eu mesmo, me percebendo *entre-gêneros* e *não-binárie*, me identifico nesta tese através deste *e*.³¹ Neste caso, além de inclusiva, trata-se de linguagem que visa ser neutra. Uma das vantagens em se usar o *e* ao invés do *x* e do @ está em poder enunciar oralmente as palavras e se fazer compreensível. Tal escrita, por procurar *neutralizar* ou *integrar* os gêneros, pode ser entendida como híbrida, andrógina, mista.³²

termo prostituta, vejamos o que diz o Aurélio: “*Significado de Prostituta*. adj. e s.f. Mulher que se prostitui, que tem relações sexuais por dinheiro; meretriz. / Gír. Piranha.” Já prostituto é definido com bem menos elementos – nem sequer se nomeia que quem se prostitui é o homem: “*Significado de Prostituto*. adj. Que se prostituiu” (FERREIRA, 2014). E só.

²⁸ Lembro que a língua é dinâmica e se caracteriza pelo trânsito e (re)adaptação, o que pode ser percebido pela constante (re)invenção, (re)significação, (re)apropriação de termos, como vemos no vocabulário “cibernético”, que incorpora/usa vocábulos como chat, web, tuitar, deletar, etc; ou na adaptação de termos outrora “reservados” à masculinidade: Dilma Rousseff, por exemplo, é a atual presidenta da República brasileira. O que de início foi apontado como (suposto) erro gramatical, hoje se incorporou ao nosso idioma. A língua *não é* em si naturalmente sexista ou androcêntrica, pois ela não é uma entidade autônoma: quem a dota de assimetrias é quem a (re)produz.

²⁹ Este tipo de recurso é chamado de *genérico real* por autoras como Franco e Cervera. Exemplos se desdobram: *juventude* ao invés de *os jovens*; *eleitorado* no lugar de *os eleitores*; *população indígena* em vez de *os indígenas*. O “genérico falso” seria relativo ao masculino no plural. Elas também exemplificam o uso de *abstratos*: no lugar de *orientador/es*, *orientação*, de *o(s) chefe(s)*, *a chefia*. Recomendam ainda a alteração na conjugação verbal. Ao invés de “há 2.000 anos o homem vivia da caça”, “há 2.000 anos se vivia da caça”. Sugerem igualmente a anteposição de determinantes, como em “eram inteligentes” no lugar de “eles eram inteligentes” (FRANCO, CERVERA, *Manual para o uso não sexista da linguagem*, 2006, pp. 32-34 e p. 44).

³⁰ Sobre esta possibilidade de linguagem neutra/inclusiva de gênero: JUNO, *Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero*, 2013.

³¹ Certamente, trata-se de um artifício provisório, para uso preferencialmente informal e secundário de linguagem neutra. Há casos em que a mesma não é aplicável convenientemente, como em palavras como “ele” e “dele” – referidas a pessoas não-binárias.

³² Certamente, o uso deste tipo de linguagem suscita críticas. Uma paródia/crítica a este tipo de linguagem está no evento (fake) organizado por Marcely Costa, a ser “realizado” em 30 de junho de 2014, o *Aulas de linguagem não-*

Entretanto, mesmo o uso do *e* pode ser um complicador do idioma. Um exemplo está em termos como *nova/novo*: declinando para *nove*, pode incitar a confusão com o numeral. E como manter a neutralidade no plural de *deus/deusa*? *Deuses* é em si associado ao masculino – ainda que possamos pensar o termo com seu potencial subversivo. Ao exemplo do uso do *e*, as linguagens inclusivas parecem ser ferramentas instáveis e que merecem aprimoramentos. Tal dificuldade se reproduz também na fala, como vemos nesta postagem de Cari Rez Lobo no FB:

Olá a todes! Esse post será sobre a linguagem “oral” neutra.

Então, eu tenho alguns problemas com linguagem oral neutra... um deles é que não há substituto prá “ela/ele”. Eu sei que o melhor a se fazer nessas situações é não usar nenhum dos dois e usar e abusar do nome da pessoa, assim:

- Ao invés de dizer “Ela limpou o tapete”, dizer “Ariel limpou o tapete”.

Só que é muito difícil sempre formular frases desse tipo, logo eu sinto falta de uma palavra neutra no lugar de “el@” que seja possível de pronunciar. Que tal se nós tentássemos chegar em um consenso a respeito dessa palavra? Eu tinah pensado nessas sugestões:

- El ou El’ (as duas formas são a mesma coisa)
- Eli
- Elea ou Elae (bem esquisito isso, mas é só uma sugestão)
- Outro problema é uma possível palavra prá substituir “minha”/ “meu”. Existe a opção de dizer “minhe”. O que acham sobre isto? E o último problema é com “seu/sua”. Talvez poderíamos usar “sue”. Que acham? Obrigad.³³

Certamente a linguagem inclusiva traz problemas também para a fala, especialmente porque as pessoas não estão acostumadas com ela – com elas, na verdade, já que são muitas possibilidades que estão sendo discutidas recentemente e não há consenso ainda. Numa postagem bem-humorada, veio uma sugestão:

binária no Projac em le núcleo de novele italiane. Em início de junho, perguntei à mesma, pelo FB, o que ela achava do uso deste tipo de linguagem, ao que ela respondeu: “Acho uma maquiagem. Acho que não ajuda em nada, não sei se rola de mudar a linguagem assim de forma consciente e tal. E depois o padrão da língua nem aceita. O que existe são formas de tentar incluir por meio de gerúndio, usando “pessoas” na sua comunicação... E acho que o que funciona mesmo é mudar a sociedade, isso impactará a língua e não vice-versa” (COSTA, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014).

³³ *Espectometria Não-Binária*, 2014.

Imagem: Mineirês n-b³⁴

Por conta da dificuldade em usar a neutralidade na escrita, em certo momento da tese (agosto de 2014), retrocedi na ideia inicial de usar o *e* para designar vocábulo feminino e masculino e, nestes casos, me utilizo do @, também por este ser um sinal associado ao ciberespaço e este, campo privilegiado de análise deste trabalho.³⁵ No caso de *a* leitora e *o* leitor, por exemplo, uso @ leitor@. Também substituo os artigos definidos (*a/o*, *as/os*) por @, @s.

Mas o @ também é limitador da escrita, então, no caso de artigos indefinidos (*uma/um*, *umas/uns*), os utilizo desta forma, no masculino e no feminino, agregando o não-binário: *uma/um/ume*; *umas/uns/umes*. Neste caso me pareceu que utilizar o @, assim como o *x*, tornaria a leitura ininteligível, e usar o *e*, de algum modo, se privilegiava a linguagem não-binária, desprivilegiava a binária. E não proponho na tese uma quebra radical da binariedade: quem quiser ser e se manter binári@, que o faça, assim como quem prefere ser não-binárie.

O termo *não-binárie* demonstra que emprego o *e* em alguns casos, como no tratamento a pessoas trans não-binárias. Por conta destes usos diversos de linguajares neutros ou inclusivos, o idioma desta tese pode ser entendido como *ciborgue*.

Em relação a pessoas trans* ou cis que se percebem binariamente no feminino ou masculino, elas são tratadas conforme se identificam/declaram. Por isto, mulheres (trans* ou cis) são tratadas no feminino e homens (trans* ou cis) no masculino. Utilizo-me do artigo como *a(s)* pessoa(s) se define(m): *a*, *o*, *as*, *os*, *um*, *uma*, *uns*, *umas*, especialmente porque pessoas binárias não gostariam de ser chamadas por pronomes neutros.

³⁴ *Espectometria Não-Binária*, 2014.

³⁵ Até então, a aplicação que fazia do *e* no lugar de *a* e *o* era a seguinte: em casos de palavras geralmente utilizadas no masculino (“o leitor”, por exemplo), ao invés de utilizar “o/a leitor/a”, agregava o *e* ao final da palavra: *leitore* – significando “leitor” e “leitora”, e mantinha o *o/a* (substituir *o/a* por *e*, neste caso, poderia causar confusão na leitura).

No caso de travestis, ainda que algumas destas pessoas se identifiquem como concomitantemente femininas e masculinas, uso à priori o referente no feminino, como a maioria *das* travestis prefere ser chamada. A exceção fica a pessoas travestis que prefiram ser chamadas no masculino ou no neutro. Caso uma mulher (cis ou trans) prefira ser chamada no masculino, assim o será: o que importa é a auto-declaração, como reforça a imagem seguinte.

The Genderbread Person, revised

Gender is one of those things everyone thinks they understand, but most people don't. Gender isn't binary. Gender's not even a spectrum or a continuum. Gender is a complex concept of n-dimensions that varies wildly from person to person. The only way to understand a person's gender is to ask them.

Brought to you by Edén

Imagem: “Ask me about my identity” (me pergunte sobre minha identidade)³⁶

É bom lembrar que a auto-marcação identitária de gênero pode ser *fluida*: a pessoa que concorda com a designação compulsória de sexo-gênero ao nascer pode se denominar através da marcação normativa e, deixando de se identificar com tal sexo-gênero, transitar para a marcação identitária “oposta” ou para a marcação não-binária. No caso das pessoas não-binárias, algumas preferem ser chamadas no modo neutro, outras no feminino, outras no masculino, outras que se varie a enunciação, e outras, de qualquer maneira (neutra, feminina ou masculina). Isto se dá pois dentro de uma espectrometria não-binária há múltiplas variações. Pessoas não-binárias não são necessariamente agêneras (nem mulher nem homem), podem ser por exemplo, metade femininas e metade agêneras, dentre várias alternativas.³⁷ Reforço que a linguagem não é uma entidade fixa ou imutável, mas uma ferramenta a serviço d@s falantes e que deve ser utilizada a partir do exercício do respeito à alteridade.

Também não me utilizo da linguagem neutra / inclusiva / ciborgue no caso de citações de outr@s autor@s e de entrevistas, mantendo as mesmas sempre no original. Uso somente nas minhas próprias observações e análises.

³⁶ Imagem postada no grupo *Transfeminismo*, no FB, 2012.

³⁷ Acerca de algumas das *muitas* possibilidades de *identidades* e/ou *expressões de gênero*, acesse o MD 2.0 (minidicionário da tese) nos *Anexos*.

*T*ermos da informática metaforizados

2.0

Referente à interatividade da *internet 2.0*, em que as pessoas são potencialmente produtoras/criadoras/autoras, além de “simples” leitoras. 2.0 é usado como metáfora para o mini-dicionário que apresento e que se encontra nos *Anexos*, no qual utilizo não apenas concepções próprias, mas (outras) vozes nativas (além de classificações de manuais diagnósticos e de acadêmic@s).³⁸

Desligar

Nos sistemas operacionais, serve para finalizar ou *fechar os trabalhos* (usando uma metáfora religiosa). Emprego *desligar* para encaminhar @ leitor@ ao “final” dos escritos.

Enter

O clique no *Enter* sinaliza ao computador que @ usuáři@ finalizou a escrita de uma cadeia de caracteres e executou um comando relativo ao que foi digitado anteriormente (isto se dá através de uma interface de linha de comando). Aqui representa a execução do que foi proposto na *introdução* (no item *iniciar*) e o aprofundamento das questões ali propostas.

Iniciar

No Windows é o menu ou portão de entrada para programas, pastas e configurações do computador. Na tese designa a operação de *abertura dos trabalhos* após o *ligar*, apresentando parte das concepções teóricas da tese.

³⁸ A *Web 2.0* é a segunda geração da internet. A primeira, *Web 1.0*, foi a implantação e popularização da rede. A *Web 2.0*, que vivemos hoje, *roda* em torno da interatividade de blogs, de sites colaborativos como Youtube e Wikipedia, de redes sociais com FB e Twitter e de buscadores como o Google. Já se projeta a substituição por uma *Web 3.0*, que promete organizar o conteúdo já disponível de modo mais inteligente através da convergência de sites e tecnologias e de conceitos como *semântica das redes* e *compreensão das máquinas*.

Ligar

Além da metáfora religiosa do *ligar e desligar na terra e nos céus*, refere-se ao botão do computador que abre os trabalhos, semelhantemente ao *iniciar* do Windows. Aqui, *Ligar* leva ao *Wallpaper*, *Mapa de viagem* e *Roteiro de viagem* – parte introdutória da tese.

Menu

Lista de opções de um programa, disponíveis num visor de computador ou outro aparelho eletrônico. Uso como sinônimo de *sumário*.

Trigger warnings (TW)

Trigger warnings são avisos colocados no início de uma postagem que tenha conteúdos possivelmente perturbadores ou potencialmente ofensivos a alguém e que possam estimular reações negativas ou adversas (como *flashbacks*, ansiedade, auto-mutilação, ataque de pânico, etc) associadas a lembranças de traumas ou a transtornos psicológicos diversos.³⁹ Os *TW* da tese sinalizam uma potencial desestabilização d@ leitor@.

Wallpaper

Também chamado de *fundo de tela*, *plano de fundo* ou *papel de parede*, é uma imagem de fundo de um desktop ou programa (área de trabalho, Word, Power Point, etc). A imagem pode ser, por exemplo, uma paisagem e costuma ser a primeira coisa que @ usuári@ vê no computador. Destaca a importância do roteiro de viagem.

Estas metáforas são relativas às partes do trabalho. Outras, não comentadas aqui, são apresentadas durante a tese.

³⁹ Cari Rez Lobo, no grupo *Espectrometria Não Binária* do FB, explica que *trigger* pode ser traduzido como *gatilho*, sendo “utilizado para designar um fato, evento, assunto, sensação, etc. que pode causar reações extremamente negativas, tais como pânico, auto-mutilação, *flashbacks* de traumas, ansiedade, entre outros. Literalmente, “aviso de trigger”, é simplesmente um aviso escrito de que o conteúdo que será exposto contém possíveis *triggers*. É uma cordialidade para evitar sofrimento desnecessário às pessoas que irão visualizar o que você posta. Vendo o trigger warning, elas podem decidir se querem continuar, ou não” *Espectrometria Não Binária*, 2014.

Siglas

- A** **BHR:** Associação Brasileira de História das Religiões
- ABNB:** Associação Brasileira de Trans* Não-Binárias
- ABRACEH:** Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade (posteriormente Associação de apoio ao ser humano e à família)
- ABRAT:** Associação Brasileira de Transgêneros
- ACSRM:** Associação dos Cientistas Sociais de Religião do Mercosul
- AD:** Assembleia de Deus
- AM:** Acampamona
- ANPUH:** Associação Nacional de História
- ANT:** Actor-Network Theory
- ANTRA:** Articulação Nacional das Transgêneras (posteriormente, Articulação Nacional de Travestis e Transexuais)
- ARN:** Alto Rio Negro
- ASITT:** Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais
- AVEC:** Associação Vitoria em Cristo
- BCC:** Brazilian Crossdresser Club
- BDN:** Bola de Neve Church
- BDNF:** Bola de Neve Church Floripa
- BDNSP:** Bola de Neve Church São Paulo
- BH:** Belo Horizonte
- BRC:** Banca de Rap Cristão
- CAPES:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CCNE:** Comunidade Cristã Nova Esperança
- CCNEI:** Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional
- CCB:** Congregação Cristã do Brasil
- CCR:** Comunidade Cidade de Refúgio
- CD:** Crossdresser(s)
- CDHM:** Comissão de Direitos Humanos e Minorias (do Congresso Nacional)
- CE:** Ceará
- CENA:** Comunidade Evangélica Nova Aurora
- CID:** Classificação Internacional de Doenças (da OMS)
- CPPC:** Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos
- CRD:** Centro de Referência e Defesa da Diversidade
- CRG:** Cirurgia de Reaparelhamento (ou Redesignação) Genital (ou Sexual)
- CRT:** Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS
- DSM:** Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). A última versão é o DSM-5

DST: Doenças Sexualmente Transmissíveis

DT: Dicionário Transgênero

EBD: Escola Bíblica Dominical

EMAMF: Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº

ENB: Espectometria Não Binária

FB: Facebook

FFLCH: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (da USP)

FOIRN: Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro

FPN: Igreja Fogo Para as Nações (Centro Apostólico Fogo Para as Nações)

FPTT: Fórum Paulista de Travestis e Transexuais

FSTT: Fórum Regional Sudeste de Travestis e Transexuais

FTM: Female to male

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

GTHRR/ANPUH: Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades da Associação Nacional de História

HA: História Agora

HIV: Human Immunodeficiency Virus (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

IBL: Igreja Batista da Lagoinha

ICAR: Igreja Católica Apostólica Romana

ICC: Igreja Cristã Contemporânea

ICEPT: Igreja Cristã Evangelho Para Todos

ICM: Igreja da Comunidade Metropolitana

ICMSP: Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo

IEADAM: Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Amazonas

IEADBAM: Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil na Amazônia

IEADRJ: Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Rio de Janeiro

IEADTAM: Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas

IIGD: Igreja Internacional da Graça de Deus

IMPD: Igreja Mundial do Poder de Deus

ISA: Instituto Sócio Ambiental

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus

JMJ: Jornadas Mundiais da Juventude

LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros

LGBT*: Lésbicas, gays, bissexuais, trans*

LGBTTIQ: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e questioning

MA: Maranhão

MCC: Metropolitan Community Churches

MD 2.0: Mini-dicionário de gênero, sexo e afetos

MTF: Male to female

NB (n-b): Não-binária / não-binária / não-binário / não-binariedade

NE: Nova Era

NEG: Nova Era de Gênero

NEHO: Núcleo de Estudos em História Oral
NENB: Nova Era de Transgeneridades Não-Binárias
NET: Nova Era de Transgeneridades
NIG: Novas identidades de gênero
NIR: Novas identidades religiosas
NMG: Novos movimentos de gênero
NMR: Novos movimentos religiosos
OMS: Organização Mundial da Saúde
PA: Pará
PL: Projeto de Lei
PPGH: Programa de Pós-Graduação em História
PSOL: Partido Socialismo e Liberdade
PUC: Pontifícia Universidade Católica
RBHR: Revista Brasileira de História das Religiões (da ANPUH)
RC: Roda de Conversa
REAPT: Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans*
REF: Revista de Estudos Feministas
SAL: Missão Salvação, Amor e Libertação
SEDUC: Secretaria de Educação
SEDUJH: Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos
SEED: Secretaria de Estado da Educação
SGC: São Gabriel da Cachoeira
SP: São Paulo (capital)
SRS: Site de Rede Social
STF: Supremo Tribunal Federal
T*: Trans*, transgêner@s, pessoas trans em geral (travestis, transexuais, trans* não-binárias, drag queens/kings, entre-gêner@s, etc)
T*LGB: Trans*, lésbicas, gays, bissexuais (dentre muitas outras composições de siglas)
TAR: Teoria Ator-Rede
TeoT*: Teologia Trans*
TG: Transgente
TH: Terapia Hormonal
TLGB: Travestis/transexuais/transgêner@s, lésbicas, gays e bissexuais
TTs: Travestis e transexuais
TW: Trigger warnings
UDESC: Universidade do Estado de Santa Catarina
UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina
UFV: Universidade Federal de Viçosa
USP: Universidade de São Paulo

*S*iglas relacionadas à história oral

H OT: História oral “tradicional”
HOFB: História oral através do FB
HOMSN: História oral através do MSN
HOS: História oral através do Skype
HOCEL: História oral através do telefone celular

*U*so de itálico e de aspas

Reservo as aspas para tons irônicos e para citações.⁴⁰ Utilizo o itálico para destacar termos, conceitos e expressões “nativas”.⁴¹

⁴⁰ Autor@s utilizad@s no texto, como Danièle Hervieu-Léger, utilizam aspas com outras finalidades. Mantenho as citações no original.

⁴¹ Coloco tal termo (ironicamente) entre aspas e questiono: no trabalho de campo, *quem é @* “nativ@” (ou a/o native)? Não seria @ pesquisador@, muitas vezes, *também pesquisad@* pel@s que se supõem “estarem do outro lado”?

Imagens

I <i>magens</i> : Coleção de sombrinhas / guarda-chuva da transgeneridade	25
<i>Imagem</i> : Muriel, de Laerte	25
<i>Imagem</i> : Mineirês n-b	25
<i>Imagem</i> : “Ask me about my identity” (me pergunte sobre minha identidade)	26
<i>Imagens</i> : Toda identidade... / O que é gênero	28
<i>Imagem</i> : O que é gênero?	28
<i>Imagem</i> : Ateísmo de gênero	25
<i>Imagem</i> : Tris	25
<i>Imagem</i> : Alcatraz de gênero	25
<i>Imagem</i> : Fundamentalismo religioso e de gênero	25
<i>Imagem</i> : Refutação de Lanz	25
<i>Imagem</i> : Comentário de Laerte	25
<i>Imagem</i> : Gênero para Butler / queerificando religião	25
<i>Imagem</i> : Teoria queer em quadrinhos	25
<i>Imagem</i> : Figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero	25
<i>Imagem</i> : Figuras da (re/des)elaboração identitária religiosa	25
<i>Imagem</i> : Mapa astral e identidade	25
<i>Imagem</i> : Ciborgue, para Malena/Arthur	25
<i>Imagem</i> : Ciborgue, para Malena/Arthur 2	25
<i>Imagens</i> : Perfil (provavelmente fake) de Close no FB, Close na Playboy (1984)	25
<i>Imagem</i> : Mosaico com artistas brasileir@s andrógin@s	25
<i>Imagem</i> : Mosaico com Morrison, Maiden, Coverdale, Purple e Lee Roth	25
<i>Imagem</i> : Mosaico com Stanley, Snyder, Crüe, “Tia” Alice, Queen e Bowie	25
<i>Imagem</i> : T-Rox no FB	25
<i>Imagem</i> : Mosaico com Cassata, Cantodea, Holtz, Caputo e Martinez	25
<i>Imagem</i> : Mosaico com Houston, Wonder, MC Xuxú e Peron	25
<i>Imagem</i> : Conchita Wurst	25
<i>Imagem</i> : Arthur/Malena fala sobre Conchita	25
<i>Imagem</i> : Romance entre cis e homem trans gays	25
<i>Imagem</i> : Rede ICM	25
<i>Imagem</i> : Anúncio de Marina Luísa Almeida sobre retificação de registro civil no FB	25
<i>Imagem</i> : Desenhos de Mari Almeida publicados na HA (2013)	25
<i>Imagem</i> : Rede Marina	25
<i>Imagem</i> : Rede Fórum	25
<i>Imagem</i> : Rede Simpósio Transgrupo	25
<i>Imagem</i> : Rede Evento Curitiba/CRD	25
<i>Imagem</i> : Rede CRT	25
<i>Imagem</i> : Roda viva c/ Laerte Coutinho/Sonia Cateruni, Maite Schneider, Heloisa B. de Almeida	222
<i>Imagem</i> : Satyricon, dos Satyros	25

<i>Imagem: Rede SGC</i>	25
<i>Imagem: Postagem sobre travestilidade indígena</i>	25
<i>Imagem: Rede SAL</i>	222
<i>Imagem: “Os mortos enterrem os mortos”</i>	222
<i>Imagem: Rede completa.</i>	222
<i>Imagem: Informações básicas sobre o FB</i>	173
<i>Imagem: Cadastre-se e entre</i>	175
<i>Imagem: Seguir</i>	179
<i>Imagem: Preserve sua identidade</i>	183
<i>Imagem: Padrões da comunidade do Facebook</i>	183
<i>Imagem: Identidade e privacidade</i>	184
<i>Imagem: Segurança</i>	184
<i>Imagem: Denunciando abuso</i>	185
<i>Imagem: O que é um perfil ou uma Página verificada</i>	185
<i>Imagem: Criar uma página</i>	186
<i>Imagem: Termos de páginas do Facebook</i>	187
<i>Imagem: Promoções</i>	188
<i>Imagem: Anuncie no Facebook</i>	189
<i>Imagem: Anúncios e conteúdo do Facebook 2</i>	189
<i>Imagem: Anúncios e conteúdo do Facebook 3</i>	190
<i>Imagem: Informações que recebemos e como são usadas</i>	191
<i>Imagem: Customizando gênero no FB</i>	192
<i>Imagem: Identificações de gênero no FB argentino</i>	193
<i>Imagem: Foxx processa FB</i>	193
<i>Imagem: Novo perfil de Tchaka</i>	194
<i>Imagem: Comentário de Tchaka sobre proibição</i>	195
<i>Imagem: Proibição do perfil de Ledah</i>	196
<i>Imagem: Comentário de Ledah sobre proibição</i>	196
<i>Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição</i>	197
<i>Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição 2</i>	197
<i>Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição 3</i>	197
<i>Imagem: Cura drag</i>	199
<i>Imagem: Explicação sobre a cura drag</i>	200
<i>Imagem: Nany People abandona o FB</i>	201
<i>Imagem: Lanz sobre proibição</i>	202
<i>Imagem: Lanz sobre proibição 2</i>	202
<i>Imagem: Vivi volta</i>	203
<i>Imagem: Morre o FB</i>	203
<i>Imagem: FB pede desculpas à comunidade LGBT</i>	205
<i>Imagem: Ariadna em cerimônia de candomblé.</i>	212
<i>Imagem: Opiniões sobre Ariadna no candomblé</i>	213
<i>Imagem: Opiniões de mulher transexual yalorixá.</i>	214
<i>Imagem: Post respondendo à yalorixá</i>	214
<i>Imagem: Posts da yalorixá e de ataque à mesma</i>	215
<i>Imagem: Prá vc, Deus tem gênero?</i>	243

<i>Imagem:</i> Prá vc, Deus tem gênero?	252
<i>Imagem:</i> Missão SAL no FB	257
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe	342
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 2	344
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 3	345
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 4	346
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 3	347
<i>Imagem:</i> Comentários sobre fotos de Tauana e Felipe	348
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 6	349
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Nayana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe	350
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 7	351
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 8	351
<i>Imagem:</i> Postagem de Tauana Felizarda	352
<i>Imagem:</i> Postagem de Tauana Felizarda 2	352
<i>Imagem:</i> Pedido de entre-vista a Tauana em julho de 2014	353
<i>Imagem:</i> Postagem na página REAPT sobre a conversão da ex-Gabriela/Felipe	354
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 10	355
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 11	356
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda sobre o novo vídeo com Felipe 1	357
<i>Imagem:</i> Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda sobre o novo vídeo com Felipe 2	357
<i>Imagem:</i> Comentários no REAPT sobre o segundo vídeo de Tauana/Felipe	363
<i>Imagem:</i> Perfil e timeline da página de Felipe	365
<i>Imagem:</i> Postagem de Felipe Valentino	365
<i>Imagem:</i> Capa da fanpage de Felipe Valentino	366
<i>Imagem:</i> Renasça, Gabriela	366
<i>Imagem:</i> Ex-travesti na IURD	367
<i>Imagem:</i> Comentários sobre ex-travesti na IURD	367
<i>Imagem:</i> Ex-travesti Cleiton Lima	367
<i>Imagem:</i> Ex-travesti Silas Furtado	367
<i>Imagem:</i> Comentários REAPT	369
<i>Imagem:</i> Deus transforma, Feliciano	369
<i>Imagem:</i> Comentários de Feliciano	370
<i>Imagem:</i> Comentários REAPT 2.	373
<i>Imagem:</i> Comentários REAPT 3	373
<i>Imagem:</i> Eis-me aqui, Acampamona	376
<i>Imagem:</i> Nossa saída	376
<i>Imagem:</i> Nossa chegada foi assim	376
<i>Imagem:</i> Por tudo que aconteceu neste acampa!	376
<i>Imagem:</i> Ninguém caminha só	376
<i>Imagem:</i> Onde abundou o pecado	376
<i>Imagem:</i> Discurso religioso/genericado atuando na elaboração identitária e corporal religiosa/ genericada	376
<i>Imagem:</i> ABNB no FB.	376
<i>Imagem:</i> Tabela de características d@ praticante religiosos@	376
<i>Imagem:</i> Gráficos de definição d@ praticante religiosos@	376

<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ praticante de gênero	376
<i>Imagem</i> : Gráficos de definição d@ praticante de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de comparação de características d@ praticante religiosos@ e de gênero	376
<i>Imagem</i> : Gráfico de comparação d@ praticante através de uma tensão inter-confessional de gênero e religião	376
<i>Imagem</i> : Gráfico de comparação da definição do praticante através de uma tensão extra-confessional de gênero e religião	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ convertid@ religiosos@	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ convertid@ de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela comparativa de características d@s convertid@ religiosos@ e de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de categorias d@ convertid@ religiosos@	376
<i>Imagem</i> : Tabela de categorias de convertid@ de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de comparativa de categorias de convertid@ religiosos@ e de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ militante religiosos@	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ militante religiosos@	376
<i>Imagem</i> : Comparação das características d@ militante religiosa e de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de tipos de conversão religiosa	376
<i>Imagem</i> : Tabela de tipos de conversão de gênero	376
<i>Imagem</i> : Comparação entre tipos de conversão religiosa e generificada	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ peregrin@ religiosos@	376
<i>Imagem</i> : Trans Vs. Trans não binárias	376
<i>Imagem</i> : Tabela de características d@ peregrin@ de gênero	376
<i>Imagem</i> : Tabela de comparação de características d@ peregrin@ religiosos@ e de gênero	376
<i>Imagem</i> : Regimes de validação do crer, de Hervieu-Léger	376
<i>Imagem</i> : Seja GENTE!	376
<i>Imagem</i> : “Não aceitamos adept@s”.	376

Anexo 1

<i>Imagem</i> ___: Atom Ant	376
<i>Imagem</i> ___: Tabela de entre-vistas	376

Menu

Ligar

Trigger warnings . 54

Wallpaper: conectando gênero e religião 55

Mapa de viagem 61

Roteiro de viagem 69

Iniciar

Entre ciborgues e como ciborgue 77

Diário de bordo de uma viagem em rede e na rede 101

2010 102

2011 111

2012 124

2013 132

2014 138

Tabela com entre-vistas 156

Enter

Rasurando e convertendo conceitos no caminho 165

1º Ato: Fluxo e instabilidade 166

2º Ato: ~~Rasura~~ 175

3º Ato: Conversão 178

1º Movimento: Convertendo gênero em religião 178

Os estudos *queer* 182

Queerificando religião 198

“Entre” – ou “não” 204

Agrado, DesAgrado, ReAgrado... no Caminho e em (des)caminhos 208

Entre-Lugares generificados e religiosos	224
2º Movimento: Convertendo religião em gênero	232
Igreja, seita e rede mística	238
NMR e NMG	248
Praticantes, peregrin@s e convertid@s	253
Convertid@s	259
Peregrin@s	272
Gênero é religião(?)	278

#Conectar

Paisagens em movimento 286

Cenário 1: Vida e morte ciborguina ou (re/des)conexões ciborgues no e do ciberespaço	287
--	-----

Começando a usar o Facebook	287
---------------------------------------	-----

(Re/des) configurando gênero no perfil	304
--	-----

Desagradando Agrados: proibições a perfis de pessoas trans* e (re)ações	306
---	-----

(Re/des)montando (n)o armário ciborgue do FB	317
--	-----

Tentativas de aniquilação de Ariadna do BBB no FB	323
---	-----

REAPT*	335
------------------	-----

Cenário 2: “Jesus dá a vida e liberta”: igrejas inclusivas	354
--	-----

“Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”	363
--	-----

Teologias gay, inclusiva, queer e trans*	368
--	-----

Uma pergunta (des)agradável: Deus tem gênero?	383
---	-----

Cenário 3: “Jesus mata o velho homem, salva e liberta”: ministérios de recuperação de travestis	389
---	-----

“A morte é uma coisa meio lenta”	401
--	-----

Teologia cishet-psi-spi	409
-----------------------------------	-----

Cenário extra: Controvérsias em (Trans) Religião/Gênero	428
---	-----

Atos de (re/des)conexão: (re/des)fazendo gênero e religião na (re/des)conversão de pessoas trans* 443

1º Ato: Agrado	444
--------------------------	-----

“Disseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar, mas eu não acreditei”	446
--	-----

1º Entreatos: <i>EntreAgrado</i>	456
--	-----

“A Dibelém morreu mas carrego ela no caixão”	457
2º Ato: <i>DesAgrado</i>	484
“Quero ser obreiro de Jesus mas só me operam se for risco de vida”	485
“Se meu lado travesti não morresse eu que morreria”	487
“A Gabriela morreu e o Felipe renasceu”.	493
2º Entreatos: “Acampamona é o caminho”	529
3º Ato: <i>ReAgrado</i>	553
“Não mataram nem converteram meu gênero”.	554
4º Ato: <i>DesreAgrado</i>	556
“Se eu morrer Jesus não me deixa entrar”.	557
“Querem que eu morra e só fique aquele menino”.	559
 “Finale”: (Re)aniquilando e (re/des)fazendo corpos e espíritos abjetos – entre o (des)regrado e o Sagrado.	573
Mantendo a (re/des)conexão gênero+religião	611

Desconectar/desligar

Conexões inconclusivas ou downloads não-realizados	620
“10 Mandamentos”– manifestos trans*	624
<i>Desligar para religar – ou do Apocalipse à Gênese</i>	627

Referências

Entre-vistas	628
Bibliográficas	634
Cibernéticas	651
Sites e blogs	513
Facebook	518
Informações institucionais	518
Perfis pessoais	518
Perfis públicos / fanpages	519
Grupos	520
Eventos	521
Mesa	526
Minicurso	526

Anexos

Instrumentos de viagem/procedimentos operacionais para uma etnografia ciborgue

Etnografia ciborgue	657
ANT (Teoria Ator-Rede)	663
Lembrar e narrar	667
História oral	672

MD 2.0 – Mini-dicionário de gênero, sexo e afetos

encaminhado por email

Ciborgues *no* e *do* ciberespaço – um pouco de teoria

encaminhado por email

Ciberespaço e internet	
Sociedade em rede e rede sócio-técnica.	
Modalidades de arquitetura / interatividade de informação	
Visibilidade trans* no ciber e ciberativismo trans*	
Revistas acadêmicas	
Revista de Estudos Feministas e História Agora	
Transhomens no ciberespaço.	

Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome

encaminhado por email

Ligar

***T** trigger warnings*

TW: [(Des)estabilização de conceitos e identidades] *Fica a dica @os navegantes...* é possível que algo te (des/re)estabilize, te (des/re)direcione, te (des/re)oriente, te (des/re)condicione, te (des/re)classifique – e uma das intenções é esta *-)

Wallpaper: conectando gênero e religião

“**D**isseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar.” Esta enunciação, escutada por Josi em uma das Assembleias de Deus da qual ela fez parte, foi feita quando a mesma se assumiu/anunciou *travesti*, o que a identificou na igreja como *abjeta*, usando um termo caro à Butler,⁴² ou *abominação*, em termo nativo da própria assembleia. *Demonizada*, Josi transitou entre ADs – com breve passagem pelo candomblé – até aportar na ICMSP (Igreja das Comunidades Metropolitanas, de São Paulo), uma igreja inclusiva LGBT*.⁴³

A enunciação acima, complementada por um importante “mas eu não acreditei”, me foi relatada por Josiane Ferreira de Souza, hoje autodeclarada *mulher trans* – à época *travesti* – e cantora da ICMSP, numa entre-vista⁴⁴ de 2010 que foi o marcador inicial da tese.⁴⁵

Tal relato me induziu a algumas perguntas: qual a relação entre intolerância e mobilidade religiosa na vida de pessoas trans*? Como o discurso religioso provoca tais movimentos? Este discurso é sumamente religioso ou imbricado a um discurso de gênero, fazendo com que ambos *comunguem*? Há relação entre transgeneridades e trans-religiosidades?⁴⁶

Mas outras histórias contadas (re)direcionaram minhas indagações. Comecei a perguntar: esta retroalimentação entre discurso de gênero e religioso atua na (re/des)elaboração de identidades *de gênero* de pessoas *trans** e *ex-trans**?⁴⁷

⁴² Comento mais sobre o conceito de *corpo abjeto* no decorrer desta parte *ligar/iniciar*.

⁴³ As auto-intituladas *igrejas inclusivas LGBT** são aquelas que procuram acolher o público enfeixado na sigla LGBT*: lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras.

⁴⁴ O termo entrevista cortado ao meio por um hífen, *entre-vista*, sinaliza para um trabalho o mais horizontalizado e dialogado possível, em que pesquisador@ e pesquisad@ produzam conhecimento junt@s, atuando amb@s como co-labor-ador@s.

⁴⁵ Esta entre-vista – de *história oral de vida* – foi uma das selecionadas para constar integralmente na tese. Desta entre-vista destaco outra frase: “Jesus me ama no dark room e quando faço programa”, que apresenta sua concepção teológica e relaciona-se à teologia da ICMSP, como veremos adiante.

⁴⁶ *Transgeneridades* e *trans-religiosidades* referem-se aqui, respectivamente, a fluxos (ou trânsitos) de gênero e fluxos (ou trânsitos) religiosos.

⁴⁷ *Trans** é um termo guarda-chuva, compreendendo diversas identidades e expressões de gênero como travestis, homens trans, mulheres transexuais, trans* não-binárias, crossdressers, drag queens/kings, dentre outras auto-classificações. O termo *ex-trans** visa agregar ex-travestis e ex-transexuais. *Cis*, ou *cisgêner@*, ao contrário de trans*, visa referir pessoas que se sentem confortáveis com o sistema sexo-gênero designado no nascimento ou anteriormente a este.

Além disto, podemos compreender religião como *metáfora* para gênero? Se afirmativo, termos como *peregrinação* e *conversão* servem para pensar as construções identitárias de gênero de pessoas trans* e ex-trans*? Gênero pode ser considerado uma *religião*? Existe um *gênero da religião*?

Estas questões nos *linkam* ao tema da tese: as *(re/des)conexões entre religião e gênero* vistas a partir das experiências religiosas e generificadas de pessoas *entre-gêneros*, termo guarda-chuva que acolhe pessoas trans* e ex-trans*. A ideia geral a ser defendida aqui é a de que a conexão entre *discursos religioso e de gênero atua na (re/des)constituição identitária religiosa e de gênero – enfatizo aqui a de gênero – de tais pessoas*. @ leitor@ pode perguntar: “como as perguntas iniciais foram se desdobrando em outras pelo caminho”?

Parti na jornada de elaboração da pesquisa com uma mochila razoavelmente vazia, pronta a ser preenchida com observações, narrativas e memórias de campo, e a hipótese (aparentemente óbvia) a nortear o itinerário: “as pessoas trans* têm suas experiências de mobilidade religiosa estimuladas por episódios de intolerância sofrida em ambiente(s) religioso(s).” Mas a hipótese foi sendo reelaborada na viagem. Através de diversas entre-vistas entre 2010 e 2012 me certifiquei de que aquela não era uma condição *sine qua non*. Nem todas as pessoas trans* conectavam intolerância e trânsito religioso.⁴⁸ Algumas diziam que haviam feito fluxos rumo a outras igrejas, religiões, ao ateísmo ou ao agnosticismo mas não haviam sido intoleradas em seus ambientes religiosos de origem.

A partir de outras *histórias orais*⁴⁹ *de vida*⁵⁰ fui percebendo que a conexão discursiva de gênero e religião não fomentava apenas possíveis *trânsitos religiosos*. Em 2011 uma pessoa que se

⁴⁸ Situações de intolerância e trânsitos divers@s também ocorrem com pessoas cis. Algumas autoras sinalizam para as relações entre trânsito religioso e sexualidade/gênero, dentre estas, SOUZA (*Gênero e trânsito religioso entre mulheres e homens evangélicos do ABC Paulista*, 2011) e LEMOS (*Mobilidade religiosa e suas interfaces com a intimidade e a vida cotidiana*, 2012). A pesquisa de Souza, embasada em pesquisa de pós-doutorado, sinalizou que algumas das entrevistadas justificavam o trânsito por não concordarem com as normativas religiosas sobre sexualidade, migrando por agências religiosas distintas (2011, p. 189).

⁴⁹ *História oral* é o conjunto de procedimentos que se inicia com o artesanato de um projeto e que continua com a(s) entrevista(s) com determinado(s) indivíduo(s). Suas etapas são: a) elaboração do projeto; b) gravação de entrevista(s); c) confecção de documento escrito; d) devolução; e e) análise dos resultados. É bom ressaltar que “entrevistas não se equivalem a história oral” e “em termos operacionais da história oral, entrevista é uma etapa do processo” (MEIHY, 2009, p. 139).

⁵⁰ Segundo o NEHO/USP, há 4 gêneros narrativos em história oral: *história oral de vida*, *história oral testemunhal* (drama ou trauma coletivo) *história oral temática* e *tradição oral*. Na história oral de vida @ co-labor-ador@ narra sua trajetória pessoal ou aspectos da mesma. Mais informações na entrevista: MEIHY, *História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos*, 2010. Dentre a produção do NEHO/USP sobre história oral e religiões: SANTOS, A família Jesus e a Mãe Aparecida: História Oral de devotos negros da Padroeira do Brasil (1951-2005), 2005; SOUZA, Raízes do pentecostalismo no Brasil: a canção da mudança, 2008, ambos orientados por Meihy, além de edição específica da Oralidades – revista de História Oral da USP: MARANHÃO F^o(org.). *Dossiê religiões e religiosidades*, 2010. Muit@s autor@s têm feito tal articulação, como WIRTH, A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica, 2003; MAGALHÃES, Articulando a psicologia analítica de CG Jung e Histórias Oraís de Vida de praticantes de Budismo, 2010.

identificou ex-travesti confidenciou: “quero ser obreiro da Assembleia mas não posso porque tenho seios. Preciso tirar isto daqui”.⁵¹ Até 2014 escutei outras narrativas de pessoas que se declaravam ex-travestis, mas meu foco ainda estava no esclarecimento das possíveis relações entre intolerância religiosa/de gênero e fluxo *religioso* em si.

Contudo, seguindo os fluxos de outras vozes compartilhadas – no segundo semestre de 2014 – fui (des/re)montando a tese a partir da percepção de que o discurso religioso+generificado podia provocar não só deslocamentos religiosos mas *de gênero*. Neste semestre uma pessoa contou: “eu sei que Jesus não vai me aceitar no céu deste jeito, não sou homem nem travesti, não sou nada. Ou sou um monstro?”⁵²

Narrativas como esta demonstraram que dados discursos religiosos/de gênero poderiam provocar uma *engenharia de gênero reversa*⁵³ incluindo uma (re/des)costura corporal, ou ainda um não-reconhecimento de gênero.

Já a narrativa de Alexya Salvador, pastora da ICM Mairiporã e auto-declarada mulher trans, “querida, olha a *obra* que Deus fez na minha vida, ele me libertou”,⁵⁴ se referindo ao seu corpo de mulher, demonstra outra conexão do discurso generificado/religioso envolvendo a (des/re)construção corporal e de gênero. Nesta perspectiva, o corpo trans* – *transgressor* – auxiliaria no *transbordamento* espiritual e na *transcendência* religiosa?

No caso da narrativa da pessoa que não *se lê* “nem como homem, nem travesti, nem nada”, ou de Alexya que vê *Jesus na obra* de seu corpo, haveriam concepções nativas relacionadas a uma simetria entre corpo e alma? A identidade de gênero trans* afetaria a identidade espiritual/religiosa? Nas concepções das igrejas, o trânsito de gênero abalaria tais pessoas ou as próprias igrejas?⁵⁵

Corpos trans* vistos como abjetos/abominações, refletiriam *espíritos abjetos ou abomináveis*? O corpo seria não apenas generificado mas também religioso? A salvação de corpo e alma estaria na *desconversão* do gênero? O devir trans* afetaria o celeste porvir?

Resumindo, discursos religiosos/generificados diversos operariam de diferentes formas no (re)desenho identitário de *gênero* de pessoas trans* e ex-trans*?

Tal pergunta, antes de ser respondida no decorrer da tese, deve ser acompanhada de dois esclarecimentos. O primeiro, de que as questões acerca dos *fluxos* e das *identidades* não devem

⁵¹ Fragmento desta entre-vista é apresentado posteriormente.

⁵² Fragmento desta entre-vista é apresentado posteriormente.

⁵³ Entendo como *engenharia reversa* a destransição de pessoas trans*. Aprofundo a questão mais adiante.

⁵⁴ SALVADOR, *participação na mesa Trans(Religião/Gênero) da 31ª Bienal de São Paulo*, 2014.

⁵⁵ Como @leitor@ já percebeu a perspectiva da tese incide predominantemente nas igrejas cristãs.

ser vistas de modo dicotômico – *tudo é fluido* ou *tudo é fixo*. Alexya narrou “não gosto de rótulos e nem de caixinhas de gênero, somos todas e todos gente”.⁵⁶ Perguntada sobre se tal fluidez identitária de gênero se aplicava à sua religiosidade, ela explicou: “neste ponto sou bem fixa mesmo, sou cristã e pronto”.⁵⁷ Tal fala ajuda a nuançar a questão, para que não se entenda que as pessoas são *sempre fluidas* ou *sempre fixas* em todos os marcadores de identidade.⁵⁸ O segundo, de que o discurso religioso/generificado *não incide necessariamente sobre um único fluxo* (religioso ou de gênero) ou uma única *elaboração identitária* (religiosa ou de gênero).

Tal discurso pode fomentar o trânsito *predominantemente* religioso e a elaboração *predominantemente* religiosa, como percebi na primeira etapa de pesquisa da tese; pode estimular o trânsito *predominantemente* generificado e a elaboração *predominantemente* de gênero, como veremos com mais veemência no texto da mesma,⁵⁹ e pode estimular *ambos* os fluxos, reverberando na elaboração de uma *identidade generificada/religiosa*, sem aparente predominância de uma ou outra.

Um exemplo do discurso generificado/religioso que ecoa no *fluxo religioso* e na construção de *identidade religiosa* está em Alexya, ex-seminarista (na época autoidentificado no masculino) que insatisfeita com a ICAR, transitou *religiosamente* para a ICM. A própria história de Alexya apresenta um caso de discurso que influencia no *fluxo de gênero* e na construção de *identidade generificada*, quando a mesma relata “esta é a igreja que me acolheu, que me empoderou para eu ser quem eu sou”,⁶⁰ referindo-se à assunção de sua identidade feminina. Como vemos nestes dois exemplos, a pessoa pode ter acessado diferentes discursos religiosos/generificados, em épocas distintas e com efeitos diversos, ecoando mais especificamente sobre um ou outro marcador identitário.

A atuação do *discurso generificado/religioso* no *fluxo generificado/religioso* e na *construção de identidade generificada/religiosa* pode ser percebida em uma postagem do Facebook (FB), site de redes sociais (SRS). Esta explicava: “a Gabriela morreu e o Felipe renasceu”, referindo-se à passagem/conversão de uma travesti que *se encontrava nas trevas em homem de Deus*.

A postagem acerca de Felipe – *homem, de Deus* – pode levar à questões: o discurso bíblico “Deus fez o homem e a mulher”, em si religioso/generificado, tem na *Santíssima Binariedade* a

⁵⁶ Quando Alexya fala em rótulos e caixinhas de gênero, está se referindo à marcação fixa de identidades de gênero.

⁵⁷ SALVADOR, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁵⁸ E mesmo dentro de um marcador específico a pessoa pode demonstrar concepções mais ou menos fluidas/fixas a respeito do mesmo.

⁵⁹ Durante a tese *ênfasis* a (re/des)elaboração identitária de gênero ciente de que nem discurso e nem trânsito generificados/religiosos devem ser vistos de modo separado, haja visto a relação umbilical entre gênero e religião.

⁶⁰ SALVADOR, *participação na mesa Trans(Religião/Gênero) da 31ª Bienal de São Paulo*, 2014.

base para a (re/des)elaboração de gênero/religiosa? Seria a Bíblia um livro religioso/generificado? No caso de Felipe, além do fluxo religioso/generificado e da identidade generificada/religiosa, há a edificação de um *corpo generificado/religioso*? O que faz da pessoa mulher ou homem, ou ainda, mulher ou homem *de Deus*? Seriam os genitais crachás de acesso ao Paraíso? Quais as relações entre *matar e ressuscitar* gênero? O que leva uma pessoa trans* ou ex-trans* a transicionar e a *destrancionar* seu gênero?

Esta postagem *abriu* outras *janelas*: o FB agencia – ou pessoas usando o FB agenciam – diferentes (re/des)elaborações de gênero e/ou religião? Questões como estas foram sendo (re)formuladas durante meu *campo ciborgue* que combinou etnografia on+off-line – se é que podemos usar esta distinção, visto que as fronteiras entre on e off são cada vez mais imprecisas – e fazendo com que se destacassem três paisagens durante o trajeto, as *igrejas inclusivas*⁶¹, os *ministérios de conversão de travestis* e o *FB*.

Tais cenários foram pródigos (não no sentido do *filho pródigo*) em demonstrar (re/des)conexões identitárias de gente trans* e se relacionaram a outros em que circulei, como o centro de São Paulo, as Rodas de Conversa do CRT, eventos de ativismo trans*, conversas com psicólog@s e psiquiatras, terreiros de religião afro-brasileira e igrejas neopentecostais.⁶²

Antes de seguirmos caminho(s), é importante abriremos um mapa explicativo que realce detalhes como *por que* escolhi fazer a jornada da tese, *como* foi realizado o trajeto, *em que época e local* (*quando e aonde*), *quem são as personagens principais* (*sobre quem*), *quais os objetivos* (*para que*), *para quem* a tese se destina e *por quem* foi feita.⁶³

⁶¹ Também chamadas de *igrejas inclusivas LGBT*, nome que algumas rejeitam por advogarem que a inclusão – como deveria ser de se esperar em uma igreja cristã – é para tod@s.

⁶² Explico melhor sobre tais ambientes no *Diário de bordo em rede e na rede*, espécie de *histórico da tese*.

⁶³ Algumas destas perguntas (como, de quem, para quem, por que) costumam ser utilizadas pelo NEHO/USP para justificar o trabalho de história oral. Aqui estas questões, acrescidas de outras, foram apropriadas para pensarmos a tese e justificar sua realização.

Mapa de viagem

She says, hey babe / Take a walk on the wild side
(Ela diz, hey 'babe' / Dê uma volta no lado selvagem)⁶⁴
Lou Reed⁶⁵

Este mapa procura justificar a realização da tese através da resposta às perguntas do final do *Wallpaper*. Como citado, as personagens da tese são as pessoas entre-gêneros (trans* e ex-trans*), a tese foi realizada em igrejas inclusivas LGBT*, ministérios de conversão de travestis, ambos no estado de São Paulo, e entre 2010 e 2014, com ênfase no segundo semestre do último ano. Por esta razão, ela pode ser entendida como um texto de história do tempo presente ou imediato, ainda que tais termos mereçam ser relativizados.⁶⁶ E como foi realizada a jornada?

A hipótese inicial, a partir da entrevista com Josiane Ferreira de Souza, era a de que as situações de intolerância vivenciadas por pessoas trans* em ambientes religiosos as motivariam a fazer trânsitos religiosos diversos. Mas outras histórias contadas por pessoas que passaram por igrejas inclusivas ou por ministérios de conversão de travestis (re)direcionaram minhas indagações. Percebi que se para igrejas inclusivas a pessoa trans* não só é bem aceita, como pode ser empoderada ou estimulada a transicionar gênero/corpo, em ministérios de conversão de travestis é bem vinda desde que demonstre conversão religiosa e de gênero, esta ultima implicando na

⁶⁴ Uma pergunta @o leitor@: você já parou prá pensar no “lado selvagem” do seu gênero, aquele mais inexplorado, que talvez não tenha aflorado intensamente e que se encontra “em oposição” ao que foi “disciplinado” pela sociedade a partir do momento em que nasceu? Pode ser que não exista nada de “selvagem” em seu gênero. Ainda assim, podemos pensar no quanto somos (in)definid@s socialmente como pessoas generificadas e o quanto nos (des)encaixotamos nas atribuições que (não) nos constituem como “mulheres” ou “homens”.

O mesmo vale prá pensarmos religião. A pedagogia social de religião te manteve estável em suas performances espirituais? Você foi bem disciplinad@ ou performatiza sua (não) religiosidade de um modo mais self? Já pensou em marcadores como religiosidade e gênero⁶⁴ como (per)cursos – mais que isto, como jornadas⁶⁴ exemplarmente subjetivas? Você já se percebeu como peregrin@ religiosa ou de gênero? Fica a provoca-ção para a reflexão durante o percurso da tese.

⁶⁵ Em *Walk on the wild side* Lou Reed canta “Holly veio de Miami, Flórida / Atravessou os EUA pegando carona / Depilou as sobrancelhas no caminho / Raspou as pernas e então *ele* era *ela* / Ela diz, ‘Hey babe, dê uma volta no lado selvagem’”. “He was a she” também poderia ser traduzido como “ele virou ela” ou “ele se tornou ela”. Não advogo aqui que um homem “vire” mulher nem “se torne” mulher, mas entendo como possíveis traduções de uma licença poética que demonstra um trânsito de gênero. O primeiro refrão da canção no original:

“Holly came from Miami, FLA / Hitch-hiked her way across the USA / Plucked her eyebrows on the way / Shaved her legs and then *he* was a *she* / She says, Hey babe / Take a walk on the wild side”.

⁶⁶ A pesquisa pode ser pensada a partir de tais conceitos, mas também a partir da desconstrução das delimitações temporais, como proposto por Homi K. Bhabha. Este aponta para a História num contínuo, sem as classificações de Pré-História, História Antiga, e daí em diante (BHABHA, *O local da cultura*, 1998).

destransição do corpo. Isto me conduziu à minha hipótese atual: a de que determinados discursos religiosos imbricados ao discurso de gênero) atuam na elaboração identitária de gênero de pessoas trans* e ex-trans, trazendo reflexos na aceitação ou não de seus corpos. A pergunta que conduziu esta hipótese foi, em especial: Como o discurso religioso/de gênero auxilia na construção identitária de gênero das pessoas trans* e ex-trans*.

Os três cenários principais da tese indicam a metodologia utilizada, uma *etnografia ciborgue*, conjunto de procedimentos que compreendeu observação participante e história oral em ambientes “online” e “off-line”.⁶⁷ Destacou-se no empreendimento metodológico o diálogo com os pressupostos de história oral⁶⁸ do Núcleo de Estudos de História Oral da USP (NEHO/USP),⁶⁹ especialmente da *história oral temática* e da *história oral de vida*. Em relação à primeira, escolhi determinados temas de interesse e fiz perguntas específicas para detectar determinadas reações e respostas, como as relacionadas a intolerância, fluxo e (re/des)elaboração identitária. Acerca da história oral de vida, compreendendo entre-vistas mais longas, procurei oferecer estímulos @os colaborador@s como “conte sobre sua vida” ou “fale o que quiser sobre suas experiências de gênero e religiosas”. Em alguns casos as entre-vistas de história oral de vida foram colocadas integralmente na tese, mas na maioria das vezes utilizei fragmentos selecionados das mesmas, de acordo com determinados assuntos.

Na constituição da tese tive como inspiração o livro *Brasil fora de si*, de Meihy, que utiliza-se concomitantemente de relatos inteiros não muito longos, advindos de trabalho de história oral de vida e de fragmentos de histórias temáticas, referentes a assuntos diversos (por vezes um ou dois parágrafos).⁷⁰ Se no livro citado Meihy utilizou-se de uma *história oral plena*,⁷¹ graças à vasta pesquisa com cerca de 700 entrevistas com emigrantes brasileiros que foram para Nova

⁶⁷ Aspeio ironicamente tais termos visto a imprecisão cada vez mais latente das fronteiras entre “on” e “off-line”. Para uma discussão acerca da provisoriedade dos “limites” entre “on” e “off” relacionados às religiões, veja MARANHÃO F^o, *Religiosidades no e do ciberespaço*, 2013k.

⁶⁸ Dentre estes pressupostos e procedimentos, destacam-se: co-labor-ação e mediação; comunidade de destino, ponto zero, colônias e redes; pré-entrevista e entrevista; transcrição, textualização e transcrição; conferência, validação, tom vital e devolução. Esplico com detalhes cada procedimento no primeiro dos anexos, *Instrumentos de viagem/procedimentos operacionais para uma etnografia ciborgue*. O livro *Manual de História Oral* (2005), de Meihy, é um guia eficaz para se compreender com profundidade as modalidades de história oral (MEIHY, 2004). Além deste, outras obras do autor são referências (idem, 2004, 2007, 2009, 2011).

⁶⁹ O NEHO, Núcleo de Estudos em História Oral, é dirigido pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, e associado ao Diversitas, Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, coordenado pela professora Zilda Gricoli Iokoi. Ambos são vinculados à Universidade de São Paulo (USP).

⁷⁰ Idem, *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*, 2004.

⁷¹ Em história oral, “as entrevistas podem ser o *fim* ou o *meio*: como fim, a proposta de história oral se esgota na constituição de arquivo ou coleção de entrevistas; como *meio*, a proposta de história oral prevê análises dos resultados. Há, assim, 3 tipos de situações em relação ao uso de entrevistas em história oral: (1) *história oral instrumental*: as entrevistas são o fim do projeto, ou seja, não há análise; (2) *história oral plena*: as entrevistas são o meio e são analisadas dialogando entre si, sem a inclusão de outras fontes documentais; (3) *história oral híbrida*: as entrevistas são o meio e são analisadas com outras fontes documentais (FERNANDEZ, MARANHÃO F^o, TONINI, 2014).

York,⁷² em minha pesquisa realizei uma *história oral ciborgue*, visto que muitas das entre-vistas foram realizadas no ciberespaço. Este trabalho também pode ser pensado como híbrido, remetendo a uma espécie de história oral mista ou híbrida⁷³ por ter analisado não só entre-vistas como outras fontes. Em ambos os casos, do livro de Meihy e desta tese, a história oral é vista e utilizada como um *meio*, e não como um fim,⁷⁴ é a metodologia empregada para se obter informações ora imaginadas/previstas, ora surpreendentes e desestabilizadoras.⁷⁵

As entre-vistas de história oral foram realizadas a partir de dois suportes, em *áudio* (com gravador ou recurso de gravação de celular), e em *audiovisual* através de FB, MSN ou Skype. Particularmente, o resultado das entrevistas por ciberespaço me agradou e entendo que, em muitos casos, as pessoas também apreciaram a interação com a possibilidade de entre-vista “online”. A ampla maioria das pessoas foi entre-vistada a partir da interpolação destes recursos, em momentos distintos, tanto “presencialmente” como “online”.

Além destas entre-vistas orais, considereei como parte do conjunto de entre-vistas as conversas escritas realizadas através de chats do FB, bem como os diálogos trocados por mensagens de e-mails.⁷⁶ Enfim, as maneiras como as entre-vistas foram realizadas ultrapassaram a história oral tradicional⁷⁷ para outros métodos. Foi um trabalho *ciborguiano*. De modo geral, todas as informações obtidas em diálogos tinham fins de pesquisa. Todos os dados em que há citações diretas ou indiretas foram anunciados às pessoas envolvidas para negociação das possíveis alterações e autorizações de publicação.

⁷² O autor explica: “Com o devido respeito à história de cada um/uma, mais do que redesenhar um fenômeno individual, foi a questão histórica e social que busquei tocar. Constituir um registro do processo migratório nacional brasileiro através das histórias pessoais exigiu a responsabilidade de mostrar os efeitos da relação entre o público e o privado, do Estado e dos cidadãos. (...) O alvo do trabalho é o registro de experiências de pessoas comuns, de personagens anônimos, de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos, velhos que, individual ou familiarmente, se investiram da coragem de migrar para um espaço de supostas realizações pessoais” (MEIHY, 2004, p. 21). De forma semelhante, a partir da história contada, esta tese também procurou tocar questões sócio-históricas.

⁷³ Um exemplo de *história oral híbrida* está em *As Moedas Errantes: Narrativas de um Clã Germano Judaico Centenário* (NOVINSKY, 2002). Neste foram entrevistadas 4 famílias nucleares do clã, que constituíram as “fontes prioritárias” da pesquisa. Contudo, a convivência com os colaboradores foi intensa, o que levou a ter muitos tipos de fontes, além das narrativas. São “fontes complementares”, importantes para o trabalho: registros de psicoterapias e de sonhos, registros de conversas telefônicas, cartas e documentos familiares, anotações pessoais, fotografias e as moedas de ouro, que eram quase um segredo de família e que foram dispersas, perdidas e recuperadas, tal como a união do clã” (FERNANDEZ, MARANHÃO Fº, TONINI, 2014).

⁷⁴ Um exemplo de *história oral instrumental*, ou de *história oral como fim*, está no *Banco de memória e histórias de vida da EPM/UNIFESP*, um desdobramento do Projeto 75 x 75: *Histórias de vida para contar os 75 anos da EPM/UNIFESP*. Neste, procurou-se registrar, conservar e disponibilizar um grande número de histórias/memórias de vida de pessoas que participaram da história/memória da EPM/UNIFESP. Eram alun@s, professor@s, funcionári@s, vizinh@s, dentre outr@s. Tal banco de memórias/histórias de vida são um rico acervo para a história/memória dos serviços de saúde de São Paulo (GALLIAN, 2008).

⁷⁵ Comento acerca dos procedimentos de realização de uma história oral propostos pelo NEHO/USP no anexo referido.

⁷⁶ Todas as falas transcritas na tese foram devidamente autorizadas.

⁷⁷ Chamo aqui de *história oral tradicional* aquela feita no “mundo off-line”, com gravador. Na tese a mesma é referida através da sigla HOT.

Muitas das entre-vistas partiram do “oral” para as conversas no (do) FB ou outros espaços do ciber. E o inverso ocorreu diversas vezes: pessoas que conheci no ciber possibilitaram que eu conhecesse outras (e a elas mesma) tanto no “online” como no “off-line”. @s entrevistad@s muitas vezes optaram em ficar em anonimato.⁷⁸ Nos casos de quem preferiu ser citad@, foi utilizado seu nome real – aquele de auto-declaração, e não o de batismo.

O resultado final das co-labor-ações foi encaminhado às/aos participantes da pesquisa que tiveram seus nomes citados, que esboçaram reações diferentes. Umas/uns sentiram-se imediatamente contemplad@s, outr@s solicitaram modificações e/ou sugeriram novos olhares investigativos. E houve quem não quis ver os resultados das entrevistas.

As análises das entre-vistas⁷⁹ foram cruzadas a partir de temas que foram *se iluminando por si mesmos*: a partir da leitura do material colhido, fui percebendo alguns assuntos que pareceram mais relevantes ou inusitados – como as relações estabelecidas entre pessoas trans* e ex-trans* com igrejas inclusivas LGBT* ou ministérios de conversão de travestis.

Houve certa *instabilidade* em relação aos métodos. Algumas das pessoas entrevistadas o foram apenas uma vez. Outras foram entrevistadas de modo seriado. Optei preferencialmente por manter as conversas com as mesmas pessoas em continuidade, mesmo porque as opiniões são muitas vezes fluidas e condicionadas ao contexto e relações (re)estabelecidas. Assim, poucas foram as entre-vistas únicas (uma entrevista com a mesma pessoa), em geral foram múltiplas. Algumas foram coletivas, realizadas com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Houve casos em que conversei com pessoas mas não gravei suas narrativas, procurando gravar na memória e anotar em caderno de campo – aliás, *cadernos*, visto que acabei usando vários (descontando/“desconectando” um caderno perdido).⁸⁰ Alguns destes comentários não-gravados foram inseridos no *produto* das entrevistas com estas pessoas, outros não, ficando como componente de minhas observações participantes. A maior parte das entre-vistas foi transcrita literalmente e textualizada.

⁷⁸ Há uma tabela com as entre-vistas cuj@s co-labor-ador@s preferiram ser citad@s nos anexos da tese.

⁷⁹ Algumas entre-vistas foram curtas, outras mais longas: algumas das transcrições/textualizadas contavam com mais de 80 páginas.

⁸⁰ Em 2012, eu conversava – ou fazia uma entre-vista? – com duas moças transexuais na padaria Gêmel, no Largo do Arouche, São Paulo. Àquela época eu morava no centro da cidade, mais especificamente num prédio apelidado de Redondo, na Avenida Ipiranga. Por volta das 19h30, retornávamos a nossas respectivas moradas – eu ficaria entretida em programas no computador e as duas se aprontariam para fazerem programas (o que não quer dizer que no meio tempo não ficassem também imersas no ciber através de seus celulares) – e resolvi pedir um sanduíche para viagem, para comer mais tarde vendo tevê. Coloquei o meu caderno de campo na sacola do sanduíche e fomos embora. No caminho, um pedinte me pediu algo, e eu disse que poderia ceder meu lanche. O resto @ leitor@ já adivinhou... na hora de dar o lanche para ele, cedi com a embalagem e a sacola, só me lembrando do caderno de campo quando cheguei em casa – e retornando ao local onde o lanche foi oferecido, não achei mais o pedinte.

Os cadernos – *diários de bordo* – foram utilizados de vários modos: como auxiliares nas entrevistas “presenciais” e “online” para (re)lembrar perguntas/respostas; como diários que (a)notavam possíveis mudanças e continuidades nas conversas com as mesmas pessoas; como reflexos do que eu sentia em campo; como observadores das (im)expressões e reflexões de campo; como anotadores de informações em geral, como agendas de entre-vistas e contatos. Nesses diários de bordo anotava acontecimentos, sentimentos, falas marcantes, insights, endereços, referências, lembranças, comparações entre fatos, e tudo o mais que decorria do fluxo inter-ativo no campo. O objetivo era relatar parte do meu trabalho, que era o de *seguir* as pessoas em rede (sabendo também ser seguido) e aprender com seus agenciamentos e deslocamentos.

Em relação à etnografia no FB, segui perfis pessoais de *amig@s* do site, além de páginas, grupos e eventos. Minha inserção no campo foi na maior parte do tempo como *insider* e não como *lurker*, interagindo com @s demais.⁸¹ Procurei *copiar* e colar, *ipsis litteris*, as postagens e comentários que fossem interessantes à tese. Em todos os casos em que as postagens foram utilizadas e que as pessoas podiam ser identificadas, perguntei às mesmas se queriam/autorizavam que seus nomes e imagens fossem mantidos nas reproduções. Em outras postagens, para preservar o anonimato das pessoas, foram colocadas tarjas sobre suas fotos e nomes. Criei, no próprio FB, um grupo secreto chamado *Tese Du* para que eu armazenasse postagens e notícias interessantes vistas nesta rede social. Outra ferramenta fundamental foi a análise de postagens do grupo *REAPT (Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans*)*, que criei no FB e forneceu bom material interpretativo.

Esta etnografia se amparou em diálogos com autor@s como Daniëlle Hervieu-Lèger, Judith Butler e Donna Haraway. Da primeira são fundamentais as figuras d@ *peregrin@* e d@ *convertid@* como metáforas para @ *religios@* em movimento. Da segunda, a *performatividade de gênero*, e da terceira os processos de *ciborguismos* e desestabilizações identitári@s. Podemos pensar nas três como *santíssima trindade teórica* da tese.⁸² O *panteão* de autor@s referenciad@s se complementa com Homi K. Bhabha e seu conceito de *entre-lugares*, Bruno

⁸¹ Em relação à inserção d@ pesquisador@ no ciber, há basicamente duas formas de se netnografar: como *lurker* ou como *insider*. @ *lurker* é compreendid@ como um@ pesquisador@ silencios@, nem sempre revelando sua identidade na comunidade ou grupo analisado. @ *insider*, ao contrário, é percebido@ como parte do grupo. Em ambos os casos há uma observação participante, e no segundo, provavelmente, uma participação observante e maior potencial de ser afetad@. Nesta pesquisa, combinei ambas as metodologias, em alguns casos acompanhando postagens e textimagens de modo invisível como *lurker*, e em outras, participando mais ativamente como *insider*.

⁸² Que de alguma forma se associa à já referida *santíssima trindade inspiradora* da mesma, formada pelas pessoas trans* a quem dediquei a tese, Josi, Wall e Mari.

Latour, com sua *teoria ator-rede* (TAR ou ANT)⁸³ que percorre silenciosamente a tese, dentre outr@s.⁸⁴

Um dos supostos da tese foi o de seguir redes e fluxos, como *prega* Latour, e Sônia Weidner Maluf esboça ao falar de religião/religiosidades:

a pesquisa de campo em situações que envolvem sujeitos, experiências e trajetórias heterogêneas, redes e circuitos que articulam diferentes territórios urbanos ou não, acaba sendo não apenas multissituada (ou seja, feita a partir da imersão em vários sítios ou espaços) mas combina planos e platôs diferenciados, favorecido por um certo ecletismo também metodológico, que envolve o rastreamento de sujeitos e práticas, conversas e entrevistas sistemáticas, observação direta e participação em cursos, oficinas e todo tipo de vivência coletiva.⁸⁵

Para esta, importa deslocar o foco para as redes, os circuitos e a circulação dos sujeitos, bem como “os diferentes agenciamentos possíveis que deslocam doutrinas e filiações para sínteses e dinâmicas singulares e coletivas em permanente reinvenção”⁸⁶, ideia da qual compartilho e utilizo para pensar as trans(generidades+religiosidades), também vistas a partir de redes e fluxos.

Além das *maneiras* como a pesquisa foi feita, é importante ressaltar *por que, para quem e para que* a mesma foi realizada. Acerca do *por que*, a tese serve assim, primeiramente, à *comunidade de destino*, @os própri@s colaborador@s. Por um lado, ao contar – e também ao ouvir e ao dialogar – pode-se elaborar conceitos, ativar a memória, selecionar a narrativa, acomodar de formas diversas sentimentos e sensações, e refletir acerca da própria biografia, por vezes auxiliando no auto-conhecimento e auto-estima. Como relatou um@ colaborador@, “ficar estas horas falando de todos esses assuntos foi libertador, nem eu sabia que eu tinha tanta coisa prá falar sobre mim.”⁸⁷ A tese foi feita por compromisso com @s colaborador@s – parceir@s de pesquisa.

Outro objetivo foi ultrapassar o universo referencial de amb@s colaborador@s (pesquisad@ e pesquisador@), e co-labor-ar na compreensão da sociedade sobre o assunto. Cabe realçar a mesma como constante (re)produtora de *preconceitos, discriminações e intolerâncias* fundamentadas em marcadores de diferença relacionados à identidade de gênero, sexualidade,

⁸³ Dentre as obras do autor ressalto: LATOUR, *Reagregando o social*, uma introdução à teoria do Ator-Rede, 2012.

⁸⁴ Destacam-se Letícia Lanz, Silas Guerriero, Marcelo Natividade/Leandro de Oliveira, Sônia Weidner Maluf, Tânia Navarro-Swain, tod@s relevantes para (re)pensar minhas incursões empíricas.

⁸⁵ MALUF, *Entre o templo e o texto*, 2011, p. 11.

⁸⁶ Idem, 2011, p. 11.

⁸⁷ ATENA A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

cor da pele, condição socioeconômica, porte ou condição físic@, atividades profissionais, dentre outras. É só observar as reações sociais a anões/anãs, amputad@s, cadeirantes, pessoas com limitações cognitivas ou de mobilidade física, provenientes de determinados países ou regiões, albin@s, pobres, prostitut@s, não-crist@os, ateias e ateus, agnóstic@s, idosos@s, negr@s, indígen@s, adict@s, mulheres, gays, lésbicas, trans*, ex-trans* e tod@s que fogem do padrão majoritário politicamente e/ou ideal do homem+cis+branco+cristão+urbano+de classe A & B e superior completo. Enfim, alguém *de família* e de quem a pátria se orgulha.

A população trans* é especialmente afetada na sociedade por diversas formas de transfobia. O desejo de resistência a tais formas de violência é o *motor* deste trabalho de etnógrafo ciborgue que sonha e objetiva o direito de pessoas trans* se sociabilizarem do mesmo modo que as pessoas cis, a partir do adensamento das discussões acerca de políticas públicas de saúde e de direito, apontando para os direitos fundamentais de liberdade e igualdade d@s cidad@os.⁸⁸ Um objetivo deste trabalho é o de auxiliar na promoção de políticas públicas a pessoas trans* e de direitos humanos.

Ainda que tais pessoas não necessitem deste trabalho para se agenciarem ou se empoderarem sócio-politicamente – reforço que pessoas trans* e pessoas cis têm a mesma capacidade de empoderamento e agenciamento, e o que as distingue é que as primeiras sofrem formas de intolerância de gênero, as transfobias, que as segundas não recebem – espero que esta tese auxilie a suscitar debates e questionamentos cuidadosos e a dotar as pessoas em geral de uma grade de reflexão, análise e inteligibilidade em relação a temas como a exclusão/inclusão.

Acerca do *viés de ineditismo* da tese, não encontrei nenhum trabalho que relacionasse as experiências de fluxo e (re/des)engenharia identitária de gênero e/ou religiosa de pessoas trans* e o discurso religioso-generificado acerca de tais identidades. Parece-me inédito também pensar religião como metáfora para gênero, ou mais especificamente, para as transgeneridades; utilizar parâmetros de estudos ou conceitos relacionados às religiões/religiosidades para tratar de gênero em geral ou das transgeneridades em específico, ou pressupostos de gênero para trabalhar analiticamente questões religiosas; relacionar experiências generificadas e/ou religiosas de

⁸⁸ O artigo 3º, inciso IV da Constituição Federal veda qualquer discriminação em virtude de raça, sexo e cor. Assim, ninguém pode ser discriminado em razão destas categorias, e a inclinação sexual não pode se prestar à desigualdade jurídica nem ser aplicável em ambiente coletivo como o religioso. Iniciativas como o Projeto de Lei da Câmara 122/2006, apresentado pela ex-deputada Iara Bernardi e hoje na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal sob relatoria de Marta Suplicy representam tentativas de equalização jurídica das relações entre homossexuais e heterossexuais. Anteriormente, a PL 5003/2001 já procurava definir situações de homofobia caracterizando em seu artigo 7º como o “impedimento ou restrição de manifestação homossexual, bissexual ou transgênero quando estas expressões forem permitidas aos demais cidadãos”. De projetos como a PL 5003 e a 122 decorreram outras iniciativas, como o recente reconhecimento de união estável para pessoas do mesmo sexo como entidade familiar pelo Supremo Tribunal Federal.

peessoas trans* não-binárias, transmasculinas ou em outras identidades divergentes do eixo travesti-mulher transexual;⁸⁹ o uso de linguagem não-binária em determinados pontos; o uso de uma etnografia ciborgue como proponho, relacionada aos estudos que visam conectar gênero e religião; realizar trabalho de campo em acampamentos de conversão de travestis ou junto a indígenas com identidades divergentes das cisgêneras, campo também relacionado à conversão de travestis; ou identificar questões relacionadas à (re/des)elaboração identitária de gente trans* no Facebook.

Importa também realçar meu local de fala, espécie de *por quem*: me defino provisoriamente como *mix* de pesquisadore e native: minhas primeiras pesquisas publicadas sobre religião e gênero vem da época do mestrado sobre a Bola de Neve Church. De lá prá cá, procurei conhecer outras igrejas que têm como mote a sexualidade e questões de gênero, como a Crash Church e a Sexxx Church. Mas foi a partir das igrejas inclusivas LGBT – de uma pessoa em especial, Josi – que iniciei a pesquisa do doutorado. Ao mesmo tempo, sou triplamente native da pesquisa ao me definir cibernauta, pessoa que foi religiosa e é não-binária – ou inconforme tanto com as expectativas de sexo-gênero a mim designadas no nascimento quanto com as expectativas do sexo-gênero “oposto”.

Finalizando este mapeamento que visa justificar a realização da tese e os modos como ela foi pensada, cabe comentar sobre sua *interface*, ou modo de apresentação. Escolhi uma interface que remetesse à aparência de um site ou blog em alguns momentos justamente por conta do FB ser um dos campos preferenciais de observação deste trabalho. A intenção, assim, foi remeter à linguagem cibernética, o que também se relaciona com a linguagem coloquial que optei por utilizar. Um objetivo correlato em relação à informalidade da interface da tese está na tentativa de desestabilizar a usual formalidade dos trabalhos acadêmicos, entendendo que uma linguagem mais coloquial proporcionará maior fluidez na leitura.

Haveria nesta tentativa de desestabilização através da linguagem e da interface da tese uma pitada de teoria queer? É possível, visto que, como comentei, Butler foi uma das autoras com quem procurei dialogar aqui e nos auxilia a pensar num olhar nômade acerca de nossos campos de pesquisa e de nós mesm@s. Mas por mais que esta tese pense em algumas coisas de modo desestabilizado(r), ela teve de ser estruturada. Sigamos então para um roteiro de viagem que auxiliará @ leitor@ a seguir viagem através da mesma.

⁸⁹ Acerca das relações de travestis e mulheres transexuais com religião: BOMFIM, *Discriminação e preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*, 2009; RIBEIRO, *Inclusão Social das Travestis através da Religião*, 2009; RODRIGUEZ, *A pomba-gira sou eu: aspectos da identidade transexual com a religiosidade afro*, 2013; RODRIGUEZ, *Travestis buscando axé: Gênero e sexualidade em religiões de matriz africana na Argentina*, 2013.

Roteiro de viagem

Nossos trabalhos foram abertos – para usar uma metáfora de religiões de matriz afro-brasileira – no *Manual de instruções*, que ofereceu uma mensagem de boas-vindas, explicações acerca de termos como *trans** e *cis*, metáforas relacionadas à informática e usadas na tese, a linguagem inclusiva/neutra/ciborgue utilizada, o uso de itálico e de aspas e listas de siglas e de imagens. Tal manual foi seguido por um *menu* que apresenta nossa jornada pela tese. Esta se estrutura através das partes *Ligar*, *Iniciar*, *Enter*, *Conectar* e *Desconectar/desligar*.⁹⁰

Ligar é aberta com *trigger warnings* alertando que o conteúdo da tese pode gerar desconforto visto tratar de assuntos que envolvem *controvérsias* relacionadas a *(re/des)fazimentos identitários de religião e gênero* (mais enfaticamente de gênero). Em seguida temos um *Wallpaper*, *fundo de tela* que mostra o cenário geral de conexões entre gênero e religião da tese. O *Wallpaper* nos linka ao *Mapa de viagem* que demonstra sinteticamente como a tese foi sendo arquitetada metodologicamente, e a este guia explicativo, o *Roteiro de viagem*.

Iniciar começa com o capítulo *Entre ciborgues e como ciborgue*, um esboço de minha biografia trans(gênera/religiosa) para que @ leitor@ entenda um pouco o contexto autoral de motivação para a realização da tese.⁹¹ No capítulo seguinte, *Diário de bordo de uma viagem em rede e na rede*, temos um histórico do percurso da pesquisa e de meu doutorado. O *Diário de bordo* nos conecta com a próxima parte, *Enter*. O primeiro capítulo desta parte, ~~*Rasurando e convertendo conceitos no caminho*~~, apresenta concepções provisórias/instáveis/errantes como *identidade*, e conceitos *conversíveis* como *gênero* e *religião*. O tópico “*Você é trans ou é cis?*” mapeia binarismos de sexo/gênero relacionados às trans/cis(generidades) e se linka à *teoria queer* e proposta sintética de queerificação da religião. Tal discussão nos conduz ao capítulo “*Entre*” – ou “*não*”, com as concepções teóricas de *entre-lugares* e *não-lugar*. Estas são provocativas para pensarmos em figuras da mobilidade de gênero brasileira/contemporânea no tópico *Apresentando Agrado, DesAgrado, ReAgrado...* Este, como o título sugere, apresenta personagens-metáforas, criadas com fins heurísticos/didáticos. O capítulo seguinte, *Convertendo gênero/religião*, procura responder – ou sinalizar para uma resposta – acerca da pergunta

⁹⁰ Como sinalizado no *Manual de instruções* da tese, a parte *Ligar* se refere à introdução, enquanto *Desconectar/desligar* seriam as considerações “ *finais*”.

⁹¹ Comentei sinteticamente a respeito destas no *Wallpaper*.

religião pode ser vista como metáfora para gênero?, ou *podemos usar conceitos relacionados à religião para falarmos de gênero* – mais especificadamente das *transgeneridades*? Para tal, dialogaremos com Daniëlle Hervieu-Léger e com Silas Guerriero. Se for possível fazer o que propomos, seria plausível a realização do inverso, usar supostos do gênero para falarmos de religião? Caso haja algum fundamento nisto, talvez existam mais conexões entre gênero e religião do que poderíamos propor e supor.

A parte seguinte, *Conectar*, inicia-se com o capítulo *Paisagens em movimento*, constituídas através da percepção de três cenários gerais em que circularam pessoas trans* e ex-trans*, o Facebook (FB), as igrejas inclusivas LGBT e os ministérios de conversão de travestis.

No primeiro tópico ou cenário, *Vida e morte ciborguina ou (re/des)conexões ciborgues no e do ciberespaço*, apresentamos brevemente o FB para depois assistirmos, em *(Re/des) configurando gênero no perfil*, algumas das relações estabelecidas entre os FB EUA e Brasil e as pessoas trans*, o que se desdobra nos subtópicos seguintes: *Desagradando Agradados: proibições a perfis de pessoas trans* e (re)ações e FB como armário ciborgue* e é complementado em *Tentativas de aniquilação de Ariadna do BBB no FB*, que demonstra como uma mulher trans foi alvo – por ser mulher trans – de discriminação por adept@’s da religião que professa, o candomblé. Tais temas são, em alguma parte, conectados por postagens do grupo REAPT* - Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans*, criado como campo de observação da tese e apresentado no final deste tópico.

O cenário seguinte, *“Jesus dá a vida e liberta”*: *igrejas inclusivas LGBT**, dá um contexto geral sobre tais agências religiosas, especialmente as de São Paulo, e apresenta a entre-vista *ponto zero* da tese, realizada em julho de 2010 com o reverendo Cristiano Valério, ou Rev Cris, da ICMSP, intitulada *“Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”*. Esta aponta para parte das concepções teológicas desta igreja e para um contexto de explosão de teologias como a homossexual, a gay, a queer e provavelmente, a *teologia trans**. Algumas concepções teológicas de pessoas trans* podem ser vistas na postagem do grupo *Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans** (REAPT) do FB, que perguntou *“Deus tem gênero?”* algumas respostas podem apontar para isto, ou a uma das perguntas iniciais da tese: *“há um gênero da religião?”*

O terceiro cenário da tese, *“Jesus mata o velho homem, salva e liberta”*: *ministérios de conversão de travestis*, apresenta especialmente a missão SAL, de Santo André e seu ministério interno de conversão de travestis, e uma entre-vista com seu fundador e líder, Paulo Cappelletti, também chamado Pastor Macarrão, denominada *“A morte é uma coisa meio lenta”* e realizada

em julho de 2014. A entre-vista e o contexto geral do ministério sinalizam para algumas concepções teológicas, que provisoriamente chamei de *teologia cishet-psi*.

No último tópico ou *cenário extra*, participaremos de uma mesa de debates realizada na 31^a Bienal de São Paulo em 2014 e que trará algumas das controvérsias acerca das igrejas inclusivas LGBT* e dos ministérios de conversão de gente trans*, conectando com os dois últimos cenários.

Tais cenários nos linkam com o capítulo *Ato de (re/des)conexão: (re/des)fazendo gênero/religião na (re/des)conversão de pessoas trans**, que privilegia entre-vistas com pessoas trans* e ex-trans*, chamando novamente à cena as personagens-metáforas da tese apresentadas na parte *Enter*, e através delas organiza uma série de narrativas mais ou menos curtas a respeito dos impactos do discurso religioso/generificado nas diferentes possibilidades de (re/des)engenharia de gênero – associadas à religiosa – de pessoas trans* e ex-trans*. Acompanharemos duas entre-vistas de histórias de vida colocadas integralmente no texto. A primeira, com Josiane Ferreira de Souza, a Josi, é a entre-vista que *dá origem* à tese, e faz parte de uma rede de entre-vistas iniciada com a entre-vista já mencionada, com Rev Cris, e demonstra parte do percurso autobiográfico generificado/religioso de Josi. O título da entre-vista – incluída no 1^o Ato: *Agrado* – esboça sua história: “*Disseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar, mas eu não acreditei*”.

A segunda entre-vista de história oral de vida – constante na parte *Entre-atos: EntreAgrado*, foi realizada com Rouvanny Moura, antes Dibelém, que coordena um ministério anônimo de conversão de travestis dentro da missão SAL. A entre-vista, “*A Dibelém morreu mas carregou ela no caixão*”, apresenta parte da trajetória de Rouvanny, também marcada pelos (re/des)fazimentos generificados/religiosos.

A partir destas duas entre-vistas de história oral de vida, desdobram-se outras, de história oral temática. No 2^o Ato: *DesAgrado*, temos duas histórias contadas: “*Quero ser obreiro de Jesus mas só me operam se for risco de vida*”, e “*Se meu lado travesti não morresse eu que morreria*”, uma com um fiel evangélico e outra com o pastor Joide Miranda. Ambos se designam ex-travestis. Esta parte é complementada por etnografia acompanhando postagem do FB que contava a conversão religiosa/generificada de Felipe Valentino, em “*A Gabriela morreu e o Felipe renasceu*”.

A parte seguinte, *Entre-atos: “Acampamona é o caminho*”, apresenta etnografia durante uma das atividades do ministério de conversão de travestis da SAL, o AcampaMona, realizado em

agosto de 2014. Na oportunidade conversei com divers@s hóspedes e missionári@s. Apresento relato do que presenciei neste tópico.

O 3º Ato: *ReAgrado e DesReAgrado*, apresenta primeiramente narrativas sintéticas de pessoas que se definiram como ex-ex-travestis, demonstrando reverberações do discurso generificado/religioso na (re/des)carpintaria identitária trans*, com resultados no corpo e na alma. Na sequência, traz narrativas que apontam para duas situações em que pessoas entre-gêneros se percebem em uma espécie de *não-lugar identitário*. Na primeira, “*Se eu morrer Jesus não me deixa entrar*”, pessoas que transitaram por ministérios de conversão de travestis narram que seus corpos atuais as impossibilitariam de serem aceitas no céu. Na segunda, que apresenta experiência etnográfica realizada em 2013 na *cidade mais indígena do Brasil*, quatro pessoas entre-gêneros demonstram que se sentem em sexo-gênero diversos dos assinalados no nascimento e não sabem bem o que fazer com esta situação. Tal tópico apresenta 4 narrativas curtas destas pessoas, acrescidas de narrativas de missionári@s indígenas e não-indígenas locais. O tópico foi intitulado, com base em uma das histórias contadas, como “*Querem que eu morra e só fique aquele menino*”.

Este capítulo é completado por breve análise deste conjunto de histórias de vida em “*Finale*”: *(Re)aniquilando e (re/des)fazendo corpos e espíritos abjetos – entre o (des)regrado e o Sagrado*.

Finalizando sem pretender concluir a jornada, a parte *Desconectar/desligar* traz *Considerações inconclusivas ou downloads não-realizados*, seguidas de *10 mandamentos/manifestos trans**, da tese, que procuram resumir um pouco de nossa peregrinação pelo trabalho, e de uma nota adicional “final”, *Desligar para religar*, feita na semana em que depusitei a tese, anunciando a realização dos natais do ministério de inclusão de travestis e transexuais da CCNEI e do ministério de conversão (ou seria outra forma de inclusão?) de travestis da SAL, além de postagem de Josi que demonstra como a questão do (re/des)fazimento identitário é antes de tudo, sublinhada pela provisoriedade. Este tópico apresenta campos abertos para novas incursões.

Após as referências do trabalho temos três anexos, a serem encaminhados por email ou CD. O primeiro, *Instrumentos de viagem/procedimentos operacionais para uma etnografia ciborgue*, aprofunda as questões metodológicas do *Mapa de viagem*. O segundo apresenta parte das múltiplas concepções identitárias de gênero da atualidade. Trata-se do *MD 2.0 – Minidicionário 2.0 de gênero, sexo e afetos*. O terceiro, é o artigo *Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome*, publicado em duas

versões, uma menor, de 2012, e outra ampliada, agregando a PL de Identidade de Gênero João W. Nery, de 2013. Esta, publicada na revista História Agora, é a versão que consta na tese. Entretanto, é de suma importância lembrar que outras demandas de pessoas trans* não foram contempladas nestes escritos, como o das pessoas trans* não-binárias – campo que merece desbravamentos por outr@s pesquisador@s. Estes textos, inicialmente constantes do corpo da tese, foram *anexados* para dar mais fluidez à leitura e entendimento do tema central da tese, as relações entre (re/des)conexões de gênero+religião. Cabe salientar que observaremos algumas tabelas durante nossa jornada. Estas não são mero apanhado geral ou resumo do texto que as antecede: muitas vezes trazem informações novas, ainda não mencionadas, portanto é conveniente incorporá-las na viagem.

Por “fim”, cabe sinalizar que muito poderia ter sido contemplado na tese – que em determinado momento de novembro de 2014 contava com quase 1.200 páginas – mas que foi necessário operar *muitas* seleções. O trabalho de campo foi muito (in)tenso e (re)colhi muitas narrativas e anotações: mas como em toda viagem, devemos escolher as lembranças mais significativas para apresentar ao/à outr@.

A tese poderia ter enveredado para a questão do trânsito religioso de pessoas trans*, mas a partir do campo realizado no ministério de conversão de travestis – ou seja, seguindo o fluxo de algumas pessoas que participaram do mesmo – a tese fez sua *transição*: o mote se tornou mais enfaticamente o trânsito de gênero de pessoas trans* e ex-trans* a partir de discursos religiosos/generificados. Além disto, pensar tais questões permitiram que algo que eu intuía *tomasse corpo*, uma (outra) possível retroalimentação entre gênero e religião – ou mais acuradamente, entre fluxos generificados e fluxos religiosos, o que veremos no último capítulo.

É preciso ainda reforçar que esta tese pretende pensar relações em rede, e a *si mesma* de modo instável – é um exercício que mescla o *se jogar nas redes* e o *saltar sem rede*.

Parte da gênese deste saltar sem rede talvez se situe em minha própria jornada autobiográfica, que apresento a seguir para que @ leitor@ conheça um pouco de meu lugar de fala.

***I**nciciar*

Entre ciborgues e como ciborgue

SERVIÇO GRATUITO

LEIA SEU
**HORÓSCOPO
PERSONALIZADO**

Acompanhe suas tendências e receba
conselhos personalizados para seus dias
serem mais equilibrados.

Nome Completo

Data de nascimento:

Dia Mês Ano

CONTINUAR Já tenho cadastro

I am, Iron Man
(Eu sou, Homem de Ferro)
Black Sabbath

He's a woman, she's a man
(Ele é uma mulher, ela é um homem)
Scorpions

TOURO

LEÃO

Data de nascimento **24/04/1973**
Hora de nascimento **13h13**
Signo **Touro**
Ascendente **Leão**

**O SEU JEITO DE PENSAR,
SENTIR E AGIR.**

O Mapa Astral é um mergulho em você. Com base na sua data, hora e local de nascimento, a **Astrologia** analisa suas principais características. Compreenda o seu jeito de amar, se expressar, lidar com emoções, pessoas e com os desafios da profissão. Aprenda a explorar suas qualidades no dia-a-dia.

Amostra da seção **1. Sua identidade**

SOL EM TOURO, ASCENDENTE EM LEÃO – O LASTRO SÓLIDO

Quando você veio ao mundo, Eduardo, o signo solar de Touro se combinava ao ascendente em Leão. Ambos são signos de natureza fixa, portanto concentrada, e sugerem uma profunda integridade em relação à própria individualidade. Você respeita muito sua própria natureza e é provavelmente uma pessoa repleta de firmes convicções - podendo ser, eventualmente, um tanto quanto vítima de sua própria teimosia, mas isso não é nada que o tempo e a maturidade não curem.

Você tem uma **presença magnética** e impressionante,

**IDENTIDADE
ASTROLOGIA**

gente.

Você reúne em sua alma a energia criativa do signo de Leão com o poder realizador de Touro. Tem uma qualidade "gravitacional" que lhe permite concentrar poder, e atrair para seu campo de ação as pessoas e circunstâncias necessárias para a realização de seus intentos.

Uma qualidade corpórea e terrena pode sugerir sensualidade marcante, sexualidade forte e um gosto pelas coisas que o mundo material oferece, além de um notável poder administrativo. [Leia mais no seu mapa completo...](#)

Imagem: Mapa astral e identidade

Aguém já começou um relato autobiográfico – numa tese – com um mapa astrológico online? Bem, eu comecei. Nasce em 24 de abril de 1973, às 13h13, numa travessa da Avenida Paulista, São Paulo, me foi atribuído, além de um sexo-gênero, um signo astrológico.

Como vemos nas imagens anteriores, o mapa astrológico online (o “off-line” idem) se associa diretamente à “identidade” da pessoa. Mas identidade não é mesmo a grande questão de nossos dias?

De acordo com o que “definem” os astros, meu signo solar é Touro, o ascendente (ou casa 1) é Leão (não seria Leoa?), e as casas seguintes são: 2 – Virgem; 3 – Libra; 4 – Escorpião; 5 – Sagitário; 6 – Capricórnio; 7 – Aquário; 8 – Peixes; 9 – Áries; 10 – Touro; 11 – Gêmeos; e 12 – Câncer. Mas o que isto significa em termos de identidade?

Segundo duas amigas astrólogas, sou uma pessoa calma e paciente, além de teimosa (ou melhor, *persistente*), magnética (o que seria isto?), dinâmica, dono de uma bela voz (“quase um rugido” segundo uma delas), gosto de me destacar na multidão (em outras palavras gosto de um palco), autoconfiante, ambiciosa, ativa, generosa e reformadora de ideias. Assim, metade do mapa diz respeito a características costumeiramente compreendidas como masculinas, como persistência, liderança e competitividade, e a outra metade, características associadas ao feminino, como afabilidade, doçura e generosidade. Seria o danado do meu mapa astral o responsável por eu me sentir desde pequena parte menina e parte menino ou parte sem-gênero? Os astros fazem de alguém mais feminino, andrógino ou masculino? Creio que não. Mas a *enunciação* de atributos de um ou outro gênero através de um mapa astral pode funcionar *performativamente* na aprendizagem de gêneros.⁹²

Ironias à parte, não creio em mapas astrológicos (*pero que los astros hay, hay*), à mesma medida em que não acredito em dogmas religiosos e não me identifico através da maioria dos marcadores de identidade (não me identifico nem como brasileiro). Gostaria de salientar o quanto somos induzidos a (re)produzir socialmente o que é considerado *feminino* ou *masculino*. Por que uma ou outra característica é considerada “de mulher” ou “de homem”? O quanto a aprendizagem de gênero nos encaixota e faz com que nos (re)elaboremos a partir dos fundamentalismos de gênero? Minha “biografia astrológica” poderia ser considerada *entre-gêneros*?

⁹² Um exemplo de enunciação “descritiva”/prescritiva está no início de meu mapa online, que enuncia/anuncia que sou uma pessoa fixa – o que particularmente não considero.

Mas os mapas astrais não são os únicos recursos com a função de “descrever”/prescrever identidades. Desde a infância, uma das ferramentas pedagógicas de gênero está nas histórias infantis. Temos assim uma Chapeuzinho contraposta ao Lobo Mau e auxiliada pelo Caçador e uma miríade de Rapunzéis, Belas Adormecidas, Brancas de Neve, Cinderelas e Fionas dependentes de seus príncipes encantados, ainda que eventualmente um deles tenha a aparência do Shrek.⁹³ Mas a leitura que mais me marcou a infância provavelmente não foram estas. Com nove anos ganhei de meu pai uma versão teen de *O homem da máscara de ferro*, de Alexandre Dumas. Ressignificada, a história passou a ter muita importância para uma criança que não aceitava sua aparência e não conseguia se identificar com as características que lhe eram atribuídas compulsoriamente. Enfim, parte de minha infância e adolescência foi desejando ter uma máscara para me apresentar socialmente e, sendo percebido, passar despercebido (ou não ser (re)conhecido).

Uns dois anos após ler este romance, comecei a escutar *Black Sabbath*. Uma de minhas canções favoritas era *Iron Man*. Como eu não sabia praticamente nada de inglês, fui construindo o meu próprio híbrido: partes humanas eram bri(coladas) com máquinas e máquinas (en)cobriam @ human@. Entre representações de *homens de ferro* com *máscaras de ferro*, e algumas cirurgias que me dotaram de certa parafernália metálica interna com fins de reelaboração estética/identitária, fui a cada dia me percebendo mais... *ciborgue*.

Tal figura, mistura de human@ e máquina, percorre metaforicamente (ou não) boa parte desta tese, estimulada por reflexões de Haraway,⁹⁴ que utiliza o ciborgue como alegoria para pensar identidades, mostrando como

a imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos pra nós mesmas (...) significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais.⁹⁵

(Re)pensando e (des)construindo identidades, Haraway explica que certos dualismos têm persistido na cultura ocidental e sido essenciais na lógica e prática da dominação sobre mulheres, negr@s, trabalhador@s, animais, enfim, tod@s que foram constituíd@s como “@outr@”, e cuja tarefa consiste em espelhar o “eu”, o dominante. O eu,

⁹³ Isso em maioria, pois há também as heroínas (ou anti-heroínas) que protagonizam desenhos infantis sem depender de príncipes encantados, como as *Meninas Super Poderosas*, por exemplo.

⁹⁴ Avançando “alguns” anos, em 2012, durante minha banca de qualificação, a professora Zeca me perguntou: “você conhece a metáfora do ciborgue, de Donna Haraway?” A pergunta aqueceu minhas turbinas internas e me fez relembrar minha biografia ciborguiana, ao ponto da alegoria reformular metaforicamente boa parte da tese.

⁹⁵ HARAWAY, *Manifesto ciborgue*. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, 2013, p. 99.

é o Um que não é dominado, que sabe isso por meio do trabalho do outro; o outro é o um que carrega o futuro, que sabe isso por meio da experiência da dominação, a qual desmente a autonomia do eu. Ser o Um é ser autônomo, ser poderoso, ser Deus; mas ser o Um é ser uma ilusão e, assim, estar envolvido numa dialética de apocalipse com o outro.⁹⁶

De outro modo, “ser o outro é ser múltiplo, sem fronteira clara, borrado, insubstancial”.⁹⁷ Haraway exemplifica alguns dualismos: eu/outro, mente/corpo, cultura/natureza, macho/fêmea, mundo civilizado/primitivo, realidade/aparência, todo/parte, agente/instrumento, o que faz/o que é feito, ativ@/passiv@, certo/errado, verdade/ilusão, total/parcial, Deus/human@.⁹⁸ Como se observa, tais dicotomias são elencadas hierarquicamente. Os referentes considerados “superiores” são os primeiros a serem referidos. Podemos adensar, a tais termos, heterossexual/homossexual, homem/mulher, e ainda, cisgênero/trans* (trans, transexual, travesti, transgêner@). Ser ciborgue não tem, necessariamente, nada a ver com transformações corporais. Mas pode ter também, como sinaliza a postagem de Malena/Arthur:

Imagem: Ciborgue, para Malena/Arthur

⁹⁶ Idem, 2013, p. 90. Tal ideia pode ser dialogada com Butler e com outr@s teóric@s queer.

⁹⁷ Ibidem, 2013, p. 90.

⁹⁸ Ibidem, 2013, p. 91. A adaptação à linguagem inclusiva-ciborgue da tese é minha (como em *human@*).

Prosseguimos na conversa:

Imagem: Ciborgue, para Malena/Arthur 2

Nesta concepção, debitária de filmes e livros de ficção científica, ciborguismo relaciona-se com a mistura entre pessoa e máquina. Mas na tese o termo se desdobra de múltiplas formas, remetendo a toda e qualquer mistura/(bri)colagem de pessoas, coletivos e até instituições e ideias.

Em minha própria biografia ciborguiana refletir sobre dualismos/binarismos sempre foi fundamental. As lembranças de minha viagem identitária começam na infância, mas a jornada se inicia no nascimento através da enunciação médica sobre meu “sexo” e “gênero”, e poderia ter começado antes caso minha mãe tivesse se submetido a exames ultrassonográficos.

Como dito, quando era pequena, já me sentia de alguma forma *entre-gêneros* ou *bigênere* (me sentia vivendo os dois gêneros ao mesmo tempo) – e em outros momentos, *agênere* (não me encaixava nem em um nem no outro). Como todo mundo, aprendi que as pessoas “nasciam” com um determinado sexo (representado por *pintinho* ou *periquitinha*) que tinha como “bônus” uma série de atitudes e comportamentos associados, o gênero: pessoas nascidas “meninas” deveriam ter comportamentos “femininos” e “meninos” se portar de modo “masculino”. Era o sistema corpo/sexo/gênero, comentado por autoras como Judith Butler.⁹⁹

Entretanto, àquela época já não me sentia muito bem em relação a estas convenções. Percebia que por vezes era mais vantajoso ser menina, em outras, ser menino. Neste sentido, por que eu teria de me adaptar ao sistema sexo-gênero atribuído socialmente antes mesmo de eu nascer, já na ultrassonografia? Como seria mais gostoso viver sem as fronteiras estabelecidas desde a gestação ou o nascimento!

⁹⁹ Comentarei sobre este, sinteticamente, mais adiante.

Como a maioria das pessoas, fui me (in)adaptando ao sistema sexo-gênero imputado, mas não sem alguma dificuldade. Por inúmeras vezes desejei que tivessem me atribuído outro sexo-gênero. Em outras, tinha a certeza de que se tivessem designado o contrário, eu também não estaria satisfeito. Nunca me atraiu a ideia de viver num dos extremos binários de sexos e gêneros. Por estas razões fui me considerando uma pessoa *entre-gêneros não-binária*. *Trans* sim, no sentido de que minha identidade de gênero *não concorda* com o sistema sexo-gênero que me foi atribuído, e ao mesmo tempo, *não fixade* nos polos de gênero por entender que nenhum dos dois me comple(men)te ou represente.

É possível questionar: As experiências entre-gêneros¹⁰⁰ de trânsitos, e as de hibridismo de gênero, alargam tais limites ou os reiteram/reforçam, desembocando em reproduções do binarismo? Ou ambas as coisas são possíveis?

Certamente, “ser mulher”, “ser homem”, e provavelmente “ser não-binária”, assim como “ser trans” e “ser cis”, são classificações que demonstram e/ou instauram uma plêiade de comportamentos e representações. Sobre as reiterações de classificações, uma pista possível pode estar nas palavras de Foucault:

estamos submetidos à verdade também no sentido de que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”.¹⁰¹

Os discursos “verdadeiros”, costumeiramente convencioneados socialmente, regem por exemplo que nascemos com um sexo e um gênero¹⁰² – e não que estes nos são atribuídos. Mas há autor@s que refutam esta posição. Butler, por exemplo, mostra que corpo, sexo e gênero são frutos de construções culturais, e não algo dado, pronto ou natural, como se costuma pensar. Sobre o sexo, Butler diz que “é uma das normas pelas quais alguém se torna visível, é aquilo que qualifica o corpo para a vida”.¹⁰³ Para a mesma, a construção do sexo se dá por um processo temporal, que atua a partir da reiteração de normas, dando-lhe efeito naturalizado:

como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas

¹⁰⁰ Lembro que comentei brevemente acerca desta expressão, cunhada por mim entre 2010-11 e publicada em 2012, no nosso *Manual de Instruções*. Mais adiante observaremos algumas aplicações da mesma, que pode ser utilizada para se referir a situações, expressões e/ou identidades de gênero (dentre outras possibilidades).

¹⁰¹ FOUCAULT, *A microfísica do poder*, 2007, p. 180.

¹⁰² Reforço que discursos que se pretendem “verdadeiros” “descrevendo”/prescrevendo dadas “verdades” às pessoas, podem ser observados em quaisquer marcadores sociais, como a *religião*, por exemplo. Neste caso, esta também pode prescrever “verdades” de corpo/sexo/gênero – e de alma – como veremos mais adiante.

¹⁰³ BUTLER, *Corpos que pesam*: sobre os limites discursivos do “sexo”, 2007, p. 155.

construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma.¹⁰⁴

Berenice Bento, comentando sobre transexualidade, reforça o pensamento de Butler de que a pessoa é constituída através de suas vivências, relativizando a visão heterocêntrica de um referente natural para as experiências das performances de gênero, e que corpo, gênero e sexualidade são construções, e independentes: “nessas experiências, há um deslocamento entre corpo e sexualidade, entre corpo e subjetividade, entre corpo e performances de gênero”.¹⁰⁵

Esta comenta ainda que “as normas de gênero estabelecem que somos determinados por nossas estruturas biológicas. Se temos pênis, somos homens, portanto, viris, competitivos, ativos e heterossexuais. A vagina significa que o corpo é frágil, passivo, penetrável. O desvio da norma (pênis/homem/masculino/heterossexual e vagina/mulher/feminino/heterossexual) é observado e castigado.” Neste sentido, vivemos numa “economia dos castigos”, cujo objetivo é “vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância”.¹⁰⁶

Nossas experiências – tanto de pessoas trans* como de pessoas cis – padecem de um processo constante de (des/re)encaixe de peças identitárias, inclusive as de gênero. Um dos primeiros exemplos que me vêm à memória e demonstram uma vivência de (des/re)elaboração do sistema corpo/sexo/gênero é o da ex-modelo Roberta Close, autodeclarada mulher transexual. Nascida com um sexo-gênero atribuídos como masculinos, passou por diversos procedimentos cirúrgicos, inclusive o de *redesignação sexual* (chamado comumente de “operação de troca de sexo”) para adaptar-se aos padrões convencionados do que é *ser mulher* – uma belíssima mulher, aliás. A vivência de Close mostra um processo de enquadramento após desencaixe e subversão, demonstrando que sua identidade de gênero “não concordava” com aquela atribuída socialmente. Ao mesmo tempo, ela se desencaixou do sistema sexo-gênero atribuído para se encaixar no gênero que sua identidade demandava – no gênero que era seu. Faço aqui a ressalva de que não há nenhum juízo de valor que a pessoa não concorde com o sistema sexo-gênero designado e faça todos os procedimentos que *ela julgue* necessários para se enquadrar no “outro” sexo-gênero. Da mesma forma, não vejo problema nenhum nas pessoas quererem se “fixar” em um determinado gênero binário se assim o desejarem, nem que não queiram se encaixar no sistema sexo-gênero designado ou no “oposto”.

¹⁰⁴ Idem, 2007, p. 167.

¹⁰⁵ BENTO, *A reinvenção do corpo*. Sexualidade e gênero na experiência transexual, 2006, p. 77.

¹⁰⁶ FOUCAULT, *Vigiar e Punir*: história da violência nas prisões, 1987, p. 94.

Mas falar de Roberta Close é recordar o começo de minha adolescência. Recordo-me que ela chegou a ser considerada, lamentavelmente com certa dose de ironia, a “mulher mais bonita do Brasil”, sendo destaque da revista Playboy.¹⁰⁷ Eu era uma das pessoas que a admiravam, não apenas pela beleza mas pela coragem em transgredir/subverter convenções sociais relacionadas a sexo/gênero e vistas como essenciais e imutáveis.

Imagens: Perfil (provavelmente fake) de Close no FB, Close na Playboy (1984)¹⁰⁸

Close causava as mais diversas impressões nas pessoas: excitação, inveja, desprezo, perplexidade. Ainda criança, comentei com um tio que a achava bonita, e escutei “o que você faria se transasse com ela? É a mesma coisa que transar com homem”. Retruquei dizendo que ela havia feito cirurgia de “mudança de sexo”, e este disse “ela pode fazer a cirurgia que quiser, mas sempre terá cheiro e pele de homem”. Pus-me a refletir: “isto é verdade? Ela se sente mulher, sabe que é mulher, mas nunca vai conseguir que as pessoas a vejam como ela é? O que ela deveria fazer afinal, trocar de pele ou de cheiro?” E ainda indaguei para mim mesmo: “afinal, *o que é* ser uma mulher? Não basta se designar ou se sentir assim?” E chorei.

Antes de Close, outra pessoa havia marcado o *entre tempos* de minha infância e adolescência: Ney Matogrosso. Seu primeiro conjunto, o Secos e Molhados, começou tocando em pequenos bares de São Paulo como o Cortiço Negro, de outro de meus tios, e sua figura andrógina e desestabilizadora sempre me chamou a atenção. Me perguntava o que ele queria dizer com versos como “vira, vira, lobisomem”, e “eu sou homem com H”? Eram ironias? Ou a pessoa

¹⁰⁷ Close protagonizou capas de outras revistas “masculinas”, como a *Ele Ela*. Após a publicação da Playboy de Close, em 1984, outras celebridades trans* foram capas e/ou páginas internas de revistas masculinas, como Thelma Lipp (*Playboy*) e Claudia Wonder (*Big Man Magazine*) nos anos 1980, Tula (Caroline) Cossey (*Playboy*) e a própria Close (*Ele&Ela*, *Sexy*) nos 90, Bianca Soares (*Man*) e Patrícia Araújo (*A Gata da Hora*) nos anos 2000, e Ariadna Thalia (*Playboy*), em 2010.

¹⁰⁸ Imagens retiradas do perfil (supostamente) fake de Roberta Close e do site Famosas no sexo.

poderia manter uma identidade masculina e parecer/ser andrógina ou feminina ao mesmo tempo?¹⁰⁹

Contemporaneamente aos Secos, destacavam-se pela androginia os atores/cantores (atrizes/cantoras?) do Dzi Croquettes, com bordões como “não somos mulheres, nem homens, somos apenas gente”.¹¹⁰ Os Secos e os Dzi não eram os únicos artistas musicais brasileiros que investiam no visual andrógino nos anos 70. Dentre outros, figuravam Cornélius Lúcifer, do *Made in Brazil*, e Simbas, da *Casa das Máquinas*, ambos conjuntos de rock que sempre apreciei.

À mesma época em que “conheci” Close, versos de uma canção de Pepeu Gomes me faziam refletir: “ser um homem feminino, não muda o meu lado masculino”, e “se Deus é menina e menino, eu tenho o meu lado feminino.”¹¹¹ Eu, que vinha de educação fundamentalmente (e fundamentalista) católica, estudando em colégio de freiras, ficava em dúvida: “Até que ponto um homem ou uma mulher podem ser femininos ou masculinos ao mesmo tempo? Se Deus (ou seria *Deusa*?) não tem sexo e somos feit@s à sua semelhança, por que deveríamos ter um sexo? Nem os anjos e anjas têm.” Talvez este tipo de inquietação tenha me estimulado a conversar acerca do assunto com outras pessoas durante o doutorado.

Este *entre-tempos*, contudo, não foi marcado por muitos hits da *mpb* ou rock nacional, pois meus gêneros poético-musicais favoritos eram o *classic rock* e o *heavy metal* estadunidense e europeu dos anos 1970 e 80. Morando na casa de meus avós, as paredes de meu quarto eram forradas de pôsteres de conjuntos como Led Zeppelin, Deep Purple, Van Halen, Whitesnake, The Doors e Iron Maiden. Minha avó às vezes comentava: “estes moços parecem mulheres prá mim”. Realmente, Robert Plant, Ian Gillan, David Lee Roth, David Coverdale, Jim Morrison e Bruce Dickinson – meus ídolos na época e cantores destes conjuntos – possuíam cabelos bem compridos, atributos (ainda) considerados femininos por muitas pessoas.

¹⁰⁹ Em 2014 entrou em cartaz o documentário *Olho nu*, dirigido por Joel Pizzin e distribuído pela Vitrine Filmes. Através de entrevistas, gravações caseiras, videocliques e aparições em programas de tevê, o documentário apresenta uma biografia de Matogrosso, da infância à carreira solo, transitando pelos Secos e Molhados.

¹¹⁰ Mais abaixo, imagens de integrantes do Dzi e outr@s artistas andrógin@s. A obra dos Dzi pode ser conhecida em documentário homônimo, referida no final da tese.

¹¹¹ O nome da música é *Masculino e Feminino* (1983). Imagem de Gomes no clipe no mosaico seguinte.

Imagem: Mosaico com artistas brasileir@s andrógin@s

Imagem: Mosaico com Morrison, Maiden, Coverdale, Purple e Lee Roth¹¹²

Além destes, outros artistas que emolduravam as paredes do meu quarto não só tinham cabelos compridos como se maquiavam, como Alice Cooper, David Bowie¹¹³ e os integrantes do Kiss, Mötley Crüe e Twisted Sister.¹¹⁴ O Queen, de Freddy Mercury, foi outra referência importante, ainda que não esteticamente. Todos possuíam comportamentos andróginos não só nos pôsteres mas em clipes e capas de discos de vinil. As imagens a seguir dão uma ideia sobre isto.

Mas podemos perguntar: será que havia (há) mesmo uma intenção destes artistas em se mostrarem andróginos, ou melhor, femininos? A androginia ou feminilidade eram (são) planejadas midiática/mercadologicamente, em um contexto de *faz parte do meu show*? Talvez o título de uma das canções de Cooper possa deixar no ar esta inquietação: *The man behind The mask*.

¹¹² Todas as imagens foram captadas dos perfis públicos dos artistas no FB.

¹¹³ Bowie criou uma identidade escancaradamente andrógina nos anos 1970, *Ziggy Stardust*, nome também de uma de suas canções.

¹¹⁴ Comenta-se que a maquiagem e performance dos Secos e Molhados influenciaram a constituição da identidade estética destes e de outros conjuntos.

Imagem: Mosaico com Stanley, Snyder, Crüe, “Tia” Alice, Queen e Bowie¹¹⁵

Independentemente das respostas, tais cantores povoaram meu imaginário e fizeram parte de meus esforços de (re/des)construção identitária: desde criança eu queria ser Bowie, Coverdale, Neil ou Dickinson. Outro de meus favoritos era Klaus Meine, da banda alemã *Scorpions*. Dentre minhas canções prediletas, figura a ambígua “He’s a woman, she’s a man” (1978), que aparentemente retrata o encontro de Meine com uma travesti.¹¹⁶ Comecei a escutar esta canção

¹¹⁵ Stanley (Kiss), Mötley Crüe, Snyder (Twisted Sister), “Tia” Alice Cooper, Crüe, Roger Taylor e Freddy Mercury (Queen), Bowie, Snyder, Bowie, Queen. No clipe de *I want to break free*, os 4 integrantes do Queen fazem uma paródia de gênero que aparentemente aponta para o feminismo e o ativismo gay. Todas as imagens foram retiradas dos perfis públicos dos artistas no FB, com exceção de uma ou outra, retiradas do Youtube.

¹¹⁶ A letra de *He’s a woman – she’s a man*, em tradução livre, “Eu @ vi caminhando sozin@ pela rua / Tranquil@ como um gato, loucamente limp@ / Eu olhei pela segunda vez, não acreditei / Oh, não, não, não / El@ virou-se bem na hora / Olhou para mim / Eu disse “Oh, não, não pode ser” / Era um homem, era uma mulher, também / Ele é uma mulher, ela é um homem / Ele é uma mulher, ela é uma – mulher / Eu acho que realmente el@ veio de longe / Eu estou sentindo a cabeça tensa, então tenho de ficar / El@ pega minha mão e diz: venha, vamos / Vamos, vamos, vamos / Nós estamos indo para casa, é bom e quente prá dizer / Ele começa a se mover, ela começa a brincar / Eu preciso de um corpo, por que não você? / Ele é uma mulher, ela é um homem / Ele é uma mulher, ela é uma – mulher / Ele é uma mulher, ela é um homem / Ele é uma mulher, ela é uma – mulher”. Em inglês o termo *it* é usado para designar coisas, ao invés de ela ou ele, *isto* – talvez possa ser utilizado também para designar um “terceiro gênero” ou algo não compreendido nem no feminino nem no masculino. Na tradução, utilizei o @ para

numa noite de 24 de abril, após a festa de meu aniversário de 11 anos: o álbum com o sugestivo nome *Taken by force* foi presente de uma tia após a comemoração em um restaurante (coincidentemente) alemão de São Paulo.

À época, como eu não entendia muito bem inglês, a frase adotava diferentes colorações na minha imaginação, ancoradas nas inquietações que eu já tinha sobre “identidades” de gênero. Para mim, o que os Scorpions queriam dizer era que uma mulher podia adotar comportamentos supostamente masculinos e o homem, as atitudes femininas que lhe conviessem. Tais inquietações expressavam dúvidas pessoais: afinal, eu mesmo, sou mulher ou homem? A minha aparência é que determina se sou feminina ou masculino? O que rege nossos comportamentos é o sexo/gênero que nos atribuem quando estamos na barriga de nossas mães ou quando nascemos? A palmadinha que @ obstetra nos dá no bumbum quando retirardes do aconchego uterino é que define nossos rumos (“é menina” ou “é menino!)? Eu pensava: será que a “identidade” é uma coisa única? Caso seja algo plural, as identidades são fixas? As classificações e categorias identitárias dão conta das experiências de todas as pessoas? Ou estas têm, naturalmente, expressões identitárias móveis, em trânsito? ¹¹⁷

Eu mesmo me identifico como alguém que reivindica uma quebra ou relativização das convenções (fundamentalistas) de gênero, crendo que as fronteiras de gênero impedem grande parte das pessoas de exercerem a mobilidade identitária e/ou o gênero que gostariam. Por conta deste posicionamento, há quem me entenda a partir de classificações como *agênere*, *genderless*, *genderbreaker*, *gender outlaw* ou *genderfucker*, expressões que identificam pessoas que procuram romper com concepções binaristas de sexo-gênero. Contudo tais expressões não encontram, para mim, tanto sentido, visto que não advogo isto para todo mundo. Acho bom para mim mesmo me sentir e me identificar – provisoriamente – como não-binária, mas não sou não-binarista. Há uma imensidão de gente cis e gente trans que vive bem enquadrada e integrada ao binarismo, muitas conscientes das mesmas, e sentem-se confortáveis desta forma, e os direitos destas se sentirem e permanecerem assim devem ser assegurados – assim como deve se garantir os direitos das pessoas não-binárias de assim serem e permanecerem.

substituir o *it*. No original: “I saw it walkin' lonely down the street / Cool like a cat, like crazy clean / I looked twice again, I can't believe / Oh no no no / It turned around right then / And looked at me / I said oh no, it really couldn't be / It was a man, it was a woman, too (...) I think it really came from far away / I'm feeling head uptight so I have to stay / It takes my hand and says come on, let's go / Let's go, let's go, let's go / We're goin' home, it's nice and warm to say / He starts to move, she starts to play / I need a body, why not you / He's a woman, she's a man / He's a woman, she's a – woman”.

¹¹⁷ Evidentemente, muitas crianças e adolescentes vivem em situações entre-gêneros em que não se identificam com nenhum gênero fixado. Diversas matérias recentes comentam sobre o assunto. Dentre estas, *Fotógrafa registra acampamento para crianças que questionam as normas da identidade de gênero* e *Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero*, ambas de 2014. Já sobre crianças trans em geral, recomendo o artigo *Transcrianças em sofrimento dispensável* (GASPODINI, *Transcrianças em sofrimento dispensável*, 2013).

Traçando um paralelo razoável, a pessoa pode se identificar “evangélica” e respeitar integralmente os fiéis de outras expressões religiosas, ou se classificar “branca” e respeitar pessoas que se declaram de outras “raças”, e todas viverem em harmonia independentemente de suas crenças em marcadores de diferença e identidade.

Além disto, eu mesmo não me entendo como alguém que milita constantemente pela relativização de tais normas. Muitas vezes me vejo reproduzindo e reiterando muitas delas, especialmente ao me identificar como sendo de um ou de outro gênero: assim, provavelmente eu não possa me identificar como uma *genderless*, uma “sem gênero”, ainda que por vezes goste de me imaginar de tal forma. Vejo-me mais como uma *entre-gêneros* do tipo¹¹⁸ que transita entre ambos, mas não encontra satisfação em estacionar em quaisquer dos polos, já que ambos parecem-me “incompletos”.

Se minha identidade de gênero caminha entre o *agênere* e o *bigênere*, ainda que “emocionalmente” eu apresente características convencionadas socialmente muito mais como “femininas”, atualmente minha *expressão de gênero* é mais masculina que feminina, o que é facilmente perceptível através do nome e apelidos com que costumo me apresentar – Eduardo, Edu, Du – das roupas que visto, de meu timbre de voz meio de barítono, o qual, como (ex) cantor de covers de classic rock, aprecio. Mas expressão de gênero e identidade de gênero não são a mesma coisa e nem sempre “concordam” uma com a outra. Quem me conhece costuma achar que tenho o corpo de “um homem” e a alma “de uma mulher” – ainda que provavelmente (não) entendam que *ser mulher* e *ser homem* sejam mais construções sociais que qualquer outra coisa.

Esta situação auto-biográfica de peregrinação *agênere* / *bigênere* faz com que eu me enxergue um pouco como um *logun edé*,¹¹⁹ neste *entre-lugar de gênero*.¹²⁰ E talvez esta situação cheia de

¹¹⁸ O termo *entre-gêneros* serve como amplo *guarda-chuva* para uma imensidão de situações identitárias de gênero, desde aquela referente a quem não concorda com o sistema corpo/sexo/gênero enunciado ao nascer (ou antes) e que faz transição até o sistema corpo/sexo/gênero de autidentificação estacionando neste, até quem não se situa no binário trans* e cis. Entre as *situações entre-gêneros*, pessoas cis também podem ser abarcadas.

¹¹⁹ Versões da história de Logun Edé narram que est@, filh@ de Oxum e Oxóssi, apresenta identidade feminina numa metade do ano e masculina na outra. Seria assim um@ orixá *entre-gêneros*. Logun Edé também é descrito como um@ orixá que transgredir normas, protege pescadores e ribeirinhos e representa elo com Oxalá. Seu caráter é formado a partir da relação entre transformação, transgressão e transcendência. Reginaldo Prandi conta: “Logun Edé era filho de Oxóssi com Oxun. Era príncipe do encanto e da magia. Oxóssi e Oxun eram dois Orixás muito vaidosos. Orgulhosos, eles viviam às turras. A vida do casal estava insuportável. O filho ficaria metade do ano nas matas com Oxóssi e a outra metade com Oxun no rio. Com isso, Logun se tornou uma criança de personalidade dupla: cresceu metade homem, metade mulher. Oxun proibiu Logun Edé de brincar nas águas fundas, pois os rios eram traiçoeiros para uma criança de sua idade. Mas Logun era curioso e vaidoso como os pais. Logun não obedecia à mãe. Um dia Logun nadou rio adentro, para bem longe da margem. Obá, dona do rio, para vingar-se de Oxun, com quem mantinha antigas querelas, começou a afogar Logun. Oxun ficou desesperada e pediu a Orunmilá que lhe salvasse o filho, que a amparasse no seu desespero de mãe. Orunmilá que sempre atendia à filha de Oxalá, retirou o príncipe das águas traiçoeiras e o trouxe de volta à terra. Então deu-lhe a missão de proteger os pescadores

instabilidade do *entre gêneros* possa ser associada, não só ao trânsito, mas a um ciborguismo de gêneros.¹²¹

Pessoalmente tenho dificuldades em me encaixar na maioria dos marcadores identitários, ainda que na tese eu me marque como ciborgue, entre-gêneros e não-binária. Mas uma das coisas com as quais eu me “identifico” desde criança é o rock n' roll. De tanto me identificar com os artistas acima, fui vocalista de conjuntos de *classic rock* e de baile paulistanos e em projetos de rock acústico, me apresentando em pubs e bares na mesma cidade.¹²² Cantei músicas de todos os artistas mencionados, além de um cover específico de Whitesnake acústico. E gostava de me apresentar maquiada em alguns dos shows.

Tive muitas pessoas como parceiras de palco e ensaio. Dentre elas, a cantora (nome feminino). Por volta de 2002, cantávamos em um conjunto de covers de hard rock/heavy metal paulistano. Além de cantarmos juntas, éramos amigas, mas por algumas razões paramos de compartilhar canções e deixamos de nos ver por uma década. Em 2014, uma solicitação de amizade me chegou no FB, acompanhada de uma mensagem: “ei, Du, que saudades, lembra de mim? A gente cantou junto!” Como eu não reconheci a pessoa da foto na hora, recebi o esclarecimento: “é (nome feminino),¹²³ digo era a (nome feminino). Naquela época eu me definia como mulher, hoje sou um homem trans”.

Claro, atualizamos / aprofundamos nossas conversas, desta vez tendo as (des/re)elaborações de gênero como foco. Em uma de nossas primeiras conversas, (nome feminino) me contou: “Du, quero mudar de nome logo, mas ainda não decidi qual. Alguns amigos deram sugestões mas não me decidi”. Sugeriu então algo como Rodrigo ou Ricardo, nomes que considero fortes, e caso quisesse um sobrenome, algo que fizesse um bom “par”, como Rodrigo Rocha. Na hora ele me contou que Rodrigo era o nome que sua mãe teria dado caso tivesse “nascido menino”, e que este seria o novo nome escolhido. A partir de julho Rodrigo atualizou seu perfil com este nome, acompanhado de seu sobrenome original.

e a todos que vivessem das águas doces. Dizem que foi Oyá quem retirou Logun Edè da água e terminou de criá-lo juntamente com Ogun” (PRANDI, Lenda 66, *Mitologia dos Orixás*, 2001).

¹²⁰ Ainda que a categoria *entre-gêneros* (2012) seja signatária do *entre-lugar* de Bhabha (1998), a expressão *entre-lugar de gêneros* é de minha autoria.

¹²¹ Estar em uma situação identitária móvel em relação a um marcador não presume que a pessoa necessariamente tenha a mesma mobilidade nos demais marcadores. Caixinhas identitárias mais fixas (“sou negra”) podem se relacionar com outras mais voláteis (“não tenho uma religião fixa”).

¹²² Performatizei canções de muitos destes cantores, além de outros, como *Elvis Presley*, *Rolling Stones*, *Dio* e *Judas Priest* (talvez eu não tivesse pôsteres de Presley, Mick Jagger, Ronnie James Dio ou Rob Halford, do Priest por não me identificar com a aparência destes – se bem que também não me identificava esteticamente com Meine nem com os rapazes do Twisted Sister que emolduravam meu quarto).

¹²³ Como as pessoas trans* binárias não costumam apreciar que seus nomes de registro sejam enunciados, o nome feminino de batismo de Rodrigo não foi mencionado.

Dali por diante, retomamos a amizade e iniciamos um novo projeto musical de rock n' roll. Sugeri o nome *T-Rox* para *parodiar* o dinossauro (T-Rex), indicando a ideia de que pessoas trans* arrebentam, arrasam ou coisa similar, ou *T-Rocks*.¹²⁴ Para iniciar tal projeto chamamos (outras) pessoas trans* que são instrumentistas: o baixista/guitarrista Christian Cavallera e a guitarrista/violonista Mari Messias.

Imagem: Página da T-Rox no FB

Além da formação “básica” da banda, pensamos em chamar pessoas para participações especiais, já que conhecíamos aproximadamente 10 instrumentistas trans*. Uma delas, para dividir vocais em algumas canções, era Cássia Martins. A maioria destas pessoas têm experiência de palco, algumas se identificando anteriormente de maneiras distintas da que se identifica atualmente. Cássia, por exemplo, hoje se identifica mulher transexual mas já se expressou como andrógina,¹²⁵ fazendo covers de *Marilyn Mason*.¹²⁶

Há diversos casos de cantor@s auto-declarad@s transexuais,¹²⁷ como Ryan Cassata, cantor estadunidense de pop rock, Raine Holtz do Through Waves, de world music/música celta, e

¹²⁴ *Rock* em inglês tem o sentido metafórico (ou não) de *arrasar, arrebentar*.

¹²⁵ Cássia é considerada referência brasileira quando se fala em androginia, tendo participado de programas de tevê como o de Ana Hickman. Um clipe de quando ainda se vestia andrógin@ cantando Marilyn Mason (e se apresentava como Cáh Mason) é Sweet Dreams (original do Eurhythmics) e está no Youtube. É bom lembrar que a androginia é percebida em por diversas áreas da sociedade, como a moda. Em alguns casos, a pessoa referida (ou ato-declarada) como andrógina passa a se identificar como transexual. É o caso da modelo Andrej Pejic, que no início de 2014 declarou publicamente sua transexualidade e fez cirurgia de redesignação sexual.

¹²⁶ Mason, aliás, é outro cantor de rock marcado pela androginia. Além dele, destacam-se nos chamados glam rock (rock glamouroso), glam metal – pejorativamente chamado de metal farofa ou hair metal – e dark glam metal, artistas como Gary Glitter, Poison, Stryper e Cinderella (estes dois últimos também relacionados ao white metal, ou metal com temática gospel). Há muitos outros conjuntos, como WASP, New York Dolls, Loudness, Faster Pussycat, Helix, Warrant, Nelson, Pretty Boy Floyd, Europe, Slade, Fish (ex-cantor do Marillion), Skid Row, Hanoi Rocks, Sweet e Slaughter. Saliento ainda o King Kobra: Mark Free, que tocou no conjunto, hoje se identifica como mulher transexual, adotando o nome Marcie Free. Como nos exemplos de Martins e Free, pessoas consideradas andróginas podem se apresentar em outros momentos como transexuais - e vice-versa - evidenciando mobilidades identitárias de gênero.

¹²⁷ Aparentemente, a primeira cantora de rock que se assumiu transexual assumida é Jayne County (ex Wayne County), da extinta banda de protopunk Queen Elizabeth. Além de Jayne, destacam-se: Laura Jane Grace (ex Tom

Anna-Varney Cantodea, do Sopor Aeternus & The ensemble of shadows, de darkwave, algo que se assemelha a um Joy Division mais soturno. No heavy metal o exemplo mais conhecido é o da cantora Marissa Martinez (até 2007 Dan Martinez), que explica fazer os mesmos vocais guturais de outrora já que se hormonizou tardiamente.¹²⁸ Outro caso que surpreendeu o mundo do metal foi o da transição do cantor da Life of Agony, Keith Caputo para Mina Caputo – literalmente, o cara “virou” mina, pondo fim a uma possível *agonia*.¹²⁹

No Brasil a cantora travesti mais conhecida foi Claudia Wonder, já falecida, da banda de punk rock Claudia Wonder e os Laptops.¹³⁰ Outras cantoras transexuais e travestis de destaque são Valéria Houston, que participou de campanha contra a homofobia no RS, Renata Peron, que gravou DVD com canções de Noel Rosa e outro de MPB, e MC Xuxu, travesti do funk que lançou o meme Um beijo pras travestis, febre na net.

Imagem da esquerda: Mosaico com Cassata, Cantodea, Holtz, Caputo e Martinez¹³¹

Imagem da direita: Mosaico com Houston, Wonder, MC Xuxú e Peron¹³²

Gabel), da banda de punk rock *Against Me!*, Genesis Orridge (ex Neil Megson) da *Throbbing Gristle*, de rock industrial e Dee Palmer (ex David Palmer), tecladista do *Jethro Tull*, atualmente em carreira solo.

¹²⁸ Marissa explica ainda que “sou muito mais cantada hoje em dia! Nunca recebi uma cantada no passado, e hoje os homens realmente caem em cima”. *Pioneira no metal extremo, transexual rompe barreiras, mantém “urros” e é até cantada por fãs*, 2014.

¹²⁹ Uma matéria sobre o retorno do Life of Agony, capitaneado por Mina Caputo está em *Lado Bi: O heavy metal e a comunidade LGBT estão mais próximos?* (2014) O nome da matéria parece reforçar o estereótipo que confunde identidade de gênero com orientação sexual. Provavelmente o jornalista pensou em bissexualidade e não bigeneridade.

¹³⁰ Para saber mais sobre a trajetória dela, recomendo o documentário *Meu amigo Cláudia*, de 2013.

¹³¹ Na ordem, Ryan Cassata aderindo ao *selfie*, Anna-Varney Cantodea, Raine Holtz, Keith Caputo/Mina Caputo, Dan Martinez/Marissa Martinez,

¹³² Imagens de FB e Youtube.

É bom realçar que tais pessoas só devem ser entendidas como transexuais, travestis ou outras definições quando assim definidas por si mesmas. O mesmo vale para artistas considerad@s andrógin@s, como Prince, Grace Jones, Boy George, Antony (Antony and the Johnsons) e Bill Kaulitz (Tokio Hotel), além de JD Samson, apresentad@ pela mídia como “nascida mulher” e “andrógina”,¹³³ ainda que apresente-se de modo masculino e não andrógino, ao menos na minha opinião. Como não vi (li) nada a respeito de sua auto-definição de gênero, se é que ela/e se define, fica a questão no ar.¹³⁴ Apesar da mídia se referir a tod@s artistas acima como andrógin@s, a “definição” é claramente problemática visto não levar em consideração as auto-declarações identitárias (ao menos da maioria) destas pessoas. A necessidade da escuta da definição pessoal reside nas linhas tênues entre androginia, crossdressing, travestilidade, não-binariedade, transexualidade e outras variabilidades de identidade e/ou de expressão de gênero.

Estas pessoas se classificariam como andróginas? Trans? Só saberíamos mesmo as escutando/lendo. Assim, deixamos todas estas classificações em suspeição/suspensão, já que, como salientei diversas vezes, o que importa é a auto-definição.

Para evidenciar algumas das discussões de gênero (e religiosas!) recentes envolvendo representações e (auto)identificações, apresento outr@ cantor@,¹³⁵ que por vezes é identificad@ midiaticamente como gay andrógino, gay cross dresser, e no mais das vezes, como uma drag – ou ainda, uma “drag queen barbuda”: Conchita Wurst.

¹³³ Utilizo aqui o @ por ter dúvidas em relação à definição de Samson como mulher andrógina – visto que não escutei declarações d@ mesm@ a respeito e el@ me pareça, mais que andrógina, um rapaz (independentemente de ter nascid@ assignad@ mulher, o que me importa é como Samson se declara).

¹³⁴ À propósito, uma pista pode estar no nome de seu conjunto: MEN. JD Samson, também conhecid@ como Le Tigre, é apresentada como uma mulher, ativista gay. *JD Samson, do Men e do Le Tigre, fala sobre show no Brasil e casamento gay*.

¹³⁵ Até julho de 2014 não sabia como identificar esta pessoa, se no feminino, no masculino ou na “linguagem andrógina.

Imagem: Conchita Wurst¹³⁶

@ austríac@ Conchita Wurst venceu o Eurovision, importante concurso de música europeu, em maio de 2014 com a canção Rise like a Phoenix, trilha de um dos filmes do James Bond.

A vitória del@, se agradou a muit@s (como eu), também gerou resistências. Ao mesmo tempo em que foi recebida por centenas de austrícas com barbas postiças para prestigiar sua vitória, “bombaram” campanhas no FB com homens fazendo a barba como sinal de protesto à conquista de Wurst. Seu triunfo

ultrapassou as fronteiras do programa e avivou o debate sobre os direitos dos homossexuais na Áustria, até o ponto de o governo querer começar a legislar sobre temas como a adoção e o casamento gay. Conchita, o “alter ego” de Tom Neuwirth, um cantor homossexual de 26 anos, já conseguiu levar sua mensagem de tolerância e respeito com seu nome artístico, e chegou tão longe que receberá neste domingo todas as honras do chanceler federal, o social-democrata Werner Faymann.¹³⁷

Fica aqui a indagação: Tom Neuwirth “controla” Conchita Wurst? Wurst “controla” Neuwirth? Há mesmo alguma distinção entre amb@s? Onde um@ começa e @ outr@ acaba – se é que isto acontece?

Para a colunista Lindsay Lohanne, auto-declarada mulher trans, a apresentação de Conchita

foi um ato político que converteu o jovem artista em figura midiática europeia, adorado em seu país e em todo o mundo gay. Mas também tornou-se odiado na Rússia “A tolerância não tem fronteiras. Apesar disso, existem lugares na Rússia onde sou muito bem vinda”, disse Conchita (...) “Graças a Conchita, a Áustria ganhou uma nova imagem, a imagem de um país tolerante”, escreveu o

¹³⁶ *Líderes religiosos acusam drag queen barbada de ser a causa das enchentes na região dos Bálcãs*, Folha, 2014.

¹³⁷ *Triunfo de Conchita Wurst aviva debate sobre direitos dos homossexuais*, Jovem Pan, 2014.

jornal Kurier, ao avaliar a dimensão que teve a vitória da cantora. “É uma mensagem de tolerância dirigida a Putim”, destacou o jornal Kronen Zeitung. O presidente da Áustria, Keinz Fischer, comunicou que a vitória de Conchita Wurst, além de ser uma vitória para a Áustria, era um triunfo da diversidade e da tolerância na Europa. “O fato de ela ter dedicado sua vitória a todos aqueles que acreditamos num futuro de paz e liberdade a torna duplamente valiosa”, escreveu o presidente no seu perfil no Facebook, onde também postou uma foto sua com ela.¹³⁸

Para Lohanne, “Conchita é uma jogada de marketing que deu certo”:

Thomas Neuwirth é mais conhecido por criar junto com a televisão ORF, sua personagem barbuda Conchita Wurst, uma Drag Queen (...) A orientação sexual de Thomas é como gay assumido e traz características andróginas e comportamentos de um gay afeminado (uma versão brasileira de Serginho do BBB) (...) Thomas tornou-se vitrinista profissional e seguia sua vida com a certeza de que poderia ter sucesso no mundo da música. Nasce então o personagem Conchita, uma drag de barba farta e maquiagem feminina.¹³⁹

Em relação a como el@ se identifica, até junho de 2014 a única referência que eu havia encontrado foi: “é a minha verdade. Me deixa confortável no palco. Eu me amo e uma mulher com barba é divertido e mostra tudo o que sinto”.¹⁴⁰ Em 27 de maio perguntei a Leticia Lanz, psicalista auto-declarada mulher trans*, no chat do FB se ela tinha visto Conchita se identificar em algum lugar, ao que ela respondeu:

pra mim o ponto mais importante da Wurst é exatamente a sua total imprecisão identitária. É essa imprecisão que deixa os fundamentalistas de gênero loucos da vida (e eu, feliz...). O rosto dela, barbado, já é mais do que uma entrevista, não? O corpo abjeto é o passaporte da indefinição. A menos que se tratem de cisgêneros enrustidos.¹⁴¹

Também fiquei feliz em imaginar que el@ simplesmente não se define: ninguém deve abdicar de sua(s) identidade(s) e nem deve declarar (ou ter) identidade alguma se não quiser. Mas prossegui tentando descobrir se no momento el@ se identificava. Fui avisado por Malena/Arthur de Oliveira.¹⁴²

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ *Conchita é uma jogada de marketing que deu certo*, Leollo, 2014.

¹⁴⁰ Feita ao programa Graham Norton Show. *Líderes religiosos acusam drag queen...*, Folha, 2014.

¹⁴¹ LANZ, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

¹⁴² A versão em inglês da Wiki explica: “Neuwirth describes himself as a gay man and uses female pronouns to describe his Wurst character, but male pronouns when referring to himself”, indicando uma reportagem e a biografia de Conchita, em que ela comenta sobre isto. Conchita Wurst, *Wikipedia*. O site Gay star news corrobora tal versão: “behind the makeup is gay singer, Tom Neuwirth, who describes himself as a man and Wurst as a character he plays. He does, however, use female pronouns to describe himself when he plays as Wurst”. *Gay star news*, 2013. E como o próprio Neuwirth conta, “The private person Tom Neuwirth and the art figure Conchita Wurst respect each other from the bottom of their hearts. They are two individual characters with their own individual stories, but with one essential message for tolerance and against discrimination (...)Because of the discrimination against Tom in his teenage-years, he created Conchita, The Bearded Lady, as a statement. A statement for tolerance and acceptance - as it's not about appearances; it's about the human being. 'Everybody

Imagem: Arthur/Malena fala sobre Conchita

Como vemos, à época, julho de 2014, a imagem do perfil pessoal de Malena/Arthur era uma foto de Conchita, que se definiu como homem cis, gay. Ainda assim, sua imagem pode satisfazer muit@s subversiv@s/anarquistas de gênero. Mas o efeito contrário também ocorre: muitas pessoas, inclusive religiosas, resistiram à sua aparência entre-gêneros. Líderes religios@s dos Balcãs @ acusaram de ser responsável por uma enchente ocorrida na região, que deixou cerca de 50 pessoas mortas e 150 mil obrigadas a deixar suas casas – o que seria uma “punição divina” por sua vitória no Eurovision.¹⁴³ Esta interpretação demonstra um discurso religioso/generificado com bases em uma leitura bíblica fundamentalista religiosa/generificada. O caso de Conchita talvez tenha algo a ver com o que Sergio Viula diz: “a satanização da homossexualidade é seguida de perto pela ideia de que os homossexuais precipitam o juízo divino sobre a sociedade”,¹⁴⁴ e nos leva a este segundo marcador de gênero: o da religião/religiosidade. E como eu me situo biograficamente neste ponto e em outros?

Atualmente não me fixo em nenhum dos marcadores sociais de identidade de que me recordo: nação, etnia, raça, gênero, orientação sexual, e religião. Ainda que em alguns casos, como neste último, eu já tenha feito tentativas de me situar. Guardo por exemplo, a crença de que (ao menos a maioria) das palavras atribuídas a Jesus seriam uma inspiração a um mundo mais harmonioso. E ao citar isto, demonstro ser um resultado/(re)produção de algo entre-religiões/religiosidades com ênfase nos ensinamentos cristãos, que me foram anunciados e (re)iterados desde a infância, alcançando certa performatividade em alguns momentos.¹⁴⁵

Estudei em externato católico de freiras até os 14 anos, mas já antes disto procurava ler sobre quaisquer formas de espiritismos, ocultismos e magias que me apareciam pela frente. Frequentei

should live their lives the way they want, as long as nobody else gets hurt or is restricted in their own way of life.” Biography, *Conchita Wurst*, 2014.

¹⁴³ Amfilohije, patriarca de Montenegro, explicou que a enchente “não foi uma coincidência, mas um aviso”, e que “Deus manda as chuvas como um lembrete”. Já o patriarca Irinej, líder da Igreja Oriental Ortodoxa da Sérvia, explicou que as enchentes foram “punição divina pelos vícios” dos sérvios e que “Deus está lavando a Sérvia de seus pecados” – Wurst seria para tal igreja “uma abominação” e sua vitória, “um passo a mais para a rejeição da identidade cristã na cultura europeia”. *Líderes religiosos acusam drag queen barbada...* Folha, 2014.

¹⁴⁴ VIULA, *Em busca de mim mesmo*, 2010, p. 89.

¹⁴⁵ Butler trabalha o conceito de atos reiterativos de fala relacionados à performatividade de gênero, como consta no tópico sobre teoria queer e no dicionário. Tal ideia pode ser aplicada a quaisquer marcador identitário, como o da religião/religiosidade, como demonstrarei adiante.

centros kardecistas, dentre eles, a Federação Espírita de São Paulo, por sete anos, onde fiz cursos de telepatia, desenvolvimento mediúnico, e esboços de psicografia e pictopsicografia. Ao mesmo tempo, visitava terreiros de umbanda, igrejas evangélicas, mesquitas e cerimônias de bruxaria.

A partir de 2005 minha curiosidade como peregrine religiosa foi mesclada com a de pesquisadora no sentido mais “formal”. No verão deste ano me mudei de São Paulo para Florianópolis e conheci a sede da filial local da Bola de Neve Church (BDN), conhecida como Bola de Neve Floripa (BDNF), que ficava no Rio Tavares, próxima da casa onde residi, no Campeche. Entre *afeto*¹⁴⁶ e *(des)afeto, participação observante*¹⁴⁷ e *observação participante*, frequentei/visitei esta e outras agências evangélicas da cidade, como a Banca de Rap Cristão (BRC), os Surfistas de Cristo e a Calvary Chapel. Nesta, fiz parte do ministério de louvor e fui convidada a fazer seminário teológico no exterior para me tornar pastore da mesma. Abduquei do convite para realizar minha pesquisa de mestrado em História sobre a BDN, na UDESC.¹⁴⁸

Após 2008, peregrinei entre templos do hinduísmo, terreiros de umbanda e centros espíritas. Minha biografia continuava atravessada por uma vivência *entre*-religiosidades: todos estes ambientes me pareceram, provisoriamente, bons e ruins ao mesmo tempo, e eu não conseguia me classificar ou declarar fiel de nenhum destes – *nem crer e nem pertencer*. Em 2010 prossegui minha observação participante – de modo pouco intenso – na BDNSP, iniciando a publicação de alguns trabalhos. Em 2011 não realizei novas pesquisas sobre a agência, mas continuei refletindo sobre seus agenciamentos – especialmente relativos ao uso do marketing.

Em 2012, novamente em Floripa, retomei minha observação participante na BDNF, nos intervalos de minhas reflexões acerca da tese, a fim de acompanhar suas *inovações e continuidades*, marcando um momento de *reencontro* com a mesma em que fui convidada a *retornar* à igreja e participar de ministérios como o de *louvor evangelístico* a fim de cantar *gospel rock* e *reggae*.

Por ocasião da tese, tive a oportunidade de conhecer outras experiências religiosas, e vivenciar algumas por mim mesma, como terreiros de Almas e Angola e Candomblé Ketu (africanista), em São Paulo e Florianópolis. No mesmo ano, fui convidada pela diretoria da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões) para fazer a organização geral do 1º Simpósio

¹⁴⁶ SAADA, *Ser afetado*, 2005, pp. 155-161; GOLDMAN, *Jeanne Favret-Saada*, os Afetos, a Etnografia, 2005, pp. 149-153.

¹⁴⁷ WACQUANT, *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, 2002.

¹⁴⁸ A dissertação, chamada *A grande onda vai te pegar: mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church*, foi defendida em fevereiro de 2010 no PPGH da UDESC e foi orientada e coorientada por Márcia Ramos de Oliveira e Artur Cesar Isaia.

Sudeste da ABHR (que depois se tornou concomitantemente 1º Simpósio Internacional da ABHR, e que teve como tema as *Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. Tal evento marcou o lançamento de meu livro *A grande onda vai te pegar* e espécie de reencontro com a BDN, como explico no *diário de bordo em rede e na rede*.

Mas como me *indefinir* atualmente? Sou uma pessoa sem religião (ainda que seja admirador confesso de “JC” e tente seguir as palavras a ele atribuídas), sem identidade de gênero clara, assim, brincando com as palavras, ou as sub/pervertendo (como fez a teoria queer adotando o nome queer),¹⁴⁹ ume *degenerate*. Como a orientação sexual se define a partir da identidade de gênero, e não possuo uma definida, também não tenho orientação sexual definida¹⁵⁰ (ainda que minha atração se dê em relação às mulheres), assim, sou ume *desorientade*. Ou ainda é possível pensar: se a identidade de gênero é não-binária, a orientação sexual também pode ser não-binária.

Como costumo dizer, a pessoa pode ser tudo: sem gênero, sem raça, sem nacionalidade, sem religião, sem classe social (importante não ser ume desclassificade, claro), sem orientação sexual. Só não pode/deve ser ume sem-caráter. E aqui eu me defino: caráter eu tenho: sou uma *pessoa de caráter*, se é que ter ou não caráter seja algum tipo de marcador social.

Ainda pode ficar, de toda esta exposição, uma dúvida à/ao leitor@: “Eduardo/Edu/Du nasceu ‘menina’ ou ‘menino’?” Ou “qual o sistema de sexo-gênero atribuído a ele/a no nascimento?” Para matar a curiosidade, segue uma imagem de minha infância:

“A imagem não pôde ser carregada”

¹⁴⁹ Comento sobre isto no dicionário e no capítulo “*Você é trans ou é cis?*”

¹⁵⁰ Caso eu me definisse como mulher, por ter atração por mulheres, me classificaria como lésbica. Se me declarasse como homem, por ter desejo sexual e afetivo por mulheres, me entenderia como hetero. Mas ao me (in)definir como pessoa entre-gêneros não-binária, ou simplesmente PESSOA ou GENTE, não me defino em termos das orientações sexuais socialmente presumíveis.

Infelizmente, não foi possível baixar a imagem completamente. Talvez por que eu mesmo não tenha sido inteiramente “baixade”. E brincadeiras à parte, não vejo necessidade de explicar / justificar com que sexo-gênero fui designado no nascimento nem se passei ou não por intervenções para adequar minha expressão de gênero à minha identidade de gênero. Isto pode ficar por conta da imaginação d@ leitor@, caso est@ julgue seja necessário.

Estas experiências marcadas pelo (não/des/re)encaixe fizeram, de certo modo de mim uma *ciborgue de gênero* e uma *ciborgue religiosa*, algo híbrido e não fixado identitariamente: nem mulher nem homem, nem de uma religião nem de outra, e daí por diante – assim como provavelmente alguns/mas d@s companheir@s de jornadas da tese – outr@s, trans* ou cis, são muito bem definid@s e fix@s em suas identidades de gênero e/ou religiosas.

Ciborgue, como já dito, é entendido aqui também como aquel@ que é meio máquina / meio gente, ou seja, *nós* que estamos constantemente imbricad@s às máquinas (ou/e seria vice-versa?). Afinal, o que seria desta tese (e de mim) sem um notebook, sem a internet? E @ leitor@, que provavelmente esteja lendo esta tese através de seu computador – se consideraria neste sentido um@ *ciborgue* – ou em qualquer outro sentido? E claro, vivo (ou tod@s vivemos) entre outr@s ciborgues, tanto as pessoas que se mostram parte gente/parte máquina, como as pessoas que experimentam estes ciborguirmos religiosos, de gênero ou relativos a outros “marcadores” de “identidade” e de “diferença”.

Podem me perguntar: “você foi influenciado por alguma teoria sobre identidades?”, ao que respondo: *não*. Questionar e caminhar entre (não)identidades é algo que me marca desde criança. Por outro lado, há uma teoria à qual me identifico, ao menos em parte, a *queer*, que apresento adiante. Tal biografia, *meio queer*, se conecta ao *Diário de bordo em rede e na rede*, que segue.

*D*iário de bordo *em rede e na rede*

Well I left my happy home to see what I could find out
I left my folk and friends with the aim to clear my mind out
Well I hit the rowdy road and many kinds I met there
Many stories told me of the way to get there
So on and on I go, the seconds tick the time out
Theres's so much left to know, and I'm on the road to find out

*Bem, eu deixei meu lar feliz prá ver o que poderia descobrir
Deixei minha turma e amigos prá esvaziar a minha mente
Bem, eu peguei a estrada agitada e encontrei muitos tipos lá
Que me contaram muitas histórias sobre como chegar lá
Então eu continuo indo, os segundos marcando o tempo
Tem tanta coisa prá aprender, e estou na estrada prá descobrir
Cat Stevens*

*E*ste diário pode ser pensado através de supostos do NEHO/USP como comunidade de destino, ponto zero, colônias, redes. A *comunidade de destino*, coletividade ampla com um laço identitário comum, é formada pelas pessoas entre-gêneros em geral.

O ponto zero, ou melhor *os pontos zero*, são as pessoas que sugerem contatos com diferentes colônias ou redes.¹⁵¹ Na tese, foram vários, vistos tanto “on” quanto “off-line”. As *colônias*, subdivisões da comunidade de destino, são representadas por pessoas de diferentes identidades e expressões de gênero trans*, dentre estas, travestis, homens transexuais, mulheres transexuais, trans* não-binárias, crossdressers, drag queens, além de pessoas ex-trans* e cis. As *redes*, divisões das colônias, são agrupamentos de pessoas entre-gêneros como: integrantes das RC, frequentador@s das igrejas inclusivas LGBT, garotas de programa do centro de SP, artistas do Satyros, ativistas TTs em eventos e no CRD, indígenas de SGC, internautas do FB, missionári@s, ex-missionári@s, frequentador@s e ex-frequentador@s de ministérios de conversão de travestis.¹⁵² Iniciemos nosso diário de bordo com uma anotação de caderno de campo de 2010.

¹⁵¹ Apresento mais adiante imagens destas redes com seus pontos zero.

¹⁵² Latour traz outra concepção sobre *redes*, relacionada à *teoria actante-rede*, em que sugere que sigamos os fluxos das pessoas a quem pesquisamos – o que procurei fazer nesta tese. Para saber mais sobre tal teoria, *acesse os Anexos*.

C heguei às 15 prás seis no metrô Santa Cecília. O dia estava bonito, isto é, bonito até onde um enfumaçado domingo paulistano pode ser. Foi uma tarde quente e abafada. Caminhei pela rua Sebastião Pereira uns 100 metros até aportar em meu destino. Do lado de fora, coletores de lixo organizavam caixas de sobras de alimentos da feira dominical para levarem às suas casas, ladeados pelo caminhão de lixo estacionado, e na calçada oposta, um grupo de aproximadamente 12 moradores de rua encontravam-se sentados.

Alguns, não obstante o calor que fazia encontravam-se enrolados em cobertores. Outros conversavam acaloradamente sobre assuntos os quais não pude distinguir dada a distância, enquanto alguns pareciam consumir *crack* e cola de sapateiro. Todos entretidos com seus afazeres, não pareciam dar muita importância às pessoas do outro lado da rua, em sua maioria homens, que subiam os degraus em direção a mais um culto cristão evangélico.

O corrimão que auxiliava o acesso ao *hall* do andar superior encontrava-se iluminado para o Natal, prenunciando um pinheiro artificial recém-montado e que se acompanhava por uma mesa de venda de livros sobre teologia inclusiva e cruzes coloridas e outra de compartilhamento de refrigerantes, doces e salgados. Fui recepcionado por Ney, o qual já conhecia de outras visitas, e após cumprimentar algumas das pessoas que se situavam no salão principal, sentei-me para ler o roteiro de celebração dominical.

O culto foi aberto por Josiane Sousa, que fez a acolhida de boas-vindas. Logo em seguida Josiane procedeu à oração inicial e à leitura de um salmo, sendo acompanhada pelos cerca de 40 membros presentes. Na sequência, Josiane apresentou o conjunto de louvor da igreja, do qual faz parte como uma das cantoras, com seu irmão Levi de Souza, que ministrou frente ao púlpito. Acompanhados ora por *playbacks*, ora por um violão (em outras ocasiões as vozes foram acompanhadas pelo tecladista Márcio Arruda), Levi e Josiane conduziram os crentes da igreja através de cânticos típicos do pentecostalismo, como Deus do Impossível e Rompendo em Fé.

Logo após os cânticos Josiane retorna à frente do púlpito para ler trecho do evangelho de Lucas. Ao contrário do que ocorrera no momento de louvor, quando a maioria das canções foram acompanhadas pela maior parte do público, a voz de Levi foi acompanhada em silêncio durante o cântico de contrição, onde preparou-se os crentes à escuta da mensagem

dominical, conduzida pelo diácono Dário Ferreira Sousa Neto, irmão de Josiane e Levi. A mensagem foi seguida da ministração de dízimos e ofertas conduzida por Josiane.

Dário, em seguida, celebrou o rito da Santa Ceia, procedendo oração de agradecimento e consagrando o pão e o vinho (no caso, o suco de uva), sendo acompanhado pelos fiéis no ‘Cordeiro de Deus, que tirai o pecado do mundo, tende piedade de nós; Cordeiro de Deus, que tirai o pecado do mundo, dai-nos a paz’ e na oração do Pai Nosso. Chamou em seguida a todos que quisessem participar para que se dirigissem à frente do púlpito para receberem do simbolismo do corpo e sangue de Cristo e serem abençoados por um dos líderes da igreja. Usualmente, a benção dos fiéis recebia a participação dos dois reverendos da ICM na época, Cristiano Valério (fundador e líder, até hoje) e Fausto Felice (ex-padre católico que depois deixou a ICM). Como ambos ausentaram-se neste dia, a função coube a Dário e Josiane, além do diácono Thiago Figueredo.

Como se percebe, afora o fato da hibridação ritual de elementos evangélicos e católicos, dando um toque ecumênico à liturgia, todo o culto transcorreu de maneira convencional e tradicional. O que muda¹⁵³ é o fato de que @s líderes da ICM, bem como a maioria dos seus membros, possuem orientação homoafetiva ou identidade de gênero “divergente”: os irmãos Dário e Levi são gays e sua caçula Josiane, hétero, é uma travesti, e os três são vind@s da Assembleia de Deus. Uma reunião evangélica, com elementos litúrgicos católicos, e conduzido por três irm@os identificados como LGBT é algo que, como considero, representa espécie de transgressão em relação ao que se acostumou a pensar de um culto evangélico ou de uma missa católica, e uma *ministra de louvor travesti*, e que tem sua renda como garota de programa, mais ainda.

Trecho do diário de campo de 21 de novembro de 2010

Considero o momento retratado neste texto uma espécie de *largada* para a minha tese de doutorado em andamento. A liturgia descrita apresenta Josi, uma travesti que na época trabalhava como garota de programa, como uma líder religiosa evangélica. Isto é comum ou incomum?

De acordo com o que observei ao circular por diversas religiões e com as conversas que mantenho com pessoas entre-gêneros desde 2010, o “normal” é que tais pessoas sejam estigmatizadas, patologizadas e *pecadologizadas* (ou interpretadas como frutos de pecado,

¹⁵³ Importa realçar que estas são anotações de campo contextuais de 2010, há outras coisas que diferenciam a ICM de outras igrejas, inclusive de outras igrejas inclusivas. Uma delas é a leitura bíblica fundamentada no método histórico-crítico (algo que não é prerrogativa da ICM), o que veremos posteriormente no capítulo sobre as *Paisagens em movimento*.

aberrações, abominações a Deus e desprezadas pelo mesmo, satanizadas, etc). Daí o impacto que tive ao assistir o acolhimento de uma travesti (posteriormente autodesignada transexual) na liderança de uma igreja. Mas antes de comentar sobre algumas das pessoas que personificam esta experiência de campo, convém lembrar como se deu meu interesse por este tema.

Defendi minha dissertação de mestrado em fevereiro de 2010, no PPGH da UDESC,¹⁵⁴ tendo pesquisado sobre as relações entre marketing, espetáculo e internet na BDN, agência evangélica de características majoritariamente neopentecostais.¹⁵⁵

No mês seguinte, viajei de Floripa para São Paulo com alguns objetivos: conhecer o NEHO/USP, coordenado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, fazer disciplinas como alune especial no PPGH da USP, prestar o processo seletivo para o doutorado no mesmo programa e estudar novas manifestações religiosas, especialmente relacionadas com agências evangélicas que se definem como *underground* ou alternativas. Dentre estas, me chamaram a atenção as que se utilizam do *heavy metal gospel* como “ímã para metaleiros”¹⁵⁶, como a Crash Church, e as que têm como mote principal a sexualidade, como a Sexxx Church.¹⁵⁷ Agências como esta, ainda que se promovam a partir de slogans como “somos uma igreja cristã pornô”, atendendo especialmente através de sua plataforma virtual, chamada de “site pornô-cristão”, tratam a sexualidade de modo menos flexível do que parece, o que se identifica através de tópicos do seu site como “a pornografia estupra a sua mente.”¹⁵⁸ As três igrejas citadas e terminadas com *Church* podem ser consideradas exemplos recentes da aparente flexibilização de usos e costumes imbricada com conteúdo megaconservador – o que convenciono como uma mescla entre *discursos derretidos e congelados*, ou parodiando o texto bíblico, *vinho velho em*

¹⁵⁴ MARANHÃO F^o, *A grande onda vai te pegar: Mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church*, 2010a. PPGH da UDESC: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

¹⁵⁵ Como comentei, convenciono a BDN como “agência evangélica de características (majoritariamente) neopentecostais sabendo que tal termo é insuficiente para explicá-la”, dado que trata-se de “agência em processo de (re)elaboração de suas práticas, discursos e identidades religiosas” (MARANHÃO F^o, 2012d, p. 236.) A insuficiência das “categorizações comumente utilizadas pel@s pesquisador@s de fenômenos associados ao universo evangélico alcança também termos “consagrados” como *neopentecostalismo*, utilizado por Ari Pedro Oro em 1992 e feito mais conhecido por Ricardo Mariano a partir de 1996, e *ondas pentecostais*, conhecida através de Paul Freston, inspirado, segundo Leonildo Silveira Campos e o próprio Mariano nas obras de Peter Wagner (BURGESS, 1995, p.810, *apud* CAMPOS, 1997) e de David Martin (1990, *apud* CAMPOS, 1997), além de um meu, *neopentecostalismo de supergeração* (2010f), que assim como os demais, não dão conta de explicar a mobilidade e hibridismo das experiências religiosas em nível individual e/ou institucional, ainda que possa servir como recurso didático” (idem, 2012d, p. 236).

¹⁵⁶ Idem, 2012d, p. 240.

¹⁵⁷ Ibidem, 2012g, pp. 201-232.

¹⁵⁸ MARANHÃO F^o, 2012b, p. 218. Outros ministérios *underground* paulistanos, como a Capital Augusta, a Crash Church e o Projeto 242, conforme identifiquei em reuniões que participei, tem a *sexualidade* como um dos temas centrais, compartilhando assim do mesmo território de disputa, a preferência destes jovens (MARANHÃO F^o, idem).

odres novos – novas roupagens camuflando discursos muitas vezes reacionários, intolerantes e discriminadores.

Outras agências evangélicas possuem discursos especificamente voltados para públicos que costumam ser discriminados por conta de suas orientações sexuais, como as *inclusivas LGBT*, por exemplo. Em maio de 2010, coordenei, em companhia de Eduardo Paegle, na UFV, um GT sobre Religiões e Religiosidades. Em um dos dias do evento, zapeando na tevê do hotel em que nos hospedamos, aportamos no Superpop, programa de Luciana Gimenez, onde ocorria um debate acalorado entre pastores que se definiam inclusivos LGBT, líderes da Igreja Contemporânea, do Rio de Janeiro, e pastores que entendiam a homossexualidade como “abominação perante Deus”. Esta foi a primeira vez que me recordei ter escutado sobre as inclusivas LGBT.

Em julho, fui a um evento na USP Leste com minha amiga Viviane e seu filho Davi¹⁵⁹ e assistimos uma mesa sobre gênero. Entre os participantes desta estava o reverendo Cristiano Valério, já citado, líder da ICMSP, inclusiva LGBT. Curios@s, fomos à reunião dominical da ICM na semana posterior. A ICM fica próxima ao metrô Santa Cecília, no bairro homônimo, no centro de São Paulo, e para chegar a mesma é preciso subir uma escadinha estreita, que dá acesso ao hall e antecede o espaço de culto. Chegamos e nos sentamos ao fundo. Anotei algumas coisas e conversamos baixinho a respeito de outras. Uma das coisas que notamos inicialmente é que quase inexistiam mulheres, e que os homens não demonstravam estereótipos atribuídos comumente à homossexualidade, como trejeitos e vestimentas femininas. Alguns estavam acompanhados de seus companheiros, outros encontravam-se sozinhos. Uma das pessoas que aparentavam mais feminilidade – androginia, na verdade – estava bem à nossa frente e descobrimos, quando a mesma foi chamada à frente do altar para anunciar os recados da comunidade, que era conhecida como Ed, Val e também *ValdirenePontoCom*. Val era, como um@ fiel comentou, um rapaz travesti. Outra pessoa disse que era drag. Não importava, afinal era uma pessoa muito gentil e cordial. Além disto, já havia ganho nossa simpatia com as exclamações durante o culto: *arrasou Jesus!*

No mesmo culto, um@ fiel disse: “seja bem vindo a esta igreja inclusiva, Deus é um arco-íris imenso”. Agradei mas pensei: “o quanto é imenso este arco-íris? Quem esta igreja inclui? Gays? Lésbicas? Pessoas trans*? Heteros também? Trata-se de igreja inclusiva ou

¹⁵⁹ Davi nos acompanhou na ICM por diversas vezes, sendo muito querido na igreja. Lembro de uma história curiosa, de um parente que perguntou a ele: “quer dizer que você está indo naquela igreja de gays?” Ele respondeu: “não sei se tem algum gay lá, eu só vi *pessoas* mesmo”. É, às vezes @s adult@s têm muito a aprender com as crianças.

exclusiva?” Até então, era muito perceptível a presença de homens gays. Escutei, ainda em 2010, pessoas da igreja comentarem que “as lésbicas parecem ter dificuldade de vir à igreja, de abrir o coração pra Deus”. Me pareceu uma resistência à presença das mesmas, mas me mantive observando. Com o decorrer dos anos, foi sendo ampliada a presença de mulheres, em maioria cis lésbicas, e algumas transexuais hetero e bi. A presença trans* à época era ínfima. Caso Val fosse considerada trans* – ou melhor, caso *ela se considerasse* assim – seria uma das duas únicas moças trans* da ICMSP à época. Ou ao menos, declaradamente trans*, visto que a pessoa pode se sentir ou se saber trans* e guardar para si – o que não a faz menos trans* que as que assumem publicamente.

Ao final da reunião, conversamos brevemente com algumas das pessoas – inclusive o reverendo Cristiano, mais conhecido como Rev Cris –, e posteriormente, retornei à ICM, na maioria das vezes acompanhada por Viviane.

Nas semanas seguintes, acompanhamos outras reuniões dominicais e em quintas-feiras. Em uma destas ocasiões, agendei uma entrevista com o Rev Cris.¹⁶⁰ A entre-vista foi realizada em setembro de 2010, contando com a presença do reverendo Fausto Felice, ex-padre católico italiano que em 2011 desligou-se da ICM. A entrevista com Cris e Fausto, desdobrada em outras ocasiões, expôs vários assuntos, e dentre eles, quais os graus de normatização da sexualidade nesta agência.¹⁶¹ Esta entrevista, transcorrida em meio a pratos de *spaghetti*, preparados por Fausto, e copos de coca-cola, foi um dos *pontos zero* da pesquisa. A partir desta, realizei entrevistas com outros membros da ICMSP.

Uma destas pessoas foi ValdirenePontoCom, em setembro de 2010, que como comentei, era identificada como gay por algumas pessoas da igreja, e por outras, como travesti – mas que nesta primeira entre-vista, se identificou como *homem gay* que se travestia eventualmente, especialmente em shows e baladas (inclusive desta agência religiosa), e também *drag queen*.¹⁶² Posteriormente, já em 2014, explicou que se entendia “nem dum gênero nem do outro”.

¹⁶⁰ A entre-vista com os reverendos Cris e Fausto foi a segunda que fiz. A primeira foi realizada, também em julho de 2010, em companhia de Marta Gouveia de Oliveira Rovai, com nosso orientador de doutorado, Meihy (MARANHÃO F^o, ROVAI, 2010d). A mesma foi publicada no dossiê *Memória escrita e memória oral: desafios interpretativos*, organizado por mim e Rovai (idem, idem, 2010e).

¹⁶¹ Durante a minha pesquisa de mestrado, uma das minhas inquietações residia na ambiguidade do discurso da BDN relacionado às questões de gênero, corpo, sexualidade e afetividade. Detectei que havia uma fala aparentemente flexível em relação a alguns destes pontos, como o relativo ao corpo, que chamei de discurso derretido; e outra, de caráter rígido e fundamentalista, que denominei discurso congelado. Estas relações discursivas, que moldam a identidade religiosa desta agência, que também chamei derretida, podem ser vistas em trabalhos meus de 2009 a 2012.

¹⁶² Val contou ainda que “não fazia muito sucesso com homens, mesmo sendo gay”, e que era muito assediado pelas mulheres, quando travestido, e que costumava ter relações amorosas com suas roupas de drag queen, - demonstrando a multiplicidade de relações entre gênero e sexualidade, por vezes desestabilizadoras e inesperadas (VALDIRENE.PONTO.COM, 2010).

Perguntad@ se poderia ser definid@ como uma pessoa entre-gêneros, respondeu “com toda a certeza”. Como el@ contou numa ocasião, “outro dia eu tava no ponto de ônibus e um menino ficou me olhando. Aí chegou em mim e perguntou, ‘mas o que você é, é gay, é drag queen, é travesti’? E eu respondi ‘eu sou de Deus’”.¹⁶³ Como exposto por Val, há uma identidade religiosa (ou espiritual?) definida (“sou de Deus”) e uma *indefinição* de gênero. Assim, uma pessoa pode se declarar de acordo com um marcador de identidade e não se declarar através de outro(s). E afinal, seria mesmo necessário se definir em alguma coisa nesta vida? *Ponto* para ValdirenePontoCom.

Outras das entre-vistas realizadas foram com @s três irm@s citad@s acima, Levi, Dário e Josi, entrevistad@s nesta ordem. Levi, o mais velho, foi entrevistado em setembro de 2010 e comentou sobre sua história, e a de sua família. Filho de dona Lurdes, ex-pastora da Assembleia de Deus de Guaianazes,¹⁶⁴ Levi possuía mais cinco irmãos, sendo que um deles havia se suicidado, e outros dois, se casado. @s demais eram Dário e Josi. Dário, diácono da agência, foi entrevistado no mesmo mês, e Josi, em novembro, pois durante o tempo em que observei a igreja ela se encontrava ausente, frequentando o candomblé.¹⁶⁵

Nesta primeira entrevista, Josi se apresentou da seguinte forma: “meu nome é Josiane, sou uma travesti evangélica. Canto numa igreja inclusiva e sou profissional do sexo”. Perceber que Josi, mesmo sendo garota de programa e travesti, era líder de uma igreja evangélica, atuando como secretária da mesma e cantora do ministério de louvor e adoração, me deixou por breves momentos na dúvida em tomar aquilo como uma ambiguidade ou entender que uma coisa não inviabilizava a outra. Fiquei com a segunda alternativa.

Como comentado, considero esta primeira entre-vista com Josi, que à época era a única pessoa declaradamente trans* na ICMSp, mas especificamente *travesti*, como a semente desta tese. Sua narrativa foi atravessada especialmente por experiências de discriminação, intolerância e violência sofridas e pelo apego ao cristianismo como tática de superação de tais vivências, identificadas pela mesma como traumáticas.¹⁶⁶ Seu relato fez com que eu associasse estas experiências com parte de seu amoldamento identitário religioso/generificado, e trânsito marcado pela passagem em diversos ministérios da Assembleia de Deus, pela ICM, pelo

¹⁶³ VALDIRENE.PONTO.COM, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

¹⁶⁴ Sandra Duarte de Souza orientou um TCC sobre homossexualidade e igrejas inclusivas, de Cesar Vinicius, em que Dona Lourdes foi entrevistada. Também conversei com a mesma algumas vezes acerca de suas relações com Dário, Levi e Josi.

¹⁶⁵ À época das entrevistas, Levi exercia a função de líder do ministério de louvor, Dário era diácono e Josi, ex-secretária e cantora da igreja, - posteriormente retornando a estas atribuições. Partes das entrevistas com o reverendo Cris e com @s três irm@os foi publicada anteriormente (MARANHÃO Fº, 2011c).

¹⁶⁶ Publiquei artigo que comenta sobre parte das experiências de Josi, especialmente sob o prisma da discriminação sofrida pela mesma (MARANHÃO Fº, 2011b).

candomblé e umbanda e retorno a ICM. Tal intolerância, contudo, não foi demonstrada apenas nos relatos de Josi acerca de seu passado. No mesmo ano escutei, de frequentadores da ICM, comentários do gênero “é travesti, isto é uma coisa esquisita” e “faz programa e quer cantar na igreja?”

No segundo semestre de 2010, além da ICMSP, visitei mais duas agências evangélicas inclusivas de São Paulo, entrevistando fundador@s, líderes e membros regulares,¹⁶⁷ a Igreja Cristã Evangelho Para Todos (ICEPT) e a Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), posteriormente, Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI), graças à inauguração de templo na Argentina, em 2011. Em todas haviam mulheres transexuais ou travestis. À época não conheci nenhum homem trans em igrejas inclusivas. Em duas destas haviam mulheres trans com dupla pertença, que frequentavam evangélicas inclusivas e terreiros de religiões afro-brasileiras ao mesmo tempo. Algo a se indagar é: seria ambíguo ou contraditório a pessoa professar duas religiões distintas? Pessoalmente, creio que isto só seria ambíguo ou contraditório caso a pessoa assim o definisse. No mesmo ano presenciei algumas destas pessoas serem discriminadas em tais igrejas. Em uma destas, membros referiram-se à uma mulher transexual como “aquele gay que quer ser mulher”, ainda que a mesma apresentasse aparência 100% feminina, em minha opinião – aliás, se ela se entende mulher ela *é* mulher. Este tipo de discurso, de homens cis que eram frequentadores me reforçaram a percepção de que, mesmo numa agência inclusiva, há muitas pessoas que discriminam as pessoas com identidades de gênero “divergentes”. A discriminação que vi em relação à Josi, e depois às outras pessoas trans* estimularam a realização desta tese: a partir destas observações a intolerância religiosa às pessoas trans* se tornou a problemática da pesquisa. Além da dupla pertença, algo que se destacou foi a questão do trânsito: muitas pessoas relataram episódios de mobilidade religiosa/generificada por diversas religiões, ora como visitantes, ora como frequentadoras. Uma moça contou:

nasci em berço católico. Acho que todo mundo aqui né? E berço evangélico também. Nunca fui aceita. Primeiro me assumi gay. Me discriminaram. Depois eu comecei a fazer drag. Me discriminaram. Depois vi que eu sou travesti. Me discriminaram. E ao mesmo tempo eu ia pulando de igreja prá igreja, católica, evangélica... e não era aceita. Passei por umas 20 igrejas evangélicas. Nenhuma me aceitava assim. Só me aceitavam prá por a mão na minha cabeça e tirar demônio. Ou prá falar prá eu vestir de homem, diziam que meu caso tinha solução. Diziam que eu ia até querer casar com mulher quando virasse homem.

¹⁶⁷ No ano seguinte fiz entre-vistas com membros e líderes de outras comunidades inclusivas também, como na Igreja Apostólica Nova Geração em Cristo, fundada em 2010, e no Movimento Fonte de Justiça e Comunidade Cidade de Refúgio (inauguradas em 2011). O Movimento Fonte de Justiça não está mais em atuação.

Coitados. Eu nem explicava que sou travesti e sou lésbica (risos). Também fui de terreiro já. Mas nas casas que eu frequentei diziam que o orixá que baixava era masculino e que eu tinha de me vestir de homem. Aí não dá prá ser travesti duas vezes né querido?¹⁶⁸

Através das entrevistas nestas comunidades, conheci pessoas que representavam outro público usualmente discriminado pelas igrejas tradicionais: o das profissionais do sexo. Entrevistei uma profissional do sexo em cada uma das comunidades visitadas, a ICM, a CCNEI e a ICEPT.¹⁶⁹ Outro público minoritário identificado nestas comunidades é o d@s heterossexuais. Conversei com fiéis que se identificaram deste modo na CCNEI e na ICEPT, e na ICM, com duas famílias constituídas por heterossexuais.

Uma pergunta que fiz a tod@s fundador@s e líderes das inclusivas paulistanas: “há evangelismos direcionados ao público trans*?” Tod@s deram o mesmo tipo de resposta: “Travestis e trans são bem-vindas na igreja mas não temos um trabalho evangelístico específico”,¹⁷⁰ disse a pastora Indira Valença, da ICEPT. “Olha meu irmão, a gente até gostaria de ter um trabalho específico com pessoal trans mas não tenho ninguém que tome essa iniciativa, que vá atrás deles”¹⁷¹, narrou o pastor Justino Luis, da CCNEI. “Aqui na ICM não temos um trabalho evangelístico específico com as travestis e transexuais ainda”, contou Cristiano Valério.¹⁷²

A esta altura, @ leitor@ pode indagar: *por que* o uso da história oral – parte integrante de meu trabalho de campo? Esta, inserida num contexto de História de fenômenos da atualidade, dá a possibilidade de conhecimento das experiências do outro, de audiência de vozes que nem sempre se pronunciam (como é o caso das redes formadas de entrevistad@s que aqui se formam), de narrativas que sublinham desejos, traumas, memórias, contextualizadas e datadas historicamente e que faz notar não apenas a subjetividade e identidade do que narra, mas também do grupo ao qual fazem parte.

Através de mais de três dezenas de entre-vistas realizadas nas igrejas inclusivas LGBT,¹⁷³ pude identificar elementos que despertaram minha sensibilidade ao tema: afloraram experiências que

¹⁶⁸ ATENA ZE., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

¹⁶⁹ Estas entre-vistas não aparecem nesta tese, bem como *centenas* de outras. Neste trabalho tive de operar seleção de narrativas que auxiliassem a pensarmos no tema central, as (re/des)engenharias identitárias de pessoas trans* e ex-trans*.

¹⁷⁰ VALENÇA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

¹⁷¹ LUIS, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

¹⁷² VALÉRIO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

¹⁷³ Enquanto as entrevistas com @s fundador@s e líderes contemplaram a visão *oficial* da comunidade a respeito de assuntos relacionados a gênero e sexualidade, as narrativas d@s fiéis permitiram vislumbrar possíveis descompassos entre os discursos normativos (em diferentes níveis) das lideranças e as práticas cotidianas destes. De modo geral, a abordagem centrada na fala deve partir da escuta das diferentes vozes, estabelecendo comparação a partir da atenção às repetições e diferenças e no desenvolvimento de percepção do que é mais importante nos

pronunciavam episódios de *intolerância* no ambiente religioso católico, protestante histórico, pentecostal e neopentecostal. A maior parte d@s integrantes das comunidades inclusivas LGBT é formada por evangélic@s e católic@s “de berço” que após sofrerem discriminação, rejeição e exclusão em suas igrejas internalizaram a transfobia e/ou a lesbofobia e/ou a homofobia e chegaram, em momentos de desespero, ao desenvolvimento de síndromes psiquiátricas, a automutilações e a tentativas de suicídio (algumas não frustradas).¹⁷⁴

Algumas/uns d@s entrevistad@s relataram a permanência, por algum tempo, nos ministérios de “reversão da homossexualidade” e “restauração da heterossexualidade”, e o arrependimento de terem participado dos mesmos. Assim, o aspecto da internalização da homofobia/lesbofobia/transfobia, do trauma psicológico e de suas seqüelas mostrou-se muito marcante e potente nas narrativas destas pessoas.¹⁷⁵

Além de lésbicas e gays que passaram por ministérios de “recuperação de homossexuais”, a partir de 2010 conheci algumas pessoas que se identificaram como *ex-travestis*. Uma delas, aqui chamada pelo pseudônimo Tirésias C.¹⁷⁶, me explicou sobre sua transição generificada/religiosa, que relato no capítulo *Atos de (re/des)conexão*, em que observaremos algumas entre-vistas. Até o momento não dei muita importância a esta narrativa, nem a outras semelhantes que escutei nos anos seguintes: o assunto da *destransição* me causava *desconforto*.

Neste primeiro ano de pesquisa, através da seleção, análise e interpretação das entre-vistas, fui percebendo processos associados às transgeneridades e em alguns casos, trans-religiosidades¹⁷⁷ – mobilidades religiosa e de gênero, com distintas experiências de (re/des)encaixe – o que foi se adensando nos anos seguintes.¹⁷⁸

discursos: o que @ narrador@ *escolheu* contar a partir de suas lembranças e demandas em narrar. Percebendo o que *importa* contar, facilita-se o exercício de selecionar e organizar as múltiplas narrativas, percebendo as possíveis tensões entre as diferentes vivências e discursos de líderes e membros de comunidades e segmentos religiosos distintos e entre os discursos pastorais e os fazeres cotidianos de líderes e membros.

¹⁷⁴ Estas experiências se dão em similaridade ao sentido dado por Mario Pablo Fukz ao *efeito traumático*, “produzido pelo excedente de angústia não passível de simbolização e não representável por meio da palavra. Sendo transbordadas as defesas, uma angústia automática, catastrófica, avassala o eu, impondo um estado de estupor, paralisia, inermidade, desvalimento e desamparo. Impõe-se um padecimento impossível de suportar, incompreensível, impensável e indizível” (FUKZ, 2010, p. 143).

¹⁷⁵ É bom realçar que tais experiências traumáticas não são *sine qua non* – ainda que eu tenha escutado muitas narrativas falando de trans/lesbo/homofobias sofridas. Muitas destas pessoas relatam traumas, outras referem as discriminações e destacam não terem sido traumatizadas. Mas a questão das múltiplas formas de discriminação sofridas é um ponto em comum na maioria das histórias contadas.

¹⁷⁶ Explico sobre o uso de pseudônimos no *Manual de Instruções*, antes do *Menu*.

¹⁷⁷ Mais adiante explico alguns possíveis usos do termo *trans-religiosidades* (ou *transrreligiosidades*).

¹⁷⁸ Às entrevistas somei a observação empírica dos cultos, que em geral são realizados aos domingos e também em alguns dias durante a semana, especialmente às terças e quintas-feiras.

Frequentemente a ICM, com Viviane, de julho de 2010 a julho de 2011, depois visitando o local de modo esporádico. Creio que, mais que uma observação participante, talvez tenha exercido uma *participação observante*,¹⁷⁹ visto ter participado do grupo de louvor e adoração como cantore e do ministério de teatro como atore de uma peça (adaptada de um livro de Max Lucado por Viviane e eu). Por conta desta participação, conversei diversas vezes com Josi e os demais membros da ICMSP, podendo conhecer melhor suas vivências e ideias. No conjunto de louvor cantei com Levi, Josi e Alexya. Esta, à época, ainda usava seu nome masculino de registro e costumava se identificar como homem gay.

De 21 a 24 de abril de 2011, participei do *Retiro Nacional de Páscoa da ICM Brasil*, em Ribeirão Pires (SP). Enquanto eu filmava um documentário sobre homofobia nas igrejas evangélicas, Alexya (ainda com nome masculino) explicou: “eu não sou um homem, eu sou uma mulher”.¹⁸⁰ Foi uma declaração em meio a muitas lágrimas, pois a mesma tinha medo de não ser bem aceita socialmente na escola em que trabalhava como docente, pela família, e pelo companheiro, Roberto.

À época, eu, Levi e Alexya nos inscrevemos para realizarmos um curso online de formação pastoral da ICM, o qual desisti pouco antes do início. Mas Alexya prosseguiu, se tornando diaconisa da ICMSP e abrindo em 2013 um núcleo de implantação da ICM em Mairiporã, cidade em que já morava com Roberto. Após um ano, em 2014 Alexya foi consagrada pastora, sendo provavelmente a primeira pastora brasileira consagrada como mulher trans.¹⁸¹ Como ela me comentou, “eu tinha medo, mas a ICM é a comunidade que me apoiou na minha transição, pelo apoio foi me empoderando, hoje me sinto completa. Uma mulher de verdade, ainda que eu não goste de rótulos. Antes de tudo sou gente. E cristã, disso não abro mão”.¹⁸² Aquele que era o núcleo de implantação da ICM em Mairiporã também *transicionou*, hoje é oficialmente a ICM Manancial, tendo entre suas fiéis mais três mulheres trans*.

¹⁷⁹ WACQUANT, 2002.

¹⁸⁰ SALVADOR, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

¹⁸¹ Durante o campo fiquei sabendo de duas histórias de pastoras trans brasileiras: uma havia sido ungida pastora por uma igreja neopentecostal que não sabia ser ela uma mulher trans. O outro caso era de um pastor evangélico que fez sua assunção a mulher trans posteriormente. Assim, provavelmente Alexya seja a primeira pastora a ser ungida enquanto reconhecida como mulher trans.

¹⁸² SALVADOR, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

E em relação ao temor inicial de sofrer uma rejeição de Roberto após a transição? Ao lado dele, definem-se: “somos um casal trans*” – ainda que Roberto se defina homem cisgênero, e não trans:

estamos juntos desde que ela era do outro jeito. Eu amo dela de qualquer maneira. Me defino cisgênero e gay. E ela se define mulher trans e hetero. As pessoas estranham como um homem gay e uma mulher hetero se amam. Mas não ligamos. Eu sou o Roberto que ama a Alexya e ela é a Alexya que ama o Roberto. E eu tive de ir me adaptando, também transicionei deste modo. Por isto somos um casal trans.¹⁸³

Como vemos na auto-declaração de Alexya, uma mulher trans hetero e de Roberto, um homem cis gay, amb@s são um *casal trans** – e não tenho razão alguma para discordar. Entretanto, na visão “comum”, casal trans* seria formado por duas pessoas que se declaram trans* (ou em diferentes trânsitos de gêneros). E conheci diversos casos: homens trans casados ou namorando mulheres transexuais, travestis namorando mulheres transexuais, trans* não-bináries enrolades com homens trans, mulheres transexuais namorando mulheres transexuais, etc. E claro, há diversas pessoas entre-gêneros que se relacionam afetivamente com pessoas que se definem cis de qualquer orientação sexual, como um homem trans gay e um homem cis gay. Um exemplo de homem trans gay namorando um homem cis gay, está no seguinte cartum:

Imagem: Romance entre cis e homem trans gays¹⁸⁴

¹⁸³ SALVADOR JUNIOR, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

¹⁸⁴ Cartunista gay explica como é namorar transhomens.

No Retiro de Páscoa da ICM conversei com Marcos Lord, outro co-labor-ador da tese – que em 2011 me concedeu entre-vista sobre homofobia nas igrejas, e a partir de 2014, já pastor de unidade de ICM no Rio de Janeiro, começou a pregar como a drag queen Luanddha Perón. Também conheci Patrícia Augusto, mulher transexual, que à época era cantora do ministério de louvor da ICM de Belo Horizonte. Durante o feriado, Patty me contou sobre sua biografia, anseios e desejos, em relatos emocionantes, como haviam sido os de Josi, sua amiga paulistana. Uma das coisas que me desestabilizaram no relato dela foi quando ela comentou sobre a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), da qual fez parte antes de ingressar na ICM, e de seus contatos com a pastora-cantora Ana Paula Valadão. Esta igreja, que tem um ministério de “reconversão de homossexuais”, nunca a discriminou. Já na ICM, Patty se sentia discriminada justamente por admirar Valadão e a IBL. Ressalta-se que a discriminação não era por conta do gênero, mas por que ela apreciava uma cantora que costuma ser relacionado à homolesbotransfobia. Patty, estudante de Psicologia da UFMG, tem como principais desejos viver de seu trabalho, fazer a cirurgia de redesignação sexual, casar-se e ter filh@s. A partir deste feriado, conversei diversas vezes com Patty, mantendo a amizade até hoje – a convidando para ser a moderadora do grupo.

Imagem: trecho da programação do Retiro de Páscoa da ICM

Outros relatos *desestabilizadores* se seguiam e a hipótese inicial de que a intolerância sempre existia ou sempre era relatada, e que fomentaria o trânsito, foi sendo *desconstruída* com narrativas como “Edu, eu sou super incluída na minha igreja, eu vou no altar junto com todas as mulheres”...¹⁸⁵ e eu fiquei imaginando, qual seria a igreja...Metodista? e era a *Internacional da Graça de Deus*. Outras frequentaram a IURD ou a IMPD. Ao mesmo tempo, eu imaginava até então que as travestis e @s transexuais eram bem incluídos nas religiões de origem afro-

¹⁸⁵ ATENA H., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

brasileiras. Mas muitas destas pessoas relataram terem sido excluídas ou discriminadas. Como visto, a hipótese inicial simplesmente... implodiu. Algo mais a se ressaltar tanto na experiência de Josi quanto na de outras pessoas trans* era a dupla pertença: quando conheci Josi ela ia esporadicamente à ICM, frequentando o candomblé, deixando de fazê-lo um ano depois. Neste caso, o que era dupla pertença tornou-se única.

No primeiro semestre de 2011, por conta da necessidade de trabalhar em três períodos, não obtive avanços perceptíveis na tese – mas foi um tempo importante de gestação de ideias, em que a vinculação entre intolerância, identidade e trânsito e/ou ciborguismos religiosos, que observei a partir da entrevista com Josi, se tornou uma hipótese a ser ratificada ou retificada a partir de entre-vistas com outras pessoas trans*.

Segue um demonstrativo da rede que se estabeleceu a partir do programa Superpop, que de certo modo levou ao Rev Cris, *ponto zero* da pesquisa. Vale ressaltar que muitas pessoas não estão descritas nesta rede – bem como nos demonstrativos e explicações das próximas – visto terem solicitado permanecerem em anonimato.

Imagem: Rede ICM

Em agosto, eu caminhava à noite pela avenida Ipiranga com minha amiga (à época também doutoranda em História), Catarina. A alguns metros da travessa com a rua Epiácio Pessoa, eu conversava com a mesma sobre a instabilidade de perspectivas de minha tese, bem como sobre alguns de meus projetos futuros, especialmente acerca do meu interesse em pesquisar sobre outras pessoas que costumam ser vítimas de discriminação, como @s deficientes físic@s e @s profissionais do sexo.

Atravessando a Epitácio Pessoa, num trecho que é costumeiramente utilizado por mulheres trans e travestis para negociarem programas sexuais com clientes, ficamos impressionad@s com a imagem de uma moça loira empurrando uma cadeira de rodas com uma senhora. Pareciam estar representados ali os três públicos que eu acabara de mencionar: pessoa trans*, que fazia programas e pessoa com dificuldades de mobilidade física. Vim saber posteriormente que a pessoa na cadeira de rodas era uma travesti, também garota de programas, acometida pelo vírus do HIV.

Alguns dias depois, transitando pelo centro à noite, observei a moça loira próxima ao cruzamento da Epitácio Pessoa com a Bento Freitas, rua paralela à Ipiranga e à Rego Freitas. Aproximei-me e comentei que havia ficado encantado com a cena de solidariedade. Ela se apresentou dizendo chamar-se Mabelly, e pediu meu perfil no FB para que enviasse um convite de amizade e conversássemos mais depois. Imediatamente, através do celular, ela adicionou meu perfil. Me lembrei de como as “fronteiras” entre off-line e online são cada vez mais imprecisas e fui percebendo que o FB ia participando da tese.

Fomos conversando em diversos momentos a partir deste dia, tanto pela internet como “pessoalmente” (afinal, porque falar pela internet seria menos *pessoalmente*?). A maior parte das conversas com Mabelly eram realizadas no centro da cidade mesmo, especialmente em uma lanchonete localizada na rua Augusta, quando compartilhávamos pratos comerciais e sucos de frutas, após seu “dia” (noite / madrugada) de trabalho. Como eu residia no apartamento de Catarina (que em geral viajava para o Canadá ou para Belém do Pará, para visitar o namorado e os pais, respectivamente), que ficava no *Redondo*, prédio da Ipiranga famoso por acolher travestis e garotas de programa (o que não era o caso de Catarina)¹⁸⁶, muitas vezes Mabelly me ligava e eu descia para irmos à lanchonete onde passávamos boa parte da madrugada conversando.

Tornamo-nos amig@s e confidentes. Mabelly, assim como outras meninas que trabalha(va)m no centro da cidade, especialmente na rua Rego Freitas e travessas da mesma, me contaram detalhes sobre suas vidas que eu não imaginava. Até aquele momento, eu não havia lido absolutamente nenhum trabalho acadêmico sobre garotas de programa, travestilidade ou transexualidade, - o que acho um fator altamente positivo, dado que evitei a possibilidade de ter sido “contaminado” pelas informações de outr@s pesquisador@s.

¹⁸⁶ Esta é uma observação contextual, não haveria absolutamente nenhum problema se Catarina fosse travesti ou/e garota de programa.

Em uma das primeiras conversas com Mabelly, falamos sobre nomes sociais. Ela comentou ter escutado tal nome em algum lugar e achado delicado, e perguntou se era um nome “passável” o bastante. Comentei que um nome mais “comum” poderia servir melhor ao interesse dela, cujo maior desejo era ser (re)conhecida como mulher e não como travesti ou transexual. Ela pediu que pensássemos sobre um nome, iniciado com *M*. Sugerimos Marisa e Marina, e ela escolheu o segundo. Recordo que na mesma noite Mabelly atualizou seu nome no FB, explicando a tod@s que adotara nova identidade. Posteriormente, agregou um segundo nome, tornando-se Marina Luísa Almeida. Praticamente um ano depois desta conversa, recebo a ligação de Mari – em 24 de outubro de 2012 – contando ter conseguido a retificação de seu registro civil, através da intervenção da advogada Karen Schwach,¹⁸⁷ do SOS Dignidade, fato que compartilhou com @s amig@s através de seu perfil no FB, o que, evidentemente me deixou muito satisfeito.

Imagem: Anúncio de Marina Luísa Almeida sobre retificação de registro civil no FB

Como vemos na postagem de Mari, o primeiro agradecimento que ela faz é a Deus. Ainda que não costume definir uma pertença religiosa, as conversas com Mari e suas postagens no FB revelam sua devoção ao cristianismo e o apego a Deus e a Jesus Cristo como protetores, inclusive na época em que fazia programas sexuais. Ela contou certa vez:

¹⁸⁷ Neste mesmo ano realizei entre-vista com Schwach sobre uso de nome social e retificação de prenome para pessoas trans*, além de outras demandas. Tal entre-vista foi publicada em 2012 e 2013, e se encontra nos *Anexos*.

antes de sair de casa eu sempre rezo, Du, peço proteção a Jesus e a Deus para sair, trabalhar, porque é um trabalho penoso, e prá voltar segura. Eu não gosto de fazer programa mas é o que sobre prá gente que é mulher trans ou prá quem é travesti. Mas Deus vai me ajudar e um dia trabalho com o que eu quero, que é fazer moda.¹⁸⁸

Na conversa com Mari sobre a retificação do nome, respondi a ela que este era um dos primeiros sonhos que ela realizava, e que outros ainda viriam: Mari sonha(va) em casar-se e ser reconhecida como mulher, talvez adotando uma criança, fazer faculdade de moda e viver de sua produção como designer/estilista. Em 2013 Mari narrou ao primeiro dossiê *(In)Visibilidade Trans** da *Revista História Agora* (HA):

Me chamo Marina Luísa, sou uma mulher transexual e desenho desde os 5 anos de idade. O desenho sempre fez parte da minha vida, sempre amei desenhar, o desenho me tranquiliza muito, e me enche de planos também. Aos 11 anos de idade me aperfeiçoei em fazer moda feminina, fui comprando muitas revistas sobre o tema para desenvolver técnicas novas, e lia muito sobre tendências.

Hoje tenho mais de 100 criações minhas numa pasta. Outra mania que tenho e venho desenvolvendo desde criança, desde uns 6 anos de idade, é fazer desenhos técnicos de grafite, com sombreamentos, desenhos de pessoas e de paisagens...

Além de sonhar em um dia me tornar uma estilista, e ter minha própria grife voltada para mulheres de todas as idades, eu sonho também em me tornar uma boa ilustradora, trabalhar em editoras, revistas ou jornais.¹⁸⁹

Em 2014 me contou: “Du, entrei na faculdade de moda em Caxias! Realizei mais um sonho.”¹⁹⁰ E certamente, os demais sonhos de Mari também serão realizados.

¹⁸⁸ ALMEIDA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

¹⁸⁹ ALMEIDA, *Meu sonho é ser estilista*, 2013, pp. 304-305.

¹⁹⁰ ALMEIDA, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

HISTÓRIA AGORA

A REVISTA DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Imagem: Desenhos de Mari Almeida publicados na HA (2013)

Dentre as muitas coisas que me emocionaram / desestabilizaram, Mari explicou sobre a “ambiguidade” em relação ao seu trabalho, que envolve situações de violência diversas, e as coisas que ela mais gosta de fazer: rezar a Deus e a Jesus, inclusive pedindo proteção no trabalho, colecionar *Barbies* e fazer desenhos de moda. Mari, como grande parte destas pessoas, vive à custa de muita batalha: ela terminou o ensino médio mesmo recebendo agressões na escola, por vezes em forma – literalmente – de pedradas. Mas a maior parte das mulheres trans e travestis que trabalham como garotas de programa não terminam o ensino fundamental. É importante ressaltar que a prostituição é, de modo geral, uma decorrência da falta de oportunidades dadas a estas pessoas, muitas delas vindas de cidades como Fortaleza (CE), São Luis (MA) e Belém (PA), por exemplo.¹⁹¹ Ao mesmo tempo, devemos destacar que a associação imediata entre transexualidade/travestilidade e prostituição deve ser descartada: muitas das transexuais e travestis com quem conversei não trabalha(va)m com programas sexuais.

As narrativas de Mari foram recebidas a partir de vários pontos de escuta. Além da lanchonete mencionada e de outras, acompanhei Mari diversas vezes e por muitas horas em sua rotina de trabalho na rua Epitácio Pessoa. Em muitas ocasiões Mari recusou clientes para ficar

¹⁹¹ Estas cidades de origem foram as mais referidas nas entre-vistas que realizei com mulheres trans e travestis que faziam programas no centro de SP.

conversando comigo e me explicar sobre seu cotidiano e o de outras meninas. Em outras situações, a acompanhei durante o dia em diversos lugares, como lojas de maquiagem, lojas de departamentos, supermercados e farmácias, além de passeios pela Praça da República.¹⁹²

Imagem: Rede Marina

Outro dos lugares onde estive com Mari foi o sexto *Encontro Sudeste de Travestis e Transexuais*, realizado em São José dos Campos, em setembro de 2011, organizado por ativistas trans. Ali minha rede se ampliou bastante. Conheci diversas transexuais e travestis, conversando com muitas e aprendendo com elas sobre seus cotidianos e vivências.¹⁹³ Muitas me acolheram em suas rodas de conversas, especialmente após os dias do evento, quando as mesmas se reuniam num boteco próximo ao hotel Dan In, onde ficamos hospedad@s, ou numa das laterais do mesmo, quando assuntos os mais diversos eram abordados, especialmente relacionados à sexualidade.

Neste evento escutei uma pergunta marcante: “você é trans ou biológico?”, demonstrando um binarismo de identidade de gênero. Ser “biológico”, neste contexto, se referia a ter sido designado “homem” no nascimento. Respondi: “sou gente. Mas no conceito de cis eu não me encaixo”.¹⁹⁴

Conversando com pessoas trans* no mesmo ano acerca do termo *biológico*, à época ainda muito usado na oposição entre pessoas trans* e não-trans*, uma delas comentou: “o que é ser

¹⁹² Marina, como @ leitor@, sabe, faz parte da *Santíssima Trindade* da tese. Não há muitas narrativas da mesma aqui. Mas ela – fazendo as vezes de *Espírito Santo* – é uma das condutoras do trabalho: quando comento sobre demandas de pessoas trans* as conversas com Mari são a fonte de inspiração.

¹⁹³ Importante ressaltar que a presença de homens trans no evento foi ínfima. À época, no contexto do sudeste, ainda eram poucas as pessoas assim auto-identificadas: a partir de 2012 o ativismo transmasculino foi se articulando e mais gente se declarando como homem transexual.

¹⁹⁴ Destaco que em 2010/11 o termo *cis* era ainda pouco utilizado no Brasil. Eu o conhecia por conta de conversas com pessoas que se definiam *queer*. Comecei a escutar o termo com mais frequência em 2012, inclusive em eventos de pessoas trans*. No próprio simpósio algumas poucas pessoas utilizaram o vocábulo. Isto demonstra o fervilhamento identitário em que vivemos, em que borbulham tipologias – muitas delas repletas de importância política.

biológico? As pessoas trans* não são biológicas também, elas não têm vida? Ou elas são feitas de ectoplasma?” Explicou depois que o melhor termo a se usar em contraposição a trans* era *cis* – que como comentei no *Manual de Instruções*, se refere a pessoas que se sentem confortáveis com o sistema sexo/gênero que lhe foi “descrito”/prescrito no nascimento ou através de técnicas como o ultrassom.¹⁹⁵

No decorrer da pesquisa, recebi indagações/comentários semelhantes, a maioria feita em eventos: “Você é trans ou cis? Nasceu homem ou mulher? É operado ou ainda não? Mas você é natural ou é transhomem? Você é hetero né – não vai dizer que é gay ou bi! Se você sair com uma trans ou uma travesti você é o ativo? Ou faz a passiva também?”¹⁹⁶

Estas indagações ressaltam a oposição de termos, ora relacionados a identidades/expressões de gênero, ora a orientações sexuais, a etapas do processo transexualizador e ao comportamento sexual. Perguntas que procuram entender o “outro” (ou “a outra”) a partir de pares opostos costumam direcionar os pensamentos, discursos e práticas da maioria das pessoas e são representados por uma série quase infinita de binarismos relacionados a marcadores sociais/culturais. Indagar “você é trans ou é cis?” ou afirmar/prescrever “você é trans”, “você é cis” fazem parte de um momento atual em que as diversas pessoas trans* têm discutido acerca da (des)legitimidade terminológica identitária de pessoas gênero-diversas em relação à cisgeneridade. Assim como cis, até então o termo *trans** – este com asterisco e que procura abarcar diversas identidades –, também não era muito utilizado no Brasil. Mas enquanto o primeiro foi bem-aceito e hoje é largamente usado pelo ativismo transexual e travesti brasileiro, o segundo se tornou objeto de disputa – e facilitador de desavenças entre pessoas “gênero-divergentes”, o que tornou-se visível em 2014.

No segundo semestre participei de outros dois eventos direcionado à população TT (travestis e transexuais), ambos em Curitiba. O primeiro foi organizado pelo Transgrupo Marcela Prado e realizado em uma tarde de sábado de outubro, em que conversei com diversas moças transexuais e travestis.

¹⁹⁵ Verbete sobre o tema se encontra no MD 2.0, nos Anexos, e no Manual supramencionado.

¹⁹⁶ Nas igrejas inclusivas, desde 2010, eu recebi perguntas semelhantes, ainda que constantemente estivesse em companhia de Viviane: “você é hetero ou é gay?”, muitas vezes acompanhada da indagação sobre se Vivi era minha esposa. Tal pergunta remetia a outro binarismo, relativo à orientação sexual/afetiva. Em geral eu respondia que gostava de mulheres, mas não podia me definir como hetero pois não me definia como homem. Nem como mulher.

Imagem: Rede Fórum

Imagem: Rede Simpósio Transgrupo

Em novembro, Maitê Schneider e Lisa Minelli organizaram outro evento, que durou três dias, em que fiz amizade com meninas como a própria Schneider, além de Letícia Lanz, Márcia Rocha, Janaína Lima, Leonarda Glück e Patrícia Din, dentre outras. Além destas, conversei bastante com @ cartunista Sônia Cateruni/Laerte Coutinho. A partir deste evento, nos tratamos diversas vezes como “primas” já que sua mãe, “tia” Lila Coutinho, era uma das duas melhores amigas de minha avó, Myrian, que me criou durante boa parte de minha vida.

No mesmo ano conheci o CRD (Centro de Referência da Diversidade), no centro de São Paulo, e lá, conversei com outras travestis e transexuais que exerciam suas atividades profissionais no local. Participei de alguns eventos co-organizados pelo CRD, como um realizado em conjunto com a feira de moda Fashion Mob, que reservou espaço para o desfile de moda de travestis e transexuais. Neste evento conheci outras moças transexuais que entre-vistei.

Imagem: Rede Evento Curitiba/CRD

Meu campo foi se (me) constituindo assim, através da relação com diversas pessoas entre-gêneros. Estas me apresentavam outras pessoas, e as conversas iam se acumulando.

Um campo privilegiado de escuta e diálogo foi sendo formado a partir do FB. Através da rede social, conheci muitas pessoas entre-gêneros, especialmente em grupos direcionados a tais pessoas. Dentre estas, fiz amizade “virtual” com uma moça trans que posteriormente me convidou para conhecer as reuniões da Sexta Trans, no CRT (Centro de Referência e Testagem de HIV/Aids), que possui um ambulatório de transexuais e travestis, o ASITT. Em uma sexta-feira do segundo semestre, ela me esperava na porta do CRT para me acompanhar a uma destas reuniões. Sentando-me, percebi que o grupo parecia liderado por duas senhoras, uma loira e outra morena. Fiquei sabendo, durante as apresentações, que uma era uma das trans que participavam desde quase o início das rodas, e a outra, a psicóloga responsável pelo grupo, Maria Lúcia Macedo Pereira. Através das reuniões da Roda de Conversa (também conhecida como Sexta-Trans), conheci diversas moças trans e travestis que se tornaram co-labor-adoras da tese, e em alguns casos, amigas.

A partir do FB conheci a Cia. de Teatro Satyros, em que trabalham diversas pessoas transexuais. Conversei com a maioria delas sobre suas experiências religiosas e de gênero, e com algumas fiz amizade. Eu mesmo participei, depois de ter conhecido tais pessoas e o diretor da companhia, Rodolfo Garcia-Vásquez, da encenação da peça *Satyricon*, apresentada no Festival de Teatro de Curitiba e no próprio espaço da companhia, situado na praça Roosevelt, no centro paulistano.

Além destas pessoas, a companhia recebeu também a moça trans que havia me indicado para conhecer a Roda de Conversa. A mesma já havia participado de outros espetáculos teatrais e gostou de minha sugestão para conhecer os Satyros – também participando do Satyricon. Fui convidada a ajudar na organização de um projeto paralelo da companhia, coordenado por uma das pessoas trans* que faziam parte da mesma à época, em que foram realizados debates públicos sobre transexualidade/travestilidade. Tal atividade se iniciou no ano seguinte.

Imagem: Rede CRT

Participei da realização de três entrevistas públicas deste projeto. A primeira, em 26 de março, foi realizada por minha sugestão no sistema “roda viva”. A cartunista Laerte Coutinho, à época também identificada como Sônia Cateruni, foi entrevistada pela ativista trans* Maitê Schneider, pela professora da Antropologia/USP Heloisa Buarque de Almeida, por mim e duas pessoas do Satyros que organizaram o evento.

*Imagem: Roda viva: Maite Schneider, eu, Heloisa Buarque de Almeida e Laerte Coutinho/Sonia Cateruni*¹⁹⁷

Na segunda, em 1º de abril, Maitê Schneider foi chamada como entrevistada da roda viva, ao lado de Marcella Monteiro, Janaína Lima, Brunna Vallin e Márcia Lima.¹⁹⁸ Na terceira ocasião, 12 de maio, mediei mesa sobre Teatro e Transexualidade, convidada pela direção dos Satyros, em que estavam presentes Tânia Granussi, Esther Antunes, atrizes da companhia, Nélson de Basquerville, diretor da peça Luis Antonio e Gabriela,¹⁹⁹ e a advogada Rachel Rocha. Depois desta mediação, afastei-me do projeto por divergências com a pessoa que coordenava o projeto.

Participei em maio do 7º Encontro Sudeste de Travestis e Transexuais – 1º Encontro Nacional da Rede Trans Educ, realizado na Faculdade de Educação da UFMG, em BH. Alguns pesquisadores convidados, assim como transexuais e travestis presentes ficaram hospedados na Casa de Retiros São José, dos Irmãos Redentoristas, congregação católica.

¹⁹⁷ Foto de Ennio Brauns, compartilhada em meu perfil do FB em 26 de março de 2012.

¹⁹⁸ Schneider, Monteiro, Lima e Vallin foram convidadas por mim, e Márcia Lima, pela coordenação do evento.

¹⁹⁹ A peça narra a experiência biográfica de Basquerville com Luis Antonio/Gabriela, travesti, irmã do autor.

Como eu estava fazendo entre-vistas sobre fluxos religiosos de pessoas trans* algumas pessoas que estavam hospedadas fizeram piadas com a situação, como “você está fazendo pesquisa de religião com as trans e estamos tod@s hospedad@s em um retiro católico”. Ali entrevistei moças trans, travestis e também homens trans – este foi o primeiro evento que participei que contou com ampla participação destes. Um deles era João W. Nery, que se tornou parceiro de escrita em alguns artigos.

O evento foi marcado, dentre outras coisas, por um episódio de intolerância. Havia cartazes indicando o mesmo espalhados pela UFMG e alguns deles foram arrancados, rasgados e pixados com suásticas nazistas, o que gerou uma moção de repúdio de organizador@s e ativistas trans* durante o evento. Tal atitude demonstra que a inclusão de pessoas trans* em espaços educacionais públicos ainda está envolta em um barril de pólvora. Quem advoga, por exemplo, a inclusão do nome social de trans* nas universidades públicas deve atentar à urgência de se preparar a comunidade universitária em geral – docentes, discentes e funcionári@s – para receber este público, dado que em boa parte tratam-se de pessoas que desconhecem ou não aceitam direitos já conquistados pelas pessoas trans*, especialmente travestis e transexuais.

No mesmo ano conversei com muitas outras pessoas que se declararam travestis, transexuais, crossdressers, drag queens, drag kings, transgêner@s e trans* não-bináries. Algumas deram entre-vistas, outras, informações úteis para que eu entendesse melhor questões acerca de fluxos de gênero e religiosos. Um dos princípios da escuta e diálogo foi o de *levar a sério*²⁰⁰ @s colaborador@s e as observações de campo, procurando sempre respeitar as vozes escutadas e aprender com as mesmas – não me abstendo da controvérsia e discordâncias em relação a alguns pontos, eventualmente.

A partir do segundo semestre me distanciei um pouco do trabalho de campo. Este, que teve momentos distintos, variou da *observação participante* em eventos e conversas com diversas pessoas trans*²⁰¹ para uma reflexão posterior, mais distanciada. Momentos de *observação participante* mais intensos ocorreram especialmente quando acompanhava algumas destas pessoas – sobretudo Mari – em seus afazeres cotidianos e em seu trabalho noturno, que ela muitas vezes interrompia para me ensinar o que eu precisava aprender, como se eu fosse uma *criança no mundo*.²⁰² É um momento em que claramente, fui *afetade* pela pesquisa.²⁰³ O *afeto* em minha experiência não está ligado ao afeto emocional que escapa à razão, mas “de afeto no

²⁰⁰ VIVEIROS DE CASTRO, *O nativo relativo*, 2002.

²⁰¹ Conversei também com pessoas ex-trans* e pessoas cis, que até o momento eram minoria entre @s entrevistad@s.

²⁰² SEEGER, *Os índios e nós*. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras, 1980.

²⁰³ SAADA, *Ser afetado*, 2005.

sentido do resultado de um processo de afetar alguém ou além da representação.”²⁰⁴ O afeto (neste sentido de Favret-Saada) aqui surgiu por diversas razões: a primeira, porque grande parte das pessoas entre-gêneros com que convivi me identificarem como um FTM.²⁰⁵ Outras entendiam em mim alguém com quem poderiam se envolver afetiva ou sexualmente. E ainda, por conta de meu envolvimento no ativismo trans*.

Ao ser visto como trans* e ativista trans*, ou possível amante/namorado, me deixei *afetar* por forças semelhantes às que afetam @s demais, estabelecendo um tipo de relação, que “envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal que alguns imaginam poder reduzir à prática etnográfica”²⁰⁶, concedendo “estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária.”²⁰⁷ Minha observação participante de 2010 a 2012 talvez tenha possibilitado o que Magnani chamou de *um olhar de perto e de dentro*,²⁰⁸ porém o distanciamento realizado em 2012 fez com que eu tornasse aquilo que me *era familiar, exótico*.²⁰⁹ Minha tarefa tornou-se me centrar em *olhar e ouvir*²¹⁰ @s outr@s, para depois poder escrever sobre @s mesm@s. A partir do segundo semestre de 2012, deu-se um tempo de *distanciamento e recuo* em que passei a refletir acerca das coisas que escutei, relembrar o que vi, ler o que escrevi. Foi um tempo necessário, especialmente por conta de um campo intenso, o realizado no centro de SP. Embora tenha me distanciado um pouco do campo, ainda participei de reuniões da Roda de Conversa do CRT e realizei entre-vistas, mas com menor intensidade. Uma das pessoas que conheci em 2012 e se tornou co-labor-adora importante foi Walleria Suri, mulher transexual, dançarina e instrumentista. Wall narrou:

eu transitei por diversas religiões. Fui em mesquita, terreiro, igreja de todo tipo. Até nesta Bola de Neve eu fui. Parecia uma balada. Fiquei até esperando me servirem uma bebida (risos). Sempre quis saber porque Deus me fez assim. Eu perguntei prá Deus: “Deus, já não bastava me fazer transexual, não bastava me fazer no corpo errado, tinha que me fazer deficiente visual também?” (risos) Deus me fez com espírito feminino mas corpo masculino, tive de adaptar meu corpo à minha alma. Neste tempo, enquanto fui fazendo a transição, fui perdendo a visão. Hoje em dia tenho menos de 10%. Já pedi um monte de vezes no Hospital das Clínicas prá realizarem logo a minha cirurgia de redesignação sexual. Mas é capaz de só fazerem daqui a vários anos. Aí, eu já posso ter perdido a visão e não vou conseguir ver meu

²⁰⁴ GOLDMAN, Jeanne Favret-Saada, *os afetos, a etnografia*, 2005.

²⁰⁵ Até 2012, FTM era o termo mais usual para se referir a homens trans. É a sigla de *female to male*, se referindo a pessoa que foi designada *fêmea*/mulher e transicionou para o *macho*/homem.

²⁰⁶ Idem, 2005.

²⁰⁷ SAADA, *Etre Affecté*, 1990.

²⁰⁸ MAGNANI, *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*, 2002.

²⁰⁹ VELHO, *Observando o familiar*, 1978.

²¹⁰ OLIVEIRA, *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, 1998.

órgão genital novo, que é o que eu mais desejo. Mas eu vou lutando prá realizar meu sonho, não desisto não.²¹¹

A entre-vista com Wall foi importante para reforçar algo que já me era óbvio: a urgência dos sistemas de saúde em proverem atendimento digno, amplo e rápido às demandas específicas de pessoas trans*. Além disto, é denunciável o contraste entre as sofisticadas tecnologias cirúrgicas de áreas diversas em relação à precariedade das cirurgias redesignadoras genitais no Brasil: é necessário o investimento em pesquisas que incrementem tais técnicas, bem como o alargamento do acesso às mesmas a todas as pessoas trans*, ampliando o leque de pessoas a serem atendidas, que atualmente é de mulheres transexuais, travestis e homens trans. A narração de Wall também permite que conheçamos novas vivências trans(generificadas/religiosas). Em suas peregrinações Wall refletia sobre as relações entre corpo e alma trans* e inquiria Deus: “porque me fez assim?”, e ao mesmo tempo, respondia, “não tem problema, sigo em frente assim mesmo e vou conseguir o que eu quero”.

Vale mencionar que conheci Wall através da internet. Se em 2011, a partir da primeira conversa com a Mari percebi a importância do FB como conector de conversas e vivências, 2012 foi o ano de intenso mergulho no ciberespaço – o FB se tornou meu grande parceiro de pesquisa – ou seria, brincando com a linguagem inclusiva, minha grande parceira? Afinal, Facebook, em inglês, assim como a palavra notebook por exemplo, não é flexionado em nenhum gênero. Como um site é um *it*, nem *he* nem *she*. Assim, será que poderia ser considerad@ a FB e não o FB? Poderíamos pensar num FB não-binário? Brincadeiras à parte, neste ano vivenciei, de alguma forma, minha própria experiência n-b na peça *Satyricon*, dos Satyros. Numa de minhas intervenções eu performatizava uma mistura de gêneros.

Imagem: Satyricon, dos Satyros

²¹¹ SURI, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

Estes dois primeiros anos de campo apresentaram alguns fluxos de redes de sociabilidade, os quais procurei seguir.²¹² Uma desta redes foi a ICMSP. Outras, a RC do ASITT/CRT e o CRD. Também se destacou a *pista*, local de trabalho de muitas travestis e de algumas mulheres transexuais.²¹³ Pensando a área da rua Major Sertório como pista, algumas considerações: grande parte das travestis e transexuais que ali circulam encontram acolhimento em casas e pensões comandadas por travestis e mulheres trans²¹⁴ que lhes alugam quartos, geralmente cobrando diárias e muitas vezes funcionando como cafetinas, agenciando as mesmas e oferecendo-lhes algum tipo de proteção. Estas, às vezes, funcionam como elo de *refiliação* familiar, e talvez por esta razão algumas serem chamadas de *mães* por estas travestis ou transexuais que alugam aposentos, e elas se identificarem como *filhas* de alguém para outras travestis, inclusive em situações de risco, para demonstrarem que são protegidas. Muitas vezes as meninas vem a SP já com lugar certo para ficar: há muitos casos de *mães* que são originárias de uma cidade e acolhem *filhas* da mesma cidade, como de Belém, por exemplo.

Estas pistas/redes de sociabilidade são também redes de tensões que envolvem as próprias meninas e também traficantes, ladrões, clientes, *alibã* (polícia), e cafetinas que cobram um *aquê* (dinheiro) pela suposta (às vezes efetiva) proteção e pela cessão do *ponto*. Há assim uma demarcação de fronteiras, por vezes tensas, dentro de determinados espaços. O território é delimitado pelo esquema de cafetinagem e relações com outros pares. Traficantes repassam drogas a serem comercializadas por algumas das travestis e transexuais. Há também tensões entre as travestis: uma *novata* (ou outsider) não deve adentrar no espaço de uma estabelecida. Estas, muitas vezes, ou ameaçam com violência a ser perpetrada por elas mesmas, ou referem-se às cafetinas que as agenciam na rua: “sou filha de (nome da cafetina)”, lembrando que muitas vezes há a cafetina que aluga o ponto, a que aluga o quarto, e que por vezes é a mesma que oferece ambos os serviços. Este controle é percebido através de normas e coerções que as cafetinas estabelecem e praticam.

Em São Paulo, o *triângulo rosa*, que compreende parte do centro da cidade, como os bairros de Santa Cecília e República, Largo do Arouche e parte da rua Augusta, e especialmente a Rua Vieira de Carvalho, é considerado um espaço que costuma agregar o público que identifica-se como da diversidade sexual, ou LGBT. Analisando a Vieira de Carvalho, percebemos há boates, bares e partes do quarteirão que recebem gays mais idosos, outros para lésbicas, e locais onde as travestis costumam se reunir. No ‘Triângulo Rosa’, há travestis que frequentam boates como a

²¹² A concepção de *seguir actantes em fluxo* é compartilhada pela *teoria actante rede* proposta por Latour e já mencionada. Para mais informações sobre esta perspectiva teórica acesse os *Instrumentos de viagem* nos Anexos.

²¹³ Além de homens e mulheres cisgêner@s que fazem programas, mas que não etnografei.

²¹⁴ Também por mulheres cis.

Planet G, em dias específicos, como o sábado e determinadas terças, chamadas *Terças Trans*, e a Danger, ambas localizadas na Rego Freitas, local onde boa parte delas oferece programas sexuais. Muitas, que residem na região, almoçam em restaurantes que servem PFs a preços acessíveis como o da “China”, também chamado por elas de “Flango Flito”, graças à pronúncia da proprietária, Jane. Outras frequentam ou trabalham no CRD, na Major Sertório. Também se reúnem no Largo do Arouche, e em uma *lan house* em uma das esquinas opostas ao mesmo. A *lan house* como espaço de sociabilidade sinaliza para outro: a própria internet, onde a comunidade trans* se relaciona com seus pares em sites como FB, e-mails, e por vezes gerenciando sites ou blogs que promovem seus serviços sexuais. Há, claro, as que se reúnem em centros religiosos. Dentre eles, as agências religiosas evangélicas LGBT que estão na região, como a ICM, a ICEPT, a CCNEI, a CCR. Outra rede de sociabilidade de travestis e transexuais está nos encontros ativistas realizados pelas mesmas, já mencionada.

Tais redes demonstraram que mesmo entre as próprias travestis e as transexuais, há formas de discriminação diversas. Especialmente em relação à pista, episódios de discriminação ocorrem motivados por questões estéticas²¹⁵ como a qualidade das roupas, a hormonização (ou não), determinados procedimentos cirúrgicos, etc. Isto foi demonstrado em diversas pesquisas, como a de Bruno Cesar Barbosa, que etnografou as reuniões da Terça Trans,²¹⁶ realizadas no CRD, em SP.

A discriminação deve ser percebida de modo não-essencialista: é importante o esforço de *não-vitimação* e de *não-monumentalização* de travestis e transexuais em relação às situações de violência vivenciadas pelas mesmas. Travestis, por exemplo, *estão em um círculo de violência* que muitas vezes é marcado por extorsões, roubos e furtos a clientes: presenciei casos de travestis que procuravam extorquir os clientes mediante constrangimento, como fazer estes passarem por ‘passivos’, ou seja, homossexuais que recebem a penetração, no caso, das próprias travestis. Mas há na própria ‘pista’ a diferenciação entre as que *grudam* (roubam e/ou furtam clientes), e as que não o fazem. São mecanismos de marcação da diferença e servem para criar espécies de estigmas segmentados, como as das travestis que se prostituem e são ladras. Por vezes, estas são acusadas pelas outras de serem “homens que se vestem de mulher e colocam silicone no corpo para grudar as mariconas”, sendo as mariconas clientes que em sua vida cotidiana seriam identificados pela família, trabalho e sociedade em geral como heterossexuais,

²¹⁵ A questão do corpo é importante, como veremos adiante. É bom salientar os diversos concursos de beleza entre pessoas trans*, como o Miss T, e a valorização de modelos brasileiras como Léa T e Carol Marra, dentre outras.

²¹⁶ BARBOSA, *Nomes e diferenças*: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual, 2010. As Terças Trans etnografadas por Barbosa eram grupos de apoio/discussões entre travestis e mulheres trans. Não confundir com as festas organizadas por mulheres trans e travestis em determinadas boates paulistanas e chamadas homonimamente Terças Trans.

muitas vezes chefes-de-família. Em relação a estas travestis, discriminadas por outras, por vezes são ex-michês que se hormonizam e fazem intervenções cirúrgicas com fins econômicos.

Também não devemos deixar de reconhecer os inúmeros casos de transfobia existentes em relação às travestis e transexuais que trabalham com programas sexuais. Estas são constantemente vitimadas nas ruas em que trabalham – o que é pouquíssimo retratado pela mídia. Eu mesmo acompanhei dezenas de episódios de violência a tais pessoas. Em alguns casos, eram carros que passavam acionando extintores de incêndio. Em outros, jogando objetos diversos. Também acompanhei morador@s de apartamentos do centro paulistano que lançavam objetos de suas janelas nas travestis e transexuais que passavam. Presenciei ataques de policiais, de cafetinas e de traficantes a tais pessoas. Observei ainda lutas entre travestis e seus pares na rua por demilitação de território. Na Rua Eptácio Pessoa quase presenciei o assassinato de uma travesti por um traficante. Por alguns dias as marcas de sangue no chão estavam marcando a calçada na altura do meio do quarteirão onde as travestis fazem programas. Demonstro estas circunstâncias para dar vistas de que a vitimização e/ou monumentalização de travestis, transexuais, transgêner@s e cisgêner@s não parecem bons caminhos interpretativos. Todas as pessoas apresentam comportamentos considerados socialmente bons ou ruins. Assim como as pessoas cis as trans* são suscetíveis a atitudes típicas de qualquer ser humano.²¹⁷

No centro de São Paulo as travestis e transexuais que fazem programas à noite aproveitam parte do dia para dormir, e também para circular. Acompanhei algumas delas quando faziam compras de supermercado ou de cosméticos, visitavam o CRD ou o CRT. Umas iam à academia, outras à feirinha da Praça da República, muitas vezes comprando artigos de decoração para suas casas ou quartos. Umas ao cinema, especialmente o Marabá, na Avenida Ipiranga. E outras frequentavam, também durante o dia, cinemas eróticos com salas de *dark room*, umas a fim de fazerem programas, outras em busca de diversões sexuais. Algumas travestis iam à Igreja da Consolação fazer suas preces em horários alternativos afim de não sentirem-se repelidas (provavelmente algumas iam em horários normais de missa também). Outras iam durante o dia a eventos de igrejas inclusivas. Acompanhei atividades como estas por diversas vezes.

Evidentemente *nem toda travesti trabalha com programas sexuais*. Tenho amigas travestis e transexuais que fazem programas. Outras são artistas (a maior parte diretoras e atrizes de teatro), intelectuais, floristas, desenhistas de moda, advogadas, publicitárias, industriais, webdesigners, dentre muitas outras. Destaco que, se há tantas pessoas transexuais e travestis trabalhando na

²¹⁷ A própria noção de bom e ruim é relativa, dependendo do ponto de vista. De todo modo, seria essencialista supor que alguém é sempre uma coisa ou outra.

prostituição, isso ocorre por falta de oportunidades de trabalho remunerado – ainda que eu não veja nada de errado na pessoa fazer programas sexuais desde que deseje fazê-lo. De todo modo, é urgente que as pessoas trans* tenham as mesmas oportunidades de empregos das pessoas cis e recebam igual proteção por parte das autoridades competentes, e que se invista em uma educação que combata a transfobia em suas múltiplas formas.

As atividades de meu doutorado, como se espera, não se resumiram à tese. De 2010 a 2012 trabalhei na Comissão Editorial de dois periódicos acadêmicos da universidade, a *Angelus Novus* – Revista dos discentes em História da USP e a *Oralidades* – Revista de História Oral da USP. Em ambas coordenei dossiês específicos sobre Religiões e Religiosidades. No mesmo ano, também organizei um número temático da *REVER* – Revista de Estudos de Religião da PUC/SP, dedicado ao *Marketing Religioso*, e recebi o convite – aceito – para integrar o comitê editorial da *Revista Brasileira de História das Religiões*, do GTHRR da ANPUH. Entretanto, só comecei a colaborar mais efetivamente com o periódico em 2014, organizando o dossiê *Mídia, Religiões e Religiosidades*. Ao mesmo tempo, continuei colaborando com a *PLURA* – Revista de Estudos de Religião da ABHR, na qual comecei a auxiliar na Comissão Editorial em 2011, e com a *História Agora* – revista de História do Tempo Presente, que trabalho desde 2009, coordenando quase uma dezena de dossiês temáticos, em grande parte relacionados a gênero e a religião, além de dois específicos sobre identidades trans*.

Em 2013 recebi o convite de uma amiga, Talita, para acompanhá-la em seu trabalho de campo no Alto Rio Negro, Amazonas. A viagem ao Alto Rio Negro (ARN)/Amazônia foi feita em duas etapas: de junho a outubro de 2013 e de novembro de 2013 a março de 2014. Durante este tempo, realizei uma pesquisa paralela sobre a formação de pastor@s indígenas e a conversão de pessoas indígenas às igrejas evangélicas – dentre elas a IURD e a IMPD, chegadas recentemente à região – e tentando descobrir algo que minha intuição/dedução já diziam ser existente: a existência de indígenas entre-gêneros no ARN. Na primeira viagem, após peregrinar em diversas comunidades indígenas e conversar com lideranças de organizações indígenas como a FOIRN, FUNAI e ISA²¹⁸ e lideranças religiosas, não consegui detectar nenhuma pessoa que pudesse ser considerada entre-gêneros. Aliás, a homossexualidade já é um tabu na região: pouc@s indígenas admitem a existência de pares homossexuais masculinos ou femininos em suas etnias ou comunidades. Mas que existem, existem. E são muit@s. Na segunda viagem, especialmente em 2014, conheci 4 pessoas que podem ser identificadas provisoriamente como entre-gêneros. Conversei com estas pessoas algumas vezes em São Gabriel da Cachoeira e posteriormente, através do FB – sim, grande parte d@s indígenas se encontram online e possuem conta no FB.

Imagem 35: Rede SGC

²¹⁸ Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; Fundação Nacional do Índio; Instituto Socioambiental.

Em uma postagem do FB comentei, com base em uma entrevista do etnólogo Eduardo Viveiros de Castro em que o mesmo comenta sobre travestilidade, superficialmente sobre minha experiência de campo junto @os indígenas do ARN:

Du Meinberg Maranhão

July 23 at 7:17pm · São Paulo ·

Vejamos como até entre acadêmicos megaconceituados há **CONFUSÃO ENTRE IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL**. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, uma das maiores referências mundiais em etnologia indígena, é perguntado, a partir dos 9 minutos deste vídeo de 23/07/2014), sobre homossexualidade e homofobia nas aldeias indígenas.

Em tempo: não sou etnólogo e nem de longe autoridade para falar de indígenas.

Mas estive em campo no Alto Rio Negro em 2013-14 com dois fins de pesquisa: um, analisar a formação de pastores indígenas e as relações dos indígenas com as igrejas (neo)pentecostais que têm aportado na região.

O outro: tentar identificar se havia algum tipo de "gênero divergente" entre os/as indígenas, algo que se assemelhasse a nossas categorias de "transexualidade" ou "travestilidade" (termos entre aspas pois não são termos nativos dos/as indígenas). ressalto que tais termos não dão conta do fenômeno.

Uma consideração inicial: SIM, há indígenas consignados compulsoriamente no nascimento como "homens" ou "mulheres" mas que se sentem e se percebem do outro sistema sexo-gênero. Talvez sejam semelhantes ao "nosso" equivalente a transexuais ou a travestis (lembrando estas serem identidades de gênero distintas). Há também indígenas de quaisquer orientações sexuais. **REFORÇO** inicialmente que 'nossas' categorias não são suficientes e precisas pra designar as categorias indígenas de auto-identificação.

Mas vamos a alguns pontos de possível diálogo:

Na entrevista, o renomado etnólogo é perguntado sobre homossexualidade e narra sobre um terceiro sexo e a berdaches, relacionadas a travestis. Viveiros de Castro utiliza os termos O travesti, o berdache. Primeiro ponto: ao menos nas concepções de gênero contemporâneas (utilizadas por nativos/as, ativistas e acadêmicos), pessoas de quaisquer identidades de gênero (travestis, por exemplo) podem ter distintas orientações sexuais (homossexuais, por exemplo) e/ou afetivas **MAS** orientação sexual e identidades de gênero não são a mesma coisa.

Neste sentido, cabe lembrar a luta dos ativismos travesti e transexual no Brasil para que travestis e mulheres trans não sejam designadas no masculino. Assim, ao invés de O travesti, melhor que designemos A travesti (a não ser que esta pessoa queira ser chamada no masculino o que não é usual). É provável que berdaches devam ser designadas de uma forma feminina ou neutra mas não tenho certeza.

Em relação à minha breve experiência de campo na região de São Gabriel da Cachoeira (um contexto muito mais reduzido que o conhecido por Viveiros de Castro):

No primeiro caso, na região, via de regra, são "convidadas a se retirar" da aldeia (às vezes da cidade-sede) rumando para Manaus ou outras cidade (e na maioria dos casos, vão trabalhar com programas sexuais).

Mas é bom lembrar que para boa parte dos/as indígenas as experiências que definimos como de identidade de gênero e/ou de orientações sexuais nem sempre são dissociadas, fazem parte do mesmo pacote, não havendo tais distinções. Entre alguns povos, termos que traduziríamos como "homem-mulher", pode designar experiências que envolvem o que em nossas classificações entenderíamos como homossexualidade (orientação sexual) ou como travestilidade/transsexualidade (identidade de gênero).

Enfim, o que meu campo 'falou' talvez tenha sido diverso do que o campo de Viveiros de Castro falou prá ele. E reforço que nossas categorias de análise (inclusive as que adoto neste post) não são suficientes para 'definimos' as experiências identitárias de gênero e as orientações sexuais dos/as indígenas (aliás, provavelmente nem de ninguém).

Talvez a questão aqui não seja a de "identificar" se os/as indígenas "são" homossexuais, travestis, transexuais.... mas de pensarmos o quanto nossos termos são inconsistentes para designar "o outro" (e às vezes, a nós mesmos/as). E atentarmos ao cuidado nas designações de classificações ao tratarmos do outro que se classifica (como na confusão entre homossexualidade e identidade de gênero para quem adota tais padrões classificatórios).

. As pessoas indígenas que conheci (designadas 'homens' no nascimento mas que se sentiam/se sabiam mulheres) se diziam mulheres em sua identidade de gênero, do mesmo modo daquelas pessoas que foram designadas 'mulheres' mas se percebiam, se sentiam homens. Tais pessoas nem separe se viam ou/e se designavam homossexuais (visto serem mulheres que gostavam de homens ou homens que curtiavam mulheres, o que configuraria, para estas pessoas e para os "brancos", uma heterossexualidade). Ao mesmo tempo, esta auto-declaração ("homens" que se sentem mulheres mas não fizeram uma 'transição' estética) muitas vezes não era pública, por conta do temor em sofrer discriminação e violência, o que leva à consideração seguinte:

. percebi diversos casos de homofobia tanto internalizada quanto externalizada, com referências a mutilações, suicídios, espancamentos, exclusões e expulsões em diversos ambientes (igrejas, famílias, escolas, etc, nem sempre concomitantemente). A homossexualidade é um tabu em muitas etnias do Alto Rio Negro.

E aquilo que chamamos em nossas próprias categorias de 'transsexualidade' e de 'travestilidade', um tabu maior ainda. Os/as indígenas que tem um sexo-gênero compulsoriamente designados (homem ou mulher) e se sentem/se percebem com identidade de gênero oposta (mulher ou homem), e fazem adequações estéticas (se vestem de mulher tendo 'nascido homens', por exemplo), costumam sofrer ENORME discriminação e violência.

Isto vale tanto para indígenas "homens" que se vestem de mulheres e/ou se sentem mulheres como para indígenas "mulheres" que se vestem e/ou se sentem homens.

É de se perguntar: ao "confundir" (como entendo) identidade de gênero e orientação sexual, Viveiros de Castro estaria se utilizando de categorias ou concepções nativas, daí a "confusão" entre identidade de gênero e orientação sexual? Posso estar errada, mas tenho a impressão que não: VCastro está usando definições 'brancas' (com muitas aspas) para explicar a pergunta "existe índio gay e existe homofobia?".

Segue a transcrição literal da entrevista com Viveiros de Castro.

Pergunta: (9:00) "existe índio gay e existe homofobia?"

Resposta: (9:04) "em vários povos indígenas. Homossexualidade é perfeitamente reconhecida e até eventualmente institucionalizada. Em várias tribos na América inteira. Na América do Norte tinha a figura do berdache, o berdache era o homem que adotava as roupas, os hábitos das mulheres, que vivia como mulher, casava-se, montava família, era o travesti no sentido completo, e eram respeitados como pessoas dotadas de poderes mágicos (...) Os xamãs de diversas tribos indígenas, nas três Américas são eventualmente considerados pessoas com um terceiro sexo, eles não são homem nem mulher, eles são outra coisa. Em outras tribos entretanto, você tem uma certa indiferença ou até mesmo uma certa hostilidade a pessoas que demonstram uma orientação homossexual. Mas eu diria que via de regra homofobia é inexistente, comportamentos homossexuais são vistos com uma certa indiferença, às vezes divertida, mas não há de forma alguma, perseguição, proibição..." (Transcrição literal até 10:28)

https://www.youtube.com/watch?v=c3v_DuRI1tE&feature=youtu.be

Talk-Show do Rafucko: Eduardo Viveiros de Castro

Rafucko Álvares Cabral tenta redescobrir o Brasil em entrevista com o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Assista aos outros episódios em <http://rafucko....>

YOUTUBE.COM

Like · Comment · Share

👍 Talita Sene, Dryca Gelinski, Sofia F. Ricardo and 2 others like this.

Peter Fry poxa - to escrevendo um ensaio sobre esse assunto e fiquei muito feliz de ver que os seus comentários coincidem com os meus pensamentos.

July 25 at 3:47pm · Like

Du Meinberg Maranhão Olá Peter, que bom *-)

July 26 at 12:39am · Like

Imagem: Postagem sobre "travestilidade" indígena²¹⁹

²¹⁹ Postagem em meu perfil pessoal do FB, 23 de julho de 2014.

Ao mesmo tempo em que realizei tais atividades acadêmicas e viagens de campo – em 2013 e 14 – prossegui analisando postagens, textimagens e conversando com pessoas entre-gêneros no FB. Em 2013 criei o grupo *Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans** (REAPT) do FB, mas comecei a realizar postagens, convidar algumas pessoas a participar e analisá-lo efetivamente em 2014. Participa(ram) deste grupo a maioria das pessoas entre-gêneros relacionadas até aqui, através de postagens, respostas a enquetes e comentários a perguntas diversas – o resultado destas participações será demonstrado e analisado posteriormente.

2013 foi marcado por outras atividades acadêmicas. À época, as revistas que eu colaborava como editor eram a *PLURA* – Revista de Estudos de Religião da ABHR e a *História Agora* – Revista de História do Tempo Presente. A História Agora, por exemplo, trouxe em 2013 duas edições temáticas, organizadas por mim, com o tema *(In)visibilidade Trans*.²²⁰ O evento que organizei foi o *1º Simpósio Internacional da ABHR / 1º Simpósio Sudeste da ABHR – Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*, realizado de 29 a 31 de outubro de 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O evento foi idealizado por mim, concomitantemente organizador geral do mesmo, e teve como produções bibliográficas um *Caderno de Programação e Resumos*,²²¹ coorganizado por mim com Talita Sene, os *Anais* do evento,²²² organizados por mim e o livro *Religiões e Religiosidades em (Con)Textos*, resultado de mesas e conferência final do simpósio, também organizado por mim. Além deste livro, em 2013 organizei os livros *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*,²²³ e *(Re)conhecendo o Sagrado: Reflexões Teórico-metodológicas sobre os Estudos de Religiões e Religiosidades*.²²⁴ Além destas obras, em 2013 publiquei a atualização de minha dissertação de mestrado, o livro *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*.²²⁵ Todas estas obras foram lançadas dia 30 de outubro, na Casa de Cultura Japonesa da USP, em conjunto com cerca de 30 obras de autores/as diversas, referentes à religiões e sacralidades. Entretanto, o lançamento coletivo foi marcado por um episódio lamentável, as tentativas de censura à *Grande onda vai te pegar*, através da igreja analisada no livro, a BDN. A truculência e censura da BDN foi descrita por diversos blogs, jornais e revistas jornalísticas e acadêmicas.²²⁶

²²⁰ MARANHÃO F^o, (In) Visibilidade Trans 1, 2013f e (In) Visibilidade Trans 2, 2013g.

²²¹ Idem, SENE, Caderno de Programação e Resumos do 1º Simpósio Internacional / 1º Simpósio Sudeste da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões), *Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*, 2013d.

²²² MARANHÃO F^o, *Anais* do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, *Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*, 2013b.

²²³ Idem, *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*, 2013i.

²²⁴ Ibidem, *(Re)conhecendo o Sagrado: Reflexões Teórico-metodológicas sobre os Estudos de Religiões e Religiosidades*, 2013h.

²²⁵ Ibidem, *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*, 2013a.

²²⁶ Dentre as revistas acadêmicas, a *Revista de História da Biblioteca Nacional*, a *REVER/PUC-SP* (artigo de Celso Luiz Terzetti), a *Horizonte/PUC-MG* (resenha de Manuela Löwenthal). Dentre as revistas jornalísticas, a

Fui vitimado por cyberbullying, registrando ocorrência na Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI). Fui convidado por alguns grupos de pesquisa para comentar sobre a obra, dentre eles, o coletivo liderado por Ricardo Bitun no Mackenzie (2013) e por Leonildo Silveira Campos e por Lauri Wirth, na UMESP (2014).

ISTOÉ, a *Caros Amigos*, a *Revista da ESPM*. O episódio também foi descrito por jornais como a *Folha de S. Paulo* e o *Brasil 247* e por blogs como *Genizah*, *Eclesia*, *Pavablog*, *Pedras que Clamam*, *UNICAP*, *Gospel Mais* e *Uma Estrangeira no Mundo*. Também foi emitida uma *Carta de Recusa* às atitudes da BDN através da ABHR, assinada em conjunto com a ANPUH/Nacional, o GTHRR da ANPUH e a ACSR, e uma *Carta de Repúdio à Censura*, assinada pelos discentes de História da USP. O episódio também foi comentado em audiência do STF sobre as biografias não-autorizadas. A obra foi referida pela revista *Ultimato* como um dos “12 livros de 2013 que os cristãos devem ler”. Comentei sobre a situação de censura em meu site: *ciborgues.tk*.

Novamente em São Paulo, participei de diversas reuniões da Roda de Conversa do CRT e eventos relacionados ao ativismo transexual/travesti. Em maio estive na 18^a Parada do Orgulho LGBT, sendo convidado por uma líder do ativismo trans/travesti a participar do *Trio das Trans*, que seria um carro específico a este público. No horário marcado para que o mesmo chegasse na avenida Paulista, ele não chegou. A associação organizadora da parada alegou que o mesmo havia tido problemas técnicos, gerando frustração e dúvidas de muitas pessoas que aguardavam por este, imaginando que ele não teria entrado na pista como forma de retaliação pelo fato de serem trans ou travestis. As pessoas foram então direcionadas a outros carros, como o Trio 10, que contou com a participação majoritária de pessoas trans*.

Se num momento do ano parte do ativismo transexual/travesti paulistano me convidava a eventos, em outro, parte deste mesmo ativismo me incluiu num *combo* de pessoas a terem a identidade de gênero questionadas. Mas qual o contexto desta tensão?

Entre 2013/14, algumas pessoas do ativismo travesti/transexual passaram a repudiar o termo *trans** alegando que o mesmo deslegitimaria o histórico de lutas e conquistas de pessoas transexuais e travestis e impediria novos avanços em relação a conquistas sociais. Por outro lado, pessoas auto-denominadas *trans** diziam que o termo era politicamente estratégico no avanço de políticas públicas não somente para travestis e transexuais como para pessoas transgêneras, não-binárias ou em outras classificações transidentitárias. Neste contexto, o termo *transgênero* que até então era bem-aceito pelos ativismos trav/trans – tanto que nos eventos ativistas costumava-se, até 2013, ter a opção “transgênero” nas fichas de inscrições –, começou a tornar-se alvo de repúdio, aliás, não só o termo como as próprias pessoas transgêneras, anteriormente vistas como “parceiras de causa”. De modo semelhante, a declaração identitária *trans* não-binária* – também recente no Brasil, sendo mais utilizada a partir de 2012-13, por não ser enfiada nas categorias travesti e transexual e ser relacionada aos termos *trans** e *transgêner@*, também começou a ser repudiada por alguns/mas ativistas trans e travestis – não só o termo como as pessoas que carregam tal auto-declaração. Um@ ativista trans me definiu a situação identitária *trans** brasileira:

o pessoal transgênero fala que o ativismo travesti e transexual brasileiro é fábrica de identidades. Você viu? Mas vamos mostrar que nós não somos fábrica de bonecas nem

fábrica de identidades segmentadas, somos fábrica de militância. Estamos formando uma nova geração. Dentro da sigla T só existem duas identidades e as travestis e transexuais que estão chegando já estão aprendendo.²²⁷

A narrativa, como ela explicou, era uma resposta a uma postagem no FB que teria dito – não cheguei a ver tal postagem – que o ativismo travesti-transexual queria fabricar bonecas moldadas de acordo com duas identidades fixas, a travesti e a mulher transexual. Além da postagem citada, muitas outras fomentaram controvérsias acerca do tema, envolvendo as fronteiras do que deve ser (des/re)legitimado e considerado (ou não) autêntico. Tais discussões em rede (de tensões) pensavam através de dois eixos, as identidades fluidas e fixas e a promoção de políticas sociais.

Pesquisadoras como Regina Facchini consideram a classificação identitária da “sopa de letrinhas” LGBT um processo necessário para viabilizar a emersão de demandas políticas para cada segmento identitário e assim, retornos políticos para tais pessoas.²²⁸ Esta parece ser uma posição que atravessa as concepções de pessoas dos dois grupos momentaneamente opostos – e ao que parece muitas destas pessoas têm refletido semelhantemente sobre a falta de protagonismo das pessoas enfeixadas na letra T (tradicionalmente, a tríade transexuais, travestis e transgêner@s) em relação às pessoas gays, especialmente, que deteriam mais recursos de políticas públicas, por exemplo.²²⁹ Ao mesmo tempo, têm-se questionado se entre as pessoas com identidades de “gênero-divergentes” não estariam sendo operadas hierarquizações fundamentadas em critérios que definiriam quais são as pessoas “legítimas” e “autorizadas” a se denominarem e serem denominadas trans e possivelmente participarem do parco bolo oferecido pelas políticas públicas. Enfim, as identidades polarizam e encarceram as pessoas mas ao mesmo tempo são necessárias para a promoção de políticas públicas? Uma das pessoas que mais recebeu acusações de pessoas ativistas travestis e transexuais foi Letícia Lanz. Ela respondeu:

²²⁷ ATENA ZG., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

²²⁸ FACHINI, *Sopa de letrinhas*, 2005.

²²⁹ Tal desconfiança – no caso por parte de pessoas do ativismos trav/trans – se mostrou durante a parada do orgulho LGBT em relação ao episódio da suposta retaliação ao carro específico a pessoas trans e travestis. Mas é uma posição compartilhada por pessoas de outros segmentos, como não-binários e transgêner@s. Mas esta é uma consideração bastante superficial e genérica de minha parte, merecendo aprofundamentos.

Imagem: Refutação de Lanz²³⁰

A postagem é uma defesa de Letícia em relação a acusações de que ela procuraria aniquilar a identidade específica travesti, o que é refutado por ela. A questão é controversa: Letícia é acusada de despolitização ao (supostamente) negar que pessoas trans* se identifiquem como mulher ou homem, ao querer dessencializar tais identidades e advogar a ideia de transgeneridade abarcando muitas identidades específicas.

Acompanhei discussões sobre a (des)legitimidade da transgeneridade, o que descrevo a seguir. As posições favoráveis e contrárias se misturam.²³¹

- Não somos homem vestido de mulher. Como uma colega diz, não aceitamos esses homens vestidos da sigla V de vestidos que usam nosso movimento T que é só de travestis e de mulheres transexuais, o movimento legítimo nacional e oficial do ativismo T... e estamos esquecendo os transhomens que também tem que incluir, eles não são lésbicas masculinas e o movimento de transgêneros faz essa bagunça entre homem e mulher. Nós do movimento TT oficial não aceitamos transgêneros no nosso segmento. Essa não é uma posição minha, é de muitas travestis e mulheres transexuais, e de homens trans também.

²³⁰ LANZ, *postagem em perfil pessoal*, 2014.

²³¹ As narrativas foram transcritas a partir de debates públicos acerca do tema. Ninguém foi identificad@ para preservação das identidades.

- Os gays segmentam uns aos outros, uns não gostam dos afeminados, ou dos ursos, ou dos mais ou dos menos musculosos, emos, parrudos, skyns, barbies, então nós do segmento T também temos todo direito de segmentar dentro do nosso meio através das características do físico, não aceitamos crossdresser, transformista e transgênero no nosso meio, eles denigrem nossa imagem. De dia são João e de noite são Maria. Só aceitamos homens trans além de mulheres transexuais e travestis do movimento historicamente legitimado e constituído.

- Cada um tem o direito de ser o que é. Até o Facebook em vários países aceita várias opções de gênero. Tem país que tem mais de 70 opções. E vocês do movimento que fala que é oficial, oficial de quem? Vocês só aceitam a imagem do que enxergam como semelhantes. Não olham a diversidade.

- Esses transgêneros dos quais os líderes são esses caras chamados Laerte e Leticia Lanz, e tem gente que apoia como a Andrade e o João Nery, são resto do segmento gay que foram excluídos pelos gays e então procuraram outra sigla pra se encaixar. Usam nossa identidade pra se vender e ficar na mídia. Olha o Laerte que está sempre na mídia, esse Leticia também. São homens que se montam. Nós não somos homens travestidos de mulher, eles são.

- Nós queremos nos desvincular do movimento LGBT. Na Argentina as travestis e mulheres trans só conseguiram direitos depois que saíram desta caixinha. Mas aqui ainda tamos grudadas nos gays. Mas a sigla T também não é pra colocar esses transgêneros. Eles não são identidade de gênero, são orientação sexual, como os gays. Se os gays adoram esses transgêneros porque não incluem eles então na sigla deles? Porque eles querem é higienizar o movimento deles e jogar esse resto que é o transgênero na nossa sigla?

- Sou uma drag e sou transgênera, eu transito entre os gêneros. Ora no gênero feminino, ora no masculino. Lembro que o termo transgênero há uns anos era usado por drags como eu, por travestis, por mulheres trans. Depois, o movimento de travestis foi se articulando. E depois, o de mulheres trans. Aí ambos movimentos abandonaram o termo transgênero. Tanto que a ABGLT e o Conselho Nacional LGBT ainda usam o termo transgênero. A ANTRA que hoje é Articulação Nacional de Travestis e Transexuais começou sendo Articulação Nacional de Transgêneros. Tem travesti que fala que faz trânsito, tem mulher trans também. Mas o movimento oficial diz que não fazem então por isso que abandonaram o termo transgênero.

- Transgêneros é um conceito que abarca todas manifestações de dessintonia com as normas estabelecidas e estereotipadas de gênero. Inclusive inclui as pessoas que se vestem esporadicamente para se adequarem num outro gênero.

- Transgênero transita no gênero. Aí quem se veste de mulher acha que é transgênero. Mas gênero não se define pela roupa. Este papo de que a roupa define o gênero é equivocado. Não podemos permitir que essas gays que nunca sofreram na pele o que nós trans sofremos digam que são T. Essa conquista é nossa, de anos na briga prá sair da sigla LGBT. Não queremos ser comparadas a pessoas que não sabem que lado estão.

- Eu já transitei. Fiz o trânsito uma única vez. Inclusive sou redesignada. Não transito mais entre gêneros. Onde eu me situo então? Sei que não sou transgênero. Sou mulher trans. Não transito mais. Tou fixa. Mas no conceito dos transgêneros sou transgênero, porque tou no guarda-chuva furado. Ou agora que sou mulher tenho de me vestir de homem, aí sou transgênero então? Não, ainda mais que meu sexo e meu nome mudaram, sou mulher trans, transgênero não. Tudo que não quero é que me confundam com uma caricata. Quero ser vista como mulher.

- Transgênero é quem transcende de gênero. Transborda. Transcende o “normal” em relação à vestimenta, nome, modificação corporal. Ou às vezes é algo somente do íntimo. Mas transcende pro gênero oposto, ou prá nenhum, pros dois... Não precisa passar por transformações para ser classificada transgênera.

- Eu sou a favor das pessoas conforme elas desejam se definir e se declarar mesmo que diferente de mim. Ela tem direito, aí que entram entre as pessoas transgêneras também, de sentir que não pertencem somente ao gênero de nascimento mas também ao outro. Não posso fazer a pessoa ser somente cisgênera se ela não é.

- Me desculpem as pessoas binárias, mas só quem é não-binário pode falar sobre o seu próprio direito ou necessidade de fazer transição. Inclusive as pessoas não-binárias tem disforias diferentes. Por exemplo: não tem uma tecnologia ainda para as cirurgias que algumas pessoas não-binárias desejam. Estas operações são proibidas pelo governo.

De um lado há um discurso que reivindica um guarda-chuva amplo a suportar a diversidade de identidades não-conformes com a cisgeneridade, e de outro, a fixação e consolidação de identidades específicas. Leticia compartilhou uma postagem da cartunista Laerte que demonstra preocupação com os recentes debates.

Letícia Lanz

June 28 at 11:52pm · Curitiba

Esse texto da Laerte merece muita reflexão de todas nós:

"Está rolando uma discussão no seio da nossa comunidade em torno da ideia de identidade de gênero.

A Márcia Rocha escreveu um texto jogando luz, a Letícia Lanz se viu envolvida em ataques - acho que a questão é preocupante, pra dizer o mínimo.

Não parece haver muita clareza no lance.

Tem rolado mais arranca-rabo e bate-boca do que troca de ideias.

Muito rapidamente as posições empedram e se parte para exercícios de musculatura retórica completamente inúteis.

Sinto que há, além da desinformação evidente, uma ideia meio corporativista presente, abastecida por um tipo de medo.

O que me intriga é - medo de quê?

O que há para se perder, do ponto de vista de grupos específicos como travestis e transexuais, na ideia de "transgeneridade"?

Vejo a participação de travestis em lutas históricas por conquista de direitos - pessoas como Claudia Wonder e Brenda Lee, para falar do passado - e não posso imaginar como a ideia de um movimento transgênero possa ser negativo nessa história.

Um movimento que envolva toda a população transgênera, sem precisar de carteirinhas ou cadastros setoriais, que defenda os direitos civis amplos que reivindicamos: de ter nome e sexo no RG conforme nosso desejo, sem precisar de laudos periciais; de ter livre acesso a todo e qualquer espaço público; de gozar da mesma segurança que toca à população como um todo; de poder casar, criar filhos, ter empregos e estudos.

Pra essa agenda, a ideia da transgeneridade só vem ajudar.

E o movimento defensivo em torno de uma identidade excludente só leva a novas e indesejáveis hierarquias.

Acho que está na hora de uma boa explicitação desse debate".

(Laerte Coutinho)

Like · Comment · Share

Imagem: Comentário de Laerte²³²

Eu também fui alvo de algumas críticas por me assumir como pessoa não-binária. Em uma determinada reunião de ativistas transexuais e travestis, e que outrora recebia pessoas que se declaram trans* não-binárias e transgêneras, à qual eu não estava presente, foi dito que eu não podia me definir trans* pois supostamente nunca havia passado por intervenções cirúrgicas, que pessoas não-binárias não existiam, e que eu imaginava ser um homem trans sem sê-lo. Como as pessoas em questão sabiam de minha marcação identitária como pessoa não-binária *não curti* ter uma declaração identitária minha alterada e nem colocada em xeque. Na ocasião publiquei em meu perfil do FB:

²³² LANZ, postagem em perfil pessoal, 2014.

Du Meinberg Maranhão

12 de setembro · São Paulo · 🌐 ▼

Conversando com minha amiga **Laerte** hoje, descobri que minha identidade de gênero é TRIS! Sim, TRIS!

Mas como cheguei à conclusão? Num evento da semana passada, ao qual eu não estava presente, algumas pessoas fundamentalistas/intolerantes de gênero me "definiram" como "um homem cis que pensa que é um homem trans" (ou "que se identifica como um").

Olha, não me identifico como homem cis nem como homem trans. Aliás, nem me identifico como "homem". Sei que "cis" eu não sou: nunca 'concordei' com o sistema séquisso-gênero que me foi imputado no nascimento. Talvez trans* n-b esteja ok.

Mas "seguindo" as "definições" que fizeram compulsoriamente de mim, sou um MIX: nem trans, nem cis: TRIS! E olhando nos manuais classificatórios, não achei identidade prá 'vestir': Seria eu PORN-QUEER? ENTRE-GÊNEROS? AGÊNERE? BIGÊNERO? Nada disso: TRI-GÊNERO, tchê! Aliás, TRISGÊNERO!

Brincadeira, nem creio em "identidade", ao menos prá mim! Mas prá cada 5 bilhões de pessoas, há 5 bilhões de possibilidades de gênero. Querem outra "definição"? SOU DUGÊNERO. Em termos de orientação sexual, DUSSEXUAL. Uma delícia, recomendo. Ah, se eu seguir as orientações sexuais disponíveis, sou DESorientade. Em termos de classificação, DESclassificade (não significa que eu não tenha classe tá?) Porque você pode ser "sem" tudo: sem raça, sem etnia, sem gênero, sem pátria, sem time. Só não pode ser "sem classe" (e não me refiro à classe social). E nem sem-caráter.

Acho meio bizarro as pessoas quererem definir a identidade alheia. Hoje escutei uma pessoa falar: "minha noiva é uma mulher transexual que se define como travesti". Oi????? Não seria ela então uma travesti? Regra de ouro: concorde com a auto-determinação/declaração alheia. Ou com a não-determinação/não-declaração alheia. Combinado assim? Posso ser simplesmente gente, gente? Beijos.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

Imagem: Tris

Esta postagem procurava provocar a seguinte reflexão: o quanto categorias como cis e trans* não produziram um novo binarismo? O quanto a categoria cis, politicamente sumamente importante para se pensar a categoria englobada (que é a trans*), poderia ser utilizada de modo *acusatório*? Algumas concepções/crenças de gênero poderiam ser consideradas fundamentalistas como determinadas crenças/concepções religiosas?

Quando eu me "defini" ironicamente como *tris*, quis demonstrar que nenhuma categoria identitária de gênero era suficientes para que eu me sentisse ou definisse no binário trans* ou cis... ainda que provisoriamente eu tenha adotado, até 2014 ao menos, *não-binárie* como categoria insuficiente mas aproximada de uma ideia que faço de mim mesmo.

Obviamente, não advogo que as pessoas que apreciam a ideia de identidade desistam da mesma. Quem quer ter uma, ou várias, fixas ou fluidas, ou nenhuma, que seja feliz. Mas a questão identitária deve ser problematizada: determinadas identidades podem – eventualmente – servir na *pasteurização* e obstacularizar que as pessoas sejam livres para se descobrirem como elas são ou querem ser. De certo modo, podem mais oprimir que libertar:

Imagem: Alcatraz de gênero²³³

Como é natural no FB, teve quem *curtiu*, quem *compartilhou* e quem deve ter *descurtido* tais ideias – mas que por polidez, por tratar-se de postagem em perfil pessoal não se manifestou. No final de novembro uma travesti compartilhou a imagem em seu perfil pessoal e refletiu que a identidade que eu chamava ironicamente de *tris* era uma “identidade milk shake”.²³⁴ Provavelmente a mesma sabia que adoro *milk shake* – metafórica e literalmente falando. Dentre as (in)definições que uso há tempos estão por exemplo *caldeirão identitário*, *discurso congelado* e *derretido* e – teria ela lido algum texto meu? – *identidade derretida*. Como a de um milk shake. Enfim, talvez a intenção dela fosse ser agradável, o que conseguiu.

Pelos comentários pudemos perceber o quão fervilhante, identitariamente falando, se encontram as identidades trans*, trans, transexuais, travestis... podemos pensar, como comentei, que estas distintas *crenças de gênero* talvez se assemelhem com *crenças religiosas* – e que ao menos *metaforicamente* gênero possa ser pensado como religião, o que veremos no próximo capítulo.

Mas as relações entre gênero e religião, ou ainda ativismo de gênero e evangelismo – ou talvez possamos brincar com as palavras e pensar num *evangelismo de gênero* ou *ativismo evangélico* – pode ser personificado através das inclusivas como a CCNEI e a ICM, que possuem discursos tanto ativistas/de cunho social como religiosos, como observaremos no próximo capítulo, e

²³³ MARANHÃO Fº., *postagem em perfil pessoal*, 2014 (como as anteriores).

²³⁴ A postagem estava bloqueada para mim, então não tive acesso à mesma. Mas ela foi copiada, bem como os comentários da postadora e fãs, por diversas pessoas que me enviaram as mensagens por inbox, comentando não concordarem com a compartilhadora. Algumas disseram não terem se exposto para não sofrerem retaliações.

através de uma pessoa específica, a ativista religiosa Jacque Channel, autodesignada *travesti gospel*.

Conheci Jacque em 2011, em um evento do ativismo trans* de São Paulo, mas não sabia que a mesma era evangélica fervorosa. Em 2014, vi que seu perfil do FB havia mudado de nome, de Jacque Channel para *Travesti Gospel*. Conversei com ela a respeito, que me explicou estar fazendo parte da CCNEI – uma das igrejas LGBT* que eu conheci em 2010. Jacque, cheia de iniciativa, criou a página Travesti Gospel e logo em seguida outra denominada *Rolezinho Gospel na Feirinha LGBT*.

A Feirinha LGBT é um evento realizado anualmente na Praça da República como parte das preliminares das paradas LGBT de São Paulo. Através do FB, Jacque organizou o evento gospel convidando amig@s do FB, eu, inclusive. Acompanhei Jacque – e mais três mulheres trans da CCNEI – no Rolezinho, quando foram distribuídos folhetos evangelísticos da igreja. Além das 4, haviam muitas pessoas das unidades paulistanas da CCNEI, e também outr@s adept@s das demais igrejas inclusivas LGBT* paulistanas, também fazendo evangelismo com panfletos, e em alguns casos, com dança e teatro.

Imagem: Rolezinho Gospel

Na Feirinha LGBT, conversei com Josi, Rev Cris, Alexya e seu marido Roberto, e ValdirenePontoCom, pessoas que não revia pessoalmente fazia algum tempo. Gravei entre-vista com Alexya e Roberto, em que ambos se definem como casal trans e Alexya conta que estava para ser ordenada pastora da ICM Mairiporã: a primeira pastora trans* brasileira. Durante o ano mantive contato com outras pessoas da ICM. Uma delas foi Marcos Lord, que promoveu a *assunção* da pastora drag queen Luanddha Perón.

Posteriormente, Jacques me pediu auxílio para ajudar na organização da *Conferência Trans e a Religião*, realizada na CCNEI. Dei algumas dicas para a elaboração do evento e no dia previsto, cheguei um pouco mais cedo para colaborar na logística do mesmo. Aproveitei para fazer uma entre-vista em que Jacques explicou acerca da importância da Conferência.²³⁵

Imagem: Conversa sobre organização do evento

²³⁵ Participaram do evento divers@s ativistas travestis e transexuais como participantes de mesa, dentre el@s, Josiane Ferreira de Souza, Luiz Fernando Prado Uchôa, Agatha Lima, Márcia Lima, Thais Azevedo, Adriana Lima, Fernanda de Moraes, Nicolle Mahier. Cada participante comentou sobre sua história de vida religiosa/genericada durante uma média de 20 minutos, e depois foi aberto para perguntas.

Imagem: 1ª Conferência Trans e Religião

Segue o conteúdo da entre-vista que fiz com Jacque momentos antes da 1ª Conferência Trans e Religião.

A grande motivação pra eu realizar o evento é o sangue correndo na veia de militante. Você sabe que a gente luta a vida inteira pra conquistar um espaço digno pra nós e aliado a isso tem a minha vida cristã, que eu sou cristã desde os 13 anos de idade. Vou e volto, vou e volto, isso também é uma coisa muito forte. As minhas expectativas são as melhores para a conferência, esse você sabe que é um momento histórico para a militância, para o Cristianismo, para igreja inclusiva isso é um marco histórico e eu espero que todas que foram convidadas e confirmaram presença venham, que todas participem e essa daqui é o esqueleto de uma primeira conferência. Com certeza virão outras, o Pr. Justino se comprometeu a fazer outras conferências na sequência, isso me deixa muito feliz, eu to muito feliz de ter sido escolhida pra esse momento, pra essa conferência, to mega feliz e eu espero que as pessoas que venham, que participem, também fiquem muito feliz e satisfeitas com essa conferência.

O público alvo aqui são as trans, essa conferência é para as trans. Você sabe que essa nossa igreja é inclusiva, mas tem muitas pessoas gays e o número de pessoas trans é muito reduzido e a intenção do Pr. Justino enquanto presidente da igreja é trazer mais pessoas trans pra fazer parte da igreja. Esse é o foco, as gurias que fazem programa e que estão aqui na região fazendo programa e também aquelas que moram na região. Tipo assim, o papel da igreja é estar de portas abertas, de braços abertos para acolher a chegada dessas pessoas aqui, e agora elas têm pessoas semelhantes a elas aqui dentro, então é diferente. Ser recebido por um rapaz gay, é diferente do que por uma trans. Então agora tem pessoas

semelhantes que estão dispostas a isso, porque precisava se descobrir isso, alguém que tivesse disposta a fazer isso. É a igreja alcançando a plenitude do papel social, acolhedor de uma igreja inclusiva, né?

Você não imagina como meu coração tá feliz, porque o que acontecia antes: as propostas pra mim e para outras trans era essa: cortar o cabelo, vestir um paletó, entendeu? E usar o nome masculino, era o que restava. E hoje não, olha pra mim, olha como que eu to, mulher, plena e aqui dentro, abrindo os braços pra receber outras que com certeza têm carência, têm a necessidade de ser feliz, de ter uma vida espiritual plena e não tem oportunidade lá fora, mas aqui dentro elas vão ter, isso não tem dinheiro no mundo que pague, não tem nada que pague, porque eu já passei por esse período em que eu fui podada. Antigamente, você imagina, eu entrei na igreja com 13 e assumi com 23, me assumi gay, então naquele período foi tudo muito difícil, desbravar tudo isso pra chegar até aqui hoje e você sabe que a nossa história é escrita com sangue, sangue e muito sofrimento. Infelizmente, queira ou não queira, é assim que a nossa história foi escrita, então pra mim é muita alegria, é muita felicidade, é muita emoção trazer as pessoas prá perto de Deus, prá perto de Jesus Cristo, prá uma vida plena com Deus. E, ser feliz, do jeito que somos, com todo seu silicone, com todas as suas plásticas, com seus hormônios, ser feliz plenamente com Deus. Hoje existe essa possibilidade e a possibilidade está aqui, isso aqui se consolida, essa oportunidade.

Através do FB foi impressionante porque foi uma coisa...como eu tenho bastante trans no meu face, eu acho que isso facilitou – pelo menos a articulação digital – pra mim foi linda, foi uma coisa assim que foi nascendo naturalmente e você até postou que estava lindo e eu fiquei assim surpresa com a ideia que eu tive, que só pode ser coisa de Deus, de poder tipo assim, prestigiar aquelas pessoas que não participavam, pra mim aquilo é como se fosse uma televisão e aquilo estivesse passando na televisão. E você sabe que a CCNE está abrindo um espaço inédito, que vai na contra-mão do que as outras igrejas pregam, essa conversão assim de tirar silicone, de raspar a cabeça e tudo mais, ela tá indo na contra-mão e na contra-mão do discurso, da pregação que é feita contra os gays, contra as trans, que é justamente aquele discurso que são os demônios.²³⁶

²³⁶ CHANEL, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Imagem: Entre-vista com Jacque Chanel

Durante 2014 voltei a acompanhar as Rodas de Conversa do ASITT/CRT, lideradas pela sempre solícita doutora Maria Lucia Macedo Pereira. Como eu já havia percebido, *a Roda roda*: após meu retorno de SGC, a maioria d@s integrantes que eu conhecia tinha ido embora: quase não haviam mais mulheres trans ou travestis, a maioria eram homens trans. Havia também trans* n-b. Uma das conversas em que se falou de religião foi em torno do episódio da conversão de Felipe Valentino através do FB – quando o vídeo foi passado e gerou comoção geral em quem

não havia assistido. Valentino foi outrora a travesti Gabriela e agora se declara ex-travesti e homem de Deus, como veremos mais adiante.

Este tema, da *destransição* – ou *desconversão* de gênero – surgiu com potência em 2014, o que fez com que eu *redirecionasse* minhas pesquisas. Até julho de 2014 eu não dava tanta importância à questão da *destransição* – assunto que me causava *desconforto*. Mas foi seguindo os fluxos d@s actantes da tese – as pessoas que co-labor-aram com a mesma – que decidi acompanhar tais fluxos e, em setembro/outubro, centrar minha atenção neste assunto, procurando comparar a questão das engenharias corporais/identitárias de gênero/religiosas a partir de dois eixos, as igrejas inclusivas e os ministérios de “recuperação de travestis”, que aqui na tese convenciono *ministérios de conversão de travestis – conversão religiosa e de gênero*, aliás. Ou dependendo do referencial, podemos chama-los de *ministérios de (des)conversão religiosa e de gênero de travestis*.

Julho de 2010 e julho de 2014 foram respectivamente o momento fundante e refundante da tese. Se no primeiro formou-se – a partir de Rev Cris como ponto zero – a rede formada pelas inclusivas, no segundo, a partir de ex-missionári@s que trabalharam na recuperação de travestis, pontos zero também, inaugurou-se nova rede, complexa e formada por pessoas trans*, ex-trans* e cis relacionadas aos grupos que chamo provisoriamente de *ministérios de (des)conversão religiosa e de gênero de travestis*. Tal rede envolveu outr@s ex-missionári@s, psicólog@s, pastor@s, atuais missionári@s, travestis, ex-travestis, ex-ex-travestis. Através desta rede conheci superficialmente a missão CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) e mais aprofundadamente a missão SAL (Salvação, Amor e Libertação), ambos grupos que se declaram casas de apoio à recuperação de homossexuais, adict@s e alcóolatr@s. Em relação às pessoas homossexuais, enfeixam as travestis, que passam por determinados programas de reabilitação ou como escutei de missionári@s, de *reversão do homossexualismo e recuperação da heterossexualidade*.

Na SAL conheci um ministério específico de conversão de travestis, liderado por uma pessoa reconhecida pela missão como ex-travesti. Através desta pessoa e do fundador da missão, pastor Paulo Cappelletti, conheci dezenas de pessoas, inclusive durante uma atividade deste ministério, o acampamento denominado AcampaMona.²³⁷

²³⁷ O termo *mona* costuma ser sinônimo de homossexual masculino.

Imagem: Rede da SAL

Em novembro fui convidado por Benjamin Seroussi e Carlos Gutierrez para participar da 31^a Bienal de São Paulo, nas atividades do Simpósio Trans(Religião/Gênero). Minha participação se deu de três formas. Uma, como palestrante, falando sobre o tema do simpósio. A segunda, com Carlos, como mediador de mesa, e a terceira, como consultore, dando dicas de pessoas a serem chamadas para a mesma. A mesa foi composta por Marcos Lord/Luanddha Perón, Alexya Salvador, além da advogada Márcia Rocha e do pastor que se designa ex-gay Robson Staines (que eu não conhecia pessoalmente).

Imagem: Palestra no Simpósio Trans(Religião/Gênero)

Imagem: Mesa do Simpósio Trans(Religião/Gênero). Da esquerda para direita: Eu, Alexya Salvador, Marcos Lord, Robson Staines, Márcia Rocha e Carlos Gutierrez

Continuei, durante o ano e pelo FB, conversando com pessoas de meu campo, como @s indígenas de SGC, pessoas da ICMSP e relacionadas aos ministérios de conversão de gente trans*.

2014, como a tese de modo geral, foi um ano de campo (in)tenso. Conversando com Leticia Lanz a respeito das dificuldades encontradas em campo durante meu trabalho, a mesma me mandou a resposta seguinte, que deixo como espécie de pós-epígrafe desta parte da tese.

Leticia Lanz

Os mortos enterrem os mortos e os vivos cuidem dos vivos (Mt, 8:22) ...

Imagem: “Os mortos enterrem os mortos”

Entre mort@s e ferid@s, segue um panorama geral com as redes que formaram a tese.

Imagem: Rede completa

O mapeamento acima é bastante superficial. Destaco que muito poderia ter sido dito nesta tese acerca dos mais variados temas, como família, escola, romances, adaptações estéticas, diversão, trabalho, transfobia, mídia, etc. Mesmo sobre religião muitos assuntos poderiam ter sido aprofundados, graças à grande quantidade de entre-vistas e a alta qualidade das narrações. Entretanto, tive de realizar escolhas, e seguindo o fluxo das pessoas com quem conversei nestes quatro anos, percebi a importância de se abordar acerca das relações entre discursos religiosos/generificados e a as reestruturações na arquitetura identitária de gênero e religiosa de pessoas trans* e ex-trans*.

*T*abela com entre-vistas

Entre-vistas com identificação				
Nome	Auto-identificação(ões) de gênero	Auto-identificação(ões) religiosa(s)	Tipo(s) de entre-vista(s)	Data(s)
Alexya Salvador	Mulher transexual	Evangélica Inclusiva (ICM)	HOT FB	2010 a 2014
Cristiano Valério	Homem cis	Evangélico (pastor inclusivo da ICM)	HOT	2010 a 2014
Jacque Channel	Travesti	Evangélica Inclusiva (CCNEI)	HOT FB	2014
Josiane Ferreira de Souza	Travesti/Mulher Transexual	I - Evangélica Inclusiva (ICM)/Candomblecista	HOT FB	2010 a 2014
Joide Miranda	Ex-travesti	Evangélico (pastor)	HOCEL	2012
Ledah Martins	Mulher trans*	-	HF	2014
Letícia Lanz	Transgente	-	HF	2012 a 2014
Marcos Lord/ Luandha Peron	Homem cis/Drag queen	Evangélic@ Inclusiv@ (ICM)	HOT HF	2014
Márcia Rocha	Travesti	-	HOT	2012 a 2014
Paulo Capelletti	Homem cis	Evangélico	HOT	2014
Rainha Tchaka	Homem cis/Drag queen	-	HF	2014

Rebecca Foxx	Drag queen	-	HF	2014
Roberto Salvador Junior	Homem cis	Evangélico Inclusivo (ICM)	HOT	2014
Rouvanny Moura	-	Evangélico	HOT	2014
ValdirenePontoCom	Homem cis/Drag queen	Evangélic@ Inclusiv@	HOT	2014

Entre-vistas anônimas				
Nome	Auto-identificação(ões) de gênero	Auto-identificação(ões) religiosa(s)	Tipo(s) de entrevista(s)	Data(s)
Apolo A	Homem trans	-	HOT	2012
Apolo C/Hermafrodit@ C	Homem trans e queer - genderfluid	-	HOT	2012
Apolo D/Hermafrodit@ D	Menino/demiboy/n-b/gênero fluido	-	HOT	2013
Apolo G/Atena G	-	-	HOT	2014
Apolo G	Drag King	-	HOT	2013
Apolo H	Homem trans	candomblé	HOT	2013
Apolo I	Homem trans	-	HOT	2014
Apolo J	Homem trans	-	HOT	2014
Atena A	Mulher trans	-	HOT	2012
Atena B	Mulher trans	-	HOT	2010
Atena C	Mulher trans	-	HOT	2014

Atena D/Apolo D	-	-	HOT	2014
Atena E/Apolo E	-	-	HOT	2014
Atena F/Apolo F	-	-	HOT	2014
Atena H	Mulher trans	evangélica	HOT	2012
Atena I	Mulher trans	-	HF	2014
Atena J	Drag queen	-	HF	2014
Atena K	CD	Evangélica	HOT	2011
Atena L	Travesti	-	HF	2013
Atena M	Mulher trans	-	HF	2013
Atena N	Mulher transgênera	-	HF	2013
Atena O	Homem cis gay/Drag queen	-	HF	2013
Atena P	Mulher trans	-	HF	2014
Atena Q	Mulher trans	-	HF	2014
Atena R	Mulher trans	umbandista	HOT	2012
Atena S	Mulher trans	Candomblé ketu	HOT	2011
Atena T	Mulher trans	Candomblecista (mãe pequena)	HOT	2012

Atena U	Mulher trans	umbandista	HOT	2012
Atena V	Mulher trans	Candomblecista	HOT	2011
Atena X	Mulher trans	Freqüentadora do batuque	HOT	2011
Atena Y	Mulher trans	Evangélica Inclusiva	HOT	2011
Atena W	-	-	HOT	2011
Atena Z	Mulher trans	católica	HOT	2011
Atena ZA	Mulher trans	-	HOT	2012
Atena ZB	Mulher trans n-b	-	HOT	2014
Atena ZC	Mulher trans	evangélica	HOT	2012
Atena Z/D	Mulher trans	-	HOT	2012
Ex-missionári@ CENA A	-	evangelic@	HOT	2014
Ex-missionário@ CENA B	-	evangelic@	HOT	2014
Ex-missionári@ CENA C	-	evangelic@	HOT	2014
Ex-missionári@ CENA D	-	evangelic@	HOT	2014
Ex-missionári@ SAL A	-	evangelic@	HOT	2014
Ex-missionári@ SAL B	-	evangelic@	HOT	2014

Ex-missionári@ SAL C	-	evangelic@	HOT	2014
Hermafrodit@ A	Não se define nem homem nem mulher		HOT	2011
Hermafrodit@ B/Apolo B			HOT	2012
Hermafrodit@ C	-		HOT	2014
Hermafrodit@ E	N-b		HF	2014
Hermafrodit@ F	Fluida de gênero		HF	2014
Hermafrodit@ G	queer	católic@	HOT	2012
Hermafrodit@ H	Metade demigirl e a outra dividida em agêner e bigêner	Meio budista e meio católique e aguinóstique	HOT	2014
Líder católic@	-	Catílic@	HOT	2014
Mãe de mulher trans*	Mulher	-	HOT	2012
Missionári@ de conversão de SGC A	-	Evangélic@	HOT	2014
Missionári@ de conversão de SGC B	-	Evangélic@	HOT	2014
Missionári@ AM A	-	Evangélic@	HOT	2014
Missionári@ AM B	-	Evangélic@	HOT	2014
Missionári@ AM C	-	Evangélic@	HOT	2014
Missionári@ AM D	-	Evangélic@	HOT	2014

Pastor@ do AM	-	Evangélic@	HOT	2014
Pastor@ evangélic@ A	-	Evangélic@	HOT	2012
Pastor@ evangélic@ B	-	Evangélic@	HOT	2013
Pastor@ evangélic@ C	-	Evangélic@	HOT	2012
Psicólog@ A	-	-	HOT	2012
Psicólog@ B	-	-	HOT	2014
Psicólog@ C	-	-	HOT	2014
Tirésias A	Ex-travesti	Evangélico	HOT	2014
Tirésias B	Ex-travesti	-	HF	2014
Tirésias C	Ex-travesti	Evangélico	HOT	2011
Tirésias D	Travesti (que já foi ex-travesti)	-	HOT	2014
Tirésias E	Travesti (com vários processos de (re/des)transição	-	HOT	2014
Tirésias F	Não é travesti e também não se vê homem	-	HOT	2014
Tirésias G	Ex-travesti	-	HOT	2014
Tirésias H	-	-	HOT	2014
Tirésias I	-	-	HOT	2014

Tirésias J	Não sabe se é homem ou travesti	-	HOT	2014
Tirésias K	-	-	HOT	2014
Tirésias L	Não se vê homem, nem mulher, nem travesti	-	HOT	2014
Tirésias M	-	-	HOT	2014
Tirésias N	Ex-travesti / Mulher trans		HF	2014
Tirésias O	Ex-travesti	Evangélico	HOT	2014
Tirésias P	Ex-travesti/homem gay	-	HOT	2014

Ao final deste diário de bordo é possível que @ leitor@ tenha percebido que o “motor” da tese é a *identidade*, e mais especificamente, a de gênero e a religiosa. Antes de continuarmos nossa jornada, façamos pequena pausa reflexiva. O que seriam *identidade*, *identidade de gênero*, *identidade religiosa*? São conceitos suficientes para pensarmos/entendermos *as pessoas*? Caso não sejam, como utilizá-los e manter sua utilidade conceitual? Podemos subverter tais categorias? Torná-las *conversíveis* – ou seja, utilizarmos as mesmas para falar de outras coisas, talvez mais semelhantes do que possam parecer à primeira vista?

***E**nter*

Rasurando e convertendo conceitos no caminho

Eu tou te explicando que é prá te confundir,
eu tou te confundindo que é prá te esclarecer
Tom Zé

Antes de prosseguirmos viagem(ns), é bom reforçar que os conceitos e classificações im/expressos nesta tese são destinados à *provisoriedade*. Esta é uma escrita em ebulição, instável, nômade e errante – assim como quem a escreve.

Este capítulo é dividido em três partes ou *atos*. O primeiro procura, menos que demonstrar, *apresentar a instabilidade* do conceito de identidade. Tal instabilidade conduz ao ato seguinte, admitir a necessidade de *usar o referido conceito sob rasura*, ciente de sua precariedade. O terceiro é o de *subversão/conversão conceitual*, que estaria em usar conceitos relacionados a uma coisa para falar de outra. Este ato é dividido em dois *movimentos*. No primeiro, sugiro utilizar a categoria *gênero* para pensar a categoria *religião*; as categorias *identidade e expressão de gênero* para refletir sobre *identidade e expressão religiosa*; e a categoria *transgeneridades* para pensar a categoria *trans-religiosidades*. No segundo movimento proponho o exercício contrário. A partir de categorias relacionadas à mobilidade religiosa – como *peregrinação e conversão* –, pensaremos categorias da mobilidade generificada. Ao final, ficará uma pergunta: *religião e gênero, enquanto construtos sociais, operam de formas semelhantes?*

A resposta a essa questão, como veremos adiante, dará pistas sobre uma possível retroalimentação entre discurso religioso e discurso generificado e como estes se conectam com as diferentes arquiteturas identitárias generificadas e religiosas de pessoas trans* e ex-trans*.

1^o Ato: Fluxo e instabilidade

Meus pais e o médico decidiram que eu era menino quando eu nasci. Sou intersexo, eu vim com características femininas e com características masculinas. Cresci, e me identifico como mulher. Agora tenho que fazer todo o reverso do que eles fizeram. Sou intersexo e sou transexual. Conheço pessoas intersexo que são cisgêneras, mas eu sou transgênera. Os meus pais, e com toda pessoa intersexo devia ser assim, eles poderiam... não, não... eles deveriam... ter esperado eu crescer e me perguntar que gênero eu preferia. Este corpo é meu, é o meu corpo. Eu deveria ter a decisão. Quem deveria decidir se o meu corpo é corpo feminino ou masculino sou eu. Você não acha?²³⁸

Outra moça narrou:

sempre achei que era menina. Minha mãe me criou que nem menina. Sempre usei roupa de menina, brinquei com coisa de menina. Eu só soube que era menino porque uma tia me falou, que era porque eu tinha pinto, essas coisas. Mas eu não sabia. Prá mim era menina ora, depois veio a confusão, na adolescência, porque o corpo de menino veio né. Nunca tinha ouvido falar que eu era menino até aquela hora, e nem de trans. Aí hoje em dia eu tou aí, na fila da transição, prá tomar hormônio, operar.²³⁹

As duas histórias contadas demonstram situações (aparentemente) distintas. Na primeira uma moça narrou que, sendo intersexo, pai, mãe e médico decidiram que ela deveria ser criada como menino, e para tal, a medicaram com hormônios masculinos durante quase duas décadas, até que a mesma decidisse que queria transicionar para o outro binário, o feminino, e para isto, estava se submetendo a tratamento hormonal feminino. Ela reclama que preferia ter tido a opção, na infância ou começo da adolescência, de escolher em que sistema corpo/sexo/gênero de auto-

²³⁸ ATENA ZF., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011. A *intersexualidade não deve ser confundida* com transgeneridade/transexualidade/travestilidade. Para que @ leitor@ entenda um pouco melhor, transcrevo aqui a descrição do verbete *Intersexualidade* do MD 2.0 (*Anexos*): “Pessoas intersexuais geralmente possuem características primárias e/ou secundárias de ambos os sexos-gêneros, como genitais internos e/ou externos, em geral com predominância de um ou outro, e por esta razão nem sempre são designadas claramente dentro do sistema sexo-corpo-gênero como *mulher* ou como *homem*. Muitas vezes possuem estrutura cromossômica XXY, misturando os cromossomos masculinos XX e os femininos XY. Mas como me comentou João W. Nery, “há intersexuais que não aparecem no fenótipo, como as mulheres XY, porque não houve absorção da testosterona e portanto, ficam femininas, mas são XY e vice versa.” Algumas destas pessoas, definidas compulsoriamente como *mulher* ou *homem* e não se identificando com esta definição, podem transitar em direção ao outro sistema sexo-gênero, realizando ou não modificações corporais. Há pessoas intersexuais cis e pessoas intersexuais trans* binárias e não-binárias. A intersexualidade não deve ser confundida com identidade de gênero, expressão de gênero, androginia ou orientação sexual e/ou afetiva” (MD 2.0). Para maiores informações, leia MACHADO, *O Sexo dos Anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*, 2008.

²³⁹ ATENA ZA., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

identificação viver. A segunda narrativa, de outra moça, conta que ela foi criada num sistema sexo/gênero feminino e que só na adolescência ficou sabendo que tinha “nascido menino”, ou seja, que “era menino”, coisa que ela não reconheceu como sexo/gênero *autêntico*. Já adulta, iniciou sua transição para o sistema feminino em que se reconhecia.

No primeiro caso, médico, mãe e pai enunciaram/descreveram/prescreveram um determinado sistema sexo/gênero a uma pessoa intersexo, enunciação/descrição/prescrição que *falhou*, pois a pessoa não concordou com o sistema sexo/gênero designado. No segundo, a pessoa ficou sabendo de seu sistema sexo/gênero de nascimento posteriormente, ao ser avisada por uma tia e começar a perceber as formas de seu corpo, o comparando aos de outras pessoas. Até então, ela havia sido enunciada/descrita/prescrita como menina, enunciação/descrição/prescrição *bem sucedida*. No entanto, no momento em que a tia a identificou como “menino”, a nova enunciação/descrição/prescrição falhou em termos de resposta performativa,²⁴⁰ ou seja, a moça não concordou com o novo sistema/sexo/gênero atribuído.

Estes exemplos nos mostram que uma das formas como as identidades se forjam, como já comentei, é através da linguagem, que mais que descritiva é *prescritiva*.²⁴¹ As pessoas, desde a infância, aprendem que devem ter *identidades fixadas binariamente* dentro do sistema sexo-gênero: ou são *mulheres* ou são *homens*, *femininas* ou *masculinas*. Além disto, espera-se que as mesmas alinhem-se à heterossexualidade compulsória. Mas afinal, “mulher” e “homem” são conceitos *acabados* (no sentido de finalizadas) ou *acabados* (no sentido de obsoletos)?

Jack Halberstam – homem trans que se identificava até algum tempo atrás pelo seu nome de batismo, *Judith* – tem pensado sobre os termos “mulher” e “homem” como

termos globais. A maioria das sociedades usam o sistema binário de gêneros. Mas esse sistema funciona de diferentes maneiras em diferentes lugares. Uma mulher do Equador, ontem, me falou sobre um grupo de homens transgêneros que nasceram em corpos femininos, se identificam como homens, mas também tiveram bebês. Eles são mães. Eles são masculinos, mulheres e mães. Qual o nome para isso? Há um nome em espanhol para

²⁴⁰ O conceito de *performatividade de gênero*, como descrito (*prescrito*?) por Butler, será comentado mais adiante.

²⁴¹ Michel Foucault já anunciava que “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, *A ordem do discurso*, 2004, pp. 8-9). Para o autor, proferir um discurso é conceituar, classificar e definir. De modo semelhante, Boaventura de Sousa Santos explica que as identidades são “um modo de dominação assente num modo de produção de poder que designo por diferenciação desigual.” Para o mesmo, quem tem poder para declarar ou invisibilizar a diferença hierarquiza as diferenças entre as identidades (SANTOS, *Entre ser e estar*, 2001, p. 46).

isso que eles usam, mas não há equivalente em outra língua, porque é uma forma muito particular de identidade.²⁴²

Outros conceitos, como gay, lésbica e transgênero,

não estão obsoletos, mas hoje são antiquados e não descrevem bem muitas e muitas pessoas. Eles se tornaram categorias tão fixas, e há tantas pessoas que ficam entre um e outro, que são apenas esboços grosseiros de formações identitárias, e nós precisamos atualizar essas classificações. O outro problema é que elas representam um modelo euro-americano de pensamento sobre a sexualidade. Há muitas outras línguas que as pessoas usam para diversidade sexual e de gênero e que trazem diferentes significados. Não há, por exemplo, uma tradução para o inglês para “travesti” ou para “transformista”. Esses termos têm os próprios significados. São descrições de formações sexuais em um tempo e em lugar específicos e não podem ser capturados por gay, lésbica ou transgênero, que não funcionam globalmente.²⁴³

Para Halberstam, as *contra-identidades de gênero*²⁴⁴ merecem ser *convocadas para a guerrilha* contra as forças da cis-heterossexualidade reinante. Mais que isto, é importante lembrarmos a multiplicidade de experiências de gênero não englobadas nas contra-identidades sexuais/de gênero representadas pelas letras LGBTTTIGQ²⁴⁵ (com suas diversas variantes): muitas identidades não se encaixam nestas classificações, como @s *muxes* de Juchitan (istmo de Tehuantepec, México), *berdaches* dos Estados Unidos, *hijras* da Índia, *zenanas*, *pottais*, *aravanise* e outras identidades locais/regionais/nacionais, bem como *crossdressers*, *drag kings*, *drag queens*, *butches*, etc.²⁴⁶

Tais vivências, de algum modo e/ou em algum momento *nômades*²⁴⁷ – *errantes* –, podem ser interpretadas socialmente como *erradas*, justamente por causa de sua mobilidade, inconveniente numa sociedade que procura *fixar* tanto identidades quanto mobilidades identitárias.²⁴⁸ Este nomadismo é percebido em falas como “fui designado mulher mas sempre me identifiquei como

²⁴² HALBERSTAM, *A homofobia faz parte do estado teocrático*, 2012.

²⁴³ Idem, 2012.

²⁴⁴ As contra-identidades de gênero, para Halberstam, seriam as identidades de gênero trans*.

²⁴⁵ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêner@s, intersexos, agêner@s (*genderless*) e questionador@s (*questioning*, no inglês).

²⁴⁶ Algumas destas identidades são (superficialmente) descritas no MD 2.0.

²⁴⁷ Para Braidotti, o nômade “se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa. O nômade é semelhante ao que Foucault chamou de contra-memória, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio (...). O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas. Assim, o nomadismo refere-se ao tipo de consciência crítica que resiste a se ajustar aos modos de pensamento e comportamento codificados. É a subversão do conjunto de convenções que define o estado nômade, não o ato literal de viajar” (BRAIDOTTI, *Diferença, diversidade e subjetividade*, 2002, pp. 9-10).

²⁴⁸ Ressalto que nem toda experiência trans* é caracterizada por um nomadismo digamos, constante. Muitas pessoas referem ter transitado mas depois se fixado no sexo/gênero de reconhecimento próprio.

homem, então fiz minha transição estética para adequar minha aparência ao meu gênero de identificação. Sou um homem trans”. Trata-se de auto-marcação/declaração identitária relativa a um *único* marcador, gênero. Mas observemos outra narração:

ah, eu já me vi homem cis gay, já me vi trava, hoje sou trans não operada. Por enquanto, claro. Vou colocar boceta logo, logo e aí, meu bem, ninguém mais segura esta mulher! Ai, será que eu também já me vi como CD ou como drag? A lôca!²⁴⁹

Quando esta moça refere a si, ironicamente, como “a lôca”, pode evidenciar que os fluxos e auto-marcações identitárias referentes a estes são socialmente vistos como, *mais que errantes, errados* – abjetos até. Da sociedade deveríamos esperar dois *movimentos* simultâneos, um de *despatologização* de identidades móveis, em quaisquer sentidos, e outro, de reconhecimento e respeito às automarcações e auto-identificações alheias, quaisquer que sejam, em quaisquer momentos e inclusive ao mesmo tempo. A narradora acima poderia ter se identificado simultaneamente de todas aquelas formas e de outras ou ainda não se identificar: mas o direito à identidade deveria ser a mola mestra da sociedade. Ao contrário da auto-marcação anterior, *única* (sou um homem trans), a auto-marcação identitária dela é *múltipla e não simultânea*, também dentro do mesmo marcador, gênero (já me vi homem cis, já me vi trava, hoje sou trans não operada).

Um exemplo de auto-marcação/declaração identitária de gênero *múltipla e simultânea* está na pessoa que diz “sou transexual, travesti e drag queen ao mesmo tempo”.

Também podemos observar auto-marcações/declarações identitárias *múltiplas e simultâneas relacionadas a marcadores identitários diferentes*. Posso, por exemplo, me reconhecer “mulher, brasileira-corinthiana, morena, de olhos verdes, bonita, lésbica, leonina, judia e antropóloga”. Cada um destes atributos representa um determinado marcador de diferença e identidade: de gênero, nacionalidade/time de futebol, estéticos, de orientação sexual, astrológica, religiosa e acadêmica.

Outro caso é o da pessoa que demonstra auto-marcações/declarações identitárias *múltiplas relativas a dois marcadores, como gênero e religião, mas não necessariamente simultâneas*. Josi, nossa companheira de jornada, se declarou, entre 2010 e 2012, das seguintes formas: “eu sou uma travesti, eu sou um homem gay, eu sou uma mulher trans e vou colocar boceta.” E ainda: “eu sou do candomblé e da umbanda, eu sou evangélica inclusiva”. Não há simultaneidade dentro do mesmo marcador (Josi não era travesti e transexual, nem era umbandista e inclusiva ao mesmo tempo), mas há simultaneidade entre os dois marcadores (Josi

²⁴⁹ ATENA B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

era travesti e da umbanda ao mesmo tempo, por exemplo). Mas tal análise é contextual. Em 2014 ela falou: “sou mulher trans, sou cristã inclusiva”. E claro, dois anos podem fazer grande diferença nos sonhos realizáveis das pessoas. Se até 2012 Josi era cantora e secretária da ICMSP e trabalhava como garota de programa nas imediações do Parque do Carmo, zona leste paulistana,²⁵⁰ em 2014 mudanças se avizinham: “continuo cantando na ICM sempre que posso, e agora estou noiva, vou me casar como sempre sonhei, estou trabalhando em telemarketing e fazendo faculdade de pedagogia prá realizar meu outro grande sonho: ser professora”.²⁵¹

Muitas outras narrativas mostraram o mix entre auto-marcação/declaração identitária *múltipla e simultânea de um marcador* e auto-marcação/declaração identitária *única* de outro, como no exemplo “sou transexual, travesti e drag queen ao mesmo tempo” e “em termos de religião só tenho uma, sou apostólica romana de nascimento até morrer”; ou no caso inverso, “sou agênera, judia, espírita e de almas e angola”.

Podemos observar também a mescla entre auto-marcação/declaração identitária *múltipla e simultânea de gênero* e auto-marcação/declaração identitária *múltipla e simultânea religiosa*, demonstrando auto-identificações *múltiplas e simultâneas relacionadas a marcadores identitários diferentes*. É o caso da pessoa que se identifica: “sou transexual, travesti e drag queen ao mesmo tempo” e “sou ortodoxa grega, budista e wiccana ao mesmo tempo”. São múltiplas pertenças que se conectam. Mas parece ser mais aceitável socialmente a pessoa que se refere em uma *múltipla pertença religiosa simultânea* que em uma *múltipla pertença de gênero simultânea* ou ainda numa *múltipla pertença simultânea de orientação sexual*. Há algo de ambíguo, contraditório ou errado na pessoa que se identifica simultaneamente não somente como quimbandista/kardecista/católica mas como gay/lésbica/hetero/bi ou trans/travesti/cis? Creio que não: tal experiência só seria contraditória caso a própria pessoa assim a definisse.

²⁵⁰ Parte das entre-vistas feitas com Josi foram publicadas anteriormente: MARANHÃO F^o, “*Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei*”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica, 2011b e “*Jesus me ama no dark room e quando faço programa*”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), 2011c.

²⁵¹ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. Aqui podemos recordar a frase atribuída a Shakespeare: *a vida é o verdadeiro palco*. Somos atores/atrizes que representamos papéis de acordo com os cenários que nos são apresentados. Refletindo sobre esta relação com Josi, ela poderia ser considerada *atriz de si mesma* e eu, *plateia*. Mas nem atriz nem plateia eram estanques: ela e eu mudávamos/nos adaptávamos a cada *apresentação/performance* dela (e talvez minha também). Mudando a perspectiva, é provável que para Josi era eu quem atuava/performatizava enquanto ela assistia, já que em campo, @ *observador@* também é *observad@*. Não penso as relações de (em) campo como fixadas hierarquicamente em *pesquisad@* e *pesquisador@*, daí a importância de se pensar o trabalho da forma *mais relacional* e *simétrica* (obviamente nada é simétrico) possível.

Além destas possibilidades de conexões entre auto-marcações/declarações de gênero e religiosas, obviamente há muitas outras. Em relação a estas, não nos esqueçamos da mistura entre fluidez e fixidez relacionada a marcadores diferentes, como para Alexya: “sou uma mulher trans, me vejo fora das caixinhas de gênero, sou gente, mas em termos de religião sou cristã inclusiva e não abro mão”.²⁵² Outra *conexão* entre referentes identitários, referente ao ativismo de gênero e evangelismo é feita por Jacque Channel: “quando eu me defino como uma travesti gospel estou trazendo estas duas experiências de identidade, a de gênero e a religiosa, afinal sou as duas coisas juntas”,²⁵³ o que provavelmente valha para a maioria das pessoas. Narrativas como as de Josi, Alexya e Jacque nos balisam a pensar no íntimo relacionamento entre *ela*, a religião, e *ele*, o gênero.

Em todos os casos, o que vale é a auto-identificação atual, como no exemplo de Josi: “sou mulher trans, sou cristã inclusiva”. E como o reverendo Cris da ICMSp narrou, se a pessoa se identificar como gay e depois como travesti, “a gente atualiza o cadastro”.²⁵⁴ Caso Josi queira se auto-definir e auto-identificar diferentemente um dia, atualizamos a forma de nos referir a ela.

Afinal, “identificar” @ *outr@* de modo contrário ao que a pessoa se identifica é, como explica Viviane V., atitude colonizatória que demonstra

em alguma medida, reprodução de procedimentos cissexistas que demandam das pessoas trans* as supostas verdades sobre seus corpos e identificações (mediadas, se necessário, por instituições médicas e jurídicas, denotando a disposição em se considerarem pessoas trans*/transgêneras como de menos, ou nenhuma, agência sobre suas vidas).²⁵⁵

Fica a questão: por que não “naturalizar” que as pessoas sejam e/ou se apresentem como elas querem – simplesmente respeitando suas autoidentificações e autodeclarações?

De todo modo, se sentir em fluxo identitário (ou não) é muito pessoal. Nem todas as pessoas que se identificam em situações de mobilidade de gênero pretendem permanecer nesta condição *ad eternum*. Grande parte destas percebe o *trânsito* como meio para *estacionarem* no gênero de desejo e/ou identificação. E há pessoas que se declaram trans* mas não se entendem em situações de trânsito: “eu não acho que estou em trânsito de gênero. Para mim, sempre fui

²⁵² SALVADOR, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. Destaco a provisoriidade em se “determinar” a fixidez ou fluidez de “determinadas” “categorias”. Quando falo de uma *identidade religiosa fixa* de Alexya, me refiro à sua auto-determinação: *sou cristã e não abro mão*. Entretanto, a mesma realizou fluxo religioso da ICAR à ICM, e esta é uma igreja que tem se iniciado, no Brasil, em uma teologia queer, caracterizada pela fluidez conceitual, ao menos em alguns pontos. Assim, falo de uma identidade religiosa fixa neste contexto da auto-marcação/declaração de Alexya como uma *cristã fixa*.

²⁵³ CHANNEL, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

²⁵⁴ VALÉRIO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

²⁵⁵ V., *Tempestade em guarda-chuvas**, 2012.

mulher, desde criança. Nunca me vi menino, então, não me vejo em trânsito de gênero. Será que estou errada?”, indagou Atena C.²⁵⁶ Não, certamente não está errada em se perceber assim. E é por isto que reforço que esta tese deve ser lida com suspeição/suspensão, ciente de que os conceitos e ideias – principalmente @s que eu apresento – se destinam à provisoriedade, ainda que possam ser úteis a discussões e novos questionamentos.

As identidades – inclusas aqui as generificadas e as religiosas – são *relacionais*²⁵⁷ e marcadas pela diferença,²⁵⁸ havendo agenciamento/articulação da elaboração/transição identitária de si e d@ outr@, em *fluxos e contrafluxos* contínuos.

Entre *fluidez* e *fixidez*, perguntemos: a identidade *fixada*²⁵⁹ que rege quem a pessoa *é* e quem ela *deve ser* de acordo com o sistema sexo/gênero binário enunciado/descrito/prescrito²⁶⁰ no nascimento, é suficiente para as pessoas acima descritas? Esta *concepção* de identidade fixa, inaugurada no nascimento da pessoa ou através de técnicas como o ultrassom, são suficientes para contemplar suas subjetividades e experiências?

Leticia Lanz pode dar pistas:

²⁵⁶ ATENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. A situação de nomadismo ou/e peregrinação não se estende necessariamente *ad eternum*: pode ser contingencial, *trânsito transitório*. Est@ viajante trans, cartografando a si mesm@, atravessa/(re)descobre caminhos e lugares, se (re/des)constrói, visando um produto pronto – ou não. Alguns/as derrubam barreiras dicotômicas de sexo/gênero no percurso, outr@s as reconstróem mais adiante.

²⁵⁷ Sobre a relação com o *Outro*, ver *Vida precária* de Butler.

²⁵⁸ Para Silva, identidade e diferença são indissociáveis (SILVA, *A produção social da identidade e da diferença*, 2000, pp. 73-102). Diferença e identidade são articuladas a partir das declarações reiterativas, que demarcam fronteiras entre *os que pertencem e os que não pertencem*, classificando e hierarquizando sujeitos. Hall também entende que a diferença constitui a identidade através de operações como “eu/ele”, nas quais a exclusão constitui a unidade da identidade, resultando em determinações classificatórias e hierarquizantes entre os pólos (HALL, *Quem precisa da identidade?*, 2000).

²⁵⁹ As identidades – inclusas aqui as generificadas e as religiosas – são *relacionais* (Sobre a relação com o *Outro*, ver *Vida precária* de Butler) e marcadas pela diferença. Para Silva, identidade e diferença são indissociáveis (SILVA, *A produção social da identidade e da diferença*, 2000, pp. 73-102). Diferença e identidade são articuladas a partir das declarações reiterativas, que demarcam fronteiras entre *os que pertencem e os que não pertencem*, classificando e hierarquizando sujeitos. Hall também entende que a diferença constitui a identidade através de operações como “eu/ele”, nas quais a exclusão constitui a unidade da identidade, resultando em determinações classificatórias e hierarquizantes entre os pólos (HALL, 2000).

²⁶⁰ Ao *definir* pode-se estabelecer, ao mesmo tempo, marcação identitária descritiva e *prescritiva*, reiterada pela nomeação e imersa num conjunto de relações de poder assujeitadoras. Butler comenta sobre a elaboração subjetiva a partir do *assujeitamento*, fundamentada em autores como Foucault, Freud, Lacan, Althusser, Hegel e Nietzsche, e estabelece uma grade de análise sobre nossa emersão como *sujeitos* a partir das relações de poder, original e simultaneamente *assujeitadoras* e marcadas pela *vulnerabilidade primária* – carregando possibilidades de *resistências criadoras* em relação à norma serializante da dominação (BUTLER, *The Psychic Life of Power*, 1997). Para Butler, reiterações produzem diferenças hierarquizantes entre sujeitos, e nomear é convocar, exercendo efeito não só descritivo, mas *prescritivo* (idem, *Vida precária*, 2011).

*Imagens: Toda identidade... / O que é gênero?*²⁶¹

Há simultaneamente uma explosão de rótulos identitários insuficientes para “categorizar” as pessoas, insuficiência conceitual compartilhada com os guardas-chuva que supostamente deveriam acolher as auto-identificações? Seria identidade uma ilusão ou um cativeiro? Esta serviria para libertar ou aprisionar? Qual a necessidade de rótulos identitários que enunciam/descrevem/prescrevem semelhança e diferença? Não podemos nos pensar meramente como *pessoas* ou *gente*? Ou seriam estes também rótulos prescritores? Enquanto tais, seriam suficientes para representar a tod@s? Provavelmente não.

Podemos indagar: *existe* uma identidade, ou esta é “imaginada”, sempre em demanda, mas nunca atingida? Provavelmente as ideias de Agier, de “que toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva, é múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”²⁶², e de Sanchis, de identidade como “o que o sujeito pretende

²⁶¹ LANZ, *Transgente*, 26 jul. 2014.

²⁶² AGIER, *Distúrbios identitários em tempos de globalização*, 2001, p. 10.

ser, aos olhos dos outros e a seus próprios olhos, eventualmente até o que ele se esforça para se persuadir que ele é”²⁶³, possam suscitar reflexões a respeito.

Imaginando que o conceito de identidade – ao menos o de uma identidade *arbitrária, fixa e acabada* – não dê conta da diversidade das vivências humanas, pensemos: continuamos usando tal conceito? De que modo?²⁶⁴

²⁶³ SANCHIS, *Inculturação? Da Cultura à Identidade, um Itinerário Político no Campo Religioso: o caso dos agentes de Pastoral negros*, 1999, p. 62.

²⁶⁴ Uma questão é: se as pessoas com quem convivemos – e no caso de uma pesquisa, as pessoas que pesquisamos (e que nos pesquisam) – *utilizam* conceitos como o de identidade, ainda que relativizemos o mesmo, *como pensá-lo*?

2º Ato: ~~Rasura~~

Se identidade pode ser vista por algumas pessoas como fixa, por outro lado, outras concepções podem vê-la como líquidas, móveis, processuais. Podem ainda entender sujeitos, comunidades e instituições como *caldeirões identitários*:

expressões, impressões, identificações e declarações – próprias e alheias – sofrem processo de (des/re) aquecimento a partir de contexto relacional, em que identidades e identificações são derretidas, resfriadas, solidificadas, fragmentadas – derretidas de novo –, em constante processo de adaptação e amoldamento.²⁶⁵

Pensar em *derretimento identitário* implica na *provisoriedade/efemeridade/transitoriedade* da identidade – num processo de (des/re)confeção, sem um sentido fixo e caracterizada por maior ou menor instabilidade,²⁶⁶ necessitando de olhar igualmente nômade.²⁶⁷

Propor uma identidade – e desdobramentos como *identidade religiosa* e *identidade de gênero* – como derretida(s) é um modo de pensar a identidade *sob rasura*. Sendo assim, o que proponho é pensar nos conceitos *a contrapelo* – a partir de sua precariedade e transitoriedade. Mas o que seria *rasurar* (ou *derreter*) identidade?

Stuart Hall, retomando Derrida²⁶⁸, argumenta que o sinal de rasura (X), indica uma escrita dupla na qual o conceito-chave surge como mediador da inversão e da emergência – a identidade *sob rasura* demonstra a provisoriedade deste conceito, na qual a forma original não é mais suficiente

²⁶⁵ MARANHÃO Fº, “*Inclusão*” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes, 2012f, pp. 89-116 e *Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome*, 2013c, pp. 29-59.

²⁶⁶ De modo semelhante, mas em relação às categorias analíticas feministas, Sandra Harding dizia que estas “devem ser instáveis – teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais”. Para a mesma, “é possível aprender a aceitar a instabilidade das categorias analíticas, encontrar nelas a desejada reflexão teórica sobre determinados aspectos da realidade política em que vivemos e pensamos, usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática”. A instabilidade deve ser percebida também em relação às teorias as quais nos utilizamos: “o problema é que não sabemos e não deveríamos saber exatamente o que queremos dizer a respeito de uma série de opções conceituais que nos são oferecidas: exceto que as próprias opções criam dilemas insolúveis para o feminismo” (HARDING, *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*, 1993, p. 11).

²⁶⁷ Além de identidade, outros termos utilizados na tese podem ser considerados igualmente errantes e provisórios, como os relacionados ao *entre* (*entre-gêneros*, *entre-religiosidades*, etc) que proponho, e outros termos guarda-chuva, como queer, cis, trans*, ex-trans*, travesti, transexual e transgêner@ – todos insuficientes para contemplar a multiplicidade de vivências/agenciamentos/deslocamentos identitários de pessoas generificadas.

²⁶⁸ Classificações como a de *identidade religiosa* e *identidade de gênero* podem ser entendidas *sob rasura*: utilizadas, ainda que a partir de uma (des/re)construção e (des/re)articulação. O problema da (des) classificação está na (re) classificação de conceitos sem a ciência de que todas (ou quase todas) classificações são (mais, ou menos) *frágeis*. Do mesmo modo, é relevante perceber as situações e relações de *transitoriedade* que constituem e envolvem – em maior ou menor medida – pesquisas, pesquisad@s e pesquisador@s.

para ser pensada. Entretanto, com a não superação dialética do conceito e sua não substituição por um diferente, este continua sendo pensado, ainda que sob perspectiva desconstrucionista, de modo diferente da forma original.²⁶⁹

Assim, rasura-se o conceito de identidade *fixa*, propondo-se concepção que, como explica Stuart Hall, “não tem como referência aquele segmento do eu que permanece sempre e já ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo,” e “*não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa do início ao fim sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história”.²⁷⁰ A identidade fixa, por sua insuficiência para contemplar grande parte das pessoas – ainda que contemple muitas outras – é colocada *sob rasura*: na falta de termo mais conveniente, utiliza-se *identidade em um outro sentido*, com finalidade heurística, didática e como esforço de auto-compreensão e compreensão das outras pessoas.

Rasurar não inviabiliza o uso: pessoalmente, entendo que as “identidades” possam ser (re)pensadas como rótulos que servem para (re/des)classificar as pessoas e (ao menos muitas vezes) (re)produzir opressões – ainda que eu *defenda calorosamente* o direito de quem quer que seja se identificar e/ou se expressar das maneiras que julgar convenientes – obviamente dentro de um Estado de direito democrático e tolerante em relação às diferenças e ... “identidades”.²⁷¹ Mais uma consideração, e isto pode parecer paradoxal: a pessoa pode rasurar ou criticar identidades e ao mesmo tempo, defender identidades específicas – ou usá-las – como estratégia política. De algum modo, criticar identidade pode afirmá-las – e não abolí-las, ainda que este seja também um efeito possível. Fundamental é problematizar as identidades, interrogar acerca das formas como elas historicamente se formam, seus processos de (re/des)elaboração, como elas se afirmam e são (re/in)utilizadas e como podem servir politicamente, inclusive na

²⁶⁹ HALL, *Quem precisa da identidade?*, 2000. Maluf pensa, a partir das *identidades sob rasura*, na transitoriedade de *sujeitos sob rasura*: não há mais sujeitos, mas posições de sujeito, bem como não há mais identidades, mas pontos de apego temporário (MALUF, *Por uma antropologia do sujeito*: da Pessoa aos modos de subjetivação. Parte I – Pessoa, Individualismo e crise do sujeito, no prelo).

²⁷⁰ HALL, 2000, p. 108.

²⁷¹ Vemos as seguintes definições sobre *identidade e diferença* na versão online do Dicionário Aurélio: *Significado de Identidade*: s.f. O que faz que uma coisa seja da mesma natureza que outra. / Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação etc.): verificar a identidade de alguém. // Identidade pessoal, consciência que alguém tem de si mesmo. / Matemática Igualdade (que se indica =) cujos dois membros tomam valores numéricos iguais para todo sistema de valores atribuídos às letras. (A identidade difere da equação, que só se verifica para certos valores atribuídos às letras.) // Bras. Carteira de identidade, cartão oficial com fotografia, nome, impressões digitais etc., do portador, o qual serve para sua identificação; em Port., bilhete de identidade. // Princípio de identidade, princípio fundamental da lógica tradicional, segundo o qual “uma coisa é idêntica a si mesma” (“a é a”). *Significado de Diferença*: s.f. Caráter que distingue um ser de outro ser, uma coisa de outra coisa. / Falta de igualdade ou de semelhança. / Matemática O resto, o que fica de um número ou quantidade da qual se subtrai ou número ou quantidade: a diferença entre 7 e 5 é dois. / Divergência. / &151; S.m. pl. Desavenças, contendas (FERREIRA, 2014). Como se vê a partir de definições com sentidos opostos, uma se dá em relação à outra, daí o contexto *relacional* da identidade, costumeiramente vista como sinônimo de igualdade e/ou semelhança e em contraposição à diferença. Um sinal de que a identidade é relacional: só se é negr@ ao ser contrapost@ ao/à branc@, só se é lésbica se contraposta à hetero, só se é trans se contrapost@ à/ao cis.

conformação de políticas públicas de promoção de direitos – afinal, por mais que qualquer identidade seja criticável tod@s têm o direito de tê-las e performatizá-las, e o Estado deve suprir os mesmos direitos a tod@s. Dentro duma espectometria política abrangente todas as identidades devem ser constituintes – de modo desierarquizado. Um exemplo: todas as pessoas trans* (incluídas as identidades específicas como transexual e travesti) devem ter os mesmos direitos que qualquer pessoa cis, inclusive ao acesso à mudança de nome e alterações corporais, independentemente de laudos administrativo-burocráticos, médicos ou das áreas psi – o Estado deve assim prover reconhecimento e assistência igualitária – inclusive para a transição de pessoas trans* que desejarem – fora do âmbito da patologização.

Além de utilizarmos identidade com seu sentido (ou um de seus sentidos, o de identidade fixa) rasurado, podemos pensar em outras formas de subverter o termo identidade? Uma estratégia como a de tornar o termo *conversível* - pegar um conceito comumente utilizado para uma coisa e aplicar ele para se referir a outra?

Faremos duas tentativas, talvez sem sucesso. Na primeira, procuraremos converter gênero em religião, ou seja, utilizarmos a categoria gênero (o termo e seu conceito) para pensarmos a categoria religião. Mas, inicialmente, o que seria *gênero*?

3^o Ato: Conversão

1^o Movimento: Convertendo gênero em religião

Gênero. Conjunto de normas esperadas a pessoas designadas em determinados sistemas sexo/gênero/corpo binário ou não-binário, refere-se a características consideradas *de mulher* ou *de homem*, *femininas* ou *masculinas*, ou ainda *andróginas*. Mais que isto, para Judith Butler, por exemplo, gênero seria a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.²⁷²

O gênero, dentre outras coisas, se relaciona diretamente com os *estereótipos de gênero*, modelos fixos, prontos e acabados do que é *ser e agir como mulher* e *ser e agir como homem*, do que constitui a *feminilidade* e a *masculinidade*. De acordo com alguns destes estereótipos, ainda que provavelmente ultrapassados, mulheres devem ser amorosas e doces, casar, ter e cuidar de filhos enquanto homens devem ser assertivos e proverem financeiramente a família. Os estereótipos servem no patrulhamento ideológico contínuo do que é conveniente ao homem e à mulher fazerem em sociedade. Além disto,

por mais inocentes e favoráveis que pareçam, estereótipos são sempre restritivos e repressores da livre expressão dos seres humanos, sufocando a liberdade e a criatividade de cada pessoa e impedindo o seu crescimento pessoal e profissional em função da sua inscrição em um dos dois gêneros.²⁷³

Os estereótipos – modelos – de gênero se fundamentam numa visão comum e compartilhada/esperada de como “macho” e fêmea” devem se (com)portar em sociedade. Entretanto, é possível, ao menos hipoteticamente, se instituir estereótipos relacionados à não-

²⁷² BUTLER, *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade, 2003, p. 59.

²⁷³ LANZ, *Dicionário Transgênero*, 2014.

binariedade,²⁷⁴ no sentido do *ser não-binário é*, o que poderia dar sinais da reprodução de uma rotulação identitária de gênero, ainda que diferentemente do *ser mulher é* e ao *ser homem é*. Tal reprodução sinalizaria para o binarismo binário/não-binário. Mas certamente o fundamento de qualquer binarismo²⁷⁵ de gênero continua sendo o binarismo mulher/homem.²⁷⁶

Um dos momentos em que o binarismo de sexo/gênero encontra maior potência no imaginário social ocidental está na atribuição de papéis sociais através da identificação de sujeitos a partir de um (suposto) “sexo biológico”. Neste sentido, pessoas que se identificam com um sexo (e/ou um gênero) diverso(s) daquele(s) assignados socialmente, costumam ser vistas como “não-biológicas”, ou “anti-naturais”.

Concepções como a de que os grupos sociais estão “estabelecidos sobre uma base sexual/biológica, de forma binária e hierarquizada, com predominância de um segmento sobre o outro”²⁷⁷ foram relativizadas por autoras como Gayle Rubin (1975), Monique Wittig (1980) e Adrienne Rich (1981). Rubin demonstrou a existência de um *sistema de sexo-gênero* binário, orientado pela “expressão de humanidade em moldes paradigmáticos: normal/anormal,

²⁷⁴ Como comentado no *Manual de Instruções, Não-binários (as/os)* é uma *identidade de gênero*. Pessoas que não se encaixam/enquadram em nenhum dos gêneros binários, feminino ou masculino. Ainda que não se considerem cisgêneras, nem sempre se consideram trans, trans* ou transexuais. Há travestis, mulheres transexuais e homens trans que se consideram não-binários/as/os. Algunes não-binários se percebem agêneres ou bigêneres, ou nenhum dos dois. Há, dentre muitas equações possíveis, quem se entenda metade menina e metade agêner, ou parte bigêner, parte só menino e parte alguma outra coisa. A abreviatura de não-binário é *n-b*. Em inglês, abrevia-se *enby*, algo como *não-bi*. Além de identidades não-binárias, é possível pensarmos em expressões de gênero não-binárias e em situações ou biografias não-binárias (observaremos este segundo caso no decorrer da tese).

²⁷⁵ Binarismos são crenças sociais normalizantes/normatizantes identificadas em diversos (talvez em todos) os marcadores/rotuladores sociais de identidade e diferença. No caso do assunto deste mini-dicionário (des)pretensioso, podemos pensar em binarismos *de gênero*, *de orientações sexuais* e *de identidades de gênero*. *Pessoas binárias* são as que se enquadram na binariedade ou no binarismo. Talvez possamos considerar como diferença entre binarismo e binariedade que a segunda refere-se à dualidade, e à primeira, à institucionalização/normalização/normatização da segunda..

²⁷⁶ Como comentado no *Manual de Instruções*, podemos pensar em diversos tipos de binarismos. Como exemplos: *Binarismo de gênero: Mulher / homem (ou feminino / masculino)* são designações/convenções/enquadres sócio-culturais de sexo/gênero amparadas em sinais mais ou menos visíveis ou expressos, como vestimenta, tom de voz, corpo e nome. Tratam-se de (des)encaixes identitários mais ou menos compulsórios e voluntários. “Homem” ou “mulher” são classificações binárias e contingenciais, e podem advir do sexo-gênero de designação/atribuição social ou da auto-inscrição. O binarismo de gênero (re)força a adequação compulsória a um gênero específico. Pessoas trans não-binárias são especialmente oprimidas pelo binarismo de gênero. Mas pessoas trans binárias também são afetadas pelo binarismo, visto que este “é uma das fontes de disforia, tornando compulsória a adequação de cada pessoa a somente um gênero”. *Binarismo de identidades de gênero*: Há mulheres e homens trans e mulheres e homens cis. E claro, “dividir” o mundo em pessoas cis e pessoas trans*, ainda que hajam necessidades políticas e que seja fundamental o respeito pelas auto-declarações quaisquer que sejam, demonstra um outro tipo de binarismo, o cis-trans* (ou trans*-cis). Em relação às identidades trans*, outro binarismo se apresenta, aquele entre binário@s e não-binários. Na opinião da/o autora desta tese, ideal seria se pudéssemos ser apenas identificadas como *pessoas* ou *gente* – na falta de termo melhor. *Binarismo de orientações sexuais*: As inscrições sociais costumam “perceber” o mundo a partir dos óculos da heteronormatividade, que apresenta como seu “contraditório” a homossexualidade: seria o binário hetero-homo. Entretanto, há diversas auto-declarações – e também pessoas que não se encaixam em nenhuma definição existente no mercado – que “fogem” a tal binarismo, como bissexuais, pansexuais e assexuais – dentre outras autodefinições possíveis.

²⁷⁷ SWAIN, *Epistemologia feminista plural*: Corpos sexuais, identidades nômades, s/d, s/p.

certo/errado”.²⁷⁸ Wittig e Rich aprofundam Rubin, “sublinhando, na divisão dual dos sexos, outra premissa não questionada: a *heterossexualidade compulsória*, forjadora e reiteradora da expressão binária do sexual”.²⁷⁹

Para Tânia Navarro Swain o sistema de sexo/gênero é constantemente reafirmado através da “categoria analítica ‘gênero’, expressa como construção cultural a partir do sexo biológico”, enquanto sexo é “uma representação social de evidência biológica.” A autora demonstra que

o sexo biológico, considerado inquestionável, pré-existente, superfície pré-discursiva, aparece enfim como um sentido imposto ao social pelo próprio regime de verdade no qual se apoia e institui, pelas constelações de sentido que criam uma evidência social”.²⁸⁰

Swain demonstra que a binariedade que envolve os conceitos de mulher e homem é exemplificada através da dificuldade de muitas mulheres em assumirem-se feministas: “o próprio binário é aqui explicativo, pois o feminino sugere uma temática destituída de nobreza, contrapondo-se a um masculino genérico, universal, dotado dos valores do humano em geral”.²⁸¹ Assim, uma das atividades teóricas do feminismo estaria em sua autocrítica, exigindo

o desenraizamento, o deslocamento dentro das balizas seguras de certos pressupostos, como por exemplo, o “ser mulher”, em um corpo biologicamente definido. O lugar da epistemologia feminista é, portanto, nesta perspectiva, um “não lugar”, pois não há pouso nem repouso neste incessante produzir de consciências e autoconsciências.²⁸²

“Ser mulher” atrela dois referentes distintos: materialidade do corpo e subjetivação do feminino. A composição de sujeitos é definida por uma biologia, estabelecida como marco decisório para sua inserção no social e a produção de sentidos sociais, condensada na instituição de corpos sexuados. As práticas discursivas relativas às experiências do corpo sexuado/sexualizado produzem o feminino do “ser mulher”.²⁸³ A epistemologia feminista desestabiliza evidências de corpos modelados pela biologia ou da heterossexualidade como prática sexual por definição, e desta forma,

²⁷⁸ RUBIN, *The traffic in Women: Notes on the “political Economy of Sex”* in Reiter, Rayna, R, 1975, p. 205, *apud* SWAIN, s/d.

²⁷⁹ SWAIN, s/d, s/p.

²⁸⁰ Idem, s/d, s/p.

²⁸¹ Ibidem, s/d, s/p.

²⁸² Ibidem, s/d, s/p. Algumas das assertivas de Swain, como esta, *provavelmente* assentam-se em inferências de autoras queer como Butler.

²⁸³ Ibidem, s/d, s/p.

ao significante “mulher” não corresponde um significado preciso, mas uma miríade de situações e comportamentos constitutivos de um ser inserido em um social histórica e espacialmente determinado.²⁸⁴

A construção do “ser mulher” (ou do “ser homem”, do “ser travesti”, do “ser não-binário”, etc), não prescinde, necessariamente, de supostos biológicos: assenta-se, fundamentalmente, na autoidentificação e autodeclaração. Uma pessoa designada no nascimento (ou na gestação de sua mãe) como *homem* pode peregrinar em busca de sua adequação à sua identidade/expressão de gênero feminina. Quem pode dizer que tal pessoa não seja *mulher*, se ela se reconhece como tal? Do mesmo modo, uma pessoa que teve sexo e gênero atribuídos/assignados no nascimento como mulher/feminino, pode fazer seu nomadismo de gênero em direção ao “polo” masculino (ou ao outro extremo binário de gênero). Tais pessoas, comumente entendidas a partir de termos como *transsexuais*, *trans*, *trans** e *travestis* costumam ser discriminadas/vilipendiadas especialmente (mas não tão somente) por conta de sua não aceitação/adequação à extremidade binária de gênero *esperada* a partir da aparência de seus genitais e designação/atribuição social de sexo e gênero.

No caso de pessoas assignadas como “homens” e que se identificam/representam/expressam subjetiva e/ou socialmente como “mulheres”, estas sofrem, por vezes, de uma segunda discriminação de gênero: para muitas pessoas, é um absurdo um “homem” abdicar de seus privilégios sociais para “se tornar”, ou “virar” uma “mulher” (que socialmente, ainda costuma ser entendida como inferior ao homem). Uma terceira forma de intolerância muitas vezes é agregada: a associação feita entre transmulheres²⁸⁵ – e especialmente pessoas identificadas como travestis – com garotas de programa (costumeiramente avaliadas pela sociedade como *abjetas*).

Desta primeira cartografia, destaca-se uma indagação: conseguimos pensar a sociedade além dos parâmetros binários do sistema sexo/gênero? Em caso afirmativo, o que propor no lugar deste binário? Mesmo não tendo a ambição de responder tais questões, podemos convocar algumas/uns teóric@s *queer* para o debate.

²⁸⁴ Ibidem, s/d, s/p.

²⁸⁵ Mais uma forma de autodeclaração de pessoas assignadas como “homens” na gestação ou nascimento mas que se percebem como mulheres. Desdobram-se sinônimos como mulheres trans, mulheres transexuais, transexuais femininas, MTF (male to female), dentre outras.

*O*s estudos queer

Todo mundo nasce nu, o resto é drag
Ru Paul

A perspectiva que me inspira a pensar gênero – ou que combina com as que eu já trazia – é a da teoria queer, que procura desafiar categorias (con)sagradas como as de sexo e gênero, e como proponho, pode ser utilizada para desestabilizar outras, como a de religião.

A teoria *queer* foi desenvolvida a partir do final dos anos 1980 por ativistas e pesquisador@s em maioria provenientes dos Estados Unidos, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre gênero e minorias sociais.²⁸⁶ Uma das primeiras teóricas a utilizar a expressão *queer* de modo epistemológico foi Teresa de Lauretis, no artigo *Queer Theory: Lesbian and Gay Studies*, de 1991.²⁸⁷ O objetivo de suas reflexões era o de

articular os termos pelos quais as sexualidades gays e lésbicas poderiam ser entendidas e representadas como formas de resistência à homogeneização cultural, contrariando discursos dominantes com outras construções possíveis do sujeito na cultura.²⁸⁸

De Lauretis explica que o uso do termo no meio acadêmico foi impulsionado pela primeira vez por ela, em 1990²⁸⁹ e

justaposto a “lésbica e gay” no subtítulo, é destinado a marcar certa distância crítica a partir da última, até agora estabelecida e, muitas vezes, conveniente fórmula. A frase “gay e lésbica” ou “lésbica e gay” tornou-se a forma normal de referência e há poucos anos vinha-se utilizando simplesmente “gays” (por exemplo, a comunidade gay, o movimento gay de libertação) ou, simplesmente alguns anos atrás ainda, “homossexuais”. [...] Num certo sentido, chegamos ao termo “Queer Theory” no esforço de evitar todas estas distinções nos nossos discursos oficiais, e não aderir a qualquer uma das condições dadas, para não

²⁸⁶ MISKOLCI, *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*, 2009, p. 150.

²⁸⁷ Tal artigo foi produzido durante seminário realizado na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, em fevereiro de 1990 – e é considerado o precursor dos estudos *queer*.

²⁸⁸ DE LAURETIS, *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities* 1991, p. 1 *apud* OLIVEIRA, *Isto é contra a natureza? Decisões e discursos sobre conjugalidades homoeróticas em tribunais brasileiros* 2009, p. 41. Tradução livre de Oliveira.

²⁸⁹ Idem, 1991, p. 2 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 42.

assumirmos as suas responsabilidades ideológicas, mas sim para transgredi-las e transcendê-las - ou, pelo menos, problematizá-las.²⁹⁰

Outr@s autor@s se utilizaram do termo ainda no início da década de 1990, como Judith Butler (1990), Eve Sedgwick (1990) e Michael Warner (1993). O termo *queer*

tem sido utilizado, na literatura anglo-saxônica, para englobar os termos “gay” e “lésbica”. Historicamente, “queer” tem sido empregado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais. Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra “queer” joga também com um de seus outros significados, o de “estranho”. Os movimentos homossexuais falam assim de uma política *queer* ou de uma teoria *queer*.²⁹¹

O termo pode ser traduzido não só por *estranho* mas “talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, ainda não tolerado, não integrado, direcionado a homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drag queens*, considerad@s sujeitos da sexualidade desviante.²⁹² Para Louro,

este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica à normalização e à estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.²⁹³

A palavra *queer* tem ainda o significado de *através*, e seu equivalente alemão (*quer*), quer dizer *transversal*. Pode ser utilizado como verbo ou adjetivo, *atravessando* conceitualmente identidades, subjetividades e comunidades.²⁹⁴ Butler – que costuma ser entendida como a principal precursora destes estudos – entende que “*queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos”.²⁹⁵

O termo *queer* é adotado e resignificado para destacar as (a)normalidades relativas ao sistema sexo/gênero, expressando a subversão de normas diversas – especialmente relacionadas a tal

²⁹⁰ Ibidem, 1991, p. 2 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 41. Tradução livre de Oliveira.

²⁹¹ SILVA, in LOURO, *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 1999, 171-172.

²⁹² LOURO, *Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação*, 2001, p. 546.

²⁹³ Idem, 2001, p. 546.

²⁹⁴ TALBURT, *Contradicciones y posibilidades del pensamiento queer*, 2005.

²⁹⁵ BUTLER, *Criticamente subversiva*, 2002, p. 58.

sistema. Creio, entretanto, que um olhar e uma atitude queer possam ser direcionad@s a outros marcadores sociais, como religião, origem, classe, etnia, raça,²⁹⁶ desestabilizando e desenraizando pressupostos que caracterizariam e “validariam” tais marcadores.

Além disto, o próprio queer pode ser “queerificado” – colocado em dúvida e/ou *sob rasura*, por possivelmente não dar suporte ao entendimento dos múltiplos deslocamentos “identitários” de pessoas e coletivos. Pensaremos num exemplo disto quando tratarmos sobre a *teologia queer*, em um dos cenários do capítulo *Paisagens em movimento*.

Louro entende que a teoria *queer* reflete numa política e teoria pós-identitária que se voltam “não propriamente às condições de vida de homens e de mulheres homossexuais”, mas que tenham

como alvo, fundamentalmente, a crítica da oposição heterossexual/homossexual onipresente na sociedade; a crítica da oposição que, segundo suas análises, organiza as práticas sociais, as instituições, o conhecimento, as relações entre os sujeitos.²⁹⁷

O campo de estudos *queer* é instável e em constante resignificação – e propõe desconstruir as formas sociais determinadas pelos binarismos masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade, esforçando-se em desfazer os estatutos da heteronorma.²⁹⁸ Eve Sedwick demonstrou

a necessidade de superação da teoria feminista calcada na oposição homens versus mulheres assim como dos estudos de gays e lésbicas como minorias, pois todos nós, homens e mulheres, hetero ou homo-orientados, estamos enredados dentro dos mesmos processos sociais de regulação de nossas vidas a partir da sexualidade.²⁹⁹

Para Miskolci, tal autora procura

trazer à luz as contradições das estratégias discursivas que tentam apontar a forma “correta” de agir, de compreender a si mesmo ou, sobretudo, que tentam delimitar a verdade e quem a pode enunciar. Esse mesmo procedimento continua a guiar outros

²⁹⁶ De modo semelhante, ao tratar dos estudos feministas, gays e lésbicos e da teoria *queer*, Louro argumenta que “as transformações trazidas por esses campos ultrapassam o terreno dos gêneros e podem nos levar a pensar, de um modo renovado, a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender e de estar no mundo” (LOURO, *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento*, 2004b, pp. 23-24). Tais classificações – marcadores sociais – também devem ser percebidos a partir de sua instabilidade e precariedade – e assim, colocados *sob rasura*.

²⁹⁷ LOURO, Idem, p. 26.

²⁹⁸ SILVA, *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, 2007.

²⁹⁹ MISKOLCI, *Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay*, 2007, p. 57.

pesquisadores queer em suas investigações sobre as especificidades nacionais e históricas dos dispositivos de regulação da vida social por meio da sexualidade.³⁰⁰

Uma das contribuições de Judith Butler à teoria *queer* está na contestação do *sistema sexo-gênero*, cuja “concepção de origem marxista está ligada à existência do sistema patriarcal e da categoria mulheres como central nas relações de poder entre os sexos”.³⁰¹ Ela argumenta que “a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”.³⁰² Oliveira³⁰³ comenta que para Butler, tal lógica conduz a uma divisão no sujeito feminista, “cuja unidade já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo”.³⁰⁴

Butler também tece críticas à centralidade da categoria “mulher”, em que há “uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada”.³⁰⁵ Para a mesma, o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes, e

os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram, “a priori”, o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito tem que ser atendidas para que a representação possa ser expandida.³⁰⁶

Butler entende que a estrutura exclusiva em que as especificidades são reconhecidas se dá através da noção binária feminino/masculino, e que a categoria “mulheres” obtém sua estabilidade e coerência a partir da chamada matriz heterossexual. Tal conceito, para Butler, designa “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual corpos, gêneros e desejos são naturalizados”. Trata-se de termo que caracteriza um

modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um

³⁰⁰ Idem, 2007, p. 57.

³⁰¹ OLIVEIRA, 2009, p. 40.

³⁰² BUTLER, 2003, p. 24.

³⁰³ OLIVEIRA, 2009, p. 40.

³⁰⁴ BUTLER, *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade, 2003, p. 24.

³⁰⁵ Idem, 2003, p. 17.

³⁰⁶ Idem, 2003, pp. 17-18.

gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade.³⁰⁷

A autora entende que a identidade deve ser percebida através de seu caráter móvel, e propõe “uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político”.³⁰⁸

As incursões de Butler por temas como identidade, corpo e subjetividade são comentadas por Hall, que destaca a argumentação de Butler sobre a relação do ato de assumir um sexo “com a questão da identificação e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações.” Tal centramento da identificação, “juntamente com a problemática do sujeito que “assume um sexo”, abre, no trabalho de Butler, um diálogo crítico e reflexivo entre Foucault e a psicanálise³⁰⁹ que é extremamente produtivo”.³¹⁰ Ressalta ainda a concepção de identidades de Butler, “que funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos abjetos e marginalizados, aparentemente fora do campo do simbólico, do representável” o que viria a “complicar e desestabilizar aquelas forclusões que nós, prematuramente, chamamos de ‘identidades’”.³¹¹

Provavelmente a maior contribuição queer seja o conceito de *performatização de gênero* de Butler.³¹² Para esta,

a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento [...]. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de “sujeito perante a lei”, de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subsequentemente, a própria hegemonia reguladora da lei.³¹³

³⁰⁷ Ibidem, 2003, pp. 215-216. Hall contempla que a crítica de Butler sobre a “política da identidade feminista e de suas premissas fundacionais questiona a adequação de uma política representacional cuja base é a universalidade e a unidade presumíveis de seu sujeito – a categoria unificada sob o rótulo de ‘mulheres’” (HALL, 2000, p.129).

³⁰⁸ BUTLER, 2003, p. 23.

³⁰⁹ Butler faz tais referências a Foucault, e também a autor@s como Derrida, Freud e Althusser, em *Mecanismos Psíquicos del Poder*. Teorías sobre la sujeción (1997).

³¹⁰ HALL, 2000, pp. 127-128.

³¹¹ Idem, 2000, p. 129.

³¹² BUTLER, 2003.

³¹³ Idem, 2003, p.19. Sobre performatividade e performance, Oliveira destaca a distinção feita por Don Kulick: “*performance* não é *performatividade*. A primeira relaciona-se com algo que o sujeito ‘faz’, ao passo que a seguinte definiria o processo segundo o qual os sujeitos emergem. Assim, *performance* é uma dimensão da *performatividade*” (KULICK, s/d, pp. 61-69, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 51). Para Oliveira, “à luz desta visão de Kulick, é possível compreender que Butler não afirma que o gênero pode ser ‘trocado’ como se ‘troca de roupa’, e que seu sistema não deve ser lido confundindo-se performatividade e performance”, e que Kulick conclui que performance refere-se à identidade e performatividade às operações através das quais o sujeito é

Butler demonstra que não há um gênero “original”: este é uma imitação de algo que, na realidade, não existe. Ao indagar *como se faz um gênero* ou como alguém se torna *sujeito generificado*, Butler *inspira* a pensar em como gênero se *refaz* ou se *desfaz* em um determinado *continuum* e como o sujeito pode atestar ou contestar o gênero, se tornando inclusive agenerificado. Ao dizer que gênero *se faz*, Butler demonstra que o mesmo é *performativo*: gênero, (e)feito de discursos, não é algo que somos mas sim que aprendemos e praticamos: *fazemos*.

A performatividade de gênero de Butler se fundamenta nos atos de fala de Austin e nas noções de citacionalidade e reiteração de Derrida. Os atos de fala se classificam em *constatativos*, aqueles que descrevem situações e *performativos*, que prescrevem e/ou produzem aquilo que proclamam. Citar e reiterar o que é citado também fundamenta a performatividade de gênero.

A primeira *interpelação fundante* que se escuta costuma ser “é uma menina” ou “é um menino”, já através da ultrassonografia morfológica – se bem que é possível que antes disto se “defina” que a futura criança “é palmeirense” ou “budista”, por exemplo. Este ato de fala “você é...” inaugura a performatividade. Quando @ técnico@ de ultrassom declara que tal sujeito é “menina” ou “menino”, inicia-se a elaboração de um sexo-gênero feminino ou masculino. Tal citação, de *cunho performativo*, é a primeira duma série de atos performativos de gênero – que certamente não são sempre apenas de gênero, já que os marcadores se intercalam: a criança definida “menina” sofrerá uma série de conformações de gênero que ultrapassarão a esfera “propriamente” do gênero.

Mas a citação não funciona isoladamente, ela prescinde de atos reiterativos – é a reiteração através de autoridades diversas (escola, família, religião, Estado, etc) que naturaliza a declaração e a reforça – ou em alguns casos pode contestá-la.

Assim, a declaração deve se acompanhar da repetição: citada e recitada para se confirmar – podendo ser subvertida/negada também. Brincando com as palavras, podemos pensar que o *devir* pode se tornar “devoltar”, “revir” ou “revoltar” – isto quando há o ato de *revoltar-se* contra a citação/interpelação fundante e suas recitações e reiteraões. Neste sentido, gênero não só se faz como se refaz e desfaz – como é o caso de muitas experiências trans*.

Butler explica que o corpo existe a partir de um discurso generificado que é feito sobre ele. Podemos pensar que o corpo existe a partir deste discurso generificado e também do discurso religioso. Neste sentido, mais que generificado, o corpo é também (ao menos muitas vezes)

constituído, ou aos processos de identificação (Idem, s/d: 69, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 51). Certamente, esta é uma possível distinção entre performance e performatividade – uma dentre muitas reflexões sobre o assunto.

religioso, visto ser produto de discursos não apenas de gênero, mas também de discursos religiosos relacionados ao gênero e que interditam ou flexibilizam o que é (in)conveniente a cada “sexo-gênero” performatizar.

Para Butler, nomear o corpo é estabelecer fronteiras e (re)iterar normas de gênero. Ao mesmo tempo, há possibilidades de subversões, rupturas e desvios. Seriam as identidades trans* bons exemplos de repúdios às normas de gênero reinantes? O que isso quer dizer? Performativos de gênero – e religiosos – dependem de repetições: são citados e recitados em diversos ambientes (escola, religião, família, justiça, etc), mas nem sempre obtêm os efeitos desejados. Do interior dos performativos surgem possibilidades de *falhas* – ou dependendo do ponto de vista, o *d@inssuret@*, de *sucessos*.

O quanto as pessoas são (ou não) livres para subverter os performativos que lhes são enunciados durante sua vida? O quanto as pessoas se desenquadram prá se enquadrar? O quanto @s desviantes de gênero permanecem nos desvios de rotas ou se encaixam no mesmo sistema que @s oprimem? Quais os limites mais ou menos aceitáveis para a deformação dos enunciados performativos? Quais as relações entre a agência individual para o (re/des)fazer gênero, religião ou qualquer outra coisa? Quando a (re/des)elaboração subverte prá reforçar as expectativas sociais?

Quando a (re/des)construção é subversiva e quando ela se conforma aos performativos, quando ela se (in)adapta e (não)permite que a pessoa *passse* em segurança em uma sociedade intolerante com os desvios às interpelações fundantes e à binariedade?

Da mesma forma, *corpo e sexo*, cuja dicotomia deve ser *dissolvida*, não são algo dado, pronto ou natural, ou verdades pré-discursivas, como se costuma pensar, mas construções culturais. Tais construções se dão por processos temporais que atuam a partir da reiteração de normas, dando-lhes efeito naturalizado: “em virtude dessa reiteração, fossos e fissuras são abertos, e podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma”.³¹⁴

O sexo é tão construído quanto o gênero – de modo que a distinção entre sexo e gênero é nenhuma. Para Butler,

o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é

³¹⁴ BUTLER, 2001, pp. 163-164.

produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

Ela vê que “colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”.³¹⁵

Para além de Butler, os estudos *queer* descolam o binarismo ao procurar

romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações, mas não apela à crença humanista, ainda que bem intencionada, nem na “defesa” de sujeitos estigmatizados, pois isto congelaria lugares enunciatórios como subversivos e ignoraria o caráter contingente da agência.³¹⁶

Ainda pensando os binarismos, os próprios termos trans* e cis seriam suficientes como categorias definidoras – ou correm o risco de tornar-se categorias acusatórias? Outros termos, não necessariamente relacionados à teoria queer, costumam ser associados a binarismos, como *identidade de gênero*, *expressão de gênero*, *orientação afetiva* e *orientação sexual*.

Identidade de gênero é como a pessoa se sente, se percebe, se entende em relação ao sistema sexo-gênero. Sua identidade de gênero pode ser feminina, masculina ou algo entre estes dois lugares, dentro de um espectro amplíssimo (incluindo os dois lugares ao mesmo tempo). Esta pessoa pode ser chamada genericamente, por exemplo, de andrógina, não-binária, queer, ou *entre-gêneros*.³¹⁷ A identidade de gênero se associa à transgeneridade (ou à situação entre-gêneros) e à cisgeneridade. Na primeira, a pessoa não se sente confortável com o sistema sexo-gênero que lhe foi imputado na gestação ou nascimento: sua *real* identidade é aquela a qual se identifica, e não a assignada compulsoriamente. Na segunda situação, a pessoa se sente confortável e concorda com o sistema sexo-gênero que lhe é assignado na gestação ou nascimento. A *diferença* entre pessoas trans* e pessoas cis está no fato de que as primeiras costumam ser alvo sistemático de violências/discriminações/intolerâncias por conta de sua identidade de gênero (e que se associam a outros estigmas sociais que vão sendo associados a estas pessoas), o que não costuma ocorrer com as segundas. Nem identidade nem expressão de gênero tem a ver, necessariamente, com determinadas expectativas sociais sobre o que é *ser mulher* ou *ser homem*. Para que a pessoa seja reconhecida como homem, ela deve ter um pênis? João W. Nery costuma dizer que não: “sou um homem completo mesmo tendo uma vagina,

³¹⁵ BUTLER, 2003, pp.25-26.

³¹⁶ MISKOLCI, 2009, p. 175. Miskolci reforça que “os estudos “queer” sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença” (idem, 2009, p. 154).

³¹⁷ O conceito de entre-gêneros foi pensado em 2010/11 e publicado pela primeira vez em edição da revista *História Agora* de 2012.

independente de não ter feito cirurgia”.³¹⁸ E para ser mulher, é necessário ter uma vagina? Para Indianara Siqueira, não. Como a mesma me explicou, “sou uma mulher normal, de peito e de pau”.³¹⁹ Em relação às identidades de gênero em trânsito – ou identidades trans, ou ainda *entre-gêneros* – há diversas formas de autodeclarações, como FTM (female to male, ou de fêmea para macho), MTF (male to female, ou de macho para fêmea), transhomens, transmulheres, homens trans, mulheres trans, transgêneros/as, travestis, crossdressers, neutrois, pângeneres, agêneres, bigêneres, genderfluids, genderfuckers, genderbenders, genderbreakers, genderpivots, não-binárias, epicenes, demigêneres, etc. No MD 2.0 ou no decorrer da tese @ leitor@ conhecerá um pouco mais estas auto-definições identitárias – dentre muitas outras possíveis. Butler desnaturaliza a noção de uma identidade de gênero fixa, esta pode ser *móvel e fluida*, e eu diria ainda, *pessoal*.³²⁰

Expressão de gênero, por sua vez, é como a pessoa *se apresenta*, expressa socialmente seu gênero, de acordo com uma série de normas/convenções sociais. É composta por roupas, comportamentos, timbre de voz/modo de falar, etc. Pode ser “classificada” genericamente em feminina, andrógina e masculina. As expressões de gênero *costumam* acompanhar as identidades de gênero, ou seja, a expressão de gênero pode ser a manifestação externa da identidade de gênero. Mas nem sempre a expressão de gênero é congruente ou concordante com a identidade de gênero. Uma pessoa com identidade de gênero feminina pode apresentar uma expressão de gênero feminina, andrógina/não-binária ou masculina. Assim, não há necessária congruência entre identidade e expressão de gênero. O ativismo trans* em geral recomenda que não se confunda *expressão de gênero* com *identidade de gênero* – metaforicamente, podemos pensar que o primeiro seria o *HD* (hard drive) – a parte externa da máquina, enquanto o segundo seria o *software*, a parte mais interna referente à programação dos recursos da máquina, ou no caso, da pessoa ciborgue.³²¹ Mas só a própria pessoa pode definir se sua experiência refere-se à identidade ou à expressão, visto estas sofrerem hierarquização e outra forma de binarismo: “a drag queen é só expressão de gênero e a travesti é identidade de gênero”. Ora, quem pode definir isso é a própria pessoa drag queen ou travesti, em relação à si mesma. Costumam ser considerados exemplos de expressões de gênero: *drag queens* / *drag kings* / *andrógines/as/os* / *crossdressers*. Mas reforçando, é possível que algumas pessoas se declarem andróginas/os/es, crossdressers, drag kings ou drag queens enquanto identidade de gênero e não expressão ou

³¹⁸ NERY, 2011.

³¹⁹ SIQUEIRA, 2011. *Indi* costuma usar esta frase, auto-explicativa, em diversos eventos também.

³²⁰ MD 2.0 – *Minidicionário de gênero, sexo e afetos*, nos *Anexos* da tese.

³²¹ *Ciborgue* é termo signatário de Donna Haraway e (per)corre a tese. Conversaremos sobre ele mais adiante.

papel de gênero. Neste caso, vale a regra de ouro: respeitar as auto-marcações e auto-declarações.³²²

Além disto, as identidades e expressões podem se interpolar. Por exemplo, uma mulher trans pode *fazer drag*³²³ assim como um homem cis – independentemente de suas orientações afetivas ou sexuais. Aliás, não deve-se confundir expressão e identidade de gênero com orientação sexual e orientação afetiva (que por sua vez não devem ser confundidas, ainda que possam estar mescladas).³²⁴

A *orientação romântica ou afetiva* se refere ao tipo social de pessoa à qual há atração afetiva / amorosa.³²⁵ É definida, no caso das pessoas binárias, a partir da auto-declaração de identidade de gênero, ou seja, de como a própria pessoa se identifica. As orientações mais comumente reconhecidas são a heteroafetiva e a homoafetiva, sendo que a primeira é geralmente mais legitimada e benquista (ver verbete *heteronormatividade*). A heteroafetividade é definida pela associação entre pessoas de sexos/gêneros diferentes e a homoafetividade, pela relação entre pessoas de mesmo sexo/gênero. A pessoa pode ser *a-afetiva*, ou seja, não apreciar ninguém romanticamente; *biafetiva*, podendo se envolver com ambos os sexos/gêneros; *poliafetiva*, agregando mais de dois sistemas sexos/gêneros, o que incluiria por exemplo pessoas não-binárias, ainda que dentro deste imenso leque existam pessoas às quais a pessoa referente não se relacionaria; e *panafetiva*: não há restrições em termos de pessoa a se envolver dentro da imensa espectrometria não-binária e binária (há de se considerar que mesmo entre o binário mulher/homem há uma diversidade gigantesca de tipos humanos que podem ser ou não desejados pela pessoa referente) – o que demonstra a precariedade de qualquer

³²² MD 2.0, nos Anexos.

³²³ Acerca do verbete *drag queen/drag king*, o MD 2.0 explica: “comumente confundida como identidade de gênero ou orientação sexual, se aproxima mais de uma *expressão de gênero*. Trata-se, na maioria das vezes, de uma profissão praticada por pessoas cis ou trans. Em São Paulo, por exemplo, temos os exemplos de Renata Peron e de Drag Tchaka Rainha, respectivamente autodeclarada/o mulher trans e homem cis. São comuns entre as drags as expressões *fazer drag* (indicando a atividade), assim como *ser drag* (que mais comumente sinaliza para a expressão /identificação /papel de gênero, ou uma identidade provisória: não costumam demonstrar uma identidade de gênero mais “fixa” ou consolidada). Ser drag aponta para a imbricação entre apresentação/performance de gênero e apresentação/performance artística. Não deve ser confundida como uma *identidade trans* – a não ser que a *própria pessoa drag assim se identifique*. A maioria se caracteriza por sua *montagem over*, exagerada. As drag queens tiveram participação importante na rebelião / movimento de Stonewall (NY, junho de 1969), costumeiramente considerado o primeiro movimento de afirmação sexual/de gênero da história. Há drag queens que realizam cirurgias de feminilização facial e implantes de silicone nos seios, dentre outras possíveis adequações corporais, mas em geral, com fins artísticos/profissionais. Já os *drag kings* são (comumente) mulheres que se travestem de homens, também de modo exagerado e em muitos casos com fins artísticos (MD 2.0, nos Anexos).

³²⁴ Sinônimos possíveis são performance de gênero e interface de gênero. O termo *interface*, vindo da informática, é usado aqui como metáfora (MD 2.0).

³²⁵ Por sua vez, *afetividade* é o conjunto de ações que envolve emoções e sentimentos. Pode estar ou não em consonância com a sexualidade.

conceituação/tipologia que se tente estabelecer em relação às associações afetivas (o que também vale para as sexuais, identitárias, etc).³²⁶

Exemplos de orientações afetivas para pessoas binárias: *a-afetiv(a/o)* ou *arromântic(a/o)*, *biafetiv(a/o)* ou *biromântic(a/o)*, *heteroafetiv(a/o)* ou *heteroromântic(a/o)*, *homoafetiv(a/o)* ou *homoromântic(a/o)*, *não-bináriaefetiv(a/o)* ou *não-binárieromântic(a/o)*, *panafetiv(a/o)* ou *panromântic(a/o)*.

Em relação a pessoas não-binárias, que não se identificam (ao menos *não totalmente*) *nem como mulher e nem como homem*, não se toma como referente mulher ou homem, e assim, termos como hetero e homo não seriam convenientes. Uma alternativa usada por algumas pessoas não-binárias é, pensando na relação entre pessoa não-binária e pessoa binária (mulher cis ou trans* e homem cis ou trans*), utilizar *gineco* (de mulher) *afetive* e *andro* (de homem) *afetive*.

Exemplos de orientações afetivas para pessoas não-binárias: *Ginecoafetive* (*ginecoromântique*), *androafetive* (*androromântique*), *não-bináriaefetive* (*não-binárieromântique*), *biafetive* (*biromântique*), *a-afetive* (*a-romântique*), *panafetive* (*panromântique*), *poliafetive* (*poliromântique*). Em relação à afetividade por pessoas não-binárias específicas há uma imensidão de possibilidades. Dentre elas, *demigirlafetive* (*demigirlromântique*), *bigênereafetive* (*bigênereromântique*), *agênereafetive* (*agênereromântique*), etc.

Orientação sexual é a atração ou desejo erótico de alguém por alguém ou algo. O alvo de interesse pode ser mais ou menos específico ou abrangente. Socialmente, as orientações mais comumente reconhecidas são a heterossexual e a homossexual,³²⁷ sendo que a primeira é geralmente mais legitimada e benquista (ver verbete *heteronormatividade*). Há pessoas de quaisquer identidades de gênero com quaisquer orientações sexuais. A orientação sexual é definida a partir da auto-declaração de identidade de gênero, ou seja, de como a própria pessoa

³²⁶ MD 2.0, nos Anexos.

³²⁷ Como lembra Lanz, "no final dos anos quarenta do século passado, o cientista e pesquisador americano Alfred P. Kinsey, mostrou que as escolhas individuais por parceiros sexuais vai muito além do binômio hetero/homo. No famoso relatório que leva o seu nome, ele mostrou que a condição hetero e a condição homo são apenas as duas extremidades de uma distribuição contínua onde são possíveis muitos outros tipos de escolhas sexuais. Na escala criada por Kinsey existem oito pontos correspondentes aos oito tipos de orientação sexual que ele teria observado nas suas pesquisas de campo". Seriam: "1. *Heterossexual* – faz sexo exclusivamente com parceiros do sexo oposto. 2. *Predominantemente Heterossexual* – faz sexo com parceiros do sexo oposto a maior parte do tempo mas, incidentalmente, pode fazer amor com parceiros do mesmo sexo. 3. *Basicamente Heterossexual* – faz sexo com parceiros do sexo oposto a maior parte do tempo e eventualmente com parceiros do mesmo sexo. 4. *Bissexual* – faz sexo indistintamente com parceiros do sexo oposto e do mesmo sexo. 5. *Predominantemente Homossexual* – faz sexo com parceiros do mesmo sexo a maior parte do tempo e eventualmente com parceiros do sexo oposto. 6. *Basicamente Homossexual* – faz sexo com parceiros do mesmo sexo a maior parte do tempo mas, incidentalmente, pode fazer amor com parceiros do sexo oposto. 7. *Homossexual* – faz sexo exclusivamente com parceiros do mesmo sexo. 8. *Assexual* – não se interessa por nenhum tipo de parceiro ou de atividade sexual" (LANZ, *Dicionário Transgênero*, 2014).

se identifica. Assim, uma mulher transexual que tem atração por outra mulher (trans, cis) ou por uma travesti, costuma se considerar *lésbica* e assim deve ser compreendida/respeitada. Um homem trans que aprecie outros homens (trans ou cis) e mulheres é considerado bi, e aí por diante.³²⁸

Exemplos de orientações sexuais para pessoas binárias: *Não-bináriessexual, heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, polisssexual, pansexual*.

Exemplos de orientações sexuais para pessoas não-binárias: *Ginecossexual, androssexual, não-bináriessexual, bissexual, assexual, polisssexual, pansexual*. Em relação à orientação sexual por pessoas não-binárias específicas há uma imensidão de possibilidades. Dentre elas, *demigirlssexual, bigêneressexual, agêneressexual*, etc.³²⁹

Tais definições são importantes, por exemplo, para se erradicar a confusão entre identidade de gênero e orientação sexual e/ou afetiva. Muriel, personagem da cartunista transgênera Laerte demonstra esta comum confusão conceitual.

Imagem: Muriel, de Laerte³³⁰

Muriel/ex-Hugo, possível alter-ego de Laerte, assume-se mulher mas é lida em alguns momentos como homem gay que se veste de mulher, e execrada por isto.³³¹ Como Muriel/Laerte

³²⁸ MD 2.0, nos Anexos.

³²⁹ MD 2.0, nos Anexos.

³³⁰ Muriel, referir site dela.

³³¹ Referir texto sobre Muriel, ha

dá pistas, há mulheres trans (assim como mulheres cis) hetero, lésbicas, bi, pan, poli e assexuais. Isso sem falar na orientação afetiva, que nem sempre tem consonância com a sexual.

Como percebemos, são infinitas as equações possíveis entre identidade e/ou expressão de gênero, orientação romântica e orientação erótica. Muitas das definições acima, assim como as do MD 2.0 podem ser postas em suspeição, não pretendendo-se conclusivas nem absolutas, afinal, as possibilidades de auto-marcação e auto-declaração identitária são variáveis e a identificação/identidade é quem deve servir à pessoa, e não a pessoa servir à concepções fixas de identidade caso estas não lhe sejam suficientes enquanto definidoras.

Segue uma imagem com combinação de dois destes marcadores:

*Imagem: identidade de gênero é diferente de expressão de gênero*³³²

Esta tese, tosco/fosco reflexo da vida, entretanto, não se resume aos marcadores identitários acima assinalados. Se quisermos adensar mais um, o relativo à religião, observaremos que há pessoas de quaisquer identidades de gênero/expressões de gênero/orientações afetivas/orientações sexuais que possuem os mais diversos posicionamentos em relação às

³³² A imagem acima resume as discussões levantadas nos parágrafos anteriores. Temos um círculo que representa a concepção de identidade de gênero e outro a de expressão de gênero. O sinal de diferente entre os círculos expressa que identidade de gênero e expressão de gênero não são sinônimos, embora possam ou não ser congruentes. As linhas em destaque ligadas a cada círculo levam, no caso do primeiro às diferentes identidades de gênero e no do segundo as várias expressões de gênero, representadas na imagem pelas caixinhas retangulares. As identidades de gênero estão ligadas às expressões de gênero através de linhas tracejadas. Estas levam às diferentes possibilidades de expressão de gênero que cada identidade de gênero pode ter.

religiões e religiosidades. Uma pessoa que não se define nem trans* e nem cis pode ser quimbandista luciferiana fervorosa. Uma crossdresser que se percebe com identidade e expressão de gênero bastante fluidas pode ser muito fixa em relação ao seu agnosticismo ou ao seu catolicismo. Ou ainda sentir-se/saber-se fixa em relação à sua condição de metade atéia e metade kardecista. O que pode parecer contraditório ou ambíguo aos olhares d@s outr@s, pode não ser para a pessoa em questão. Agregando aqui este novo marcador, o *religioso*, e aproveitando os exemplos dados em página anterior, teríamos potencialmente:

- . Mulher cis / crossdresser masculino / assexual / panromântica / atéia
- . Homem trans / drag queen / homossexual / arromântico / panrreligioso
- . Trans* não binária que é metade gênero, metade mulher / expressão masculina / ginecossexual / androromântica / metade bruxa e metade budista
- . Travesti / expressão feminina / heterossexual / bifaetiva / agnóstica
- . Trans* não-binária que é bigênero / drag king / polisssexual / ginecoafetiva / evangélica inclusive
- . Mulher transexual / expressão andrógina / lésbica / poliafetiva / birreligiosa neopentecostal e candomblecista

É possível refletirmos aqui, ainda, na possibilidade de *convertermos* características do que seria identidade de gênero e expressão de gênero para identidade religiosa e expressão religiosa, aproveitando as definições anteriores:

*Expressão / performance / interface religiosa*³³³ é como a pessoa *se apresenta*, expressa socialmente sua religiosidade, de acordo com uma série de normas/convenções sociais. Pode ser composta pela declaração (mesmo que não haja auto-identificação ou devoção), roupas, comportamentos, timbre de voz/modo de falar, etc. As expressões religiosas *podem* acompanhar as identidades religiosas, ou seja, a expressão religiosa pode ser a manifestação externa da identidade religiosa. Mas nem sempre a expressão religiosa é congruente ou concordante com a identidade religiosa. Uma pessoa com identidade religiosa candomblecista pode apresentar uma expressão de gênero católica, agnóstica, ateuista, de múltipla pertença, etc. Assim, não há necessária congruência entre identidade e expressão religiosa. Podemos “separar” (com fins pedagógicos) *expressão religiosa* de *identidade religiosa* – metaforicamente, podemos pensar que a primeira seria o *HD* (hard drive) – a parte externa da máquina, enquanto a segunda seria o *software*, a parte mais interna referente à programação dos recursos da máquina, ou no caso, da pessoa ciborgue.³³⁴ Mas só a própria pessoa pode definir se sua experiência refere-se à

³³³ O termo *interface*, vindo da informática, é usado aqui como metáfora.

³³⁴ *Ciborgue* é termo signatário de Donna Haraway e (per)corre a tese. Conversaremos sobre ele mais adiante.

identidade ou à expressão religiosa, visto estas poderem sofrer hierarquização. Neste caso, vale a regra de ouro: respeitar as auto-marcações e auto-declarações.

Identidade religiosa é como a pessoa se sente, se percebe, se entende em relação à sua religiosidade. Sua identidade religiosa pode ser mais fixa, mais fluida, de única, dupla ou múltipla pertença. Assim como em relação à expressão de gênero a pessoa pode apresentar uma condição entre-religiosa, ou seja, aparentar signos de mais de uma religião, na identidade religiosa ela pode se sentir *entre-religiões* ou *entre-religiosidades*, pode se perceber sendo de mais de uma religião ou estando em mais de uma religião, de modo mais fixo ou mais transitório. É possível refletirmos na identidade religiosa a partir da identidade de gênero. Assim como temos pessoas cisgêneras e pessoas transgêneras, podemos pensar (imaginar, talvez) em pessoas cisreligiosas e pessoas transreligiosas. No primeiro caso, a pessoa foi designada compulsoriamente de uma determinada religião no nascimento (ou antes do mesmo) e se sente confortável com a mesma. É não apenas uma religião de atribuição, mas também de crença e pertença (com possíveis variações entre ambas). No segundo, a pessoa é assignada de uma dada religião mas não concorda com a mesma, *transicionando* sua religiosidade; sua *real* identidade é aquela a qual se identifica, e não a assignada compulsoriamente. Exemplificando, a pessoa aqui chamada provisoriamente de cisreligiosa foi denominada católica antes de nascer e acolheu confortavelmente tal enunciação performativa. No caso da pessoa transreligiosa, foi designada judia ao nascer (ou antes) mas a enunciação performativa falhou, a mesma se identificou com uma pertença múltipla, representada pela quimbanda luciferiana, catolicismo, ateísmo e islamismo – ainda que estas crenças e pertenças possam parecer contraditórias e ambíguas aos olhares d@s outr@s. Nem identidade nem expressão religiosa tem a ver, necessariamente, com determinadas expectativas sociais sobre o que é *ser de uma determinada religião*. Para que a pessoa seja reconhecida como umbandista, por exemplo, ela deve seguir / expressar / se identificar necessariamente com algum padrão, ou com todos os padrões esperados de quem crê e pertence à umbanda? Não. A pessoa pode se identificar e se declarar umbandista sem nem ao menos frequentar um terreiro da religião. O que vale, assim, é a auto-marcação e a auto-identificação da pessoa. As identidades religiosas, tais quais as expressões religiosas, podem ser mais fixas ou mais fluidas.

Uma diferença plausível entre expressão e identidade religiosa pode ser observada, por exemplo, quando ao ser perguntada sobre sua religião a pessoa declara “sou católica romana” mas não possui real devoção católica mas sim espírita. Neste caso podemos considerar o *católica romana* como forma de expressão (na forma de declaração) religiosa e o *espírita*, de real devoção, como sua identidade religiosa. Pensar tal diferenciação entre expressão e identidade religiosa (não que

ela haja sempre) amplia em muito a percepção das possibilidades identitárias generificadas/religiosas. E obviamente, ainda seria muito pouco para se falar sobre @ human@. Um único exemplo, aproveitando um anterior:

. Travesti / expressão feminina / heterossexual / biafetiva / identidade religiosa metade budista e metade atéia / expressão religiosa agnóstica

Apresento abaixo uma imagem que simboliza a diferenciação entre identidade religiosa e expressão religiosa.

Imagem: identidade religiosa é diferente de expressão religiosa³³⁵

Prossigamos na missão de converter categorias de gênero em religião, pensando nas concepções de Butler, agora.

³³⁵ Esta imagem é a conversão da imagem anterior para termos religiosos. Na mesma temos um círculo que representa a concepção de identidade religiosa e outro a de expressão religiosa. O sinal de diferente entre os círculos expressa que identidade religiosa e expressão religiosa não são sinônimas, embora possam ou não ser congruentes. As linhas em destaque ligadas a cada círculo levam, no caso do primeiro às diferentes identidades religiosas e no do segundo as várias expressões religiosas, representadas na imagem pelas caixinhas retangulares. As identidades religiosas estão ligadas às expressões religiosas através de linhas tracejadas. Estas levam às diferentes possibilidades de expressão religiosa que cada identidade religiosa pode ter.

Queerificando religião

Pensando em algumas das concepções de Butler, tentemos operar algumas *conversões* em relação à religião. A autora, em *Problemas de gênero*, apresenta uma de suas maiores contribuições teóricas, a *performatização de gênero*.³³⁶ Seria possível, caso tivéssemos uma obra chamada *Problemas religiosos*, falarmos em *performatização religiosa*?³³⁷

Para um pouco além, o que seria religião? podemos pensar ela de formas diferentes das que são pensadas convencionalmente? Isto seria *queerizar* religião como área de estudos? Tentaremos sinalizar para uma ou outra destas questões mais adiante.

O que Butler diz sobre gênero pode ser aplicado à religião? Esta é algo dado ou natural? Ou algo que é continuamente (re/des)feito de acordo com determinados atos performativos? Citar e reiterar são fundamentais na performatividade religiosa?

Para um pouco além de uma possível queerificação da religião, é possível que performativos religiosos e de gênero se retroalimentem?

Nos apropriando e ressignificando a performatividade de gênero como proposta por Butler, que diz que a primeira *interpelação fundante* que se escuta costuma ser “é uma menina” ou “é um menino”, já através da ultrassonografia morfológica, seria possível que antes disto já se “defina” que a futura criança “é palmeirense” ou “budista”, por exemplo? Este ato de fala “você é...”, que inaugura a performatividade, pode ser pensado em relação à religião também?

De todo modo, quando @ técnico@ de ultrassom declara que tal sujeito é “menina” ou “menino”, inicia-se a elaboração de um sexo-gênero feminino ou masculino. Tal citação, de *cunho performativo*, é a primeira duma série de atos performativos de gênero – que certamente não são sempre apenas de gênero, já que os marcadores se intercalam: a criança definida “menina” sofrerá uma série de conformações de gênero que ultrapassarão a esfera “propriamente” do gênero: as próprias religiões prescreverão diferentes atos performativos de acordo com o sexo-gênero designado. Butler diz que a descrição “é uma menina” (ou “é um menino”) –

³³⁶ BUTLER, 2003.

³³⁷ Os apontamentos a seguir são bastante superficiais e introdutórios, merecendo revisões/reflexões e aprofundamentos. É apenas um exercício heurístico despretenso e provisório que visa apontar para possíveis retroalimentações entre discursos generificados e religiosos.

interpelação fundante – não só descreve o corpo como o denomina e o *define* – *prescrevendo* uma série de atos contínuos para a conformação à esta declaração. Mas a citação não funciona isoladamente, ela prescinde de atos reiterativos – é a reiteração através de autoridades diversas (escola, família, religião, Estado, etc) que naturaliza a declaração e a reforça – ou em alguns casos pode contestá-la.

Do interior dos performativos surgem possibilidades de *falhas* – ou dependendo do ponto de vista, de *sucessos*. É o caso da fala de Josi, que explica não ter acreditado ou aceito quando enunciaram que ela era o Diabo e que Deus a mataria.³³⁸ Ora, o que disseram para Josi não serviu para ela, que subverteu o que tais performativos esperavam: Josi manteve sua devoção religiosa através da inserção em uma outra comunidade de fé. O que isso nos inspira? Que para além dos performativos de gênero ou dos performativos religiosos – e no caso de Josi eles se imbricavam, visto que Josi foi discriminada por sua identidade de gênero divergente – há a possibilidade de *agência* das pessoas e subversão de determinadas normas e performativos. A questão da falha do enunciado performativo nos leva a pensar: em que circunstâncias a pessoa se conforma ou deforma as expectativas religiosas/de gênero sobre ela? Quando a religião+o gênero conformam ou deformam as expectativas da pessoa sobre ela mesma? Isso leva à questão: o quanto as pessoas são (ou não) livres para *subverter* os performativos que lhes são enunciados durante sua vida? O quanto as pessoas se desenquadraram prá se enquadrar? O quanto @s desviantes de gênero permanecem nos desvios de rotas ou se encaixam no mesmo sistema que @s oprimem? Quais os limites mais ou menos aceitáveis para a deformação dos enunciados performativos? Quais as relações entre a agência individual para o (re/des)fazer gênero, religião ou qualquer outra coisa? Quando a (re/des)elaboração subverte prá reforçar as expectativas sociais?

Vejamos uma tabela (absolutamente) precária e provisória com um exercício introdutório de queerificação da categoria religião, e possíveis pistas sobre uma retroalimentação entre discursos generificado e religioso.

³³⁸ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

Gênero para Butler	Queerificando religião	Queerificando gênero/religião
É necessário desnaturalizar, problematizar o gênero (ou supostos como <i>gênero/sexo pré-existem aos sujeitos</i>)	É necessário desnaturalizar, problematizar a religião (ou supostos como “ <i>Deus ou o transcendente pré-existe</i> ” aos sujeitos)	É necessário desnaturalizar, problematizar a relação entre gênero e religião (ou supostos como <i>gênero/sexo pré-existem aos sujeitos pois são criação de Deus</i>)
Propõe-se pensar <i>problemas de gênero</i>	Podemos pensar <i>problemas religiosos</i>	Podemos pensar <i>problemas de gênero</i> imbricados com <i>problemas religiosos – e vice versa</i>
Gênero não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um suposto sexo que seria prévio ao gênero	Religião não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um suposto ser transcendente (Deus, Deusa, deus@s, etc), que seria prévio à religião	Gênero não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um suposto sexo que seria prévio ao gênero em decorrência da criação de um suposto ser transcendente
Não há um gênero “original”: este é uma imitação de algo que, na realidade, não existe. Gênero seria a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”	Não há uma religião “original”: esta é uma imitação de algo que, na realidade, não existe.	Não há uma relação “original” entre gênero e religião: ambas são imitação de algo que, na realidade, não existe. A relação entre gênero e religião estaria na “estilização repetida do corpo e da alma, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” no presente e no porvir
É o conjunto de normas que possibilita que corpo adquira um sexo legível segundo o cânone do binarismo genérico	É o conjunto de normas que possibilita que corpo e alma adquiram uma legitimidade, existam enquanto (re)ligados ao transcendente e com fundamentos em oposições como Deus e Diabo, Céu e Inferno, virtude e pecado, etc – pensando num contexto cristão)	É o conjunto de normas que possibilita que corpo e alma adquiram uma legitimidade (existam enquanto (re)ligados ao transcendente) segundo o cânone do binarismo religioso/espiritual genérico (com fundamentos em oposições como Deus e Diabo, Céu e Inferno, virtude e pecado, etc – pensando num contexto cristão)

O dimorfismo sexual é produto do sistema binário de gênero	O dimorfismo sexual é produto do sistema binário religioso	O dimorfismo sexual é produto do sistema binário religioso /generificado
Gênero é performativo: gênero, (e)feito de discursos, não é algo que somos mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i> .	Religião é performativa: religião, (e)feito de discursos, não é algo que somos ou temos naturalmente mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i> .	A relação entre gênero e religião é performativa: efeito do discurso não é algo que somos, temos ou estabelecemos naturalmente mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i>
Citar e reiterar é fundamental à performatividade de gênero	Citar e reiterar é fundamental à performatividade religiosa	Citar e reiterar é fundamental à relação entre performatividade de gênero e religiosa
A primeira <i>interpelação fundante</i> costuma ser “é uma menina” ou “é um menino”, já através da ultrassonografia morfológica. Este ato de fala “é uma menina”, por exemplo, inaugura a performatividade de gênero	É possível que a primeira <i>interpelação fundante</i> seja “é uma católica” ou “é um umbandista”, já através da devoção dos parentes. Este ato de fala “você é...(católica ou umbandista, dentre outr@s)” inaugura a performatividade religiosa	É também possível que a primeira <i>interpelação fundante</i> religiosa/generificada que se escuta seja “é uma menina de Deus”, por exemplo, o que inaugura a performatividade religiosa/de gênero
A normativa genérica pode ser questionada ou subvertida: gênero está aberto à resignificação	A normativa religiosa pode ser questionada ou subvertida: religião está aberta à resignificação	A normativa genérica/religiosa pode ser questionada ou subvertida: a relação religião/gênero está aberta à resignificação
Performativos de gênero dependem de repetições: são citados e recitados em diversos ambientes mas nem sempre obtêm os efeitos desejados. Do interior dos performativos, há a possibilidade de falhas, graças à agência generificada das pessoas	Performativos religiosos dependem de repetições: são citados e recitados, mas nem sempre obtêm os efeitos desejados. Do interior dos performativos religiosos há a possibilidade de falhas, graças à agência religiosa das pessoas	Performativos de gênero/religiosos dependem de repetições: são citados e recitados, mas nem sempre obtêm os efeitos desejados. Do interior dos performativos religiosos/generificados, há a possibilidade de falhas, graças à agência religiosa/generificada das pessoas
Butler explica que o corpo existe a partir de um discurso generificado que é feito sobre ele	Muitas vezes o corpo existe a partir de um discurso religioso.	Mais que generificado o corpo é também religioso, visto ser produto de discursos religiosos relacionados ao gênero e que interditam ou flexibilizam o que é (in)conveniente a cada “sexo-gênero” performatizar

<p>Butler tece críticas à centralidade da categoria “mulher”, em que há “uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada”</p>	<p>Pode-se fazer a crítica da centralidade da categoria “mulher” e da categoria “homem” para a religião (especialmente a cristã), também fundada na binariedade</p>	<p>As categorias “mulher” e “homem” <i>de Deus</i>, são fundadas em dupla binariedade: se não se é de Deus, se é (ao menos potencialmente) do Diabo. Tal definição de identidades generificadas/religiosas constituem sujeitos dependentes dos próprios binarismos</p>
<p>Para a mesma, o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes</p>	<p>-</p>	<p>O próprio sujeito das mulheres cis e dos homens cis religiosos ou <i>de Deus</i> não é compreendido em termos estáveis ou permanentes. O que é ser mulher ou homem <i>de Deus</i>? O que faz cada um@ ser reconhecido@ enquanto sujeit@ generificado/religioso?</p> <p>O sujeito das mulheres trans, travestis, homens trans, trans* não-binários, e outras identidades “gênero-divergentes” também não é compreendido em termos estáveis pela religião. O que constitui uma pessoa trans* <i>de Deus</i>?</p> <p>A este respeito, diferentes concepções teológicas vão se evidenciando, como a teologia queer e as teologias que chamo provisoriamente teologia trans* e teologia cishet-psi-spi, vistas mais adiante</p>

Imagem: Gênero para Butler / queerificando religião/ queerificando religião e gênero

Ainda queerificando um pouco, e de modo semelhante ao que foi operado por ativistas e pesquisador@s em relação à palavra *queer*, termo pejorativo³³⁹ relacionado a gays e lésbicas, podemos pensar aqui em termos como *desorientad@*, *desclassificad@* e *degenerad@*, revertendo/subvertendo também seus sentidos originais depreciativos, e os relacionando a pessoas que não se percebem com orientações sexuais, classificações ou gêneros determinados binariamente. Podemos estender tais termos em relação a quem não se percebe com determinadas orientações ou identidades religiosas.

³³⁹ O uso de *queer* – até sua apropriação e resignificação por tais teóricos, costumava ser utilizado como equivalente, no português, a “viado” e “sapatão”, por exemplo.

Finalizando este tópico, os quadrinhos de Laerte, na próxima página, fundamentados em resenha sobre livro de Butler, apresentam sinteticamente o que el@ entende por teoria queer.

TEORIA QUEER Cartunista Laerte faz resenha em quadrinhos do livro “Judith Butler e A Teoria Queer”, de Sara Salih, que debate questões de identidade e de gênero

Imagem 9: Teoria queer em quadrinhos³⁴⁰

Quando Laerte fecha os quadrinhos com a imagem dum tabuleiro dizendo que prefere *se jogar* – algo que *curto e compartilho* –, remete à ideia do (re)desenho do percurso identitário – não somente de gênero mas relativo à religião e outros marcadores. Se pensarmos a identidade como tabuleiro, cada um@ move suas peças de sua maneira, ainda que condicionad@ pelo convívio com @s demais. Num jogo de tabuleiro só costuma haver uma certeza, há um ponto de partida e determinados lugares de (não)circulação – com percursos mais ou menos (im)previsíveis. Se o jogo de tabuleiro é metáfora da identidade, os locais de passagem e permanência podem ser pensados como *lugares identitários*. Podemos pensar em um *lugar* com “L” maiúsculo? Em *entre-lugares* ou ainda *não-lugares*? Autores como Homi K. Bhabha e Michel Agièr nos auxiliarão nesta etapa da reflexão.

³⁴⁰ Resenha em quadrinhos de “Judith Butler e a Teoria Queer”, de Sara Salih. A resenha é de 2013.

“*E*ntre” – ou “*n*ão”

Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria / que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter
Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara / é a porção melhor que trago em mim agora,
é o que me faz viver
Gilberto Gil

Como já vimos, cada pessoa pode ter sua(s) própria(s) identidade(s) de gênero, única ou múltipla, subjetiva. Ou não ter nenhuma. Mas em todas as definições das transgeneridades algo em comum *transparece*: a mobilidade de gênero, ainda que relativa a um único trânsito do sistema sexo-gênero compulsoriamente designado no nascimento ao de auto-identificação.

Estas situações subjetivas de deslocamentos, ou de *estar entre* lugares identitários de modo efêmero ou permanente, podem ser pensadas a partir dos *entre-lugares* de Homi K. Bhabha.³⁴¹ Estes seriam espaços de *fluxo* cruzados pelo tempo e caracterizados pela produção de “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.”³⁴² Tais entre-lugares “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.”³⁴³

O entre-lugar projeta novas possibilidades de deslocamentos no tempo e no espaço, com “a energia inquieta e revisionária de transformar o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder.”³⁴⁴ Para Bhabha, “nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanta desorientadora.”³⁴⁵

A noção de entre-lugar de Bhabha ultrapassa a fronteira da espacialidade, alcançando outras dimensões de entendimento: serve para pensar a cultura, a temporalidade e as relações entre

³⁴¹ Para ele, há uma “necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, *O local da cultura*, 1998, p. 20). A leitura de Bhabha foi sugerida por meu orientador, José Carlos Sebe Bom Meihy.

³⁴² Idem, p. 19.

³⁴³ Ibidem, p. 20.

³⁴⁴ Ibidem, p. 23.

³⁴⁵ Ibidem, p. 30.

diferença/identidade, exclusão/inclusão, interior/exterior, passado/presente. Os entre-lugares são estes espaços de *subjetivação* nos quais podemos identificar diferentes instabilidades, ciborguismos, deslocamentos, assujeitamentos, giros e agenciamentos identitários realizados na relação com @ outr@.

A ideia de entre-lugares inspira pensarmos situações relacionadas ao *estar entre* das identidades religiosas e de gênero com suas múltiplas mesclas *entre* fluxos e ciborguismos.³⁴⁶ Podemos pensar por exemplo em situações de *entre-fluxos* (*entre-mobilidades, entre-trânsitos, entre-deslocamentos...*), que podem sugerir instabilidades, nomadismos e errâncias em maior ou menor escala dentro de diferentes marcadores identitários: a morada de pessoas que *transitam entre-lugares identitários e/ou entre-expressões* é ora aqui, ora ali.³⁴⁷ Muitas destas pessoas se situam *entre*: não estão de modo fixado nem em um polo nem em outro. Mas estar *entre* não significa necessariamente ir e voltar de um lugar ao outro de maneira pendular. Há pessoas que fazem dados percursos e se fixam/estabilizam. Nas palavras de tais pessoas, “fiz o trânsito uma única vez” ou “estava *entre gêneros* somente até chegar ao meu objetivo”.³⁴⁸ De modo parecido, “estive *entre religiões* até me encontrar na minha casa”.³⁴⁹

Dentre estes deslocamentos, há pessoas que se identificam em fluxos religiosos ou/e de gênero e que podemos designar provisoriamente *entre-gêneros* e *entre-religiões*. É importante ressaltar que tais termos podem se relacionar com outras formas de *estar entre*, relacionadas (ou não) a outros marcadores sociais.³⁵⁰ Conceitos que relacionam tais situações mais ou menos instáveis e associadas à situação de *estar entre* podem ser identificados como *errantes e sem residência fixa*. Como tudo ou quase tudo nesta tese e na vida, destinam-se à provisoriedade.

Além de Bhabha, outros autores têm pensado a relação entre *identidades e lugares*, como Michel Agier (2001) e Marc Augè (1994). Para estes, o deslocamento de um lugar para outro é fundante no amoldamento identitário. Agier contempla que “a mundialização coloca em

³⁴⁶ Formulei, a partir do conceito de *entre-lugares* de Bhabha (1998), conceitos como o de *entre-gêneros, entre-orientações, entre-sexos, entre-religiões, entre-religiosidades, entre-mercados* e *entre-nichos mercadológicos*, apresentados em outras ocasiões (MARANHÃO Fº, 2012b, 2012c). Ainda que as pessoas retratadas pela tese sejam predominantemente as trans*, fazer ciborguismos e fluxos identitários diversos não é prerrogativa de pessoas trans*, também o fazem as pessoas cis. *Fluxos* na tese são sinônimos de trânsitos e *ciborguismos*, de misturas, (bri)colagens ou hibridismos.

³⁴⁷ Como já sinalizado, há pessoas trans* que fazem percursos/fluxos de gênero mais intensos que os percursos/fluxos religiosos, por exemplo. Ou vice-versa, dentre muitas outras equações envolvendo outros marcadores identitários.

³⁴⁸ ATENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. O objetivo mencionado era o de *completar a transição* através da redesignação genital.

³⁴⁹ ATENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011. A casa aqui referida é uma casa de santo do candomblé ketu. As referências às expressões *entre gêneros* e *entre religiosidades* foram apresentadas nas narrativas após minha indagação sobre se estas pessoas se sentiam *entre-gêneros* ou *entre-religiosidades*.

³⁵⁰ É a partir da concepção de mobilidade – ou melhor, de mobilidades – que podem surgir termos que tentam explicar outros marcadores, como *entre-raças, entre-classes* ou outros.

questão, pelo acesso maciço aos transportes e às comunicações, as fronteiras territoriais locais e a relação entre lugares e identidades.”³⁵¹

Já Augè sinaliza para a relação entre identidade e lugar/não-lugar. A noção de não-lugar está em oposição “à noção sociológica de lugar, associada à Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço”.³⁵² Augè designa o lugar como “lugar antropológico”,

construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja (...) é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa.³⁵³

Os lugares têm três características comuns: se pretendem *identitários, relacionais e históricos*. Cada lugar corresponde a “um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social”. O lugar de nascimento, por exemplo, é constitutivo da identidade individual. Em qualquer lugar há elementos distribuídos em relações de coexistência (o que Michel de Certeau já sinalizara, segundo Augè), em uma configuração instantânea de posições, o que é equivalente a dizer que “num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum”. E o lugar é histórico a partir do momento em que “conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima”, como no caso de marcos que fazem do espaço “lugar de memória”.³⁵⁴

De modo contrário, os não-lugares são tanto as “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta”³⁵⁵, e designa a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços³⁵⁶ considerados prometidos “à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”, e produzidos pela supermodernidade. O lugar e o não-lugar são polaridades fugidias: “o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”, são palimpsestos em que se reinscreve o jogo da identidade e da relação.³⁵⁷

³⁵¹ AGIER, 2001, p. 1.

³⁵² AUGÈ, 1994, p. 36

³⁵³ Idem, 1994, p. 36.

³⁵⁴ Ibidem, 1994, pp. 51-52.

³⁵⁵ Ibidem, 1994, p. 37.

³⁵⁶ Ibidem, 1994, p. 86.

³⁵⁷ Ibidem, 1994, p. 74.

Além disto, “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar”.³⁵⁸ é aquele no qual identidade e relação *não comungam*.

Tais noções – *lugar, entre-lugar, não-lugar* – são úteis para percebermos *onde, identitariamente falando*, pessoas trans* e ex-trans* (re/des)constroem suas identidades generificadas e religiosas.

Estes conceitos podem ser relacionados com o que será apresentado no próximo tópico como *Caminho*, bem como com algumas personagens-metáforas criadas para a tese com fins didáticos e heurísticos e que nos acompanharão em algumas etapas da jornada. Estas personagens remetem a narrativas escutadas. Como estive *entre-narrativas* e estas refletem momentos pessoais, uma mesma pessoa podia/pode passar por diferentes posicionamentos – *lugares* – identitários.

³⁵⁸ Ibidem, 1994, p. 73.

Agrado, DesAgrado, ReAgrado... no Caminho e em (des)caminhos

Chamo-me Agrado porque em toda minha vida pretendi agradar aos demais. Além de agradável, sou muito autêntica. Olhem que corpo! Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício porque numa briga fiquei assim (mostra o desvio na nariz). Sei que me dá muita personalidade, mas se tivesse sabido não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro, 70 mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... – Onde? (pergunta alguém da plateia). Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 10 mil. Calculem vocês, porque já perdi a conta. Redução de mandíbula: 75 mil. Depilação definitiva a laser, porque a mulher também veio do macaco, 60 mil a sessão, depende dos pelos de cada um. Em geral duas a quatro sessões, mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora, e nessas coisas não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.

*Agrado, em Tudo Sobre Minha Mãe,
de Almodóvar, 1998*

*Todo ato de criação é antes um ato de destruição
Picasso*

Algumas personagens fictícias – mas baseadas em gente de verdade – nos acompanharão como *metáforas* daqui em diante. A primeira é *Agrado*, baseada na personagem de mesmo nome do filme *Tudo sobre minha mãe*, de Almodóvar. Nossa Agrado “representa”³⁵⁹ algumas das pessoas trans* binárias – que inconformadas com o sistema sexo-gênero que lhes foi atribuído no nascimento, fazem uma jornada em direção ao sistema sexo-gênero de auto-identificação. A partir dela, pensaremos num contexto ampliado em relação às pessoas trans* e ex-trans* no Brasil, que se encontram entre diversidades e (in)tolerâncias religiosas e de gênero.³⁶⁰

³⁵⁹ Esta tese – certamente – não pretende *representar* ninguém em nenhum dos dois sentidos da palavra. Não pretende *representar* politicamente as pessoas descritas, visto estas terem agência suficiente para representarem a si mesmas; e nem *representar* as pessoas no sentido de rotulá-las, prescrever identidades às mesmas. As personagens-metáforas da tese servem apenas como recursos didáticos – absolutamente errantes e provisórios – para *representar*/ (re)pensarmos algumas situações identitárias de pessoas trans* e ex-trans*.

³⁶⁰ Sobre o assunto *(In)tolerâncias religiosas* indico: ANDRADE; MANOEL (orgs.), *Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas*, 2010. BOFF, *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz*. Desafio para o século XX,

Mas nem todas as pessoas que fazem a transição de um sistema sexo-gênero para outro permanecem neste, algumas retornam ao sistema sexo-gênero de “origem” – perguntas (de)correm: como se dão os processos de *destransição*? O que motiva pessoas a *destransicionarem*? Há pessoas que não se adaptam a tais *desconversões* e *reconvertem* novamente seu gênero? Refletiremos acerca disto através das personagens *DesAgrado* e *ReAgrado*, que dão vistas a fenômenos de (re/des)transição.

Seriam *DesAgrado* e *ReAgrado* suficientes para entendermos tais fenômenos? Provavelmente não: quem nos auxiliará a pensarmos o tema de modo mais abrangente são *NeoAgrado*, *DesReAgrado* e *PósAgrado*, além da figura fundante das demais, *PréAgrado*. Conheçamos tais personagens e os caminhos e lugares em que elas circulam.

2009. PACE; STEFANI, *Fundamentalismo religioso contemporâneo*, 2002. PEREIRA, *Religião e exclusão social*, 2009. SILVA, *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*, 2007. Refiro ainda: MARANHÃO F^o (org.), *Anais do 1º Simpósio Internacional da ABHR / 1º Simpósio Sudeste da ABHR – Diversidades e (In) Tolerâncias Religiosas*. Disponível online no site da ABHR. Acerca da imbricação entre intolerâncias religiosas e de gênero/sexualidade, indico: DUARTE (org.), *Dossiê Gênero, Fundamentalismo e Religião*, Mandrágora, 2008; e ROSADO; LEONARDI (orgs.), *Dossiê Desigualdades de Gênero e Religião*, REVER, 2011, além dos textos constantes dos Anais supracitados, que contaram com três GTs sobre gênero e religião (dentre estes, um organizado por Rosado e outro, por Duarte, ambas em companhia de outras professoras). Acerca das relações entre gênero e religião, ROSADO (org.), *Dossiê Gênero e Religião*, na REF, 2005; MARANHÃO F^o (org.), *Dossiê Gênero e Religião*, na HA, 2012e; SOUZA (org.), *Gênero e Religião no Brasil – ensaios feministas*, 2006; além de todas as edições da revista *Mandrágora* (revista de estudos de religião e gênero), da Metodista, coordenada por Sandra Duarte de Souza.

Lugar de PréAgrado

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim
João 14:6

A nossa Agrado nasceu em *Lugar*.³⁶¹ Mas preferiu se debandar de lá, procurando outro lugar que lhe fosse mais *autêntico*. *Lugar* é o primeiro constituinte/continente existencial de identidade – prescrito socialmente a tod@s –, e é a partir deste, com “L” maiúsculo, que a vida se inicia e o restante da mesma toma forma. Lugar representa o “local” de nascimento por excelência e remete à *cisgeneridade*, ou continuidade dos comportamentos esperados para quem é enunciad@ *menina* ou *menino*. Lembrando Augè, é *princípio de sentido a quem lá reside e de inteligibilidade a quem observa* – a quem fica e a quem sai do Lugar.

A quem nasce no Lugar espera-se que percorra a estrada binária que sai do Lugar e *reconduz* ao mesmo. A esta estrada podemos chamar *Caminho*. Para entendermos como este se (re)constitui, podemos lembrar duas figuras clássicas da literatura infantil, João e Maria, possivelmente emblemáticas da binariedade. Ao saírem de casa, *a menina* e *o menino* jogavam *migalhas de pão* na estrada para que localizassem o caminho de retorno ao lar.

As migalhas, *atos performativos*, relembram Maria e João quem el@s são, para onde devem retornar e como fazê-lo em segurança. O local ideal de destino é o mesmo do ponto de partida, o Lugar: binariedade e cisgeneridade devem manter-se *em comunhão* na vida del@s, que nos remetem à personagem PréAgrado.

PréAgrado nasceu no *Lugar*, transitou pelo *Caminho* e retornou ao Lugar. É metáfora da pessoa cis, a que se sentiu confortável com o sistema sexo-gênero designado ao nascer e deu continuidade às práticas esperadas ao mesmo.

Lugar, *princípio de sentido e inteligibilidade*, é referência para a elaboração de outros lugares, assim como PréAgrado é referente de Agrado e de nossas demais personagens. Aliás, tod@s nascem no Lugar como PréAgrado, ainda que nem tod@s permaneçam lá – afinal, este é um local destinado a quem é PréAgrado, que se fixa – *prega* – no Lugar e não vê necessidade de se deslocar (e não há nenhum problema nisto). Agrado mesm@³⁶² foi denominad@ PréAgrado

³⁶¹ O termo *Lugar* e suas dissidências referem-se, metaforicamente, a lugares *identitários*.

³⁶² As personagens apresentadas são referidas através do neutro @, já que estas referem-se a pessoas com identidades femininas, masculinas, neutras, agêneras, bigêneras, etc.

antes de saber ser... Agrado. El@ saiu de Lugar rumo a outro continente em que estabeleceu morada, o *Novo Lugar*.

Agrado em Novo Lugar

Agrado é metáfora para pessoas trans* binárias – como travestis, mulheres transexuais e homens transexuais³⁶³ – que foram designadas no Lugar como *menina* ou *menino*, não se identificaram como tal e fizeram uma jornada de adequação do corpo e/ou nome ao seu sexo-gênero *autêntico*. Tal jornada – de *transgressão* às normas cis – é realizada através do *Caminho Binário* que remete aos ideais de feminilidade ou masculinidade d@s morador@s de Lugar e conduzem Agrado a um Novo Lugar, também regido pela *Constituição Binária*.

Até 2014, as principais demandas de tais pessoas se referem aos direitos às retificações de nome e de corpo (e merecem total apoio para a conquista dos mesmos).³⁶⁴ Assim como pessoas cis, as pessoas trans* binárias têm o *mesmo* direito de se sentir confortáveis com seu corpo e nome.

Realizar o Caminho Binário é tomar posse dos *Planaltos da Passabilidade* – em que se é *mais autêntic@ quanto mais se parece com o que sonhou para si mesm@*. Por exemplo, homens trans geralmente querem ser *passáveis* socialmente como se fossem homens cis. Um problema na jornada é que nem todo homem trans se parece com um dado estereótipo de homem cis (ao qual a maioria dos homens cis também não se parecem), o que gera frustrações a alguns homens trans que percorrem os *Vales do Ideal Masculino*: “eu sou mais gordinho, nunca vou parecer Chuck Norris ou Buck Angel, e quero manter cabelo longo pois curto rock, mas outros meninos trans disseram que não sou passável”.

Em Novo Lugar, até o momento, são mais aceit@s @s *caminhantes* que levam na bagagem os sinais físicos de sua *passagem* de um binário a outro (ou que pretendem conquistá-los), ainda que existam muitas formas de ser homem ou mulher e que a simples declaração “sou mulher”

³⁶³ Ainda que sejam minoria, há travestis, mulheres transexuais e homens transexuais que se identificam *não-binári@s*. Do mesmo modo, há outras pessoas que adequam seu corpo e/ou nome ao sistema sexo-gênero de autoidentificação, diverso do de atribuição ao nascer, e que *não se identificam* travestis, homens transexuais ou mulheres transexuais – isto demonstra a instabilidade de tais termos. Ainda há travestis, mulheres transexuais e homens transexuais que não pretendem – ou não podem por algum motivo – adequarem nome e corpo, como veremos no exemplo a seguir, de NeoAgrado.

³⁶⁴ Outras demandas acompanham as pessoas trans* binárias, como as relativas à aceitação no mercado de trabalho (dentre outras). Uma iniciativa neste sentido é o site *Transempregos*, idealizado/gerenciado pela advogada Márcia Rocha, de SP.

ou “sou homem, e daí” – devesse ser levada em conta.

Agrado transita pelo *Entre-Lugar* e se *fixa* ao aportar no Novo Lugar, aquele que sente – *sabe* – ser seu. Para tal, necessita *transportar* no corpo e/ou no nome os itens adquiridos no caminho.

Contudo, há quem gostaria de acessar o Novo Mundo mas não preenche os requisitos necessários para passar pela *Alfândega da Passabilidade*, que autoriza ou não a entrada. Tais pessoas às vezes não puderam se submeter a hormonizações, cirurgias ou corrigir seu nome por questões familiares, trabalhistas, econômicas, religiosas, psicológicas, etc. É uma história de *NeoAgrado*.

NeoAgrado em Novíssimo Lugar

NeoAgrado não adquiriu a bagagem “necessária” para empreender a jornada e residir em Novo Lugar. Mas mesmo impossibilitad@ de transitar através de tecnologias de correção de nome e corpo sabe-se *autêntic@*. Não carrega lembranças da jornada pois circunstâncias diversas a obstacularizaram.

NeoAgrado é também a pessoa trans* binária que não pretende adquirir as bagagens do caminho que lhe confeririam *passagem para um mundo passável*. Se sente Agrado sem parecer PréAgrado. *Sabe-se* travesti, mulher trans ou homem trans (ou somente *mulher* ou *homem* sem ter sido reconhecida assim em Lugar) sem ser passável.

NeoAgrado sai com a mala vazia e chega em *Novíssimo Lugar* sem nada na bagagem, mas transformad@ pela viagem. Esta é mais uma *jornada ao centro da terra* que pelo exterior. Sua aprovação ou a alheia não necessitam da peregrinação pelos fiordes da terapia hormonal, transgenitalização, etc. Sua *assunção* às vezes é tão íntima que ninguém fica sabendo. Às vezes ela *compartilha* e nem todo mundo *curte* – afinal, é difícil *passar* no crivo alheio sem ser *passável*.

Novíssimo Lugar, Novo Lugar e Lugar são os respectivos cantinhos de acolhimento de NeoAgrado, Agrado e PréAgrado. Tanto na fixidez de PréAgrado como nas jornadas de Agrado e NeoAgrado costuma-se manter a reverência ao rosa-anil da bandeira binária. Novo Lugar e Novíssimo Lugar demonstram *desencaixes em deriva* – na *transgressão* das normas esperadas pelo nascimento – com *devires de encaixe* nas planícies binárias do cis-tema. De algum modo,

há espécie de “retorno” para a Casa na qual não se foi reconhecido@ adequadamente.

Até aqui então – relembrando as *figuras metafóricas da mobilidade de gênero* apresentadas – temos PréAgrado, mulher cis ou homem cis que se sente confortável com o sexo/gênero binário oferecido por Lugar; Agrado, travesti, mulher transsexual ou homem transsexual que demanda adequações como as de nome e corpo para residirem adequadamente no Novo Lugar, e NeoAgrado, travesti, mulher transsexual ou homem transsexual que não pode transicionar corpo e/ou nome ou que não sente necessidade de tal – mas merece o *mesmo* reconhecimento e respeito das pessoas trans* que têm tais demandas.

Agrado e NeoAgrado são figuras da mobilidade generificada e *passam* pelo Entre-Lugar até alcançarem *porto fixo*. Mas muitas destas figuras permanecem – provisória ou permanentemente – em movimento. Seriam figuras dos Entre-Lugares. Trata-se de *EntreAgrado*.

*E*ntreAgrado em Entre-Lugares

*P*ré-Agrado não precisa viajar. Agrado e NeoAgrado peregrinam com destino certo na conquista por suas autenticidades. Mas há um espectro amplíssimo de pessoas que se encontram nos *Mares dos Entre-Lugares* – alguns *nunca dantes navegados*.

Dentre as pessoas EntreAgrado podem encontrar-se Pré-Agrado, Agrado e NeoAgrado. É o caso de pessoas cis e pessoas trans* que fazem *trânsitos transitórios* entre os gêneros *se montando, fazendo drag* e/ou *praticando crossdressing*. Algumas têm momentânea ou permanente impossibilidade de assumirem sua identidade trans*. Outras fazem por prazer ou diversão. As fronteiras entre o que é identidade e o que é expressão de gênero são bastante imprecisas, dependendo da auto-compreensão e declaração de quem transita.

Dentre milhares de possibilidades, EntreAgrado também é quem visa tornar-se Agrado, NeoAgrado ou retornar à situação de Pré-Agrado mas tem dificuldade, ao menos em certo momento de sua história, em visualizar a chegada. É a história da pessoa trans*, ex-trans* ou ex-ex-trans* que está em etapa de seu caminho, não vê o porto de conquista mas segue o fluxo. Caminham transicionando, *destransicionando* ou *retransicionando* mas percebem que a jornada é – ao menos ainda – *inconclusiva*. Às vezes as *Entre-Águas* não oferecem navegação segura: há quem titubeie entre o retorno à moradia anterior – qualquer que seja esta – ou persistirem na conquista por novo porto. É o caso da pessoa que narra “eu sei que sou mulher trans mas me

sinto presa ao meu passado de homem cis e não sei o quanto vou ser bem-sucedida na transição”.

Claro que de um momento para o outro, do Entre-Lugar pode-se chegar ao Novo Lugar, Novíssimo Lugar ou Lugar. Neste caso, Entre-Lugar é sinônimo de provisoriedade.

Entre-Lugar – por excelência – é passagem do Continente Cis (naturalmente binário) ao Continente Trans* Binário: ambos se encontram no mesmo hemisfério, *binário*. Mas existem os Entre-Lugares Não-Binários, que veremos na parte destinada a PósAgrado.

Dentre as figuras de mobilidade de gênero que navegam pelos Entre-Lugares Binários, destacam-se *DesAgrado* e *ReAgrado*.

*D*esAgrado e ReAgrado retornam

O que ocorre quando Agrado ou NeoAgrado resolvem voltar para Lugar – como PréAgrado? Este é o caso das *destransições*, aqui expressas na figura de *DesAgrado* (ou *ExAgrado*). Outrora auto-identificada como travesti, mulher transsexual, transgêner@ ou homem transsexual, busca o regresso para a Casa Cisgênera.

As etapas da história de *DesAgrado* compreendem a saída de Lugar para o Novíssimo Lugar ou o Novo Lugar, neste caso empreendendo alterações corporais, e a volta, com o *desfazimento* da engenharia corporal anterior. As peregrinações por Entre-Lugares são mais ou menos longas. Pergunta-se: há pessoas que não se adaptam a tais *desconversões* e *reconvertem* novamente seu gênero? Respondendo, esta é a história de *ReAgrado*.

Est@ faz uma jornada mais complexa. Parte de Lugar rumo a Novíssimo ou Novo Lugar. Chegando em um destes, decide regressar a Lugar, desfazendo possíveis arquiteturas estéticas. Mas em Lugar, percebe que ali definitivamente não era o “lugar” para chamar de seu, e... retransiciona, muitas vezes em meio a novos empreendimentos tecnológicos de (re/des)construção de si. Muitas destas histórias de *DesAgrado* e *ReAgrado* – nem todas – trazem componentes discursivos religiosos/generificados, como acompanharemos no capítulo *Conectar*.

Tais giros e (re/des)fazimentos identitários entre *DesAgrado* e *ReAgrado* podem ser feitos diversas vezes, como na pessoa que se designa ex-ex-ex-ex-ex-travesti. Ou em outra perspectiva, ex-ex-ex-ex-ex-cis. Ou ex-travesti, ex-trans, ex-cis, ex-drag, etc. Em todos os casos,

parece navegar-se pelos mares dos Entre-Lugares Binários. Entre ReAgrado e DesAgrado, eventualmente surge outra figura, *DesReAgrado*. Em que lugar esta se encontra?

DesReAgrado em Não-Lugar

DesReAgrado não tem lugar para morar.

Algumas pessoas que passam por ministérios de conversão de travestis e se (re/des)transicionam contam não encontrar mais acolhimento em Lugar, Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Nem estarem em fluxo Entre-Lugar, aguardando porto seguro. É sair (ou cair) no mar aberto e permanecer nele com o barco em pane. Sem porto alcançável, nem aparente esperança de resgate. É a figura d@ *desregrad@*, d@ *desgarrad@*, que se encontra no relento e à contragosto.

DesReAgrado, levando a questão do corpo abjeto referido por Butler *in extremis*, não consegue ler a si mesma dentro duma determinada situação binária de gênero. Neste casos, como viver sem um hemisfério, um continente, um lugar, um porto binário? Nesta situação de não-morada em um *Não-Lugar*, o momento de instalação do caos interior parece ser todo o momento.

Não se perceber em um dado polo binário – ou passar por uma situação não-binária à contragosto – pode assumir outras facetas.

DesReAgrado pode morar em uma comunidade indígena e nunca ter ouvido falar em ministério de conversão de travestis ou em travestis. Nasceu em um Lugar e sempre permaneceu nEle. Nunca se sentiu pertencente ao Lugar. Sabe que é seu um *Outro Lugar*. Mas este é da ordem do desconhecido, do inabitável ou do inóspito: não lhe é permitido chegar ali.

DesReAgrado pode ser indígena e saber o que é ser travesti. Pode saber o que é um ministério de conversão de travestis. Nasceu em um Lugar, soube que este não era seu e procurou Outro Lugar. Mas @ trouxeram de volta ao Lugar. Em ambos os casos, instala-se o caótico... o Não-Lugar – situação não-binária de imenso desconforto, vivida debaixo da *Irradiante Educação*

Binária.

Mas nem sempre o Não-Lugar é lugar de desespero. Apresenta-se *PósAgrado*.

*P*ósAgrado em PósLugar

I'm half the man I used to be
(eu sou metade do homem que costumava ser)
Stone Temple Pilots

Nem todas as figuras da mobilidade generificada sentem desconforto ao se perceberem em Não-Lugar – talvez por existirem diferentes Não-Lugares e a situação de DesReAgrado refira-se a um *Não-Lugar da Ordem Binária*.

PósAgrado curtiu a ideia de sair de Lugar, de Novo Lugar ou de Novíssimo Lugar, ultrapassar a linha do horizonte do Hemisfério Binário rumo a *PósLugar* ou *Não-Lugar Não-Binário*.

PósAgrado pode ter se designado cis, trans*, ex-trans*. Mas não achou mais suficientes os continentes conhecidos e navegou pelos *Entre-Lugares Não-Binários* condutores a uma imensidão de portos. Sim, de modo paradoxal, Não-Lugar Não-Binário – ou PósLugar – também tem suas formas fixas de validação mutual da (con)vivência.

O Não-Lugar – lugar d@ desconhecid@ – costuma ser entendido por morador@s de Lugar, Novíssimo e Novo Lugar como ambiente de ausência de gênero. Não é verdade, ainda que *Agrado* (ou *SemAgrado*) lá resida, e seja a figura da pessoa agênera, que não se sente nem um pouquinho mulher e nem um pouquinho homem. Em PósLugar há figuras sem-fim. *BiAgrado* percebe dois gêneros binários concomitantes em si. *PoliAgrado*, vários. *PanAgrado*, todos os possíveis e imagináveis. Há misturas: quem se veja metade agêner@ e metade feminina. Quem se saiba parte PanAgrado, parte SemAgrado, parte BiAgrado, dependendo das circunstâncias.

Costuma-se *pregar* em PósLugar, por exemplo, que para cada habitante do planeta, inclusive @s habitantes do Hemisfério Binário, existam uma ou mais alternativas identitárias de gênero, ou alternativas identitárias *ao* gênero. Posições como estas costumam colocar tais pessoas como *hereges*, *ateus/atéias* de gênero, *adept@s* de um *panteão não-binário* (geralmente confundido com um panteão *anti-binário*) com vistas a *desagradar @ Deus@ Binári@*. Denota-se que no Hemisfério N-B haja uma infinidade de Entre-Lugares a se explorar/(re/des)descobrir.

Há muitas pessoas que se situam no Entre-lugar N-B, mas de modo diferente das que se situam

no Entre-lugar Binário. As primeiras não navegam em busca de um porto binário, ainda que por ventura busquem se fixar em algum porto não-binário do Não-Lugar, do Entre-lugar ou do Pós-Lugar, como o Agênero, o Pangênero, etc. As segundas, como já vimos, estão batalhando por algum porto binário relacionado a Lugar, Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Mas em ambos os casos, o que parece ocorrer é que tod@s ou quase tod@s procuram um porto. Seguro.

Sintetizando, todas as figuras da mobilidade de gênero nasceram no Lugar. Algumas escolheram caminhar entre-lugares. Umas preferiram rumar para Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Outras optaram – ou foram de algum modo exiladas em Não-Lugar. Muitas estão viajando Entre-Lugares. Algumas preferiram ficar à deriva. Teve quem retornou.

Cada pessoa pode representar mais de uma figura em movimento ou estar entre-figuras. Há EntreAgrado que se sente parcialmente/simultaneamente (ou em outro momento) DesReAgrado e vice-versa, assim como qualquer outra equação. Além disto, uma figura pode levar à outra. Ou ainda se (con)fundirem.

Como @ leitor@ deve perceber, tais personagens-metáforas nem de longe pretendem representar a amplitude de características de pessoas trans* binárias, trans* não-binárias e cis.

Para melhor entendimento de tais figuras, segue na próxima página uma tabela descritiva relativas às figuras da mobilidade identitária de gênero.

(Re/des)ligando lugares e convertendo metáforas, é possível pensarmos, a partir destas figuras da mobilidade de gênero, em *figuras da mobilidade religiosa*.

Assim, cada uma destas figuras de um referente de gênero, poderia expressar outras, referindo-se à religião. Segue uma segunda tabela com pistas possíveis acerca de como figuras da mobilidade de gênero poderiam ser transpostas / sinalizar para figuras da mobilidade religiosa.

Não há necessariamente uma correlação – como já apontado – entre fluidez de gênero e religiosa. A pessoa pode demonstrar mobilidade em um marcador e fixidez no outro, por exemplo. Assim, ser *cis* e *polirreligiosa*. Ou ser *pangênera* e *atéia*. As equações são infinitas como são as possibilidades de (re/des)arquitetura identitária.

Acompanhemos uma tabela esquemática com as figuras sugeridas, referentes à (re/des)elaboração identitária de gênero.

Figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero								
	Pré Agrado	Agrado	Neo Agrado	Entre Agrado	Des Agrado	Re Agrado	DesRe Agrado	PósAgra do
Caracte- rísticas	Pessoa <i>confor- mada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimen- to e/ou através de ultrassom	Pessoa <i>inconfor- mada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom e que faz <i>uma jornada</i> de <i>formatação do corpo e do nome</i> em direção ao sistema sexo-gênero de <i>auto-identificação</i>	Pessoa <i>inconfor- mada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom e que faz <i>uma jornada interior</i> em direção ao sistema sexo-gênero de <i>auto-identificação</i>	Pessoa <i>inconformada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom, <i>não se vê em um sistema nem no outro</i> e provisória ou continuamente se <i>percebe no caminho</i> , embora tenha o desejo de se <i>fixar</i>	Pessoa que já foi <i>inconformada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom, fez <i>jornada</i> ao sistema sexo-gênero <i>oposto</i> depois <i>retorna</i> ao sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom	Pessoa <i>inconformada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento, <i>faz jornada</i> ao sistema sexo-gênero de <i>auto-identificação</i> , <i>retorna</i> ao sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento e/ou através de ultrassom, depois <i>volta ao sistema de auto-identificação</i>	Pessoa <i>inconformada</i> com o sistema sexo-gênero <i>descrito/prescrito</i> no nascimento, fez o percurso de ReAgrado e DesAgrado (ou vice-versa) e <i>não entende seu gênero de identificação como legível para si ou socialmente</i>	Pessoa <i>inconfor- mada</i> com o sistema sexo-gênero <i>atribuído</i> no nascimento e <i>não se identifica totalmente</i> em nenhum sistema, ou <i>não se identifica de modo algum</i> , ou <i>se identifica com ambos</i>
Ambien- te de origem	Lugar Cisgeneri- dade (ambiente de origem, sem deslocamento)	Lugar	Lugar	Lugar	Lugar	Lugar	Lugar	Lugar
Ambien- te de movime- nto	Nenhum (sem deslocamento)	Entre-Lugares Geralmente único movimento	Entre-Lugares interiores (sem expressão de gênero binário como esperado socialmente)	Entre-Lugares	Entre-Lugares/ Novo Lugar ou Novíssimo Lugar	Entre-Lugares/Novo Lugar ou Novíssimo Lugar/ Lugar	Entre-Lugares/Novo Lugar ou Novíssimo Lugar/Lugar	Entre-Lugares
Ambien- te em que se encontra e/ou chegada	Lugar Cis	Novo Lugar	Novíssimo Lugar	Entre-Lugares	Lugar	Novo Lugar ou Novíssimo Lugar	Não-Lugar	Entre-Lugares, Não-Lugar ou Pós-Lugar
Norma	Binarie- dade	Binariedade	Binariedade	Binariedade	Binariedade	Binariedade	Não Binariedade a contragosto	N- Binarieda- de espontânea (não-norma?)

Exemplo	Mulheres cis, homens cis	Travestis, mulheres transsexuais, homens transsexuais que demandam retificações de nome e/ou corpo	Travestis, mulheres transsexuais, homens transsexuais que não passam ou não demandam por retificações de nome e/ou corpo	Sem classificação identitária nativa	Travestis, mulheres transsexuais, homens transsexuais, transgêner@s que <i>destransicionaram</i> . Se tornam ex-travestis, ex-mulheres transsexuais, ex-homens transsexuais, ex-transgêner@s	Ex-travestis, ex-mulheres transsexuais, ex-homens transsexuais, ex-transgêner@s que <i>retransicionaram</i> . Se tornam ex-ex-travestis, ex-ex-mulheres transsexuais, ex-ex-homens transsexuais, ex-ex-transgêner@s	Sem classificação identitária nativa	Trans* n-b, agênero, pangênero
---------	--------------------------	--	--	--------------------------------------	--	---	--------------------------------------	--------------------------------

Imagem: Figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero

Afim de perseguirmos a pista de uma possível co-relação entre discurso generificado e religioso, façamos um primeiro exercício – muito introdutório³⁶⁵ – de subversão/queerificação/conversão das figuras da mobilidade de gênero propostas em figuras da mobilidade religiosa.

Convertendo a figura generificada de PréAgrado em PréAgrado religioso@, se a primeira representa a pessoa *conformada* com o sistema sexo-gênero *descrito/prescrito* no nascimento e/ou através de ultrassom, a segunda metaforiza o indivíduo *conformado* com o sistema religioso *descrito/prescrito* no nascimento e/ou antes do mesmo – tomemos aqui o cristianismo como exemplo. Ambas tem como ambientes de origem o Lugar: no primeiro caso, a Cisgeneridade, no segundo, o mencionado Cristianismo. Mas PréAgrado Generificad@ e PréAgrado Religios@ são figuras da fixidez, contrapostas às da mobilidade que se seguem (e referentes destas).³⁶⁶ A norma de conduta de ambas é a binariedade. Na primeira, especialmente referente ao gênero (mulher/homem), na segunda, especialmente referente à religião (Céu/Inferno, Deus/Diabo, bem/mal). Como exemplos de PréAgrado Generificad@, temos mulheres e homens cis, e como exemplos de PréAgrado Religios@, mulheres e homens crist@os.

A fim de perseguirmos a pista de uma possível co-relação entre discurso generificado e religioso, façamos um primeiro exercício – muito introdutório³⁶⁷ – de conversão das figuras da mobilidade de gênero propostas em figuras da mobilidade religiosa.

³⁶⁵ Não tenho a intenção/pretensão de aprofundar esta conversão nesta tese. Este é um esforço inicial para refletirmos sobre algumas das possíveis conexões entre discursos e fluxos religiosos e generificados.

³⁶⁶ Obviamente este é um exercício que se pretende heurístico e superficial. Não devemos presumir que existam figuras “puramente” fixas ou “puramente” móveis.

³⁶⁷ Não tenho a intenção/pretensão de aprofundar esta conversão nesta tese. Este é um esforço inicial para refletirmos sobre algumas das possíveis conexões entre discursos e fluxos religiosos e generificados.

Convertendo a figura generificada de PréAgrado em PréAgrado Religios@, se a primeira representa a pessoa *conformada* com o sistema sexo-gênero *descrito/prescrito* no nascimento e/ou através de ultrassom, a segunda metaforiza o indivíduo *conformado* com o sistema religioso *descrito/prescrito* no nascimento e/ou antes do mesmo – tomemos aqui o cristianismo como exemplo. Ambas têm como ambientes de origem o Lugar: no primeiro caso, a Cisgeneridade, no segundo, o mencionado Cristianismo. Mas PréAgrado Generificad@ e PréAgrado Religios@ são figuras da fixidez, contrapostas às da mobilidade que se seguem (e referentes destas).³⁶⁸ A norma de conduta de ambas é a binariedade. Na primeira, especialmente referente ao gênero (mulher/homem), na segunda, especialmente referente à religião (Céu/Inferno, Deus/Diabo, bem/mal). Como exemplos de PréAgrado Generificad@, temos mulheres e homens cis, e como exemplos de PréAgrado Religios@, mulheres e homens crist@os.

Reflitamos nas figuras de Agrado. A generificada, pessoa *inconformada* com o sistema sexo-gênero *descrito/prescrito* no nascimento e/ou através de ultrassom e que *faz uma jornada de formatação do corpo e do nome* em direção ao sistema sexo-gênero de *auto-identificação*, nasce no Lugar Cis, percorre o Caminho Binário até o Novo Lugar através de Entre-Lugares, muitas vezes em um único trânsito. É o caso de travestis, mulheres transsexuais, homens transsexuais binári@s que demandam retificações de nome e/ou corpo.

Comparando, Agrado Religios@ é inconformada com o sistema religioso *descrito/prescrito* no nascimento e/ou antes do mesmo e *faz uma jornada de adaptação* em direção ao sistema religioso de *auto-identificação*. Nasce no Lugar Cristão, percorre o Caminho Binário até o Novo Lugar Religioso, representado por nova religião. Geralmente trata-se de trânsito único, do cristianismo à nova religião de adesão.

NeoAgrado Religios@ é a pessoa não-conforme com o sistema religioso anteriormente prescrito, e faz uma jornada em direção à religião de identificação. Ao contrário de Agrado Religios@, sua jornada é sumamente interior, não tendo sinais (tão) visíveis/expressivos de peregrinação como a primeira – de modo semelhante à NeoAgrado Generificada, pessoa inconforme com o sistema sexo-gênero designado e que transita para o sexo-gênero oposto de modo pouco visível em relação à expressão de gênero (ou com menos sinais visíveis de expressão de gênero que Agrado Generificad@). Se NeoAgrado Generificad@ pode ser exemplificad@ pela mulher transexual que não se hormoniza e não faz cirurgias, NeoAgrado

³⁶⁸ Obviamente este é um exercício que se pretende heurístico e superficial. Não devemos presumir que existam figuras “puramente” fixas ou “puramente” móveis.

Religios@ pode ser pensada como a pessoa que se torna adepta de uma religião que tem como prerrogativa dados sinais visíveis no corpo, mas que não expressa tais sinais.

EntreAgrado Religios@ é não-conforme com o sistema religioso prescrito anteriormente no nascimento, não se vê em outro sistema mas gostaria de se fixar. Por exemplo, a pessoa deixa de ser cristã, não se vê como umbandista mas gostaria de se fixar como tal.

DesAgrado Religios@ é quem, inconforme com o sistema religioso prescrito ao nascer, fez jornada a outro sistema mas retorna. É o exemplo da pessoa cristã que se torna umbandista e retorna ao cristianismo – semelhantemente a um exemplo da DesAgrado Generificad@: a pessoa cis que se torna travesti e depois, ex-travesti.

ReAgrado Religios@ é inconforme com o sistema religioso prescrito, faz peregrinação a outro sistema, depois retorna ao anterior, e mais uma vez, ao de identificação distinto do prescrito no nascimento. Exemplo: a pessoa é designada cristã, torna-se umbandista, volta ao cristianismo, depois retorna à umbanda.

DesReAgrado é a pessoa que se torna – à contragosto – fora de um determinado regramento classificatório identitário religioso. Por exemplo, “nascida” cristã, se converte à umbanda, e depois retorna ao cristianismo. A partir destas andanças, que trazem sinais potentes em sua identidade, não se sentem mais nem umbandistas nem cristãs, o que lhes causa desconforto. Não se sentem transitando rumo a um porto religioso seguro mesmo não tendo chegado, como no caso de EntreAgrado Religios@. Sentem-se num Não-Lugar Religioso de Desesperançado.

PósAgrado Religiosa é a figura da pessoa inconformada com a religião prescrita no nascimento, e que não se sente em nenhum sistema religioso, ou em múltiplas misturas, como por exemplo metade do tempo sem religião e metade do tempo numa mescla entre católic@ e umbandista. Não se sente necessariamente em trânsito como EntreAgrado Religios@, nem sem-lugar como DesReAgrado Religios@.

Muito poderia ser especulado acerca de tais figuras provisórias. Elas servem aqui apenas como parte deste(s) exercício(s) de conversão que objetiva(m)s demonstrar a possível similaridade entre sistema generificado e sistema religioso.

Segue uma tabela com uma sugestão de aplicação das características das figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero às figuras da (re/des)elaboração identitária religiosa.

Figuras da (re/des)elaboração identitária religiosa								
	Pré Agrado Religio- s@	Agrado Religio- s@	Neo Agrado Religio- s@	Entre Agrado Religios@	Des Agrado Religio-s@	Re Agrado Religio-s@	DesRe Agrado Religio-s@	Pós Agrado Religio- s@
Caracte- rísticas	Pessoa <i>conforma- da</i> com o sistema religioso <i>descrito/ prescrito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo	Pessoa <i>inconfor- mada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ prescrito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo e que <i>faz uma jornada</i> de adaptação em direção ao sistema religioso de <i>auto-identifica- ção</i>	Pessoa <i>inconfor- mada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo e que <i>faz uma jornada interior</i> em direção ao sistema religioso de <i>auto-identifica- ção</i>	Pessoa <i>inconformada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo, <i>não se vê em um sistema nem em outros</i> e provisória ou continuamente se <i>percebe no caminho</i> , embora tenha o desejo de se <i>fixar</i>	Pessoa que já foi <i>inconformada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo, <i>fez jornada</i> a sistema religioso distinto e depois <i>retorna</i> ao sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo	Pessoa <i>inconformada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ prescrito</i> no nascimento... <i>faz jornada</i> ao sistema religioso de <i>auto-identificação</i> , <i>retorna</i> ao sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo, depois <i>volta ao sistema de auto-identificação</i>	Pessoa que já foi <i>inconformada</i> com o sistema religioso <i>descrito/ pres-crito</i> no nascimento e/ou antes do mesmo, fez o percurso de ReAgrado e DesAgrado (ou vice-versa) e <i>não entende sua religiosidade como legível para si ou socialmente</i>	Pessoa <i>inconforma- da</i> com o sistema religioso <i>atribuído</i> no nascimento, <i>não se identifica totalmente em nenhum sistema</i> , ou <i>não se identifica de modo algum</i> , ou se <i>identifica com ambos</i>
Ambien- te de origem	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão	Lugar Cristão
Ambien- te de movimen- to	Nenhum (sem deslocame- nto)	Entre- Lugares Geralmen- te único movimen- to	Entre- Lugares interiores (sem expressão de gênero binário como esperado socialmen- te)	Entre-Lugares	Entre-Lugares/ Novo Lugar ou Novíssimo Lugar	Entre- Lugares/Novo Lugar ou Novíssimo Lugar/ Lugar	Entre- Lugares/Novo Lugar ou Novíssimo Lugar/Lugar	Entre- Lugares
Ambien- te em que se encontra e/ou chegada	Lugar Cristão	Novo Lugar Religioso	Novíssimo Lugar Religioso	Entre-Lugares Religiosos	Lugar Cristão	Novo Lugar ou Novíssimo Lugar Religioso	Não-Lugar Religioso	Entre- Lugares, Não-Lugar ou Pós- Lugar Religioso(s)
Norma	Binarieda- de	Binarieda- de	Binarieda- de	Binariedade	Binariedade	Binariedade	Não Binariedade a contragosto	Não Binariedade espontânea
Exemplo	Mulheres cristãs, homens cristãos	Pessoa não-cristã que faz adaptação no corpo e/ou nome	Pessoa não-cristã que não faz adaptação no corpo e/ou nome	Sem classificação identitária nativa	Pessoa não-cristã que se <i>desconverte</i> e retorna ao cristianismo	Pessoa não-cristã que se <i>desconverte</i> e retorna ao cristianismo depois se <i>reconverte</i> à religião não-cristã. Se tornam ex-ex-não-cristãos	Sem classificação identitária nativa	Ateu/atéia, agnóstico@, arreligios@, religiosos@ de dupla ou múltipla pertença

Imagem: Figuras da (re/des)elaboração identitária religiosa

Realizadas tais conversões, fica uma provocação: mais que pensar em figuras da mobilidade generificada e figuras da mobilidade religiosa – aqui desconectadas entre si com fins pedagógicos –, sugiro que reflitamos em figuras concomitantemente generificadas/religiosas.

Por exemplo, a norma de conduta d@ PréAgrado Generificad@ e d@ PréAgrado Religios@ é a binariedade. Em ambos os casos, há a retroalimentação entre as normas, de modo que percebemos a conexão entre binarismos generificados e religiosos, por exemplo, entre mulher/homem e Diabo/Deus. Um exemplo possível, para ilustração, estaria numa possível demonização da feminilidade através do cristianismo em alguns momentos históricos.

Antes, segue uma imagem que sintetiza os possíveis caminhos que as figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero e religiosa podem trilhar. A placa de boas-vindas marca a entrada das figuras de (re/des)elaboração identitária de gênero e religiosa ao Lugar, que na imagem simboliza tanto o Lugar Cisgênero, quanto o Lugar Cristão. A estrada em destaque representa “o caminho”, que sai do Lugar e chega novamente em Lugar. Estando no Lugar a pessoa pode estacionar ou seguir para as rotas alternativas de gênero e/ou religião/religiosidade marcadas pelas linhas tracejadas, onde se desejarem podem estacionar ou fazer retorno ao caminho. Vale salientar que em cada um destes locais há uma alfândega – cuja placa, para aquele que desconhece os sinais de trânsito, é marcada pelo traço centralizado em um círculo – que tem o papel de ver se os documentos das figuras estão em ordem com a performance religiosa e/ou de gênero. Caso não estejam, a entrada é vedada e há necessidade de procurar outra rota. Apenas o Não Lugar é ausente de fiscalização. Entre um local e outro, há os Entre-Lugares, que podem te levar a diversos locais com amplos estacionamentos, ou há estradas sem fim.

Imagem: Lugar

*E*ntre-Lugares generificados e religiosos

*P*ensando o *Entre-Lugar* como situação mais ou menos provisória que liga todas as figuras da mobilidade, é possível agora descrevê-lo um pouco melhor – ao menos em relação aos dois marcadores específicos que aqui contemplamos.

A primeira situação entre-lugar a ser descrita é a *entre-gêneros*. Esta expressão refere-se a todas as pessoas que não encontram-se mais em Lugar e deslocam-se à Novo Lugar, Novíssimo Lugar, Não-Lugar, PósLugar, ou derivam no Entre-Lugar, mesmo que em trânsito transitório.

O termo *entre-gêneros* aponta para a *ponte* como metáfora da jornada *entre-lugares* vivida por sujeitos em busca da adequação a seus gêneros de identidades/expressões. Em muitos casos, a chegada se faz em margens dicotômicas de gênero (sou mulher/sou homem). Mas nem sempre.

Tais pessoas – como todas as outras –, tem atribuídas a elas, na gestação e/ou no nascimento, não só um sexo (detectado especialmente por conta da presença de vagina ou pênis) como um gênero (*feminino/masculino*). Por terem um gênero atribuído/designado na gestação e/ou nascimento que não as contemplam (*feminino/masculino*) e se identificarem com o gênero distinto, vivenciam experiências *entre-gêneros*. Estão *entre* o gênero de atribuição e aquele o qual se identificam e/ou se expressam. Outras situações *entre-gêneros* são possíveis, como a da destransição e da retransição.

Há também as pessoas que se encontram *entre* o gênero de designação e os dois outros gêneros, com os quais se expressam e/ou identificam (como ocorre com pessoas que se identificam bigêneras). A expressão *entre-gêneros* pode acolher, igualmente, pessoas que se percebem *entre* o gênero que lhes foi assignado e *nenhum* outro gênero de identificação e/ou expressão – como é o caso d@s agêner@s; ou outr@s morador@s de PósLugar, como @s que reivindicam a quebra das normas de gênero, como os *genderless*, *genderbenders*, *gender outlaws* e *genderfuckers*.

Há pessoas que narram já terem transitado mas que em algum momento *estacionaram* em algum gênero: narrativas de Agrado. As identidades trans* são fixadas, em grande parte, de acordo com a aparência da pessoa: se é um transhomem, deve se parecer com um, e daí por diante. Mas não é necessário, para todas as pessoas *entre-gêneros*, passar por transformações corporais e/ou estéticas para que se identifiquem como de um gênero diverso daquele que lhe foi atribuído/assignado. Algumas destas pessoas identificam-se *mulheres* ou *homens*,

independentemente de cirurgias ou outros procedimentos de adequação estética – por não sentirem necessidade de tais adaptações. As pessoas têm agência própria para viverem de acordo como se identificam, com os corpos que entendem convenientes.

Muitas das pessoas *entre-gêneros* peregrinam por paisagens marcadas por *entre-mobilidades de gênero*: em dados momentos se identificam como *drags*, em outros como transexuais, em outros como travestis, de acordo com diferentes agenciamentos e negociações de si consigo, com coletivos, instituições e sociedade. Tais autodeclarações são contingenciais, provisórias, derretidas.

Uma razão pela qual o termo *entre-gêneros* pode ser útil é a de que os termos guarda-chuva trans, trans*, transgênero não abarcam outras “identidades” associadas às mobilidades de gênero. Algumas destas são as identidades de retorno ou de (des/re)transição, como ex-trans* e ex-ex-trans*. ³⁶⁹

Além disto, como veremos um pouco adiante, nem todas as pessoas que vivenciam tais trânsitos se utilizam de termos como trans, trans* ou transexuais, tampouco utilizam *entre-gêneros* ³⁷⁰, e algumas destas, nem os conhecem.

O termo *entre-gêneros* também pode ser pensado de modo mais ampliado. Neste caso, não estaria contraposto a cisgênero, nem sinalizaria para um sentido dicotômico. Se entendermos que uma pessoa nasce *sem gênero*, e que este (feminino ou masculino) é determinado e construído socialmente, esta pessoa faz, durante a vida, um trânsito em direção à *afirmação* do gênero que lhe foi designado. *Entre-gêneros*, pensado deste modo, pode servir como termo que designa toda e qualquer pessoa – peregrin@s rumo ao gênero de designação, ao de escolha, ou a nenhum dos dois (mas vivendo numa sociedade generificada e se adaptando a esta em momentos distintos de sua vida).

Tal definição não deve ser entendida de modo essencialista: é possível que existam pessoas que se declarem travestis, transexuais e/ou em outras situações de mobilidade identitária de gênero, e não acreditem ter identidade *diversa* da designada na gestação e/ou nascimento. Do mesmo modo, muitas pessoas que consideramos em trânsitos de gênero não se percebem assim: se identificam com e em um gênero fixo.

³⁶⁹ Poderíamos pensar ainda numa possível inconveniência do uso de termos como transexual, por conta do contexto em que estes últimos termos foram criados, de patologização/psiquiatrização/medicalização de sujeitos com “transtornos de gênero” – e de certa forma, de sua marginalização. Entretanto, tal termo é usado – reivindicado – por muitas pessoas, e assim, não deve ser deslegitimado.

³⁷⁰ Ressalto que *entre-gêneros* é uma categoria analítica, não se propondo a substituir categorias ou concepções nativas.

A própria expressão *entre* pode dar vistas à ideia de que não há nada mais *sem lugar* do que se *estar entre*! Mas não é necessariamente assim. O termo serve para se pensar deslocamentos, ainda que seja *um*, relativo ao gênero de atribuição no nascimento e o de identificação. Os exemplos são vários. Joide Miranda, auto-declarado pastor e ex-travesti, disse que não vive mais em situação de trânsito, que está definido: “vivi em trânsito até encontrar minha identidade própria conforme os planos de Deus”.³⁷¹ Para Apolo A., “me declaro FTM, mas não gosto de ser visto somente como FTM porque nunca senti que minha transição fosse do feminino para um masculino puro. Eu nunca na minha vida senti que era mulher”.³⁷²

Tem quem prefira não se definir através de identidades de gênero. Ou de marcador nenhum. Seriam *pós-identitári@s*? Poderiam ainda ser considerad@s entre-gêneros? Talvez não. Também é bem possível que a expressão *entre-gêneros* encontre resistência e seja considerada inadequada por pessoas trans* ou cis. De toda maneira, como em relação aos demais termos utilizados nesta tese, trata-se de conceito *sob rasura*. Afinal, as classificações relativas às múltiplas expressões de gênero devem partir, especialmente, do autoentendimento e autodeclaração individuais.

Durante o trabalho de campo, escutei de pessoas que se declaram transitando entre os gêneros algumas narrativas que dão forma ao conceito de *entre-gêneros* elaborado por mim. Estas falas podem ser entendidas a partir de dois conjuntos de narrativas. No primeiro, são pessoas que analisam situações *entre-gêneros* – sem necessariamente utilizarem-se deste termo, que não é um termo nativo. Isto parece ocorrer quando Leticia Lanz diz: “não sou homem, nem mulher, nem trans, sou Leticia Lanz”.³⁷³ Ou como comentou Hermafrodit@ A.,

não tenho me definido mais nem como homem e nem como mulher. Estas categorias não são suficientes para minha experiência. Hoje em dia tenho corpo feminino, e já tive aparência masculina. Sou trans ou sou queer? Não sei. Muitas pessoas trans, homens e mulheres, ultimamente tem se questionado sobre estes binarismos de gênero, tanto aqui no Brasil como lá fora. Nós aprendemos com estes binarismos, mas não nos encaixamos neles. Ao mesmo tempo, faço parte do ativismo trans. Isto gera um certo conflito. Sim, porque ao mesmo tempo em que quero subverter as normas binaristas de gênero, muitas vezes me defino trans para militar pelos meus direitos e os direitos de outras e outros trans.

³⁷¹ MIRANDA, *entre-vista de HOCEL a EMAMF*, 2012.

³⁷² APOLO A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

³⁷³ LANZ, *Transgente*, 2014.

Mas eu me defino trans como um conceito provisório. E não tenho um conceito apropriado para mim. Nem quero ter.³⁷⁴

Estar *entre-gêneros* não significa estar sempre no meio de um ou de outro gênero – muitas vezes é uma situação circunstancial. Em outro relato, “eu estou entre os gêneros só por enquanto: daqui a pouco alcanço o gênero que eu pertencço, masculino.”³⁷⁵ Já Apolo C./Hermafrodite@ C. definiu-se assim: “estou por hora na fronteira. Sou trans e sou queer. Sou FTM, mas também não sou necessariamente um FTM. Sou um *genderfluid*, eu acho. Nesta fronteira eu me sinto tranquilo.”³⁷⁶ Tais narrativas dão vistas ao que Agier define como identidade: algo que se constitui no processo, na busca, muito mais que na chegada. Nestes casos, os discursos assumem papel político e ativista, e em geral dialogam com as concepções queer.

Mas há outro conjunto de concepções sobre trânsitos de gênero, que também corporifica a concepção de *entre-gêneros*, que se identifica nos sujeitos que não têm, por motivos diversos, refletido analiticamente sobre deslocamentos de gênero a partir de teorias queer ou outras relacionadas a gênero, e não se relacionam com o ativismo trans. Aliás, algumas destas pessoas não se identificam como trans por não conhecerem o termo.³⁷⁷ Trago aqui os exemplos d@s indígenas Atena D./Apolo D. e de Atena E./Apolo E.³⁷⁸ Para @primeir@,

o que é trans? É travesti? Aqui na cidade tem o (Atena F./Apolo F).³⁷⁹ Ele se vestia de mulher, aí foi prá igreja e começou a virar menino. Mas agora ele saiu da igreja e já tá virando um travesti de novo. Eu não sou travesti porque não me visto com roupas de mulher. Mas eu me sinto mulher. Quer dizer, às vezes eu fico com mulher também, mas geralmente só pego homem. Eu me sinto um pouco homem também, mas me sinto muito mais mulher. meu grande sonho é me casar com um homem. Eu vestida de mulher. E adotar uma menininha. Eu vivo assim, um pouco como homem por causa da sociedade, mas meu coração é de mulher.³⁸⁰

Atena E./Apolo E. , colega de trabalho de Atena A./Apolo A., também comenta:

eu sou mulher. Eu só tenho esta aparência de homem. Mas minha alma é de mulher. Eu também queria casar com um gato como mulher e tudo o mais. Tem etnia que chamam de

³⁷⁴ HERMAFRODITE@ A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

³⁷⁵ HERMAFRODITE@ B./ APOLO B., 2012. O pseudônimo tenta responder às duas identificações, como *momentâne@* entre-gêneros e como futuro homem trans.

³⁷⁶ APOLO C./ HERMAFRODITE@ C. O pseudônimo procura contemplar as duas declarações da pessoa, como homem trans e como *genderfluid*.

³⁷⁷ É possível também que não se identificassem mesmo conhecendo o termo.

³⁷⁸ Os pseudônimos tentam contemplar a identidade da pessoa, que nos casos é feminina, e a atual expressão, masculina.

³⁷⁹ Nome substituído por pseudônimo.

³⁸⁰ ATENA D./APOLO D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

ñama. Ñama é homem-mulher. É as duas coisas, um pouquinho de cada. Serve mais prá homem que gosta de homem. Mas também vale prá homem que quer ser mulher no outro sentido. Não so por gostar de homem.³⁸¹

Vivendo em bairro próximo, Apolo/Atena A.³⁸² explica

eu sou mulher e sou homem. Porque na minha família eu sofro muita violência. Minha mãe me bate muito pois fala que eu sou mulher-homem. Eu gosto de mulheres. E eu me sinto homem. É so ver minha roupa né, meu cabelo? (risos). Mas eu sou um pouco menina ainda. Mas sou bem mais menino. Se pudesse escolher, seria só menino. Não, não sei o que é trans. De travesti sim eu já ouvi falar.³⁸³

Como notamos nas narrativas, a expressão entre-gêneros pode servir como termo guarda-chuva para entendermos tais vivências. Possivelmente, as três pessoas indígenas, se vivessem em um centro urbano com um ativismo trans*, entenderiam a si mesm@s como pessoas trans. E na primeira narrativa, Atena D./Apolo D. possivelmente chamaria a pessoa travesti pelo artigo feminino, e não masculino – ainda que em sua fala esta pessoa ainda assuma um nome masculino.

Algo a se realçar, assim, é o contexto em que vivem as pessoas apresentadas. Todas as pessoas vivem em centros urbanos com ativismos T*LGB, com exceção das últimas, indígenas de São Gabriel da Cachoeira (SGC), conhecida como a *cidade mais indígena do Brasil*. Neste local, não há um ativismo LGBT, quanto mais um ativismo trans, e os estudos de gênero ainda não são conhecidos. Assim, o contexto de cada sujeito e de sua fala moldam suas próprias concepções a respeito de suas experiências particulares de mobilidades de gênero – ou a de outras pessoas. Tais pessoas demonstraram interesse em adequar sua aparência ao seu gênero de identificação, mas se sentem inseguras por conta do contexto em que vivem. Ao mesmo tempo, demonstram ojeriza por um corpo/gênero transformado, visto como de algum modo abjeto.

Estas pessoas poderiam ser chamadas de trans*? Se pensarmos em que só devemos denominar @s outr@s a partir das auto-declarações, não. E isto também inviabilizaria chamá-las de entre-gêneros, por exemplo.

Isto esboça que tal concepção, ainda que possa abarcar as concepções nativas acima e outras, é um termo guarda-chuva – sujeito a tsunamis, bem como os termos queer, trans, trans* e transgênero. Como os anteriores, seria ele suficiente para entendermos os deslocamentos e

³⁸¹ ATENA E./APOLO E., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

³⁸² Neste caso, o pseudônimo destaca a identidade masculina da pessoa, acompanhada do gênero compulsório de expressão, majoritariamente feminino.

³⁸³ APOLO F./ ATENA G., *Entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

agenciamentos subjetivos e coletivos de pessoas que transitam ou transitaram através das planícies de gênero? Certamente não.

Outro Entre-Lugar a ser refletido é o relativo às *entre-religiões e religiosidades*, ou situações de fluxos religiosos,³⁸⁴ muitas vezes relacionadas a uma rede de tensões que envolve pessoas trans* e ex-trans* em posições diversas entre patologização e despatologização, e usando termos religiosos, *pecadologização* e *despecadologização*,³⁸⁵ com o esforço de algumas agências religiosas em rejeitar e/ou incluir estes públicos.³⁸⁶

Falando de modo genérico, espaços como os ministérios de recuperação de travestis patologizam/pecadologizam pessoas trans*, procurando transformá-las em cis, enquanto ambientes como igrejas inclusivas as incluem em um contexto de despecadologização/depatologização.

Mas será que os espaços religiosos podem ser definidos, de modo dicotômico, entre *os que incluem* e *os que rejeitam*? Ou tais fronteiras podem se mostrar borradas? Como são relatadas a intolerância, discriminação e/ou violência religiosa pelas pessoas entre-gêneros? Estes episódios se relacionam ao seu amoldamento identitário e às experiências de ciborguismos e trânsitos religiosos? É possível que uma pessoa se sinta excluída numa inclusiva e incluída num ministério de recuperação.

Esta questão da inclusão/exclusão não deve ser vista de modo essencialista: há situações em que pessoas trans* são excluídas nestes ambientes, mas há outras em que são incluídas, varia de igreja para igreja, de terreiro para terreiro. Escutei narrativas desestabilizadoras, onde igrejas inclusivas LGBT e terreiros de religião de matriz africana praticaram intolerância contra pessoas trans*, e narrativas de acolhimento em igrejas neopentecostais, geralmente entendidas como fundamentalistas e intolerantes. E varia de acordo com a expectativa pessoal, uma pessoa que podemos julgar excluída pode se sentir muito bem acolhida, e vice-versa.

Ainda que a intolerância de gênero em ambientes “sagrados” seja profundamente marcante na vivência de uma infinidade de pessoas trans*, e que haja lugares que as aceitem da mesma forma como aceitam pessoas cis, pensar em espaços determinados *a priori* como *inclusivos* ou *excludentes* demonstra viés reducionista, não dando conta da multiplicidade de vivências religiosas destas pessoas.

³⁸⁴ Estar entre-religiões e religiosidades não é prerrogativa de pessoas entre-gêneros, pessoas cis também podem estar entre tais lugares.

³⁸⁵ Usei o termo *despecadologização* pela primeira vez em “*Inclusão*” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes, 2012g.

³⁸⁶ Vale salientar que categorias como inclusão e exclusão dependem do ponto de vista d@ analista e d@ enunciator@.

No caso desta tese, o exercício foi não ver à priori igrejas inclusivas LGBT*³⁸⁷ como realmente acolhedoras a pessoas LGBT*, ou mais especificamente a pessoas T*, e ministérios de conversão de travestis como excludentes às identidades T*. Afinal, inclusão e exclusão devem partir predominantemente das perspectivas de quem é e/ou se sente intolerad@ ou acolhid@.³⁸⁸

Os *entre-lugares* religiosos sinalizam também para as múltiplas experiências e agenciamentos d@s fiéis, vistos também em situações de *entre-religiosidades*. Nesta perspectiva, @s fiéis são vistos com *agência*,³⁸⁹ promotor@s/estimulador@s de mudanças nas instituições, e não somente como sujeitos *agenciados* pelas mesmas.

Muitas das mais novas igrejas e expressões religiosas tem um crescimento associado à segmentação religiosa, nascida do pluralismo e *neta* da secularização, agregando sujeitos que transitam *entre-lugares religiosos*, *entre-religiosidades*, bem como *sem-religião*, *desigrejad@s*, dentre outros.³⁹⁰ Reitero que todos os conceitos elencados até aqui, bem como os próximos, devem ser vistos sob rasura e que tais classificações errantes sinalizam para a instabilidade das “identidades” religiosas e de gênero.³⁹¹

Mas afinal, a situação das subjetividades contemporâneas é a de estar *entre* ou de estar *simultaneamente* em mais de uma coisa? Talvez seja um pouco de cada. Talvez caminhemos *entre* marcadores identitários como gênero e religião, ou *com* e *a partir* dos mesmos. E é possível que ambos possam *comungar* / *se conectar* em alguns pontos.

Partamos agora para outras conexões entre gênero e religião, tendo entre elas o exercício – introdutório – de conversão da categoria religião em categoria gênero e de situações de fluxo religioso em fluxo generificado.

³⁸⁷ Lembro que o termo inclusivas LGBT* (ou sem o asterisco, LGBT) é para algumas destas igrejas reducionista, visto estas advogarem a inclusão de quaisquer pessoas, inclusive heteros, cis, etc.

³⁸⁸ Outro ponto a se realçar é que a questão da inclusão/exclusão também parte do *viés da instituição*: há igrejas, por exemplo, que como analistas podemos interpretar como excludentes, mas que *se interpretam* como inclusivas, por exemplo.

³⁸⁹ O conceito de *agência*, neste sentido, é pensado não só como o “elemento ativo da ação individual” (SILVA, Teoria cultural e educação, 2000), mas como o empreendimento coletivo que ultrapassa as ações do sujeito – e também como o comportamento das instituições. Assim, *sujeitos*, *coletivos* e *agências (firmas) religiosas* possuem manifestações de *agência*, ou *agenciamentos*.

³⁹⁰ A segmentação associa-se ao contexto de pluralismo religioso estimulado pelo processo de secularização. Para Berger, tal pluralismo promoveu a ultrapassagem de uma situação de monopólio para uma situação “dominada pela lógica da economia de mercado” (BERGER, *O dossel sagrado*, 1985, p. 149). Nesta, impulsiona-se não só a criação e a adaptação de produtos (discursos, serviços, ritos e práticas) e mercadorias (audiovisuais, adesivos, roupas e outros) de firmas religiosas já existentes, como também o *surgimento* de agências especializadas em determinados nichos. A tendência, assim, é que novos segmentos identificados no mercado vão sendo preenchidos.

³⁹¹ Alguns trechos deste capítulo, relacionados ao conceito de *entre-gêneros* e ao conceito de *entre-religiões*, foram previamente publicados (MARANHÃO F^o, 2012b, 2012c).

É possível pensarmos *gênero metaforicamente como religião*? Ou numa *religião de gênero*? Ou ainda em categorias ou concepções referentes à religião que possam ser *aplicadas ao gênero* – mais especificamente, às transgeneridades? Procurarei dar pistas acerca disto no decorrer deste capítulo.

2^o Movimento: Convertendo religião em gênero

Fundamentalismo de gênero.

Em geral quando pensamos no termo *fundamentalismo* o associamos à religião. Mas o fundamentalismo pode se relacionar a qualquer marcador social de identidade e diferença. O fundamentalismo de gênero pode ser praticado por pessoas religiosas (e de qualquer religião) e não-religiosas. É a *crença* de que um determinado sistema sexo-gênero é imutável e que tudo aquilo que não se encaixa é errado, *patológico* ou *pecaminoso*. O(s) fundamentalismo(s) de gênero se *fundamentam* no início de frase “tal coisa é... não dando margem à multiplicidade de sentidos e significados possíveis de (não) serem descritos: procuram definir um tipo ideal a ser seguido de *cis*, *mulher*, *homem*, *FTM*, *MTF*, *travesti*, *drag queen/king*, *CD*, etc.³⁹²

Em uma postagem do FB comentei:

Imagem: Ateísmo de gênero

A ideia ali era usar um referente religioso para falar de gênero. Naquele sentido, ser ateu/atéia de gênero equivaleria a ser agêner@. A intenção era sugerir que gênero, provavelmente, operaria de modo semelhante à religião. E vice-versa.

Além disto, sugeri que templos do fundamentalismo generificado fossem incinerados. Olhando a postagem sem ler os comentários abaixo ou conhecer o contexto da postagem poderia levar algum@ amig@ de FB a pensar que eu estava advogando queimar igrejas ou pregar a

³⁹² Para detalhes sobre estes verbetes, rume ao MD 2.0.

ageneridade para todo mundo, por exemplo. Não eram os casos. A intenção era a de criticar posturas de pessoas e/ou instituições que sistematicamente procuravam “definir” ou “fixar” compulsoriamente a identidade alheia.

Dois motivos fundamentavam minha indignação. O primeiro, já referido, foi o de ter sido citade numa reunião de ativistas transexuais e travestis, como alguém que não poderia me considerar trans* e que pessoas não-binárias não existiam, por exemplo.

O segundo foi por ter recentemente conversado com pessoas que haviam passado por ministérios de conversão de travestis e encontravam-se bastante abaladas. Algumas delas definiram-se a si mesmas como *aberração* e *monstro* pois haviam escutado que por não terem o corpo masculino que *Jesus havia moldado, não iriam para o céu*. O impacto em escutar narrativas do gênero foi forte e eu me encontrava em altíssima tensão.

Ambos os casos, distintos, me reforçaram pensar em situações de *fundamentalismo de gênero*. A primeira dizia respeito a pessoas que pretendem definir quem pode ou não declarar-se em situações transgenerificadas. A segunda também procurava definir – fixar – a identidade generificada alheia, *comungando* com um *fundamentalismo religioso* que categorizaria *corpo e espírito santos*. O que *congregava* os dois casos era, assim, as tentativas de *fundamentar* o gênero d@ outr@.³⁹³

Mas *falar de religião para falar de gênero* – de certo modo *converter religião em gênero* –, ou mais especificamente falar de *fundamentalismos de gênero*, não é uma ideia original minha. Leticia Lanz também costuma fazer a mesma coisa, como vemos na postagem a seguir, que relaciona fundamentalismos generificado e religioso.

³⁹³ A postagem se derivou destes dois episódios ocorridos na mesma semana e que me fizeram reforçar o que eu já acreditava: que identidade – fluida, fixa ou como for – deve ser, antes de tudo, condicionada à auto-afirmação individual e respeitada qualquer que seja ela, obviamente dentro de uma sociedade de direito.

Letícia Lanz ▸ TRANSGENTE

8 hrs · Curitiba · 🌐

Está mais fácil debater com fundamentalistas religiosos do que com fundamentalistas de gênero. Pelo menos os fundamentalistas religiosos extraem seus argumentos de um livro que, apesar de ser um só, não deixa de ser uma referência para os debates, enquanto os fundamentalistas de gênero não retiram seus argumentos de livro nenhum. Aliás, odeiam livros, tanto ou mais do que odeiam "gente", ambos considerados graves ameaças aos seus sagrados e imutáveis "rótulos de identidade". Tão sagrados que parecem ter saído diretamente do livro dos fundamentalistas religiosos... (Letícia Lanz).

Unlike · Comment · Share

You, Morgana Onça Intensex and 9 others like this.

Imagem: Fundamentalismo religioso e de gênero

Para Lanz, os *rótulos de identidade* podem ser considerados *sagrados* para algumas pessoas, ou seja, o próprio *conceito de identidade religiosa* talvez possa ser utilizado para falar – ou *convertido* –, em *identidade de gênero*.

Podemos pensar em outras formas possíveis de converter religião em gênero – ou utilizar subversivamente conceitos relacionados à religião para explicarmos gênero. Sugiro iniciarmos por algumas das concepções do conceito de religião.

Provisoriamente, podemos entender como *religião* um conjunto de concepções e procedimentos individuais, coletivos e/ou institucionais relativos à devoção religiosa ou religiosidade. Podemos pensar no sentido da palavra *religião* feito por Jacques Derrida e comentado por Artur Cesar Isaia: o entendimento de Derrida (a partir dos estudos de Benevise) é de que o termo deriva do latim *religio*, em que o sentido original seria o de *legere* – série de regras, advertências e interdições –, não combinando com o sentido que geralmente se atribui, de *religare*: ligar de novo com @ divin@³⁹⁴. Neste sentido, Pierre Bourdieu contempla que a religião se dispõe a “assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário”,³⁹⁵ e mais, “impõe um sistema de práticas e de representações cuja

³⁹⁴ ISAIA, hierarquia católica brasileira e o passado português, 2008, p. 5.

³⁹⁵ BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, 1992, p. 47. Alexandre de Oliveira Fernandes explica (fundamentado em Borradori) que “para Cícero, primeiro século a.C., *religio* significava “colher”, “reunir”. Em III d.C, Tertuliano defendeu religião como *religare*, no lugar de “atar”, denotando o laço obrigatório do homem com Deus (BORRADORI, 2004, p. 164, *apud* FERNANDES, *Umberto Eco, Carlo Maria Martini, Jacques Derrida: Saber e Fé...*, 2013, p. 2358)”. Fernandes reforça que Derrida sugere “um *relegere*, ‘mas antes do vínculo entre os homens como tais ou entre o homem e a divindade de deus’ (DERRIDA, *A religião: o seminário de Capri*, 2000, p. 28), no “deserto do deserto”, “ali” onde, a revelabilidade pode ser mais originária do que a revelação e, portanto, independente de qualquer religião (DERRIDA, 2000, p. 27, *apud* FERNANDES, 2013, p. 2363)”.

estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos”.³⁹⁶

Convertendo tais conceitos, gênero pode ser igualmente entendido como um conjunto de concepções e procedimentos individuais, coletivos e/ou institucionais relativos à devoção generificada. O sentido original de religião, de *legere* é aplicável: refere-se a uma série de regras, advertências e interdições, podendo ainda ser descrito a partir do que Bourdieu disse: assim, gênero se dispõe a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário e impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural do sistema corpo/sexo/gênero.

Para Guerriero, a religião é constituída por um conjunto de crenças, e *crença*, “em seu sentido antropológico, é toda representação coletiva que pauta a nossa noção de realidade”.³⁹⁷ Não podemos admitir crenças como também do campo do gênero, ou em gênero como um conjunto de crenças?

A religião, para este autor,

se propõe a responder, no mínimo, a algumas questões (...) basicamente aquelas sobre a existência de uma divindade, sobre o sentido da vida, sobre a existência de vida após a morte ou sobre a existência de mais alguma coisa aos seres humanos que seus corpos físicos.³⁹⁸

Em relação a gênero, quais seriam suas questões (ou *crenças*) fundamentais? Há uma entidade *sobrenatural* a quem chamamos de... gênero? Uma trindade formada por identidades binárias e uma terceira, não-binária? Ou *aquém* da trindade há apenas a binariedade enquanto sagrada? Qual o sentido do gênero – ou qual o sentido da vida com ou sem ele? Há algo mais além de nossos corpos generificados? Há corpos generificados no Além – ou há gênero após a morte?

³⁹⁶ BOURDIEU, 1992, pp. 33- 34. Eu já havia comentado sobre estas definições de religião (de Derrida e Bourdieu) anteriormente, em *A grande onda vai te pegar* (2013). Na mesma ocasião comentei também sobre discursos religiosos. Sobre religião, vale ainda a definição de Émile Durkheim de que os fenômenos religiosos “ordenam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos (e) supõem uma classificação das coisas reais e ideais (DURKHEIM, *As formas elementares de vida religiosa*, 1989, p. 62)”. Durkheim entende a religião como conjunto de práticas e de representações revestidas de sacralidade. Já Bourdieu a vê como linguagem, sistema simbólico de pensamento e comunicação que organiza a sociedade dentro duma ordem cósmica. É produtora de sentidos e capaz de elaborar as experiências humanas. Trata-se de um conjunto de símbolos estruturados que atuam na integração do indivíduo num determinado coletivo social (BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, 2009). Já para Clifford Geertz, a religião, atuante na elaboração identitária, é “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, *A Interpretação das Culturas*, 1989, p. 67)”..

³⁹⁷ GUERRIERO, *Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro*, 2006, p. 64.

³⁹⁸ Idem, 2006, p. 35. Guerriero se ampara em Eileen Barker para definir crença no contexto dos NMR.

Lembro que Butler já instiga a pensar se gênero é natural, e que convertemos a ideia para religião: religião é uma entidade natural? Ou original? Prosseguindo na queerificação do tema, seria a religião uma entidade *sobrenatural*? Ou o gênero?

Outra autora que estimula a pensarmos – ainda que *também indiretamente* – em relações entre gênero e religião é Hervieu-Lèger.³⁹⁹ Esta comenta sobre as *religiões seculares*, representadas pelas “religiões políticas, religiões da ciência e da técnica, religião da produção, etc.”⁴⁰⁰ Poderíamos encontrar entre estas determinadas *religiões de gênero*? Se a produção, política, ciência e técnica podem ser consideradas religiões, podemos entender o *gênero como religião*?

A autora oferece outras considerações que podemos utilizar para falar de gênero – das transgeneridades, especialmente. Esta parte a seguir, em que utilizo concepções de Hervieu-Lèger acerca da mobilidade religiosa para falar sobre mobilidade generificada, assemelha-se ao que fiz anteriormente com as personagens-metáforas da (re/des)elaboração identitária de gênero, depois convertidas em figuras da (re/des)elaboração identitária religiosa,⁴⁰¹ ou ainda numa mescla entre as duas carpintarias de identidade.⁴⁰² Iniciemos alguns movimentos conectores. Para Hervieu-Lèger,

existem, em todas as religiões, os “crentes não praticantes” (...) A ruptura entre a crença e a prática constitui o primeiro índice do enfraquecimento do papel das instituições guardiãs das regras da fé. Mas o aspecto mais decisivo desta “perda de regulamentação” aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos “constroem” seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado.⁴⁰³

Há pessoas cis e trans* *crentes não praticantes* de gênero? Se *crêem* cis ou se *crêem* t* mas *não praticam* sua identidade generificada? Não sei responder isto em relação às pessoas cis, mas é possível que este seja o caso de pessoas t* que por um outro motivo não tenham adequado sua

³⁹⁹ Lembro que Hervieu-Lèger não fala de gênero nem Butler de religião – ao menos em nenhum dos textos que li das mesmas.

⁴⁰⁰ HERVIEU-LÉGER, *O peregrino e o convertido*, 2008, p. 40.

⁴⁰¹ Como @ leitor@ vai perceber, tais tipologias são muito semelhantes. No caso das figuras da (re/des)elaboração identitária de gênero (PréAgrado, Agrado, etc), estas tiveram sua *gênese* em observações de campo desde 2010 – sendo que os nomes em si são signatários do filme de Almodóvar depois repensado. A conversão destas figuras em figuras religiosas se deu após eu ler Hervieu-Lèger e operar a conversão das figuras da mobilidade religiosa que esta propos em figuras da mobilidade generificada. A intenção, como comentei, é demonstrar que fluxo de gênero se assemelha em alguns pontos a fluxo religioso e vice-versa.

⁴⁰² A intenção aqui é mostrar o movimento recíproco: mobilidade de gênero pode remeter à mobilidade religiosa; mobilidade religiosa pode remeter à mobilidade generificada, e com isto apontar para a possível retroalimentação entre discursos generificados e religiosos. E a partir desta constatação, perceber como este discurso conectado generificado/religioso pode ser utilizado na (re/des)engenharia identitária religiosa/generificada de pessoas entre-gêneros (trans* e ex-trans*). Entendo que, mais que isto, tal discurso conectado e conector de arquiteturas de identidade influencie outras relações de gênero, como por exemplo às relacionadas às *cisfeminilidades* e *cismasculinidades*.

⁴⁰³ Idem, 2008, p. 42.

estética à sua identidade de gênero: “eu “nasci” mulher, me sinto homem – *sei* que sou homem – mas por conta do meu emprego, religião ou família não posso transicionar”. Podemos pensar na cisgeneridade como *instituição guardiã das regras da fé*? Ou a transgeneridade também pode assumir tal papel de prescritora de identidades? Como se dá (se é que se dê) a *liberdade* para os indivíduos construírem seus próprios *sistemas de fé corporais e/ou de gênero*? Há tensões e negociações envolvidas na jornada? Aprendizagens e performatizações necessárias?

Sigamos com Hervieu-Léger mais uns passos e pensemos em questões relacionadas a estas. Ela sugere:

os crentes modernos reivindicam seu “direito de bricolar”, e, ao mesmo tempo, o de “escolher suas crenças”. Mesmo os mais convictos e os mais integrados a uma determinada confissão fazem valer seus direitos à busca pessoal pela verdade.⁴⁰⁴

Podemos pensar na cisgeneridade como *religião instituída* e nas transgeneridades como *religiões recompostas*, em que as pessoas fazem suas próprias (bri)colagens? Estas se dão de forma livre ou sofrem cerceamentos? Podemos pensar na ruptura da *ortodoxia cis* como parte do atual cenário de gênero, com um amplo espectro de identidades e expressões de gênero? Neste caminho, quais seriam os ambientes (des/re)institucionalizados de gênero? Uma pista pode estar na tipologia que envolve *Igreja, seita e rede mística*.

⁴⁰⁴ Ibidem, 2008, p. 64

Igreja, seita e rede mística

Termos como Igreja, seita e rede mística podem ser úteis para compreendermos cis/transgeneridades. Hervieu-Léger conta que é a Max Weber que se deve a diferenciação entre os dois primeiros tipos de agrupamentos religiosos: “a igreja, comunidade natural no seio da qual se nasce, e a seita, agrupamento voluntário de crentes no qual se entra após uma conversão pessoal”.⁴⁰⁵ Guerriero lembra que estes conceitos são para Weber dois tipos ideais⁴⁰⁶ e que para Ernest Troelsch, contemporâneo de Weber,

a Igreja promove a estabilidade e a ordem social. Sua atuação abrange toda a sociedade, não distinguindo classe social; porém, para garantir sua sobrevivência como instituição abrangente, necessita se associar às classes dominantes. A seita, ao contrário, está vinculada às classes dominadas ou àqueles elementos da sociedade que se opõem à ordem estabelecida e ao Estado. A Igreja administra a graça e se situa acima dos indivíduos, insistindo em seu caráter de permanência e transcendência.⁴⁰⁷

Para Hervieu-Léger,

em oposição à ação “extensiva” que caracteriza a Igreja, a seita é caracterizada pela intensidade do engajamento cotidiano que ela requer de seus membros. Eles são crentes regenerados que entram no grupo em virtude de uma escolha pessoal.⁴⁰⁸

Além disto,

enquanto a Igreja se empenha em incorporar o maior número possível de fiéis, a seita se abre exclusivamente a indivíduos “religiosamente qualificados” cujo testemunho coletivo, simplesmente exemplar ou ativamente militante, inclusive revolucionário, deve impressionar a cultura e a política mundanas chamadas a submeter-se diante da ordem divina. Fora de qualquer compromisso com o mundo profano, a seita afirma, à margem da sociedade, a radicalidade da exigência evangélica.⁴⁰⁹

Pensem na cisgeneridade como *Igreja* e nas transgeneridades binárias como *seitas*, por estas representarem cisão em relação às crenças de gênero dominantes da primeira. Da Igreja Cis em

⁴⁰⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 167.

⁴⁰⁶ GUERRIERO, 2006, p. 30.

⁴⁰⁷ Idem, 2006, p. 31.

⁴⁰⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 167.

⁴⁰⁹ Idem, 2008, p. 167.

que se nasce, pessoas trans* partem para agrupamentos voluntários – seitas trans* – após conversão pessoal.

Ou pensando nas figuras da (re/des)carpintaria de gênero, é o caso de *Agrado*, que do *Lugar Cis*, percorrendo o *Caminho Binário*, chega ao *Novo Lugar*. Ainda metaforicamente, Josi, Jacque e Alexya se evadem da *Igreja Cis*, do segmento *Igreja Cis Masculina* em direção à *Igreja Trans** de vertente *Neofeminina*.

Ser trans* requer engajamento cotidiano através de atos performativos: em geral o ideal é a *passabilidade*,⁴¹⁰ havendo um esforço para atingir a mesma. Em muitos casos, mais que crentes regenerados, são pessoas consideradas crentes *degeneradas*, ou sem o gênero ideal. Para participar de uma seita trans* binária é necessário ser *religiosamente qualificad@*,⁴¹¹ com testemunho de conversão exemplar envolvendo sacrifícios emocionais e físicos, compartilhados coletivamente,⁴¹² muitas vezes militar ativamente e impressionando a cultura cis dominante. Não há um compromisso com o mundo profanamente agênero, mas, mesmo à margem da sociedade, confirma-se a radicalidade da exigência do Evangelho Binário.

A Igreja Cis se situa permanente e transcendentemente acima das pessoas como entidade dada e sobrenatural, não necessitando de problematizações. @ Deus@ Cis está acima de tudo e tod@s. As seitas trans*, entretanto, adversári@s a serem combatid@s, procuram seu espaço no olimpo através de contínuas transgressões associadas a enquadramentos – afinal, de modo geral, com o Binário Supremo não se deve mexer.

Guerriero comenta:

a seita ou culto é um grupo religioso pouco estruturado, agrupado em torno de um líder carismático que traz, em geral, uma mensagem de inovação. O compromisso do fiel para com a seita é voluntário, pois se trata de uma adesão que este faz rompendo com seu passado religioso. Muitas vezes essa ruptura é radical, implicando um isolamento e crítica ao mundo exterior e às outras práticas religiosas. O comportamento sectário é rígido na disciplina e por vezes obriga o convertido a assumir uma nova identidade, divergindo das demais pessoas pelo uso de vestimentas próprias, novo corte de cabelo e, inclusive, um novo nome.⁴¹³

E mais:

⁴¹⁰ Ideal para muitas – não todas – as pessoas trans*, bem como às cis. Compreende *passar* – ser bem legível – como mulher ou como homem.

⁴¹¹ Ressignificando falas de Butler, para ser *religiosamente qualificad@* é necessário aceitar determinadas enunciações a respeito do que é necessário para ser *religios@* e performatizá-las.

⁴¹² Isto se assemelha ao que Hervieu-Léger classifica como *regime de validação do crer*, que veremos sinteticamente neste mesmo tópico e também no último capítulo.

⁴¹³ GUERRIERO, 2006, p. 29.

apesar da adesão ser voluntária, seu ingresso no novo grupo passa por uma seleção por parte dos integrantes da seita. Só são admitidos aqueles voluntários que demonstram comprometimento e convicção. O grupo também conta com certos procedimentos que garantem a possibilidade de expulsar os membros que não se comportarem de acordo com as normas, cujo compromisso não esteja à altura das exigências da seita.⁴¹⁴

As seitas ou cultos trans* também se agrupam, de modo geral, em torno ou a partir de um@ líder carismátic@ com uma mensagem inovadora. João W. Nery, por ser considerado o primeiro transhomem operado do Brasil e autor de autobiografia que é sucesso de vendas,⁴¹⁵ é referência política e midiática e o maior responsável pela explosão do movimento transmasculino brasileiro – ainda que receba algumas críticas por parte de ativistas trans* binári@s por demonstrar ocasionalmente simpatia por posicionamentos desestruturantes não-binários, por ter prestígio na mídia e ter seu nome no PL de Identidade de Gênero proposto por Jean Willys e Érica Kokay.⁴¹⁶

O que seria do movimento TT organizado e que se proclama legítimo se não fossem dezenas de *pastoras* que têm militado ativa e eficazmente pelos direitos de travestis e mulheres transexuais? Dentro do FB, o ciberativismo trans* seria o mesmo sem os esforços de Daniela Andrade?⁴¹⁷ As *travestis gospel* teriam tanta representatividade sem o ativismo religioso (sem metáforas, aqui) e de gênero de Jacque Channel?

Ultrapassando as metáforas das seitas ou cultos trans* binários em direção à não-binariedade, o que seriam das transgeneridades sem @ cartunista Laerte? Do movimento Transgente sem sua *papisa* Leticia Lanz? O movimento transfeminista seria o mesmo sem as *reverendas* Jaqueline de Jesus, Beatriz Bagagli, Hailey Kaas e Vivi Vergueiro, por exemplo? O que seria da *religião drag* sem sua maior *sacerdotisa*, a Rainha Tchaka?⁴¹⁸

Ao falar de *popstars* de gênero como Laerte e João W. Nery,⁴¹⁹ e num contexto facebookiano, Daniela Andrade e Leticia Lanz, é de realce que por sua inserção midiática seus *testemunhos*

⁴¹⁴ Idem, 2006, p. 29.

⁴¹⁵ NERY, *Viagem Solitária* – Memórias de um transexual trinta anos depois, 2011.

⁴¹⁶ PL proposto em 2013. Comentário sobre o mesmo no artigo “*Inclusão*” de travestis e transexuais... (2013c), que se encontra nos anexos da tese.

⁴¹⁷ Andrade, mulher transexual, é provavelmente a ativista trans* brasileira mais célebre no ciberespaço, tendo como sua principal rede de atuação ativista o seu perfil pessoal do FB.

⁴¹⁸ Lanz, fundadora do Movimento Transgente, é conhecida não apenas por algumas ideias desestabilizadoras no campo das transgeneridades como por estas ideias terem se tornado um dos centros – se não o maior – de disputas e debates acerca da legitimidade de termos como transgênero, trans*, travesti, transexual. De Jesus, Bagagli, Vergueiro e Kaas são as mais conhecidas líderes do Transfeminismo brasileiro. Tchaka é a mais famosa drag queen brasileira, ao menos em 2014, participando de diversos programas televisivos.

⁴¹⁹ Laerte assumiu-se a partir dos anos 2000 de diversas formas dentro das transgeneridades. A cartunista definiu-se cross dresser, travesti, transgêner@, e atualmente, mulher transsexual, ainda que com uma postura bastante aproximada da não-binariedade. João W. Nery é considerado o primeiro transhomem do Brasil e certamente o mais

disseminem *crenças de gênero* estimulando a *adesão de adept@s* e às vezes criando dissabores em pessoas cis e trans* que discordam de suas ideias às vezes tidas como *heréticas* por serem consideradas midiáticas demais (no caso da primeira) ou transgêneras/não-binárias demais⁴²⁰ (no caso da segunda).

Em relação às seitas trans* binárias a crítica ao mundo exterior e outras práticas religiosas se dirige à Igreja Cis e aos movimentos não-binários. Para *aderir* a tais grupos é necessária a desfiliação de gênero e a adequação aos padrões esperados da *assunção* a uma ou outra vertente. Assim, para fazer parte de coletivos organizados como o FPTT,⁴²¹ performatize adequadamente a sua travestilidade ou transexualidade feminina ou masculina – este é um grupo para travestis, mulheres transexuais e mais ultimamente para homens trans. Pessoas transgêneras, especialmente não-binárias, ao menos em 2014, não são bem-vindas a não ser que mostrem sinais de *boa-vontade* e potencial de *conversão*.

A disciplina rígida do comportamento sectário é demonstrada na *assunção* completa da nova identidade: quanto menos vestígios do *velho homem* ou da *velha mulher*, melhor. A questão da retificação do nome e/ou do uso do nome social,⁴²² da adequação do vestuário “binário” e do corte do cabelo (preferencialmente “binário”⁴²³ também) são fundantes no *novo eu*. *Navegar é preciso*, desde que para um *porto binário seguro*. Em uma narrativa,

gosto de heavy metal. Gostaria de ter cabelo compridão como o do James Hetfield ou do Axl Rose. Mas se eu fizer isso e não tiver barba, fico com cara de menina. Nem eu sei bem se eu que acho que fico com cara de menina ou se o pessoal que sempre me falava isso. Sim, os outros homens trans. Sim, foi por isso que eu cortei o cabelo reco. Com cara de soldadinho não fico com cara de menina mais. Falam que pareço o Dolph Lundgreen agora. Mas preferia parecer o James, o Axl...⁴²⁴

famoso, sendo referência para as gerações que o sucederam, ainda que muitos homens trans não apreciem algumas das colocações de Nery, que reivindica a quebra de estereótipos do que *é ou não é* ser homem, ser transhomem, etc.

⁴²⁰ Daniela e João não são pessoas trans* não-binárias, mas costumam reivindicar que a não-binariedade é uma possibilidade legítima dentro das transgeneridades, o que @s coloca em rota de colisão com pessoas trans* binárias que procuram deslegitimar identidades n-b. Laerte, atualmente declarada mulher trans, defende as identidades n-b. Leticia, auto-declarada transgente, é sumamente n-b. Todas as 4 pessoas são criticadas por algumas/ns ativistas trans* por serem muito inseridas na mídia, inclusive no FB.

⁴²¹ Fórum Paulista de Travestis e Transexuais.

⁴²² Comento sobre o assunto no artigo supramencionado (2013).

⁴²³ Coloco entre aspas pois muitos elementos do vestuário masculino podem ser considerados unisex.

⁴²⁴ APOLO J., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

Assim, convém que tais pessoas sejam devidamente *soldadas* nos quartéis/*mosteiros* binários e demonstrem bons serviços prestados. Cabelo curto, no caso de homens trans, parece fundamental na *salvação* individual de gênero, como vemos.⁴²⁵

Algo semelhante se passa no front d@s desconversor@s de gênero supremos, @s ministr@s da “reversão” de travestis e transexuais “abjetos” em “homens de Deus”:

homem usa cabelo curto. Tá certo que falam que Jesus usava cabelo comprido, mas esta é só uma representação, a gente sabe. Estes caras acham que são mulheres. Doideira né? Então tem que ter todo um ensinamento que eles não tiveram em casa, em suas famílias. Ou até tiveram, pois muitos tem berço cristão, mas foram prá rua e caíram nas drogas LGBT e ficaram assim. Por isso passar a maquininha é a base de tudo.⁴²⁶

Cabelos curtos, no caso de tais seitas de gênero/religiosas, é igualmente a *base de operações* da masculinidade, atuando na salvação de gênero e religiosa. Para tais seitas a ruptura radical implica na adaptação estética. E *ai de quem* permanecer em uma forma de performatividade / expressão religiosa/generificada *não-passável*. Ainda metaforicamente, se é *prá falar em línguas* fale na língua correta, ou seja, as performatizações generificado/religiosas devem ser feitas a contento.

No caso das missões de recuperação de travestis, que chamamos metaforicamente na tese de *ministérios de conversão de travestis*, o nome deve ser *convertido* também: o que vale é o nome de batismo, que deve passar pela *destransição* retornando ao *estado original criado por Deus*, num *combo gospel* que envolve nome, corpo e quaisquer outros referentes identitários. Aí é salvação garantida, como veremos nas narrativas de pessoas que se declaram ex-travestis, nos capítulos seguintes.

No primeiro caso, dos ativismos TT que se declaram oficiais e legítimos, o discurso de gênero – *metaforicamente religioso* – colabora no (re)desenho de corpos e identidades.⁴²⁷ No segundo, os ministérios de *conversão* de travestis com seu discurso religioso+generificado (re)define identidades e corpos – e almas, como veremos mais adiante.

Entretanto, há diferenças entre ambos movimentos. No primeiro, a *catequese* é desejada/desenhada especialmente pelas próprias pessoas trans* binárias: a adequação binária de corpo, nome e outros referentes é anseio das próprias pessoas, o que prescinde de todo o apoio

⁴²⁵ Obviamente muitos homens trans escapam à “norma” e mantêm cabelos compridos e outros sinais que poderiam ser confundidos com uma não-passabilidade masculina – falo aqui em termos genéricos e ilustrativos.

⁴²⁶ MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE TRAVESTIS 2, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁴²⁷ Tais posicionamentos “definidores” de identidades costumam ser reforçados por movimentos organizados – ao menos até 2014. Um referente importante é o nome: convém à pessoa trans* binária que tenha um nome binário.

das instâncias governamentais, administrativas, burocráticas, médicas, etc – assim como seria no caso de qualquer demanda binária de pessoas cis.

No segundo caso, de pessoas trans* que passam pelo proselitismo religioso+generificado de missões conversoras de gênero+religião, algo deve ser problematizado e se refere às justificativas relacionadas à conversão e que indicam patologização+pecadologização+demonização – algo que de minha parte merece repúdio.⁴²⁸

Mas há algo em comum nesta ópera *gospel-generificada*: grande parte das pessoas trans*, assim como as pessoas cis, acomodam sua *religião de gênero* às exigências da sociedade secular binária, ou se está no feminino ou no masculino. Assim, @ Deus@ Binári@ paira sobre a maioria das pessoas as (des)integrando – e claro, o direito ao culto destas pessoas deve ser plenamente garantido. Por mais que haja uma integração de pessoas trans* binárias e cis no quesito binariedade, certamente há uma hierarquização de direitos patente: pessoas trans* estão longe de terem direitos análogos aos das pessoas cis, daí a importância social do ativismo travesti e transexual feminino e masculino.

É importante realçar que o termo *seita* – aqui utilizado metaforicamente – não é visto de forma pejorativa. Além disto, seita costuma se relacionar a uma postura (*sectária*) de *separação* do mundo. Entretanto, se por um lado as seitas ou cultos trans* binários – pensados aqui na forma dos ativismos TTs – têm demonstrado sectarismos em alguns momentos, tanto em relação à Grande Igreja Cis quanto aos movimentos transgêneros e/ou aos movimentos não-binários, por outro lado, nada mais longe do que pensar tais seitas como *apartadas do mundo*: ao contrário, estas se inserem no mesmo, inclusive através do Grande Irmão atual, o FB: páginas e grupos desta rede social, bem como blogs e sites – *templos e altares virtuais* – são largamente acessad@s, curtid@s e compartilhad@s.

Tais seitas não rejeitam o mundo, mas procuram conquistá-lo através de estratégias off e online. Escrevi anteriormente acerca de um *marketing de guerra santa*⁴²⁹ empreendido pelas agências religiosas em busca de nichos consumidores – crentes divers@s. Poderíamos aplicar tal ideia a um *marketing de gênero santo*? Neste, é definido quais os *dogmas abençoados* (a cisgeneridade? A travestilidade? A transgeneridade binária? A n-b? A vivência drag?), @s *fiéis ungid@s*, obedientes a tais dogmas, @s líderes com suas revelações supremas, os templos (associações e locais de reuniões, por exemplo), @s fiéis-consumidor@s em potencial (ou

⁴²⁸ Não vejo nada de errado na pessoa transicionar, *destransicionar*, *retransicionar* caso seja de sua vontade. O que deve ser problematizado e é passível de críticas, e merece o repúdio acima referido, são os *discursos patologizantes, pecadologizantes e demonizantes* de determinad@s igrejas, ministérios de conversão, coletivos de psicólog@s/psiquiatras crist@os, etc, que estimulam tais movimentos (re/des)transicionadores de gênero.

⁴²⁹ *A grande onda vai te pegar* (2013a), *Marketing de Guerra Santa* (2012h), dentre outros.

público-alvo), que seria preferencialmente o maior número possível de adept@s. Num mercado concorrencialmente agitado, o mais importante parece ser não permanecer agnóstic@ ou ateu/atéia de gênero. Afinal, se há um marketing de gênero santo, deve haver também o do gênero abjeto ou maldito – aquele praticado pel@s “desgenerad@s”.

Estaríamos tod@s em um supermercado de bens simbólicos generificados e religiosos, prontos a serem adquiridos e constituírem nossas bricolagens e sincretismos pessoais? Tal religiosidade/generidade *à la carte* é condição *sine qua non*? Non! É importante realçar que muitas pessoas não narram trânsitos e ciborguismos:

sempre fui mulher. Nasci com pênis mas sempre fui mulher. E sempre fui católica. Nunca abri mão disto. Sempre fui mulher e sempre fui católica. Este negócio de trânsito não é comigo, Edu. Céu e Terra passarão mas gênero e religião não passarão.⁴³⁰

Tal frase sinaliza a importância de ambos marcadores identitários para esta pessoa, e quem sabe, numa *sacralização do gênero*, assim como da religião. Além disto, ela mostra uma identidade fixa de gênero e de religião: não relata *sincretismos* de gênero e religiosos.

Em outras vezes a pessoa possui uma identidade mais fixa em relação à religiosidade e mais fluida acerca da transgeneridade. Como disse Hermafrodit@ G: “meu gênero é queer, mas minha religião é bem definida. Sou católica apostólica romana e pronto”.⁴³¹

Uma coisa que eu intuía/percebia quando falava de marketing de guerra santa é que para novos públicos, novas agências religiosas poderiam ser criadas. E em relação às transgeneridades, não ocorreria algo semelhante? Para atender às demandas de pessoas não-binárias, novos templos não seriam erigidos? É o caso da ABNB (*Associação Brasileira de Trans* Não-Binárias*), criada por mim em outubro de 2011. Aí está um possível exemplo de marketing de “gênero santo”. Ou de anti-gênero pouco santo. Ideias *ocultistas* como as trans* para certas pessoas cis e as n-b para certas pessoas cis e trans* disseminam-se livremente pela web.

⁴³⁰ ATENA Z., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁴³¹ HERMAFRODIT@ G, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

Imagem: ABNB no FB

Mas o termo *seita*, aplicado a movimentos trans* binários, pode tomar outra acepção, a de que *seita* é sempre a crença religiosa *d@ outr@*: “a nossa é a oficial e verdadeira, a *d@ próxim@* é aquela coisa... a *seita*”. Numa sociedade cis-heteronormativa as transgeneridades/transexualidades/travestilidades são a *seita da vez*.

Outro modelo religioso pode nos auxiliar a compreender o contexto das identidades trans* no Brasil atual, as *redes místicas*. Hervieu-Léger lembra que além dos tipos Igreja e *seita*,

Troesch acrescenta ainda um terceiro, não tão claramente identificável por se desenvolver geralmente no interior mesmo das igrejas e evoluir muitas vezes no sentido da *seita*, ao estabilizar-se. Trata-se do tipo chamado “místico” (*spiritualismus*).

Ela explica que

o tempo da Reforma, tempo por excelência do individualismo religioso, deu um forte impulso a esse tipo de agrupamento em rede, reunindo indivíduos – essencialmente intelectuais – que partilhavam a ideia de que o Reino está dentro de cada pessoa (...) Fundada sobre a ideia da presença em cada pessoa (cristã ou não) do princípio divino, esta concepção imediata, sensível e antidogmática da experiência cristã rejeita as formulações doutrinárias fixas, as práticas rituais estereotipadas e, mais amplamente, todas as formas de organização comunitária, sejam igrejas, sejam *seitas*. Ela privilegia a interação individual e o acompanhamento espiritual dentro dos círculos íntimos de edificação mútua. Na perspectiva troeltschiana, o tipo místico cristaliza o princípio da religiosidade individual característico da Modernidade.⁴³²

⁴³² HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 168.

Relacionam-se à Igreja Cis e às seitas trans* binárias as redes místicas trans* não-binárias, nascidas do interior da cisgeneridade e desenvolvida analogamente à seita, em contraposição à Igreja.⁴³³ Tais adept@s costumam se reunir em rede *na* rede – especialmente em *grupos* – ou comunidades – do FB. Há uma certa concepção de pessoas trans* binárias de que @s pertencentes às redes místicas são essencialmente intelectuais e bem de vida, graças à aparição de figuras relacionadas à tais grupos, como Laerte e Leticia Lanz. Nada mais enganoso. Com a globalização e o amplo acesso à internet, há pessoas que se entendem/declaram não-binárias e pertencem aos mais variados extratos sócio-econômico-culturais, como pude constatar em eventos que congregaram pessoas n-b “fora da rede” em 2014. Mas est@s fiéis talvez possam ser considerad@s antidogmáticos e combatentes em relação @o Deus@ Binári@, já que sua “organização” ocorre, até o momento, sobretudo na web, o que pode sinalizar para eventual rejeição às formas de organização comunitária institucionalizadas. – por outro lado, a web e o próprio FB não são organizações? Não são institucionalizad@s? Neste caso, tais pessoas se institucionalizariam em rede pela rede? Estas pessoas têm pensado, entretanto, em formas de organização institucional para debaterem e declararem suas demandas e terem suas identidades legitimadas. Assim, tal religiosidade⁴³⁴, que até então apontava para a individualidade, visto pregar uma espectrometria amplíssima acerca das possibilidades identitárias, tem sido curtida e compartilhada, e pensada de modo organizacional e institucionalizado.

Em sentido similar, rede mística, seita e Igreja⁴³⁵ comportam, segundo Hervieu-Léger, um dado regime dominante de legitimação da crença:

a Igreja põe em marcha um regime de validação institucional do crer; a seita possui apenas a validação comunitária, em referência direta com a Escritura; a rede mística, enfim, orienta-se para a validação mútua do crer.⁴³⁶

⁴³³ Podemos relacionar Igreja Cis com *Lugar*, seitas trans* binárias ao *Novo Lugar/Novíssimo Lugar* e redes místicas trans* não-binárias ao *Pós-Lugar*, aproveitando as ideias do tópico anterior.

⁴³⁴ Lembro @ leitor@ de que *religiosidade*, assim como os demais termos aqui apresentados, devem ser vistos de modo metafórico – a não ser quando sinalizada a não-aplicação de metáfora (por exemplo, ao falar de Jacques Chancel, que aponta para os dois movimentos, da religião como metáfora e também não metaforizada), e no mesmo caso, dos ministérios de recuperação de travestis, que atuam na conversão tanto religiosa como de gênero.

⁴³⁵ A autora comenta que as noções de seita e de igreja “foram forjadas como tipos-ideais de agrupamentos cristãos combinando duas séries de traços distintos: de um lado, características relacionadas à organização dos grupos (dimensões, condições de pertença, estrutura do poder, grau de permeabilidade ao ambiente social, político e cultural, etc); de outro lado, elementos que envolvem o conteúdo mesmo da crença (concepções do papel da Igreja na economia da salvação, teologia dos sacramentos, relação com o mundo, etc). Quando se utiliza de maneira generalizada o termo “seita” para designar quaisquer grupos religioso que reúnem um pequeno número de adeptos cujas crenças e cujo modo e vida separam do resto da sociedade, esquece-se que as definições estabelecidas por Weber e Troeltsch têm seu princípio nessas divergências teológicas irreduzíveis”, e ainda acerca desta tipologia, que “independentemente dos conteúdos religiosos ou espirituais validados, ela pode ser aplicada ao judaísmo ou ao islã, servir para definir as diferentes correntes que se referem ao budismo no Ocidente ou para diferenciar as diversas lógicas das ‘novas religiões’” (idem, 2008, p. 169). Lembro que tais conceitos, tais como outros, são subvertidos/*convertidos* na tese para (re)pensarmos situações de (trans/cis)generidade.

Na Igreja Cis, o crer está *institucionalizado* desde o nascer, na seita trans* binária, a *validação comunitária* se dá através do movimento organizado e seus manuais de conduta bem definidos/definidores de identidades, e nas redes místicas não-binárias, a *validação* tem *transicionado* – o que é perceptível por conta dos movimentos n-b serem recentes no país, especialmente os relacionados ao FB – do regime individual das pessoas n-b de auto-validação à validação mútua em pequenos grupos (inclusive do FB), com vistas a se institucionalizarem: *tornarem-se seitas*.⁴³⁷

Até aqui, vimos que as questões de (ex)transgeneridades podem ser (re)vistas através dos conceitos de Igreja, seita e rede mística. Mas é bom lembrar que o termo seita também se associa ao de NMR: “o conceito de novos movimentos religiosos está diretamente relacionado ao de seita ou culto”,⁴³⁸ que “representam uma ruptura, uma separação diante das crenças, práticas e instituições religiosas” e em geral “rechaçam a autoridade dos líderes ortodoxos, colocando sob suspeita a representatividade destes diante dos serviços religiosos, bem como a da própria instituição”.⁴³⁹

Neste sentido, se seita t* binária pode ser considerada NMR, a *rede mística* t* igualmente, já que pensa cisões em relação à ortodoxia cis e à uma ortodoxia sectária t* binária. Se @s *pastor@s* da transgeneridade relativizam as *verdades absolutas* dos gêneros binários compulsoriamente estabelecidos pel@ pediatra, @s *xamãs* da n-b *revelam* ao mundo suposta *verdade última e salvífica*, chacoalhando a binariedade da maioria das pessoas trans* e cis. Zarpemos agora para possíveis confluências nos mares das NMR e transgeneridades.

⁴³⁶ Ibidem, 2008, p. 168.

⁴³⁷ Explicando melhor, em termos das transgeneridades aqui estudadas, a auto-identificação de pessoas trans* não-binárias quando acompanhada de concepção original a respeito de si pode ser considerada uma *auto-validação*, até o momento em que estas procuram o suporte de outro indivíduo para intercambiarem vivências, o que transforma-se em relação de *validação mútua* do crer; já a *validação comunitária* seria distintiva d@s adept@s das seitas trans* binárias e o *regime institucional de validação*, típico da Igreja Cis.

⁴³⁸ Guerriero fala que “o termo seita foi muito utilizado pela Igreja católica quando se referia à proliferação de grupos religiosos que se separaram do protestantismo entre o final do século XVIII e a metade do século XIX. Havia o intuito de mostrar uma diferença com relação às Igrejas, fosse católica, ortodoxa ou protestante. Lembramos que o sentido original do termo “Igreja” vem de *ekklesia*, ou seja, assembleia daqueles que pertencem ao Senhor. Essa divisão, que de alguma maneira acabou influenciando os estudiosos, é carregada de conotação pejorativa, pois parte do pressuposto de que Igreja é uma agremiação correta, enquanto *seita* é menos verdadeira ou, no mínimo, algo menor. Apesar de sociologicamente correto, o termo seita tem sido menos utilizado na literatura especializada nos estudos das novas religiões por essa conotação negativa” (ibidem, 2006, p. 30). Contudo, aqui na tese, reforço que o uso do vocábulo seita é *destituído de tom pejorativo*.

⁴³⁹ Ibidem, 2006, p. 28. Recorda: “toda religião, em seu início, foi uma seita. Assim, o próprio cristianismo foi uma seita judaica” (idem, 2006, p. 28).

N_{MR} e NMG

O que seriam os *NMR* (*Novos Movimentos Religiosos*)? Para Guerriero, podemos inserir todos os grupos espirituais que são claramente novos em relação às correntes religiosas tradicionais da cultura abrangente e possuem um grau de organização característico de um grupo religioso formal (...) Isso não quer dizer que não guardem qualquer tipo de relação com as religiões estabelecidas. Em outras palavras, não há necessariamente uma independência diante das visões religiosas dominantes. Podemos incluir, também, os movimentos espiritualistas que de alguma maneira rejeitam as religiões tradicionais.⁴⁴⁰

Se para este autor, “a definição de NMR é muito vaga e serve como um grande guarda-chuva que acolhe a diversidade de fenômenos que se distanciam das grandes religiões mundiais”,⁴⁴¹ a definição de NMG também pode ser usada como um amplo *umbrella terms* para um amplo espectro de variabilidades de gêneros trans* que se afastam da Igreja Cis. Em boa parte, tais movimentos guardam semelhança com a igreja geradora, como a devoção @o Deus@ Binári@. Encaixam-se aqui o que denominamos anteriormente seitas trans* binárias e redes místicas n-b.⁴⁴²

NMR, metaforicamente, pode apontar para *NMG* ou *novos movimentos de gênero*, no sentido literal. Ao mesmo tempo, outra definição de Guerriero, mais ampliada, pode estimular a ideia de movimentos de gênero como NMR, não metaforicamente:

em uma definição ampla cabem, também, organizações e movimentos que oferecem técnicas de desenvolvimento de potencial humano que possuem algum tipo de dimensão espiritual, como as terapias alternativas, a meditação transcendental e a biodança.⁴⁴³

O autor fala que

as práticas de meditação e energização praticadas em clínicas de potencialização corporal, que bem poderiam ser vistas como da área da psicologia, podem aqui ser colocadas como NMR, pois carregam por trás de si crenças disseminadas no circuito Nova Era, como

⁴⁴⁰ Ibidem, 2006, p. 39.

⁴⁴¹ Ibidem, 2006, p. 40.

⁴⁴² Ainda que estas, até o momento, talvez não tenham uma organização formal, talvez com exceção da recém-criada *ABNB* (Associação Brasileira de Trans* Não-Binárias), e da *ABRAT* (Associação Brasileira de Transgêner@s), criada em 2012, que acolhe pessoas trans* de modo geral.

⁴⁴³ Ibidem, 2006, p. 39.

aquelas que tratam da centelha espiritual que cada pessoa traz em seu interior e que, por meio de uma postura específica, pode ser despertada ou potencializada.⁴⁴⁴

Será que a própria ideia de *identidade*, e mais especificamente aqui, as de *identidades de gênero e religiosa*, tão profundas e (re/des)enraizadas *n'alma*, não podem ser consideradas parte desta fagulha/faísca/centelha a que chamamos *espírito*? Será que a *assunção* de gênero não desperta *revelações* profundas e se *linke* à *salvação*? Talvez haja algo de novo no front ao (re)pensarmos as conexões entre gênero e religião. Podemos, além de NMR e NMG, refletirmos sobre possíveis *NIR* (*Novas Identidades Religiosas*) ou em *NIG* (*Novas Identidades de Gênero*)? Ou em imbricações, como NMR+NMG, NIR+NIG?

Ainda que possamos, é bom lembrar que tais siglas (NIG, NIR, NMR e NMG) devem ficar em suspensão/suspeição, como o próprio vocábulo “novo”.⁴⁴⁵ Afinal, *novo* em relação a que? O que seria um “gênero novo”, uma “religião nova”, uma “nova identidade” ou uma “nova religiosidade ou espiritualidade”?

De modo geral, NIG ou NMG são “novos” em relação às identidades de gênero hegemônicas/cis-heteronormativas, e NIR ou NMR “novos” em relação às religiões propriamente ditas ou já estabelecidas no cotidiano e imaginário popular, desde as religiões monoteístas “do livro”, como o cristianismo, islamismo e judaísmo como as de matriz afro-brasileira, as orientais, etc – enfim, as religiões/religiosidades mais conhecidas e praticadas na sociedade brasileira contemporânea.

Entre os NMG e os NMR, quanto maior a ruptura ou inovação referente às religiões/religiosidades e gêneros/generidades dominantes/já estabelecidos, maior a *novidade* do movimento.

Se o “caráter de novo seria dado não tanto pelo tempo, mas mais pela diferença teológica com as grandes religiões”,⁴⁴⁶ em relação às NMG, ou aos NMR aplicados metaforicamente aos “grandes gêneros”, aqueles compulsoriamente assignados na gestação ou nascimento, a *teologia* da transgeneridade é mais “nova” em relação à da cisgeneridade e a *doutrina* da não-binariedade é a mais “nova” e “revolucionária” que a da binariedade cis ou trans*.

Entre os NMR destaca-se a *Nova Era*, que para Guerriero,

não se trata de um único movimento, mas de um espírito de uma época. O rótulo Nova Era tem sido aplicado de maneira indiscriminada. Há, na verdade, uma infinidade de grupos e

⁴⁴⁴ Ibidem, 2006, p. 43.

⁴⁴⁵ Para Guerriero, comentando sobre os NMR, “o critério de para definição de novo seria (...) o de ruptura com os moldes tradicionais de vivenciar a religião em cada sociedade” (ibidem, 2006, p. 97).

⁴⁴⁶ Ibidem, 2006, p.21.

indivíduos que compartilham um número bastante grande de crenças e orientações com algumas semelhanças, mas também diferentes entre si. Já chamada de religião da pós-modernidade, a Nova Era é também difícil de ser classificada como religião. Envolve desde grandes grupos religiosos até práticas terapêuticas de aparência científica ou oráculos e adivinhações.⁴⁴⁷

Guerriero questiona: “será ela apenas um movimento único e simples, ou compõe-se de inúmeras religiões diversificadas?”⁴⁴⁸

Ao pensarmos as mais novas experiências e auto-declarações trans* – como as relativas às identidades não-binárias – podemos suspeitar estarmos numa NEG (Nova Era de Gênero) que aponta para gêneros da pós-modernidade? É imaginável uma Nova Era de Transgeneridade Não-Binária (NENB), talvez chamada de Nova Era Queer (NEQ)?⁴⁴⁹ Claro que, em relação a possíveis NEG/NENB/NEQ, tratam-se de inúmeros movimentos – mais do que conseguiríamos *computar*.⁴⁵⁰ Algo a se realçar é que provavelmente nenhum NMR ou NMG, assim como os gêneros e religiões “convencionais” dão conta da multiplicidade de subjetividades humanas. Se houver 5 bilhões de habitantes na Terra, há pelo menos 5 bilhões de possibilidades de identidades religiosas ou de gênero.

As possíveis imbricações pessoais, coletivas ou institucionais NMR+NMG podem ainda se referir às bricolagens/ciborguismos operados e que fogem das padronizações das grandes religiões e dos grandes gêneros, por vezes surgindo do interior dest@s, e ofertando a fiéis distintas travessias para sua *salvação* – não segui-las e permanecer em religiões e gêneros

⁴⁴⁷ Ibidem, 2006, p.125. Como comenta Celso Luiz Terzetti Filho, “muito se tem falado da religiosidade moderna como sinônimo de individualismo. A noção de um fim da religião seguiu de perto as discussões acerca da secularização. A ideia de uma religiosidade em toda parte e a espiritualidade Nova Era parecia estar em maior consonância com a noção de um individualismo moderno que minaria a vida religiosa comunitária (TERZETTI FILHO, *O Coven: múltiplas pertencas, legitimação de um discurso histórico e as tipologias clássicas em relação à moderna bruxaria*, 2013, p. 143)”. Mas o próprio Terzetti Filho recorda que Hervieu-Léger dá substratos que relativize tal informação. Para esta, “a pulverização de identidades religiosas individuais não implica, necessariamente, o enfraquecimento ou mesmo o desaparecimento completo de toda forma de vida religiosa comunitária. Muito ao contrário, como o aparato das grandes instituições religiosas se mostram cada vez menos capazes de regular a vida de fiéis que reivindicam sua autonomia de sujeitos que creem, assiste-se à uma efervescência de grupos, redes e comunidades dentro das quais indivíduos trocam e validam mutuamente suas experiências espirituais. As formas desse desdobramento associativo, que se manifesta tanto no interior quanto no exterior das grandes confissões religiosas, são extremamente variadas. Da rede móvel que não requer de seus membros nenhuma pertença formal e garante, simplesmente, laços mínimos entre eles através de um manual ou de um boletim, até a comunidade intensiva que regula a vida cotidiana dos adeptos até em seus mínimos detalhes: todas as formas de organização existem, de maneira mais ou menos estável e permanente. A gestão dessas formas inéditas e renovadas de congregações espirituais coloca problemas temerários às instituições religiosas, ao emergirem de dentro delas (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 28)”.

⁴⁴⁸ Ibidem, 2006, p.36.

⁴⁴⁹ E pensando nesta ordenação de termos, haveria uma hierarquia religiosa operada por mim mesmo?

⁴⁵⁰ Alguns (muito) poucos são descritos no MD 2.0 ao final da tese.

tradicionais podem levar à danação. Por exemplo, para muitas pessoas trans* binárias permanecer no sistema sexo-gênero de atribuição é se sentir em *inferno* pessoal toda a vida.

E há fissuras nas próprias oposições ou rupturas. Uma pessoa trans* pode, após transitar para um determinado gênero de identificação, não encontrar neste uma *revelação suprema* e resolver *destransicionar*, retornar ao gênero anterior. Ou *se converter / aderir* a uma nova corrente que traz uma nova *via salvífica*, como a não-binariedade – assim como a pessoa católica pode transitar ao kardecismo e depois tornar-se agnóstica, por exemplo.

Gêneros binários constituídos socialmente, assim como as religiões em geral, fazem parte da tradição social – e tanto NMR como NMG podem trazer certa *disforia* social ao abalarem certas estruturas convencionais. Nem por isto é correto dizer que há gêneros ou religiões falsas ou verdadeiras, cada pessoa deve determinar qual gênero ou religião seguir.

Para Guerriero, há duas tendências entre os NMR – uma pende ao *fundamentalismo*, outra ao *relativismo*:

esses movimentos tendem ao fundamentalismo, na medida em que baseiam suas doutrinas e suas práticas em uma verdade fundamental que foi revelada e que é garantida pelo grupo por meio de seus líderes. De outro, um profundo relativismo, no qual todas as combinações parecem possíveis. Aparece, aqui, uma plêiade de vivências distintas, algumas mais próximas de grupos religiosos, outras dificilmente percebidas como uma religião.⁴⁵¹

É possível pensarmos, em primeira mão, em alguns grupos binários como fundamentalistas de gênero,⁴⁵² à medida que têm procurado definir as identidades alheias, e em outros que tentam relativizar posições de gênero, talvez mais associados à não-binariedade e teoria queer. Contudo, o profundo relativismo não pode ser ou se tornar fundamentalista? Quando se prega que todo mundo seja *queer*, *transgente* ou *n-b*, cai-se no *fundamentalismo*, ainda que aparentemente às avessas – ou como Guerriero sinalizou,

de um lado, há aqueles que se apegam a uma verdade fundamental, não aceitando qualquer outra possibilidade de verdade que não seja a do seu próprio grupo. De outro, há um conjunto de grupos distintos e de vivências isoladas que pregam um relativismo que, em seus extremos, beira as raías de um paradoxal relativismo absoluto.⁴⁵³

⁴⁵¹ GUERRIERO, 2006, p. 92.

⁴⁵² O termo *fundamentalismo de gênero* foi explicado anteriormente no início do 2º Movimento: *Convertendo religião em gênero*.

⁴⁵³ Idem, 2006, p. 93. Entre fundamentalismo e relativismo, ““não devemos confundir um relativismo que reconhece as diferenças e serve para diminuir as intolerâncias ou etnocentrismos, que prega que devemos compreender o outro a partir não dos nossos valores mas da perspectiva desse outro, com um relativismo de ausência de normas e valores, em que tudo seria permitido” (ibidem, 2006, p. 21). Ainda que cada pessoa possa

Guerras santas religiosas e de gênero são fomentadas por conta das “igrejas” – generificadas ou religiosas – entenderem que *seitas* ou *redes místicas* (literais e metafóricas), *NMR* ou *NMG*, podem bagunçar as estruturas de suas edificações. Mas entre @s propri@s *NMR* ou *NMG* existem mecanismos particulares de opressão em relação a quem é entendido como *herege* – quer seja *religios@* como de gênero. Como mencionado, algumas pessoas de seitas trans* binárias evidenciam que pessoas de redes místicas não-binárias não são suficientemente *convertidas*. Mas no que consiste *ser convertid@ de gênero*? Provavelmente os conceitos de Hervieu-Léger de praticante, peregrin@ e convertid@ nos ajudem a solucionar este mistério.

estabelecer uma lista de normas e valores, a minha se fundamenta no respeito à auto-marcação e auto-declaração identitária e na equidade de direitos entre as pessoas independentemente de suas marcações/declarações identitárias – e tal lista procura nortear esta tese.

*P*raticantes, peregrin@s e convertid@s

Ao falar sobre a figura d@ praticante, Hervieu-Léger cita o *Canto da Ação Católica da década de 1930* que diz “faremos com que nossos irmãos sejam novamente praticantes”.⁴⁵⁴ Podemos atualizar o canto para “faremos com que noss@s irm@os sejam novamente cis”, relacionando às (trans/cis)generidades e às três figuras do movimento religioso propostas por Hervieu-Léger e aqui pensadas como do movimento generificado, @ praticante, @ convertid@ e @ peregrin@.

Vamos pensar primeiramente na figura d@ praticante no âmbito religioso. A autora contempla que a figura por excelência d@ religiosos@, sobretudo no contexto cristão,

continua a ser a figura estável e claramente identificável do “praticante”, e é em referência a ele que se elabora mais frequentemente a descrição da paisagem religiosa. É em relação a esse modelo de fiel que se continua a perceber praticantes episódicos ou ocasionais, praticantes “festivos” e “não-praticantes”, etc.⁴⁵⁵

E mais:

o “praticante regular” – o fiel observante que conforma o ritmo de sua vida às obrigações culturais fixadas pela Igreja – permanece sendo a figura típica do mundo religioso que se inseriu na civilização paroquial: um mundo estável, em que a vida religiosa organizada em torno do toque do sino regulava os espaços e os tempos, em que o padre, inteiramente consagrado à gestão das coisas sagradas, exercia sozinho sua autoridade sobre fiéis cuja submissão à instituição era medida de seu envolvimento espiritual.⁴⁵⁶

Comenta também que a figura emblemática d@ “praticante regular” só se autodefiniu dentro duma dupla tensão (ver *Gráficos de definição d@ praticante religiosos@*, após *Tabela de características d@ praticante religiosos@*):

tensão intraconfessional, por um lado, com a figura do praticante irregular (ou sazonal) ou do “não-praticante”; tensão extraconfessional, por outro lado, com as figuras do “sem religião” ou do praticante de uma outra confissão. O modelo do praticante revela, assim, claramente, a realidade de um mundo diferenciado onde a capacidade de influência da Igreja sobre a sociedade, bem como sobre seus próprios membros, já é questionada. Neste sentido,

⁴⁵⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 83.

⁴⁵⁵ Idem, 2008, p. 81.

⁴⁵⁶ Ibidem, 2008, p. 81. Comenta ainda que a figura d@ praticante regular “corresponde a um período típico do catolicismo, marcado pela extrema centralidade do poder clerical e pela forte territorialidade das pertencas comunitárias. Ela também remete àquilo que foi, durante muito tempo, o horizonte sonhado de uma estratégia pastoral que visava à realização de um “mundo praticante”, perfeitamente integrado sob o cajado da Igreja” (ibidem, 2008, pp. 81-82).

o “praticante regular” não é apenas a figura emblemática de um mundo essencialmente rural em que a evidência social da religião estava concretamente inscrita nas práticas, nos lugares e no calendário considerados algo de óbvio. É também a referência utópica de um mundo religioso “completo”: um mundo a ser defendido contra a concorrência das outras religiões, mas sobretudo a ser conquistado ou reconquistado ante as ondas de poder da secularização que minam a autoridade social da instituição religiosa.⁴⁵⁷

Vejamos uma tabela que sintetiza as características d@ praticante religiosa.

Características d@ praticante religios@
<ul style="list-style-type: none"> • Figura facilmente identificável e estável • Prática religiosa obrigatória, regida pela instituição, fixa, comunitária e territorializada • Em relação a el@ se elabora a figura religiosa • Em relação a el@ se percebe praticantes episódic@s, ocasionais e não-praticantes • Conforma seu ritmo de vida às obrigações culturais fixadas pela igreja • Manifesta dia-a-dia vínculo entre crença e pertença religiosa

Imagem: Tabela de características d@ praticante religios@

Definição d@ praticante através da tensão inter-confessional Crist@o regular

Definição d@ praticante através da tensão extra-confessional Crist@o (convenção)

Imagem: Gráficos de definição d@ praticante religios@

⁴⁵⁷ Ibidem, 2008, p. 82.

⁴⁵⁸ Este gráfico simboliza a definição d@ praticante através de uma tensão inter-confessional. A flecha de duas pontas faz às vezes da tensão, mostrando que se @ crist@o regular se define através do praticante irregular e/ou do não praticante, estes se definem através d@ crist@o regular.

⁴⁵⁹ Nesta imagem atribui-se a flecha o mesmo significado da imagem anterior: tensão. No entanto, aqui ela marca a tensão extra-confessional em que @ crist@o se define como tal através das figuras d@ praticante de outra religião, bem como d@ sem religião, assim como estes definem-se através do primeiro.

@ praticante de gênero é @ adept@ da *Igreja Cis* e é a partir del@ ou em referência a el@ que se estabelecem figuras divergentes como @s não-praticantes ou fiéis de *seitas trans* binárias* e de *redes místicas trans* não-binárias*. De modo semelhante, a *Igreja Hetero*, parceira da Cis é referente para as *seitas homossexuais* e as *redes místicas bissexuais, polisssexuais, pansexuais e assexuais*. Também semelhantemente, do útero da Igreja Cis nascem a *Igreja Masculina* e a *seita feminina*. Dizem que também nasce a *rede mística intersexual*, mas isto parece ser negado/apagado pela Igreja Mãe. Aliás, Igreja Pai. Tanto seita feminina como rede mística intersexual são, de todo modo, percebidas tendo a Igreja Masculina como referente. Parece haver também uma *Igreja Branca*, que historicamente se constituiu assim a partir da *seita negra* e das *redes místicas vermelhas e amarelas*, além das *redes místicas mistas*. Em todos estes casos, as Igrejas sempre operam como *englobantes*, e as seitas e redes místicas, como *englobadas*. Ainda que seja comum @ oprimid@ exercer a opressão e englobar outr@s englobad@s.

A Igreja Cis comporta praticantes *ocasionais, festiv@s, episódic@s*: pessoas cis que demonstram sua fé em situações efêmeras, como no caso de meninos que no recreio se recusam a brincar de amarelinha pois aprenderam que tal *pecado* não faz parte das performances de quem nasceu designado menino, mas no restante do dia brinca com suas irmãs de boneca em casa; mas est@s não são as figuras d@ praticante por excelência.

A figura d@ adept@ ideal ou praticante regular é aquela que procura manifestar/afirmar continuamente seu fervor e devoção à Igreja Cis amparada n@ Deus@ Binári@. A vida religiosa d@ praticante da civilização paroquial de gênero foi organizada a partir do *toque de sinos*: as palmadinhas d@ pediatra que enunciaram “é menina” ou “é menina”, descrevendo/prescrevendo a *consagração* da pessoinha ao cis-tema ao qual deve se (des)envolver.

A vida d@ praticante regular não se desenvolve sem tensões: além de conviver com @s praticantes *festiv@s* (seriam est@s da comunidade gay, famosa por gostarem de festas?), ainda é circundad@ por *miríades* de não-praticantes, aquel@s que são *fiéis* das seitas t* binárias e das redes místicas n-b. Para tal concorrência deve ser combatida de várias formas, seja pelo apagamento de tais identidades, pelo escárnio proporcionado por programas televisivos que apresentam gente trans* caricaturizada, pela mídia propagandística e pela escola de samba que não tem esta gente como destaque, pela moda que não faz moda para el@s, pela escola e posto de saúde que não respeitam seus nomes sociais, pel@s empregador@s que não as dão oportunidade, pel@s polític@s que em suas propagandas partidárias citam homofobia mas

nunca transfobia,⁴⁶⁰ pela academia que as vitimiza quando não as monumentaliza, pelos ministérios de reversão da homossexualidade, pela violência física e/ou verbal contra pessoas trans* que se prostituem, pela diferenciação de ingresso em locais públicos, pela interdição de acesso a banheiros de acordo com o gênero de identificação, pelas igrejas e religiões que entendem suas identidades como pecados, aberrações, abominações e outras más ações, pel@s profissionais das áreas psi que continuam pregando a desconversão de gênero ou/ e da orientação sexual mesmo com decisão do CFP, etc. Dentre muitas, estas são algumas das maneiras pelas quais a Igreja Cis tenta reconquistar o mundo do assalto de tais povos *bárbaros, secularizados, arreligiosos*.

Características d@ praticante de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Figura facilmente identificável e estável • Prática de gênero obrigatória, regida pela instituição, fixa, comunitária e territorializada • Em relação a el@ se elabora sistema sexo-gênero • Em relação a el@ se percebe praticantes episódicos, ocasionais e não praticantes de gênero • Conforma seu ritmo de vida às obrigações culturais afixadas pelo gênero • Manifesta dia-a-dia vínculo entre crença e pertença de gênero

Imagem: Tabela de características d@ praticante de gênero

Definição d@ praticante através de uma tensão inter-confessional de gênero

Definição d@ praticante através de uma tensão extra-confessional de gênero

⁴⁶⁰ Com raríssimas exceções: a candidata Luciana Genro, do PSOL citou o necessário combate à transfobia em parte de sua candidatura à presidência da República em 2014.

⁴⁶¹ Este gráfico simboliza a definição do homem cisgênera hétero através de uma tensão inter-confessional. A flecha de duas pontas faz às vezes da tensão, mostrando que se o homem cisgênero hétero se define através da mulher cisgênera e do homem cisgênero, estes se definem através da figura do homem hétero.

Imagem: Gráficos de definição d@ praticante de gênero

Comparando:

Características d@ praticante religiosos@	Características d@ praticante de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Figura facilmente identificável e estável • Prática religiosa obrigatória, regida pela instituição, fixa, comunitária e territorializada • Em relação a el@ se elabora figura religiosa • Em relação a el@ se percebe praticantes episódicos, ocasionais e não-praticantes • Conforma seu ritmo de vida às obrigações culturais fixadas pela igreja • Manifesta dia-a-dia vínculo entre crença e pertença religiosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Figura facilmente identificável e estável • Prática de gênero obrigatória, regida pela instituição, fixa, comunitária e territorializada • Em relação a el@ se elabora sistema sexo-gênero • Em relação a el@ se percebe praticantes episódicos, ocasionais e não praticantes gênero • Conforma seu ritmo de vida às obrigações culturais afixadas pelo gênero • Manifesta dia-a-dia vínculo entre crença e pertença de gênero

Imagem: Tabela de comparação de características d@ praticante religiosos@ e de gênero

Através da tabela nota-se claramente que: cristianismo:religião::cisgeneridade:gênero (o cristianismo está para a religião como a cisgeneridade está para o gênero).

Comparação da definição d@ praticante através de uma tensão inter-confessional de gênero e religião

Imagem: Gráfico de comparação d@ praticante através de uma tensão inter-confessional de gênero e religião

⁴⁶² Nesta imagem atribui-se a flecha o mesmo significado da imagem anterior: tensão. No entanto, aqui ela marca a tensão extra-confessional em que pessoa cisgênera se define como tal através das figuras d@ pessoa trans* binária, bem como d@ trans* n-b, assim como estes definem-se através da primeira.

Já através do gráfico de comparação da definição d@ praticante através de uma tensão inter-confessional de gênero e religião fica evidente que @ crist@o regular está para o praticante irregular assim como o cisgênero hétero está para a mulher cisgênera, e ainda: o crist@o regular está para o não praticante assim como o cisgênero hétero está para o cisgênero homossexual. Desta forma, percebemos uma grande semelhança entre a estrutura das instituições religião e gênero. As comparações não cessam:

Comparação da definição d@ praticante através de uma tensão extra-confessional de gênero e religião

Imagem: Gráfico de comparação da definição do praticante através de uma tensão extra-confessional de gênero e religião

Se levarmos em consideração a tensão extra-confessional, temos ainda as seguintes possibilidades: 1) que @ crist@o está para @ praticante de outra religião assim como @ cisgêner@ está para o transgêner@ binári@; 2) crits@o está para @ sem religião da mesma forma que @ cisgêner@ está para @ trans* n-b.

Além d@ praticante, tais povos *bárbaros* podem ser representados por outras figuras d@ religios@, como @ convertid@ e @ peregrin@. Iniciemos com a figura d@ *convertid@*.

*C*onvertid@s

*E*m contraposição à figura d@ praticante, as figuras que melhor cristalizam a mobilidade religiosa para Hervieu-Léger são a d@ peregrin@ e a d@ convertid@.⁴⁶³

se o peregrino pode servir de emblema de uma modernidade religiosa caracterizada pela mobilidade, a figura do convertido é, sem dúvida, aquela que oferece a melhor perspectiva para identificar os processos da formação das identidades religiosas nesse contexto de mobilidade.⁴⁶⁴

Isto se dá num contexto de enfraquecimento do poder regulador das instituições religiosas, e tal desregulação da crença, inseparável da crise de identidades religiosas herdadas, “favorece a circulação dos crentes em busca de uma identidade religiosa que eles achem mais adequada à sua natureza e da qual eles devem, cada vez mais, imbuir-se”. Hervieu-Léger considera que “há mais, na emergência da figura contemporânea do convertido, do que o efeito mecânico da desregulação institucional.” Para ela,

o convertido manifesta e cumpre esse postulado fundamental da modernidade religiosa segundo o qual uma identidade religiosa “autêntica” tem que ser uma identidade escolhida. O ato de conversão cristaliza o reconhecido valor do engajamento pessoal do indivíduo que expressa, dessa forma, por excelência, sua autonomia enquanto sujeito crente. A conversão religiosa, na medida em que inicia, ao mesmo tempo, uma reorganização global da vida do interessado segundo normas novas e sua incorporação em uma comunidade, também constitui uma modalidade notavelmente eficaz de construção de si em um universo onde se impõe a fluidez de identidades plurais e em que nenhum princípio central organiza mais a experiência individual e social.⁴⁶⁵

Além disto, a identidade religiosa “autêntica” a ser escolhida⁴⁶⁶ se relaciona “à entrada nas ‘novas religiões’, ‘seitas’ ou ‘cultos’”.⁴⁶⁷ Vejamos um tabela sintética acerca das características d@ convertid@ religiosos@.

⁴⁶³ Lembro que as figuras da mobilidade religiosa de Hervieu-Léger, a serem convertidas em figuras da mobilidade de gênero, remetem às figuras da (re/des)carpintaria de gênero (Agrado, PréAgrado, etc), que também foram convertidas em figuras religiosas.

⁴⁶⁴ Ibidem, 2008, p. 107.

⁴⁶⁵ Ibidem, 2008, p. 116.

⁴⁶⁶ Ibidem, 2008, p. 116.

⁴⁶⁷ Ibidem, 2008, p. 107.

Características d@ convertid@ religiosos@
<ul style="list-style-type: none"> • Figura que oferece a melhor perspectiva para identificar processos de formação da identidade religiosa no contexto da mobilidade • Manifesta e cumpre postulado fundamental da modernidade religiosa segundo a qual a identidade religiosa “autêntica” tem que ser a escolhida

Imagem: Tabela de características d@ convertid@ religiosos@

A figura d@ convertid@ de gênero é aquel@ que dá chão para percebermos as (re/des)engenharias de gênero na contemporaneidade. Lembrando Agrado, se é *mais autêntica* quanto mais se aproxima da identidade de gênero escolhida, sentida, tomada como sua. Um bom exemplo de *convertid@ de gênero* é a pessoa trans* binária – travestis, mulheres transexuais, homens trans, por exemplo,⁴⁶⁸ ou como já referid@s, fiéis das seitas trans* binárias. Mas há outros exemplos, como veremos mais adiante.

Características d@ convertid@ de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Figura que oferece a melhor perspectiva para identificar processos de formação da identidade de gênero no contexto da mobilidade • Manifesta e cumpre postulado fundamental da modernidade generificada segundo a qual a identidade de gênero “autêntica” tem que ser a escolhida

Imagem: Tabela de características d@ convertid@ de gênero

Segue breve comparação entre os dois modelos:

⁴⁶⁸ Reforço que, eventualmente, uma travesti, uma mulher transsexual ou um homem trans podem definir-se como não-binárias/os. Entretanto, não é o que ocorre no geral.

Características d@ convertid@ religiosos@	Características d@ convertid@ de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Figura que oferece a melhor perspectiva para identificar processos de formação da identidade religiosa no contexto da mobilidade. • Manifesta e cumpre postulado fundamental da modernidade religiosa segundo a qual a identidade religiosa “autêntica” tem que ser a escolhida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Figura que oferece a melhor perspectiva para identificar processos de formação da identidade de gênero no contexto da mobilidade. • Manifesta e cumpre postulado fundamental da modernidade generificada segundo a qual a identidade de gênero “autêntica” tem que ser a escolhida

Imagem: Tabela comparativa de características d@s convertid@ religiosos@ e de gênero

Hervieu-Léger mostra que @ convertid@ religiosos@ pode ser percebido@ através de três categorias. A *primeira* diz respeito ao indivíduo

que “muda de religião”, seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosa herdada e assumida para adotar uma nova; seja porque abandona uma identidade religiosa imposta, mas à qual nunca havia aderido, para adotar uma nova (...) a passagem de uma religião a outra chama a atenção, sobretudo, porque dá lugar, ao mesmo tempo, à opção de uma nova adesão e à expressão desenvolvida de um refuto – ao menos de uma crítica – de uma experiência anterior. Quando eles contam sua trajetória espiritual, os indivíduos em questão citam, muitas vezes, as condições nas quais eles se afastaram de sua religião de origem, considerada “decepcionante”, por ser alheia aos verdadeiros problemas do indivíduo de hoje, incapaz de oferecer resposta a suas angústias reais e de lhe fornecer o apoio eficaz de uma comunidade.⁴⁶⁹

E ainda:

não se deve subestimar o protesto sociorreligioso apresentado pelas conversões, pois eles dizem respeito, como costuma ser o caso, a indivíduos religiosamente socializados, em busca de uma intensidade espiritual e comunitária que as grandes igrejas não oferecem.⁴⁷⁰

A *segunda* modalidade da conversão é a do indivíduo que,

não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, descobre, a partir de um caminho mais ou menos longo, aquela na qual se reconhece e à qual decide, finalmente, integrar-se. Essas conversões dos “sem-religião”, tendem a se multiplicar nas sociedades secularizadas onde a transmissão religiosa familiar é, como vimos, consideravelmente precária. Para uma

⁴⁶⁹ Ibidem, 2008, p. 109.

⁴⁷⁰ Como a autora conta, busca-se “o apoio de uma comunidade que partilhe a mesma necessidade de uma resposta ética pessoal aos problemas e às incertezas de um mundo submetido exclusivamente aos imperativos da tecnologia e da economia.” A pobreza dos laços comunitários é razão para a mudança de religião (ibidem, 2008, pp. 109-110).

grande número desses novos fiéis, a conversão marca o ingresso em um universo religioso em relação ao qual eles eram, até então, completamente estrangeiros.⁴⁷¹

A *terceira* modalidade da figura do convertido é “a do “re-afiliado”, do “convertido de dentro”: aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida *a mínima*, de maneira puramente conformista”.⁴⁷² Ela exemplifica:

as manifestações de um “retorno à tradição” entre os jovens judeus americanos revelam, como no caso dos muitos jovens “re-islamizados” na França, que se trata, geralmente, na verdade, de uma primeira apropriação consciente de uma identidade religiosa vivida até então, no melhor dos casos, no plano ético. Essa apropriação equivale, muitas vezes, ao mesmo tempo, a uma “descoberta” de sua própria tradição.⁴⁷³

E mais:

entre os judeus e os muçulmanos, a experiência da re-afiliação assume inicialmente a forma da descoberta da prática religiosa, cuja exigência concreta (...) pode responder ao desejo de uma vida religiosa integral que se expressa na escolha de retornar à tradição. Mas o novo convertido raramente separa a observância de uma “nova vida”: a prática, que marca sua integração na comunidade, manifesta também a reorganização ética espiritual de sua vida, reorganização na qual se insere a singularidade de seu percurso pessoal.⁴⁷⁴

A autora lembra ainda que muitas vezes

a “demanda de tradição” que implica a identificação com o judaísmo ou o islamismo dos re-afiliados mais jovens tenha consequências sobre o conjunto do grupo familiar. Os interessados têm necessidade, para viver uma vida muçulmana ou judaica, da cooperação dos seus familiares. A da mãe é particularmente indispensável, no que tange à aplicação escrupulosa das prescrições alimentares.

Categorias d@ convertid@ religiosos@	
•	Pessoa que muda de religião por rejeitar identidade religiosa herdada para adotar nova identidade religiosa
	Pessoa que nunca pertenceu a qualquer tradição religiosa e descobre aquela a qual se reconhece e decide integrar-se
	Pessoa “re-afiliada”, convertida de dentro

Imagem: Tabela de categorias d@ convertid@ religiosos@

A *primeira* categoria de *convertid@ de gênero* é a da pessoa inconformada com o sistema sexo-gênero que lhe foi atribuído no nascimento (ou em resultado anterior, de ultrassom), e que

⁴⁷¹ Ibidem, 2008, p. 110.

⁴⁷² Ibidem, 2008, p. 111.

⁴⁷³ Ibidem, 2008, p. 112.

⁴⁷⁴ Ibidem, 2008, p. 112.

adota/performatiza a identidade de sexo-gênero a qual se identifica. Diz-se em linguagem popular que “muda de sexo” ou “muda de gênero”, mas ninguém “muda ou troca de sexo ou gênero” como quem troca ou muda de dentista ou de roupa. Rejeita-se a identidade de gênero herdada, abandona-se a identidade generificada imposta e à qual nunca havia aderido, ou aderiu por certo tempo, e faz determinados processos, de escolha pessoal, para expressar sua identidade para si mesm@ e para o mundo.

O processo de percepção, aceitação e assunção pode se dar em qualquer etapa da vida, inclusive na velhice. Não há na identidade trans* binária, qualquer que seja ela, qualquer relação com causas patológicas, espirituais, psíquicas, traumáticas. A única diferença substancial entre uma pessoa cis e uma trans* está na transfobia sofrida pela segunda. Ao contar seu trajeto pessoal é comum citarem que a experiência cis não dava suporte para sua auto-percepção de sexo-corpo-gênero, e que no processo de assunção, não tiveram apoio da comunidade que integravam, quer seja família, escola, igreja, etc. Tratam-se de indivíduos generificadamente socializados e que almejam uma intensidade comunitária – e espiritual, em muitos casos – que @s adept@s da Igreja Cis não ofereciam.

Podem haver *conversões internas* dentro desta mesma categoria, como a da pessoa travesti que se identifica depois como mulher transexual ou vice-versa. Lembro a narrativa de Tirésias N.: “sim, existe ex-travesti. Eu sou ex-travesti. Agora sou mulher trans”.⁴⁷⁵ São casos relacionados à personagem-metáfora *Agrado*.

A *segunda* modalidade da figura d@ convertid@ de gênero é relativa à pessoa criada agenerificadamente e que no decorrer de sua trajetória se identifica com um gênero específico e o assume. Se há a tendência para Hervieu-Léger da ampliação da conversão d@s sem-religião é porque existem muitas pessoas criadas arreligiosamente, o que não pode-se dizer de crianças criadas sem gênero. Em alguns países europeus e nos Estados Unidos há experiências de educação agenerificada tanto em âmbito familiar como educacional. Até o momento não conheci vivências destas no Brasil. O que ocorre mais largamente é o processo contrário, o de pessoas generificadas que no decorrer de sua vida percebem a inutilidade dos padrões de gênero e procuram abdicar dos mesmos, tornando-se *agêneras*.

A *terceira* categoria de convertid@ de gênero é relativa à *desfiliação* e *reafiliação*: a pessoa faz determinada transição de um sistema sexo-gênero para outro (se *desfilia*), não permanece neste e retorna ao sistema sexo-gênero de “origem” (se *reafilia*). Ao *retornar à tradição cis*, Joide Miranda descobriu sua vocação de pai de família e esposo: “eu vivia naquela vida desregrada,

⁴⁷⁵ TIRÉSIAS N., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

depois que me converti tudo mudou, me casei, tenho família, tudo uma bênção como tinha que ser.”⁴⁷⁶ Além das justificativas religiosas, outras são dadas para a (re/des)conversão, como as afetivas e as relacionadas à empregabilidade. Para Tirésias O.,

eu fui travesti porque gostava daquela vida de ser mulher, mas via o exemplo de uma amiga mais velha e ela sofria muito, era penoso demais, ela até apanhou na rua. Mesmo assim eu queria mas conheci um bofe lindo, e ele me convidou prá casar, mas com a condição que eu travestisse de menino, que voltasse a ser homem, aí aceitei e me tornei gay né. Me converti na religião dele e até raspei cabeça. Depois nos separamos. Mas eu continuei gay, e mais seguro pelo menos. Mas se eu tivesse nascido mulher seria bem.⁴⁷⁷

Outra ex-travesti narrou:

eu fui traveco sim, mas você tá vendo como é a vida desse pessoal? É muito sofrido menino. Ninguém me dava emprego e eu não queria passar a vida fazendo sexo com essas mariconas doidas. Eu larguei tudo e assumi que sou homem. Ué, não sou mesmo?⁴⁷⁸

Um aspecto salientado por Hervieu-Léger é que a quem se reconverte religiosamente o apoio familiar é importante. Pensando no campo das transgeneridades, o apoio familiar seria tão importante a quem reconverte seu gênero? Minha pesquisa não trouxe dados consistentes, visto que não conversei com mães de ex-travestis. Mas conversei com mães que gostariam que houvesse tal reconversão à Igreja Cis. Em uma delas,

que mãe quer um filho travesti, Edu? Eu sei de mãe que expulsa de casa. Eu não fiz isso, mas nunca vou conseguir chamar ele por um nome de mulher. Ele não nasceu mulher. Nasceu meu menino abençoado.⁴⁷⁹

A mãe demonstra não ver na filha travesti uma menina abençoada, mas ainda um menino. É compreensível que para muitas famílias seja difícil a adaptação mas o ideal, me parece, é que a família *transicione* junto com a pessoa trans*. Não soube de casos de pessoas ex-travestis que sofreram resistência ou discriminação em casa por serem ex-travestis – o contrário, de pessoas que refutaram filhas e filhos trans* é recorrente.

Ampliando o repertório de Hervieu-Léger relativo @o re-afiliad@ religiosos@, realçam-se os casos de pessoas que fazem a transição do sistema sexo-gênero de “origem” para outro,

⁴⁷⁶ MIRANDA, *entre-vista de HOCEL a EMAMF*, 2012. Lembro que as narrativas de pessoas que se declaram ex-travestis, como o pastor Joide Miranda, sinalizam para a dupla conversão generificada/religiosa. Assim, neste tópico em que religião é metáfora para gênero, tal situação pode ser percebida como metafórica, mas também como literal.

⁴⁷⁷ TIRÉSIAS O., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. Em um linguajar cotidiano de algumas travestis (e no caso, também de ex-travestis) *é* ou *seria bem* expressa o mesmo que *é* ou *seria bom*.

⁴⁷⁸ TIRÉSIAS G., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁴⁷⁹ MÃE DE MULHER TRANS*, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

retransicionam para o de origem, e depois, retransicionam para o de identificação anterior novamente. É o caso da personagem-metáfora *ReAgrado* – que pode se desdobrar em uma possível *Exrreagrado*, e daí por diante.

Vejamos na tabela as categorias de *convertid@* de gênero:

Categorias de <i>convertid@</i> de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa que inconformada com o sistema sexo-gênero que lhe foi atribuído no nascimento, adota identidade de sexo-gênero de auto-identificação. • Pessoa criada como <i>agêner@</i> e que descobre no decorrer da vida a identidade e/ou expressão de gênero com a qual se identifica • Pessoa que faz a transição de um sistema sexo-gênero para outro, mas não permanece neste e retorna ao sistema sexo-gênero de “origem”

Imagem: Tabela de categorias de *convertid@* de gênero

Segue tabela com comparação entre ambas as categorias:

Categorias de <i>convertid@</i> religiosos@	Categorias de <i>convertid@</i> de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa que muda de religião por rejeitar identidade religiosa herdada para adotar nova identidade religiosa • Pessoa que nunca pertenceu a qualquer tradição religiosa e descobre aquela a qual se reconhece e decide integrar-se • Pessoa “re-afiliada”, convertida de dentro 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa que inconformada com o sistema sexo-gênero que lhes foi atribuído no nascimento, adota identidade de sexo-gênero de auto-identificação. • Pessoa criada como <i>agêner@</i> e que descobre no decorrer da vida a identidade e/ou expressão de gênero com a qual se identifica • Pessoa que faz a transição de um sistema sexo-gênero para outro, mas não permanece neste e retorna ao sistema sexo-gênero de “origem”

Imagem: Tabela de comparativa de categorias de *convertid@* religiosos@ e de gênero

Além da tríplice figura *d@ convertid@*, Hervieu-Léger comenta sobre a “figura do ‘militante’, ligada à ideia de uma possível reconquista religiosa de um mundo secularizado” e que “se aproxima, assim da figura do “convertido””.⁴⁸⁰ Para Hervieu-Léger,

a figura do “militante” que trabalhava para que a Igreja reconquistasse seu lugar em um universo cada vez mais distante da religião definiu-se, inicialmente, em referência a essa utopia de uma sociedade inteiramente “paroquializada”. O fracasso rapidamente constatado

⁴⁸⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 115.

desse projeto de uma reconquista cristã da sociedade obrigou os movimentos a buscarem outros objetivos: o da difusão dos valores cristãos em ambientes totalmente diferentes através do testemunho da evangelização dos militantes; ou, então, um objetivo mais diretamente político, da construção de uma nova sociedade inseparável de uma nova Igreja.⁴⁸¹

Características d@ militante religiosos@	
•	Ligad@ à ideia de uma possível reconquista religiosa de um mundo secularizado
	Trabalha para tal reconquista – muitas vezes através do testemunho de evangelização

Imagem: Tabela de características d@ militante religiosos@

A terceira modalidade d@ convertid@ de gênero apresentou pessoas relacionadas à personagem-metáfora DesAgrado, que após converter seu gênero ao binário oposto ao de nascimento, faz sua *desconversão*. Esta figura – do ex-travesti – como vimos se relaciona muitas vezes a ministérios de recuperação de homossexuais e travestis. Estes – coligados à coletivos de psiquiatras/psicólog@s crist@os, igrejas neopentecostais, às vezes também a ICAR, e missões estrangeiras financiadoras, representam a bélica tentativa de *reconquista* de espaços da Igreja Cis coligada à Igreja Hetero de um “mundo que jaz no maligno do homossexualismo”, como narrou um@ missionári@. Para tal, valem-se de estratégias diversas, como o testemunho de pessoas “que estiveram no Inferno mas voltaram”, como ex-travestis que se tornam evangelistas, missionários, pastores – conversores de travestis, enfim. Através de testemunhos como o de Rouvanny, Felipe e Joide, objetiva-se a edificação de uma Igreja Cis Renovada. Tal estratégia faz parte de um objetivo maior associado às teologia da prosperidade, da batalha espiritual e do domínio: “conquistar territórios *para o Senhor* através da inserção em todas as esferas públicas, como a política”.⁴⁸²

Outro exemplo é o da militância de gênero propriamente dita mas que se assemelha à militância religiosa e se associa a determinados segmentos dos ativismos trans* brasileiros que têm *pregado* a essencialização das características necessárias para a fixação das identidades travesti, transexual masculina e transexual feminina. Neste caso, objetiva-se a reconquista da binariedade mesmo que em primeiro momento haja transgressão das normas esperadas pelo sistema sexo-corpo-gênero de “origem”. Ainda que não haja intenção expressa de ingresso na Igreja Cis, exalta-se @ Deus@ Binári@.

⁴⁸¹ Idem, 2008, p. 83.

⁴⁸² MARANHÃO F^o, 2013a, p. 92.

Características d@ militante de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Ligada à ideia de uma possível reconquista dos ideais de binaridade na sociedade • Trabalha para tal reconquista

Imagem: Tabela de características d@ militante religiosos@

Ao observamos as características d@ militante religiosos@ e de gênero lado a lado as semelhanças tornam-se evidentes:

Características d@ militante religiosos@	Características d@ militante de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Ligada à ideia de uma possível reconquista religiosa de um mundo secularizado • Trabalha para tal reconquista – muitas vezes através do testemunho de evangelização 	<ul style="list-style-type: none"> • Ligada à ideia de uma possível reconquista dos ideais de binaridade na sociedade • Trabalha para tal reconquista

Imagem: Comparação das características d@ militante religiosa e de gênero

@ militante de gênero se vincula metaforicamente então às figuras de Agrado e de DesAgrado, ou d@ convertid@ e d@ desconvertid@. A tríplice figura d@ convertid@ fala ainda sobre a pessoa agênera que escolhe e assume um gênero específico – amparada no exemplo de Hervieu-Léger de pessoas criadas sem-religião que convertem-se a uma religião posteriormente. Um caso que pode remeter a este, também relatado pela autora, é do

enfraquecimento dos dispositivos de socialização religiosa que, em todas as classes sociais, multiplica o número de indivíduos que não tiveram, de fato, nenhum contato com a religião à qual eles se afiliaram de modo puramente formal. Ao invocarem a trajetória de sua conversão, uma importante proporção dos novos batizados, cujos pais também foram batizados, cita o fato de que ninguém, em redor deles, procurou vinculá-los, em momento algum de sua existência, a uma religião definida. Ou então, eles observam, mais prosaicamente, que seus pais simplesmente não “tiveram tempo” de batizá-los. Outros, finalmente, que foram batizados quando crianças, declaram nunca ter ouvido falar do cristianismo em casa. A fronteira se confunde, assim, entre os convertidos de dentro e os do exterior, no contexto de uma perda geral da identidade transposta de uma geração a outra.⁴⁸³

Semelhantemente, há pessoas que dizem “não saberem que eram homens até a puberdade”, mesmo não tendo sido criadas de modo agenerificado. É a história de Atena ZA.:

⁴⁸³ HERVIEU-LÉGER, 2008, pp. 115-116.

eu sempre achei que era menina. Minha mãe me criou que nem menina. Sempre usei roupa de menina, brinquei com coisa de menina. Eu só soube que era menino porque uma tia me falou, que era porque eu tinha pinto, essas coisas. Mas eu não sabia. Prá mim era menina ora, depois veio a confusão, na adolescência, porque o corpo de menino veio né. Nunca tinha ouvido falar que eu era menino até aquela hora, e nem de trans. Aí hoje em dia eu tou aí, na fila da transição, prá tomar hormônio, operar.⁴⁸⁴

Neste caso, como dizer que tais pessoas são trans*? Se ainda que nascidas com um aparelho genital considerado masculino elas foram criadas como meninas e se perceberam sempre assim, não seriam elas mulheres?

Desdobram-se os exemplos de Hervieu-Léger sobre conversões. Ela comenta em especial sobre dois tipos:

o primeiro é aquele das conversões contadas como a última etapa de um longo caminho errante, de uma experiência desesperadora de “tormento”, marcada, muitas vezes, pela exploração de outras vias que acabaram se revelando como impasses: do militarismo revolucionário às drogas, passando pelo caminho ou o envolvimento em alguma “seita”. O segundo é aquele dos relatos de descoberta da “verdadeira vida”, que, após as “aventuras” decepcionantes de uma vida profissional sobrecarregada ou de uma vida mundana des preocupada, permitiu chegar a um cuidado autêntico de si mesmo.⁴⁸⁵

Tipos de conversão religiosa

- Conversão contada como última etapa de um longo caminho errante – visa organizar uma vida caótica
- Relato de descoberta da verdadeira vida – realização autêntica de si mesmo

⁴⁸⁴ ATENA ZA., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁴⁸⁵ Para a mesma, “esses dois conjuntos típicos – sendo um caracterizado mais pela organização de uma vida caótica e outro pelo acesso à realização autêntica de si mesmo – delineiam perfis e trajetórias sociais bem diferentes, de acordo com o nível cultural e social dos interessados (ibidem, 2008, p. 118)”. Ela fala que “se retomarmos as quatro dimensões – comunitária, ética, cultural, emocional – da identificação religiosa (...) descobriremos que esses dois tipos de percurso de conversão correspondem a identidades religiosas distintas. A primeira se forma articulando principalmente as dimensões comunitária e emocional da identidade. A conversão se apresenta, então, antes de tudo, como o ingresso em uma “família”. Esta entrada encarna, concretamente, com a incorporação em uma comunidade catecumenal cuja qualidade religiosa é medida pela intensidade afetiva dos laços entre seus membros. A segunda associa a dimensão ética do cristianismo (os valores evangélicos) à sua dimensão cultural, a saber, a profundidade histórica e estética da tradição crista e seu poder de civilização”. Para ela, “os convertidos de origem popular, e/ou aqueles cujo trajeto pessoal é marcado pela exclusão social e a privação cultural procuram majoritariamente o tipo “familiar” de agregação à linha crente, ao passo que a organização ético-cultural da identificação corresponde, de maneira quase exclusiva, ao caso dos convertidos de origem burguesa, que dispõem de um capital cultural e social particularmente elevado (ibidem, 2008, p. 119)”.

Imagem: Tabela de tipos de conversão religiosa

Muitas narrativas seguem estes repertórios, mas de modos concomitantes, como relatou esta moça que se identifica ex-ex-travesti:

eu vim de São Luís, tive vida difícil mesmo, muita discriminação, morei na casa dos crentes aí, cortaram meu cabelo, me tratavam de macho, mas não adiantou. Foi tão difícil eu seguir minha vida assim, de travesti, vindo de tão longe, era meu sonho, aí não deu prá voltar prá trás. Voltei um tempo e depois voltei assim. Eu sou assim, filho.⁴⁸⁶

A narrativa demonstra a errância marcada pela dificuldade e a chegada no que parece lhe ser o ideal: *autenticidade* em ser travesti, ou o que Hervieu-Lèger chama de *relato de descoberta da verdadeira vida*.

Tipos de conversão de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Conversão contada como última etapa de um longo caminho errante – visa organizar uma vida caótica • Relato de descoberta da verdadeira vida – realização autêntica de si mesmo

Imagem: Tabela de tipos de conversão de gênero

Comparando:

Tipos de conversão religiosa	Tipos de conversão de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Conversão contada como última etapa de um longo caminho errante – visa organizar uma vida caótica • Relato de descoberta da verdadeira vida – realização autêntica de si mesmo 	<ul style="list-style-type: none"> • Conversão contada como última etapa de um longo caminho errante – visa organizar uma vida caótica • Relato de descoberta da verdadeira vida – realização autêntica de si mesmo

Imagem: Comparação entre tipos de conversão religiosa e generificada

Hervieu-Léger conta sobre conversões inauguradas “pela descoberta da pertinência do texto evangélico, entendido como “escrito para si””, exemplificando através da história de um psicólogo que, à princípio não-cristão, passando os olhos no texto da ressurreição de Lázaro, “deu-se conta de que estava entendendo o texto “na fé””.⁴⁸⁷ É possível que se relacione a conversão de gênero a um livro sagrado propriamente dito, ou a obras que podem ser consideradas *sagradas* metaforicamente falando. Por exemplo: “li a dissertação da Leticia Lanz

⁴⁸⁶ TIRÉSIAS P., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁴⁸⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 120.

e me encontrei nela. Já era assim com as postagens dela no grupo. É nossa madrinha. Sou mulher trans, mas não-binária, acho”.⁴⁸⁸ Para outras pessoas, um livro da Butler pode ter efeito similar. O de Althaus-Reid. Ou o de Silas Malafaia. Diversos são os caminhos de leitura que podem hipoteticamente conduzir a uma *salvação* de gênero.

Mas os movimentos de (re/des)conversão podem ser feitos de modos diversos. Há quem faz o movimento interior de transição (ou destransição, ou retransição) como *reforma íntima*, sem interferência no corpo. Há quem transicione conhecendo alguém online. Aliás, há quem só conhece gente t* online.

A conversão vale, também, para Hervieu-Léger, “para incorporar em um meio afetivo que oferece um apoio comunitário à construção da identidade pessoal” e se relaciona com “o encontro de uma testemunha que se torna guia na fé”.⁴⁸⁹

Às vezes através de um contato específico se adentra numa nova *comunidade de fé*:

uma amiga me contou sobre a Roda de Conversa. Ali encontrei pessoas que são mais minha família que a minha família carnal. A gente conversa, se escuta e se ajuda. Assim fui me conhecendo melhor, me aprofundando em mim mesma. Percebi que eu deveria persistir no processo transexualizador. Eu quero fazer a CRS. Mas tem menina que não quer né? E mesmo assim continua no grupo. A doutora é uma benção. Não fica julgando a gente e ajuda mesmo. Me sinto equilibrada e confiante.⁴⁹⁰

Há também “conversões ligadas a um evento trágico da vida pessoal (morte de alguém próximo, destruição, mutilação, estupro, etc.).” Episódios como estes são associados “pelos interessados à ulterior reorganização de sua vida espiritual”.⁴⁹¹

De modo semelhante, conheci uma moça trans* que só iniciou sua transição após a morte de sua mãe, que por uma vida havia auxiliado na sua internalização da transfobia. Além desta história, segue a de Atena ZC:

minha mulher faleceu e pude fazer minha transição de vez. Eu era crossdresser, ela sabia e apoiava. Mas tínhamos muitos amigos em comum, família, essa coisa toda. Minha família e a dela são evangélicas. Depois que ela morreu eu não tive mais de protegê-la e assumi, hoje sou uma mulher transexual e evangélica também. Hoje meu filho me chama de Pãe.⁴⁹²

Se às vezes a conversão é marcada por um falecimento, em outras pode ser por um batismo. Hervieu-Léger diz que este se relaciona à conversão pois “soleniza o reconhecimento social e,

⁴⁸⁸ ATENA ZB., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁴⁸⁹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 121.

⁴⁹⁰ ATENA ZC, *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2012.

⁴⁹¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 117.

⁴⁹² ATENA ZC, *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

ao mesmo tempo, o reconhecimento de si mesmo”.⁴⁹³ Perguntei à Atena ZD se ela se sentia *batizada* na Roda:

sim. Quando fui na Roda primeira vez foi meu batismo. Eu cheguei tremendo. Foi a primeira vez que assumi meu nome verdadeiro, o social, em público, digo, fora do Facebook. Lembro que você perguntou qual era meu nome e eu disse primeiro o anterior e depois o que eu gostaria que fosse, e que você falou que este era meu nome então, se era o que você queria. Mesmo com a aparência ainda masculina, lembra? As pessoas me chamaram pelo feminino. Eu não esperava isso e fiquei comovida. Sempre odiei que me chamassem de ele e ali eu era ela. Depois disto fui adequando minha aparência ao meu gênero.⁴⁹⁴

Em alguns casos a ida à Roda, ou conhecer a Roda na rede não marca um *batismo*, uma *assunção*, ou o estabelecimento de vínculos com a *paróquia*. E em algumas vezes, a pessoa se batiza na Roda mas não *converte* suas vestimentas. Ou então, converte em partes. Ou converte o nome, converte as roupas, e depois destransiciona/reconverte o vestuário:

eu gosto do meu nome masculino. Nunca gostei de ser chamado pelo nome feminino do nascimento. Não gosto dos meus invasores.⁴⁹⁵ Cheguei a me vestir só de menino mas não me identifico. Não me importo em usar batom, até gosto, e de usar roupas femininas, ou misturar com roupas masculinas. Às vezes me sinto menino, um demiboy, às vezes, não-binário, num gênero fluido.⁴⁹⁶

Esta narrativa pode deixar uma questão no ar: até que ponto quem narra é um@ convers@ de gênero? Será que é? Ou talvez se enquadre em outra categoria, como a d@ peregrin@?

⁴⁹³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 122.

⁴⁹⁴ ATENA ZD, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁴⁹⁵ Nomes comumente dados aos seios, pelos homens trans. Para informações acerca do vocábulo destas pessoas, ver artigos meus com João W. Nery (2013, 2014).

⁴⁹⁶ APOLO D./HERMAFRODIT@ D., *Entre-vista a EMAMF*, 2013. Para mais infos sobre auto-identificações, *peregrine* até o MD 2.0.

Enquanto @ leitor@ pensa se a narrativa anterior é “típica” de um@ convertid@, apresento outra das figuras da mobilidade religiosa propostas por Hervieu-Léger:

o peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária.⁴⁹⁷

A figura d@ peregrin@ para a autora assume duplo papel, mas nesta tese pode adquirir outros, como o da metáfora da pessoa generificada, da identidade móvel e da própria peregrinação pela rede.

A formação da identidade religiosa peregrina para Hervieu-Léger

nem sempre implica a adesão completa a uma doutrina religiosa, tampouco a incorporação definitiva em uma comunidade, sob o controle de uma instituição que fixa as condições da pertença. Muito mais frequentemente, ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência (...) essa “religiosidade peregrina” individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar.⁴⁹⁸

O senso de pertença se molda através de formação em rede

que não implica qualquer adesão formal e reduz ao mínimo a dimensão institucional da participação, a enorme tolerância com as diversas formas de expressão dos peregrinos sugere uma proximidade com o “tipo místico” que Ernst Troeltsh formulou no começo do século – ao lado da igreja e da seita – para caracterizar uma forma de sociedade religiosa ajustada o quanto possível à religiosidade moderna dos indivíduos.⁴⁹⁹

⁴⁹⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89.

⁴⁹⁸ Idem, 2008, pp. 89-90.

⁴⁹⁹ Ibidem, 2008, p. 95.

Para a autora, citando o exemplo de Taizé, comunidade ecumênica orientada para o acolhimento de jovens peregrin@s⁵⁰⁰ em que ela pesquisou nos anos 1970, na França,

por definição, essa sociabilidade em rede que associa indivíduos que podem definir pessoalmente a intensidade de sua participação é frágil e precária, constantemente trabalhada pelas tendências à disseminação.⁵⁰¹

Taizé se constitui de uma rede formada pel@s participantes dos eventos promovidos pela comunidade na Borgonha e também por aquel@s que têm “afinidade com o ‘espírito de Taizé’ e se reúnem nos Encontros Europeus da Juventude”. A autora lembra que Taizé, assim como as JMJ, são bons exemplos de institucionalização da prática peregrina. São “grandes agrupamentos” cuja

participação, por definição temporária e excepcional, não requer (...) nem uma socialização anterior em um movimento, uma obra de caridade ou uma paróquia, nem uma integração institucional futura (...) isso se deve ao fato de ela oferecer a possibilidade de uma participação flexível, cuja intensidade é fixada pelo próprio indivíduo. Ela retoma a alternância entre a peregrinação (individual ou em pequenos grupos) e o agrupamento temporário, que é próprio das peregrinações antigas, adaptando-as às necessidades de expressão da religiosidade peregrina características da Modernidade.⁵⁰²

Hervieu-Léger comenta que

apesar da presença de grupos organizados de paróquias, de movimentos e de comunidades novas, é a figura do “peregrino móvel”, o confessionalmente menos definido, que tende a encontrar no calor do entusiasmo e da convivência o sentido de sua participação, que é simbolicamente a intenção de todos: “cada um tem seu lugar”, “não é um encontro reservado a supercatólicos”, “somos todos diferentes”: é abrindo mão, sob todas as suas formas (...) que os peregrinos encontram, mesmo dentro de uma lógica altamente regulada pela instituição, a ficção de uma autonomia pura do envolvimento indispensável, a seus olhos, para tornar sua participação legítima.

A autora lembra que Taizé, assim como as JMJ, são bons exemplos de institucionalização da prática peregrina. São “grandes agrupamentos” cuja

participação, por definição temporária e excepcional, não requer (...) nem uma socialização anterior em um movimento, uma obra de caridade ou uma paróquia, nem uma integração

⁵⁰⁰ Ela comenta que desde 1960 “esta pequena empresa comunitária acolhe nos meses de verão vários milhares de jovens (até 6.000) que vêm fixar suas tendas sobre a Colina de Borgonha” (ibidem, 2008, p. 91). Tal comunidade “constitui não apenas um importante traço de união entre diferentes juventudes européias, mas também uma rede de contatos planetários e um fórum de encontros intercontinentais” (ibidem, 2008, p. 92).

⁵⁰¹ Ibidem, 2008, p. 95.

⁵⁰² Ibidem, 2008, p. 101.

institucional futura (...) isso se deve ao fato de ela oferecer a possibilidade de uma participação flexível, cuja intensidade é fixada pelo próprio indivíduo. Ela retoma a alternância entre a peregrinação (individual ou em pequenos grupos) e o agrupamento temporário, que é próprio das peregrinações antigas, adaptando-as às necessidades de expressão da religiosidade peregrina características da Modernidade.⁵⁰³

Características d@ peregrin@ religios@
<ul style="list-style-type: none"> • Religios@ em movimento • Nem sempre adere completamente a uma doutrina religiosa • Prática voluntária, autônoma, variável, individual e excepcional • Não se incorpora definitivamente a uma comunidade • Ajusta suas crenças à sua própria experiência • Fluidez do conteúdo de crença que elabora

Imagem: Tabela de características d@ peregrin@ religios@

A identidade generificada peregrina remete àquelas constituídas no seio das redes místicas n-b: não há a incorporação definitiva em um agrupamento que fixa condições à pertença – *ao menos, não aparentemente*; parece haver mais uma fluidez mesclada à bricolagem em que se adequa as crenças de gênero às demandas individuais do sujeito, seguindo a premissa já citada de que “para cada pessoa do mundo, ao menos uma identidade de escolha possível”.

Algum sentido de pertencimento é formado a partir de redes e na rede: grande parte d@s adept@s da peregrinação de gênero n-b se encontram em diversos grupos e fanpages do FB, em que o indivíduo fixa a intensidade de sua participação com um click que o (re/des)conecta com @s demais. Ainda que tais clicks na internet possam ser dados por praticantes e convertid@s também, o que traz algum diferencial é que est@s primeir@s promovem historicamente encontros que ultrapassam as fronteiras on+off-line: as pessoas n-b brasileiras, ao que parece, têm iniciado muito recentemente tentativas de organização política, em 2014 mesmo.

É de destaque que entre pessoas trans* peregrinas encontram-se também drag queens, drag kings, cross dressers, e outras identidades e/ou expressões de gênero que não se fixam – ao menos na maioria das vezes – em dado pólo binário, ou pela identidade ou pela expressão.

⁵⁰³ Ibidem, 2008, p. 101.

Assim, se a pessoa n-b tem identidade que não se fixa num binário, pode ter uma interface que demonstra binariedade, ou seja, se sente n-b mas aparenta em algum binário.

Uma cross dresser ou uma drag queen pode ter expressão de gênero móvel, se (re/des)montando, e identidade cis. Ou pode ter identidade n-b e se (re/des)montar. Ou pode ser um@ convertid@ de gênero – travesti, mulher trans, homem trans – e se (re/des)montar. Não há necessário casamento entre identidade de gênero e expressão de gênero, e aqui estamos no campo das subjetividades em fluxo novamente.

Como comentado anteriormente, a figura d@ peregrin@ não é sempre bem vista pelas pessoas que convertem seu gênero. Como Hermafrodit@ C. omenta,

Imagem: Trans Vs. Trans não binárias⁵⁰⁴

Em relação à institucionalização da prática peregrina, é possível que isto esteja ocorrendo através de grupos como o Movimento Transgente? A própria ABNB? Outros grupos do FB?

Características d@ peregrin@ de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Identidade e/ou expressão de gênero em movimento • Nem sempre adere completamente a uma expressão e/ou identidade de gênero • Prática voluntária, autônoma, variável, individual e excepcional • Não se incorpora definitivamente a uma comunidade binária de gênero • Ajusta suas crenças à sua própria experiência • Fluidez do conteúdo da expressão/identidade de gênero que elabora

Imagem: Tabela de características d@ peregrin@ de gênero

⁵⁰⁴ Postagem de Hermafrodit@ C. no FB, 2014.

Características d@ peregrin@ religios@	Características d@ peregrin@ de gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Religios@ em movimento • Nem sempre adere completamente a uma doutrina religiosa • Prática voluntária, autônoma, variável, individual e excepcional • Não se incorpora definitivamente a uma comunidade • Ajusta suas crenças à sua própria experiência • Fluidez do conteúdo de crença que elabora 	<ul style="list-style-type: none"> • Identidade e/ou expressão de gênero em movimento • Nem sempre adere completamente a uma expressão e/ou identidade de gênero • Prática voluntária, autônoma, variável, individual e excepcional • Não se incorpora definitivamente a uma comunidade binária de gênero • Ajusta suas crenças à sua própria experiência • Fluidez do conteúdo da expressão/identidade de gênero que elabora

Imagem: Tabela de comparação de características d@ peregrin@ religios@ e @ de gênero

Vimos três personagens até aqui, seguindo as ideias da autora francesa: *praticantes da Igreja Cis* (ou pessoas cis), *convertid@s da seita trans** (ou pessoas trans* binárias), e *peregrin@s das redes místicas* (ou pessoas trans* não-binárias). Mas tais figuras não são estanques, assim como as figuras da (re/des)carpintaria identitária de gênero / religiosa / generificada/religiosa, descritas anteriormente (PréAgrado, Agrado, ReAgrado, etc).

Pessoas trans* binárias, até chegarem à sonhada conversão, passam por ao menos um trânsito, o que faz delas momentaneamente peregrinas ou *entre-gêneros*: “eu não vivo entre os gêneros como muitas drags, cross dressers... sou mulher trans. Fiz trânsito sim, mas um só. Do sexo que eu nasci para o meu gênero que me identifico”.⁵⁰⁵ Neste caso, são pessoas peregrinas que estabelecem uma jornada com um determinado ponto de chegada, peregrinam para se fixarem. De outro modo, peregrin@s n-b não pretendem, ao menos de forma geral, aportarem em nenhum pólo binário.

Há ainda peregrin@s “convict@s” que se convertem ou que buscam salvação na Igreja Cis; praticantes que iniciam a jornada de peregrinação e/ou de conversão; convertid@s que buscam ser praticantes. As equações se multiplicam.

São @s peregrin@s e convertid@s t* que se movimentam? Ou é a paisagem religiosa e de gênero? Ela movimenta os indivíduos ou é movimentada por estes? Os NMG e NMR formam e

⁵⁰⁵ ATENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

performatizam os indivíduos t* ou são formados e performatizados por estes?⁵⁰⁶ Provavelmente sejam movimentos duplos. O individualismo, ou a identidade individual, é a nova religião mundial?⁵⁰⁷ Ou ela se atrela indelevelmente a identidades coletivas que se localizam on e/ou off-line, mais ou menos cristalizadas?

Tais experiências de metaforização das identidades trans* através de identidades religiosas, além de demonstrarem parte do campo de pesquisa selecionada, tiveram um ponto de chegada, demonstrar como referentes relacionados à religião podem servir para refletir sobre gênero – ao menos sobre transgeneridades.

Será que o que torna tais campos (ao menos aparentemente) semelhantes é a questão do fluxo identitário? Ou o que conecta tais campos seja a Santa Binariedade? Ou o Corpo Santo? Procuraremos observar estas possíveis conexões no (de)correr do texto.

Há mais relações entre gênero e religião, enquanto referentes identitários e discursivos, do que podemos supor? Seria possível aplicarmos referentes acerca de gênero num estudo sobre religiosidades? O quanto mais imbricam-se gênero e religião, ou as trans(generidades+religiosidades)?

⁵⁰⁶ Certamente tais perguntas também podem ser feitas para as pessoas cis.

⁵⁰⁷ Hervieu-Léger aponta que a proposição “a modernidade religiosa é o individualismo”, *leitmotiv* da reflex sociológica acerca do religioso, é uma formula que “se presta à confusão, pois ela parece sugerir que o individualismo religioso se impõe como uma realidade absolutamente nova, com a modernidade. Na verdade, pode-se falar de individualização do religioso desde quando intervém a diferenciação entre uma religião ritual, que requer unicamente dos fiéis a observância minuciosa das práticas prescritas, e uma religião da interioridade que implica, sob o modo místico ou ético, a apropriação pessoal das verdades religiosas por parte de cada crente. Em todas as grandes religiões, essa diferenciação se manifestou, sob formas diversas, bem antes da emergência da Modernidade (idem, 2008, p. 139)”, e “o individualismo religioso não é mais criador da Modernidade do que a Modernidade é inventora do individualismo religioso. O que caracteriza o cenário religioso contemporâneo não é o individualismo como tal; é a absorção deste no individualismo moderno (idem, 2008, p. 143)”.

Gênero é religião(?)

Após pensarmos gênero como *metáfora* para religião, e religião como *metáfora* para gênero, podemos ainda refletir acerca de outra possibilidade. Poderia gênero ser considerado *literalmente* religião?

Uma pista seria perguntar: o que é espiritualidade ou religiosidade? Seria algo conectado à elevação espiritual da pessoa? Caso seja, adequar o corpo à identidade de gênero e assim se sentir mais complet@ / elevar o espírito pode ser considerado uma prática religiosa ou espiritual? Como narrou Apolo I., que não faz parte de nenhuma instituição religiosa,

nasci no corpo errado. Fiz adequações prá casar a aparência com o espírito, que desde criança é masculino. Hoje sou um homem espiritualmente completo, com vagina, com paz no espírito. Se eu quiser usar um batom ou colocar um vestido isto não afetará a minha masculinidade. Meu espírito é masculino do mesmo jeito.⁵⁰⁸

Sobre práticas que elevam o espírito, talvez Guerriero dê indícios: “como levar em consideração, em um estudo sobre religiões, determinadas técnicas de meditação que poderiam simplesmente ser classificadas como da área das psicologias?”, completando,

a tal meditação pode fazer parte de um conjunto de práticas que visa à elevação espiritual do indivíduo. Desta forma, já estaríamos novamente no campo das crenças e portanto, diante do nosso objeto de estudo.⁵⁰⁹

Seguindo esta trilha, se podemos considerar meditação como religiosidade ou espiritualidade, por que não fazê-lo com a adequação de gênero de Apolo I., que a partir dela se vê *espiritualmente completo* – e assim, sinalizarmos para a ideia de que gênero é, sim, religião? Longe de responder a questão, podemos aquecer o debate com algumas opiniões nativas sobre o tema. Em postagem do REAPT* perguntei:

⁵⁰⁸ APOLO I., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁵⁰⁹ GUERRIERO, 2006, p. 14.

Du Meinberg Maranhão

15 de novembro · São Paulo

Gênero pode ser considerado uma religião?

Curtir · Comentar · 3 29

Alessandra Ramos Makkeda, Laylah Felix e Cariel Lobo curtiram isso.

*Imagem: Gênero é religião?*⁵¹⁰

Seguem as respostas:

Giowana Cambrone Araujo Não tem esse papel apesar de serem construções sociais

15 de novembro às 15:54 · Curtir · 1

O que é uma religião? Normalmente um conjunto de crenças que tenta explicar e dar sentido a nossa existência. Assim, não, o gênero não é uma religião. Acredito que o gênero seja um resultado de nós mesmos, algo que existe por nossa causa, um simples resultado do modo como nós construímos nossa vivência. A natureza trabalhou em uma construção de gênero muito atrelada aos instintos de sobrevivência, muito ligada ao sexo de nascimento...mas nós, como seres (teoricamente) mais desenvolvidos, conseguimos quebrar com essa lei. Não porque acreditamos no gênero como algo divino e imutável, não porque acreditamos no gênero como algo que nos explique alguma coisa, mas sim porque nosso gênero nada mais é que uma expressão do nosso mais verdadeiro "eu", de nossa essência, sem religião, sem misticismo, sem qualquer outro valor senão o que nós somos.

15 de novembro às 16:42 · Curtir · 1

Letícia Lanz Pela quantidade de dogmas e seguidor@s fanátic@s que tem, o gênero bem poderia ser considerado uma religião. A analogia é perfeita, pois ambas as instituições são poderosíssimos dispositivos sociais de controle e, junto com classe socio-econômica e etnia, compõem o quarteto de dispositivos que eu chamo de "os quatro cavaleiros do apocalipse".

15 de novembro às 21:06 · Curtir · 2

Rosália Santos Não pois já nascemos com ele...diferente da religião que é uma escolha...

15 de novembro às 21:15 · Curtir · 1

Letícia Lanz A gente nasce com um sexo, genital. O gênero é uma construção social.

16 de novembro às 00:09 · Curtir · 3

Não acho que gênero possa ser considerado uma religião, propriamente dito. A forma como lidamos com ambos é que pode ser similar. Religião e gênero são formas de nos encaixar, de nos normatizar; as experiências que podemos ter nos âmbitos do espírito e do corpo podem ser libertadoras ou, exatamente como os conceitos de religião e gênero, opressoras.

16 de novembro às 00:20 · Curtir · 1

⁵¹⁰ *Gênero é religião?*, Postagem do REAPT*/FB, 15 de novembro de 2014.

Rosália Santos Letícia **Letícia Lanz** quando eu tinha dois anos eu já apresentava sinais de transexualidade ...agora eu lhe pergunto..Como pode um bebê de dois anos já ter construído um gênero....Já foi provado cientificamente que o cérebro feminino e masculino tem tamanhos e formas diferentes e q a transexualidade é um acidente genético q ocorre no sexto mês de gravidez onde cm a liberação do hormônio da mãe o cérebro do bebê termina de se formar...ou seja dizer que gênero é construído durante a vida é o mesmo q dizer q somos assim pq queremos ou pq fomos mal criados...ora...cresci no mesmo ambiente e tive a mesma educação q meus irmãos e no entanto eles são cis e eu não...Vc já deve ter ouvido falar no caso dos irmãos gêmeos onde um foi criado p ser uma menina pois a genitália havia sido mutilada numa cirurgia...o médico pediu p criarem o menino como menina, pois como vc ele tb acreditava q gênero era aprendido...so q o experimento deu errado pois a criança q logicamente havia nascido cis entrou em depressão e na vida adulta se suicidou...A natureza é mais forte q qualquer tentativa de construção social...eu transitei agora aos 30 anos e só eu sei o quanto foi doloroso durante todos esses anos esconder....saber q tinha cérebro feminino...mente feminina...pois sempre pensei como mulher...Quem é mulher, sabe q é mulher desde d q nasce...não é preciso construir nada...A gente nasce com um sexo que é masculino ou feminino e cm uma mente q é masculina ou feminina...quando os dois combinam é cis, quando são diferentes é trans...desde o nascimento...

16 de novembro às 01:36 · Editado · Curtir · 3

Letícia Lanz O que nasce dentro de você não é "gênero", mas um "self", uma "semente de si mesmo", se você me entende, livre e único. Por força da vida em sociedade - e dos modelos e padrões impostos pela cultura de cada época e lugar - cada pessoa é obrigada a ajustar o seu self, o seu perfil único de gente, aos dispositivos de controle do mundo social. É assim que o "eu mesm@", único e livre, de cada pessoa vai se transformar, à força de muita repressão e recalque, numa "categoria de sexo" (macho ou fêmea) e numa categoria de "gênero" (homem e mulher ou masculino e feminino), perdendo assim toda a originalidade de 'ser um indivíduo em troca de uma absurda "universalidade", ou seja, de ser reconhecido numa "matriz social de inteligibilidade". E tanto "sexo" como "gênero" são construções sociais, oriundas da "linguagem" e não da natureza. Simone de Beauvoir sintetizou isso no seu livro seminal, "O Segundo Sexo", afirmando que "ninguém nasce mulher: aprende a ser".

A diferenciação (assim como as terríveis desigualdades resultantes dessa "diferenciação" não é genética: não há nenhum estudo conclusivo a respeito que possa servir como base para afirmações conclusivas. Mas existem evidências de sobra, para lá de substanciais, que a diferenciação das pessoas é de natureza política e cultural, baseada exclusivamente no poder vigente numa determinada época e local. O problema é que quem viola os dispositivos da sociedade torna-se um "delinquente", com toda a carga subversiva e punitiva decorrente disso. Por isso, para a sociedade, assim como para as pessoas, e sempre mais "conveniente" (dentro da "convenção social") assumir-se "doente" do que "delinquente".

16 de novembro às 09:29 · Curtir · 3

coloque um indivíduo numa selva, sem contato com nenhum ser humano, e veja se ele desenvolve um "self" puro. vejamos os casos das crianças criadas por lobos se elas desenvolveram seu "self" integralmente
16 de novembro às 13:38 · Curtir · 1

aparentemente a noção de indivíduo também é construída socialmente. o geertz tem um capítulo muito interessante sobre isso no "Saber Local". recomendo que você leia, Letícia
16 de novembro às 13:40 · Curtir · 1

aliás, acho que essa discussão sobre natureza vs. cultura é do século passado. tanto a existência do corpo físico quanto as informações advindas da cultura são imprescindíveis para construirmos toda a nossa noção de realidade e de nós mesmos. não dá pra ignorar nenhuma delas
16 de novembro às 13:45 · Curtir · 1

Letícia Lanz A discussão aqui não é sobre "nature" & "nurture", mas sobre dispositivos sociais de controle, outro campo inteiramente distinto que requisita leituras mais sofisticadas do que Clifford Geertz, esse sim, realmente do século passado. Recomendo que você leia Foucault, Butler e Beatriz Preciado para uma discussão mais atualizada.

16 de novembro às 15:10 · Curtir · 1

o que você quer dizer por mais sofisticadas? adequadas ao seu ponto de vista?
16 de novembro às 15:14 · Curtir · 1

você pode me dizer qual o método utilizado pelos autores que você citou para chegar às suas conclusões?
16 de novembro às 15:16 · Curtir · 1

Letícia Lanz Não se trata de estar adequada "ao meu ponto de vista", mas ao "estado da arte" do estudo da questão de gênero.

16 de novembro às 15:16 · Curtir · 1

bom, isso não diz muita coisa. como esse estado pode estar mais "à frente" que os outros estágios?
16 de novembro às 15:17 · Curtir · 1

qual o mecanismo de evolução dessas teorias?
16 de novembro às 15:17 · Curtir · 1

onde eles coletam seus dados?
16 de novembro às 15:18 · Curtir · 1

eles consultam pessoas reais para tirarem conclusões sobre coisas reais, ou seja, fazem uma pesquisa séria de campo, ou é apenas especulação filosófica?
16 de novembro às 15:19 · Editado · Curtir · 1

Letícia Lanz Mas se você prefere manter a sua lógica mecanicista para o estudo de gênero (as perguntas que vc faz levam a essa conclusão) quem sou eu para impedi-la. Quanto aos fundamentos e métodos das teorias mais contemporâneas, sugiro que participe de um seminário específico sobre, por exemplo, "feminismo da terceira onda". Infelizmente, o espaço aqui não é suficiente para tais explanações.

16 de novembro às 15:21 · Curtir · 1

Imagem: Gênero é religião? 2

Para Giowana Cambrone Araujo, gênero não é considerado religião, e ambos são construções sociais. Já Atena/Reapt A.⁵¹¹ concorda que gênero não seja religião. Em sua concepção esta é um conjunto de crenças que procura dar sentido à vida, enquanto gênero, diferentemente da religião, não tem a pretensão de explicar nada, sendo em si a essência da pessoa e não prescinde de religião ou misticismo. Seria assim o gênero mais sagrado que a própria religião em sua concepção? Ela não responde esta questão, mas traz mais uma concepção acerca de gênero: este é ao mesmo tempo natureza e cultura. Por um lado “a natureza trabalhou em uma construção de gênero muito atrelada aos instintos de sobrevivência, muito ligada ao sexo de nascimento”, e por outro, “nós, como seres (teoricamente) mais desenvolvidos, conseguimos quebrar esta lei”, sendo o gênero “um resultado de nós mesmos”. A resposta de Leticia Lanz difere das anteriores, uma vez que para ela gênero pode ser considerado religião, dada da “quantidade de dogmas e seguidor@s fanátic@s que tem”, sendo ambas as instituições construções sociais e dispositivos potentes de controle social, compondo, ao lado da etnia e classe sócio-econômica, “os 4 cavaleiros do apocalipse”.

Rosália Santos discorda em relação ao gênero como construção social. Para ela, este é inato, enquanto religião é uma escolha. Leticia refuta dizendo que gênero é construção social enquanto sexo, entendido a partir do genital sim, é inato. Atena/Reapt B. entra no debate, afirmando que gênero e religião não são equivalentes, mas a forma como se lida com ambos é semelhante. Similarmente ao que Leticia aponta, religião e gênero são instrumentos de normatização e encaixe. Para ela, gênero e religião podem tanto oprimir como libertar, assim como as experiências com o corpo e com o espírito.

Rosália retorna à conversa, explicando à Leticia as razões pelas quais gênero é inato, uma vez que na infância ela já apresentava sinais de transexualidade. Para ela “a natureza é mais forte que qualquer construção social”, já se nasce com sexo, mente e cérebro feminino ou masculino: se o sexo é feminino e a mente feminina, a pessoa é uma mulher cis. Se o sexo é masculino e a mente feminina, a pessoa é uma mulher trans. Leticia retorna à sua ideia inicial, agora fundamentada em Simone de Beauvoir, *crendo* que tanto sexo como gênero são aprendidos: “construções sociais, oriundas da “linguagem” e não da natureza”. O que é inato é um *self*, único, que vai sendo adaptado “à força de muita repressão e recalque, numa “categoria de sexo (macho ou fêmea) e numa categoria de “gênero” (homem e mulher ou masculino e feminino)”.

As 3 postagens seguintes são de Atena/Reapt C., recém-ingressa na discussão. Com base em outro teórico, Clifford Geertz, afirma que a noção de self não é inata, e a mescla entre natureza e cultura moldam o ser (“tanto a existência do corpo físico quanto as informações advindas da

⁵¹¹ Neste ponto do texto, agrego Reapt ao pseudônimo das pessoas que preferiram permanecer em anonimato.

cultura são imprescindíveis para construirmos toda a nossa noção de realidade e de nós mesmos”). Para a mesma, discutir natureza e cultura é coisa do século passado. Na concepção de Leticia a discussão é acerca de mecanismos de controle social e não sobre natureza e cultura, mas o debate prossegue em relação a este segundo tema aplicado ao gênero. Para Leticia gênero seria construído e para Atena/Reapt C., inato, o que é expresso respectivamente na fala da primeira (“cada pessoa faz suas próprias escolhas”) e na fala da segunda (“sim, exceto com relação ao seu próprio gênero”). Atena/Reapt C. encerra o debate apresentando possibilidades: gênero como preexistente à sociedade, que imporá “condições à maneira que ele deve se expressar e ser sentido”, ou que sociedade e gênero, usando metáfora bíblica, teriam a mesma *gênese*.

As respostas remetem a considerações anteriores da tese que explicam como as identidades trans* estão em território de disputa acerca de suas explicações – ou nos termos de Atena/Reapt C., *gêneses*. Além disto, quando autor@s como Foucault, Geertz, Butler, De Beauvoir e Preciado são evocad@s, ou quando Atena/Reapt C. pergunta se @s autor@s mencionad@s por Leticia consultaram “pessoas reais para tirarem conclusões sobre coisas reais”, fazendo “uma pesquisa séria de campo”, ou “apenas especulação filosófica”, dão vistas à indagações: o que as pessoas nativas fazem do que as teorias fazem delas? Como as pessoas interpretam e criam suas próprias concepções a partir do que já leram, observaram ou vivenciaram?

@s pesquisador@s constróem suas pesquisas a partir d@s pesquisad@s ou @s pesquisad@s constróem a si mesm@s a partir das pesquisas? Ou há uma retroalimentação? E retornando a uma pergunta anterior, qual a fronteira entre observador@ e observad@? O que torna @ pesquisador@ *mais pesquisador@* do que aquel@ que é entendid@ como pesquisad@?

Retornando à pergunta inicial se gênero pode ser considerado religião, a maioria das respostas entendem que não. Entretanto, muitas percebem uma conexão entre ambos marcadores, ou ainda uma retroalimentação. De todo modo, gênero e religião são discussões fervilhantes no momento – ou provavelmente sempre foram – o que podemos perceber em outras postagens do REAPT*. Antes, nos apropriando mais uma vez do termo usado por uma das debatedoras acima, façamos uma breve *gênese* do FB, local de acolhimento do REAPT*.

#Conectar

Paisagens em movimento

Como veremos, as pessoas trans* estão *trans-çadas* em redes de tensões e negociações que envolvem diferentes esferas das *transgeneridades* e *trans-religiosidades* (ou *generidades* e *religiosidades* em fluxos), circulando entre discursos de (re/des)patologização e (re/des)pecadologização associados a ambientes diversos como igrejas (neo)pentecostais, coletivos de psiquiatras cristãos, terreiros de religiões afro-brasileiras, igrejas inclusivas LGBT e ministérios de conversão de travestis. Como tais pessoas transitam religiosa e generificadamente entre tais lugares e suas respectivas teologias?

Este capítulo dará ênfase a três destes *cenários*, o FB, as igrejas inclusivas LGBT e os ministérios de conversão de travestis, dando suporte para o capítulo que se seguirá, em que as personagens-metáforas da tese farão aparições, *desaparições* e *reaparições* através de *atos* – relacionados aos *performativos* de Butler – e de *cenas*, as entre-vistas.

Cenário 1 – Vida e morte ciborguina ou (re/des)conexões ciborgues no e do ciberespaço⁵¹²

No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante na sua vida
Slogan do FB

Começando a usar o Facebook⁵¹³

Antes de *seguirmos*, *curtamos* um histórico sintético sobre este site.

Informações básicas

Início	4 de fevereiro de 2004
Informações pessoais	<p>A missão do Facebook é dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado.</p> <p>Milhões de pessoas usam o Facebook para compartilhar um número ilimitado de fotos, links, vídeos e conhecer mais as pessoas com quem você se relaciona.</p>

*Imagem Informações básicas sobre o FB.*⁵¹⁴

O FB, site que oferece uma rede social online – que pode ser definido como SRS (site de rede social, como lembra Castells)⁵¹⁵, completa em 2014 uma década de atividade. O site foi fundado

⁵¹² Mesmo sabendo não ser usual, gostaria de dedicar um capítulo da tese – este capítulo – a duas pessoas: a Mohamed Bouazisi (*in memoriam*) e a Asmaa Mafhouz, símbolos da Revolução de Jasmim, Tunísia, 2010-11 e Revolução de Lótus, Egito, 2011, que demonstraram o poder das redes on+off-line, desencadeando/reforçando a Primavera Árabe. Que esta tese faça um pouco o papel de Praça Tahrir do Egito, denunciando a opressão – no caso, de religião e de gênero, por quem quer que seja e a quem for – e que estimule a pensar/agir: é possível uma *revolução de gênero* em que mulheres tenham os mesmos direitos e privilégios que homens? Pessoas trans* binárias e não-binárias que pessoas cis? Melhor ainda, que todas as pessoas sejam somente e igualmente... pessoas?

⁵¹³ Este é o título do primeiro tópico da *central de ajuda do Facebook*.

⁵¹⁴ *Facebook Brasil*.

por Mark Zuckerberg e por três colegas da faculdade, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Inicialmente o site foi direcionado aos/às estudantes de Harvard, mas depois expandida às Universidades de Stanford, Yale e Columbia, e posteriormente as demais faculdades da Ivy League. No mesmo ano, alcançaram outras faculdades estadunidenses, colégios de ensino médio e posteriormente, pessoas acima de 13 anos (o que persiste nos termos de serviço do site).

Em 2006, quando a rede é aberta a tod@s internautas, há enorme expansão do FB, que se torna febre mundial recebendo investimentos bilionários de empresas, tendo seu layout repaginado e incorporando aplicativos e jogos. Em janeiro de 2012 pesquisa da comStore divulgou que a rede fundada por Zuckemberg alcançara 36,1 milhões de visitantes durante dezembro de 2011, superando os 34,4 milhões registrados pelo Google+, rede social do Google. Já no início de 2012 o FB era considerado a maior rede social no Brasil e na América Latina, ultrapassando Twitter, Orkut, Tumblr e as demais redes.⁵¹⁶ Em 2010 foi lançado *A Rede Social*, filme dirigido por David Fincher sobre a fundação do FB e acontecimentos posteriores envolvendo esta rede.⁵¹⁷ Até outubro de 2012 o FB contabilizava um bilhão de usuári@s ativ@s.⁵¹⁸ No meio do caminho, mais especificamente em abril do mesmo ano, o FB adquiriu o Instagram⁵¹⁹ – outros sites foram sendo adquiridos durante a breve história do *face*, como o aplicativo WhatsApp, adquirido em 19 de fevereiro de 2014 por 16 bilhões de dólares.⁵²⁰ O site funciona assim:

@s usuári@s, após se cadastrarem, podem criar um perfil pessoal, páginas (ou *fanpages*), grupos, eventos, e compartilhá-los, assim como fotos, vídeos, notícias e uma infinidade de dados, além de adicionar amig@s, segui-l@s e serem seguid@s.

⁵¹⁵ CASTELLS, *Redes de indignação e esperança*, 2013.

⁵¹⁶ *Facebook passa Orkut e vira maior rede social do Brasil, diz pesquisa*, 2014.

⁵¹⁷ *A Rede Social*, 2010.

⁵¹⁸ *Facebook mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários*, 2012.

⁵¹⁹ *Facebook anuncia compra do Instagram por R\$ 1,8 bilhão*, 2012.

⁵²⁰ O acordo previu ainda o pagamento de 3 bilhões a fundador@s e funcionári@s do WhatsApp, que ainda poderão adquirir ações restritas do FB. O cofundador do WhatsApp, Jan Koum terá ainda assento no conselho administrativo do FB. *Facebook compra o aplicativo WhatsApp por US\$ 16 bilhões*, 2014.

Conectar e procurar amig@s⁵²¹

O primeiro passo para se conectar ao FB é criar uma conta. Após a conta tendo sido criada, deve-se entrar no site, como vemos na demonstração do site:

Cadastre-se

Se não tiver uma conta no Facebook, você pode se cadastrar em algumas etapas. Para se cadastrar e criar uma conta nova, digite seu nome, data de nascimento, gênero e endereço de e-mail no formulário em www.facebook.com e defina uma senha.

Entrar

Se você já tem uma conta do Facebook, você pode entrar na sua conta pela mesma página. Para entrar, digite seu endereço de e-mail e senha na parte superior da página e clique em Entrar.

Imagem: Cadastre-se e entre⁵²²

Quando a pessoa se registra no FB recebe um nome ou ID de usuári@:

⁵²¹ Atento que o FB não utiliza em nenhum momento linguagem inclusiva (como esta que adota o @). Aqui, trata-se da continuidade do meu procedimento em amenizar o androcentrismo linguístico do português.

⁵²² Algumas infos: a idade mínima para se cadastrar no FB é 13 anos; não são permitidas contas conjuntas; é possível se cadastrar após receber o convite de algum@ conhecid@ por email; o uso do FB é gratuito, porém, pode-se fazer compras relacionadas a jogos, aplicativos e outros itens. *Cadastre-se e entre.*

Nomes de usuários e IDs de usuário são a mesma coisa - uma forma de identificar você no Facebook. O ID do usuário é uma sequência de números e o nome de usuário geralmente é alguma variação de seu nome. Com seu nome de usuário, você recebe um link personalizado (uma URL do Facebook, tal como www.facebook.com/username) para sua linha do tempo que você pode fornecer para as pessoas ou publicar em sites externos.

Imagem ____: Nomes e números de identificação de usuários⁵²³

O próximo passo é *encontrar amigos*, “pessoas com as quais você se conecta e compartilha no Facebook”.⁵²⁴ Há diversas formas de se procurar e adicionar um@ amig@. Uma delas é ir até a página localizar amigos, selecionar a conta de email ou Skype desejada e importar os contatos. Isto pode ser feito, por exemplo, através de celular que possua sistema Android, por Iphone, smartphone e telefones comuns.⁵²⁵ Além disto,

é possível adicionar amigos a partir dos perfis deles:

1. Digite o nome ou e-mail de seu amigo na barra de pesquisa na parte superior de qualquer página do Facebook.
2. Selecione o nome da pessoa para acessar o perfil dela.
3. Clique no botão **Adicionar amigo**. Pode ser que esse botão não apareça no perfil de algumas pessoas devido às configurações de privacidade que elas escolheram.

Quando a pessoa aceitar sua solicitação, ela será exibida em sua lista de amigos do Facebook.⁵²⁶

O FB reforça:

Conteúdo do Facebook

Gostaríamos de informá-lo sobre alguns recursos e ferramentas que seus amigos e outras pessoas usam no Facebook para ajudá-lo a ter uma melhor experiência. Por exemplo, se seu amigo usa nossa ferramenta Localizador de amigos para encontrar mais amigos no Facebook, podemos informar isso a você para incentivá-lo a usá-la também. Isso, obviamente, significa que seu amigo pode ver sugestões da mesma forma com base nas coisas que você faz. Mas tentaremos mostrar isso somente aos amigos que poderiam se beneficiar com sua experiência.

*Imagem: Conteúdo do Facebook*⁵²⁷

Qualquer usuá@ do FB pode adicionar outr@s usuá@s, a não ser que a pessoa a ser adicionada tenha configurado sua conta para não receber solicitações de pessoas que não tenham previamente amig@s em comum, por exemplo.

⁵²³ Nomes e números de identificação de usuários, FB.

⁵²⁴ Glossário de termos, FB.

⁵²⁵ Encontrar amigos, FB.

⁵²⁶ Idem, FB.

⁵²⁷ Conteúdo do Facebook, FB.

É possível controlar o “nível de amizade” no FB através das listas *melhores amigos*, direcionada a pessoas que @ usuári@ tem interesse em compartilhar informações de seu *feed de notícias*, *conhecidos*, “amigos com quem você não precisa manter muito contato”⁵²⁸ e *restrito*, direcionado a “pessoas que você adicionou como amigo, mas com quem você não quer compartilhar, como seu chefe”.⁵²⁹ É possível ainda criar listas personalizadas para organizar @s amig@s, bem como as restrições de privacidade (caso hajam).⁵³⁰ Uma das finalidades em se ter amig@s é bater-papo.⁵³¹ Outras, se relacionam a quatro termos fundamentais para se viver à Galáxia Facebook: *curtir*, *cutucar*, *compartilhar* e *seguir*.

⁵²⁸ *Noções básicas sobre listas*, FB.

⁵²⁹ O site explica que “ao adicionar alguém à lista Restritos, essa pessoa poderá ver somente seu conteúdo público ou suas publicações em que ela estiver marcada”. *Noções básicas sobre listas*, FB.

⁵³⁰ O FB comenta: “lembre-se de que seus amigos não serão notificados quando você adicioná-los a listas personalizadas”. Além das listas de amig@s, pode-se criar *listas de interesses*, “forma alternativa de organizar e visualizar o conteúdo que você acha interessante no Facebook”. O site complementa: “você pode criar suas próprias listas de interesses com base nas coisas que lhe interessam ou seguir as listas de outras pessoas. Por exemplo, você poderia criar a lista de Melhores bandas independentes com Páginas de bandas e atualizações públicas dos integrantes dessas bandas”. *Noções básicas sobre listas*, FB.

⁵³¹ Bate-papo é um recurso “que permite enviar mensagens instantâneas para os seus amigos”. *Bate-papo*, FB.

Curtir, cutucar, compartilhar e seguir

Curtir – em inglês o famoso *like*, com a figura do polegar prá cima - é quase um sinônimo de Fb. Para o site,

Clicar em **Curtir** é uma forma de expressar uma opinião positiva e se conectar com o que é importante para você”, e ainda, curtir o que um@ amig@ publica é “um modo fácil de dizer a essa pessoa que você gostou, sem deixar comentários. É como um comentário, porém o fato de você ter gostado é assinalado abaixo do item.⁵³²

Pode-se curtir postagens no perfil de um@ amig@ ou curtir páginas:

Curtir uma Página significa que você está se conectando a ela. Quando você se conectar a uma Página, ela aparecerá na sua linha do tempo e você aparecerá na Página como uma pessoa que curte essa página. A Página também poderá publicar conteúdo no seu Feed de notícias.⁵³³

É possível ainda curtir um anúncio:

Quando você clica em **Curtir** em um anúncio, está se conectando à empresa, marca ou produto desse anúncio. Por exemplo, se a Página do Facebook de uma marca está sendo anunciada e você a curte, você está se conectando a essa Página.⁵³⁴

Cutucar, ou *poke*, é uma forma de chamar a atenção de alguém ou simplesmente “dizer um Oi”.⁵³⁵ Entretanto, para muit@s frequentador@s do FB, significa iniciar ou dar continuidade a uma paquera. *Compartilhar* também parece ser fundamental para a experiência no FB. Significa dividir com @s amig@s e/ou seguidor@s opiniões, informações, objetivos. É possível

⁵³² E mais: “se você clicar em um link Curtir abaixo do vídeo de um amigo: O fato de você ter curtido será assinalado abaixo do vídeo; será publicada uma história na sua linha do tempo, informando que você curtiu o vídeo do seu amigo; seu amigo receberá uma notificação de que você curtiu esse vídeo”. *Curtir*, FB.

⁵³³ *Curtir*, FB.

⁵³⁴ O site conta que “a curtida aparece em sua Linha do Tempo, e seus amigos podem ver uma história sobre isso nos próprios Feeds de Notícias. Você também pode começar a ver atualizações da página que você curtiu em seu Feed de Notícias. Você pode deixar de curtir a maioria do conteúdo imediatamente, gerenciar as conexões em sua Linha do Tempo e restringir as pessoas com quem compartilha suas conexões usando as configurações de privacidade”. Ainda propõe uma pergunta e responde: por que eu vi o nome ou a foto de um amigo em um anúncio? Com os Anúncios de páginas, eventos e aplicativos do Facebook, você poderá ver históricos sobre as ações dos seus amigos no Facebook vinculadas a anúncios exibidos para você. Por exemplo, você pode ver um histórico sobre um amigo que já curtiu uma página da qual você está visualizando a propaganda. Da mesma forma, seus amigos podem ver históricos sobre você relacionados aos anúncios que estão vendo. Esses históricos só serão mostrados aos amigos e obedecerão a todas as definições de política de privacidade estabelecidas por você para sua conta”. *Curtir*, FB.

⁵³⁵ *Cutucar*, FB.

compartilhar fotos, álbuns de fotos, filmes, eventos, etc.⁵³⁶ Outro recurso do FB é o de *seguir e ser seguid@*:

Seguir

Ao seguir alguém, você vê as publicações da pessoa em seu Feed de notícias. Você automaticamente segue as pessoas que são suas amigas. Também é possível seguir as publicações de pessoas nas quais você tem interesse ou permitir que quem não é seu amigo veja suas publicações no próprio Feed de notícias.

Imagem: Seguir⁵³⁷

Seguir alguém para o FB, é ver

as publicações da pessoa em seu Feed de notícias. Você segue automaticamente as pessoas que são suas amigas. Você também pode seguir as publicações das pessoas que permitiram que Todos as sigam, como jornalistas, celebridades, políticos e outras pessoas que são interessantes para você, mas que não são suas amigas.⁵³⁸

Para seguir alguém no FB, é só ir ao perfil da pessoa e clicar em seguir: mas só é possível seguir pessoas que já são amigas ou que permitam que *todos as sigam* - e quando se envia *solicitação de amizade* a alguém que permite que todos a sigam, se passa automaticamente a seguir as publicações da mesma.⁵³⁹ Sobre *seguir e ter amigos*, o FB recorda que além de seguir qualquer número de pessoas, “você pode ter uma quantidade ilimitada de pessoas que o seguem e pode seguir até 5.000 pessoas. Você pode ter até 5.000 amigos na sua conta pessoal”.⁵⁴⁰ É possível também impedir que determinada pessoa siga @ usuári@. Basta @ mesm@ bloqueá-la.⁵⁴¹ Pode-se seguir *perfis e páginas*.⁵⁴²

⁵³⁶ É possível controlar o público compartilhador: “o seletor de público permite que você escolha um público para o que você compartilha. As opções são *público*, *amigos* e *mais opções*, incluindo *somente eu* e *personalizado*” (*Quais públicos posso escolher ao compartilhar algo?*, FB). Pode-se também criar um atalho para compartilhar o perfil, páginas e fotos, além da opção curtir, em outros sites (*Atalhos do Facebook*, FB).

⁵³⁷ Seguir, FB.

⁵³⁸ Idem, FB.

⁵³⁹ Para permitir que todas pessoas sigam @ usuári@, é necessário que est@ vá até suas configurações, clique em *seguidores* na coluna esquerda e selecione *todos* ao lado de *quem pode me seguir*. Se a opção for *ser seguid@ apenas por amig@s*: “se você só permitir que seus Amigos o sigam, quem não for seu amigo não verá o botão Seguir na parte superior do seu perfil e não poderá segui-lo”. A pessoa que é seguida pode ver quem a segue na seção *seguindo*. Seguir, FB.

⁵⁴⁰ Idem, FB.

⁵⁴¹ O FB expõe que “É possível bloquear um usuário para removê-lo da lista de amigos e impedi-lo de iniciar conversas com você ou ver suas publicações em sua Linha do Tempo. O status Bloqueado pode também significar que o Facebook temporariamente restringiu você de usar determinado recurso ou vários deles, mas você continua com acesso à sua conta”. Bloquear, FB.

⁵⁴² Para seguir ou *acompanhar uma página*, é necessário *curti-la* (automaticamente é acionado o botão *seguindo*). E para deixar de segui-la, deve-se acessar a mesma e clicar para desmarcar o botão *seguindo*. É possível também deixar de curtir a mesma desmarcando o botão *curtiu* (*Como eu deixo de seguir uma página*, FB). Ao adicionar uma@ amig@, você automaticamente o segue. Para deixar de segui-l@, “vá até o perfil da pessoa e desmarque o botão *Seguindo*. Os amigos não ficam sabendo que você parou de segui-los” (*Seguir atualizações públicas*, FB).

Perfis, páginas, grupos

Os perfis são conjuntos “de fotos, histórias e experiências que contam a sua história. Seu perfil também abrange a sua Linha do Tempo”.⁵⁴³ No perfil é possível:

adicionar uma foto de capa; editar suas informações básicas; ir para histórias do passado; visualizar um registro de sua atividade no Facebook; mostrar as histórias que deseja destacar; adicionar eventos cotidianos; atualizar meu status; ver e adicionar fotos; compartilhar suas atividades em aplicativos e ver os destaques de cada mês.⁵⁴⁴

É importante destacar que os perfis se destinam apenas a contas pessoais, não devendo servir, por exemplo, a instituições religiosas, ONGs, etc, o que os distingue das páginas:

Usar uma conta pessoal para representar qualquer coisa além de si mesmo é uma violação dos Termos do Facebook (por exemplo, seus negócios). Se estiver usando sua conta para representar outra coisa além de você, o acesso à sua conta poderá ser permanentemente removido se você não convertê-la em uma Página.⁵⁴⁵

As páginas “permitem que empresas, marcas e organizações se conectem com as pessoas no Facebook”.⁵⁴⁶ Se distinguem dos perfis pessoais pois os primeiros

se destinam ao uso para fins não comerciais e representam pessoas físicas. Você pode seguir perfis para ver as atualizações públicas de pessoas nas quais você tem interesse, mas que não estão entre os seus amigos. As Páginas se parecem com os perfis pessoais, mas oferecem ferramentas exclusivas para empresas, marcas e organizações. As Páginas são gerenciadas por pessoas que têm perfis pessoais. Você pode curtir uma página para ver as atualizações no Feed de notícias.⁵⁴⁷

Há diferença entre páginas e grupos:

As Páginas permitem que organizações, empresas, celebridades e marcas reais se comuniquem amplamente com as pessoas que as curtem. As páginas podem ser criadas e gerenciadas somente pelos representantes oficiais. Os Grupos oferecem um espaço fechado

⁵⁴³ *Glossário de termos*, FB. A Linha do tempo (ou Timeline), “é onde você pode ver suas publicações ou as publicações em que você foi marcado organizadas por data. A Linha do Tempo também faz parte do perfil” (*Glossário de termos*, FB).

⁵⁴⁴ *O que é o perfil*, FB.

⁵⁴⁵ *Como faço para converter minha conta pessoal em uma página?*, FB.

⁵⁴⁶ *Glossário de termos*, FB.

⁵⁴⁷ *Informações básicas sobre páginas*, FB.

para pequenos grupos de pessoas se comunicarem sobre interesses em comum. Os grupos podem ser criados por qualquer pessoa.⁵⁴⁸

Grupos, no FB, “são espaços particulares onde você pode manter contato com outras pessoas compartilhando atualizações, fotos ou documentos.”⁵⁴⁹ Servem para facilitar “a conexão com grupos específicos de pessoas, como familiares, colegas de equipe ou de trabalho”, sendo “espaços privados onde você pode compartilhar atualizações, fotos ou documentos, além de enviar mensagens a outros membros do grupo”.⁵⁵⁰ Os grupos podem ser públicos, aceitando a participação de qualquer pessoa, fechados, em que qualquer um@ pode pedir para participar ou user adicionad@ ou convidad@ por um membro, e secreto: qualquer pessoa pode participar desde que adicionada ou convidada por outra.⁵⁵¹ Páginas e grupos são criad@s e/ou gerenciad@s por administrador@s.⁵⁵² Outro recurso importante do Fb são os *eventos*, que permitem “organizar reuniões, responder a convites e manter-se a par do que os seus amigos estão fazendo”.⁵⁵³ Todos estes recursos, direitos d@s *facers*, se relacionam com alguns deveres e normas, explicitadas nos padrões de conduta da comunidade.

⁵⁴⁸ O site informa ainda que “outras diferenças incluem: *Páginas - Privacidade*: as informações e publicações da página são públicas e geralmente disponíveis para qualquer pessoa do Facebook; *Público-alvo*: qualquer pessoa pode curtir uma Página para se conectar a ela e receber atualizações do Feed de Notícias. Não há limite de pessoas para curtir uma página; *Comunicação*: pessoas que ajudam a gerenciar uma Página podem compartilhar as publicações dessa Página. As publicações da Página podem aparecer no Feed de Notícias de quem curte a Página. Os proprietários da Página também podem criar aplicativos personalizados para ela e verificar as Informações da Página para acompanhar sua evolução e atividade. *Grupos - Privacidade*: além da configuração pública, há outras configurações de privacidade disponíveis para os grupos. Em grupos secretos ou fechados, as publicações ficam visíveis somente para os membros dos grupos; *Público-alvo*: é possível alterar a privacidade do grupo de forma a exigir que os novos membros sejam aprovados ou adicionados pelos administradores. Quando um grupo atinge certo limite, alguns recursos são limitados. Os grupos mais úteis tendem a ser os únicos criados com pequenos grupos de pessoas que você conhece; *Comunicação*: em grupos, os membros recebem notificações por padrão quando algum membro publica algo no grupo. Os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos para álbuns compartilhados, colaborar em documentos dos grupos e convidar os membros que são amigos para eventos dos grupos”. (*Informações básicas sobre páginas*, FB).

⁵⁴⁹ *Grupos*, FB.

⁵⁵⁰ *Grupos*, FB.

⁵⁵¹ *Quais são as opções de privacidade dos grupos?*, FB. O FB exemplifica: “Grupos são espaços compartilhados. Seu time de futebol pode, por exemplo, planejar a escalação da temporada juntos e compartilhar as fotos do campeonato entre os membros” (*Noções básicas sobre listas*, FB). Também sugere que se crie grupos para escolas, facilitando o encontro de amig@s: “Agora está mais fácil para você compartilhar e manter contato com seus colegas de classe, amigos e todos da sua escola. Localize sua escola e entre para a comunidade da sua escola” (*Grupos para escolas*, FB).

⁵⁵² O FB explica que “além de tudo o que os membros de um grupo podem fazer, um administrador ainda pode: Editar a descrição, marcações e as configurações do grupo; adicionar outros administradores a um grupo; remover publicações abusivas e remover ou banir membros. Quando você cria um grupo, automaticamente se torna o administrador dele. Senão, ao participar de um grupo com um ou mais administradores, você pode pedir que eles adicionem você como administrador. Caso faça parte de um grupo sem administradores, você pode tornar-se o administrador clicando em *Tornar-me administrador* abaixo de *Membros* na coluna da direita.” *O que é um administrador de grupo?*, FB.

⁵⁵³ *Glossário de termos*, FB.

*P*adrões comunitários e anúncios em *fanpages*

*Imagem: Preserve sua identidade*⁵⁵⁴

Padrões da comunidade do Facebook

O Facebook oferece às pessoas ao redor do mundo o poder de publicar suas próprias histórias, ver o mundo pelos olhos de muitas outras e conectar-se e compartilhar onde quer elas forem. A conversa que ocorre no Facebook – e as opiniões expressas aqui – reflete a diversidade das pessoas que usam o Facebook.

Para equilibrar as necessidades e os interesses de uma população global, o Facebook protege a expressão que atende aos padrões da comunidade descritos nesta página.

Reveja esses padrões. Eles ajudarão a entender que tipo de expressão é aceitável e que tipo de conteúdo pode ser denunciado e removido.

*Imagem: Padrões da comunidade do Facebook*⁵⁵⁵

⁵⁵⁴ *Preserve sua identidade*, FB.

⁵⁵⁵ Padrões da comunidade do Facebook, FB.

Os padrões da comunidade do FB são especificados e relativos aos seguintes itens: *automutilação, bullying e assédio, conteúdo gráfico, discurso de ódio, nudez, phishing e spam, produtos regulamentados, propriedade intelectual, segurança, violência e ameaças, e identidade e privacidade*. Destaco este último item nas imagens a seguir:

Identidade e privacidade

No Facebook, as pessoas se conectam e compartilham usando seus nomes reais. Pedimos que você evite publicar as informações pessoais de outras pessoas sem o consentimento delas. Afirmar ser outra pessoa, criar uma presença falsa para uma organização ou criar várias contas não está em conformidade e viola os termos do Facebook.

*Imagem: Identidade e privacidade*⁵⁵⁶

Esta norma se linka à outra, segurança:

Segurança

Levamos a segurança de nossos membros a sério e trabalhamos para evitar tentativas de comprometimento de sua privacidade ou segurança, incluindo o uso de fraude ou enganação. Além disso, solicitamos que você respeite nossos membros ao não entrar em contato com fins comerciais sem o consentimento deles.

*Imagem: Segurança*⁵⁵⁷

Uma possível consequência à quebra dos padrões de comunidade é a denúncia de abuso.

Denunciando abuso

Se você encontrar algo no Facebook que considerar uma violação aos nossos termos, informe-nos. Lembre-se de que denunciar um conteúdo não garante que ele será removido do site.

Devido à diversidade da nossa comunidade, é possível que algo possa ser desagradável ou perturbador para você sem atender ao critério de remoção ou bloqueio. Por esse motivo, oferecemos também controles pessoais sobre o que você vê, como a capacidade de ocultar ou se desvincular de pessoas, páginas ou aplicativos ofensivos.

*Imagem: Denunciando abuso*⁵⁵⁸

⁵⁵⁶ *Identidade e privacidade*, FB.

⁵⁵⁷ *Segurança*, FB.

⁵⁵⁸ *Denunciando abuso*, FB.

Ressalto a política do FB de verificar a identidade de figuras públicas famosas e páginas com um grande número de seguidor@s:

Algumas figuras públicas famosas e Páginas com um grande número de seguidores são verificadas pelo Facebook para confirmar sua identidade autêntica. Você verá um ícone de verificação azul ao lado de um perfil verificado ou nome da Página. Esses perfis e Páginas podem incluir:

Imagem: O que é um perfil ou uma Página verificada?⁵⁵⁹

As figuras públicas famosas são descritas: “celebridades, jornalistas, funcionários do governo, marcas populares e empresas”.⁵⁶⁰ Mas será que o FB dá conta de verificar as identidades autênticas destas celebridades?⁵⁶¹

Fica aqui um questionamento: como ficam os perfis de pessoas públicas? Estas podem utilizar os nomes pelos quais são conhecidos pelo público? Ou devem utilizar as identidades reais, como regem os padrões comunitários do site? O que acontece se alguém denunciar o perfil de um cantor famoso como Lulu Santos por este não utilizar o seu nome real? Seu perfil é retirado do ar? E mais: como o FB define quem é ou não famos@ ou celebridade?

O site demonstra que pessoas públicas devem possuir *fanpages*, e não perfis. As páginas se organizam em categorias, como *artista, banda ou figura pública, negócios locais ou Local, marca ou produto, causa ou comunidade, empresa, organização ou instituição e entretenimento*.

⁵⁵⁹ *Seguir*, FB.

⁵⁶⁰ *Idem*, FB.

⁵⁶¹ O próprio site responde: “verificamos perfis ou Páginas a fim de ajudar você a certificar-se de que essas pessoas são autênticas. Lembre-se de que nem todos os perfis e Páginas autênticas são verificadas, e você não pode solicitar que seu perfil ou sua Página seja verificada”. E explica: “Caso o seu perfil ou Página não seja verificado, há outras formas de ajudar seus seguidores ou as pessoas que curtem a sua Página a saber que sua identidade é autêntica. Por exemplo, você pode: Link para seu perfil ou Página do Facebook a partir de seu site oficial, Preencha a seção *Sobre* de seu perfil ou Página para fornecer mais informações”. *Seguir*, FB.

Imagem: Criar uma página⁵⁶²

Tais páginas devem estar em consonância com os termos do FB:

Data da Última Revisão: 5 de março de 2014

Termos de Páginas do Facebook

Os termos a seguir, bem como nossa [Política de uso de dados](#) e [Declaração de direitos e responsabilidades](#), aplicam-se a todas as Páginas do Facebook. Além disso, todo o conteúdo das Páginas deve estar em conformidade com nossos [Padrões da comunidade](#). Você é responsável por garantir que sua Página esteja em conformidade com todas as leis, estatutos e regulamentações aplicáveis.

I. Geral

- A. Uma Página de uma marca, entidade (local ou organização) ou figura pública só pode ser administrada por um representante autorizado da marca, entidade (local ou organização) ou figura pública (uma "Página oficial").
- B. Qualquer usuário pode criar uma Página para expressar apoio ou interesse em uma marca, entidade (local ou organização) ou figura pública, contanto que isso não induza ao erro de acreditar que esta é uma Página oficial ou contanto que não viole os direitos de alguém. Se sua Página não é a Página oficial de uma marca, entidade (local ou organização) ou figura pública, você deve:
 - i. se abster de falar ou publicar conteúdo em nome do representante autorizado do conteúdo da Página; e
 - ii. deixar claro que a sua não é a Página oficial da marca, entidade (local ou organização) ou figura pública.
- C. O conteúdo publicado em uma Página é público e visível para qualquer pessoa que possa ver a página.
- D. É necessário restringir o acesso às Páginas (por meio da nossa funcionalidade de bloqueio) conforme o necessário para estar em conformidade com as leis aplicáveis e as políticas do Facebook, incluindo os [Padrões da comunidade](#). Páginas que promovam a venda privada de serviços ou produtos controlados (incluindo armas de fogo, álcool, tabaco ou produtos de conteúdo adulto) devem restringir o acesso para maiores de 18 anos.
- E. Páginas que promovam ou facilitem jogos de azar on-line, jogos de habilidade ou loterias, como cassino on-line, apostas esportivas, bingo ou pôquer, são permitidas apenas em países específicos com autorização prévia do Facebook.
- F. As Páginas não devem promover a venda de medicamentos com receita. Páginas de farmácias on-line só são permitidas mediante autorização prévia do Facebook.
- G. Você não pode estabelecer termos para sua Página que entrem em conflito com nossa [Declaração de direitos e responsabilidades](#), com a [Política de uso de dados](#) ou com estes termos.

Imagem: Termos de páginas do Facebook⁵⁶³

⁵⁶² Criar uma página, FB.

Os termos do FB atentam a diversos itens, como *gerenciamento de páginas*,⁵⁶⁴ *recursos de páginas*.⁵⁶⁵ Dentre os subítens referentes a tais recursos, saliento *promoções*, por se relacionar com um tema posterior deste capítulo, as proibições do FB a algumas identidades e expressões/performances trans*.

E. Promoções

1. Se você usa o Facebook para comunicar ou administrar uma promoção (por exemplo, um concurso ou sorteios), você é responsável pela operação lícita da promoção, incluindo:
 - a. As regras oficiais;
 - b. Os termos e requisitos de qualificação da oferta (por exemplo: restrições de idade e residência) e
 - c. A conformidade com as regras e regulamentos aplicáveis que regem a promoção e todos os prêmios oferecidos (por exemplo, cadastro e obtenção de aprovações regulamentares necessárias)
2. As promoções no Facebook devem incluir o seguinte:
 - a. Todos os participantes devem concordar com a isenção total do Facebook de qualquer responsabilidade.
 - b. O reconhecimento de que a promoção não é, de maneira alguma, patrocinada ou administrada por ou em associação com o Facebook.
3. As promoções podem ser administradas nas Páginas ou dentro dos aplicativos no Facebook. Linhas do tempo pessoais não devem ser usadas para administrar promoções (por exemplo, "compartilhe em sua Linha do tempo para participar" ou "compartilhe na Linha do tempo de seu amigo para obter participações adicionais" não é permitido).
4. Não o ajudaremos a administrar a sua promoção, e você concorda em usar o nosso serviço para administrar a sua promoção por sua conta e risco.

*Imagem: Promoções*⁵⁶⁶

Além da possibilidade de se criar uma página, é possível também criar um anúncio, a ser colocado na página criada:

⁵⁶³ *Termos de páginas do Facebook*, FB.

⁵⁶⁴ Com os subítens: nomes de páginas e endereços Web do Facebook, alterações de nomes e migrações, coleta de dados, marcação.

⁵⁶⁵ Subítens: anúncios nas páginas, capa, aplicativos nas páginas, ofertas e promoções.

⁵⁶⁶ *Promoções*, FB.

Anuncie no Facebook

Mais de 1 bilhão de pessoas. Alcance apenas as pessoas certas.

[Crie um anúncio](#)

Quer ajuda para começar?
[Clique para solicitar um contato](#)
Ou ligue para 0800-095-9080

Visão geral
Como funciona
Casos de sucesso
Dr. Busca
Santa Dose
Perguntas mais frequentes

Etapa 1: Crie sua Página do Facebook
No Facebook tudo começa com a sua Página. Crie uma página. É uma forma simples e grátis de se comunicar com seus clientes.

Etapa 2: Conecte-se com novos fãs
Incentive as pessoas a curtirem sua Página. Crie diversos anúncios e direcione com base na localização, demográficos e interesses.

Etapa 3: Envolve com qualidade
Publique atualizações de qualidade e promova suas publicações com anúncios para envolver seus clientes e os amigos deles. Comece agora.

É iniciante com Anúncios do Facebook?
Saiba mais sobre como funciona.

Fique ligado nas novidades.
Curta a Página de Marketing do Facebook.

Já utiliza Anúncios do Facebook?
Acesse aqui o Gerenciador de Anúncios.

[Curtir](#) [Compartilhar](#) [Outras 1.849.239 pessoas curtiram isso.](#)

Dr. Busca
sua consulta com apenas um clique.
Profissional de saúde, escolha e agende Grátis.

Dr. Busca
✓ 35% de aumento em vendas vindo do Facebook
✓ 44% de aumento em visitas no site — [saiba mais](#)

Imagem: Anuncie no Facebook⁵⁶⁷

Além dos anúncios que @s usuári@s podem promover, pagando taxas ao FB, o próprio FB promove produtos nas timelines d@s mesm@s. Segundo a página de Política de uso de dados,

Anúncios e conteúdo do Facebook
Veja como os anúncios são fornecidos sem compartilhar suas informações com os anunciantes e entenda como vinculamos anúncios com o contexto social.

Imagem: Anúncios e conteúdo do Facebook 1⁵⁶⁸

Dentre as formas de criação e direcionamento de anúncios, destaca-se o controle do FB sobre a conta d@s usuári@s:

⁵⁶⁷ Anuncie no Facebook, FB.

⁵⁶⁸ Anúncios e conteúdo do Facebook, FB.

Assim, podemos mostrar-lhe um conteúdo que você pode considerar interessante, podemos usar todas as informações que recebemos de você para oferecer anúncios que sejam mais relevantes para você. Isto inclui, por exemplo:

informações fornecidas no momento do cadastro ou adicionadas à sua conta ou linha do tempo, coisas que você compartilha e faz no Facebook, como o que você gosta, e suas interações com os anúncios, parceiros ou aplicativos, palavras-chave de suas histórias, e coisas que podemos inferir a partir do seu uso do Facebook.

*Imagem: Anúncios e conteúdo do Facebook 2*⁵⁶⁹

E ainda:

Além de oferecer anúncios relevantes, o Facebook às vezes associa anúncios a contexto social, ou seja, histórias sobre ações sociais que você ou seus amigos tomaram. Por exemplo, um anúncio da Página do Facebook de um restaurante de sushi pode ser vinculado a uma história do feed de notícias de um amigo que curtiu aquela página. Veja um exemplo de anúncio com contexto social:

Às vezes também oferecemos esses mesmos tipos de anúncios em outros sites ou podemos oferecer apenas o contexto social (como anúncios veiculados por outros), de modo que os anúncios sejam mais relevantes para você. Assim como qualquer outro conteúdo que você compartilha no Facebook, apenas as pessoas com quem você já está compartilhando no Facebook o verão quando ele for vinculado a um anúncio. Permitimos também que os anunciantes atinjam as pessoas no Facebook usando as informações que eles já têm sobre você (como endereços de e-mail ou se você já visitou os sites deles anteriormente). Para saber mais sobre anúncios, contexto social e nossas parcerias, incluindo as configurações e controles relevantes disponíveis para você, acesse a página [Publicidade no Facebook](#).

*Imagem: Anúncios e conteúdo do Facebook 3*⁵⁷⁰

⁵⁶⁹ Anúncios e conteúdo do Facebook, FB.

⁵⁷⁰ Anúncios e conteúdo do Facebook, FB.

Como vemos, toda informação oferecida ao FB, desde as cadastrais até as postagens em timelines, podem ser utilizadas pelo mesmo na promoção de mercadorias. Isto é reforçado no tópico *Informações que recebemos e como são usadas*, que especifica *informações de cadastro, informações que você opta por compartilhar, informações que outros compartilham sobre você e outras informações que recebemos sobre você*. Dentre estas últimas, “um anunciante pode nos contar informações sobre você (como você respondeu a um anúncio no Facebook ou em outro site) para avaliar a efetividade e melhorar a qualidade dos anúncios”.⁵⁷¹ Ou ainda:

Recebemos dados do computador, do telefone celular ou outros dispositivos que você usa para instalar aplicativos do Facebook ou acessar o Facebook, incluindo quando diversos usuários conectam-se através do mesmo dispositivo. Isso pode incluir informações de rede e de comunicação, tais como seu endereço IP ou número do telefone celular e outras informações sobre coisas como seu serviço de Internet, sistema operacional, localização, o tipo (incluindo identificadores) de dispositivo ou navegador que você usa, ou as páginas que você visita. ■■■

*Imagem: Informações que recebemos e como são usadas*⁵⁷²

Estes dados demonstram um dos objetivos do FB: além de possibilitar o encontro de amig@s, curtidas e compartilhamentos, promover produtos de anunciantes.⁵⁷³ Mas o FB possibilita muitas outras coisas. Por exemplo, a (in)visibilidade de pessoas trans* e episódios de (in)tolerância às mesmas.

⁵⁷¹ *Informações que recebemos e como são usadas*, FB.

⁵⁷² *Informações que recebemos e como são usadas*, FB.

<https://www.facebook.com/about/privacy/your-info#public-info>

⁵⁷³ As informações pessoais d@s *facers* não são cedidas diretamente aos/às anunciantes:

“nosso direcionamento de anúncios é feito anonimamente pelo nosso sistema, sem compartilhar informações pessoalmente identificáveis com os anunciantes. Quando o anunciante seleciona o direcionamento demográfico para seus anúncios, nosso sistema associa automaticamente os anúncios ao público-alvo apropriado. Os anunciantes apenas recebem relatórios anônimos agregados para que eles saibam que seus anúncios estão sendo vistos pelos grupos a que eles se direcionam” (Os anunciantes têm acesso às minhas informações pessoais?, FB).

<https://www.facebook.com/help/www/369078253152594/>

Reforçam ainda: “Você controla a forma como as suas informações serão compartilhadas. Nós não compartilhamos suas informações pessoais com pessoas ou serviços indesejados. Não concedemos acesso a suas informações para anunciantes. Não vendemos nenhuma de suas informações para ninguém e jamais o faremos” (*O Facebook vende as minhas informações?*, FB).

<https://www.facebook.com/help/www/369078253152594/>

(Re)des)configurando gênero no perfil

Em alguns países é possível identificar a identidade de gênero no perfil do FB a partir de um menu com diversas opções além do binário mulher e homem. No caso do FB “matriz”, o estadunidense, @ usuári@ pode indicar, por exemplo, trans* woman, trans man, androgyne, bigender.⁵⁷⁴ É possível, sendo de nacionalidade distinta à estadunidense, que se configure o perfil segundo o FB “de lá”, selecionando assim o(s) gênero(s) de identificação. Para tal, deve-se seguir os seguintes passos: configurações, geral, english (US), Basic information, gender, custom. No meu perfil, em junho de 2014, marquei as opções two-spirit, non-binary, gender nonconforming, gender questioning, trans*, gender fluid, agender. Sim, é possível colocar várias opções (dez, no máximo).⁵⁷⁵

Interested In

Women

Imagem: Customizando gênero no FB

Como se vê, é possível ainda customizar o pronome pelo qual prefere ser chamad@ e o gênero de pessoa que lhe interessa – como convém a um SRS. Mas é de se notar que a própria descrição de gênero é binária: ainda que existam possibilidades de se customizar outros gêneros, as opções são female, male e custom – algo como *feminino*, *masculino* e “outros”.

⁵⁷⁴ As demais opções são: agender, androgyne, androgynous, male, male to female, pangender, trans, trans female, trans male, trans man, bigender, non-binary, cis, cis female, cis male, cis man, cis woman, cisgender, cisgender female, cisgender male, cisgender man, cisgender woman, gender fluid, gender nonconforming, gender questioning, gender variant, genderqueer, agender, bigender, FTM, MTF, female, female to male, transfeminine, trans female, trans* female, trans* male, two-spirit, trans* woman, trans* man, intersex, transsexual person, transsexual man, transsexual male, transsexual, transsexual female, transexual woman.

⁵⁷⁵ Lembro que no MD 2.0 há diversas opções de verbetes acerca das identidades e expressões t*.

Como Leticia Lanz lembrou no TG, além dos EUA, a Argentina começou a oferecer alternativas diversas de identificação de gênero, em 2014:

Imagem: Identificações de gênero no FB argentino

O FB Brasil, por sua vez, oferece apenas as reduzidas opções *masculino* e *feminino*. Mas não que as pessoas trans* sejam exatamente “invisíveis” para o FB brasileiro. De 2012 a 2014 diversos perfis de pessoas trans* foram apagados pelo próprio site por não se adequarem a algumas normas, segundo o mesmo. Em 2012, por exemplo, a mulher trans Foxx Salema processou o FB por ter seu nome social interditado.

Imagem: Foxx processa FB⁵⁷⁶

⁵⁷⁶ SALEMA, *postagem em perfil pessoal*, 2012.

Desagradando Agrados: proibições do FB a perfis de pessoas trans* e (re)ações

2014 foi um ano em que o FB promoveu uma espécie de *caça a perfis* de pessoas com identidades e/ou expressões de gênero trans* – cujas identidades não eram consideradas *autênticas* pelo site, cuja ação se intensificou no segundo semestre. Em 10 de julho mandei mensagem à Tchaka Rainha, drag queen, para que ela me ajudasse na elaboração do verbete *drag queen* do MD 2.0:

Imagem: Perfil desativado de Tchaka

A resposta veio de um perfil sem nome, ou *Facebook User*. Tchaka me contou então que o site não estava mais aceitando seu perfil, assim como de muitas drags e mulheres transexuais. Em 15 de julho, ela me adicionou em seu novo perfil.

Imagem: Novo perfil de Tchaka⁵⁷⁷

⁵⁷⁷ TCHAKA, *postagem em perfil pessoal*, 2014.

Por inbox ela explicou: “tive meu Face excluído 2 vezes. Primeira vez não enviaram nenhum comunicado.”⁵⁷⁸ E complementou:

Imagem: Comentário de Tchaka sobre proibição

Perguntei à mesma se ela se sentia discriminada, e ela explicou que não, pois talvez fosse um programa que excluía automaticamente perfis que não estavam de acordo com as exigências do FB. Paradoxalmente, na semana em que Tchaka teve seu perfil interditado se comemorava o Dia da Drag Queen.

Conversei em 17 de julho com a mulher trans Ledah Martins, que também teve seu perfil proibido pelo FB. Ela havia colocado em seu perfil:

⁵⁷⁸ TCHAKA, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

Imagem: Proibição do perfil de Ledah⁵⁷⁹

Ledah me explicou inbox:

o facebook está bloqueando o perfil de diversas pessoas com nomes artísticos ou sociais, inclusive até sobrenomes que eles julgam inapropriados como "Pinto" ou sobrenomes estrangeiros. Comigo aconteceu como citei, acordei e ví que tinha sido bloqueada e alterei meu sobrenome artístico (Sou dj) para meu sobrenome verdadeiro, só q meu caso vai além pois eu uso nome social pois sou transexual. E como algumas conhecidas tiveram que enviar documentações para provar seu nome verdadeiro me preocupo, pois meus documentos ainda estão em processo de mudança, o que é muito lento como é de conhecimento de todos que neste país tudo é muito burocrático.⁵⁸⁰

Imagem: Comentário de Ledah sobre proibição

A proibição afeta diretamente a identidade de gênero de Ledah, que disse preferir abandonar o FB a ter de utilizar o nome do RG (ainda não retificado). Conversei com outra moça trans que me explicou:

⁵⁷⁹ MARTINS, *postagem em perfil pessoal*, 2014.

⁵⁸⁰ MARTINS, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

em 2012 eu fui uma daquelas que teve de mandar RG pro Facebook pra ter o perfil de novo porque eles deletaram sem avisar nem nada. Não uso mais o meu nome, tenho de usar o nome de registro. E meu nome só aparece aqui como apelido. Desde esta época não consigo alterar a opção nome.⁵⁸¹

Falei também com Rebecca Foxx, que me explicou que “eu perdi o nome por conta da política de nomes do facebook que é completamente idiota, e é algo irreversível, eles simplesmente bloqueiam e eu mando emails pra um email geral, e so tenho respostas automaticas, nao ha com quem falar, ou oq fazer.”⁵⁸² Perguntei como isto a afetava:

Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição

Também indaguei se ela se sentia discriminada e como se percebe em termos de gênero:

Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição 2

Explicou que fazer drag é o que mais ama fazer na vida e que a proibição do FB ainda traz outra consequência, a diminuição dos convites de trabalho, já que a rede social é a maior plataforma

⁵⁸¹ ATENA I., *entre-vista por HOFB a EMAMF*, 2014

⁵⁸² FOXX, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014. Foi mantida a coloquialidade da linguagem do FB.

de midiaticização dela e de muitas drags: os próprios locais em que as pessoas fazem drag costumam pedir que elas tenham sites de divulgação, ou então, perfis do FB. Afinal,

Imagem: Comentário de Rebecca sobre proibição ⁵⁸³

Uma outra drag me explicou que “com o perfil do Face atinjo uns 70 % de seguidores e amigos em cada publicação. Sabe quantos atinjo com a fanpage? Menos de 10%, e só aumento este índice se pagar pro site. Entendeu a lógica da proibição agora?”⁵⁸⁴ Segundo a mesma, a gerente de comunicação do FB Brasil é Camila Fusco. Procurei entrar em contato com ela através de seu perfil no site, solicitando entre-vista acerca do assunto mas não tive resposta. De todo modo, faz parte da política do FB que @ usuári@ utilize “seu nome verdadeiro, conforme descrito em seu cartão de crédito, carteira de habilitação ou identificação de aluno”. Mas em se tratando de pessoas não-conformes com o sistema sexo-gênero de nascimento e cujos nomes de batismo não as representam, como definir nomes “verdadeiros” sem atentar à auto-marcação identitária? – ou lembrando a frase de Agrado, “se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma”.

Além disto, há uma infinidade de perfis pessoais no FB cujos nomes não condiziam com pessoas reais, como de organizações, igrejas, etc – a própria Bola de Neve Church, que analisei no mestrado, tem dezenas de perfis pessoais com seu nome acrescido das indicações de suas filiais. Seria Bola de Neve um “nome verdadeiro, conforme descrito em seu cartão de crédito, carteira de habilitação ou identificação de aluno”?

De todo modo, o episódio motivou uma brincadeira bem-humorada do blog da Cleycianne, que tem no FB uma fanpage. A descrição na fanpage do blog no FB era a seguinte:

⁵⁸³ FOXX, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014. Mantive o sobrenome Foxx, como prefere a pessoa, e não o que o FB procurou determinar.

⁵⁸⁴ ATENA J., *entre-vista por HOFB a EMAMF*, 2014.

Como vai funcionar:

Durante duas semanas, de segunda a quinta, vocês conhecerão cada Drag e verão a linda transformação de verdade e conhecerão quem está por trás de toda aquela maquiagem do pecado. Na sexta-feira, começa a votação entre as candidatas apresentadas e as 4 ganhadoras irão para a fase final!

O prêmio: um VIP para o céu, título de Varão Valoroso do Blog da Cley e uma Sexy com a Andressa Urach na capa, pois se houver recaídas o vencedor conseguirá se reerguer vendo como o corpo de uma varoa é lindo (sim, eu sei que é revista de piranhagem mas para a cura drag e gay vale tudo!)

Estão prontos para o primeiro reality show gospel de cura e restauração de Drags da face da Terra? Então vem crente! Que vença o melhor varão!⁵⁸⁵

Rebecca Foxx foi a primeira a participar da cura e restauração – cura – drag. As fotos mostravam o “antes e o depois da cura drag”.

segunda-feira, 21 de julho de 2014

[Cleycianne's Drag Race: Confira a cura e restauração de Rebecca Foxx](#)

É a primeira a receber a cura e restauração do Cleycianne's Drag Race é **REBECCA FOXX** Olha só o pedido da pobre alma perdida:

A paz do Senhor, varões e varões de Deus! Eu estou pedindo, estou **IMPLORANDO!!** Eu quero ser salva, pois sei que Deus vai me ungir e derramar sua chuva de bênçãos sobre mim (HALABASHURIA) eu quero ser coberta pelo manto sagrado e ser salva em nome de Jesus!!
ME CURA, PAPI ME SALVA! ME LIBERTA!!

EU POSSO OUVIR UM AMÉM, UNIDOS?? Como posso negar um pedido de cura e restauração? Isso é qual nem copo de água, não se nega a ninguém!! Para me ajudar, chamo o meu convidado especial **Manoá Feliciano**, que será a **"Fada Madrinha da Cura Drag"** para a cura Drag vale tudo, até se vesti de fadinha) de hoje!

HANA MACANTARANA SUAVI! HANANAJA MEU REI! SAMANAASI! CABINAMABUSHLASI!
QUE O SENHOR RESTAURE ESSE POBRE ALMA!!!
"PLIM" "PLIM" "PLIM!"

AQUI ESTÁ O ANDRÉ! MASCULO, VIRIL, UM VARÃO CURADO EM NOME DE MEU DEUS!!

POSSO OUVIR UM AMÉM AGUI?

Lembrando que até quinta serão apresentadas mais 3 candidatas e sexta começa a votação da primeira eliminatória!

MAY THE BEST MAN WIN! ("que vença o melhor varão" em inglês)

[Acompanhe Rebecca Foxx no Facebook](#)

Imagens: Cura drag

⁵⁸⁵ Cleycianne, FB, 2014.

Conversei com Rebecca pelo FB:

Imagem: Explicação sobre a cura drag⁵⁸⁶

A paródia relacionava a atuação dos ministérios de cura de travestis e gays com as interdições do FB a perfis de drags – ou “curas de drags”. Apesar dos vários protestos que se espalharam pela rede no referido semestre, o FB continuou “restaurando/curando perfis” de drag queens, travestis e transexuais. Em 18 de setembro Tchaka postou:

Imagem: Novo protesto de Tchaka

⁵⁸⁶FOX, *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

Outra das reações foi o abandono de pessoas trans* do FB:

*Imagem: Nany People abandona o FB*⁵⁸⁷

Letícia postou em seguida, e depois comentou, assim como Alexya:

⁵⁸⁷ LANZ, *postagens no grupo Transgente*, setembro de 2014.

*Imagem: Alexya sobre proibição*⁵⁸⁸

Outra pessoa me contou: “o Facebook só deleta perfis de drags e trans porque eles são denunciados”. De modo semelhante, fanpages também podem ser denunciadas, e Leticia supôs esta possibilidade em relação ao grupo que fundou:

Imagem: Leticia sobre proibição 2

Uma das pessoas que tiveram perfil suspenso pelo FB graças à denúncias postou:

⁵⁸⁸ SALVADOR, *postagem em perfil pessoal*, 2014.

Imagem: Vivi volta⁵⁸⁹

Pessoas insatisfeitas com o FB divulgaram em seus perfis que em breve deletariam seus perfis e migrariam para outros SRS, como o Google Plus, que poderia superar o FB até 2016. Uma foto divulgada em um perfil foi acompanhada da pergunta será a morte do deus facebook?

Imagem: Morre o FB

No começo de outubro, depois de tanta polêmica, o FB parece ter voltado atrás e permitir a pessoas de identidades e/ou expressões trans* utilizar seus nomes sociais. E Tchaka *agradeceu à Santa Cher por tal graça*.

⁵⁸⁹ V. postagem em perfil pessoal, 2014.

Imagem: FB pede desculpas à comunidade LGBT

Como vemos, o cerne das proibições do FB está na questão identitária – da *autenticidade* identitária. Mas se o FB proíbe, ele também possibilita a assunção trans*. Vejamos alguns casos.

(*R*e/des)montando (n)o armário⁵⁹⁰ ciborgue do FB

God knows I want to break free
Queen

*E*star no armário ou sair dele se relaciona à *assunção* ou não da identidade de gênero ou da orientação sexual.⁵⁹¹ É possível que a mesma pessoa possua diferentes armários (ou caixinhas, prá usar outra metáfora) identitários, ou que abrindo uma porta, mantenha outra(s) fechada(s). O FB se apresenta como laboratório que possibilita a elaboração e construção de identidades e expressões de gênero “divergentes”. Na narrativa que segue uma CD conta:

eu sou líder de jovens da Igreja Presbiteriana e ninguém sabe que me sinto mulher. Só a minha mulher. Então, o que acontece? A minha esposa ajuda eu me montar e eu converso, geralmente com outras cross, nos mecanismos de video do Face. Ou pelo Skype. Tenho nome social no FB de mulher: Sabrina, não coloque o sobrenome por motivos óbvios (risos). Na igreja o pessoal é homofóbico sim. Aliás, transfóbico, eles não sabem a diferença (risos). Perto da igreja tem uma avenida que tem trans que fazem programa e o pessoal critica a situação. Isto me dói na alma. Então nem de longe podem imaginar que me sinto meio mulher nem que me travisto de mulher. Não sei onde isto vai dar não. Não sei se sou travesti ou trans. Hoje sou só uma cdzinha. Também tenho de preservar minha mulher e meus filhos, que são pequenos. Tenho meu perfil de mulher e meu perfil de varão.⁵⁹²

Como vemos na narrativa, o FB, assim como o Skype, é espaço de preservação de identidade de gênero “abjeta”, concomitantemente a um empoderamento e agenciamento identitário. Ao mesmo tempo, neste caso, a pessoa só se monta nestes dois espaços, temendo pela preservação própria e de sua família em relação a atos de intolerância da congregação religiosa. Para Atena L., travesti,

o motivo de eu permanecer no closet é que ali fico segura. Só saio vestida de mulher à noite para fazer programas no fim de semana. Minha família é evangélica e mesmo que não fosse, é

⁵⁹⁰ A expressão *sair do armário* ou *desarmarizar* (*come out of closet*) demonstra a *assunção* da identidade homossexual. Aqui, subverto tal sentido em relação à *assunção* da identidade trans*, qualquer que ela seja. Podemos pensar também em *voltar ao armário* ou *armarizar*, processo(s) referente(s) à pessoa t* que se assume ou reassume cis. Para uma definição mais aprofundada vá ao MD 2.0.

⁵⁹¹ A expressão pode ser utilizada para se referir a outros marcadores/rotuladores identitários, também.

⁵⁹² ATENA K., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

bastante tradicional. fãs do Feliciano, do Malafaia e do Bolsonaro, sabe? Preciso dizer mais alguma coisa? (risos)⁵⁹³

Uma mulher transexual, conta:

sou trans, não sou CD e nem travesti e nem outra coisa. Eu comecei minha hormonização, mas sou extremamente discreta. Uso roupas largas e tudo prá não sofrer discriminação na rua. Só fico fulgurante e completa na web, tanto no meu perfil do Face quanto em algum site em que posso conversar à vontade.⁵⁹⁴

O FB é assim, um híbrido de público e privado, privilegiando que a pessoa se publicize e se preserve na medida que lhe convém. *Entrar e sair* do FB se relaciona, nestes casos, a sair do armário e voltar para ele.

Além disto, a assunção pode se dar num sentido e não no outro, ou seja, a pessoa sai dum armário mas se mantém em outro:

Ah, eu uso o Facebook para minha expor identidade transgênera. Mas ao mesmo tempo, uma coisa que nunca comento é que sou uma pessoa assexuada. O que acontece? Mesmo entre as trans sofro preconceito por conta desta minha orientação sexual. Então fico na minha e não comento muito sobre sexualidade. Sou uma mulher que não se interessa por sexo. Não quero, me recuso a falar da minha sexualidade e resisto a isto.⁵⁹⁵

Assim, se sair do armário pode ser sinal de resistência ou liberdade, permanecer no mesmo também pode simbolizar a mesma coisa.

Ao mesmo tempo que o FB é ambiente de atuação libertária e transgressiva, pode ser espaço para a (re)produção de opressões, com a (re)produção de normas de gênero mais ou menos fixadas, essencialistas ou universalizantes relativas à identidade, expressão de gênero e/ou à orientação sexual (como veremos mais adiante no próximo tópico). O que parece contraditório no FB provavelmente seja o que mais lhe caracteriza como espaço polissêmico, daí o “ideal” seja não ter posições nem apocalípticas nem apologéticas em relação a esta rede social.

Sair do closet-ciborgue não é privilégio de pessoas com identidades entre-gêneros:

Sou mulher cis mas simplesmente adoro postar estas minhas fotos vestida de homem. Sou um drag king bem virtual e virtuoso (risos). É, posso dizer que minha expressão de gênero é masculina, mas minha identidade não é. Sou resolvida sendo cis, hetero e casada... mas adoro

⁵⁹³ ATENA L., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

⁵⁹⁴ ATENA M., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

⁵⁹⁵ ATENA N., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

causar no Face e atíçar minhas amigas (risos). Elas sempre dizem que querem me pegar quando estou de homem.⁵⁹⁶

As drag queens, de modo semelhante, se montam (ou *fazem drag*) em situações específicas:

Sou um homem cis gay. Meio cis e meio trans. Até existem drags que são hetero, mas são menos, eu sou gay. Eu faço drag nos eventos que me chamam e nas fotos que posto no meu perfil e na minha página. A coisa que eu mais amo é fazer drag. Me realizo sendo feminina, tanto em shows como no Face.⁵⁹⁷

Mas fica a indagação: o que significa ter uma identidade ou uma expressão de gênero divergente no FB? Tal cenário possibilitador de representações e construções identitárias ajuda a manter a clandestinidade ou a empoderar estas identidades e expressões? Ou ambas as coisas simultaneamente? Abre portas identitárias ou as fecha? Provavelmente as duas coisas. Talvez a primeira narrativa que vimos (lemos) dê pistas disso a partir da ideia de *multiperfis* no FB: “Tenho meu perfil de mulher e meu perfil de varão.”⁵⁹⁸ Aqui, parece haver a concomitante (re/des)construção identitária do feminino e do masculino. E tal coisa seria ambígua ou contraditória? Seguem as palavras de Atena K.: “para mim é bem natural. Tenho minha identidade masculina e minha identidade feminina. Não tem gente que tem várias identidades? Você não é cantor e professor ao mesmo tempo?”⁵⁹⁹ Se para Atena K. não há ambiguidade, então certamente que não há. De todo modo, os *multiperfis* performatizados no FB, com portas abertas ou fechadas, se relacionam diretamente com a ideia de identidades móveis ou em fluxo. O FB também pode ser visto como estimulador da identidade transexual (como de quaisquer outras):

sim, Du, até mês passado eu me identificava como trans não-binária. Mas agora estou me percebendo cada dia mais feminina, e me sentindo uma mulher trans, principalmente após a hormonização. O Face fez eu descobrir estas coisas. Quer dizer, as pessoas com quem eu converso no Face.⁶⁰⁰

Esta afirmação sinaliza para a pergunta: “quem tem agência para empoderar fluxos identitários de gênero? O FB ou as pessoas que frequentam o mesmo? Ou ambos? A respeito da relação máquina+human@, uma pista é dada por Haraway, comentando sobre o corpo:

⁵⁹⁶ APOLO G., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

⁵⁹⁷ ATENA O., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2013.

⁵⁹⁸ ATENA K., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁵⁹⁹ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁶⁰⁰ ATENA P., *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

é um coletivo, um artefato histórico constituído por humanos assim como por atores não humanos orgânicos e tecnológicos. Os atores são entidades que fazem coisas, produzem efeitos, constroem mundos em relação com outros atores.⁶⁰¹

Assim, tais pessoas podem ser consideradas ciborgues, dentre outras coisas, por se performatizarem imbricadas às máquinas, de maneira sócio-técnica, contradizendo binarismos (in)esperados. Tais identidades são chamadas por Haraway de inapropriadas/áveis:

ser um “outro inapropriado/ável” significa estar numa relação crítica e desconstrutiva, numa (racio) nalidade difractada mais que refratária, como formas de estabelecer conexões potentes que excedam a dominação. Ser inapropriado/ável é não encaixar a (*taxon*), estar confuso nos mapas disponíveis que especificam tipos de atores e tipos de narrativas, nem tampouco é ficar originalmente pego pela diferença. Ser inapropriado/ável não é ser moderno nem ser pós-moderno, e sim insistir no amoderno.⁶⁰²

Tais identidades ciborgues, (re)elaboradas através da ciberesfera e relacionadas aos multiperfis e demais representações identitárias vistas no FB, estimulam a pensarmos na quebra de binarismos, (des)estabilizando posições de identidades mais e/ou menos arbitrárias e/ou libertárias, como veremos no tópico seguinte, que apresenta algumas das recentes (des)legitimações e debates identitários entre pessoas entre-gêneros.

Nos multiperfis (ou nos únicos perfis), o corpo e o nome são (re/des)construções necessárias para performatizar gêneros e se (re/in)adequar aos mesmos. Entre (des/re)encaixes identitários, corpo e nome são referentes importantes para (des)cruzar fronteiras, ser percebido e reconhecido dentro do gênero de chegada (quando este existe), contradizendo o de “partida”.

Fica a indagação: a (re)elaboração identitária é feita da mesma forma nos universos online e off-line? Talvez em alguns casos, o “on” seja o que fundamenta tais performances/performatividades associadas a reposições de identidade, ainda que não consigamos rastrear as relações de tais reedificações com o “off”.

Tais dualismos são especialmente contestados pela cultura *high tech*: “não está claro quem faz e quem é feito na relação entre o humano e a máquina (...) não existe nenhuma separação

⁶⁰¹ HARAWAY, *Las promesas de los monstruos*, 1999, p. 137. No original, “es un colectivo; es un artefacto histórico constituído por humanos así como por actores no humanos orgânicos y tecnológicos. Los actores son entidades que hacen cosas, tienen efectos, construyen mundos en concatenación con otros actores”.

⁶⁰² Tradução livre. No original: “ser un “otro inapropiado/ble” significa estar en una relación crítica y deconstructiva, en una (racio) nalidad difractada más que refractaria, como formas de establecer conexiones potentes que excedan la dominación. Ser inapropiado/ ble es no encajar en la taxon, estar desubicado en los mapas disponibles que especifican tipos de actores y tipos de narrativas, pero tampoco es quedar originalmente atrapado por la diferencia. Ser inapropiado/ble no es ser moderno ni ser postmoderno, sino insistir en lo amoderno” (HARAWAY, 1999, pp. 125-126).

fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico”.⁶⁰³ Tal concepção é rica para pensar pessoas *entre-gêneros*: muitas possuem próteses e outros artefatos (que não são evidentemente exclusividade destas) que prolongam a extensão de seus corpos, proporcionando melhor qualidade de vida e fazendo com que estes sintam seus organismos mais adequados à suas identidades de gênero. Além disto, tal noção auxilia a pensar a participação de pessoas *entre-gêneros* no ciberespaço. Esta plataforma pode ser considerada continuidade de seus corpos. Ou seus corpos seriam o prolongamento de seus computadores?⁶⁰⁴ Para Tomaz Tadeu, “o ciborgue nos força a pensar não em termos de “sujeitos”, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades.” Deste modo, o mundo não seria constituído de “unidades (“sujeitos”), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem”.⁶⁰⁵

O FB é uma rede pulsante (seria também pensante?) marcada por uma (in)finitude de superposições, disjunções e complexos fluxos entre pessoas, tecnologias (humanes e não-humanas), textos, imagens, textimagens, sons e informações de todo o tipo. Ao mesmo tempo, tais elementos se entrecruzam, mediam e provocam(-se) bricolagens e outros fluxos, (re/des)constituindo (re)produções de novas e velhas identidades, identificações, expressões e representações, em meio a (des)legitimações, semelhanças e diferenças, debates e disputas.

O FB permite identificar, ainda que superficialmente, como as identidades e representações identitárias de gênero e religiosas (dentre outras) são agenciadas, (re/des)negociadas e (re/des)configuradas a partir da interação de pessoas, máquinas e informações na rede e em rede. A hipótese que fundamenta a análise é a de que o FB seja um *reprodutor* de identidades e representações.

Fechando este tópico, fiquemos com mais concepções nativas sobre o FB. Para **Atena**

o que tem de mais pernicioso no Face, é que as pessoas são divididas entre as felizes e as desgraçadas. Nossas timelines são divididas em momentos miseráveis e momentos

⁶⁰³ HARAWAY, *Las promesas de los monstruos*: una política regeneradora para otros inapropiados/ble, 2013, p. 91.

⁶⁰⁴ Evidentemente, pensar o ciberespaço como prolongamento de corpos não é exclusividade de pessoas *entre-gêneros*, mas também de cisgêneres. Kunzru comenta que “o mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” para a lata do lixo”. Tais redes, híbridas, seriam os ciborgues, que “não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam”, e lembra: “se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos nós podemos ser reconstruídos” (KUNZRU, 2013, pp. 24-25). Eliete Pereira explica que “potencializada na experiência com e no ciberespaço, a imagem do ciborgue desestabiliza esse modo estanque de se ver esses povos e (re)integra humanos, informações, componentes físicos de computadores e programas em uma rede contínua” (PEREIRA, 2012, p. 250). A autora comenta sobre a presença de indígenas (ciborgues) na internet.

⁶⁰⁵ TADEU, 2013, p. 14.

maravilhosos. O que importa é que todo mundo saiba que os dois momentos existem. Porque tem gente que usa o feices só prá se lamentar e outras só pra mostrar que sua vida de trans é um mar de rosas.⁶⁰⁶

Para “tem grupos e fanpages que institucionalizam o que é certo e errado em gênero, quem não reza a cartilha das travestis e trans dos fóruns, já viu... o pessoal fica muito tempo na frente do computador e acaba vendo ele como deus, está lá é lei agora”.

Assim, há muitas opiniões sobre o site. Para algumas pessoas trans*, este empodera identidades. Outro discurso apresenta a ideia de que o FB encarcera e manipula as identidades. Muitas controvérsias podem ser vistas no FB, como as relacionadas ao conflito entre o grupo Transgente e os grupos que pregam a fixidez identitária em tal rede. Entre *perspectivas apologéticas e apocalípticas*, o FB – terra de liberdade ou de opressão? –, pode possibilitar a elaboração identitária de pessoas t*; em alguns países oferece a possibilidade de selecionar gêneros divergentes do “convencional”; e em outros pode oprimir o gênero de tais pessoas.

Mas nem sempre o próprio FB pode ser responsabilizado por atos de inclusão ou exclusão. Estes muitas vezes são operados pel@ usuáři@s do sistema, como ocorreu no episódio de intolerância perpetrado por pessoas candomblecistas a uma mulher transexual, também candomblecista, a ex-BBB Ariadna Thalia.

⁶⁰⁶ ATENA Q., *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

Tentativas de aniquilação de Ariadna do BBB no

*FB*⁶⁰⁷

Apresento aqui algumas considerações sobre as tentativas de *aniquilação* realizadas através de comentários do FB contra a participação de transexuais e travestis em cerimônias de candomblé. Mas o que seria a *retórica da aniquilação*? Peter Berger e Thomas Luckmann denominaram *aniquilação* o uso de dicotomias para validar uma retórica de supremacia de um ser sobre o outro. Frank Usarski comenta que

tal elemento retórico surge tipicamente numa situação de competição entre 'realidades sociais' contraditórias, ou seja, quando diferentes 'concepções do mundo' se encontram e pelo menos um dos partidos sente a necessidade de defender o próprio 'universo simbólico' diante de dada alternativa.” Neste sentido, “degradando o "eles" em relação ao “nós”, a aniquilação tenta estabelecer um desnível em favor do "próprio" e em detrimento do "outro" e assim rejeitar o desafio potencial do seu competidor,⁶⁰⁸

ou utilizando as palavras de Berger e Luckmann,

a ameaça às definições sociais da realidade é neutralizada atribuindo-se um status ontológico inferior, e com isso um status cognoscitivo que não deve ser levado a sério, a todas as definições existentes fora do universo simbólico.⁶⁰⁹

Como percebemos, uma das bases da aniquilação é o binarismo. Este pode estar relacionado a distintos marcadores sociais: pensamos em cor da pele, destaca-se a dicotomia branc@/negr@ (ou indígena), que pode remeter ainda à (execrável) respectiva oposição “civilizad@” e “primitiv@”/“selvagem”/“bárbar@”. Em termos socioeconômicos, ric@ e pobre. Em termos de gênero, homem e mulher, em orientações sexuais, heterossexual e homossexual, em identidade de gênero, cisgêner@ e transgêner@, e daí por diante. Em relação a todos os marcadores descritos, costuma-se operar uma hierarquização, em que dependendo do lugar de fala, um@ é “melhor” que @ outr@. Por exemplo, “homem” é descrito/prescrito como superior à “mulher”, e aí por diante. No mesmo sentido, *religios@* costuma ser entendido como superior a *ateu/ateísta* ou *agnóstic@*, *crente* a *descrente*, *crist@o* a *pag@o*, *religião* a *seita*, etc.

⁶⁰⁷ Parte da descrição deste episódio foi encaminhada em forma de texto, denominado *A aniquilação de uma mulher transexual no Candomblé através do Facebook*, a ser publicado por Sandra Duarte de Souza em livro sobre gênero e religião que deve ser lançado entre fins de 2014 e início de 2015 – encontra-se, assim, no prelo.

⁶⁰⁸ USARSKI, *A retórica da aniquilação*. Uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição e alternativas religiosas, 2001.

⁶⁰⁹ BERGER; LUCKMANN, *A construção social da realidade*, 1985, p.155, *apud* USARSKI, 2001.

Um exemplo de tentativa de aniquilação, fundamentada no binarismo *cis X trans**, está nas reações à experiência religiosa de Ariadna Thalia, ex-BBB e ex-Playboy, autodeclarada *mulher transexual*, em cerimônias do candomblé. Em janeiro de 2013 foram publicadas na internet fotos da mesma em uma cerimônia de sua religião, o que gerou grande repercussão e polêmica, com destaque em sites, blogs e redes sociais. No FB, por exemplo, a foto foi compartilhada em diversos perfis, acompanhada de textos com teores distintos e recebendo opiniões das mais variadas. Acompanhei três destas postagens, e em todos os casos o conteúdo era fundamentalmente ofensivo à presença de transexuais e travestis em terreiros de candomblé. Tais textos, assim como a maior parte dos comentários que se seguiram, procuraram operar uma aniquilação de Ariadna e da figura de pessoas *entre-gênero* nesta religião. Abaixo reproduzo um destes *textimagens*⁶¹⁰ do FB, bem como parte dos comentários relacionados ao mesmo.

Imagem: Ariadna em cerimônia de candomblé.⁶¹¹

De início, percebemos que o autor do *textimagem* faz indagações mescladas com uma afirmação (“mesmo com a aparência (sic) feminina eles são apenas homens “operados””), demonstrando uma opinião formada. Além disto, parece desconhecer que pessoas *entre-gêneros* como travestis e mulheres transexuais costumem preferir serem identificadas e referidas a partir do artigo feminino, e não no masculino. Ao denominá-las como “apenas homens operados”, o esforço de aniquilação é operado de modo intenso nos três referentes: *apenas*, *homens*, *operados*. As demais referências masculinas complementam tal exercício de destruição da figura do outro (e na perspectiva do autor do *textimagem*, nem se pode pensar na figura *da outra*!): “um transexual

⁶¹⁰ Denomino *textimagem* este tipo de imagem postada no Facebook que é imbricada com texto, em que a mensagem é reforçada pela mescla de ambos.

⁶¹¹ *Travestis e transexuais devem ser tratados como se fossem mulheres dentro do candomblé?* A postagem, de 2013, foi feita por uma pessoa que justifica a postagem assim: “eu tirei essa foto de um site que varias fotos da obrigação da ariadna e se ela ou algum representante quiser que eu retire a foto eu vou retirar sem problemas. Ela é uma artista e tenho certeza que não há problema na imagem de uma pessoa publica (sic)”. Este comentário foi feito pelo autor após ser indagado por uma mãe-de-santo transexual sobre se Ariadna sabia do conteúdo, entendido pela mesma como transfóbico.

operado”, “um pai de santo Transexual”, “um Ogã trevesti (sic)”, “eles são apenas homens “operados”, “como se fossem MULHERES”). Se algumas destas pessoas se dizem com identidades femininas desde que se conhecem por gente, não seria possível que os orixás já estivessem cientes de tal coisa? (“o Orixá passa a ver seu filho como filha?”). (Não) é possível que tal entidade já visse esta pessoa como *filha* anteriormente às adequações estéticas da mesma à sua identidade de gênero? Não querendo responder a estas questões, uma coisa é certa: tal retórica procura operar a aniquilação desta pessoa que (ao menos supostamente) desafia preceitos da religião. Fica outra questão: teria o corpo relação com a alma, em tais concepções?

A maioria das 76 mensagens postadas após a publicação de tal *textimagem* no FB trabalham com a mesma lógica da destruição. Seleciono algumas:

Imagem: Opiniões sobre Ariadna no candomblé

Há, contudo, opiniões que demonstram a inquietação em relação a tais atitudes devastadoras – aniquiladoras – da identidade religiosa de pessoas *entre-gêneros*. Uma das poucas pessoas que rebatem tais mensagens é uma yalorixá (mãe-de-santo) autodeclarada transexual. Ela comenta que:

Imagem: Opiniões de mulher transexual yalorixá

Em uma das diversas respostas – aniquiladoras – à mesma, se afirmou que:

Imagem: Post respondendo à yalorixá

Na postagem seguinte, a yalorixá respondeu, gerando novas reações,

Imagem: Posts da yalorixá e de ataque à mesma

Ser chamada de “marmota” ou de “marmoteira” significa, sinteticamente, que a pessoa é uma fraudadora dentro da religião. Para tais pessoas, a mesma poderia, mesmo tendo a aparência feminina, ser um babalorixá, mas nunca uma yalorixá. A aniquilação desta yá se dá a partir da pecha de enganadora dentro da religião e dentro da própria sociedade, visto que a mesma seria uma espécie de homem camuflado de mulher, o que seria detectado a partir de testes de DNA ou da inexistência de um útero.

Assim, ambas as transexuais candomblecistas referidas – Ariadna e uma yalorixá – recebem diversas alusões à sua masculinidade e impossibilidade de culto (uma como frequentadora, a outra como mãe-de-santo). À respeito deste *textimagem*, Layla El Ishtar, autodefinida mulher transexual, publicou:

impressionante é ver essas religiões que surgiram de raças consideradas inferiores por uma sociedade má e hipócrita (Africano/indígena - Umbanda, Africano – Candomblé), religiões que tanto lutam por inclusão social e respeito, fazendo o caminho inverso no que diz respeito à inclusão de adeptos com orientação ou condição sexual diferente do que é considerado normal pela sociedade dita “normal”. Nesses 20 anos de vida religiosa vi muita coisa nociva acontecer dentro dessas religiões, charlatãs, mercenários da fé, ataques de outras religiões, enfim coisas que devem sim acontecer em outras religiões, mas nunca

pensei ler e participar dessa discussão sobre sexualidade em religiões que buscam o entendimento, que pregam a fraternidade e a caridade.⁶¹²

E prosseguiu:

Muitas perguntas me vêm sobre essa questão e repasso agora como meio de reflexão a todos para que esse assunto não termine sem uma resposta a travestis e transexuais que têm sua fé e direito à religião roubados por sacerdotes aprisionados a conceitos homofóbicos, transfóbicos e fundamentalistas herdados de religiões patriarcais opressoras. (...) A polêmica foi gerada por uma transexual estar usando vestes ritualísticas femininas. Até onde roupas interferem em nossos cultos? Roupas definem o caráter de alguém? Nossas Divindades dão mais importância a roupas que usamos em nossos ritos ou aos nossos valores, nossa devoção como adeptos? Sobre cargos e funções: quais seriam os critérios para a distribuição de cargos no universo trans? Cargos são definidos pelas Divindades ou pelo Sacerdote? Religiões espiritualistas que acreditam e manipulam energia vegetal, mineral etc., não deveriam levar em consideração também a energia do ser humano no que diz respeito à transexualidade? (...) Até onde esses mitos e tradições devem ser seguidos à ferro e fogo quando existem vidas envolvidas? Em religiões que combatem preconceitos, buscam inclusão social e respeito, se apegar a esses mitos que talvez tenham absorvido conceitos judaicos/cristãos também não é segregar?⁶¹³

Muitas pessoas entendem que as religiões de matriz africana e afro-brasileira como o candomblé e a umbanda sejam mais flexíveis e tolerantes em relação às pessoas enfeixadas na “sopa de letrinhas” LGBT (ou suas variações, como T*LGB, GLBT, GLS, LGBTQQIG...) – inclusive sujeitos que se identificam transexuais e travestis. Pois bem, a partir deste *textimagem* e de parte dos comentários que o seguiram, esta visão é soterrada – ou *aniquilada*.

Ainda que a aceitação de pessoas entre-gêneros em terreiros seja dependente de condições diversas, como as normas da casa, a opinião do pai ou mãe-de-santo ou do/@ orixá, e que muitas casas-de-santo aceitem tais pessoas, inclusive em cargos de liderança, é certo que a tolerância e respeito às mesmas está longe de ser algo *sine qua non*. Depende de casa para casa e de múltiplas opiniões.

E certamente, locais que se promovam como “inclusivos” demonstrem suas intolerâncias internas – bem como ambientes “excludentes” operam a inserção de sujeitos mal-quistos em outros locais (inclusive nos includentes). Tolerância e intolerância devem ser percebidas a partir de uma visão dessencializada, desnaturalizada – onde menos se espera, elas operam.

⁶¹² ISHTAR, *Identidade de Gênero X Umbanda e Candomblé*, 2013.

⁶¹³ Idem, 2013.

Podemos ampliar um pouco mais este contexto de inclusão/exclusão de pessoas t* no candomblé através das narrativas de pessoas t* candomblecistas. Um relato foi:

minha mãe biológica é também minha mãe-de-santo. Eu trabalho no terreiro da gente, que é de umbanda, mas sempre tenho de me vestir de homem. Minha mãe não permite que eu vá de mulher, pois para ela o que importa é o sexo que a pessoa nasceu.⁶¹⁴

Uma frequentadora de candomblé ketu narrou:

eu uso nome masculino – ainda – mas me sinto uma mulher transexual. Fora daqui costumo me vestir de mulher. Meu orixá é Oxóssi, e nem ele nem meu pai-de-santo permitem que eu me vista como mulher aqui no terreiro. Fico num armário. É claro que eu obedeço, mas fico triste com a situação. Sei que sou de Oxóssi, mas ao mesmo tempo, sei que o orixá quer a gente feliz.⁶¹⁵

Homem trans e candomblecista, Apolo H. falou:

hoje em dia, vou ao terreiro como homem. Mas é assim, como homem eu sou aceito como membro do terreiro, mas não conseguiria me tornar pai-de-santo nunca. Para tal, eu teria de me vestir de mulher, o que para mim seria uma afronta.⁶¹⁶

Outra história contada apresentou: “eu sou mãe-pequena do candomblé, e serei mãe-de-santo um dia, logo que abrir a minha casa. E eu sempre fui bem aceita como mulher trans, nunca tive problema e sempre fui muito bem acolhida assim.”⁶¹⁷ No mesmo sentido, “tenho 21 anos, sou trans desde o começo da adolescência, e sempre frequentei o mesmo terreiro de umbanda. Sempre fui muito bem aceita assim, e no tempo certo serei mãe-de-santo”.⁶¹⁸

Em outro sentido,

eu nasci no biológico de menino mas sempre fui menina. Meu pai-de-santo sabia disso e viu minha transição. Me conheceu com o corpo antigo. Fiz santo e a confirmação de mãe-de-santo no candomblé de keto. Nunca me operei e sou tratada normal, como mulher e como mãe-de-santo. E não participaria duma casa que não me aceitasse como eu sou. Eu ouvi falar de uma menina trans, que um irmão-de-santo viu ela nua e ela não era operada e ele entendeu então que ela era homem por possuir o pênis. Diz que ele contou pro pai-de-santo deles e ela começou a ser tratada no masculino na casa e foi obrigada a se vestir com roupa

⁶¹⁴ ATENA R., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁶¹⁵ ATENA S., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁶¹⁶ APOLO H., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁶¹⁷ ATENA T., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁶¹⁸ ATENA U., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

masculina. Hoje em dia não sei se ela está nesta casa, espero que não. Também ouvi falar duma trans que era Yalorisá mas que num terreiro foi recebida como Babalorisá.⁶¹⁹

Uma moça frequentadora do batuque ou religião africanista do Rio Grande do Sul comentou: “minha mãe-de-santo é uma mulher transex. Hoje sou mãe-pequena e em breve, mãe-de-santo. No batuque não interessa se a pessoa é trans, se é biológica, se é operada ou qualquer coisa desta. O orixá não está preocupado com estas coisas.”⁶²⁰

Para Luis Felipe Rios, a lógica da *metanidade* – ou d@s orixás *metá-metá* – seria a responsável pelo respaldo às pessoas trans* e pessoas homossexuais transitarem no terreiro:

na lógica da metanidade, utilizada indistintamente por todos os deuses, e também a sua atualização concreta, quando uma iabá baixa num homem e/ou um deus incorpora numa mulher, mudando gestualidade e modo de ser, demonstram que os trânsitos de sexo-gênero são possíveis. Homossexuais e/ou transgêneros encontram, então, respaldo sagrado para suas experiências relacionadas ao sexo, gênero e erotismo, consideradas desviantes em outros contextos.⁶²¹

Vagner Gonçalves da Silva e Raul Lody também já haviam identificado a importância no candomblé dos orixás *metá-metá* e da lógica de metanidade – por exemplo em Oxumaré e em Logun Edé – entidades ambivalentes que se aproximam ora mais do feminino, ora do masculino.⁶²² Mas ao menos pelo que parece – superficialmente falando –, tais concepções nem sempre são suficientes para que em alguns terreiros específicos desta religião determinadas pessoas trans* sejam tratadas de acordo com seu gênero de identificação e não com o “sexo e gênero biológicos”.

Estas controvérsias entre terreiros e entre adet@s a respeito de interdições acerca das expressões homossexuais – e no candomblé muitas vezes as identidades trans* são enfeixadas no guarda-chuva da homossexualidade – já haviam sido apontadas por Rios, que infere que em terreiros mais tradicionais se proíbe a raspagem de orixás femininos em cabeça de homem.⁶²³ Observamos que existem diferentes negociações relativas às (in)tolerâncias de identidades de gênero em ambientes religiosos de matriz afro e afro-brasileira. Como comentado, a (in)tolerância varia de terreiro para terreiro.⁶²⁴

⁶¹⁹ ATENA V., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011. Yalorisá: mãe-de-santo; babalorisá: pai-de-santo.

⁶²⁰ ATENA X., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁶²¹ RIOS, “*Loce loce metá rê-lê!*”: posições de gênero-erotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife, 2011, p. 288.

⁶²² SILVA; LODY, *Joãozinho da Gomeia: O lúdico e o sagrado na exaltação do candomblé*, 2002.

⁶²³ RIOS, *Em busca da tradicionalidade: geração, gênero e sexualidade no candomblé baiano-carioca*, 2004.

⁶²⁴ É válido contextualizar que há travestis praticando religiões afro-brasileira fora do Brasil, como na Argentina, por exemplo. Para Manuela Rodriguez, que estudou o tema, há intolerância social às travestis naquele país, e as

Pensando neste episódio de tentativa de aniquilação à Ariadna, me veio à mente uma frase de Hervieu-Léger, para quem “parece que vai se instalando uma espécie de tolerância tranquila em relação às crenças dos outros”.⁶²⁵ Não creio que isto ocorra em relação às trans-religiosidades brasileiras – menos ainda acerca das transgeneridades. Mas porque muitas vezes há uma tolerância maior com a religiosidade alheia, mas não com a genericidade d@ outr@? Seria gênero *mais sagrado* que a própria religião?

Fica fácil imaginar que uma das possíveis razões para a internalização da transfobia sejam os discursos escutados em alguns ambientes religiosos e/ou seculares e que relacionam identidades trans* e formas bizarras de demonização e/ou deslegitimação d@ fiel. Mas Josi e Ariadna se mantiveram firmes em suas crenças religiosas e de gênero e seguiram adiante como pessoas transgêneras (no caso de Josi, também trans-religiosa – não sei se foi o caso de Ariadna). Mas nem todas as pessoas trans* que escutam tais discursos têm desejo de persistir em suas identidades trans*. Muitas abandonam a religião, quer seja a evangélica, o candomblé (caso das duas) ou outras.

Entre *filhas de Deus* e *de santo* que por algumas pessoas são vistas/aceitas como filhas, por outras não, uma questão está em ser ou não agradável aos olhos do Sagrado e do próximo – aliás, d@ Sagrad@ e d@ próxim@. Se pessoas como Ariadna são analisadas como *desagradáveis* – e assim passíveis de aniquilação – em um dado momento, em outro podem ser vistas com “bons olhos”. Basta, por exemplo, adaptarem seu sexo-gênero para se tornarem agradáveis aos olhos daquel@s que se julgam no direito de definirem as identidades e interfaces alheias.

Laylah Felix indagou no REAPT*:

Imagem: Como resolver problemas internalizados nas religiões afro?⁶²⁶

Curiose, perguntei:

religiões de matriz afro são ambiente de inclusão. Veja em: RODRIGUEZ, *Travestis buscando axé: Gênero e sexualidade em religiões de matriz africana na Argentina*, 2013.

⁶²⁵ HERVIEU-LÉGER, *O peregrino e o convertido*, 2008, p. 44.

⁶²⁶ *Como resolver problemas internalizados nas religiões afro?*, REAPT* (FB), 6 maio 2013.

Du Meinberg Maranhão Nossa, belíssima pergunta Laylah. Poderia nos dar exemplos destes problemas (vaidade, charlatanismo, comércio)?
7 de maio às 23:26 · Curtir · 🗨️ 1

Laylah explicou:

Laylah Felix Bom, passei duas décadas vivenciando e estudando as religiões afro, e vi de perto esses problemas citados. Nos dias de hj os terreiros estão contaminados com alegorias que mais lembram carnaval que a religião no passado - vaidade. A venda de milagres é visível nas casas de santo, rituais alucinantes são inventados e vendidos por alguns 0000. Sacerdotes que transformaram a religião em seu meio de ganhar a vida - charlatanismo e comércio
7 de maio às 23:46 · Curtir

Laylah Felix Sei q isso também acontece em outras religiões, mas a coisa chegou a um absurdo que cada vez mais suja o nome da Umbanda e do Candomblé
7 de maio às 23:48 · Curtir

Observemos alguns comentários:

[Redacted] Laylah, uma coisa eu sei: isso não é problema religioso e/ou espiritual da religião ou dessas religiões... Isso é humano. Pq se todas as religiões há coisas assim e em grupos não-religiosos há coisas assim, só pode ser simplesmente humano.
8 de maio às 10:51 · Curtir · 🗨️ 3

Roberta Lima Concordo com o que foi dito por vcs... Gosto muito das religiões de matriz africana, mas as características citadas são comuns na maioria das casas de santo que conheço... por sinal, até deixei de frequentar, por não suportar mais encontrar tanta vaidade, charlatanismo, comércio, e enganação de todos os tipos...
11 de maio às 00:23 · Curtir · 🗨️ 1

Du Meinberg Maranhão E alguém já sofreu discriminação / intolerância em algum terreiro? Ou conhece casos?
11 de maio às 00:25 · Curtir · 🗨️ 1

Roberta Lima Bem, como te falei, não visito mais os terreiros, exatamente por esses motivos acima. Não lembro de nenhuma discriminação em relação a mim. Hoje já escuto alguns comentários, através de amigos, que discussões a respeito das vestimentas usadas pelas trans/ travestis, que antes eram obrigadas a usarem vestimentas masculinas para adentrar os terreiros e participarem das obrigações, isso vem mudando em algumas casas....
11 de maio às 00:33 · Curtir · 🗨️ 2

Du Meinberg Maranhão Outro dia um pai de santo me disse que não é preconceito que a travesti ou a mulher trans tenha de se vestir de homem ou receber orixá masculino... que o orixá sempre vê o modo como a pessoa nasceu, os genitais, o sexo...
11 de maio às 00:38 · Curtir · 🗨️ 2

Roberta Lima Aqui em Fortaleza, conheço muitos pais e mães de santo que pensam assim também... E pelo que sei, as pessoas se submetem, concordando com a prática do asé OU indo pra uma outra casa que o acolha de forma mais digna

11 de maio às 00:45 · Curtir · 1

Du Meinberg Maranhão Qual é a forma mais digna em sua opinião, Roberta?

11 de maio às 00:48 · Curtir · 1

Roberta Lima Acredito que ver o sujeito como ele diz, aceitar sua identidade de gênero, seu nome... e não tentar oprimir, persuadir e impor as suas próprias crenças

11 de maio às 00:52 · Curtir · 2

Laylah Felix Bom, eu acredito q Orixá sabia q um dia seu filho identificado em um gênero no nascimento, ao longo da vida se identificaria em gênero oposto, ou seja, Orixá nunca se engana quanto a identidade, personalidade ou sexualidade de um ser humano. Não frequento mais pelos problemas acima e pelo fato de não me sentir confortável em lugares onde não respeitem o gênero com o qual me identifico e talvez ser oprimida por isso. Meu Orixá sabia q eu seria livre assim, e sei que ele não me quer numa gaiola servindo a conceitos pré históricos de sacerdotes que não querem evoluir. Uma religião que viveu e ainda vive opressão, jamais deveria oprimir. Não acredito em religiões castradoras. Na verdade essa castração parte de humanos e não de Divindades.

11 de maio às 01:41 · Editado · Curtir · 1

Laylah Felix Orixá é uma Força Inteligente e Evolutiva, portanto reconhece qualquer ser humano independente de sexualidade ou redefinição sexual.

12 de abril de 2013 às 19:57 · Descurtir · 2

Ya Bárbara D'Oya como vemos o orisá ?????????????e como ele nos vê???? acredito que se nossos orisá inkices e voduns, são para serem como pais ou mães que significa fonte de vida de equilíbrio ele sabe perfeitamente quem está usando um determinado traje por curtição e quem está usando por necessidade, mulheres trans e homens trans nunca poderiam usar suas indumentárias de acordo com sexo de NASCIMENTO e sim com sexo de sofrimento rsrsrsrs desculpe a brincadeira mas a verdade é que se obrigarem uma mulher trans usar roupas masculinas (ou seja de acordo com sexo de nascimento) ela morreria de desgosto, sofrimento e depressão, agora se estes orisás são guardiões e sabem da história verdadeira eles não colocariam uma pessoa no mundo para sofrer.....eles nunca iria abandonar uma pessoa doente ex SOROS POSITIVOS "HIV" ou um HIPER TENSO ou qualquer que seja a doença.....então sendo assim entendemos que algo BIOLÓGICO aconteceu no cérebro das pessoas com TRANSEXUALISMO, não no conjunto das doenças mentais mas sim no conjunto dos distúrbios hormonais ainda na barriga da mãe, sendo assim acredito que o orisá venha para trazer paz a vida destas pessoas que já vem sofrendo desde do ÚTERO.....quem pune castiga obriga julga e condena sem deixar de ressaltar EXCLUI são os SERES HUMANOS.....os orisás não excluem não..... Gabriel Mantovani.....

7 de julho de 2013 às 00:43 · Editado · Descurtir · 2

O discurso de Laylah, que remete ao que se diz costumeiramente acerca de igrejas neopentecostais, é direcionado ao candomblé e à umbanda. Atena/Reapt D. comenta que tal coisa pode ocorrer em qualquer religião, visto ser algo da esfera d@ human@, enquanto Roberta Lima diz concordar com o exposto, e depois que indaguei acerca de discriminação ela narrou que amigos tem contado a ela que até pouco tempo travesties e trans “eram obrigadas a usarem vestimentas masculinas para adetrar os terreiros e participarem das obrigações”, mas que isto tem mudado em algumas casas.

Comentei ter escutado que o orixá sempre vê os genitais/o sexo, e Roberta contou que em Fortaleza “muitos pais e mães de santo pensam assim”, e que uma opção é a pessoa transitar à casa que a acolha de forma digna, ou seja, “aceitar sua identidade de gênero, nome, “e não tentar oprimir, persuadir e impor as suas próprias crenças”.

Em relação à concepção de que @ orixá vê o sistema sexo/corpo/gênero “de nascimento”, Laylah argumenta que “o Orixá sabia que um dia seu filho identificado em um gênero no nascimento, ao longo da vida se identificaria em gênero oposto, ou seja, Orixá nunca se engana quanto à identidade, personalidade ou sexualidade” da pessoa. Infere que seu orixá sabia que ela seria livre e não gostaria de vê-la “numa gaiola servindo a conceitos pre-históricos de sacerdotes que não querem evoluir”.

Yá Bárbara D’Oya apimenta a discussão. Para ela, o orisá sabe quem está usando vestimentas por curtição ou por conta do “sexo de sofrimento”, comparando com o “de nascimento”: para Bárbara as pessoas trans, por conta de “distúrbios hormonais ainda na barriga da mãe”, são sofridas des de o útero, sendo amparadas pelos orisás, que não excluem as pessoas trans, quem o faz são as pessoas.

As concepções acima trazem algo em comum: as entidades das religiões afro não discriminam pessoas trans* por causa de sua identidade de gênero – ao contrário dos outros seres humanos, como vimos em exemplos anteriores.

A discussão observada foi realizada no REAPT*. Mas o que seria este grupo?

REAPT*

Criei o grupo *Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans** – REAPT* em 26 de janeiro de 2013, com os objetivos de estimular discussões entre pessoas trans* sobre religiosidade, espiritualidade e ateísmo e angariar informações que me ajudassem na tese. Segue reprodução da capa do grupo, em que se destaca a publicação fixada à época em que foi copiada a imagem, referente à discussão anterior sobre a possibilidade de gênero ser considerado uma religião. @ leitor@ deve imaginar que da data em que captei as respostas até a data de leitura, novas respostas a esta postagem podem ter sido feitas.

Imagem: REAPT*

Imagem: Infos sobre o REAPT*

As imagens acima mostram a data de criação deste que é um grupo fechado, a descrição do mesmo com seus objetivos e o total de membros até novembro de 2014, 416. Até esta data, só eram aceitas pessoas que se identificavam como trans* de alguma forma, binárias e não-binárias. Na foto acima, aleatória do momento em que foi copiada, estão algumas das pessoas que ajudaram na (re/des)construção da tese: Rodrigo Alvez, Jacque Channel, Daniela Andrade, Alexya Salvador, Mariana Messias, Leticia Lanz, Karine Campanille, Neon Cunha e Atena/Reapt C. Destaco que *todas* as postagens, colocadas com pseudônimos ou com nomes e fotos, foram devidamente autorizadas. Uma das dúvidas que tive durante a seleção de assuntos do REAPT* foi se eu colocava as postagens como anônimas ou se as colocava com nome/foto d@s autor@s. A solução, mais que óbvia, foi perguntar a cada pessoa se gostaria de ser identificada com nome e foto ou se preferia que eu borrarasse nome e/ou imagem para preservar o anonimato. A maioria das respostas solicitou que a postagem fosse colocada com nome e foto devidamente identificados. Seguem os exemplos de duas respostas, de Tchaka e de Letícia:

Imagem: Respostas de Letícia e Tchaka

Para um primeiro mapeamento do grupo indaguei acerca de como as pessoas identificavam seu(s) gênero(s).

Qual é sua identidade de gênero? (escolha mais de uma opção, e inclua outras se quiser)

☐	Mulher trans				+7
☒	Pessoa trans não-binária				+5
☐	Mulher				+3
☒	Gente				+4
☒	Transgênera / transgênero				+2
☐	Homem trans				+4
☐	Transhomem				+2
☐	Homem				+3
☐	Batatinha não-binária				+2
☐	Transmulher				+1

As identidades mais referidas foram mulher trans, pessoa trans não-binária, mulher, gente, transgêner@, homem trans, transhomem, homem e transmulher. Além destas, 4 pessoas se identificaram como *batatinhas não-binárias*, graças ao site homônimo, que explica sobre identidades n-b. Outras declarações identitárias pouco conhecidas também foram referidas na sequência, como *transgente*, por conta do movimento criado por Letícia Lanz, *agêner@*, *bigêner@*, *pangêner@*, *gender fluid*, *bigênero sobreposto*, *híbrida*, *neutrois*, *epiceno-demigênero*, *demicara*, *demimoço*, *epiceno*, *gênero fluido* (por contexto, não tempo), além de variações de *entre-gêneros*, que propus anteriormente.

☐	Gênero fluido (por contexto, não tempo)	+2
☐	Andrógina / o / e / x	+2
☒	Gender fluid	+2
☒	Entre-gêneros
☐	FTM (Female to male)	+1
☐	Mulher transexual	+1
☐	Transgente
☐	Pangênera (o/e/x)
☒	Agênera (o/e/x)
☒	Gender queer
☐	Travesti
☐	Bigênero Sobreposto
☐	Híbrida
☐	Neutrois	+1
☐	Epiceno-demigênero
☐	Demicara/demimoço
☐	Demigênero
☐	Epiceno
☐	Transex
☐	Bigênero (a/e/x)
☐	Transformista	+1
☒	Entre-gêneros não binário
☒	Não tenho uma identidade de gênero definida
☐	MTF (Male to female)	+1

Imagem: Qual sua identidade de gênero?

Além da identidade generificada, me interessava saber sobre a identidade religiosa, especialmente relacionada à peregrinação ou conversão religiosa. Para tal, perguntei sobre a visita e a frequência religiosa.

Du Meinberg Maranhão

17 de abril · São Paulo

Prá vc, qual a diferença entre VISITAR e FREQUENTAR uma igreja ou religião?

[Curtir](#) · [Comentar](#)

Imagem: Qual a diferença entre visitar e frequentar?

Seguem as respostas, iniciando por Atena/Reapt C. e encerrando com Atena/Reapt A.:

eu acho que frequentar é quando vc vai lá consistentemente, regularmente. visitar é quando vc vai uma vez e nunca mais volta

17 de abril às 20:19 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

acho que frequenta também está relacionado intrinsecamente à sensação de pertencimento àquela comunidade. se em dois cultos vc já se enturmou, vc já é membro e já frequenta.

17 de abril às 20:20 · [Curtir](#) · [👍 2](#)

Patricia Augusto Eu penso que visita diz de ir sem assumir o compromisso com as práticas religiosas. Frequentar pra mim tá mais para aqueles que assumem este compromisso ainda que não estejam tão presentes nas celebrações.

17 de abril às 20:26 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Rosália Santos Para frequentar tem q pagar

18 de abril às 06:12 · [Curtir](#)

Pedro Henrique Lachowicz Visitar é apenas estar no lugar sem contexto algum, por exemplo, vou à igreja ver os afrescos ou admirar a arte barroca, mas a religiosidade não tem nenhum significado. Agora frequentá-la, seria absorver seu significado à minha ideologia.

19 de abril às 01:18 · [Descurtir](#) · [👍 3](#)

Bárbara Vergetti concordo com Pedro Henrique Lachowicz. mas gostaria de acrescentar que visitar também pode ser uma busca por uma nova experiência religiosa.

22 de abril às 02:11 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Pedro Henrique Lachowicz Verdade, esqueci desse detalhe! Obrigado pelo acréscimo Bárbara Vergetti.

22 de abril às 02:15 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Bruna Scocca Visitar é o que eu faço quando vou com minha avó na missa aos domingos, apenas para agrada-la e ouvir palavras doces de pessoas demagogas, rs. Frequentar é o que minha avó faz, dedicando seu tempo, tendo aquilo como um compromisso e encontrando o que foi buscar, energia nova, conforto espiritual, enfim se sentindo parte atuante de tudo aquilo.

22 de abril às 03:08 · [Curtir](#)

Zaine Laura Gabriel Visitar é visitar...rs... frequentar é ser parte de uma "família", é "vestir a camisa"

5 de maio às 17:04 · [Curtir](#)

Imagem: Respostas – Qual a diferença...

Visitar é “agradar a avó e ouvir palavras doces de pessoas demagogas”, para Bruna Scocca, enquanto para Atena/Reapt A., visitar não prescinde de crer ou se identificar com a pregação religiosa. Já Atena/Reapt C. entende que visitar é quando se vai a um lugar e não retorna mais, Patricia Augusto, “ir sem assumir o compromisso com as práticas religiosas”, e Pedro Henrique Lachowicz vê que visitar é estar em um local religioso sem perceber nele maior significado.

Em relação à *frequência*, para Zaine Laura Gabriel, é “vestir a camisa”, assim como para Bruna, que vê na frequência o que a avó faz, ativamente, com compromisso e buscando conforto espiritual, e para Patricia, para quem frequentar é assumir o compromisso, ainda que não se esteja tão presente nas celebrações. Pedro entende ser absorver o significado religioso, enquanto Rosália Santos é sintética: “para frequentar tem que pagar”. Atena/Reapt A. *crê* que frequentar seja feito por quem *crê* e se identifica com a religião – com o adendo de que não vale frequentar ou visitar mas não praticar os bons ensinamentos recebidos.

Tais respostas foram importantes para que conheçamos algumas das concepções religiosas de pessoas do REAPT*, o que se aprofundou nas duas enquetes seguintes. Na primeira, perguntei:

Quais igrejas ou religiões você já VISITOU?
(Adicione opções)

☒	Igreja Católica Apostólica Romana		+18
☒	Kardecismo		+14
☐	Candomblé		+8
☒	Umbanda		+1
☒	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)		+2
☒	Wicca		+3
☐	Ateísmo		+4
☒	Igreja Batista		+2
☒	Igreja Presbiteriana		...
☐	Budismo		...
☒	Congregação Cristã do Brasil		+2
☐	Hare Krishna		+2
☐	Igreja do Evangelho Quadrangular		+1
☐	Sem religião		+1
☒	A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons)		+2
☒	Assembleia de Deus
☒	Igreja Adventista do Sétimo Dia
☒	Comunidade Cidade de Refúgio
☒	Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI)
☒	Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)
☐	Santo Daime
☒	Islamismo		+1
☐	Bruxaria		+1
☐	Bruxaria Natural		+1

☐	Asatrú Vanatrú	+1
☐	Omoloko	
☐	Nova aliança	
☐	Assembléia do bom retiro	
☐	Não tenho religião, mais acredito em Deus, pra mim isso é o suficiente!!	
☐	Sagrado Coração de Thelema	
☐	Igreja Cristã Contemporânea	
☒	Igreja Cristã Evangelho Para Todos (ICEPT)	
☐	Igreja Pentecostal Deus é Amor	
☒	Caminho da Graça	
☐	Espiritualista à minha maneira	+1
☒	Igreja do Nazareno	
☒	Igreja Sara Nossa Terra	
☒	Igreja Renascer em Cristo	
☒	Igreja Bola de Neve Church	
☒	Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD)	
☐	Testemunha de Jeová	
☒	Igreja Adventista	
☐	Igreja Evangelica Luterana do Brasil	
☐	Satanismo	+1
☐	Taoísmo	
☒	Hinduísmo	
☒	Almas e Angola	
☐	Quimbanda	
☐	Umbandomblé	

Imagem: Quais igrejas ou religiões você já visitou?

Como vemos, há uma maciça presença de pessoas trans* na Igreja Católica Apostólica Romana, seguida do kardecismo e do candomblé. Outra enquete perguntava acerca das religiões que as pessoas frequentaram, apresentando resultados similares.

Quais religiões ou igrejas você já FREQUENTOU?
(Adicione opções)

Como observamos, a religião de maior adesão, segundo a enquete, foi o *kardecismo*, seguido da *Católica Romana* e mais de longe, de outras declarações, como *candomblé*, *ateísmo*, *umbanda*, *budismo*, *wicca*, *bruxaria*, *batista*, *sem religião*, *satanismo*, *Bola de Neve Church*, *Assembleia de Deus*, *bruxaria natural*, *IPDA*, *CCB*, *judaísmo* e declarações como *espiritualista à minha maneira* e *cristã / cristão, mas sem frequentar a igreja*. Assim como na enquete anterior, se as igrejas evangélicas em suas diversas vertentes fossem agregadas no termo *evangélicas*, assim como as religiões de matriz afro-brasileira, os resultados para cristianismo e para religiões afro teriam sido maiores.

☐	Igreja Evangelica Luterana do Brasil	+2
☐	Rosacruz	
☐	Gnosis	
☐	Animista. (Tradição Nativa Americana - "Religião" do Peyote e Ayahuaska)	
☐	Criei minha própria religião	+1
☐	Igreja cristã maranata	+1
☒	Caminho da Graça	
☐	Magia Negra	
☐	Igreja Sara Nossa Terra	+1
☐	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	
☐	Testemunha de Jeová	+1
☐	Santo Daime	
☐	Almas e Angola	+1
☐	Quimbanda	+1
☐	Umbandomblé	

Imagem: Quais igrejas ou religiões você já frequentou?

Algumas religiões menos conhecidas foram referidas como *umbandomblé*, mescla de umbanda e candomblé, *almas e angola*, *quimbanda*, *gnosis*, *rosacruz*, *animista* (tradição nativa americana – “religião” do peyote e ayahuasca), *santo daime*, e ainda, alguém que *criou sua própria religião*.

Como vemos, há pessoas com crenças em religiões que tem Deus como centro da devoção, e outras que são de religiões em que Deus não é o centro, além de pessoas atéias. Perguntei:

Du Meinberg Maranhão

15 de novembro · São Paulo

Prá vc Deus está vivo ou morto?

[Curtir](#) · [Comentar](#)

Imagem: Deus está vivo ou morto?

O pessoal respondeu:

Mariana Messias Nenhum dos dois, ele não existe! 😊

15 de novembro às 15:35 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Laylah Felix Ah,Dudududu

15 de novembro às 15:38 · [Curtir](#)

Carolina C De Almeida vivo

15 de novembro às 15:43 · [Curtir](#)

Giowana Cambrone Araujo Impossível estar morto se nunca viveu. Deus como causa primeira de todas as coisas, inteligência suprema, incognoscível sua natureza.

15 de novembro às 15:43 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Deus, como a entidade que é descrita nas religiões ocidentais, não está nem vivo nem morto...ele não existe. Outros deuses e divindades de outras religiões, provavelmente também não existam. Talvez exista alguma entidade muito poderosa e que possa influenciar em nossas vidas, mas não acredito que seja como qualquer ser humano tenha tentado descrever. Eu posso acreditar até em um deus, se ele for um representante de um espécie alienígena muito desenvolvida...mas nas religiões e em deuses mesquinhos, invejosos, possessivos, raivosos, preconceituosos e odiosos...não acredito na existência deles. Mas talvez o nosso Deus interno, aquele mais subjetivo...nosso sentimento de bondade, esse sim pode estar vivo. Talvez Deus e o Diabo estejam dentro de cada um de nós e sua eterna briga do bem contra o mal se dê em nossas mentes todos os dias...e se for assim, então Deus está vivo em algumas pessoas e morto em outras.

15 de novembro às 16:33 · [Editado](#) · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Rosália Santos Deus não existe...

15 de novembro às 21:21 · [Curtir](#) · [👍 1](#)

Imagens: Resposta – Deus está vivo ou morto?

Como percebemos, algumas pessoas crêem na existência divina, outras não. Para Mariana Messias, Ele não está nem morto nem vivo, já que não existe. Rosália vê, ironicamente, em Papai Noel e em Deus duas “verdades incontestáveis”, e Miguel Marques percebe nEle o universo, de modo similar ao de Giowana, para quem este é a “causa primeira de todas as coisas”. Atena/Reapt C.brinca com a situação dizendo que ela sim está viva, enquanto Atena/Reapt A. explana, dentre outras coisas, que Deus e o Diabo, como representações do bem e do mal, estão vivos dentro de algumas pessoas.

Ainda pensando no ateísmo, indaguei:

Imagem: Vc conhece alguém ateu/atéia por conta de intolerância?

Rosália respondeu:

Imagem: Respostas – Vc conhece alguém ateu/atêia por conta de intolerância?

Na concepção das pessoas que conviveram com Rosália, inclusive o cirurgião que fará sua redesignação sexual, transexualidade é considerado “erro de Deus”, o que a afastou das religiões. Na ocasião opinei que não havia nada de errado nela, como de fato não há. Atena/Reapt A. comentou que independentemente de não ser religiosa, ela tem valores éticos e morais e que, não importa se usava calças ou saias, no caso da existência de algo transcendente. Acerca de intolerância, questioneei:

Vc já sofreu preconceito, intolerância, discriminação ou violência por causa de sua identidade de gênero, em alguma igreja ou religião? Se quiser, descreva o que aconteceu na parte de baixo da enquete.

☐ SIM, já sofri preconceito, intolerância, discriminação ou violência	+3
☐ NAO, nunca sofri preconceito, intolerância, discriminação ou violência	+2
☐ Descobri que sou sexodiverso/gênerodiverso muito após ter abandonado religiões	+1
☐ Não participei de nenhuma igreja ou religião após ter iniciado minha transição	+1
☐ Sim, já fui convidada a me retirar, juntamente com uma turma na Igreja Universal
+ Adicionar uma opção...	

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

Imagem: Vc já sofreu intolerância por causa de sua identidade de gênero?

As duas alternativas da enquete eram “SIM, já sofri preconceito...”, assinalada por 6 pessoas, e “NÃO, nunca sofri preconceito...”, declarada por 5. Guilherme agregou ter descoberto ser sexodiverso/gênerodiverso após ter abandonado religiões, sendo seguido por outra pessoa, duas pessoas disseram não terem participado de religião ou igreja após a transição e Jacque Channel comentou ter sido “convidada a se retirar” da IURD – história que ela conta em entre-vida, como veremos mais adiante. Além das respostas à enquete, algumas pessoas responderam logo abaixo da mesma:

Francine Garon Não diria que seria preconceito, mas com minha orientação sexual eu era muito vigiada pelas pessoas que faziam parte do ministério. Eu já fui cantora de um ministério de louvor quando certa vez percebi que eles direcionavam muitas orações sobre minha pessoa e focalizavam muito em minha orientação sexual, achei aquilo estranho, pois não fazia mal algum, bom, até perceber que eles se incomodavam com minha forma de pensar, gesticular e até mesmo de se vestir. Pior foi quando eles me deram a entender que eu precisava me afastar do ministério de louvor para que eu pudesse me curar e também que eu não poderia continuar cantando as músicas religiosas. A partir daí não voltei mais rs...rs...rs...rs...
10 de maio às 21:34 · Curtir · 1

Imagens: Respostas – Vc já sofreu intolerância por causa de sua identidade de gênero?

Algo que escutei muitas vezes em entre-vistas era que existem muitos casos de pessoas trans* que tentaram suicídio ou conseguiram efetivamente se suicidar. Uma notícia sobre suicídio entre gays me fez pensar tal questão – bem ciente que homossexualidade não tem necessária congruência com identidades trans* – em relação a pessoas t*. Questionei:

Imagem: Religião pode aumentar risco de suicídio entre pessoas trans*?

Imagem: Respostas – Religião pode aumentar risco de suicídio entre pessoas trans*?

Daisy entende que a relação é plausível, bem como Lena Brito. Para Malena/Arthur, a religião pode atuar na hiperbolização de crises esquizofrênicas, mas também na recuperação de tais crises.

Perguntei ainda:

Imagens: Explicação para transexualidade ou travestilidade

Denise Fôdor Fernandes No Judaísmo a pessoa transexual tem origem no hermafroditismo, que explica-se espiritualmente na Torá, que, nunca houve Adam (Adão) e nem houve Chava(lê-se RRava) ou Eva, com os 02 primeiros humanos, mas, D'us criou um ser unico com os 02 sexos e 02 identidades de gênero, e então separou-os e ele chamou de Adam e ela de " Lilith" que ela se revoltou contra D'us e foi banida do Gan Eden, e depois que "ela" morreu foi enviada para o Sheol no qual se transformou num anjo contrário.

1 de junho às 19:41 · Curtir · 1

Daisy de Almeida é engraçado, mas comentando às vezes com as minhas amigas , falam que é karma de vidas passadas. Eramos mulheres más ! nossa essa conta nunca é paga ?

1 de junho às 21:59 · Curtir

Luís Guilherme Não somos inferiores às pessoas cis para transgeneridade ser castigo. 😊

2 de junho às 06:59 · Curtir

Denise Fôdor Fernandes a pessoa paga com aprendizado e lições que vem dos céus através de uma outra vida, mas ao vir à este Mundo com a identidade de gênero trocada é porque a pessoa precisa superar o anima sexual e equilibrar ao anima feminino. Uma outra explicação é em casos raros, é aquela mulher que numa outra vida só vivia presa no material e no sexo todos os dias, então, o Mundo Espiritual faz a pessoa vir num corpo masculino.

2 de junho às 09:45 · Curtir

Daisy de Almeida mas e o homen " o ser masculino " nunca paga nada ?

2 de junho às 11:38 · Curtir

Denise Fôdor Fernandes o homem ou a mulher como expliquei " não paga nada", apenas vem para esse Mundo Físico numa identidade de gênero trocada para aprender o que não aprendeu nas diversas vidas que viveu num unico gênero.

2 de junho às 11:45 · Curtir

Márcia Rocha Eu!!! Deus nos fez assim porque não aguenta mais tanta injustiça no mundo causada pelo binarismo e quer que o contestemos.

2 de junho às 16:20 · Curtir · 2

Luís Guilherme Eu não vim com gêneros trocados. Minha identidade de gênero é bemmm mais complexa que isso.

2 de junho às 16:23 · Curtir · 1

██████████ A única explicação que sei/ conheço e vivo... é que Deus nos ama... como somos, pois somos frutos dos sonhos d'Ele..... Como não amar a própria criação??

Agora o ser humano em si, usa Deus pra justificar seus preconceitos, suas manias, suas doenças..... Deus é Deus... humano é humano.

16 de outubro às 09:58 · Curtir

Imagens: Resposta – Explicação para transexualidade ou travestilidade

Diversas são as concepções das pessoas trans* do REAPT* sobre transgeneridades, o que pode apontar para o que chamarei no cenário seguinte de *teologia trans** – explicações de gente trans* sobre suas identidades. Lyah Corrêa explica que há duas vertentes de explicações acerca das identidades trans*, uma no sentido das vidas passadas e outra, do pecado ou abominação. Márcia Rocha acredita que Deus criou as pessoas trans* por não aguentar “mais tanta injustiça no mundo causada pelo binarismo e quer que o contestemos”. Apolo/Reapt A. narra que Deus ama as pessoas trans* como elas são, afinal “como não amar a própria criação?” Daisy de Almeida comenta que algumas amigas enxergam na transexualidade o karma de vidas passadas, em que eram mulheres más, e indaga “essa conta nunca é paga?” Denise Födor Fernandes narra não ser uma questão de pagamento de dívida, mas de vir com identidade trocada como forma de aprendizagem, o que contesta Luís Guilherme, que explica que transgeneridade não é castigo. A respeito das identidades trans* como pagamento de antigas dívidas, Hermafrodit@/Reapt A. declara: “ninguém paga nem deve, vida não é banco”.

Indaguei, pensando nas questões de (in)tolerância:

Du Meinberg Maranhão

29 de abril · São Paulo

Alguém já visitou ou participou de alguma igreja evangélica inclusiva LGBT? Como foi a experiência?

Curtir · Comentar

Somente uma pessoa respondeu, Zaine Laura Gabriel:

Zaine Laura Gabriel Já frequentei algumas desde 2009. No entanto, decidi viver uma vida mais espiritualizada (sem certos e errados) e menos religiosa. Por isso não frequento mais. Acredito que essas igrejas sejam como qualquer outra: excludentes, preconceituosas e pouco produtivas para o crescimento de alguém.

5 de maio às 17:06 · Descurtir · 1

Imagens: Resposta – vc conhece igrejas inclusivas?

Zaine conta que as igrejas inclusivas pelas quais passou se mostraram excludentes – algo que escutei outras vezes de pessoas trans*. A questão faz pensar: porque as igrejas que se declaram inclusivas nem sempre incluem a tod@s? Algum tempo depois Zaine me contou que estava participando de outra igreja inclusiva e agora se sentindo acolhida. Tratava-se da ICM Manancial, de Mairiporã, liderada por Alexya Salvador, a primeira mulher transexual ungida pastora no Brasil.

Esta postagem nos conecta com nosso próximo cenário, as igrejas inclusivas. Assim como o cenário do FB destaca o *REAPT** como campo central de observação, e o terceiro cenário, referente aos ministérios de recuperação – ou *conversão* – de travestis, realça a *SAL* (missão Salvação, Amor e Libertação), o próximo cenário ressaltará a *ICMSP*, filial paulistana da Igreja das Comunidades Metropolitanas.

Cenário 2 – “Jesus dá vida e liberta”: igrejas inclusivas⁶²⁷

Quem tem consciência para ter coragem / Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem / Inventa a contra-mola que resiste
*Secos e Molhados*⁶²⁸

“**E**u era da Igreja Batista. Nasci lá, fui professor de EBD e músico durante mais de dez anos. Era uma referência na igreja. Mas tinha um problema: não suportava minha figura masculina. E isso me afastava das moças. Sim, por que eu gostava das moças. Mas como não me aceitava vivia travada. Cheguei a pensar que era o dom do celibato e não era. Eu me via casada com uma moça. Primeiro eu achei que era gay pois me relacionei com um menino. Mas não era isso. Eu não entendia se era gay ou o que eu era. E não era. Era transexual. E lésbica né? Primeiro assumi prá minha mãe e meus irmãos, e aí eles apoiaram eu falar na igreja. Mas quando eu falei, o pastor me destituiu do altar. Primeiro disse que eu devia ir pro banco. Depois, como eu não me adaptei, fez a cabeça da minha família prá eu ir pruma missão que reverte a homossexualidade em heterossexualidade. Mas não funcionou. Saí de lá traumatizada, com várias síndromes e tendo que tomar remédio prá cabeça o resto da vida. Saí de lá querendo me matar. Eu não podia viver com Jesus sendo “viado” né? Aí ouvi falar desta inclusiva. Aí me disseram que Jesus veio prá dar vida e vida em abundância, que o espírito da morte ia se afastar de mim e que Jesus ia me acolher e me libertar. Aqui sou acolhida que nem gente e me descobri como sou, mulher. Que curte mulher”.⁶²⁹

A história contada demonstra alguns trânsitos: de *gênero* (da figura esperada de “homem” a mulher); provavelmente de *orientação sexual* (de gay a lésbica) e de *religião* – de uma igreja batista a uma inclusiva, passando por um ministério de conversão de homossexuais e pessoas trans*. A motivação para o fluxo religioso foi a intolerância sofrida na igreja de origem, o que nos leva à questão: como as igrejas cristãs costumam ver as pessoas trans* – ou as pessoas homossexuais, visto que geralmente (con)fundem identidade de gênero e orientação sexual/afetiva?⁶³⁰

⁶²⁷ Relembro que as agências religiosas que se denominam *igrejas inclusivas* costumam ser chamadas *igrejas inclusivas LGBT*. Entretanto, a maioria delas têm rejeitado o rótulo, visto advogarem a inclusão de todo tipo de pessoa dentro e fora da sigla LGBT.

⁶²⁸ A canção é *Primavera nos dentes* e está no primeiro álbum dos Secos e Molhados, homônimo, de 1973, disponível em sites como o Youtube. O restante da letra co(a)nta: “Quem não vacila mesmo derrotado / Quem já perdido nunca desespera / E envolto em tempestade, decepado / Entre os dentes segura a primavera”.

⁶²⁹ ATENA Y., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁶³⁰ Ainda reina a (con)fusão entre identidade de gênero e orientação sexual/afetiva, ainda que existam pessoas trans* heterossexuais, homossexuais, assexuadas, bissexuais, polisssexuais e pansexuais, assim como ocorre entre pessoas cis.

Maria das Dores Campos Machado e um coletivo de autor@s comentam que a homossexualidade é percebida nas igrejas cristãs do Rio de Janeiro a partir de alguns eixos: “opção/tendência, patologia física, distúrbios mentais, problemas familiares, possessão e pecado”, e de modo geral “os líderes religiosos dialogam com os discursos das áreas médicas e da Psicologia no processo de recomposição de suas crenças e valores”, havendo uma “articulação da perspectiva naturalista com a visão essencialista e dual de gênero em todas as configurações confessionais” ainda que existam “reações diferenciadas dos atores religiosos às transformações em curso na sociedade, com novos discursos sobre as subjetividades dos sujeitos sociais.” Para @s autor@s, “os grupos com maior dificuldade em aceitar a diversidade sexual são justamente aqueles que mantêm uma visão tradicional da inserção de homens e mulheres na sociedade e no âmbito religioso”.⁶³¹ Para Valéria Melkin Busin, de modo geral “a suposta condenação bíblica à homossexualidade se dá pela aproximação de homens com o papel reservado às mulheres”, especialmente no caso da prática do “‘papel sexual passivo’, apropriado ou determinado apenas para as mulheres”⁶³². Para @s homossexuais, haveriam três saídas para solucionar os conflitos entre identidades religiosa e sexual: a manutenção do segredo, o afastamento da religião e o trânsito religioso.⁶³³ Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira registram que as igrejas evangélicas costumam perceber @s homossexuais a partir de *ótica psicologizante*, em que tal prática é interpretada como “fruto de experiência passada marcante (negativa)” originando identidade sexual deformada, como *influência ou possessão demoníaca*, solucionada por cura e batalha espiritual, e através de *postura mais tolerante*, como no caso das evangélicas inclusivas LGBT.⁶³⁴

A resistência religiosa ao público T*LGB possibilita florescer existências permeadas por sentimentos como o de culpa, arrependimento, internalização da trans-homo-lesbo-bi-fobia, e tentativas de “conversão” à cissexualidade e cisgeneridade. Evidentemente, as agências religiosas consideradas cristãs não são as únicas a promoverem o repúdio a identidades de gênero, identidades sexuais, comportamentos e práticas sexuais consideradas heterodoxas, mas elas se enchem de relevância por serem as principais expressões religiosas no país.⁶³⁵ Ao que

⁶³¹ MACHADO, PICCOLO, ZUCCO, SIMÕES NETO, *Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro*, 2011, pp. 101-103.

⁶³² BUSIN, *Religião, sexualidades e gênero*, 2011, p. 122.

⁶³³ Idem, 2011, p. 122.

⁶³⁴ NATIVIDADE, OLIVEIRA, *Religião e intolerância à homossexualidade*. Tendências contemporâneas no Brasil, 2007, p. 287. Para os autores, as diferentes negociações entre homossexualidade e religiosidade se estendem à ICAR, que demonstra flutuações entre a rejeição da prática e a aceitação do homossexual, desde que este se mantenha celibatário (idem, 2007, p. 281) e a maior flexibilidade dos cultos afro-brasileiros em relação ao tema (ibidem, 2007, p. 265).

⁶³⁵ Os dados que parecem fundamentar estatisticamente a preferência religiosa pela ICAR e por agências classificadas como igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais estão no *Novo Mapa das Religiões* (2011), coordenado por Marcelo Néri, no *Atlas da Filiação Religiosa* (2003), e nos dados do *Censo de 2010*, visto no site

parece, a internalização da intolerância pode dar suporte para trânsitos diversos – como em direção aos ministérios de conversão de gente homossexual e gente trans*. Em outros casos, a pessoa resiste à pressão e procura manter sua fé em algum local que a acolha em sua identidade trans* – como é por vezes o caso das igrejas inclusivas LGBT. Mas o que seriam estas igrejas?

Pensando as agências religiosas⁶³⁶ no contexto dos cristianismos, temos como exemplos igrejas de matrizes católicas, protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais (dentre outras possíveis que se identifiquem como cristãs). Em todas elas há discursos mais ou menos reguladores em relação a pontos distintos, como por exemplo acerca da afetividade e sexualidade. De modo geral, as agências definidas como cristãs tem como característica um discurso que normatiza estes assuntos, dentro do eixo da concepção, casamento monogâmico, heteronormatividade e masculinismo. Há, entretanto, agências religiosas, auto-classificadas evangélicas, no Brasil e no exterior, que procuram relativizar alguns destes pontos, como por exemplo, o da homossexualidade⁶³⁷ como pecado, doença, aberração ou deformidade moral. Dentre estas, destacam-se as igrejas inclusivas LGBT.⁶³⁸

Aliás, um primeiro ponto a considerar é sobre a expressão igrejas inclusivas LGBT, como são conhecidas tais igrejas. Seria esta a mais conveniente? Ou o ideal seria apenas igrejas inclusivas? Como explica Márcio Retamero, reverendo da ICM Betel, do Rio de Janeiro,

do IBGE. Artigos como o de Antoniazzi (2004) e o de Galindo (2009) comentam e aprofundam algumas destas informações. Evidentemente, tratam-se de autodeclarações, que nem sempre têm consonância com as auto-identificações. Assim, a pessoa pode fazer parte de um culto de religião de matriz afro, por exemplo, e se declarar católico a fim de não sofrer preconceito ou discriminação, o que pode apontar para a bricolagem e/ou para o trânsito religiosos.

⁶³⁶ A expressão *agências religiosas* é utilizada para sinalizar o posicionamento das instituições religiosas dentro de um mercado religioso, como professado especialmente por pesquisador@s do chamado *paradigma de mercado religioso* (ou *das economias religiosas*). Tais agências estão envolvidas atualmente num contexto marcado pelas relações entre mídia, mercado e espetáculo, e tem se apropriado de estratégias de gerenciamento de mercado de modo consistente, o que sinalizei anteriormente como *marketing de guerra santa* (MARANHÃO F^o, 2012h, 2013a).

⁶³⁷ Em alguns casos, as transgeneridades também são ressignificadas, em outros não. Como demonstrei, nem sempre pessoas t* são acolhidas devidamente em algumas das “inclusivas”, ao menos até a data desta tese.

⁶³⁸ Acerca da ICM e de outras igrejas evangélicas inclusivas LGBT, sugiro os textos apresentados durante o 1^o Simpósio Sudeste da ABHR / 1^o Simpósio Internacional da ABHR, *Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*, especificamente do GT 14 – *Igrejas inclusivas LBTT e a luta contra a intolerância religiosa*, coordenado por Luiz Carlos Avelino de Souza e Renan Antônio Silva. São os textos: AURELIANO, Oiara da Silva. *A diferença se tornando unidade: análise dos temas da semana nos grupos de discussão na Igreja Missionária Inclusiva em Maceió*. CHIROMA, Livan. *Evangélicos e as relações de gênero na implantação de uma Igreja Inclusiva em Campinas*. GARCIA, Marina Santi Lopes; PINEZI, Ana Keila Mosca. *Espaços religiosos de inclusão e diversidade sexual: um estudo sobre uma igreja inclusiva paulistana e os elementos sagrados e profanos em torno da noção de sexualidade*. LIMA, Regiane Ap. de. *Comunidade Cristã Inclusiva: movimento LBTTIS ou pentecostal?* MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. *Igrejas Inclusivas: novo movimento religioso ou mais uma igreja cristã emergente?* SILVA, Aramis Luis. *Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo: o perfil de uma igreja inclusiva e militante*. Todos os textos são de 2013 e referenciados ao final da tese. Para uma genealogia das inclusivas LGBT de SP, CAETANO, Carlos Alberto da Silva. *“Alegrai-vos no Senhor” - a CCGSP, Comunidade Cristã Gay de São Paulo: uma experiência religiosa cristã de alteridade na heteronomia*, 2002.

Igreja Inclusiva não é Igreja Exclusiva, ou seja, Igreja Inclusiva não é uma Igreja de LGBT para LGBT. *Igreja Inclusiva de fato é aquela aberta aos seres humanos, independente do rótulo que a sociedade as impõe. Na verdade o termo “Igreja Inclusiva” é redundante* (negrito e itálico do autor).⁶³⁹

E complementa:

o chamado da “Igreja Inclusiva” não é chamado para ser a “igreja dos LGBT”, mas a igreja dos seres humanos e dos direitos humanos, derrubando os muros de separação que a sociedade cristã fundamentalista sexista, machista, heteronormativa e homofóbica insiste em construir, para, através dessa desconstrução, construirmos a esperança de uma humanidade uma e reconciliada, consigo mesmo e com Deus, conforme o ideal de Jesus Cristo.⁶⁴⁰

A “Igreja Inclusiva” está em rota de colisão com a igreja fundamentalista e tradicional, não porque assim escolhemos deliberadamente, mas porque nossa escolha em resgatar e salvaguardar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo nos coloca, automaticamente, em rota de colisão com aqueles que deturpam, maculam e pervertem o mesmo.⁶⁴¹

Procurando distinguir as igrejas inclusivas das tradicionais, narra:

se a igreja fundamentalista e tradicional é conservadora, somos igreja libertária e libertadora; se a igreja fundamentalista é sexista e machista, somos igreja onde não há “homem ou mulher, escravo ou livre”, lugar de igualdade radical entre os gêneros, abrindo mão dos extremos “machista e feminista”, escolhendo o caminho da radicalidade: “nem homem, nem mulher, mas todos UM, em Cristo Jesus”; se a igreja fundamentalista é heteronormativa e homofóbica, somos igreja cuja norma é a liberdade de ser, afirmativa na questão da orientação sexual, reconhecendo como dom de Deus a sexualidade humana e a diversidade dela como obra legítima do Criador, buscando a reconciliação e harmonia entre a sexualidade e a espiritualidade cristã.⁶⁴²

Sobre a ICM,

a Igreja da Comunidade Metropolitana é uma comunidade de fé cristã local que abre suas portas aos seres humanos, independente de sua orientação sexual, gênero, etnia, nível social, origem ou qualquer outro rótulo criado pela sociedade sexista para diferenciar pessoas umas das outras, maculando assim, o princípio de igualdade entre elas (negrito do autor).⁶⁴³

⁶³⁹ RETAMERO, *Manual de Homilética*, 2011, p. 5.

⁶⁴⁰ Idem, 2011, p. 31.

⁶⁴¹ Ibidem, 2011, p. 31.

⁶⁴² Ibidem, 2011, p. 33.

⁶⁴³ Ibidem, 2011, p. 5.

Ao que se indica, a primeira agência evangélica inclusiva a pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras foi a *MCC (Metropolitan Community Churches)*, fundada pelo reverendo Troy Perry em 1968, nos Estados Unidos. A *ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana)* é a versão brasileira da MCC.⁶⁴⁴ Retamero conta que

a Igreja Inclusiva tal como a conhecemos, nasceu na década de 60 do século passado, na cidade de Los Angeles, EUA. Nasce da necessidade urgente sentida pelo seu fundador, o Rev. Troy Perry, cuja orientação sexual homossexual encontrava na Igreja estabelecida um entrave para a realização do chamado vocacional que tinha recebido ainda quando jovem. Essa necessidade do Rev. Troy era a necessidade de muitos LGBT em toda parte do mundo. As Igrejas de então – não diferentes da grande maioria das Igrejas de agora – não eram abertas às pessoas LGBT, não as aceitavam como elas eram, forçando a mudança da orientação sexual dessas pessoas, como se isso fosse possível. Exclusões eclesiásticas eram o que se via em toda a parte. Grande parte dos LGBT do Ocidente nasce e é criado dentro destas agremiações cristãs e aprendem a amar as Escrituras Sagradas, Deus, Jesus e a Igreja. Ao crescerem e se tornarem adultos conscientes de sua orientação sexual, são praticamente obrigados a tomarem uma das posições: ou saem da Igreja porque lá não os aceitam ou se mascaram e passam a viver uma vida dúbia, cheia de sofrimento por não poderem ser quem é. Ambas as alternativas geram sofrimento e dor na pessoa LGBT. Existe uma terceira via apresentada pela Igreja Tradicional às pessoas LGBT: os programas de “reorientação sexual”. Tais programas visam mudar a orientação sexual das pessoas LGBT tornando-as heterossexuais, pois a norma, ou seja, a maneira correta de ser, segundo a sociedade, é ser heterossexual. A isso damos o nome de **heteronormatividade**, o conjunto de valores e visões de mundo baseados na orientação heterossexual. Não existia, pois, alternativa para a comunidade LGBT do Ocidente no que se dizia a respeito de ser LGBT e cristão(ã). Não havia espaço dentro da Igreja Tradicional para essas pessoas (negrito do autor).⁶⁴⁵

Diante disso, depois de uma profunda crise existencial, Troy Perry reúne doze amigos e amigas na sala de estar de sua residência em Los Angeles e dá início no que a História ainda reconhecerá como a Segunda Reforma Protestante: nasce a Igreja da Comunidade Metropolitana, uma Igreja Inclusiva, que em tempo recorde, ganhará os EUA de norte a sul,

⁶⁴⁴ Sobre a ICM, ainda refiro: WEISS, *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*, 2012; além de MARANHÃO Fº, “Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica, 2011b; MARANHÃO Fº, “Jesus me ama no dark room e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana) (2011c) e “Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”. Entrevista sobre gênero e sexualidade com Cristiano Valério, reverendo da ICM (2012j).

⁶⁴⁵ RETAMERO, 2011, p. 4.

de leste a oeste, atravessará os oceanos da Terra da Europa à Ásia, da Austrália à África, até ancorar, no início do século 21 no maior país da América Latina, o Brasil.⁶⁴⁶

Reforça que

portanto, a Igreja da Comunidade Metropolitana nasce de uma necessidade existencial de pessoas que são excluídas não apenas da Igreja Cristã, mas da norma social. É uma Igreja cuja marca é a inclusão de excluídos (as) na comunidade de fé cristã, notadamente as pessoas LGBT. Com o passar do tempo, com o crescimento e desenvolvimento da Igreja da Comunidade Metropolitana ao redor da Terra, não somente as pessoas LGBT, mas seus familiares, amigos, amigas e aliados (as) foram se achegando à comunidade de fé, bem como as pessoas heterossexuais que não mais aceitavam e compreendiam as práticas das Igrejas Tradicionais e seu modo de ler, interpretar e ensinar as Escrituras Sagradas dos cristãos (ãs).⁶⁴⁷

Retamero apresenta os objetivos da Igreja Inclusiva:

A Igreja Inclusiva tem como principal objetivo, tal qual Jesus e seus seguidores, **incluir as pessoas na comunidade de fé. Contudo, esta inclusão vai além**. Ao curar pessoas cujas dificuldades existenciais e reais as impediam de viver uma vida plena (espiritual, social, laboral), o ministério de Cristo e da Igreja de Cristo as incluía na sociedade nas quais viviam. Cegos, surdos-mudos, hemorroísta, coxos e mancos, deprimidos, viúvas e órfãos, pessoas mortas que ressuscitaram, eunucos, estrangeiros etc. todas elas não estavam apenas excluídas da religião, da comunidade de fé, mas também das estruturas econômicas e sociais da sociedade de então. Portanto, ao agirem assim, Cristo e seus seguidores, ou seja, a Igreja, incluía as pessoas nas estruturas sociais, dando-lhes dignidade na existência. **Inclusão espiritual religiosa também é inclusão social** (negrito do autor).⁶⁴⁸

E aqui temos o segundo objetivo da Igreja Inclusiva: incluir as pessoas nas estruturas da sociedade, outorgando –lhes dignidade na existência. João Calvino, o Pai da Reforma Protestante, nos ensina isso com outras palavras. **Calvino ensinava que a Igreja, a comunidade de fé cristã, é a consciência do Estado**. A Igreja é a consciência da sociedade. A Igreja proclama o reinado de Deus, lugar em que todas as pessoas são iguais, com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Ao proclamar a soberania de Deus sobre as estruturas injustas da sociedade, a Igreja entra em rota de colisão com tais estruturas quando essas não promovem a igualdade, a liberdade e a fraternidade entre as pessoas humanas. A Igreja e a sua proclamação evangélica exigem da sociedade dignidade para todas as pessoas. **Nisto consiste seu chamado profético**. Assim sendo, **Igreja Inclusiva é aquela que inclui as pessoas humanas na comunidade de fé cristã e as inclui também nas estruturas**

⁶⁴⁶ Idem, 2011, p. 4.

⁶⁴⁷ Ibidem, 2011, p. 5.

⁶⁴⁸ Ibidem, 2011, p. 6.

sociais de seu tempo, denunciando, através do seu chamado profético, as estruturas proféticas injustas da sociedade. A Igreja Inclusiva sempre se coloca ao lado dos excluídos/oprimidos, contra os opressores. A Igreja Inclusiva questiona a norma se ela é usada para a exclusão de pessoas humanas. **No nosso caso, questionamos a heteronormatividade da nossa sociedade, pois ela exclui os que não são heterossexuais,** buscando, dessa maneira, uma sociedade inclusiva, justa, fraterna e libertária. (...) A Igreja da Comunidade Metropolitana é conhecida onde quer que esteja como a **Igreja dos Direitos Humanos.** (...) Que se diga de nós hoje o que disseram na cidade de Tessalônica dos cristãos e cristãs que lá chegaram, conforme nos relata Lucas nos Atos dos Apóstolos: **“Estes são os que andaram revolucionando o mundo inteiro. Agora estão também aqui”(At 17.6)** (negrito do autor).⁶⁴⁹

As igrejas inclusivas tiveram início em São Paulo através de iniciativas como a *Igreja Acalanto* (2002-2004), que ao ser extinta deu origem a três comunidades cujos fundadores eram membros desta igreja. São a *ICEPT* (Igreja Evangélica Para Todos), fundada em 2004 em São Paulo pela pastora Indira Valença, a *CCNEI* (Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional), inaugurada em 2004, em São Paulo, pelo pastor Justino Luis e a *ICM* (Igreja da Comunidade Metropolitana), que em 2004 começou como Grupo de Implantação e foi oficializada como igreja em 2006, em São Paulo, pelo reverendo Cristiano Valério, também chamado de Rev Cris.

Destaco aqui a ICMSP por ser a igreja em que conheci Josi, cuja narrativa deu origem a esta tese. Existiram diversas tentativas de implantação da ICMSP. Uma delas surgiu da iniciativa de Kim Ferreira, ex-pastor da Renascer em Cristo e ex-líder da CCNEI. Mas foi Valério quem conseguiu que a mesma fosse reconhecida, em 2004, como um Grupo de Implantação, e em 2006, oficializada como igreja pela FU-ICM. Valério explicou que

se iniciou um grupo de implantação das ICMs no Brasil. Em 2006 recebemos a visita da reverenda bispa Darlene Gardner, que é a bispa responsável pela América Latina, definindo um grupo de implantação de igrejas em São Paulo. Soubemos que há mais de dez anos já tinha havido um grupo que tentara abrir ICM em São Paulo, mas sem sucesso dado a barreiras culturais e de comunicação. Começamos a nos reunir na sala de minha casa. Estas reuniões de implantação não eram cultos, eram reuniões de partilha, estudo bíblico e da teologia inclusiva da ICM. Passada a fase de implantação, tornamo-nos uma missão da igreja, com celebração da eucaristia. Depois que a missão se consolidou em grupos de ação social, de militância LGBT e ministérios, através dos relatórios enviados à Região, fomos recomendados então ao Conselho de Bispos que nos reconheceu como igreja estabelecida.⁶⁵⁰

⁶⁴⁹ Ibidem, 2011, pp. 6-7.

⁶⁵⁰ VALÉRIO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

Posteriormente, surgiram outras igrejas inclusivas em São Paulo, como a *Igreja Apostólica Nova Geração em Cristo*, dissidência da Para Todos, fundada em 2010 em São Paulo pela pastora Andréa Gomes. Assim como as anteriores, ela se situa no bairro de Santa Cecília, nas proximidades da Av. Amaral Gurgel. A agência inclusiva que mais tem apontado crescimento é a *Comunidade Cidade de Refúgio (CCR)*, inaugurada em 2011 em São Paulo pela missionária Lanna Holder (que anteriormente fôra líder de ministério de reversão da homossexualidade) e a pastora Rosania Rocha, com sede na Av. São João, e com filiais em outras cidades (o que também ocorre com a ICM, ICEPT, CCNEI).

Outras agências têm se constituído, como o *Movimento Fonte de Justiça*, fundado em 2011, em São Paulo, pelo pastor Kim Ferreira, ex-líder da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, da ICM e da CCNEI, situada até fins de 2011 em espaço concedido pelo casarão Brasil, ONG de apoio aos homossexuais na Rua Frei Caneca, e atualmente, segundo o mesmo, em processo de reformulação, e a *Reunião Apostólica Cristã Amanhecer*, inaugurada em janeiro de 2012, por membros de inclusivas como a Para Todos, constituída por reuniões caseiras aos sábados à noite no prédio apelidado “Redondo”, na Av. Ipiranga, 81 (que costuma abrigar número considerável de mulheres e travestis que vivem da prostituição),⁶⁵¹ e por reuniões aos domingos, pela manhã, no Parque do Ibirapuera, também em São Paulo. Segundo seus líderes me comentaram em abril de 2012, o grupo também está em processo de reformulação - o que pode apontar para a pouca solidez de alguns destes grupos. Todas estas agências se situam no centro de São Paulo, em locais onde há grande contingente de público T*LGB, em uma área tradicionalmente chamada de *Triângulo Rosa*. Mas provavelmente existam outras igrejas inclusivas fora deste eixo – além da filial paulistana da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), fundada em 2012 no Tatuapé.⁶⁵²

Mas como as chamadas *inclusivas* costumam ser vistas por outras igrejas evangélicas? Dentre várias formas possíveis, num contexto de inclusão/exclusão, não só pessoas como agências religiosas podem ser discriminadas. Correndo o risco de descontextualizar a consideração de Silas Guerriero, o mesmo entende, sobre os *NMR (Novos Movimentos Religiosos)*, que

para a sociedade brasileira, as novas religiões nunca se configuram como ameaça e, salvo algumas exceções, o campo foi marcado por uma ampla tolerância. Os estudiosos das novas religiões não se preocuparam, portanto, com possíveis facetas das seitas ou cultos como

⁶⁵¹ Como já indicado, residi durante o ano de 2012 neste edifício, o que possibilitou que eu convivesse e conversasse com diversas moças t* que trabalhavam como garotas de programas.

⁶⁵² Acerca desta igreja, sugiro a tese de Marcelo Natividade, *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*, de 2008, além dos artigos *A homossexualidade como pecado ou como bênção divina: entre discursos hegemônicos, mediações e dissidências*, de 2012, e *(Homos)sexualidades, poder e religião no Brasil*, 2013.

ameaças à integridade das famílias, nem mesmo com as implicações legais decorrentes da cooptação de jovens e possíveis lavagens cerebrais praticadas por esses novos grupos.⁶⁵³

Será mesmo assim? Uma pessoa que professar um NMR como talvez possa ser considerado o conjunto das agências evangélicas que se denominam *inclusivas LGBT*, não sofreriam de intolerância por parte de outras denominações também denominadas cristãs? Escutei:

eu sou pastor evangélico, e prá mim está errado este negócio de igrejas inclusivas. Eu sou da linha das igrejas exclusivas (risos). Efeminados não entrarão no reino de Deus. Mas podem virar hetero de novo, não é? E isto vale prá religiões do batuque, bruxaria, etc.⁶⁵⁴

Outr@ pastor@ evangélic@ narrou assim: “eu sei que há travestis em uma ou outra igreja GLS, duas abominações a Deus, tanto travestis, que são gays ao extremo, como estas igrejas que surgiram pros homossexuais”⁶⁵⁵.

Tal narrativa mostra que movimentos religiosos – “novos” ou não – mas acolhedores de pessoas homossexuais e transgêneras costumam sofrer resistência por parte de religios@s de outras denominações, especialmente das que se declaram cristãs.⁶⁵⁶ Um@ líder católic@, homossexual, assim definiu as inclusivas brasileiras: “as igrejas inclusivas do Brasil não tem teologia nenhuma. Infelizmente são um agregado de homossexuais que gostam de Jesus mas não tem base teológica nenhuma”.⁶⁵⁷

Mas para além de serem grupos que *curtem e compartilham* Jesus, as igrejas inclusivas têm ou não teologias específicas? Vejamos primeiro a *entre-vista ponto zero* desta tese, feita em julho de 2010 com Rev Cris.

⁶⁵³ GUERRIERO, *Novos movimentos religiosos*, o quadro brasileiro, 2006, p. 87.

⁶⁵⁴ PASTOR@ EVANGÉLIC@ A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁶⁵⁵ PASTOR@ EVANGÉLIC@ B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2013.

⁶⁵⁶ Acerca da homofobia/lesbofobia nas igrejas, dentre outr@s, leia MACHADO, *Conversão religiosa e opção pela heterossexualidade*, 1998, FONTES, *Homossexualidade e religião: questões de gênero e orientação na pós-modernidade*, 2008, e a tese de Valéria Melkin Busin, *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas*, de 2008.

⁶⁵⁷ LÍDER CATÓLIC@, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

“Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”

A entre-vista com Rev Cris marcou o início de uma rede que conduziu à Josi, cuja narrativa deu origem à tese. A entre-vista com o reverendo que fundou a ICMSP ocorreu em 22 de julho de 2010. Nesta ele comenta sobre como a igreja vê assuntos como identidade de gênero e sexualidade, sinalizando para a teologia em (des)construção da mesma.⁶⁵⁸

Gosto que me chamem de Cris, porque a empregada de casa se chama Cristina, então quando o meu companheiro Ney chama ‘Cris’ os dois falam ‘oi!’, então Cris é ótimo porque não define nada! Mas na igreja também tem gente que me chama carinhosamente de ‘Rev Cris’.

A ICM procura desconstruir algumas estratégias opressoras de nossas irmãs igrejas cristãs. Por exemplo, alguns termos são usados como ferramentas de poder para classificar, subjugar os indivíduos. Esta terminologia é continuamente desconstruída à medida que a pessoa começa a conviver com a comunidade.

Dia destes alguém me ligou e perguntou: “Reverendo, gostaria de saber se vocês aceitam um membro que é promíscuo”, e eu respondi que sim, que promiscuidade é algo subjetivo, que para mim este era um termo usado muitas vezes para desqualificar e diminuir alguns indivíduos. Em seguida respondi que costumo classificar o promíscuo assim: é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso, e inveja é pecado. Prá gente sexo é uma benção de Deus maravilhosa, e deve ser feito sem moderação. Mas deve ser feito com todo o cuidado, respeito e responsabilidade.

E esta é a diferença da ICM para a maioria das igrejas tradicionais, inclusive as demais igrejas inclusivas. As demais igrejas inclusivas reproduzem o mesmo discurso das igrejas pentecostais. A diferença delas é acolher o público LGBT, mas questões como castidade tem atenção como nas demais pentecostais. Muda-se o estereótipo mas os princípios e fundamentos são os mesmos. E a relação de poder é bem presente, pois há a disciplinarização. Transou antes do casamento, ‘fica de banco’. Reproduz também algo

⁶⁵⁸ Esta entre-vista foi publicada anteriormente: MARANHÃO F^o, ‘Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso’ Entrevista sobre gênero e sexualidade com Cristiano Valério, reverendo da ICM, 2012, e um fragmento desta em: MARANHÃO F^o, “Jesus me ama no dark room e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM, 2011.

frequente nas igrejas evangélicas: não importa tanto o que você fez, mas se os outros souberam o que você fez.

O problema das igrejas não é o pecado, pois todos pecam, mas sim a hipocrisia, nos posicionar como superiores aos outros. E a preguiça e acomodamento: devemos procurar melhorar um pouquinho a cada dia. Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus. Nada me habilita a julgar os outros. Mas os cristãos reproduzem o discurso codificado e acham que muitas de suas normas estão na Bíblia, e não estão.

A ICM de São Paulo é uma comunidade nascente, que ainda vai completar quatro anos. Temos travestis membros da igreja mas ainda não temos um trabalho específico com travestis que se prostituem. Mas temos um modo de lidar com elas. Outro dia passei com um amigo pela Amaral Gurgel e ele comentou que achava nojento elas fazerem daquilo seu ganha-pão. Em seguida perguntei quantas travestis lavavam a roupa dele, faziam a leitura do consumo de energia ou trabalhavam em companhias de gás, escolas, postos médicos.

E completei: um dia que derem emprego às travestis elas saem das ruas. Elas não tem opção e encontram na rua sua maneira de subsistência. E estas pessoas deveriam ser mais acolhidas e amadas que apedrejadas. Um trabalho fantástico de capacitação profissional é feito pela Irina do CRD, que qualifica estas mulheres para o mercado de trabalho. Mas ainda assim, o maior problema é que não se dá oportunidades a elas. Eu sonho em um dia ter uma casa que acolha pessoas em situação de extrema vulnerabilidade, há muitas pessoas que estão dormindo nas ruas, e muitos idosos. Vocês já viram gays idosos? Eles ficam invisíveis. Passou dos 50, é muito difícil. Não há um asilo que acolha estes travestis com idade avançada. Antes de eu ficar idoso eu sonho que a ICM tenha um lugar de acolhimento físico onde possamos contar nossas histórias, onde tenha uma cadeira de balanço e um lugar para colocar a dentadura. Claro, um local ligado a um hospital. E eu espero que tenha um bofe bem musculoso prá empurrar a cadeira de rodas, que vai ter um cilindro de oxigênio atrás e aquilo é pesado prá caramba.

Hoje temos iniciativas de membros da comunidade, no sentido de visitar, assistir e acompanhar mensalmente algumas pessoas, principalmente pessoas que convivem com HIV/Aids. Acompanhamos pessoas no Emílio Ribas e no trabalho feito pela Irina no CRD porque eu sou do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual, isto através da CADS, que é a Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual, eu e o Dário, que é diácono da comunidade. E quando há membros da comunidade em situação de doença, fazemos visitas. Quando precisamos de alimentos, a igreja se quotiza e ajuda.

Aqui na igreja podem observar que nos banheiros tem cartazes sobre combate à doenças venéreas e Aids, aqui na frente temos folderes e folhetos que estimulam este cuidado. Na ICM termos como santidade, cura e libertação são trabalhados de modo intenso. Veja o

exemplo do termo santo. A igreja de Corinto, que se situava nesta cidade portuária recebia constantes manifestações de sincretismo e tinha muitos conflitos entre os fiéis, e era a igreja que mais dava trabalho a Pedro e a Paulo. Quando Paulo se dirige a eles em suas epístolas, mesmo eles tendo tais problemas doutrinários e de disputas, os chama de santos. Outro exemplo, em Hebreus 11, quando há a galeria da fé com homens e mulheres considerados santos pelo seu exemplo de dedicação e probidade, há pessoas que não teriam currículo para frequentar algumas das igrejas fundamentalistas brasileiras. Um destes personagens é Noé, que em um episódio relatado em Gênesis tomou um pileque de vinho, ficou pelado com aquilo pendurado e desfilou na frente da sua família, envergonhando aos seus. E ele é o protótipo da nova humanidade. Davi é outro, rei enaltecido como o homem segundo o coração de Deus, mas que mandou matar Urias, esposo de Bat-Seba para acobertar seu adultério com esta. Assim, santidade tem muito pouco a ver com a ausência de falhas e defeitos, ou de pecados.

Aliás, as falhas e defeitos são parte importante de nosso crescimento, pois ao causar dor temos a oportunidade da superação. Não entendemos santidade como ausência de falhas e pecados, mesmo porque, quem seriam santos, as pedras? Ainda há a tendência de se pensar que pecado é sexo. Que sexo não só atenta contra a santidade como em algumas igrejas castidade é sinônimo de santidade. Tudo o que você faz com a genitália é pecado. O que você fizer com os olhos, com as mãos, com a boca, se relacionam a pecados leves. Aliás com a boca não, a menos que a boca não esteja na genitália!

Outro termo que procuramos desconstruir é o da libertação. Eu costumo dizer que libertação não é troca de algemas. Outro dia me chegou um rapaz dando um testemunho dizendo “eu bebia, eu fumava, eu transava, eu ia no baile, eu dançava, eu jogava bola”, e continuava, “agora tou na igreja, Jesus me libertou, e a tou me dedicando totalmente à obra da igreja, eu evangelizo constantemente (o que quer dizer que ele irrita todos os seus colegas, se considera melhor que os outros e sua vida é fazer proselitismo).” Isto pra mim é troca de algemas. Isto não é ser liberto.

O cristianismo tem de te tornar uma pessoa mais amável e menos julgadora, e não amarga e supervaidosa. Dentro de nossa fé libertação se associa a ser livre de fato. Assim, “se o filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”, e sou livre para não julgar os outros, para não ter a religião como instrumento de pressão e opressão ou para legitimar minha posição.

É compreender que menos é sempre mais, e que não precisamos disputar nada com ninguém. Em nossa teologia não dividimos pessoas entre pecadores e não pecadores. A única divisão possível neste mundo é entre pecadores que se reconhecessem como tal e pecadores que se acham melhores que os outros, e a hipocrisia é um pecado muito grave.

Quando nos vemos como pecadores, não podemos ficar julgando o próximo, o único passo

que damos é amá-lo, respeitá-lo, aconselhando quando necessário, mas nunca colocando a pessoa em posição de inferioridade.

Sobre a normatização da afetividade e sexualidade na ICM, argumentou:

As pessoas vêm com suas características pessoais, religiosas e culturais, impressas pelas expectativas sociais. Assim, quando você é solteiro se pergunta ‘e aí, quando vai namorar?’, quando tá namorando ‘quando vai noivar’, depois ‘e aí, já casou?’, em seguida, ‘e o primeiro filho, quando vem?’, depois ‘então, mas vai parar só neste?’. Aí os filhos crescem e perguntam ‘e aí, seu filho já tá namorando?’. É uma eterna cobrança. Não conseguimos responder à estas expectativas. Aqui na ICM nós não temos nenhuma norma de conduta em relação a estas coisas. O máximo que temos são conselhos amorosos, ‘conselhos Becel’, aquela coisa ‘do coração’.

Quando atendemos o casal no gabinete pastoral falamos ‘queridos, parabéns! Aproveitem, esta é uma fase gostosa de se conhecer e namorar, blá, blá blá, mas usem com total responsabilidade esta liberdade que vocês tem, que Deus abençoe’; e no final a gente enche a mão dos dois de preservativos. Se for um casal hetero, também. Fazemos uma oração, damos um beijo e o casal vai embora, muito feliz. Nós nunca fazemos intervenções que não foram solicitadas. O relacionamento entre duas pessoas é sempre íntimo, é um contrato que se estabelecem entre as duas. Elas são pessoas únicas e especiais e tem a liberdade de se conhecerem e fazerem desta relação única e especial, e não precisam corresponder a expectativas de modelo social algum. As pessoas tem a liberdade de construir isto sozinho.

Acerca das bênçãos matrimoniais,

A igreja celebra um rito, quando o casal já está junto há algum tempo e já moram juntos e tal, que é a celebração de benção de união, ou casamento. Na ICM aconselha-se a não celebrar a união de pessoas que não tiveram ainda uma relação sexual ou que não vivam juntas. Pode ter algum reverendo que celebre, mas eu não conheço nenhum da ICM. Eu, se algum casal chegar e disser ‘ah, a gente ainda é virgem’, eu vou querer saber de que planeta eles vieram ou se tem algum problema de saúde. Como estão assumindo um compromisso, como se dará a manutenção disto depois? Só celebramos o rito para pessoas que estão bastante satisfeitas na cama. Não que isto seja tudo, mas é 79%. Eu já vi relações sobreviverem à crise financeira, doença e tudo o mais, mas é mais difícil quando não há sintonia na cama.

No rito de celebração de união não se jura que estarão juntos até que a morte os separe, pois isto depende muito de fatores que não se pode controlar. Se diz que ‘desejo de todo meu coração amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza’. Afinal, quando assinamos um contrato devemos conhecer bem o que está escrito e cumprir os votos que fazemos. Aqui o casamento é a celebração de uma união já bem consolidada. E tem de estar juntos pelo amor

e não pelo contrato assinado com testemunhas. Casal que se conhece há um ano não celebra a benção de união. Tem de ter comido bons quilos de sal juntos. A ICM já fez sim celebração de casais heterossexuais, mesmo porque há muitos casais que por serem divorciados, por exemplo, não podem se casar novamente em algumas igrejas, bem como casais que já tiveram relações sexuais antes do casamento.

Valério explicou sobre como a ICM trabalha a questão da identidade de gênero:

Em atividades em que se costuma separar homens e mulheres, nós separamos pessoas que se identificam como homens e pessoas que se identificam como mulheres. Até porque o estereótipo não vai trazer muita informação. Quando chega à igreja uma pessoa que visivelmente parece uma mulher, mas você percebe que é homem, o que ocorre com alguns travestis, costumamos perguntar ‘como você gostaria de ser chamado’. Apresento prá todo mundo como ‘a fulana’ ou ‘o fulano de tal’. Mas já tivemos casos de travestis que chegam e falam ‘meu nome é Paulo’. Aí dizemos ‘ah, bem vindo Paulo, vou te apresentar ao pessoal: queridos, este aqui é o Paulo’. Mas isto pode mudar, depois de um tempo ele pode chegar e dizer ‘ah, sabe que na verdade eu me sinto mais Paula do que Paulo’, ou ‘eu tive uma noite maravilhosa e acordei Paula’, e aí a gente atualiza o cadastro! Nome: Paula. E se a pessoa for batizada na igreja ela será batizada como Paula, apresentada e respeitada como Paula.

Quanto ao batismo nós costumamos não rebatizar a pessoa se ela já foi batizada numa igreja cristã, católica ou evangélica. Mas a gente respeita a fé da pessoa. Se a pessoa diz ‘eu fui batizada na igreja evangélica Florzinha de Jesus’, ou ‘Cuspe de Cristo’, que aliás existem, mas quiserem muito ser rebatizadas tudo bem.

A coisa do gênero a gente entende que é a maneira como a pessoa se identifica, como ela se vê. É importantíssimo a gente compreender a respeito da questão das transexuais. Porque a transexualidade é uma experiência como você acordar e ir fazer xixi, e na hora que abaixa tem um negócio pendurado lá. A pessoa pensa ‘como eu posso viver com isto?’ Se eu sou mulher como faço com esta anomalia em mim? Daí os casos de depressão, de automutilação, e é por isto que a cirurgia é uma cirurgia de adequação sexual, de adaptar o corpo à pessoa ao que ela é de fato. Imagina só o transexual masculino, um irmão que nasce com o corpo feminino, vendo crescer seios, e não conseguir conviver com aquilo, ver um corpo que ele não consegue aceitar e conviver, é uma tortura e violência muito grande. E as pessoas precisam ser muito amadas, de ter sua dor um pouco amenizada.

Eu pessoalmente entendo que o preconceito contra a comunidade LGBT se dá com a questão da condição de gênero. Por exemplo, um indivíduo heterossexual que escolhe uma profissão como a de cabeleireiro ou cozinheiro, ou outra dita como feminina, será provavelmente taxado de homossexual e vítima de preconceito. Não pelo que ele faz entre

quatro paredes mas dentro de uma questão de construção de gênero, de relação de poder, de machismo. Uma mulher heterossexual que goste de jogar futebol ainda hoje pode ser vítima de preconceito. Não porque seja lésbica, mas por conta de uma questão de gênero, pelo que ela representa. A relação de poder que existe dentro dum microuniverso como o cárcere dá uma boa ideia disto: os presidiários que subjugam os mais novos ou mais fracos os estupram ou curram para “rebaixá-los” à condição de mulher, os humilham ao lhes dar atividades “femininas” para fazer, como faxina, por exemplo. E como inseridos numa sociedade impregnada disto, nós somos machistas, sexistas e homofóbicos.

Nós na ICM também temos preconceito, mas procuramos lidar com eles. Não podemos deixar com que os preconceitos se tornem intolerância ou violência. A ICM não é uma igreja sem preconceitos, mas de luta contra a intolerância, a discriminação e a violência.

Ninguém tem sua atenção chamada por ter ido a uma festa, a uma balada, ter bebido ou conhecido alguém e ter ido prá cama com ela. Aqui na ICM não. Mas nós chamamos a atenção de alguém em um caso: se esta pessoa trata a outra mal ou passa alguma ideia preconceituosa. Todas as nossas intervenções são no sentido de receber bem todas as pessoas e combater o preconceito. Nós chamamos isto de processo de libertação. À medida que a pessoa caminha ela vai se libertando destes pré-conceitos e seguindo adiante. Eu entendo bem como é a questão do preconceito porque sou gay, caipira, preto e de uma família super humilde, meu pai era metalúrgico do interiorzão de São Paulo. A rua da minha casa foi calçada depois que eu saí de lá. A hora que eu saí calçaram a rua. E até na igreja rola preconceito às vezes. Em relação ao preconceito com a ICM, isto é comum acontecer. Sofremos preconceito de igrejas evangélicas sim, e às vezes até de comunidades que também acolhem homossexuais, que são inclusivas pero no mucho, que reproduzem o discurso opressor das igrejas fundamentalistas: ‘a gente aceita gay, desde que...’, e tem restrições, como poder namorar mas não fazer sexo, ou ter de se converter para frequentar. Algo assim: ‘queremos dizer querido que aqui não somos como lá (lendo-se a ICM). Nós aqui somos contra a promiscuidade’. Dizem que somos liberais, ou o ‘caminho da porta larga’, então a gente brinca com estas coisas.

A entre-vista com Cristiano apresenta um pouco da concepção teológica da ICM em relação a alguns assuntos, como identidade de gênero e flexibilização do discurso acerca da sexualidade. Esta concepção, que não reflete as concepções da maioria das igrejas inclusivas LGBT brasileiras, de cunho mais conservador, sinalizam para nossa próxima etapa de percurso.

*Teologias homossexual, gay/lésbica, inclusiva, queer, trans**

A igreja inclusiva, como espaço de reconhecimento e aceitação de indivíduos T*LBG⁶⁵⁹ é favorável à discussão de experiências afetivas, sexuais e religiosas e de vivências da fé a partir de tais sujeitos⁶⁶⁰ – e *teologia*, neste contexto, é para André Sidney Musskopf, pesquisador auto-declarado gay, “contar nossas histórias com Deus e tentar fazer sentido delas”.⁶⁶¹ Neste contexto, surgiram novos postulados religiosos como as *teologias homossexual, gay e queer*.⁶⁶² Tais termos inclusive, para Musskopf, podem ser dispostos através de hífen:

“homossexual-gay-queer” (juntos e separados ao mesmo tempo), indica as descontinuidades e os jogos de força que se operam no interior deste campo. Não se trata de uma perspectiva cronológica simples, com blocos definidos (...) As margens permanecem necessariamente fluidas e móveis instituindo, quem sabe, uma mistura sem que seja possível, no final das contas, delimitar onde termina uma e começa outra.⁶⁶³

Musskopf explica que a *teologia homossexual*, que também pode ser definida como uma *teologia sobre a homossexualidade*,⁶⁶⁴ surgiu na primeira metade do século XX⁶⁶⁵ e é um legado do “surgimento da figura do “homossexual” como uma nova categoria classificatória das

⁶⁵⁹ Ainda que o público T*LBG seja comumente relacionado à homossexualidade, lembro que pessoas trans* podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, polisssexuais, panssexuais e assexuais, dentre outras possibilidades.

⁶⁶⁰ Neste sentido, para André Musskopf, “ao pensar nos contornos de uma perspectiva teológica homossexual-gay-queer a partir do Brasil e da América Latina, a experiência de grupos religiosos/cristãos GLBT torna-se fundamental enquanto local de produção de conhecimento, tendo em vista também a escassez de fontes bibliográficas” (MUSSKOPF, *Via(da)gens teológicas*, 2008, p. 119).

⁶⁶¹ MUSSKOPF, *Uma brecha no armário*. Propostas para uma Teologia Gay, 2005.

⁶⁶² Sobre tais termos, Musskopf refere que “embora “homossexual” seja um termo atribuído a ambos os sexos, e “queer” o questionamento desta (e outras) unificações e divisões binárias, o termo “gay” indica também uma especificidade dentro do campo em estudo. Enquanto (...) se constituiu um corpo teológico gay a partir da produção de “homens homossexuais”, paralelamente e, às vezes, como questionamento, desenvolveu-se uma teologia lésbica, com características próprias.” O autor fala dos “passos dados por uma teologia gay produzida por homens homossexuais, reconhecendo a limitação e fragilidade destes termos e conceitos, bem como seus riscos no que tange à criação ou manutenção de uma outra hierarquia, mas também reconhecendo e procurando evidenciar a porosidade de seu discurso no que tange à relação com as teologias lésbicas-feministas” (MUSSKOPF, 2008, p. 119).

⁶⁶³ Idem, 2008, p. 120.

⁶⁶⁴ MUSSKOPF, *A sistematização do pensamento teológico gay no Brasil*, 2010, p. 261.

⁶⁶⁵ Idem, 2010, p. 259.

relações entre pessoas do mesmo sexo, dentro do discurso médico e no contexto do Movimento Homófilo”.⁶⁶⁶ Nesta teologia

repetidamente se reflete sobre os 6 textos que (supostamente) condenam a homossexualidade – os chamados “textos de terror”. Aí se busca esclarecer o contexto no qual são desenvolvidas as leis do levítico que falam sobre abominação refletindo sobre o código de pureza que rege tais leis, afirmar que a narrativa de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19 não se refere a questões de sexualidade, mas à falta de hospitalidade e solidariedade do povo dessas cidades e apontar para os termos imprecisos e até confusos utilizados pelo Apóstolo Paulo em Romanos 1 e para o fato de que as situações mencionadas por ele não se referem a pecados mas a atos moral (e culturalmente) reprováveis, entre vários outros argumentos e explicações. A ideia é que, uma vez explicados esses textos em seu contexto, a homossexualidade deixaria de ser vista como algo contrário à vontade de Deus pelas Igrejas.⁶⁶⁷

A teologia homossexual buscava

uma mudança de postura das igrejas com relação às pessoas homossexuais. Sua ênfase está muito mais centrada na questão pastoral, de compreensão e, às vezes, de acompanhamento dessas pessoas, procurando entender a sua realidade sem, no entanto, assumir essa realidade criticamente.⁶⁶⁸

Tratava-se de prática teológica essencialmente apologética que procurava inserir as pessoas nas igrejas. Caracterizava-se assim

pela apologia de uma identidade naturalizada e essencialmente boa. As temáticas específicas abordadas por esta construção discursiva buscaram mostrar de que forma pessoas então definidas e rotuladas como homossexuais poderiam, e deveriam, ser toleradas e incluídas no contexto social e eclesial. Esta era a sua apologia.⁶⁶⁹

Mas esta postura apologética foi revista pelos próprios gays e lésbicas a partir da década de 1970, a partir dos Estudos Gays e Lésbicos e do Movimento de Libertação Homossexual, inclusive de Stonewall, constituindo uma *teologia gay* que desloca a preocupação com a inclusão individual de gays nas igrejas para a problematização da “opressão a que todo um grupo de pessoas está submetido, fonte de sua exclusão e marginalização.”⁶⁷⁰ Há o protagonismo da “experiência homossexual - coletiva – que configura um povo, oprimido, que

⁶⁶⁶ MUSSKOPF, 2008, pp. 124-125.

⁶⁶⁷ MUSSKOPF, 2010, pp. 259-260.

⁶⁶⁸ Idem, 2010, p. 259.

⁶⁶⁹ MUSSKOPF, 2008, pp. 157-158.

⁶⁷⁰ Idem, 2008, p. 158.

precisa lutar pela sua libertação: social, política e religiosamente”.⁶⁷¹ Mas há uma essencialização da experiência homossexual, vista como “universal” como se fosse vivida por todos gays da mesma forma. A *teologia lésbica* operava de forma semelhante, segundo o autor. Neste tipo de reflexão, há a identificação de personagens bíblicos com a homossexualidade:

as narrativas sobre Jônatas e Davi e Rute e Noemi (...) são as mais proeminentes nessa área. Bastante anacronicamente, embora com indubitáveis ganhos em termos pastorais, essas personagens passam a representar a experiência homossexual na Bíblia (...) parece haver uma crença no fato de que, se provarmos que Jônatas e Davi eram gays e Rute e Noemi eram lésbicas (categorias que só passaram a ser usadas no século XX), a participação de homossexuais nas igrejas estaria garantida.⁶⁷²

Assim, se a teologia homossexual procurava incluir as pessoas nas igrejas e perceber o que a Bíblia dizia sobre pessoas homossexuais e o que pessoas homossexuais tinham a dizer sobre a Bíblia, a teologia gay procurava, de maneira menos defensiva e mais incisiva, problematizar questões como a de que a homossexualidade está na Bíblia e de que há personagens bíblicos gays e lésbicas.⁶⁷³

A teologia gay – ou talvez melhor dizendo, a *teologia gay/lésbica* ou *lésbica/gay* – sugere a necessidade de institucionalizar valores que vão de encontro àqueles usados anteriormente como dispositivo de exclusão d@ crente homossexual. Assim, a partir desta teologia, entende-se @ homossexual como sujeito afetivo criado e amado por Deus, e ao mesmo tempo, injustiçado e oprimido mas com condições de superação através da conscientização, reflexão e ação. Assim, há uma desvitimização d@s membros destas igrejas, dado que, graças a esta aceitação por parte de Deus têm condições teológicas de fazer valer seus interesses e anseios religiosos. A desvitimização d@s participantes concorda com a construção de vidas que procuram superar uma série de preconceitos e experiências de intolerância vividas no passado e no presente.

São preconceitos advindos de ambientes e áreas diversas, como a família, a escola, o trabalho, as áreas psi, a medicina, a academia, a mídia, e claro, a doutrina das igrejas católica e

⁶⁷¹ MUSSKOPF, 2010, p. 260.

⁶⁷² Idem, 2010, pp. 260-261.

⁶⁷³ Para Musskopf, o fundamento maior desta teologia é o de que Deus criou todos os seres, incluídas as pessoas homossexuais, para viverem de forma plena, sem serem oprimidas e/ou internalizarem a discriminação. A *teologia gay* feita no Brasil tem, como contempla o autor (2005), fundamentação na *pedagogia do oprimido*, na *teologia da libertação* e na *teologia feminista*; além da teologia gay estadunidense. E certamente esta reflexão, feita aqui e partindo daqui, traz diferenças em relação ao ser homossexual em países europeus ou nos Estados Unidos, o que aponta para uma teologia em desenvolvimento. Nesta teologia, a sexualidade e corporeidade mostram-se como expressões de existência e parâmetro de um fazer teológico inclusivo ao público LGBT. Tal reflexão teológica se dá, assim, a partir da interpolação entre experiência homossexual e vivência religiosa. Visto que a homossexualidade costuma ser entendida como o ato sexual genital entre indivíduos do mesmo sexo, a teologia gay procura estabelecer um novo sujeito, no qual a identidade gay não esteja resumida à genitalidade, tendo sua centralidade na intimidade e entrega ao outro e no prazer recíproco.

evangélica. Grande parte destes preconceitos é reforçada pela interpretação de versos e trechos da Bíblia, e esta proposta teológica tem como cerne relativizá-los e contextualizá-los a partir de uma hermenêutica fundamentada no *método histórico-crítico*, com o objetivo de auxiliar as pessoas a desconstruírem preconceitos (muitas vezes internalizados) e conscientizá-las acerca da urgência na aceitação do próximo com suas diferenças. A teologia gay/teologia lésbica procuram partir das histórias vividas pel@s homossexuais como forma de devolver-lhes a palavra e responder aos seus desejos e inquietações. Escutando e narrando estas histórias, o indivíduo vai percebendo e elaborando a sua trajetória, compreendendo melhor sua identidade, questionando o saber convencionado, fomentando novas formas de pensar e agir e apontando para a tolerância. É assim que a experiência d@ homossexual é fundante para esta teologia: sua vivência proporciona um olhar interpretativo diferenciado sobre as Escrituras, sugerindo uma hermenêutica que liberte não somente @ homossexual, mas todas as pessoas, dado que os textos são iluminados de novas maneiras.

A referência confessional estrangeira mais conhecida sobre teologia gay⁶⁷⁴ é Troy Perry, fundador da MCC e autor de diversas publicações,⁶⁷⁵ dentre elas a obra referência na área, *Senhor é o meu pastor e Ele sabe que eu sou gay*.⁶⁷⁶ Em alguns casos a teologia gay é mesclada com a teologia lésbica, como parece ser o caso de obras como Nancy Wilson, atual dirigente da MCC,⁶⁷⁷ e Serene Jones, que publicou obra que trata enfaticamente da questão do trauma sofrido por homossexuais em igrejas conservadoras e sua inserção em igrejas inclusivas LGBT.⁶⁷⁸

Autores nacionais têm escrito sobre teologia gay, como Musskopf, numa perspectiva mais acadêmica,⁶⁷⁹ Fernando Cardoso⁶⁸⁰ e Alexandre Feitosa.⁶⁸¹ Por serem autores com biografias religiosas e na militância LGBT diferentes, a forma como trabalham esta teologia denota

⁶⁷⁴ A literatura estadunidense sobre *teologia gay* é complementada, dentre outr@s, por JONES, *Marks of His Wounds: Gender Politics and Bodily Resurrection*, 2007. CHENG, *Radical Love: An Introduction to Queer Theology*, 2011. BOYD, *Amazing Grace: Stories of Lesbian and Gay Faith*, 1991.

BULLOUGH, *Before Stonewall: Activists for gay and lesbian rights in historical context*, 2002. KUNDTZ, SCHLAGER, *Ministry Among God's Queer Folk*, 2007. WHITE, *Stranger at the Gate: To Be Gay and Christian in America*, 1995.

⁶⁷⁵ PERRY; SWICEGOOD, *Don't Be Afraid Anymore. The Story of Reverend Troy Perry and the Metropolitan Community Churches*, 1992 a; PERRY; SWICEGOOD, *Profiles in Gay and Lesbian Courage*. St. Martin's Press, 1992 b; PERRY, *10 Spiritual Truths For successful living for Gays and Lesbians... (and everyone else!)*, 2009.

⁶⁷⁶ PERRY; LUCAS, *The Lord is my shepherd and he knows I'm gay*. The Autobiography of the Reverend Troy D. Perry, 1972. Sem tradução para o português ainda.

⁶⁷⁷ WILSON, *Our Tribe: A Lesbian Ecu-Terrorist Outs the Bible for the Queer Millennium*, 1995; WILSON, *Our Tribe: Queer Folks, God, Jesus, and the Bible*. Alamo Square Press, 2000.

⁶⁷⁸ JONES, *Feminist Theory and Christian Theology: Cartographies of Grace*, 2000.

⁶⁷⁹ Dentre outros, os já citados MUSSKOPF, *Uma brecha no armário*, 2005; MUSSKOPF, *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*, 2008; MUSSKOPF, *A sistematização do pensamento teológico gay no Brasil*, 2010.

⁶⁸⁰ CARDOSO, *Homoafetividade e o Cristianismo*, 2010a; CARDOSO, *O Evangelho Inclusivo e a Homossexualidade*, 2010b.

⁶⁸¹ FEITOSA, *Bíblia e homossexualidade. Verdades e mitos*, 2010; FEITOSA, *O prêmio do Amor. Uma abordagem cristã do sexo nas relações homoafetivas*, 2011.

distinções, especialmente em relação às fronteiras do que é permitido e regulado em relação à afetividade e sexualidade d@fiel.

Márcio Retamero, historiador e teólogo, reverendo da unidade fluminense da ICM, publicou através da Metanóia, editora associada a esta agência, os títulos *Banquete dos Excluídos* (2009), *Pode a Bíblia Incluir? Por um olhar inclusivo sobre as Escrituras Sagradas* (2010) e *Crônicas de um Pastor Gay* (2011). Publicou ainda os manuais de Liturgia e de Homilética da igreja, distribuídos em seus retiros de Páscoa de 2010 e de 2011, evidenciando a emergência de uma *teologia gay* similar a já existente nos Estados Unidos, mas feita a partir das peculiaridades do campo e mercado religiosos brasileiros. A missionária Lanna Holder, fundadora da *Comunidade Cidade de Refúgio* em 2011, lançou em 2010 a autobiografia *O diário de uma filha pródiga*, no qual conta sua passagem de missionária da Assembléia de Deus, trabalhando diretamente com a reversão da homossexualidade para líder de uma das comunidades inclusivas LGBT. Seria este um indicativo duma *teologia lésbica brasileira*? Muito provavelmente. Há ainda textos pessoais e estatutos de todos os fundadores das igrejas inclusivas publicados nos respectivos sítios das igrejas, ou em blogs pessoais. Mas seriam as teologias homossexual, gay e lésbica suficientes para retratar as experiências das pessoas T*LGB?

Como conta Musskopf, o impacto da AIDS a partir dos anos 1980 e o aprofundamento das discussões acerca das identidades e experiências que até então eram essencializadas,

impactaram esse tipo de reflexão teológica no sentido de questionar a identidade e a experiência essencializadas, questionando a própria estrutura da teologia e das religiões - heterossexualmente construídas.⁶⁸²

Surge, amparada nos movimentos queer e na teoria queer, a teologia queer – também chamada por Marcela Althaus-Reid (que envolve teoria queer, teologia da libertação e estudos pós-coloniais) de *teologia indecente*.⁶⁸³ Para Musskopf, a teologia queer não se fundamenta em modelos heterocêntricos⁶⁸⁴ – eu incluiria em *modelos ciscêntricos* também – e considera a interseccionalidade identitária em seus cruzamentos: raça, etnia, origem, geração, etc. Musskopf explica que nesta teologia

a leitura e interpretação de textos não visa mais simplesmente provar a validade das experiências LGBT, mas assumi-las como dado e como lugar a partir de onde se lê e interpreta o texto bíblico. Assim, a pergunta é o que gays, lésbicas, bissexuais, travestis,

⁶⁸² MUSSKOPF, 2010, p. 261.

⁶⁸³ ALTHAUS-REID, *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*, 2001.

⁶⁸⁴ MUSSKOPF, 2010, p. 261.

transgêneros e transexuais enxergam quando lêem a Bíblia? O que ela tem a dizer a eles e elas?⁶⁸⁵

No Brasil, a maioria das igrejas inclusivas parece praticar uma mescla entre o que foi acima definido como teologias homossexual, gay e lésbica. Um diácono da ICEPT ministrou:

aqui na Para Todos nós temos a proposta de abordar o tema da homossexualidade sob a perspectiva de uma comunidade cristã que acredita que Deus não faz acepção de pessoas e prega o seu amor para todos, independente de característica pré-determinada, pois em Gálatas 3:28 está escrito que “nisto não há judeu nem grego, nem servo nem livre, nem macho nem fêmea, pois todos vós sois um em Cristo Jesus’ A sociedade empurrou à marginalidade homossexuais e bissexuais. Violências de todos os tipos foram utilizadas no trabalho de limpar a sociedade da “aberração” causadora de todos os males da Terra. Pessoas foram mortas, empregos tomados, filhos expulsos do convívio familiar. Para isso, foi usada a autorização mais eficaz: a Bíblia. mas vamos aprender esta noite que a Bíblia nunca condenou e nem condena a homossexualidade, pois a Bíblia é o relato do maior amor do mundo”.⁶⁸⁶

Explicou a diferença de concepções teológicas acerca da homossexualidade:

confrontam-se duas posições atualmente. Em uma, a atividade homossexual é grave pecado, ofensa a Deus, algo abominável em todas suas formas. para os que defendem essa posição, a homossexualidade é desvio da ordem original à criação de Deus, que criou homem e mulher para constituírem o matrimônio como lugar supremo da vivência da sexualidade e da procriação. e assim estão excluídos gays, transexuais, travestis. Nesta visão, homossexualidade seria opção, ou dominação demoníaca capaz de ser alterada mediante tratamento, esforço próprio e oração. Não se submeter ao tratamento seria ser conivente com o pecado. há os que defendem ser esta uma cruz dada por Deus para ser carregada, e a única forma de se alcançar a Deus seria viver o celibato. Estas são as posições de orientação fundamentalista. Na outra perspectiva, não há nada de detestável nas relações homossexuais. As passagens bíblicas usadas para condenação não estariam se referindo à orientação homossexual mas a abusos nesta área. O que cabe é reconhecer a homossexualidade como equivalente à heterossexualidade e destinar-lhe o mesmo tratamento religioso e legal. Lutam pelo fim de qualquer discriminação na igreja. Muitos estudiosos acreditam que a Bíblia traz relatos positivos sobre homoafetividade, como o amor entre Jônatas e Davi, Rute e Noemi, Daniel e o eunuco-chefe, o centurião e seu escravo. mas não existem elementos históricos que comprovem tais afirmações.⁶⁸⁷

⁶⁸⁵ MUSSKOPF, 2010, p. 261.

⁶⁸⁶ DIÁCONO 2 DA ICEPT, *Curso Homoafetividade X Bíblia*, 17 ago. 2011.

⁶⁸⁷ DIÁCONO 2 DA ICEPT, *Curso Homoafetividade X Bíblia*, 17 ago. 2011.

Retamero também compara as concepções teológicas de igrejas inclusivas e tradicionais:

para a “igreja inclusiva” todos os seres humanos são alvos de Deus que em Cristo Jesus estava reconciliando o mundo com Ele mesmo. Retoricamente, as igrejas fundamentalistas ou tradicionais, declaram que essa também é a missão delas. Contudo, é possível verificar logo, que isso não condiz com a verdade. Tais igrejas mantêm o discurso desnivelador do tipo: “Deus ama o pecador, mas abomina o pecado”, particionando assim, agente e ação, e isso simplesmente não é possível e nem bíblico, pois as Escrituras os afirmam que, ainda quando éramos pecadores, Deus nos amou. Ou seja, apesar de mim e de você, Deus nos ama e enviou Seu Filho para nós. Paralelo a isso, a igreja fundamentalista ou tradicional, mantém o discurso conservador, sexista, machista, heteronormativo e homofóbico. Isso significa que no seu interior, as Escrituras são lidas desde essas perspectivas, contaminando, dessa maneira, a proclamação da mensagem evangélica, pervertendo a obra de Jesus e o testemunho dos Apóstolos. Para eles, as Escrituras devem ser lidas e compreendidas, bem como ensinadas e absorvidas, ao “pé da letra”, o que não significa que eles assim procedam. Na verdade, como nos afirmou R. Fabris, nenhuma comunidade de fé se achega às Escrituras como “virgem pura e imaculada”; nem a leitura do jornal diário é possível dessa maneira.⁶⁸⁸

E continua, demonstrando possível afinidade com a teologia queer:

se a igreja fundamentalista e tradicional é conservadora, somos igreja libertária e libertadora; se a igreja fundamentalista é sexista e machista, somos igreja onde não há “homem ou mulher, escravo ou livre”, lugar de igualdade radical entre os gêneros, abrindo mão dos extremos “machista e feminista”, escolhendo o caminho da radicalidade: “nem homem, nem mulher, mas todos UM, em Cristo Jesus”; se a igreja fundamentalista é heteronormativa e homofóbica, somos igreja cuja norma é a liberdade de ser, afirmativa na questão da orientação sexual, reconhecendo como dom de Deus a sexualidade humana e a diversidade dela como obra legítima do Criador, buscando a reconciliação e harmonia entre a sexualidade e a espiritualidade cristã.

Na ICM procura-se marcar a importância do método histórico-crítico:

por valorizarmos a dimensão humana das Escrituras em diálogo com Deus, nós a lemos, entendemos e as ensinamos aplicando a elas o método histórico-crítico. Os Reformadores nos legaram um método de análise das Escrituras que ficou conhecido como “**método histórico-gramatical**”. João Calvino neste quesito é o grande professor. Calvino nos ensina que ao estudarmos os textos bíblicos, devemos fazê-lo em dois níveis:

⁶⁸⁸ RETAMERO, 2011, p. 31.

1. Buscar o contexto histórico desses textos. Daqui vem a regra de ouro da hermenêutica/interpretação bíblica; “texto fora do contexto é pretexto”;
2. Buscar o sentido literal das palavras conforme usadas no texto pelos seus autores, pois somente entendendo tais palavras de acordo com o contexto histórico em que elas foram escritas, chegaremos ao real sentido ou ao sentido literal do texto e a sua real mensagem (negrito do autor).⁶⁸⁹

Acerca das interpretações fundamentalistas da Bíblia, o diácono Dário Ferreira de Souza Neto, irmão de Josi, explicou,

a fé cristã, principalmente a dos fundamentalistas católicos e protestantes, estabelece uma relação fetichista com a Bíblia cristã. O fetichismo é a crença no poder sobrenatural ou mágico de certos objetos materiais que resultam em dogmas. Immanuel Kant define como fetichismo a religião *mágica*, isto é, a religião utilizada para obter favores divinos e satisfazer desejos pessoais, sejam materiais ou emocionais, mas que por si não têm nada de agradável a Deus. nesse sentido, entender os textos bíblicos como palavra de Deus, ignorando que cada livro foi escrito por pessoas diferentes, em contextos diferentes, por motivações distintas, dentro de seus limites de leitura do mundo é estabelecer uma relação idólatra e fetichista com o texto bíblico.⁶⁹⁰

Retamero ainda apresenta a proposta da ICM, a de ser uma igreja que é *sal e luz*:

a dimensão social e profética (...) nos faz ganhar as ruas em busca de justiça social e estabelecimento de Direitos Humanos em nossa sociedade. Sem este apelo e sem este papel, a Igreja torna-se simplesmente um clubinho de afinados que se reúnem duas ou mais vezes na semana para trocar figurinhas. Não somos o clube do chá, do Bolinha ou da Luluzinha, somos a Igreja Santa, a noiva de Jesus, o espelho da Jerusalém Celeste, a Igreja Militante, a Videira Verdadeira unida ao cristo, somos sal e luz, enfim, somos as testemunhas de Jesus, os revolucionários e revolucionárias do Amor Radical de Deus, conforme revelado em seu Filho Unigênito, agindo no poder e na unção do Espírito Santo.⁶⁹¹

A teologia da ICM apresenta o borramento entre ativismo social e evangelismo, coisas bastante imbricadas nesta igreja, em que discurso religioso se mescla com potência com discurso generificado e sobre orientações sexuais e afetivas.

A experiência e o processo da ICM em se propor como radicalmente inclusiva tem feito com que a teologia queer assuma protagonismo. Como disse Alexya Salvador, “fazemos uma

⁶⁸⁹ Idem, 2011, p. 12.

⁶⁹⁰ NETO, *Deus ainda fala?* Por uma análise do discurso teológico, 2011.

⁶⁹¹ RETAMERO, 2011, p. 33.

teologia protestante em suma, mas numa leitura sócio-crítica, incluindo todo mundo”,⁶⁹² e como afirmou Marcos Lord – ou Luanddha Peron,

a ICM não pode parar. A gente tem aprendido sobre a teologia queer. Alguns livros estão sendo traduzidos. A ICM é radicalmente inclusiva e tem de incluir todo mundo mesmo. Outro dia um pastor da ICM perguntou para o Hector o que fazer no caso de um rapaz que pediu a benção de casamento sendo que ele era poliamoroso, ou seja, ele estava pedindo a benção para uma relação amorosa com mais de uma pessoa, ia além de um casal. O Hector disse: se você não der, você está na igreja errada. É assim (risos).⁶⁹³

A teologia da ICM é então queer, ou ainda radicalmente inclusiva, como é pregado. Mas de modo geral, as inclusivas brasileiras namoram mais com as teologias homossexual, gay e lésbica. A teologia inclusiva *inclui* assim não só pessoas como teologias diversas. Isto tem a ver com algo que Musskopf mesmo ressalta: tais “discursos e práticas não seguem um princípio evolutivo, mas todos continuam convivendo e sendo utilizados por diferentes correntes simultaneamente”.⁶⁹⁴

É bom notar que algumas são mais flexíveis e outras mais conservadoras, valendo também para as questões de identidade de gênero. Perguntei ao reverendo Cristiano Valério – ou Rev Cris – como a ICMSP percebia as pessoas que adaptavam seu gênero e ele respondeu: “aqui a gente vai atualizando o cadastro”.⁶⁹⁵

Como eu comentei certa vez,

nas seis agências religiosas inclusivas LGBT existentes em São Paulo em 2012, são observáveis diferenças litúrgicas e discursivas, e dentre estas últimas, destacam-se graus distintos de *normatização do comportamento sexual* dos fiéis, sinalizando para estratégias distintas de atração de públicos. Se por um lado, a ICM traz um discurso mais flexível e liberal, a Comunidade de Refúgio é mais rígida, acolhendo pessoas que participaram de ministérios mais conservadores, como a Assembleia de Deus. Como semelhança, todas acolhem o público homossexual sem procurar promover mudanças em sua orientação ou identidade sexual.⁶⁹⁶

Exemplifiquei que

a normatização do discurso sobre a sexualidade na Comunidade de Refúgio pode ser observada nas palavras de Lanna Holder, sua líder e fundadora, gravadas por mim em culto

⁶⁹² SALVADOR, *Entre-vista a EMAMF por FB*, 2014.

⁶⁹³ LORD/PERON, *Entre-vista a EMAMF por HOT*, 2014.

⁶⁹⁴ MUSSKOPF, 2010, p. 262.

⁶⁹⁵ VALÉRIO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

⁶⁹⁶ MARANHÃO Fº, *Marketing de Guerra Santa: da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores*, 2012h, p. 218.

de 2011: “Irmãos, vocês acham que ser cristão é passear na Vieira? Cristão que é cristão não vai tomar cerveja na Vieira, não vai em cinema, não vai em dark room, não vai em boate. Se alguma igreja que fala que é inclusiva prega isto eu não sei, mas aqui a gente prega a Palavra de Deus (nota minha: Vieira de Carvalho é uma rua do centro de São Paulo que tem como maior frequentador o público LGBT, e fica próxima de cinemas que apresentam filmes pornô). Nesta igreja, percebi uma pequena predominância de lésbicas, enquanto na Geração em Cristo elas são maioria. Em outras, o predomínio é de gays, o que aponta para a segmentação do público destas agências.”⁶⁹⁷

Semelhantemente à pregação de Lanna Holder, em 2010 escutei de uma diaconisa da Igreja Cristã Evangélica Para Todos (ICEPT):

amado, se você sair do culto e for prá Vieira, você não testemunha a Deus. Você não é um separado de Deus porque como Paulo falou ‘a carne milita contra o Espírito’. Então sede santo meu irmão. Olha a (nome feminino). A (nome feminino) namorava três meninas ao mesmo tempo. Mas depois de três anos, ela só namora uma! O Espírito venceu a carne dela.”⁶⁹⁸

Em outra pregação, a mesma diaconisa explicou: “meu irmão, no ventre de sua mãe Ele te formou, assim, homo. Mas promíscuo não”.⁶⁹⁹ Em 2011, em outra pregação, um diácono explicou:

o ideal não é nem a heteroafetividade nem a homoafetividade, mas sim, sempre, a monoafetividade. Gay ou hetero, deve-se estar amando e apaixonado pela mesma pessoa. Muitas vezes o homossexualismo é viver na promiscuidade e isto não está na Palavra, e isto a gente tem que curar nas pessoas, a promiscuidade do homossexual. Homossexualidade não é doença, mas promiscuidade sim.”⁷⁰⁰

Retornando um pouco nas concepções da ICM sobre corpo, Levi de Souza, irmão de Josi, evidencia:

ah, eu sou romântico sim, mas nos momentos em que não aparece a pessoa certa, fazer o que? Vou me virando com uma erradinha mesmo... às vezes frequento cinemas no centro ou *dark rooms* nas boates. Aquelas salinhas escuras onde rola uma pegação danada sabe? Claro, sempre que rola algo além eu tou prevenido. E entendo que Deus me protege. É como meu irmão Dario comentou uma vez, que Jesus te ama até no *dark room* sabe?”⁷⁰¹

⁶⁹⁷ Idem, 2012h, p. 218.

⁶⁹⁸ DIACONISA DA ICEPT, *Nota de campo*, 2010.

⁶⁹⁹ DIACONISA DA ICEPT, *Nota de campo*, 2010.

⁷⁰⁰ DIÁCONO 1 DA ICEPT, *Nota de campo*, 2011.

⁷⁰¹ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

Perguntei a Dario sobre a expressão ‘Jesus te ama até no dark room’ e sobre a oração criada por ele para esta circunstâncias:

surgiu da seguinte forma: Fiz uma palestra na ICM sobre o olhar de Deus, a partir do Salmo 139, que fala ‘Senhor, tu me sondas, me conheces, sabes quando me assento e quando me levanto’, ou seja, não tem como eu me esconder dEle, pois Ele está comigo em todo o lugar. Aí tive esta sacada “Deus vai comigo até no *dark room*!” Eu vou transar com alguém e Deus fica do lado de fora? Não!

No dia até brinquei com o pessoal que eu fazia uma espécie de oração: ‘Peço prá Deus me abençoar, tirar os cafuçus (homens feios) do meu caminho, colocar gatinhos bonitos e interessantes... peço prá Deus me proteger, que eu tenha uma ótima transa, que eu goze bastante, e que claro, não falte nunca a camisinha e que ela não estoure! Peço ainda que os anjos protejam, que eu não pegue nenhuma DST, e todas estas coisas. Às vezes a gente ainda brinca dizendo ‘e que eu não passe nem receba cheque e muito menos o talão inteiro’, porque tem gente que passa o talão inteiro...⁷⁰²

Uma das coisas que eu questioneei e que eu superei tranquilamente: eu creio que Deus é onipotente, onisciente e onipresente. Se é onisciente, ele conhece tudo. Como este Deus que conhece tudo poderia se irar, ou mais, se frustrar, sendo a ira o resultado de uma frustração? Como alguém que sabe o que vai acontecer fica irado, decepcionado ou triste, sentimentos que se ligam à frustração? Como? A partir disto que eu comecei a questionar esta humanização de Deus em sua pior forma, onde Ele surge como alguém que espera algo e se decepciona, como se não conhecesse seus filhos. E foi a partir daí que eu comecei a romper com diversos valores morais que eu fui recebendo durante minha caminhada religiosa. Eu hoje não me acho mais na obrigação de me casar e constituir família. Aliás brinco com o pessoal que meus problemas de relacionamento começam quando digo o meu nome, pois antes disto não tenho problema nenhum. O conflito começa quando um começa sabendo o nome do outro.

E ser diácono de uma igreja e frequentar *dark rooms* é algo muito tranquilo prá mim e todo mundo sabe disto, do reverendo Cris a todo o pessoal. Eles sabem que eu me sinto muito bem com isto e que não rola hipocrisia. Já teve gente na igreja que me censurou pelo fato de eu ser diácono, pregar e fazer a Ceia mas ser frequentador de boates e *dark rooms*. E ao mesmo tempo, também já fui acompanhado por outras pessoas da igreja: na ICM de Belo Horizonte a gente saiu da igreja e foi prá boate. Eu me enfie no *dark room* na cara-dura, e outros membros também acabaram se enfiando.⁷⁰³

⁷⁰² A expressão ‘checar’, como explica Dario, é relativa à defecação involuntária que pode ocorrer durante ou após a penetração anal.

⁷⁰³ NETO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

Quando Levi e Dario demonstram que *Deus está com eles mesmo no dark room*, evidenciam a íntima relação entre religiosidade e sexualidade – concepção que *comunga* com a própria concepção da ICMSP, apresentada quando Rev Cris fala “promíscuo é aquele que faz mais sexo que o invejoso”.⁷⁰⁴ A ideia da presença onipotente de Deus é ampliada na fala da irmã de Levi e Dario: “Deus me ama no *dark room* e quando faço programa”.⁷⁰⁵

Além das relações entre flexibilização e normatização do discurso das igrejas inclusivas, no artigo de 2012 lembrei que estas faziam parte de uma teia de tensões que envolvia ministérios com “discursos *contrários* a identidades sexuais e de gênero distintas das enfeixadas na heteronormatividade”, exemplificando que Malafaia, da AVEC,

se refere constante e negativamente à homossexualidade, o que constitui estratégia incisiva de seu marketing religioso. Neste caso, o oponente em potencial não está nas comunidades inclusivas LGBT, pois não partilham do mesmo público-alvo; mas nas firmas neopentecostais que tem mostrado discurso menos contundente em relação ao tema, satisfazendo boa parte do público evangélico que é contrário à homossexualidade.⁷⁰⁶

Naquela ocasião, observei que

como avisa o paradigma de mercado, algumas igrejas surgem ao atentar para determinados nichos. É possível pensar no surgimento futuro de uma igreja ou reunião evangélica que tenha como alvo um segmento do público LGBT, como bissexuais, ou travestis e transexuais, atendendo a demanda mais específica.⁷⁰⁷

Alexya Salvador é mulher trans e pastora: na unidade da ICM que pastoreia, em Mairiporã, há mais três mulheres trans. Jacque Channel lidera, desde novembro de 2014 um ministério da CCNEI específico para travestis e transexuais. Seriam estes indícios consistentes do que “preguei” no artigo citado?

Neste sentido, algumas observações possíveis: para um pouco além das teologias homossexual/gay-lésbica/queer/inclusiva, seria possível – (re)conhecendo a elaboração de conteúdo teológico por parte de pessoas e coletivos t* – pensarmos numa *teologia trans** (*teot**)?⁷⁰⁸ Como uma possível teologia trans* convenciono o conjunto de concepções teológicas formuladas pelas pessoas trans* a respeito de suas próprias experiências envolvendo (trans)generidades e (trans)religiosidades. Pode ser pensada ainda, não só como local de fala, mas como local de escuta: pessoas trans* falando para pessoas trans*. E além do ponto de

⁷⁰⁴ VALÉRIO, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

⁷⁰⁵ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010. A entre-vista completa com Josi se encontra no capítulo seguinte.

⁷⁰⁶ MARANHÃO F^o, 2012h, pp. 219-220.

⁷⁰⁷ Idem, 2012h, p. 219.

⁷⁰⁸ Ou ainda TeoT*, ou TeoTrans*.

encontro de fala, pode ser um encontro entre um discurso sobre trans* e sobre cristianismo. Ou ainda um discurso do que a Bíblia tem a dizer sobre pessoas trans* e o que pessoas trans* têm a dizer sobre a Bíblia.

Uma possível inconveniência em seu utilizar a expressão teologia queer, por exemplo, está em que o termo *queer* costuma ser usado para questionar divisões binárias relativas a identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais – dentre outras possibilidades de questionamentos – mas muitas pessoas trans* são *binárias*. Lembro que Musskopf comenta que a teologia queer problematiza e discute “identidades e experiências desde a ambiguidade, a fluidez e a mistura.”⁷⁰⁹ Mas para muitas pessoas que se designam transexuais ou travestis binárias,⁷¹⁰ elas não se encontram em um contexto de ambiguidade, de fluidez ou de mistura. Aliás, como comentei, nem de trânsitos, no plural. Fazem um *único* trânsito do sistema sexo-gênero designado no nascimento ou gestação rumo ao de identificação. Uma questão é: as pessoas transexuais e travestis costumam ser enfeixadas por outras – acadêmicas inclusive – como *queer*, com *identidades instáveis e móveis*. Mas muitos destes sujeitos não se percebem assim. Deste modo, como pensarmos nestas pessoas como queer se elas não se pensam assim nem se identificam assim mesmo sabendo do que se trata o termo? Como chamar de queer quem não quer ser queer?

Assim, talvez o termo *teologia queer* não contemple grande parte destas pessoas. Nem teologia trans*, que eu procurei contemplar, visto que o termo guarda-chuva *trans** também não é caro para muitas pessoas transexuais e travestis brasileiras. Assim, melhor pensarmos em possíveis *teologias travestis*, *teologias transexuais*, *teologias drags*, *teologias CDs*, etc. E falar em teologias no plural, apontando tanto para as experiências trans-religiosas – ou de fluxos religiosos – como também para a não presunção de teologias cristãs, mas teologias em trânsito, ou teologias referentes a uma ou outra religião ou espiritualidade em especial.

E se pensarmos que gênero pode ser uma espécie de *novo deus* (*nova deusa/nov@ deus@*), quem sabe possamos falar em uma *teologia de gênero*, ou especificamente teologia cisgênera e teologia trans*, ou até teologia trans* binária e teologia trans* não-binária – neste caso, subvertendo/pervertendo a explicação anterior do que seria uma teologia trans*. É provocarmos a ideia acerca de outras possíveis relações entre gênero e religião ou de *religião como metáfora prá gênero*, o que tentaremos demonstrar no último capítulo. Para uma primeira reflexão acerca da possibilidade de uma teotrans*, no primeiro sentido esboçado e não no segundo, perguntei a algumas pessoas trans* – novamente utilizando o termo trans* como guarda-chuvas instável e

⁷⁰⁹ MUSSKOPF, 2008, p. 143.

⁷¹⁰ Lembro que há pessoas que se designam travestis e/ou transexuais não-binárias.

sujeito a trovoadas e tsunamis – como elas relacionavam suas experiências transreligiosas e transgêneras (este, outro termo instável, rasurável e provisório).⁷¹¹ Por exemplo, para Alexya Salvador,

transgeneridade e religião ainda se relacionam dentro da ditadura homem/mulher. A religião cristã de forma especial, ainda não consegue compreender a construção do ser, dentro de uma diversidade que é humana e não simplesmente de forma binária. Eu procuro articular com a minha vida. Sempre e em todos os lugares procuro propor reflexão e a busca pelo entendimento e acima de tudo, pelo respeito. E como professora, penso que tenho um instrumento fundamental na construção e na formação de pensamento das pessoas. Na ICM sou convidada a viver essa realidade com a minha vida.⁷¹²

Marcos Lord/Luanddha Peron conta que “nossa teologia é radicalmente inclusiva. Tem culto que me monto de drag. Um lado meu é Lord mas tem outro que é Lady também”.

sobre a minha experiência, entendo que minha religiosidade está impregnada de minha “transexualidade”, pois ainda que não exista de minha parte uma identidade física trans, ela existe na minha essência, pois considero-me um ser ainda transitório. Não consigo me ver como algo definido, “estou” alguma coisa em determinado momento. Essa é minha forma de estar ligado ao elemento universal que define minha fé. Minha concepção de fé, embora majoritariamente cristã, tem sofrido a influência constante pelo toque da fé dos tantos outros que me rodeiam.⁷¹³

Quanto à relação entre transgeneridade e religião, Infelizmente ainda houve pouco avanço no que a religião busca compreender sobre a transgeneridade. Se o avanço no pensamento de gênero na igreja pouco mudou, o que diz respeito à transgeneridade está em condição ainda pior, mesmo as igrejas ditas inclusivas ainda não sabem lidar com o assunto. Pouco se discute sobre o tema e como humanizar essa discussão sem colocar em pauta a autoridade? É preciso uma visão transgênera para mudar os paradigmas existentes e resistentes que ainda legitimam a opressão do feminino e impõe uma lógica heteronormativa, sexista, machista e homo/lesbo/transfóbica.⁷¹⁴

Leticia Lanz explica que

nunca vinculei minha experiência transgênera com nenhuma confissão religiosa. Em relação às religiões e as transgeneridades, sempre se relacionaram ao longo da história, muito mal mesmo. Excetuadas as religiões africanas que sempre tiveram muita boa vontade

⁷¹¹ Lembrando que nem todas as pessoas t* têm experiências transreligiosas ou de fluxos/ciborguismos religiosos, mantendo-se na mesma religião por toda vida (ou ao menos até a narrativa ofertada).

⁷¹² SALVADOR, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁷¹³ LORD/PERON, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷¹⁴ LORD/PERON, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

com as pessoas transgêneras, as outras não toleram nenhuma forma de transgressão de gênero. Particularmente, as chamadas “religiões do livro” (judaísmo, cristianismo e islamismo) em suas versões mais fundamentalistas rejeitam inteiramente qualquer prática relacionada à transgressão de gênero.⁷¹⁵

Márcia Rocha disse:

sou agnóstica. Sinto Deus e é difícil para mim negar a existência de alguma força maior, embora eu não perca tempo em tentar lidar com ela como compreendê-la. No entanto, procurei inúmeras religiões para tentar me identificar e compreendi que nada mais são do que instrumentos de controle desenvolvidos pelos diferentes poderes/épocas culturais. Assim, tornei-me livre de dogmas, ritos, etc... Creio que sou parte de algo, que interajo com isso, mas que ninguém sabe o que realmente é, ninguém está certo, e seguir qualquer doutrina é escravizar-se, submetendo-se a interesses meramente humanos.⁷¹⁶

Tais narrativas podem potencialmente apresentar parte das *teologias trans**, *transexuais*, *travestis*, *drags brasileiras*. Ou desdizer tais possibilidades. Mas muito pode ser dito e relatado ainda – e certamente, toda pessoa pode ter suas próprias identidades de gênero e religiosas, pode (re)pensar suas próprias teologias. Como dizer a um indivíduo ou a um coletivo “você não pode formular e/ou praticar suas próprias concepções teológicas ou a respeito do que quiser?” Simplesmente não dizemos pois é possível a *tod@s* formular e praticar teologia(s). Ainda que nem toda pessoa formule necessariamente uma teologia, muitas expõem concepções teológicas acerca de assuntos diversos. Um possível tema a ser formulado através de uma pergunta potencialmente (des)agradável é “Deus tem gênero”?

⁷¹⁵ LANZ, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁷¹⁶ ROCHA, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

Uma pergunta (des)agradável: Deus tem gênero?

Se Deus é menina ou menino, eu tenho o meu lado feminino

Pepeu Gomes

No princípio, *Deus fez o homem* (primeiro) *e a mulher* (depois). Mas e antes do princípio, quem fez Deus (alguém fez?)? Foi o homem ou a mulher? Quando Deus foi feito ele era homem ou mulher? Se era homem permaneceu no sistema sexo-gênero a ele atribuído? Deus pode ter transicionado ou des-transicionado? Pode ser trans*, ex-trans*? Talvez não-binário? É possível – teologicamente, claro – (re/des)fazer Deus?

O ideal seria escutarmos as respostas do próprio – ou da própria, ou ainda, d@ propri@. Mas como não é possível, o jeito é dialogarmos a respeito entre nós mesm@s, mortais. No grupo REAPT⁷¹⁷ questioneei acerca do *gênero de Deus*.

Du Meinberg Maranhão

28 de abril · São Paulo

Prá vc, Deus tem gênero?

[Curtir](#) · [Comentar](#)

*Imagem: Prá vc, Deus tem gênero?*⁷¹⁸

Acompanhemos algumas das respostas:

⁷¹⁷ Grupo *Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans**, do FB. Postagem de 28 de abril de 2014.

⁷¹⁸ Prá vc, Deus tem gênero?, REAPT, postagem de 28 de abril de 2014.

- **Bernardo Barbosa** Acredito que não
28 de abril às 15:34 · Descurtir · 🗳️ 1
- **Stephanie Zuma Ribeiro** Ameeeeeee a pergunta. Eu acho que a teologia tem gênero. Entendendo-se teologia como forma de ver, interpretar, estudar e até mesmo imaginar Deus. E pra teologia, apesar de em sua teoria dizer que ele não tem gênero, todos teólogos tradicionais consideram Deus como apenas o gênero masculino. Mesmo a teologia católica que quase coloca Maria como Deusa, ainda assim, o poder supremo vem do masculino, do pai, do homem.
- Hoje, até por conta da linha teológica que tenho mais estudado, não me chamem de herege os mais conservadores, acho que o conceito mais puro de Deus seria o da teologia QUEER: Deus é Deusa mas continua sendo Deus. Deus não tem gênero construído, portanto elea é feminino E masculino e ao mesmo tempo nenhum dos dois.
- 28 de abril às 15:37 · Descurtir · 🗳️ 2
- **Bárbara Vergetti** eu não creio nele, mas culturalmente ele é do gênero masculino, eu acho.
- 28 de abril às 17:06 · Descurtir · 🗳️ 1
- **Rosália Santos** Sou atéia, mas acho q se Deus existir ele ou ela deve ser apenas uma luz num outro plano... como uma força da natureza....ao contrário da Bíblia q diz q Deus é uma figura paterna e masculina....aliás em toda a Bíblia só se vê homem....Jesus era homem, os apóstolos eram homens, o diabo é homem, os profetas e anjos....enfim todos homens cis e brancos....a mulher só aparece na bíblia em duas ocasiões...para parir, e ainda colocaram lá q ela era virgem pra nao ficar feio pois ela ter feito sexo seria feio e a prostituta q aparece para se arrepender....enfim diante de todo esse machismo prefiro acreditar num Deus sem gênero....se ele existir...por enquanto me mantenho atéia...mas isso é minha opinião....não quero ofender ninguém
- 28 de abril às 17:09 · Descurtir · 🗳️ 2
- **Lunna Barreto Gomes** Para mim essa ENERGIA não possui nem sexo, gênero ou mesmo forma específica...Já Jesus ou Mitra era um cara comum, legal e do bem. Os Romanos enfeitaram o pavão e o transformaram em um semi deus.
- 28 de abril às 17:34 · Editado · Descurtir · 🗳️ 1
- **Ariadna Seixas** Deus eh AMOR e toda força que temos dentro de nós... não existe um genero para isso...
- 28 de abril às 17:18 · Descurtir · 🗳️ 2
- **Rosália Santos** Esqueci de mencionar Adão...homem cis e branco...e colocaram a culpa de tudo em Eva...na mulher...
- 28 de abril às 17:18 · Descurtir · 🗳️ 1
- **Stephanie Zuma Ribeiro** Gente... É preciso lembrar a diferença entre a teologia tradicional americana-europeia(que é a única que a brasileira consome) e a bíblia mesmo.
- Tanto "Adão" quanto cristo e todos os demais citados na Bíblia são do oriente médio, significa que não são brancos. Além de que bons exegetas(tradutores estudiosos das palavras) identificam a parte sexual e de gênero que tentam esconder na bíblia.
- A teologia queer e a teologia feminista tentam demonstrar que quem é machista é o hermenêuta e o teólogo. A bíblia em si é só uma narradora de histórias. Um espelho de um povo e de como o povo enxergava deus, não necessariamente de Deus.
- 28 de abril às 17:24 · Descurtir · 🗳️ 2
- **Stephanie Zuma Ribeiro** Uns exemplos: há estudos que defendem que Jesus nasceu de José e Maria de forma natural.
- Há outros que identificam Davi e Jonatas como apaixonados um pelo outro, Salomão com todas as suas mulheres, se assumindo homossexual no fim da vida em eclesiastes...
- Adão e Eva é apenas uma alegoria...
- Sempre que alguém fala sobre Deus, fala sobre como vê deus, não como ele é. E normalmente as definições de deus dizem mais sobre a própria pessoa do que sobre deus.
- 28 de abril às 17:30 · Descurtir · 🗳️ 2
- **Alexya Salvador** Jamais!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- 28 de abril às 19:23 · Descurtir · 🗳️ 1

- **Du Meinberg Maranhão** Porque, Alexya? Explica prá gente?
28 de abril às 19:26 · Curtir
- **Rodrigo Alves** Pra quem acredita em Deus seria uma tremenda contradição Deus ter um genero, já que isso o humanizaria, usando, ainda por cima, de um meio, que nós, na nossa inferioridade, estamos descobrindo só agora que é uma palavra de infinitas possibilidades. Isso, pensando de forma teológica neh, eu pessoalmente diria que Deus são todas as possibilidades de g^onero reunidas.
28 de abril às 19:29 · Descurtir · 🗲 1
- **Carolina Almeida Carolino** Deus sendo espírito não tem sexo e nem gênero, embora a bíblia diga que seja masculino. Já Jesus Cristo quando veio à terra, pregar o amor, era do sexo masculino.
28 de abril às 19:56 · Descurtir · 🗲 2
- **Rodrigo Alves** Creio ter sido a escolha de Jesus na época, pra ele poder abrir a boca e falar neh, se hj é difícil, imagina lá...
28 de abril às 20:18 · Descurtir · 🗲 2
- **Pedro Henrique Lachowicz** O Deus cristão Du Meinberg Maranhão?
28 de abril às 20:30 · Descurtir · 🗲 1
- **Du Meinberg Maranhão** É uma pergunta aberta, Pedro Henrique. Pode ampliar as possibilidades de resposta e não se restringir ao Deus cristão, não...
28 de abril às 20:32 · Curtir · 🗲 2
- **Pedro Henrique Lachowicz** Não. Nem deus e nem a deusa, energia personificada não tem sexo ou gênero.
28 de abril às 20:39 · Descurtir · 🗲 1
- **Du Meinberg Maranhão** Pedro Henrique Lachowicz, contextualizando, vc se refere à bruxaria natural, à wicca, a qual religião?
28 de abril às 20:40 · Curtir
- **Beatriz Calore** eu prefiro as deusas, saraswati, lakshmi, parvati, durga, mahadevi...
28 de abril às 20:40 · Descurtir · 🗲 2
- **Du Meinberg Maranhão** Beatriz, por que razão prefere as deusas?
28 de abril às 20:41 · Curtir
- **Beatriz Calore** pq eu também sou uma rsssss
28 de abril às 20:44 · Curtir · 🗲 1
- **Beatriz Calore** bom, eu não gosto da figura masculina, então eu tendo a achar as deusas mais interessantes
28 de abril às 20:46 · Descurtir · 🗲 1
- **Pedro Henrique Lachowicz** Refiro-me à Wicca Du Meinberg Maranhão, baseando-se no princípio da dualidade. São a deusa e o deus juntos que geram o equilíbrio. A magia natural não foge desses preceitos, mas não tenho muito estudo sobre.
28 de abril às 20:48 · Descurtir · 🗲 1
- **Du Meinberg Maranhão** Beatriz, compartilho da ideia *-) E até o Deus cristão prefiro pensar como deusa *-)
28 de abril às 20:48 · Curtir · 🗲 1
- **Patricia Augusto** Ai gente... Mas pq Deuses, Deusa ou Deus precisam ter gênero ou sexo?? Acredito q tais definições se perdem diante do q a divindade representa para o q nela crê.
28 de abril às 21:04 · Descurtir · 🗲 1
- **Alexya Salvador** Acredito que a questão do gênero é meramente um recurso machista e patriarcal criados pelos homens da cultura judaico-cristã. Digo homens pelo fato de tão recentemente as mulheres terem direito de manifestar as suas opiniões. Eu sou cristã e, hoje, resignifiquei toda essa questão: Deus é Pai e Mãe. A genitália é algo inerente ao corpo físico e, Deus sendo um Ser supremo, livre dos rótulos que os homens criaram, tem em Si todos os outros atributos que Lhe possam atribuir.
28 de abril às 21:13 · Editado · Descurtir · 🗲 2
- **Brigitte Andrade** Não acredito nisso que Deus tenha gênero o sexo é fator necessário dos humanos e animais Seria necessário o sexo para a reprodução da espécie tanto humana e animal , mas as formas de sentir atração e desejo é individual a definição do prazer é muito individual e própria de si mesmo

- **Brigitte Andrade** Não acredito nisso que Deus tenha gênero o sexo é fator necessário dos humanos e animais Seria necessário o sexo para a reprodução da espécie tanto humana e animal , mas as formas de sentir atração e desejo é individual a definição do prazer é muito individual e própria de si mesmo
26 de abril às 22:45 · Descurtir · 1
- **Brigitte Andrade** Eu acredito na espiritualidade , não me preocupo se for homem ou mulher o Deus que acredito acredito em deus que ama todos e sem ser vingativo
26 de abril às 22:47 · Descurtir · 1
- **Márcia Rocha** Tem sim... gênero divino!
26 de abril às 22:48 · Descurtir · 3
- **Rodrigo Alves** Amei!
26 de abril às 22:49 · Descurtir · 1
- **Du Meinberg Maranhão** Amei! 2
26 de abril às 22:49 · Curtir · 1
- **Esther Antunes** Du mee desculpe, mas em tempos k solidão e melancolia é maior k a fé nao vejo porque de buscar genero no sagrado. O Universo esta acima dessas uestões. é a minha opinião.
29 de abril às 10:41 · Descurtir · 1
- **Glowana Cambrone Araujo** Queer God, é o livro da teóloga argentina Martha Reide, que discute a transgeneralidade de Deus e de Cristo. Embora, o cristianismo nascente tenha reproduzido ao longo do tempo um discurso machista., Jesus em muitas falas tem um conotação feminina.
30 de abril às 00:34 · Curtir · 1
- **Du Meinberg Maranhão** Muito legal, Giowana, não conheço este livro...
30 de abril às 00:45 · Curtir
- **Stephanie Zuma Ribeiro** Martha Reide foi parte da minha mono sobre teologia feminista... inclusive uma das minhas frases preferidas é dela: "Fazer teologia é levantar as saias de Deus"
30 de abril às 09:32 · Curtir
- **Du Meinberg Maranhão** Ótima esta... Giowana, Stephanie, quem sabe vcs possam irpostando algo sobre Martha Reide e seu livro... Stephanie, é possível colocar textos nos "Arquivos" do grupo, viu?
30 de abril às 19:20 · Curtir
- **Samie Carvalho** Se tem é feminino...
30 de abril às 20:37 · Descurtir · 1
- **Du Meinberg Maranhão** Pq é feminino, Samie?
30 de abril às 20:38 · Curtir
- **Du Meinberg Maranhão** Léu, xs Deuys que vc entender... quer comentar sobre o tema de modo mais ampliado, "deusxs tem gênero"? Ou se quiser falar do Deus cristão... como quiser....
2 de maio às 13:35 · Curtir · 1
- **Fernanda Ramos** Rs acho q ele não se limitaria a isso! Afinal gênero é algo e problema de cada um! Uma forma de ser, estar e permanecer muito particular de cada um!
3 de maio às 00:37 · 1
- **Du Meinberg Maranhão** Giowana, Stephanie, vcs tem ou me ajudam a conseguir o contato da Martha Reid, para tentarmos trazê-la a um evento sobre gênero e religião em novembro, na USP? (evento ao qual todas as pessoas do grupo estão convidadas)
3 de maio às 18:17 · Curtir
- **Luizah Oliveirah** DEUS AMA TODOS!!
6 de maio às 00:05 · Descurtir · 1
- **Bruna Scocca** Me interessei pelo livro queer god, não achei disponível em nenhuma livraria online, alguém sabe me dizer onde encontro??
6 de maio às 14:54 · Descurtir · 1
- **Du Meinberg Maranhão** Brunna, creio que o nome correto d autora seja Marcella Althous-Reid tá? Se não me engano tem online. Ma Stephanie e Giowana devem saber te ajudar melhor.
6 de maio às 14:56 · Curtir

Imagem: Prá vc, Deus tem gênero? 2⁷¹⁹

Como vimos, as pessoas trans* que acessaram o REAPT trouxeram respostas intrigantes. Percebemos que algumas relacionaram o gênero de Deus à teoria queer: seria Deus queer? Seria

⁷¹⁹ Grupo REAPT do FB.

Deus *Deusa* e ao mesmo tempo *nenhum* dos dois? Seria Deus do *gênero divino*? Se Deus é amor e este é agênero Deus seria *agênero*? Ou *bigêner@* prá contemplar todo mundo? Gênero é *(in)suficiente* prá pensar Deus/a/e/@? Ainda que muitas sejam as perguntas sem-resposta, algumas destas postagens – e várias narrativas que escutei – apontam prá uma mesma coisa: Deus é masculino pois criado pelo homem numa sociedade masculina/masculinista/machista e a Bíblia é androcêntrica. Quanto a tais pontos, tendo a concordar.

A pergunta acerca da (cis? trans*?) generidade de Deus(a? @?) sinaliza para as possíveis interpretações teológicas criadas, *curtidas* e *compartilhadas* por pessoas trans* em rede. Dentre uma infinidade de ambientes possíveis (passíveis) de tentar responder questões como esta ou outras e que afetam diretamente a questão das identidades t* estão, além das igrejas inclusivas LGBT, os ministérios de conversão de travestis, apresentados sinteticamente no *cenário* seguinte.

Tal percurso de campo mostrou algumas das imbricações entre *conversão religiosa* e *conversão de gênero*, ou mais especificamente, *conversão de nome e de corpo* – e também a importância da *salvação do corpo* na *salvação do espírito*.

Cenário 3 – “Jesus mata o velho homem, salva e liberta”: ministérios de recuperação de travestis

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos?
Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens
Mateus 5:13

“**N**osso trabalho é fazer o joio se transformar em trigo. É salgar a terra. É permitir que Jesus atue na vida do cara. É ajudar a matar o velho homem. Sim, o velho homem, porque não é a velha mulher né? Traveco é homem. Então não é matar a velha mulher mas o velho homem. E fazer renascer outro cara, segundo a Palavra e os planos de Deus. Sim, é parecido com o AA, sim. É matar um leão por dia. Ou uma leoa, como eles acham né? (risos) Mas sem morte não tem renascer. Jesus mata o velho homem, salva e liberta”.⁷²⁰

Essa narrativa, feita por um@ missionári@ de um *ministério de recuperação de travestis* – convencionados na tese como *ministérios de conversão de travestis* –, demonstra um pouco das concepções de algumas destas missões que procuram *transformar* travestis – *velhos homens* – em homens *renovados*.

Costuma haver uma estreita relação entre tais ministérios e algumas igrejas (neo)pentecostais. Por vezes estes ministérios fazem parte de alguma destas igrejas, em outras, são financiados ou apoiados pelas mesmas.

Em outros casos, líderes, membros e convertid@s destes ministérios compartilham suas experiências através de testemunhos nas (neo)pentecostais. Mesmo quando isto não ocorre, algo a se salientar é que as igrejas neopentecostais costumam ter como tema frequente questões relacionadas à sexualidade e gênero. Dentre estas, cito três: a *Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)*, fundada no Rio de Janeiro em 1977 pelo bispo Edir Macedo, a *Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD)*, inaugurada em 1998 em Sorocaba pelo apóstolo Valdemiro Santiago e sua esposa, bispa Franciléia, e a *Assembleia de Deus Vitória em Cristo (AVEC)*, (ex-Assembleia de Deus na Penha), que recebeu este nome em 2010, iniciada pelo pastor Silas Malafaia. Para estas, há um discurso religioso que associa as práticas sexuais como as d@s homossexuais, adúlter@s e garotas de programa – e até certo ponto o de divorciad@s – como resultado de possessão demoníaca e “encosto”, e resolvidos através da batalha espiritual e da

⁷²⁰ MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE TRAVESTIS A., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2014.

cura e libertação como formas de ser aceito em plenitude por Deus e pela igreja. É neste sentido que o discurso de reversão da homossexualidade associa-se ao da cura e libertação de demônios, muitas vezes associados a orixás e entidades das religiões de matriz africana.

Estimulado a partir da experiência de um grupo precursor, o *CPPC* (Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos), fundado em 1976 em Curitiba, por um coletivo de especialistas, os ministérios de conversão do “homossexualismo” (inclusas as pessoas travestis, confundidas com homossexuais por estes grupos) utilizam tratamento psicológico e psiquiátrico associado ao religioso, entendendo que os papéis de gênero indesejáveis tem como origem famílias desestruturadas e que propiciariam experiências de desajuste, abuso e trauma psicológico acarretando na homossexualidade como forma de adicção ou transtorno de ordem psíquica. A cura e libertação deste vício, através da terapia espiritual/psicológica/psiquiátrica é a solução. Dentre uma multiplicidade de ministérios evangélicos brasileiros com estes propósitos, elencamos cinco para serem analisados a partir dos discursos de seus fundadores e/ou líderes e de alguns de seus frequentadores ou ex-frequentadores. São o *Moses* (Movimento pela Sexualidade Sadia), fundado em 2004 no Rio de Janeiro por Sérgio Viula, João Luiz Santolin e Liane França, a *Abraceh* (Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade, que mudou seu nome em 2011 para *Associação de apoio ao ser humano e à família*), iniciada em 2005, no Rio de Janeiro por Rozangela Alves Justino, o *Ministério Gileade*, associado à neopentecostal Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte, um dos ministérios de cura e libertação de homossexuais mais conhecidos entre os evangélicos brasileiros, ainda que não se midiaticem com potência na internet, e o *Ministério Êxodus Brasil*, fundado em 2002 e que apoia diversos ministérios de recuperação de homossexuais, dentre eles o *Filhos da Esperança*, fundado em São Paulo pelo pastor Denis Ferreira.

Há ministérios de conversão de homossexuais – que incluem neste guarda-chuva as pessoas trans* – e que se denominam também *grupos ou casas de apoio*, realizando seus trabalhos não somente a travestis como a homossexuais, alcóolatras, addict@s em geral e garotas de programa.⁷²¹

Estes grupos tem como objetivo evangelizar travestis e mulheres que trabalham como profissionais do sexo em capitais como São Paulo e Vitória, e em cidades como Santo André, em alguns casos os acolhendo em casas de apoio e os orientando para novas opções no mercado de trabalho. A *Missão CENA* (Comunidade Evangélica Nova Aurora) tem o apoio de comunidades evangélicas diversas, como o próprio Projeto 242 e a *Avalanche Missões Urbanas Underground*, e trabalha com crianças em situação de rua e de risco, além de garotas de programa e travestis, tendo tido início em 1985, na rua Aurora, em São Paulo. A *Missão SAL* (Salvação Amor e Libertação), inaugurada em 2007 pelo pastor Paulo Cappeletti em Santo André, atua também em São Paulo e recebe apoio,

⁷²¹ Não escutei nenhuma narrativa de que tais coletivos realizem trabalhos com michês (garotos de programas).

como as demais, de diversos grupos evangélicos, possuindo uma casa de recuperação chamada Comunidade Nova Chance, que atende atualmente uma média de 30 pessoas. O *Ministério Luz na Noite* é ligado à *Avalanche Missões Urbanas Underground* e à Igreja Presbiteriana de Jardim Camburi, bairro praiano conhecido pela prostituição de garotas e travestis em área urbana, e foi fundado em 2001 em Vitória pelos casais Débora Fonseca e Cunha e Húbson de Lima Pereira, e Chrystine Pereira Viana e Lenildo Viana.

Em minha pesquisa conversei com pessoas envolvidas com a CENA e a SAL, realizando trabalho de campo nesta última. Minha inserção nestas comunidades representou a última etapa de meu campo “off-line” e representou o amoldamento final de minha tese.

Em maio de 2014, conversando com uma amiga, ela me contou algo que eu não sabia: a mesma havia feito parte de duas missões evangélicas que objetivavam o tratamento de adict@s e de homossexuais, especialmente travestis (lembrando a confusão recorrente que muitas comunidades evangélicas fazem entre identidade de gênero e orientação sexual). Fiz uma entrevista com ela e com outr@s missionári@s que também haviam trabalhado nas mesmas missões, a CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) e a SAL (Salvação, Amor e Libertação).⁷²² Conheci as duas comunidades, mas na tese, analiso uma delas, a *SAL*, especialmente por ter acompanhado um acampamento direcionado à conversão de travestis. Mas ambas comunidades se entrelaçam:

A Missão CENA foi fundada na década de 1990 por Cappelletti – conhecido pelo apelido de *Pastor Macarrão* – e outros missionários. Como me contou um@ ex-missionári@,

tudo começou numa borracharia velha lá da boca do lixo, na rua Aurora, que é ponto de prostituição, tráfico e tudo mais. Depois passou lá prá General Osório. Tinha cultos alguns dias à noite pro pessoal da região, travesti, gay, viciado e prostituta. Com o tempo fomos oferecendo local prá banho, alimentação e em alguns casos dávamos roupas. Tinha quem dormia ali do lado de fora. Não tínhamos cama mas o pessoal dormia ali fora, porque era mais seguro que na rua mesmo. Depois que foi criada a Fazenda Nova Aurora de Jucitaba, que você perguntou. Depois foi criada a Casa Família que acolhia o pessoal que não ia prá Fazenda ou então que saía da Fazenda e não tinha onde ir. Nos dois lugares o procedimento era de recolher a documentação do sobranter enquanto ele tava lá. Sim, cortávamos o cabelo deles com máquina zero ou um e dávamos a roupa de homem no caso dos travestis. Eram chamados só pelo nome de homem. A Casa Família era chefiada por uma família de missionários da CENA. Uma coisa que o Paulo sempre falava era que fazia parte de pregar o Evangelho com palavras e com atitudes dentro e fora da Casa e que pregar o Evangelho

⁷²² Através dest@s, conheci ainda ex-seminaristas católicos que me contaram sobre ministérios da ICAR direcionados à conversão de “homossexuais” – nome genérico utilizado para travestis. Tais entre-vistas, contudo, ficaram para outra ocasião, não sendo aproveitadas na tese.

podia ser perigoso mas que devia ser pregado mesmo com risco de morte.⁷²³

Para outr@ ex-missionári@,

a missão Cena é uma comunidade evangélica que fica na Cracolândia e tem como finalidade ajudar pessoas a saírem das ruas e dos vícios. A CENA é uma missão que possui uma igreja (também chamada de CENA), ambas criadas para receber pessoas que outras igrejas não queriam: travestis, homossexuais (tinha a separação entre travestis e homossexuais... nem todo homossexual é considerado travesti mas todo travesti é considerado homossexual), garotas de programa, moradores de rua, crianças de rua... A ideia é maravilhosa, com este contexto de graça e inclusão, mas o que tem por trás de tudo isto é *diabólico*. Diabólico no caso do trabalho com travestis, por que eles, evangélicos, entendem que ser travesti é um pecado, um transtorno psicológico, um vício, e que eles tem a solução para o que é correto. Eles tem a verdade quase que absoluta.⁷²⁴

Acerca do funcionamento do ambiente,

cada dia da semana era atendido um grupo. Segunda era o grupo das pessoas que estavam em prédios invadidos. Terça, dia das garotas de programa. Quarta, população de rua, quando comiam e iam tomar banho... neste dia todos missionários participavam e atendiam todo mundo (travestis, prostitutas, crianças de rua, de bebês a pessoas até oitenta anos, todo mundo...). Quinta eram as crianças que chamávamos de pré-rua, as que tinham famílias desestruturadas e sexta população de rua de novo. Eu ia trabalhar três a quatro vezes por semana.⁷²⁵

@ mesm@ trabalhou diretamente com a população travesti:

quando eu estava na sede recebia travestis. Desde o início recebíamos instruções bem específicas para o tratamento com os travestis. A principal regra era a de sempre tratá-los com o nome do RG, mesmo que eles não quisessem (essa atitude tinha como objetivo lembrá-los quem “realmente” são, ou seja, “homens” né).⁷²⁶

El@ complementou:

fazíamos evangelismo à noite na Cracolândia e passávamos pelos locais de trabalho dos trans, como portas de hotéis, por exemplo. Tentávamos um vínculo de amizade através de conversas informais para depois levar para a CENA. Mesmo tendo um número grande de pessoas trans no centro, as que procuravam ajuda era uma parcela pequena e quando o faziam o principal pedido era em relação aos vícios de álcool e crack. Alguns travestis, as

⁷²³ EX-MISSIONÁRI@ DA CENA A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷²⁴ EX-MISSIONÁRI@ DA CENA B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷²⁵ EX-MISSIONÁRI@ DA CENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷²⁶ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

mais pobres, procuravam a Sede da CENA para tomar banho e almoçarem ou jantarem. Na época, a CENA abria 4ª e 6ª pra atender a população de rua e oferecer banho e almoço (ou jantar). Oferecer local pra banho e refeições era um meio de dizer que nós estávamos ali pra ajudá-los. Chamar eles.⁷²⁷

Além da sede, havia – ainda há – uma fazenda de recuperação:

mas a maioria procurava a CENA para irem para a casa de apoio, na Fazenda de Jucituba, e serem curados de vícios como craque e álcool. Não iam para se tratarem da homossexualidade. Mas chegando lá, ou antes mesmo, na Sede, quando falavam “não vim pra tratar a homossexualidade” ou “não vim pra deixar de ser travesti, vim me recuperar do crack”, eles já ouviam de imediato que não tinha esta separação, e que eles seriam tratados de tudo... do crack, do álcool, da homossexualidade... que eram vícios semelhantes. Na Fazenda eles tinham atendimento psicológico. E a frase principal que eles ouviam era “você não são homossexuais, você *está*”. Isto quer dizer que eles poderiam mudar, que isto não era a essência deles, que eles podiam voltar a ser homens. A psicóloga na época era a Valéria, que era seguidora da Rosângela Justino. Ambas têm como especialidade a conversão de homossexuais. Numa das palestras que a Justino deu na Sede, que eu fui, lembro que a homossexualidade sempre tinha como causa o abuso sexual. Mas eu ouvi de um monte de travestis que eles nunca sofreram abuso.⁷²⁸

Tal missionári@ indicou outr@s, que trabalharam nesta fazenda, bem como pessoas que lá moravam. Duas se definem hoje ex-travestis e residem em outros estados. Conheci-@s pelo FB, e através do SRS conversei com elas, e também fora da net com uma, que estava em São Paulo.

eu escolhi morar na fazenda. Lá eu estava protegido da violência no centro. No centro eu tinha cafetina que cuidava da rua e cafetina que cuidava da casa que eu dormia. E o craque. Uó. Lá na fazenda eu fui pra recuperar dos vícios, dos dois né (risos), do homossexualismo e da pedra. É, homossexualismo travesti. Acontece que na fazenda eu também trabalhava muito. Demais. Ninguém fica de graça em lugar nenhum né. Estes lugares evangélicos funcionam como cafetões também. Cafetões evangélicos. Mas nunca mais voltei a ser travesti. Cracolândia não mais.⁷²⁹

Outra pessoa que residiu no local me disse:

acho que foi bom, me recuperou sim. Quer dizer, sei que nunca vou poder ser mulher. Nunca vou ter vagina. Nunca vou gerar filhos do meu ventre. Como posso ser mulher? Mas eu não deixei de ter atração não. Por homens. Mas controlo. Se um dia aparecer uma varoa,

⁷²⁷ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷²⁸ EX-MISSIONÁRI@ DA CENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷²⁹ TIRÉSIAS A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

mas acho difícil kkkkk.⁷³⁰

Um@ ex-missionári@ que trabalhou na Fazenda de Juitituba narrou: “eu trabalhei lá três anos. Chamam lá de casa de apoio. Também chamam casa de recuperação, mas casa de recuperação tem de ter médicos e lá não tem.”⁷³¹ Indaguei sobre o processo de ida de missionári@s para o local: “os missionários passavam por estágios. Em geral na sede no centro, depois mais alguns meses na Casa Família de Santo André. Há duas, uma é do Cappelletti”, completando

a Casa Família é a casa que recebe as pessoas que se “recuperaram”, entre aspas porque ninguém se recupera definitivamente de nenhum vício nem de nada. Quem é viciado sempre será viciado e quem é homossexual será sempre homossexual, e homossexualidade não é vício. Na época eu achava que era. Vício, pecado e do demônio.⁷³²

Perguntei se haviam normas na fazenda:

regras quando os travestis chegam na Fazenda Nova Aurora, também chamada de Fazenda de Juitituba: Antes de chegarem, já são tratados com o nome masculino, de registro. Era proibido que os travestis, ao conversarem entre si, chamassem um ao outro pelo nome feminino. Eles eram corrigidos na hora quando chamavam a eles mesmos ou a outros com o nome de rua. Antes de chegarem à Fazenda, tinham seus cabelos cortados na Sede com máquina um ou dois. Ao chegar, estas pessoas recebiam roupas de homens. Se homens trans fossem recebidos receberiam roupas femininas, mas não conheci nenhum caso. Se os travestis vinham com roupas de mulher na mala, era tudo jogado fora. Cada pessoa que era atendida na missão (travestis, prostitutas, moradores e moradoras de rua) recebia tarefas: cozinha, lavanderia, rouparia, despensa, horta, capinar. Havia a instrução para os travestis não fazerem serviços femininos ou leves. Não podiam trabalhar na cozinha ou lavanderia, por exemplo. Não me lembro de nenhum travesti que tenha sido direcionado a trabalhos femininos. Os travestis eram enviados para trabalhos masculinos, como capinar, ir pra roça.⁷³³

Contou sobre um caso específico, de uma das pessoas com quem conversei e que preferiu o anonimato:

ele teve duas passagens pela fazenda. Na primeira ele era gay e trabalhou na cozinha e na despensa. Depois foi embora. E quando voltou, voltou como travesti. E aí teve tratamento diferenciado, fazendo trabalhos mais masculinos.⁷³⁴

Perguntei se el@ sabia do passado religioso de alguma pessoa que residiu na fazenda.

⁷³⁰ TIRÉSIAS B., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2014.

⁷³¹ EX-MISSIONÁRI@ DA CENA D. *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³² Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³³ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³⁴ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

nos momentos de aconselhamentos eles contavam suas histórias de como eles chegavam ali... lembro que de todos que vinham conversar comigo, praticamente 100 % tiveram contato com igrejas pentecostais quando eram crianças. Nem todos tinham sofrido abuso sexual ou violência doméstica. Muitos nunca sofreram. Muitos se viam como pessoas que já estavam direcionadas para o inferno, não tinham mais esperança. Já se sentiam predestinados ao inferno. Quando eram questionados porque não iam à igreja, eles sempre diziam que eram discriminados e se sentiam muito pior na igreja do que se sentem normalmente. Quando chegavam na Fazenda, eles eram muito discriminados pelos próprios conviventes. Algumas prostitutas discriminavam. Mas principalmente os homens moradores de rua. Os travestis ficavam meio isolados, e se envolviam mais com outros ex-travestis.⁷³⁵

Contou ainda que

nos cultos, eles choravam muito, eles se sensibilizavam muito. Eles tinham uma vontade muito grande de serem considerados normais. Eles se viam como uma abominação porque já vinham de um contexto de criação em igreja pentecostal de que isto é pecado, abominação. Quando iam pra uma casa de apoio, eles tentavam ser normais, se adequar ao sistema... mas lá dentro, eles percebem em pouquíssimo tempo que não é possível. Como eles percebiam que nunca seriam “normais” eles voltavam pra rua. E se jogavam nas drogas e na prostituição de cabeça, já que estavam predestinados ao inferno pois nunca iriam pro céu. Aí se entregavam de vez.⁷³⁶

Completo ainda: “eles não se sentiam incluídos na Fazenda. Não conseguiam se sentir nem mulher, nem travesti, e nem homem.”⁷³⁷ Sobre a relação das travestis com @s missionários, salientou: “havia uma representação da parte deles, dos conviventes ou *alunos* como eram chamados. Eles tentavam agradar os missionários para obter favores, para fazerem trabalhos menos pesados, para sair pra visitar a família em alguma data especial...”⁷³⁸ Perguntei como ocorriam as saídas da fazenda.

eles podiam ir embora na hora que quisessem, mas de forma definitiva. Mas não podiam sair pra visitar alguém na hora que queriam. E uma hora cansa de representar. Uma hora a pessoa quer ser quem ela realmente é, a essência dela, e nesta hora ela vai embora... lá estas pessoas só entravam no esquema pra se adaptar e conviver. Era tudo temporário, não era nada definitivo. A documentação, RG, etc, ficava com o administrador da fazenda. Era devolvida na hora em que eles iam embora.⁷³⁹

⁷³⁵ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³⁶ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³⁷ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷³⁸ Ibidem,

⁷³⁹ Ibidem,

De acordo com el@, “fora o Rouvanny não me lembro de nenhum que tenha continuado. Todos desistiram, geralmente em pouco tempo, por volta de três meses. Uns ficaram um pouco mais, mas também iam embora”.⁷⁴⁰ Sobre o uso de nome masculino, el@ lembrou uma exceção: “tinha um travesti que eu e mais outr@ missionári@ chamávamos pelo nome feminino. Foi o único caso. Ele sempre falava com a gente no feminino, nunca teve nenhuma atitude masculina. Ele nunca se submeteu ao sistema”.⁷⁴¹

As travestis recebiam o primeiro contato com os líderes da CENA na época, Cappelletti e João Carlos, e com missionári@s, geralmente homens, que trabalhavam nesta área. Até 2006,

quem conduzia o evangelismo com os trans era o João Carlos, que é o coordenador da CENA. O Cappelletti foi o fundador da CENA e diretor. Ficou anos na direção, mas se afastou pra criar a SAL. Quando o Cappelletti saiu da CENA o João assumiu a direção. Depois que criou a SAL com outras pessoas começou a pegar firme no evangelismo de travesti.⁷⁴²

Acerca da fundação da SAL, @ ex-missionári@ contou das duas Casas Família da CENA, mas que em 2006 Cappelletti preferiu se afastar da CENA por problemas pessoais com João Carlos e fundar outra missão, a SAL, em setembro de 2007.

A SAL foi fundada perto de setembro em Santo André, aqui perto da estação Prefeito Saladino. É uma região que é próxima à boca de prostituição da Avenida Industrial, onde tão os caras que fazem ponto e mais prá cima dois bairros nobres da cidade. SAL é Salvação, Amor e Libertação, e foi com essa ideia que integrei esse exército de salvação. A gente atendia morador de rua, dependente químico, prostituta e principalmente os travestis da Industrial e da região toda. Era muita gente. A casa do Cappelletti chegou a ter uns quarenta caras morando, acho. A maioria travestis. Mas dava muita briga. Mas o Cappelletti era bem autoritário e controlava os caras. A maioria, pelo menos. Muitos ficavam um tempo e com desavença com o Paulo saíam fora. Muitos voltavam prá velha vida de droga e bebedeira.⁷⁴³

Outr@ ex-missionári@ explicou:

Pelo que sei Paulo não fundou a SAL sozinho. Foram dois casais. Ele e a mulher dele, Silvia, e outro casal. Cada casal tinha uma casa de acolhida, as Casa Família. Mas o Escobar e o Paulo tretaram e então o Escobar e a mulher dele abandonaram a missão. Rolava muita

⁷⁴⁰ Ibidem,

⁷⁴¹ Ibidem,

⁷⁴² EX-MISSIONÁRI@ DA CENA A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁴³ EX-MISSIONÁRI@ DA SAL A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

divergência ali.⁷⁴⁴

Imagem: Missão SAL no FB

A base atual de operações da SAL é chamada Comunidade Nova Chance, ficando no local de uma das antigas Casas Família, a comandada por Escobar e Delize, que tem menor capacidade de acolhimento. Nesta vivem a família de Cappelletti, missionári@s e pessoas acolhidas. Em 2014 moram três pessoas que já se identificaram travestis, e cerca de 7 pessoas que tiveram problemas com dependência química. Mas circulam diariamente pela casa diversas travestis e algumas ex-travestis que participaram de processos de recuperação na casa, em geral participando do café-da-manhã ou das demais refeições comunitárias preparadas pel@s morador@s. A SAL está em fase de ampliação para uma casa maior em Itaquaquecetuba: a intenção é ampliar ao menos três vezes a capacidade atual de acolhimento que se encontra bem reduzida. A casa atual, que foi descrita por um@ missionári@ como provisória por atender a um número reduzido de “sobrantes” – como el@ se referiu – é um sobrado que possui uma sala, uma cozinha e uma área externa em que funciona um bazar que vende peças vindas de doações de igrejas e pessoas físicas. Na parte superior da casa há uma suite e dois quartos em que moram os acolhidos. À época de minha observação o casal Cappelletti e sua família estavam residindo em uma outra casa, na mesma rua, em que funciona a editor de Cappelletti, a Academia Cristã. Na parte de cima do bazar moram dois missionários que são identificados na casa como ex-travestis. Um deles, Rouvanny Moura, atualmente é o responsável pela organização da casa na ausência de Cappelletti e fundador de um ministério – por enquanto anônimo – especializado na conversão de travestis.⁷⁴⁵

Cappelletti me explicou que o lema da SAL é “resgatar, restaurar e reintegrar as pessoas para uma vida digna”, e que a convivência nem sempre é fácil: “dá prá ver Deus e o diabo na casa no

⁷⁴⁴ EX-MISSIONÁRI@ DA SAL B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁴⁵ Apesar da família de Cappelletti dormir em outra residência, eles circulam boa parte do dia pela casa. Contando com est@s, @s missionári@s e @s acolhid@s, a casa conta com cerca de 20 morador@s.

dia-a-dia”, mas que é na convivência cotidiana que @s morador@s da casa – sua família, missionári@s e acolhid@s – aprendem a compartilhar as coisas e seguir Jesus.⁷⁴⁶

A casa foi analisada em 2013 por Rejane Gama. Para a mesma,

convivência é a metodologia utilizada como base da ação pastoral da Missão SAL, apesar de sua aplicação ainda enfrentar as tensões pertinentes a uma mudança de mentalidade na própria concepção de missão atual. Foi possível verificar que estão presentes na convivência da casa, os dois paradigmas da missão que influenciam sua prática pastoral. Por um lado, a compreensão que se tem da metodologia de ação pastoral é de que esta deve ser pautada no diálogo e na igualdade, mas por outro lado, atitudes de superioridade e de submissão são constantemente notadas na convivência diária.

Os acolhidos, por sua vez, também estão aprendendo a manifestar sua “voz”, uma vez que sempre foram impedidos de falar e ensinados que sua opinião não era importante, aprenderam a se ver sempre como inferiores e dependentes da assistência de outros. Trata-se, assim, de uma libertação mútua, que não é um processo simples e instantâneo, mas que, se perseguido, encontra bons resultados quanto à emancipação de ambos os sujeitos – acolhedor e acolhido.⁷⁴⁷

Gama conclui que

a mudança de hábitos pastorais de superioridade do agente é um dos grandes desafios a serem enfrentados para o avanço no acolhimento dos sobrantes da cidade, para incluí-los no processo de ação pastoral como sujeitos ativos de seu processo de autonomia.⁷⁴⁸

Para a autora a SAL é uma casa de acolhida com desafios a enfrentar afim de se aperefeioar na acolhida de pessoas *sobrantes* que devem ser libertas de vícios diversos: ao que parece, dentre eles, o da homossexualidade que caracterizaria as pessoas travestis.

@s missionári@s da casa trabalham na casa e em três eixos, a área que compreende a Avenida Industrial, a Praça do Carmo e adjacências, no trabalho de evangelismo com travestis e mulheres que se prostituem, na Cracolândia de São Paulo aos domingos e numa comunidade do bairro Utinga de Santo André, neste caso, num trabalho com crianças e adolescentes carentes. Em relação ao público dos dois primeiros locais, muitas destas pessoas visitam a SAL. As que passam na triagem para moradia devem se submeter a algumas condições. No caso das travestis, devem se abster de álcool e drogas, não saírem para se prostituir, viverem em celibato e adequarem-se à essência masculina esperada a elas, iniciando pelo corte de cabelo bem rente,

⁷⁴⁶ CAPPELLETTI, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁴⁷ GAMA, “O que queres que eu te faça?” – *Em busca de uma metodologia da convivência na ação pastoral para a população sobrente dos centros urbanos: estudo de caso da Missão SAL em Santo André*, 2013, p. 93.

⁷⁴⁸ Idem, 2013, p. 93.

uso de vestimentas masculinas, do nome de batismo, e de um comportamento “masculino” que segundo um morador deveria ir desde o tom de voz até o modo de se sentar. Há devocionais diários com leituras da Bíblia, dois cultos semanais, domingo pela manhã e quarta à noite, através de uma igreja parceira, a Comunidade Evangélica Livre.

Nos períodos em que visitei a casa, conversei com divers@s morador@s, missionári@s, com Cappelletti e um de seus filhos, e com dois moradores que são identificados como ex-travestis. O terceiro estava hospitalizado na época. Um deles é considerado um sobranete acolhido e candidato a missionário. Outro, Rouvanny, já missionário e líder do ministério de conversão de travestis, explica que não se vê como ex-travesti pois tem de matar a travesti que mora dentro dele diariamente. Rouvanny é considerado missionário pela SAL há cerca de dois anos, e convive com @s Cappelletti há quase dez. Conheceu Paulo quando este ainda era líder da CENA, morou na Fazenda Nova Aurora em Juquitiba e posteriormente na Casa Família coordenada por Cappelletti. Acompanhou a família de Paulo quando este saiu da CENA e foi aprendendo a fazer serviços “masculinos” no meio tempo entre a saída de Paulo da CENA e a fundação da SAL, como mexer com fiação elétrica e serviços de pintura. Veremos a entre-vista com Rouvanny no decorrer deste capítulo.

Um ex-missionári@ me contou que “a rotatividade era muito grande, sempre teve muitos travestis na casa”, e que o vínculo se estabelecia entre garrafas de tubaína num bar próximo:

nem todos moravam lá. Muitos vinham prá comer e depois iam embora. A Casa da SAL já era conhecida no bairro pois anteriormente era a Casa Família da CENA. Então eles já tinham a liberdade de entrar e sair sem nenhum problema, a casa sempre estava aberta. Sempre teve muitos travestis, pois a casa fica bem perto da Avenida Industrial, que é ponto de prostituição deles. A maior parte das pessoas eram travestis. O evangelismo era feito à noite nas sextas-feiras. os demais missionários sempre iam. Tinha um bar, da Marli, que depois do evangelismo os missionários iam lá e sentavam com os travestis e a Marli servia tubaína prá todo mundo. E assim se criava um vínculo com eles. Tubaína porque não era alcóolico e era mais barato, e não se queria que os travestis bebessem. Apareciam travestis na SAL de toda idade, desde menino de 17 anos até os que estavam em fim de carreira. Alguns procuravam apenas uma ajuda momentânea, como banho e comida. Outros queriam morar e fazer cirurgia prá retirar silicone industrial.⁷⁴⁹

Outr@ missionári@ reforçou acerca da rotatividade:

como a gente sabia que a rotatividade era muito grande a gente falava das regras quando eles entravam: “se você quiser morar aqui, você vai cortar o cabelo, se vestir como homem,

⁷⁴⁹ EX-MISSIONÁRI@ DA SAL C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

ser chamado como homem e vai trabalhar”. Se eles se decidiam que queriam isto, então o cabelo já era cortado logo que entravam prá morar, com máquina, e recebiam roupas de homem. A maioria nem documento tinha. Na rua eles se prostituíam por muito pouco. Eram muito pobres. A maioria vinha do norte e nordeste com a promessa que iam ganhar dinheiro em São Paulo e iam prá casa de cafetinas (a maioria eram mulheres, não travestis). Alguns mal sabiam ler e escrever.⁷⁵⁰

Acerca do sustento da casa, Rouvanny explicou:

a gente não fica só na oferta que vem de fora, nós também corremos atrás. Tem um pessoas ajuntando latinha. Com trufa, sabonete, bloco de livro, biscoito. Tudo isso levanta, entendeu? Não fica só esperando, nós também corremos atrás fazendo alguma coisa para a vontade dEle. Um dos projetos é levantar uma igreja e construir uma casa.⁷⁵¹

@ ex-missionári@ também falou sobre o sustento da casa: “eles trabalhavam como todos, na casa. Mas tinham de pagar uma taxa prá morar na casa. Na época era R\$ 250. Eles conseguiam este dinheiro trabalhando com a venda das latas. Teve uma época que todo pessoal vendia cocada, catava lata. Missionário, travesti...”⁷⁵² E finalizou:

a maioria vai embora. O número dos que tem uma *salvação, amor e libertação* é muito pequeno. A maioria recebe fragmentos disto aí. Acho que isto serve com todos que passam pela SAL. O que quero dizer é que quando uma missão se propõe a ter isto como um objetivo final, isto deve acontecer por inteiro. A proposta é *salvação, amor e libertação*. Mas vai *salvar* do que? Do inferno terreno? Do inferno do porvir? O que é salvar? E *amor* é incondicional, e se ele é incondicional não precisa mudar alguém prá amar. A pessoa vai ser amada do jeito que for com sua luz e suas trevas, levando em conta toda sua história e contexto de vida. E *libertar* do que? Da homossexualidade? Da travestilidade? Da transexualidade? Estas coisas me fazem pensar que o que se recebia lá não era nem salvação, nem amor, nem libertação. Era um teto, roupa, comida e uma transformação de aparência.⁷⁵³

Após esta breve descrição de como funcionam a CENA e a SAL – através de perspectivas controversas –, fica a pergunta: quais seriam os fundamentos teológicos das mesmas, bem como da maioria dos ministérios de conversão de travestis? Para começarmos a compreender tal contexto, leiamos a entre-vista realizada em julho de 2014 com Paulo Cappelletti, fundador da CENA e da SAL.

⁷⁵⁰ EX-MISSIONÁRI@ DA SAL A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁵¹ MOURA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁵² EX-MISSIONÁRI@ DA SAL A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁵³ EX-MISSIONÁRI@ DA SAL B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

“A morte é uma coisa meio lenta”

A entre-vista com Paulo Cappelletti – chamado popularmente de *pastor Macarrão* – foi realizada em julho de 2014; 4 anos após a entre-vista ponto zero da tese, com o Rev Cris. As duas entre-vistas marcam o tema gerador da tese, as (re/des)conexões entre gênero e religião, ou mais especificamente as (re/des)engenharias de gênero de pessoas trans* a partir de discursos religiosos umbilicalmente ligados ao de gênero. Ainda que ambas entre-vistas tenham sido realizadas a partir de dois pontos de partida razoavelmente distintos, uma igreja inclusiva LGBT e um ministério de conversão de travestis, a questão não deve ser vista como algo dicotômico num âmbito de batalha entre bem e mal, ainda que este tenha sido um exercício difícil de se fazer enquanto eu estive em campo, visto ter simpatia pela primeira e não ter pelo segundo. Mas destaco a importância de não vermos a questão de modo maniqueísta: são muitos os pontos de contato possíveis para percebermos que a questão é muito mais ampla do que retratada nesta tese.

Um detalhe que me chamou a atenção na entre-vista foi que Paulo se refere a mulheres trans e travestis sempre no masculino, mesmo quando estas possuem somente nome feminino, por exemplo, o Roberta Close.

Perguntei a Cappelletti como tinha surgido a ideia dele trabalhar com travestis e a conversa foi se desenrolando.

na verdade tinha uma questão aberta, que era uma pergunta que ainda tem: porque a gente dá tudo pras pessoas e elas preferem as drogas? Então a gente tinha essa pergunta. A gente dava tudo na fazenda, a gente sempre deu tudo de bom, nunca qualquer coisa. Mas mesmo assim eles decidiam ir embora, decidiam voltar pra rua. A gente pensava que estava faltando alguma coisa. Conversando com o pessoal a gente percebeu que o que tava precisando era de uma família, aí eu e minha esposa tomamos a decisão de abrir a casa pra receber essas pessoas, prá tentar mostrar prá elas que a gente podia viver como família e tentar dar o básico, mas do básico uma coisa boa, não uma coisa ruim. Mas mesmo assim as pessoas continuam indo embora, mas o desejo que começou há 16 anos atrás começou por causa disso. Foi prá tentar dar uma solução, e quando eu comecei a morar com as pessoas, eu comecei a querer ser família mesmo. Queria ser pai do cara e a Silvia queria ser mãe, aí nós percebemos que eles não queriam ser família com a gente, os caras não queriam ser família.

A gente tinha aqui 15 adolescentes que moravam com a gente, a gente tinha oito travestis, dois assassinos, a gente tinha traficante, drogado, prostituta, tudo morando junto. Isso na época da CENA. Aí no decorrer da caminhada a gente começou a perceber que os caras não queriam ser família, os caras queriam viver a vida deles. Aí nós decidimos não ser mais família, mas ser uma comunidade que vai abrigar pessoas. Mas aí nesse ínterim teve pessoas que nos adotaram como pai, como família e permaneceu e aqueles que não queriam eles deixaram de andar e foram embora. Alguns permanecem bem, a maioria permanece mal. Eles preferem a rua, preferem a droga do que se submeter...

Começou que a gente tava deixando os travestis na comunidade, tava deixando dentro da igreja da CENA que eu ajudei a implantar. Aí o que eu fiz: como eu abri a casa eu levei todos eles pra morar comigo. Esta casa fica aqui em baixo da rua. É uma casa grande, tinha um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove quartos nós tínhamos. Era eu e minha esposa e uma mina que era missionária.

Foi assim: foi indo pra comunidade, eles queriam sair, a gente colocava eles dentro da igreja, aí quando decidi abrir a casa, eu decidi: não vou deixar os caras na igreja, eu vou levar ele pra dentro da minha casa, não foi uma coisa que foi planejada e tal, foi na hora, porque a gente não queria deixar os caras dormindo lá atrás da comunidade. Na primeira vez vieram quatro, aí depois chegou mais quatro na minha casa. Não era um ministério só de travestis. O Rouvanny que trabalha com os travestis hoje em dia.

O primeiro acampamento com travesti foi na CENA. Cara, eu nem sei quando foi. Foi na década de 90, cara. Na década de 90 aconteceu o primeiro acampamento. Só travesti. A gente nem sabia o que ia rolar, se eles iam, porque nós convidamos na rua, nós marcamos o acampamento e não sabia se eles iam. Aí no domingo a noite, a gente saía no domingo à noite, saiu pra convidar os caras, aí nós enchemos uma Kombi, fomos com a Kombi cheia. Aí lá a gente comprou tudo que precisava pra fazer o acampamento, porque a gente não sabia... Nós levamos seis caras. Fui eu, um alemão e o outro eu não lembro quem foi, eu sei que nós fomos em três. Se eu não me engano eu tenho até o vídeo, cara, desse acampamento, eu só preciso achar, porque teve mudança em casa. Era aquela fita ainda, pequenininha, já era a pequena. Se eu não me engano tenho até a filmagem dos caras que foram.

Desses caras que foram... ah, tem um outro cara que foi que tá bem também, chamado (nome masculino), o nome dele era (nome feminino). Se não me engano ele é supervisor numa empresa. Eu ajudei tirar o silicone dele também. Eu ajudei tirar o silicone do (nome feminino), do (nome masculino), do (nome feminino), do (nome masculino), do (nome masculino),⁷⁵⁴ do Rouvanny. Pra tirar o silicone? A gente tenta achar um cirurgião plástico.

⁷⁵⁴ Nomes suprimidos para preservação das identidades.

O cara é crente, o cara vai ajudar. Aí a gente paga só o centro cirúrgico, instrumentista, equipe e tal. Sem financiamento da igreja, a gente levanta recurso e paga.

Teve um que falava espanhol. Ele dava uma de culto mas ele não era. Porque nós começamos uma editora, aí nós precisávamos de um tradutor em espanhol, aí nós colocamos o cara pra traduzir o livro. Se ele conhece espanhol, vamos ajudar o cara, que é uma forma de valorizar e tal, mas o cara não conseguiu traduzir o livro. Nós temos ela ainda. Editora Academia Cristã. É só de pesquisa teológica. A gente lançou um livro do Bauman. Já ouviu falar? um livro sobre liberdade. Chama Liberdade.

Mas a gente acredita, no nosso núcleo, que a gente já conversou com os travestis, a maioria dos travestis que passou pela minha casa eles foram abusados sexualmente ou eles sofreram violência doméstica. Pelo menos na minha casa, o que eu noto aqui é que as pessoas que passaram pela minha casa ou sofreram violência doméstica quando era criança ou sofreu abuso sexual na infância.

Indaguei se a violência doméstica tinha ligação com o abuso sexual e se travesti era um “homossexual radical”.

não necessariamente, com o homem. A imagem do pai era muito violenta, ou a mãe era muito general também. Todos esses homens que passaram pela minha casa eu tive uma conversa para saber o porque eles se tornaram homossexuais. Travesti é uma profundidade, tem uma hierarquia. O travesti que tem silicone e tal, ele no meio dos homossexuais ele é mais valorizado que aquele que não tem, então eles criam uma hierarquia entre eles. Tem o bicha gay que não tem nada, mas ele gosta de dar o rabo. O travesti é perda da identidade masculina. Ele quer perder a identidade, por isso ele coloca silicone, ele quer abandonar essa identidade pra ir ao outro lado. Tem o trauma, acredito muito claro.

Perguntei sobre possíveis razões espirituais:

não tem. Você não pode falar que o cara é homossexual porque o demônio entrou nele. Aqui na minha casa eu posso falar que ninguém foi possesso. Não é porque ele tinha a pombagira que ele se tornou travesti, é que ele sofreu um abuso sexual na infância, aí o que aconteceu: ele procurou uma religião que aceita o terceiro sexo ou outro gênero e assumiu uma potestade chamada pombagira. Então o processo é esse. Demônio é o cara que abusou do moleque. Ele foi abusado na infância, aí ele começa ter uma declinação e assumir posições femininas. Ele vai descendo até ele não querer mais a identidade masculina dele, então ele coloca silicone e coloca um nome dele. Pra eles não é decadência, mas socialmente você olhando, é, porque existe um padrão na sociedade e o padrão da sociedade vai marginalizar esse cara, então a gente pode falar que é uma inclinação, né? Aí ele chega na profundidade dele não querer ter mais a identidade masculina, então ele vive por um tempo, aí quando ele encontra Cristo, ele começa a voltar a querer ter a sua sexualidade de volta. Aí as pessoas

acham que só por ele ter encontrado Cristo, ele mudou, mas não é assim. Não é de uma hora pra outra, é o processo de você, da mudança, de você subir de novo pra aceitar a sua sexualidade de volta. Mas demora anos. Assim como demorou anos para ele chegar a não querer mais a identidade, vai demorar anos pra ele querer ter a identidade dele de volta, não é de uma hora pra outra, entende? Aqui na minha casa nós tivemos manifestações demoníaca, o demônio dos caras, só de gente que usava álcool ou droga. É droga, licita ou não. Então eu expulsei o demônio desses caras, mas do homossexual em si, na minha casa, nenhum deles manifestou possessão demoníaca.

Nesta hora um@ missionári@ que estava na roda comentou:

Missionári@: Mas teve um travesti que veio na porta de casa endemoniado.

Cappelletti: Mas aí trouxeram ele endemoniado.

Missionári@: Mas aí ele saiu, você expulsou.

Cappelletti: Mas ele tava bêbado também. E continuou:

então, na nossa casa, não posso falar do mundo, mas no limite de nossa casa, a homossexualidade é fruto de violência sexual ou doméstica, isso eu posso afirmar, de todos que eu conversei e tive contato, e foram muitos. Eu acho que mais de vinte eu posso falar. E todos eles tem o desejo de deixar essa vida, isso também eu posso falar. Chega um momento na vida do travesti que ele não quer ser mais, ele não agüenta mais. Ser travesti. Eu tenho o (nome masculino), que chegou aqui, ele foi abusado dos sete aos doze anos pelo padrasto dele. E todos os abusos sexuais, que eu também posso falar pra você, são abuso de pessoas próximas, vizinho, pai, tio, primo, amigos, sempre próximo o abuso e a criança tem medo de falar. É durante anos. Ou sofreu alguma violência do pai ou da mãe, da madrasta ou do padrasto. Todo mundo fala que o cara nasce, isso é uma teoria, não é uma verdade, não tem constatação do fato. É uma teoria, ninguém pode provar. Agora o que eu to falando, na minha casa eu posso provar através do testemunho ocular, do testemunho das pessoas que falaram comigo. Quando ele chega em casa ele vai falar: não, eu já era, mas no decorrer da história, que ele vai pegando confiança, que ele vai sabendo que você quer ajudá-lo, aí ele vai abrindo, ele vai falando as verdades. No começo é tudo uma história, uma fantasia, depois ele vai desmistificando a coisa e começa a falar a verdade. Isso não é só com o travesti. Isso também é com o pessoal que está nas drogas.

Perguntei: “Então o que leva uma pessoa virar travesti geralmente, é abuso. E o que leva a pessoa a se tornar ex-travesti? O que faz ela quebrar aquilo e voltar pra identidade masculina?”

O que eu vejo é: a vontade de abandonar essa vida que eles não agüentam mais, aí eles vêm na religião a possibilidade de uma mudança. Então existe a esperança na religião. Aí a gente pode falar que o encontro com Cristo é primordial pra mudança. Mas aí não adianta ter só o

encontro com cristo, tem que ter uma família normal ou quase normal pra ele perceber que padrão de família que ele tinha no passado, não é o padrão de família normal. O padrão é um pai que não é violento e uma mãe que não é general. É o pai que tem uma posição como pai mesmo, mesmo, que é provedor, que vai dar limites, e a mãe é a mãe que vai cuidar, amar, corrigir em amor. E o pai é o que vai corrigir dando o limite, então socialmente, sociologicamente a gente não pode falar que existe família normal, sociologicamente uma pessoa morando em uma casa é considerada uma família, mas em termos cristão, não. Em termos cristão é o pai que vai ser provedor e a mãe que vai... e o travesti não tem esse padrão, ele só vão ter o ideal de uma família cristã quando ele perceber que o padrão do homem pra ele é melhor. Aí vai se adequando.

Questionei se o casamento era uma consequência do processo.

A maioria não. Eles se abstém. Mas assim, a gente motiva o pessoal a casar, eu motivo, mesmo que a pessoa fale que ela não quer casar, de vez em quando eu dou aquela motivada, porque casar é bom, vai ficar sozinho como? Casar é bom, mas tem que casar com a pessoa correta, mas não qualquer um ou qualquer uma. Eu tenho até um gráfico que eu mostro as comunidades que eu fui definindo, esse gráfico com a história que as pessoas foram falando pra mim. Em relação às idades, de como a pessoa chega na homossexualidade, o ser travesti. Tá no meu computador, é um slide que eu sempre mostro em palestra. Eu falo que é bem limitado porque é a minha casa, mas a minha casa é um case, é um caso, um caso a ser estudado no doutorado, isso aí é uma tese de doutorado, a minha casa. A nossa casa aqui é um caso de doutorado.

Comentei que iria para um capítulo da minha tese, ao que ele respondeu “pode fazer, pode criticar ou pode...” e prosseguiu:

O que eu vejo é que a gente não pode misturar só homens na casa, tem que ter referencias femininas e referencias masculinas na casa, e não só adultos, tem que ter também criança e adolescente. Porque é o perfil da família. O perfil da família não é feito só de homens. Mas isso não serve só para os travestis, é pra todo mundo ali. O homem que viveu na droga vê a mulher como objeto do prazer dele só, eu vou lá, meto o pinto no buraco, acabou, gozo, esse é o desejo do drogado, se satisfazer. O negócio dele é ir lá, arrumar uma mulher, meter e ir embora, não desenvolve relação. Então ele precisa aprender a respeitar o sexo oposto, então aqui na casa a gente consegue algumas vezes fazer isso. Não posso falar todas as vezes. Quando teve mulher morando junto, a nossa casa tá muito pequena, por isso a gente tem poucas mulheres e crianças, mas essa relação de ter homens, mulheres, crianças, adolescentes e idosos é uma relação de construção de uma família. Agora tem um cara que veio dar curso uma vez pra gente, ele tem o maior centro de aconselhamento na Austrália, ele fala com propriedade porque ele fez uma pesquisa no mundo, porque ele andou no

mundo, ele teve na minha casa, ele fala que a personalidade tanto do filho quanto da filha, 85% é responsabilidade paterna, não materna, ele afirma isso. Então aí tá a questão da homossexualidade. Se o pai é um banana em casa, o filho vai querer ser igual a mãe, não ao pai. Aí tá o caso do (nome de um missionário que estava ao lado), ele foi criado só por mãe e quer ser mamãe, não quer ser papai, entendeu? Um problema sério de bicha, bicha loca. Então...

E o homem tem o papel de provedor, o papel daquele que dá a última palavra. E você pode, talvez seria muito legal você fazer uma linha na sua pesquisa e ver crianças que não tem pais, ou que tem pai ausente e ver qual a reação dos filhos, se tem inclinação homossexual. Quando a mãe é muito forte, a criança puxa pra mãe se não tem uma referência masculina. A maioria dos homossexuais, eles querem ser mulher, não só os travestis. A maioria dos caras que procura travesti são homens e eles querem ser passivos, não querem ser ativos. Ele fala que 85% da personalidade do homem é por causa do pai, não da mãe.

É a questão do gênero, né. Mas eu acho que a gente deveria escrever mais sobre a homossexualidade, mas as pessoas tem medo de escrever, porque eu levei uma proposta pro meu orientador pra gente fazer essa questão da homossexualidade e ele não aceitou. Eu falei mano eu tenho material na minha casa que dá um caso de tese. Dá um doutorado da hora. Mas não, porque como objeto de pesquisa eu tenho que me afastar pra enxergar, não sei se eu vou conseguir. Aí eu percebi no meu mestrado que o objeto por mais que você queira se distanciar, ele toma conta de você. Aí você não consegue enxergar. Eu não sei se eu teria coragem de me afastar pra me avaliar, porque eu estou há mais de 16 anos morando, e há mais de 25 anos eu ando com pessoas da margem, então eu não sei se eu poderia me desvincular. Mas eu já pensei em fazer esse negócio, minha primeira proposta do mestrado era fazer um diálogo dos travestis da industrial com as igrejas evangélicas que tem na industrial. São seis e nenhuma tem diálogo com os travestis. Porque eles não freqüentam? Na nossa casa alguns freqüentam, eles vem, comem.

Em seguida Cappelletti citou uma lista de pessoas que passaram pela casa, ex-travestis, (ainda) travestis, e transexuais, com algumas indicações de como encontrá-las, inclusive pelo FB. Consegui conversar com algumas, que me indicaram outras para falar. Algumas fui conhecer no acampamento promovido pela SAL. Em relação às travestis que não moram na casa mas a visitam diária ou constantemente:

Existe um limite, que eles respeitam minha casa e eu respeito o local deles de trabalho, eles e nós traçamos uma linha de limite de respeito. É assim, eles vem, visitam e vão embora, como se fosse um amigo da família, sem problemas, mas se eles tomam uma decisão de morar, eu quero ajuda, eu quero mudar, então pode dormir aí. Aí ele pode viver com a gente, aí a gente vai falar pro cara, pra todo mundo a gente fala isso: a gente quer muito

mostrar Jesus pra você. Mas de vez em quando o diabo aparece aqui. Isso quer dizer que tem muita briga, porque são pessoas diferentes. Então quando chega uma pessoa nova na casa, existe uma grande dificuldade de adaptação, porque precisa mudar.

Se ele quer mudar, ele mesmo vai tomar a decisão por causa do ambiente social da casa, essa questão da sociedade impor uma forma de vida, isso é uma questão cristã é falar pro cara: mano, se você quer mudar de vida a gente vai ajudar você, aí nasce uma pressão social, porque todo mundo quer viver diferente. Se o cara não quer, ele não vai permanecer muito tempo.

Por exemplo, chega o (nome de morador que está na roda) aqui de cabelo, de mulher, maquiado, mas é uma coisa dele que por ele vai sentido que quer ficar como a figura do pai, ou vai sendo estimulado um pouco?

Mas isso é uma proposta que fala pra pessoa ante dela entrar. Ela vem procurar a gente: eu não quero ser mais homossexual. Eu não quero ser mais travesti. Ah, você não quer ser mais travesti? Então beleza, pra você não ser travesti você não pode pintar unha, não pode usar saia, não pode ter cabelo comprido, tem que ter cabelo curto. Se você quer é assim, do mesmo jeito.

Aqui mesmo corta o cabelo. A gente não corta o cabelo de imediato, só se o cara falar que quer cortar o cabelo. A gente deixa o cara pra ver se ele vai se adaptar. Cinco, seis dias, o cara ou adapta ou vai embora. O (nome masculino) por exemplo falou que já queria cortar o cabelo, não queria mais essa vida, o cara tava decidido e ele tinha um cabelão. Aí ele disse eu não quero mais essa vida, eu quero cortar o cabelo e tal, aí beleza, cortou o cabelo.

Perguntei: “geralmente essa é a primeira adequação que o pessoal faz?” Ele: “na constituição da identidade masculina, a primeira coisa é dormir dentre os homens sem desejá-los”. Indaguei se o desejo acabava.

O desejo eu acho que nunca vai acabar, dessas pessoas que eu falei pra você que estão bem, talvez o (nome masculino) possa falar alguma coisa desse negócio, porque ele casou com uma mulher, mas eu acho que é como um homem. Acaba o desejo de um homem por uma mulher quando casa? Se você vê uma menina gostosa, você não vai querer transar com a mina? Não importa se o cara é casado ou não, então o cara vai olhar e deseja, é da mesma forma o cara que tá na homossexualidade, é a questão do controle.

A questão que se fala “mato o velho homem”, eu matei o velho homem, mas o que eu vejo na minha casa aqui não é isso, o que eu vejo na minha casa é que a morte é uma coisa meio lenta, não mata de uma vez, mata aos poucos. O começo é bem complicado porque o cara não sabe ainda se ele é homem ou se é mulher.

Um@ missionári@ comenta: ele tá enterrado ali, mas a qualquer momento ele pode sair também. E Cappelletti retoma: “eu acho que nem enterrado, eu acho que é como deixar droga, vai livrando aos poucos”. Indaguei se tinha algo a ver com o sistema dos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos do *só por um dia*.

Não, não tem nada a ver. o que eu sempre falo pra todo mundo é que minha casa não é solução pra todo mundo, minha casa é solução pra alguns, eu acho que todas as instituições que estão no Brasil, em São Paulo, ou em qualquer lugar, cara, é solução pra alguns, não pra todo mundo, não importa o tamanho da entidade, ela pode ser gigantesca, tem solução pra alguns, não para todo mundo. Existe solução pra alguns, porque as pessoas são diferentes. Então o indivíduo ele é diferente de todo mundo, então não dá pra ter um padrão de tratamento, de estudo, de cuidado, é individual. Algumas coisas podem ser padrão, qual é o padrão da sociedade? Acordar cedo, trabalhar, voltar pra casa, almoçar, jantar, os padrões básicos. Esse é o padrão que a sociedade impôs pra gente, esse padrão a gente pode colocar na casa, mas o tratamento de cada um tem que ser diferenciado, porque todos eles são diferentes.

*T*eologia cishet-psi-spi

Aentre-vista com Cappelletti mostrou uma concepção teológica fundamentada num discurso cis-heteronormativo e com explicações das áreas psi. Chamo, provisoriamente, tal teologia de *cishet-psi*⁷⁵⁵ (ou *teo cishet-psi*), sinalizando para este amparo em pressupostos da cisnormatividade e da heteronormatividade – amparados em pressupostos das áreas psi. Em âmbito cristão brasileiro, tal teologia poderia ser chamada também de “tradicional”, termo que pode ser visto aqui entre aspas visto que há múltiplas tradições teológicas cristãs. Mas o fundamento está – além da cisheteronormatividade e psicologização/psiquiatrização – em relações com pecado, abominação, possessão demoníaca, demonização, perversão, doença, aberração – além da intenção de se “amar @ pecador@ mas odiar o pecado”, o que equivale a dizer “venha como está mas não permaneça como você é, estamos aqui prá te ajudar a sair do lamaçal/poço/inferno do homossexualismo”.

As pessoas homossexuais – bem como as t* – se vêem entre patologização e *pecadologização*, que se associam a um amplo conjunto de textos bíblicos, em geral vistos de modo fundamental e descontextualizados sócio-historicamente, e que falam, ao menos supostamente, acerca da homossexualidade⁷⁵⁶ – lembremos que o termo enfeixa, para grupos católicos e evangélicos, dentre outros – as identidades de gênero divergentes do padrão convencionado como *bênção* –

⁷⁵⁵ *Cishet* é um termo bastante utilizado por pessoas trans* e afins, ao menos por volta de 2014, para se referir a pessoas cisgêneras heterossexuais – ou mais especificamente, a pessoas cisnormativas/heteronormativas.

⁷⁵⁶ Há uma infinidade de autor@s que comentam acerca de versos bíblicos utilizados para (in)validar relações de gênero, identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais. Dentre alguns textos recentes, alguns da coletânea de CALVANI, *Bíblia & sexualidade* – abordagem teológica, pastoral e bíblica, 2010, como ASSIS, *Homossexualidade em levítico*, 2010; FRANCO, *Sobre sexualidade e o pecado da homofobia*; BRAKEMEIER, *Igrejas e homossexualidade* – ensaio de um balanço, 2010. Além destes, VIULA, *Em busca de mim mesmo*, 2010; ELLENS, *Sexo na Bíblia* – novas considerações, 2011; e outra coletânea: PROENÇA, *Homossexualidade* – perspectivas cristãs, 2008.

como Gênesis 19.1-11;⁷⁵⁷ Levítico 18.22;⁷⁵⁸ Levítico 20.13;⁷⁵⁹ Romanos 1.26-27⁷⁶⁰ e 1 Coríntios 6.9-10.⁷⁶¹

Para Musskopf, destacam-se:

o Levítico circunscrevendo estas relações pelo código de pureza/impureza a partir da ideia de abominação; a construção da sodomia (que ainda persiste em muitas sociedades) a partir da narrativa de Sodoma e Gomorra; a definição paulina e deuteropaulina destas relações como “contrárias à natureza”(dentro da ideia de idolatria).⁷⁶²

James B. Nelson fala que

no Novo Testamento não há registros de que Jesus se tenha referido à homossexualidade, seja como orientação ou prática. As principais referências encontram-se em duas cartas paulinas e em 1 Timóteo. O contexto das declarações frequentemente citadas de Paulo em Rm 1.26 e 27 é o da idolatria (...) A outra referência de Paulo aos homossexuais (1 CO 6.9-10) assemelha-se à do autor de 1 Tm (1.8-11). As duas passagens enumeram práticas que excluem pessoas do reino – atos que desonram a Deus e prejudicam o próximo, incluindo roubo, bebedeira, rapto, mentira e outras semelhantes.⁷⁶³

Como Nelson explica, há uma tipologia com quatro possíveis casos teológicos sobre homossexualidade. Há @s que punem e rejeitam @s homossexuais – assumindo a condição punitiva e discriminatória, posição segundo Nelson compartilhada pela maioria das igrejas cristãs; @s que rejeitam @s homossexuais sem pretender puni-l@s, tendo em suas fileiras o teólogo Karl Barth, que pensa que Deus não condena @s homossexuais mesmo est@s sendo pecador@s; aquel@s que pregam a *aceitação qualificada*, como o teólogo Helmut Thielicke, situação em que @s homossexuais devem buscar a melhor possibilidade ética para sua condição sexual, ainda que não a sublimem ou a tratem; e aquel@s que pregam a *aceitação plena*, como o

⁷⁵⁷ Destaco o verso 5: “Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Traze-os para que deles abusemos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 57). Lembro que qualquer verso bíblico é suscetível a interpretações diversas.

⁷⁵⁸ “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação” (Idem, 2002).

⁷⁵⁹ “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer; e o seu sangue cairá sobre eles” (Ibidem, 2002, p. 189).

⁷⁶⁰ “Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração”(Ibidem, 2002, p. 1967).

⁷⁶¹ “Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus”. (Ibidem, 2002, p. 1999). Como @ leitor@ deve ter percebido, não há nesta tradução nenhuma alusão à homossexualidade. Mas em outras há o termo “efeminados”, por exemplo.

⁷⁶² MUSSKOPF, 2008, pp. 120-121.

⁷⁶³ NELSON, *A homossexualidade e a igreja*, 2008, pp. 55-56.

teólogo anglicano Norman Pittenger, que entende a homossexualidade como variação natural da sexualidade humana e de igual capacidade em termos de plenitude em sua relação com Deus.⁷⁶⁴

Como comenta Robert K. Johnston, “a categorização de Nelson ajuda a desenvolver o debate evangélico (...) na comunidade cristã, em geral, nenhum teólogo evangélico adota hoje a posição punitiva, embora ela apareça na imprensa evangélica popular”.⁷⁶⁵

De fato, podemos pensar nas controvérsias que envolvem pessoas trans* trans-çadas entre tais possibilidades discursivas – no Brasil, igrejas inclusivas LGBT, por exemplo, costumam pregar a *aceitação plena*, enquanto os ministérios de conversão de travestis adotam postura *punitiva* (ainda que numa perspectiva não-terrena, em que a pessoa trans* não-conversa é passível de ir para o inferno) e *de rejeição* – com possibilidade de inclusão após reabilitação.

A controvérsia entre a possibilidade de cura gay e a sua impossibilidade – abarquemos aqui a cura trans* – se faz presente nos Estados Unidos:

em quem devemos crer? Ralph Blair convictamente afirma que jamais algum homossexual foi curado. “Não existe nenhuma evidência da mudança de orientação de homossexuais para a heterossexualidade nem por meio de terapia nem de conversão cristã ou de orações”, diz ele. No outro lado do espectro, Richard Lovelace afirma que os homossexuais podem e, na verdade, têm sido curados e transformados em heterossexuais, como o próprio Paulo escreve (1 Co 6.11), por meio dos plenos recursos presentes na graça e oferecidos aos cristãos.⁷⁶⁶

O autor completa: “a evidência científica ou a revelação bíblica não permitem que se garanta a cura dos que desejam reorientar sua propensão homossexual”.⁷⁶⁷ Para outro autor, John J. McNeill,

os seres humanos não escolhem a orientação sexual; descobrem-na como algo dado. Orar pedindo a mudança da orientação sexual seria equivalente a pedir a Deus que mude os olhos azuis para castanhos. Além disso, não existem formas saudáveis para modificar a orientação sexual depois de estabelecida. A pretensão de certos grupos de transformar homossexuais em heterossexuais é espúria e frequentemente baseada em homofobia (cf. O panfleto de Ralph Blais, “Ex-Gay”. A técnica geralmente usada para efetuar essa pseudo-troca vale-se da provocação de sentimento de auto-ódio no homossexual, causando, frequentemente sérios danos psicológicos e muito sofrimento. As comunidades cristãs que fazem uso desse ministério, agem assim para evitar desafios à sua atitude tradicional e para não dialogar com

⁷⁶⁴ Idem, 2008, pp. 57-59.

⁷⁶⁵ JOHNSTON, *A homossexualidade e os evangélicos: a influência da cultura contemporânea*, 2008, p. 79.

⁷⁶⁶ Idem, 2008, p. 95.

⁷⁶⁷ Ibidem, 2008, p. 96.

gays que se aceitam como tal nem com psicoterapeutas profissionais (os psicoterapeutas que essas igrejas citam, em geral, são extremamente conservadores e homofóbicos em sua orientação). A verdadeira escolha possível para homossexuais não é optar pela heterossexualidade ou pela homossexualidade, mas entre relacionamento homossexual e nenhum relacionamento sexual, seja qual for.⁷⁶⁸

Comenta ainda sobre o celibato:

outras igrejas confinam seu ministério oficial de cura insistindo que os gays optem pelo completo celibato. Segundo a tradição cristã, o celibato é um dom especial de Deus a certas pessoas por causa do reino. Os homossexuais que, porventura, recebem esse dom são, na verdade, abençoados.⁷⁶⁹

Escutei de um@ pastor@ assembleian@:

participei de um congresso da Exodus Internacional com o ministério Regeneration, também dos Estados Unidos. Foi no interior. Eu simplesmente repudiava todos homossexuais. Eu excluía eles quando percebia eles no templo. Mas isso era pecado de omissão. Comecei a perceber os homossexuais com outro olhar, os olhos de Jesus. Conhecendo a Verdade, a Verdade libertará essas criaturas. Essa é nossa missão: apresentar a Verdade e a Palavra que não morre para estas criaturas. Claro que quem não aceita a Verdade só tem um destino, o Inferno, afinal, homossexualismo é pecado e esta verdade não passará.⁷⁷⁰

Esta narrativa parece apontar para uma mescla entre *aceitação qualificada e condição punitiva*. As controvérsias acima, acerca da cura ou não-cura, se fazem presentes em nossa sociedade atual também – como veremos no decorrer do capítulo. Não me interessa aqui “definir” se é ou não possível que uma pessoa homossexual ou uma pessoa trans* possa transitar entre identidades de gênero e/ou orientações sexuais e muito menos “definir” se é possível que a pessoa se torne ex-o que quer que seja – minha humilde intenção é a de fomentar o debate acerca das problematizações em torno dos casos: o que leva uma pessoa trans* a querer transicionar, des-transicionar, re-destransicionar?

Os *ministérios de “reorientação sexual”, “reversão da homossexualidade” e “resgate da heterossexualidade”* têm também seus textos próprios, que se associam aos textos bíblicos usados para condenar a homossexualidade.

Dentre tais textos, destacam-se por exemplo os escritos por Rozangela Justino, fundadora e líder da Abraceh, os mais recentes tratando de iniciativas como a da união civil de homossexuais. A produção relacionada a estes ministérios é reverberada em obras de autor@s nacionais e

⁷⁶⁸ McNEILL, *Homossexualidade: desafio ao crescimento da Igreja*, 2008, p. 131.

⁷⁶⁹ Idem, 2008, p. 131.

⁷⁷⁰ PASTOR@ EVANGÉLIC@ C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

estrangeir@s nas quais estes ministérios costumam se apoiar. Dentre estes, temos o livro de Sergio Viula, ex-pastor batista e fundador do Moses, ex-ativista da “reversão da homossexualidade”, em que o mesmo relata sua travessia da homossexualidade à liderança do Moses e sua condição atual como ateu e homossexual.⁷⁷¹

Em âmbito nacional temos ainda textos dos fundadores da Êxodus,⁷⁷² além de livros de Julio Severo, como *O movimento homossexual: sua história, suas tramas e ações, seu impacto na sociedade, seu impacto na Igreja*, enquanto em âmbito internacional, há as obras de Leanne Paynne *A cura do homossexual* e *Imagens partidas: restaurando a integridade pessoal por meio da oração*, e a obra autobiográfica *Deixando o homossexualismo*, de Bob Davies e Lori Rentzel. As igrejas evangélicas neopentecostais têm também obras de seus fundadores que contemplam questões de gênero como homossexualidade, profissionais do sexo, aborto, divórcio e casamento cristão. Três líderes pastorais (bispo Edir Macedo, pastor Silas Malafaia e apóstolo Valdemiro Santiago) escreveram textos contemplando questões de gênero e sexualidade e que estão impressos em seus sítios e/ou blogs pessoais, como de Edir Macedo, por exemplo, que também escreveu *Orixás, cabocolos & guias: deuses ou demônios?* (2001), onde faz a associação entre religiões de matriz africana, prostituição e homossexualidade. Os ministérios evangélicos alternativos ou underground, bem como os de apoio a travestis e garotas de programa possuem produção textual como livros, sites, blogs e apostilas de cursos de formação de líderes referentes à Sexualidade Cristã, por exemplo.

Tais igrejas e/ou tais pastor@s, assim como divers@s outr@s, têm editoras próprias. Um exemplo é a *Central Gospel*, de Malafaia: um dos seus títulos é *Nascido gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade?* de Dr. John S. H. Tay.⁷⁷³ Neste, Tay comenta que “em 1974 a Associação Psiquiátrica Norte-americana, com base em dados científicos incertos e sob pressão de ativistas, decidiu excluir a homossexualidade do rol de doenças mentais no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (3 e.)”,⁷⁷⁴ e que depois disto,

houve um interesse crescente em provar a hipótese de que a homossexualidade tem uma base genética, com o intuito de ridicularizar a ideia de que não estão envolvidas influências sociais e externas em sua origem, implicando que não seria possível voltar à orientação

⁷⁷¹ VIULA, *Em busca de mim mesmo*, 2010.

⁷⁷² Como explica Viula, “uma das maiores redes de organizações de “ajuda” aos homossexuais que desejam deixar o “homossexualismo” (eles insistem em usar esse termo) é a Exodus Internacional, da qual a Exodus Brasil é um braço (idem, 2010, p. 34).

⁷⁷³ TAY, *Nascido gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade?*, 2011. Algo curioso, na obra, é que o próprio Dr. John S. H. Tay faz o prefácio de sua obra.

⁷⁷⁴ Idem, 2011, p. 12.

heterossexual. Isso, então, levou a um movimento que visava banir a terapia de reorientação para aqueles que buscavam mudança.⁷⁷⁵

Tay comenta também sobre o Transtorno de Identidade de Gênero, entendido como reversível e parte do guarda-chuva da homossexualidade. Fundamentado em dois outros estudos, ele diz que a TIG “se refere a pessoas que enfrentam uma disforia de gênero significativa (descontentamento com o sexo biológico com que nasceram”, o que abrangeria “características relacionadas à transexualidade, ao transgênero e ao travestismo”, sendo que “estudos sugerem que a disforia de gênero persistente em crianças e adolescentes com TIG constitui uma minoria dos casos, e a maioria se tornou heterossexual durante o crescimento”.⁷⁷⁶ Tal argumento demonstra para o autor a possibilidade de reversão da homossexualidade que enfeixa as identidades trans*. Mas para o autor, melhor que trabalhar com a possibilidade de reversão é educar corretamente, vitando aberrações das funções do gênero”.⁷⁷⁷

parte da criação bem-sucedida de uma criança é orientá-la, desde o nascimento, no papel biológico e culturalmente aceitável de seu gênero. Isso é alcançado de melhor forma ao prover um relacionamento entre marido e mulher que exemplifique os respectivos papéis.⁷⁷⁸

É importante assim que pai e mãe fiquem atentos: “esperar até a adolescência para prestar atenção é dar a essa orientação equivocada de gênero mais tempo para afetar o comportamento do indivíduo permanentemente”.⁷⁷⁹ Isto ocorre pois haveria um período crítico “para que uma função de gênero imprópria se torne arraigada na vida de uma criança, parece estar localizado bem no início da vida”, o que significaria que “

o impacto do ambiente externo na identificação do gênero é maior em idades menores, o que implica que a criança seja mais suscetível ao desenvolvimento homossexual em uma idade mais jovem quando há estímulo ambiental suficiente.⁷⁸⁰

Como vemos, para Tay a criança se torna homossexual/trans com mais suscetibilidade no início da infância, e identidade de gênero e orientação sexual se mesclam fazendo parte de um *combo* que merece atenção especial envolvendo a cis-heteronormatividade.

Além disto, Tay expõe que a retirada do diagnóstico da homossexualidade do rol de patologia se fundamenta em pressão ativista e dados incertos e aponta para a proposta de seu livro, demonstrar que não há razões científicas que comprovem a homossexualidade como nata e portanto, a tornar passível de cura e reabilitação.

⁷⁷⁵ Ibidem, 2011, p. 12.

⁷⁷⁶ Ibidem, 2011, pp. 141-142.

⁷⁷⁷ Ibidem, 2011, p. 140.

⁷⁷⁸ Ibidem, 2011, p. 141.

⁷⁷⁹ Ibidem, 2011, p. 141.

⁷⁸⁰ Ibidem, 2011, p. 141.

Ele lembra que

nos últimos anos, tem havido oposição ao oferecimento de terapia de reorientação (também conhecida como terapia de conversão ou terapia reparadora) a homossexuais que desejam mudar. Aqueles que são contrários afirmam que essas terapias violam a ética profissional, pois estariam oferecendo terapia para uma condição que não é doença, o que a tornaria ineficaz e prejudicial.⁷⁸¹

Mas para ele, “os profissionais não devem caminhar em direção à proibição da terapia de reorientação sexual. Os pacientes devem ter autonomia e devem ser respeitados para fazer uma escolha esclarecida quanto a quererem ou não mudar”.⁷⁸² Uma possível pergunta ao autor poderia ser a do *porque* tais pessoas desejariam mudar. De todo modo, este é um debate caro quando se fala da relação entre pessoas trans* e igrejas cristãs. Se para as igrejas inclusivas LGBT não há patologia na homossexualidade, em grande parte das demais igrejas autointituladas cristãs a homossexualidade ainda é vista como doença – o que é particularmente visível nos ministérios que pretendem converter homossexuais e pessoas trans*.

Tay apresenta as razões para a identidade de gênero e orientação sexual equivocadas: fatores pós-natais como a ausência/distância emocional dos pais,⁷⁸³ abuso sexual e físico infantil praticado por parentes mais velhos⁷⁸⁴ e abuso sexual e físico na vida adulta, especialmente no caso de lésbicas.⁷⁸⁵

Outro autor que comenta sobre o tema é Ronald M. Springett: “ninguém realmente entende ainda suas causas – se é um fenômeno físico, mental ou psicossocial. Para dizer a verdade, talvez seja uma combinação dos três fatores”.⁷⁸⁶ Além disto,

tudo quanto possa ser dito no momento sobre a causa ou as causas da inversão homossexual aponta para a possibilidade de existir em alguns homossexuais um fator biológico predisponente, apesar de sugerirem que a homossexualidade seja de alguma forma um comportamento aprendido, sendo em alguns casos talvez até um comportamento subconsciente (...) O ambiente social posterior pode intensificar ou desestimular a tendência.⁷⁸⁷

⁷⁸¹ Ibidem, 2011, p. 152.

⁷⁸² Ibidem, 2011, p. 152.

⁷⁸³ Ibidem, 2011, p. 143.

⁷⁸⁴ Ibidem, 2011, p. 144.

⁷⁸⁵ Ibidem, 2011, pp. 144 -147.

⁷⁸⁶ SPRINGETT, *O limite do prazer*. O que a Bíblia diz sobre a identidade sexual, 2007, p. 204.

⁷⁸⁷ Idem, 2007, p. 208.

Para Tay, a profilaxia estaria, por exemplo, na “educação reforçada e aplicação de leis para proteger menores de abuso, principalmente de abuso homossexual”⁷⁸⁸ – indago aqui se haveria diferença em sofrer abuso homossexual e abuso heterossexual – e no

impedimento à exposição de menores a ideologias gays afirmativas que possam agir como estímulo homossexual suficiente em uma idade em que eles estão mais suscetíveis ao desenvolvimento homossexual.⁷⁸⁹

Para Tay, um dos fatores de desenvolvimento das identidades de gênero e orientações sexuais errôneas – não que ele faça clara distinção entre as duas – está neste tipo de influência externa: “basta dizer que ambientes homossexuais ou a favor da homossexualidade – seja na educação escolar, seja na forma de um relacionamento homossexual – podem ser forças poderosas”.⁷⁹⁰

Para Springett,

a Igreja deve aceitar o indivíduo de orientação homossexual que necessita de ajuda e apoio para lutar contra as tendências que o atraem para indivíduos do mesmo sexo. Mas aqueles que insistem em continuar num estilo de vida homossexual ativo e o promovem como uma relação normal, natural e até mesmo superior à relação heterossexual, mostram por esse ato que desconsideram e minam a única autoridade sobre a qual se baseia a própria existência e missão da igreja, a saber, as Escrituras.⁷⁹¹

Fechando esta parte da discussão, conclamo alguém que esteve “dos dois lados do ringue”, Viula, fundador de ministério de conversão de gays e travestis e atualmente gay e ateu. A experiência de Viula nos lembra a existência tanto de gays que são ex-crentes como a de crentes que se declaram ex-gays, num movimento muitas vezes de retroalimentação.

Viula conta que

mesmo sendo bem-intencionados, tais grupos de “ajuda” a homens e mulheres *same sex-oriented* estão completamente equivocados quanto às premissas adotadas sobre o homoerotismo, especialmente do ponto de vista psicológico e espiritual, e consequentemente equivocados em seus métodos e objetivos (...) muitos grupos evangélicos tentam reverter a sexualidade “desviada” daqueles que os procuram, e muitos gays nutrem a falsa esperança de se tornarem heterossexuais um dia.⁷⁹²

⁷⁸⁸ TAY, 2011, p. 147.

⁷⁸⁹ Idem, 2011, p. 147.

⁷⁹⁰ Ibidem, 2011, p. 148.

⁷⁹¹ SPRINGETT, 2007, p. 218.

⁷⁹² VIULA, 2010, p. 7 e 11.

O autor explica nunca ter sido abusado, “seduzido ou aliciado por alguém mais velho” nem “incentivado por ninguém a me envolver sexualmente com homens”.⁷⁹³ Para ele, “a maioria dos homossexuais nunca sofreu qualquer aliciamento na infância”, e “isso não explica a origem da homossexualidade. E por que deveria? Alguém já explicou de onde vem o desejo heterossexual? E o bissexual?”⁷⁹⁴ Sobre as causas atribuídas à homossexualidade, ainda fala que

o MOSES gosta de pensar que as causas do desejo homossexual nas pessoas são as seguintes: experiência homossexual na infância, anormalidade familiar, experiência sexual fora do normal incluindo sexo grupal ou com animais, e as influências culturais.⁷⁹⁵

Entre controvérsias, é fundamental compreendermos a tensão discursiva que envolve a exclusão e discriminação de pessoas homossexuais e de pessoas trans* a partir de outros ministérios religiosos. Nos ambientes católicos e evangélicos protestantes e pentecostais, o modelo desejável e normativo de cis-heterossexualidade induz ao sentimento de internalização das transgeneridades e das homossexualidades como desvio de conduta. Essas igrejas são espaços onde é inviável aceitar-se e assumir-se como trans* ou/e homossexual, e assumir e confessar aos outros sua identidade e/ou orientação. Assim, é desejável contemplar a relação com estes ministérios tradicionais de onde vieram a maior parte dos integrantes das agências inclusivas LGBT: a ICAR, igrejas protestantes como a Presbiteriana, a Batista e a Luterana, igrejas pentecostais como as ADs e a CCB.

A teologia pregada por tais igrejas, salvo exceções em uma ou outra unidade, costuma ser tradicional, fundamentalista, conservadora e baseia-se em trechos da Bíblia em geral descontextualizados sócio-historicamente. Outro aspecto fundamental está no uso de pressupostos das áreas psi. Conversei com algumas psicólogas do CFP a respeito, procurando fomentar a controvérsia a respeito. Uma me comentou que

há três grupos de teorias que explicam o “homossexualismo”. Uma, de que há uma constituição inata diferente, outra, que é uma constituição patológica com explicações hormonais e endócrinas, e outra, relacionada à imaturidade psicológica. Aí se liga a problemas na infância, a pais ausentes e a mães superprotetoras. Lá pela década de 1960 nos Estados Unidos criaram terapias de bases comportamentais, que foram sendo importadas pelo Brasil, inclusive por igrejas. Sabe que o ensino da psico veio pro Brasil através de instituições religiosas? Tem uma ligação aí. Aí tinham kits de terapia com condicionamento aversivo contra travestismo, masoquismo, adicção, abuso infantil, homossexualismo. Faziam terapia com tratamento de choque, acredita? Claro que isso surtia efeitos: umas

⁷⁹³ Idem, 2010, p. 13.

⁷⁹⁴ Ibidem, 2010, p. 37.

⁷⁹⁵ Ibidem, 2010, p. 73.

peças paravam de ter contatos homossexuais porque se tornavam assexuadas, por exemplo. Tinha também relação, aqui e lá, com o aconselhamento religioso católico e evangélico para a “cura” dos homossexuais e travestis. Já li que havia o aumento de desejo suicida após as terapias.⁷⁹⁶

Já uma psiquiatra evangélica que explicou não concordar com “curas” relacionadas à identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais, narrou que “o que foi feito é que se substituiu os que eram “pecadores” por “doentes mentais””, e que

a “cura gay”, “cura travesti”, “cura trans”, vão contra a resolução do CFP, que impede de promover a cura de homossexuais e de falarem pejorativamente da homossexualidade. Por que ser contra o cara ser gay ou travesti? Não é porque é contra o cara ser feminino? Não tem algo de reforçar a inferiorização da mulher? A supremacia masculina? E uma das grandes representantes é a Marisa Lobo, que é mulher. Tem a ver com mídia, tem a ver com política, e pelo que sei, a ver com muito dinheiro. Hoje em dia os deputados evangélicos, alguns católicos também, que tão no Congresso tão querendo derrubar a resolução do CFP. A justificativa é que o Estado não pode interferir na escolha da pessoa em deixar de ser gay. Também que o psicólogo não deveria se negar a atender e que a psicologia não é uma área da saúde então não se deve legislar em cima dela. Acontece também que falar de cura de gays e travestis também tá na moda, e é bandeira eleitoral pra muitos candidatos religiosos, católicos, evangélicos...e muita gente conservadora que não é religiosa também apoia. Os psicólogos cristãos e as igrejas elegem deputados, e eles vão representar estas pessoas e instituições. Apesar da resolução do CFP tem muito psicólogo e psiquiatra atendendo e “medicando” gays e trans. E muitos tão dando cursos por aí, pra outros psicólogos. Ou dando cursos pra pastores e ministros evangélicos. E padres e seminaristas. Teve um pastor deputado, acho que Eurico ou Odorico, que foi reeleito, não lembro o nome, que enviou projeto pra derrubar a resolução, mas a Comissão de Direitos Humanos, na subcomissão da Família e Securidade barram o projeto dele. Em 2014, isso.⁷⁹⁷

Podemos pensar ainda em outra possibilidade: o quanto a medida do CFP afeta a reserva de mercado de tais profissionais. A mesma psiquiatra cristã que não atende gays ou trans por conta da homossexualidade ou transexualidade disse:

muitos psicólogos e psiquiatras reclamam da resolução porque se acham prejudicados no seu trabalho, isso afeta seu lucro financeiro. Também têm aqueles que reclamam por não poder falar do assunto.⁷⁹⁸

Outra profissional comentou:

⁷⁹⁶ PSICÓLOG@ A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁷⁹⁷ PSICÓLOG@ B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁷⁹⁸ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

às vezes é preciso acolher a trans, o trans, o gay em terapia sim. Mas não pra fazer mudar de identidade. É tratar o estigma, pois a pessoa internaliza a rejeição. É acolher o paciente e problematizar a sua situação. O que é cura? Uma passagem prum estado anterior ou original? Não, a pessoa está bem quando tem autonomia. Se a pessoa elabora bem sua condição homossexual ou trans adquire autonomia, então está curada e problemas emocionais que vieram da internalização do estigma, da homofobia, ou da transfobia...⁷⁹⁹

Viula também comenta sobre o assunto:

a homossexualidade não é doença, mas o modo como as pessoas a vêem pode ser doentio. E se um homossexual que vê a si mesmo de modo patológico for atendido por um psicólogo que o veja do mesmo modo, o resultado poderá ser catastrófico do ponto de vista existencial.⁸⁰⁰

Além disto,

existem alguns psicólogos religiosos, especialmente evangélicos que se recusam a acatar esse parecer do CFP e fazem campanhas para derrubar qualquer proposta ou projeto que vise ajudar o homossexual a se emancipar como indivíduo gay. Geralmente, os poucos psicólogos que agem assim fazem muito barulho, pois são apoiados por grupos como a Exodus, o MOSES e outros.⁸⁰¹

Entre o discurso de Troy (“o Senhor é meu Pastor e ele sabe que eu sou gay”) e o de Tay, refutando suposições como “nasci gay e, portanto, não posso mudar”, entre teologias homossexual/gay/lésbica/inclusiva/queer/trans* e cishet-psi, entre *atualizar o cadastro* e *matar o velho homem*, estão as pessoas T*LGB.

Além do que observamos até aqui em termos de teologias, podemos adensar outro ponto. A partir do que vimos anteriormente acerca das concepções de gênero da teoria queer, mais especificamente de Butler, e das concepções provisórias da tese acerca de religião (através de leitura feita de Butler), podemos fazer um quadro comparativo com tais concepções instáveis e

⁷⁹⁹ PSICÓLOG@ C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁰⁰ VIULA, 2010, p. 101. E lembra: “qualquer homossexual que for tratado de maneira preconceituosa ou religiosamente tendenciosa por seu psicólogo deve denunciar o caso ao Conselho Regional de Psicologia mais próximo. Basta procurar o telefone no catálogo do estado onde mora, a Internet torna essa procura ainda mais simples” (idem, 2010, p. 101).

⁸⁰¹ Ibidem, 2010, p. 101. Sobre a apropriação que ministérios de conversão de travestis fazem de conteúdos das áreas psi e de outras, Viula sinaliza que isto ocorre há muito tempo pelo cristianismo: “a vantagem do cristianismo foi ter se apossado, especialmente durante a patrística e ao longo da Idade Média, de uma série de conceitos filosóficos, e mais recentemente antropológicos, sociológicos e psicológicos, desvirtuando esses conceitos e assumindo uma aparente superioridade em relação a outras crenças” (ibidem, 2010, p. 27).

algumas das concepções generificado-religiosas de igrejas inclusivas LGBT*, especialmente a ICM, e de ministérios de conversão de travestis, especialmente a SAL.

Gênero queer (Butler) (G) e religião queerificada (tese) (R)		Concepções teológicas das igrejas inclusivas LGBT* (especialmente a ICM) e dos ministérios de conversão de travestis (especialmente a SAL)	
		ICM	SAL
G	É necessário desnaturalizar, problematizar o gênero (ou supostos como <i>gênero/sexo pré-existem aos sujeitos</i>)	É necessário desnaturalizar, problematizar o gênero (ou supostos como <i>gênero/sexo pré-existem aos sujeitos</i>)	É necessário naturalizar, desproblematizar o gênero (<i>gênero/sexo pré-existem aos sujeitos</i>)
R	É necessário desnaturalizar, problematizar a religião (ou supostos como “ <i>Deus ou o transcendente pré-existe</i> ” aos sujeitos) Podemos pensar <i>problemas religiosos – imbricados com problemas de gênero</i>	Não é necessário desnaturalizar, problematizar supostos fundamentais da religião como o de “Deus preexiste aos sujeitos” Outros supostos são problematizados através de leitura sócio-histórica/crítica da Bíblia e mais recentemente, da teoria e teologia queer Pensa-se na imbricação entre religião e gênero, a problematizando	Não se desnatura ou problematiza a religião ou seus fundamentos A Bíblia é entendida ao pé-da-letra em leitura fundamentalista Pensa-se na imbricação entre religião e gênero
G	Gênero não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um suposto sexo que seria prévio ao gênero	Idem	Gênero é a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um sexo que é prévio ao gênero. A identificação da pessoa deve partir da enunciação de seu sexo
R	Religião não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de um suposto ser transcendente (Deus, Deusa, deus@s, etc), que seria prévio à religião	Religião cristã não é apenas a expressão normativa, normalizada, naturalizada de Deus, mas Deus é prévio à religião	Religião cristã é a expressão normativa, normalizada, naturalizada de Deus, que é prévio à religião
G	Não há um gênero “original”: este é uma imitação de algo que, na realidade, não existe. Gênero seria a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no	Idem Além disto, pessoas trans* e pessoas cis são criadas assim por Deus a partir de sua multiforme sabedoria	Há um gênero “original”, criado por Deus. Gênero é natural, não é uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para

tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”		produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” Além disto, .pessoas cis são criadas assim por Deus a partir de sua multiforme sabedoria .pessoas trans* foram criadas cis como todas as demais, se perderam e devem ser resgatadas
R Não há uma religião “original”: esta é uma imitação de algo que, na realidade, não existe. Religião seria a “estilização repetida do corpo e da alma, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” no presente e no porvir	Há uma religião “original”, no sentido de que Deus criou as pessoas à sua imagem e semelhança para adorá-LO. Mas isto se associa à necessidade de “estilização repetida do corpo e da alma, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para”... manter/reforçar, fé, devoção e o religar com Deus	Idem ICM
G Gênero é performativo: (e)feito de discursos, não é algo que somos mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i> . Gênero é o conjunto de normas que possibilita que o corpo adquira um sexo legível segundo o cânone do binarismo genérico	Idem (observação: para as demais inclusivas LGBT*, em geral, gênero também não é naturalizado, ao contrário de sexo, que é natural)	Gênero não é performativo por excelência, é natural, mas pode ser aprendido (deturpado, deformado) e reaprendido. Gênero não é naturalmente (e)feito de discursos, é algo que <i>somos</i> . Mas pode refletir discursos sociais diversos, como da mídia e ativismo LGBT, e ser provisoriamente algo que se pratica, mas a ser consertado (convertido) Gênero e sexo são naturais
R Religião é performativa: religião, (e)feito de discursos, não é algo que somos ou temos naturalmente mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i>	Idem, ainda que Deus seja preexistente à religião, ou seja, costume ser naturalizado	Religião é natural ao ser humano. Deus é preexistente à religião

R	Religião é o conjunto de normas que possibilita que corpo e alma adquiram uma legitimidade (existam enquanto (re)ligados ao transcendente) segundo o cânone do binarismo religioso/espiritual genérico (com fundamentos em oposições como Deus e Diabo, Céu e Inferno, virtude e pecado, etc – pensando num contexto cristão)	Tal legitimidade não prescinde da religião	Idem ao primeiro quadro
G	O dimorfismo sexual é produto do sistema binário de gênero	Idem	Não, dimorfismo sexual e sistema binário de gênero são concomitantes
R/G	O dimorfismo sexual é produto do sistema binário religioso/generificado	Parece ser idem	Não, dimorfismo sexual e sistema binário de gênero são concomitantes
G	Gênero não é algo a que estamos predestinad@s	Idem. Em algumas concepções, sexo nos é predestinado	Ao contrário, assim como sexo, gênero é sim algo a que estamos predestinad@s. Gênero “é”. Ainda que possa ser <i>deformado</i> e <i>reformado</i>
R	Religião não é algo a que estamos predestinad@s	Não estamos predestinad@s à religião, mas sim a Deus	Idem ICM
G	Gênero se faz e refaz constantemente. Gênero não “é”	Gênero se faz, refaz, desfaz – <i>se conserta (ou se converte)</i> de acordo (geralmente) com o padrão subjetivo da auto-identificação pessoal, que é o padrão trans*	Gênero se faz, refaz, desfaz – <i>se preserva ou se conserta (ou se converte)</i> de acordo com o padrão bíblico e/ou de Deus, que é o padrão cis
R	Religião não “é” Religião se faz, refaz, desfaz, inclusive imbricada ao gênero A própria experiência trans* é muitas vezes trans*(religiosa/generificada)	Idem	Religião está pronta, deve ser atendida segundo a Bíblia, ao pé-da-letra

<p>G Gênero se (re)produz a partir da repetição estilizada e ritualizada das normas que definem os comportamentos próprios às pessoas generificadas</p> <p>Gênero se efetiva graças à sua atualização</p>	Idem	<p>Gênero é natural porém se (re)produz a partir da repetição estilizada e ritualizada das normas que definem os comportamentos próprios às pessoas generificadas</p> <p>Gênero se efetiva graças à sua atualização</p>
<p>R Religião se (re)produz a partir da repetição estilizada e ritualizada das normas que definem os comportamentos próprios às pessoas generificadas e religiosas</p> <p>Religião se efetiva graças à sua atualização</p>	Religião cristã pode ser herdada e deve ser reforçada através de atos (performativos) de fé	Religião cristã pode ser herdada e deve ser reforçada através de atos (performativos) de fé
<p>G Citar e reiterar é fundamental à performatividade de gênero</p>	Idem	Idem
<p>R Citar e reiterar é fundamental à performatividade religiosa</p>	Idem	Idem
<p>G A primeira <i>interpelação fundante</i> costuma ser “é uma menina” ou “é um menino”, já através da ultrassonografia morfológica</p> <p>Este ato de fala “é uma menina”, por exemplo, inaugura a performatividade de gênero</p>	Idem	O ato de fala reproduz o que está lá: o sexo/corpo/gênero da criança
<p>R É possível que a primeira <i>interpelação fundante</i> seja “é uma católica” ou “é um umbandista”, já através da devoção dos parentes</p> <p>Este ato de fala “você é...(católica ou umbandista, dentre outr@s)” inaugura a performatividade religiosa</p> <p>É também possível que a primeira <i>interpelação fundante</i> que se escuta seja “é uma menina de Deus”, por exemplo, o que inaugura a performatividade religiosa/de gênero</p>	<p>Uma criança de pais/mães da ICM pode receber a interpelação fundante “você é uma menina cristã inclusiva” inaugurando sua performatividade religiosa/generificada</p> <p>Seria interessante, num futuro, acompanhar a nova unidade de Mairiporã da ICM (ICM Manancial), da recém-ungida pastora (2014) Alexya Salvador (mulher trans) para perceber novas possibilidades. É possível que uma criança nascida lá (ou em outra ICM) escute “você é uma criança queer de gênero e religião”, ou simplesmente “você é gente”</p>	<p>Uma criança de pais/mães da SAL pode receber a interpelação fundante “você é uma menina cristã evangélica tradicional”, inaugurando sua performatividade religiosa/generificada</p> <p>A outra opção mais plausível é “você é um menino cristão evangélico tradicional” (e cis)</p>

<p>G Quando @ técnic@ de ultrassom ou @ obstetra declara que tal sujeito é “menina” ou “menino”, inicia-se a elaboração de um sexo-gênero feminino ou masculino. Tal citação, de <i>cunho performativo</i>, é a primeira duma série de atos performativos de gênero</p>	<p>Idem</p>	<p>O sexo-gênero é natural, ainda que necessite do aprendizado adequado a cada gênero</p>
<p>R Quando @ líder religiosos@ corrobora que tal sujeito é “menina” ou “menino”, inicia-se a elaboração de um sexo-gênero feminino ou masculino. Tal citação, de <i>cunho performativo</i>, é mais uma duma série de atos performativos de gênero</p>	<p>Parece concordar com a concepção desta igreja</p>	<p>O sexo-gênero é natural, ainda que necessite do aprendizado adequado a cada gênero</p>
<p>R/G A citação de gênero e a citação religiosa não funcionam isoladamente, ela prescinde de atos reiterativos – é a reiteração através de autoridades diversas como a religião, que naturaliza a declaração e costuma reforçá-la – ou em alguns casos pode contestá-la</p>	<p>Ainda que dadas citações sejam naturalizadas, o reforço é necessário</p>	<p>Idem ICM</p>
<p>G A normativa genérica pode ser questionada ou subvertida</p> <p>Gênero está aberto à resignificação</p> <p>nomear o corpo é estabelecer fronteiras e (re)irerar normas de gênero</p>	<p>Idem</p>	<p>Não há o que questionar no que foi fixado por Deus: gênero é natural e <i>benção de Deus</i></p>
<p>R/G A normativa religiosa pode ser questionada ou subvertida</p> <p>Religião está aberta à resignificação</p>	<p>Em alguns pontos, sim, inclusive trechos da Bíblia</p> <p>Há resignificação na própria inclusão pastoral de pessoas T*LGB</p>	<p>A religião, entendida segundo a Bíblia, não pode ser questionada, subvertida ou resignificada</p>
<p>G Performativos de gênero dependem de repetições: são citados e recitados em diversos ambientes mas nem sempre obtêm os efeitos desejados. Do interior dos performativos, a possibilidade de falhas, graças à agência generificada das pessoas</p>	<p>As “falhas” são bem vindas e agências “desviantes” das normas costumam ser bem aceitas</p>	<p>As “falhas” devem ser corrigidas, os performativos devem concordar com a performance correta: masculino para homens assim nascidos, feminino para mulheres assim nascidas</p>

R/G	<p>Performativos de gênero – e religiosos – dependem de repetições: são citados e recitados mas nem sempre obtêm os efeitos desejados</p> <p>Do interior dos performativos religiosos, e dos performativos religiosos/generificados, a possibilidade de falhas, graças à agência religiosa/generificada das pessoas</p>	Idem acima	Idem acima
G	Butler explica que o corpo existe a partir de um discurso generificado que é feito sobre ele	Idem, e deve atender aos anseios das auto-identificações de gênero	Corpo é natural, original, deve ser mantido como moldado por Deus e não deformado
R/G	Podemos pensar que o corpo existe a partir da imbricação entre discurso generificado e religioso	É possível que isto concorde com a concepção desta igreja	O corpo/sexo/gênero é preexistente à cultura
G	<p>Butler também tece críticas à centralidade da categoria “mulher”, em que há “uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada”</p> <p>Para Butler, o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes</p>	Idem, a concepção de feminilidade é problematizada, assim como a de masculinidade	<i>Deus fez o homem e a mulher</i> , nestas concepções (e nestes corpos/sexos/gêneros) não se mexe, o que demonstra a imbricação entre discurso religioso e generificado
R/G	<p>Pode-se fazer a crítica da centralidade da categoria “mulher” e da categoria “homem” para a religião (especialmente a cristã), também fundada na binariedade</p> <p>. categoria “mulher” e categoria “homem” <i>de Deus</i>, fundadas em dupla binariedade: se não se é de Deus, se é (ao menos</p>	<p>As categorias <i>mulher</i> e <i>homem de Deus</i> são ampliadas. É possível a existência de <i>agêner@s de Deus</i>, <i>travestis de Deus</i>, <i>pós-gêner@s de Deus</i>.</p> <p>Mas ao que parece em alguns momentos mantem-se a binariedade religiosa/moral do bem e mal, por exemplo. Não há um discurso que binarize figuras como Deus e o Diabo</p>	As categorias <i>mulher</i> e <i>homem de Deus</i> são fundadas em dupla binariedade: feminino/mulher, masculino/homem; e se não se é de Deus, se é (ao menos potencialmente) do Diabo

<p>potencialmente) do Diabo tal definição de identidades genericadas/religiosas constituem sujeitos dependentes dos próprios binarismos</p>		
<p>R/G O próprio sujeito das mulheres cis e dos homens cis religiosos ou <i>de Deus</i> não é compreendido em termos estáveis ou permanentes. O que é ser mulher ou homem <i>de Deus</i>? O que faz cada um@ ser reconhecido@ enquanto sujeito@ genericado/religioso?</p> <p>O sujeito das mulheres trans, travestis, homens trans, trans* não-binários, e outras identidades “gênero- divergentes” também não é compreendido em termos estáveis pela religião. O que constitui uma pessoa trans* <i>de Deus</i>?</p>	<p>Idem, tod@s são acolhido@s como filho@s de Deus independentemente do sistema corpo/sexo/gênero assignado ao nascer ou pelas técnicas de ultrassom</p> <p>(Ao menos atualmente, pois eu já presenciei casos de discriminação à identidade de gênero de pessoas trans* na ICM, assim como em outras inclusivas LGBT*, em anos anteriores)</p> <p>As categorias <i>mulher</i> e homem <i>de Deus</i> são ampliadas. É possível a existência de agênero@s de Deus, travestis de Deus, pós-gênero@s de Deus.</p> <p>Mas ao que parece em alguns momentos mantem-se a binariedade religiosa/moral do bem e mal, por exemplo. Não há um discurso que binarize figuras como Deus e o Diabo</p>	<p>Mulher de Deus e homem de Deus são aquele@s cujos corpos/sexos/gêneros correspondem ao que <i>Deus sonhou e moldou</i></p>
<p>G Gênero é performativo: gênero, (e)feito de discursos, não é algo que somos mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i></p>	<p>Idem</p>	<p>Gênero é natural</p>
<p>R Religião, assim como Deus, é performativ@: religião e Deus (ou outras formas de transcendente), são (e)feitos de discursos, não é algo que faz naturalmente parte de nós mas sim que aprendemos e praticamos: <i>fazemos</i></p>	<p>Religião é performativa, Deus não necessariamente – ainda que concepções sobre ele possam ser</p>	<p>Deus é natural (<i>Deus é Deus</i>), não performativo, A religião faz parte do ser humano, ainda que não seja necessariamente natural, original, mas faz parte dos <i>Planos de Deus</i></p>

Imagem: Concepções queer de gênero e religião, e concepções teológicas da ICM e da SAL

A partir desta tabela pudemos perceber dois posicionamentos religioso-generificados distintos em relação à SAL e à ICM. A primeira, mais localizada junto a uma teologia evangélica mais ‘tradicional’, fundamentada no que chamei de teologia cishet ou cis-heteronormativa. Outros componentes importantes de sua teologia são o apego às áreas psi, e a espiritualização/demonização das experiências trans*, como veremos na narrativa de Rouvanny – e na história contada por um@ missionári@ indígena de São Gabriel da Cachoeira, conversor@ de travestis, perceberemos tal discurso com mais potência. Quanto à ICM, seu discurso tem transicionado do homossexual ao queer passando pelo gay. Poderia haver na ICM um discurso teológico trans*? Não pretendendo responder tais questões, um indício estaria nos discursos e concepções individuais que comungam com as concepções teológicas comunitárias. Um exemplo é a narração de Josi acerca de suas vivências trans*(religiosas/generificadas). Vamos acompanhar parte da jornada de Josi?

Como as pessoas trans* se movimentam através de tais controvérsias discursivas? As possibilidades são infinitas. Vejamos alguns exemplos através de mesa de debates realizada na 31ª Bienal de São Paulo, e depois a partir de entre-vistas e postagens do FB.

Cenário extra – Controvérsias em (Trans)Religião/Gênero

Não aniquilaram meu gênero

Alexya Salvador

“Como (...) de coisas que não existem” foi o tema da 31ª Bienal de São Paulo, realizada em novembro no Parque do Ibirapuera. A Bienal pretendeu tratar de um tema geral, a transgressão. Nada mais propício para remeter à questão das transgeneridades. E relativas a estas, as trans-religiosidades de pessoas trans*, afinal, este é um tema pouquíssimo tratado. Uma das atividades especiais da Bienal foi o Simpósio Trans(Religião/Gênero), organizado pelos professores Carlos Gutierrez e Benjamin Seroussi.

Com muita honra aceitei ser palestrante do evento para falar justamente sobre o tema gerador, Trans(Religião/Gênero), e a partir deste, acerca de teologias de igrejas inclusivas e de ministérios de conversão de travestis – meu mais recente campo de pesquisas.

Além de palestrar, Carlos e Benjamin solicitaram que eu atuasse como consultore do evento, auxiliando com eventuais dicas, e que auxiliasse na condução/mediação de uma mesa que contaria com a presença de pessoas trans*. A mesa foi composta pela pastora Alexya Salvador, da ICM Mairiporã, pelo pastor/pastora Marcos Lord/Luanddha Perón, da ICM Betel (RJ), pela advogada Márcia Rocha, e pelo pastor Robson Staines, ex-homossexual, além de Carlos e eu como mediadores. A única pessoa da mesa que eu não conhecia era o pastor Staines.

A mesa tratou de assuntos – controversos – e que interessam a esta tese, como as igrejas inclusivas LGBT* e a conversão de pessoas trans em *homens de Deus*.

Apresento transcrição da mesa a seguir, para que @ leitor@ amplie seu próprio leque de controvérsias. A transcrição foi dividida em três partes: pergunta feita por Carlos, pergunta feita por mim, reação da plateia.

1ª parte

Carlos Gutierrez pergunta

Eu acho que seria interessante colocar um tema e todo mundo dialogar sobre esse tema. Hoje no Brasil nós temos uma das principais controvérsias na sociedade com relação à homossexualidade, transexualidade, no que tange o casamento civil entre homossexuais e a lei da criminalização da homofobia, PL 122 e ao mesmo tempo, uma parcela da população que é considerável e deve ser respeitado, que é mais de 20% da população brasileira, que é a população evangélica, que tem também o seu direito de liberdade de expressão e liberdade de culto, então eu gostaria palestrante desse a sua opinião em dois minutos do que poderemos fazer em termos de legislação, pegando muito isso que a Márcia falou sobre o Estado de direito que vai ter que passar por isso pra gente solucionar – talvez essa controvérsia nunca seja solucionada, seja sempre uma controvérsia, mas que a gente consiga chegar a um consenso em termos de legislação que fique um meio termo aceitável pra cada grupo, população LGBT e cristã, lembrando, lógico, a pluralidade cristã das igrejas inclusivas que aceita gays, lésbicas, travestis... Eu gostaria que cada um falasse quais as medidas para chegar a esse consenso e podermos viver em uma sociedade democrática, tolerante e que não tenha o assassinato de uma população LGBT que é o maior do mundo. Temos que lembrar que a nossa população LGBT é uma das mais perseguidas e assassinadas, tanto travestis quanto homossexuais.

Márcia: Eu acho que o PL 122 é muito criticado porque deram um nome para ele de criminalização da homofobia. Na verdade não é bem assim, eu mesma quando li o título, falei pra mim “ai é a lei nova”, há anos atrás, eu fiquei meio preocupada com esse termo de criminalização, vão proibir as pessoas de falar o que pensam? Eu fui ler a lei e não é NADA disso, não diz NADA disso. A lei só diz o seguinte: não se pode mandar um gay, uma lésbica, uma travesti embora da empresa só porque descobriram que ela é lésbica. Não se pode pregar exatamente... o que ela faz é igualar a questão LGBT com a questão racial. A mesma forma que hoje você não pode ir a público falar mau de negros, você não poderia ir a público falar mal de trans, de gay, de lésbica, o que ela faz é igualar e é justo, o que ela faz...na verdade deveria ser mais ampla até, ninguém deveria poder condenar ninguém bullying “a porque é gorda demais, alta demais”, não pode. Isso já é na verdade de uma certa forma entendida como lei, já é de uma certa forma legal. Você não pode, nem poderia discriminar. Até dentro do elevador tá escrito, “você não pode discriminar”, tem a plaquinha lá. Eu acho que a questão é essa, respeito pela subjetividade alheia, respeito pela diferença do outro, o outro é igual, parar de querer que o outro se enquadre no meu modelo de verdade, a minha verdade: a minha religião é a que prega verdade. Qual delas? O cara lá muçulmano que se explode em um prédio, ele tem tanta certeza que ele tá certo, quanto qualquer outro, e quem é que

tem a verdade? Qual é o livro correto? É o corão, a bíblia, o torá? Qual é o livro correto? Os judeus tem a certeza absoluta que são eles os escolhidos, pregam, falam isso, nós somos o escolhido, o resto vai pro inferno. É parar com isso, aceitar, deixar o outro. Isso tem que ser lei sim, tem que virar lei. Não digo... eu acho até que alguns projetos tem penas muito severas, acho que não precisaria tanto, tem que ser repensadas. Eu conheço Jean Willis, adoro Jean Willis, acho ele uma pessoa coerente e muito séria, acho que sim, temos que aprovar a lei de identidade de gênero para que a pessoa possa simplesmente ir lá no cartório e ser quem é. Gente, tem lógica eu vir aqui e dizer que meu nome é Marcos? Olha pra mim, é uma questão de coerência. Então a pessoa vai lá no cartório e diz eu me sinto assim..e muda o nome, não vai dar golpe em ninguém. A lei de identidade de gênero do Jean, o PL 122 ou algo semelhante – porque existe um outro projeto agora que ta sendo...uma comissão que ta fazendo a seleção, eu acho até que é um pouco mais avançado, não li na integra, só li o resumo. Eu acho que a gente precisa disso, o importante na sociedade é compreender que as pessoas são diferentes, todos são seres humanos com direitos iguais. Igualdade é uma questão matemática: $A=B=C$, $A=C$. Não existe igual mais ou menos, é igual e todos são iguais perante a lei. Se todos são iguais, é igual, se um pode casar, o outro pode casar. Um tem direito a um nome digno, o outro também tem. É igualdade, é simples, não tem nada de complicado: todos têm o mesmo direito. Um tem direito a adotar, o outro também tem. Por que não? “Ah, porque vai causar um problema”. Prova! Se causar um problema a gente vai investigar, a gente vai ver se houve realmente problema. Não se pode supor. Em termos de lei, principalmente em termos constitucionais a gente não pode supor que algo vai acontecer a gente tem que esperar acontecer pra ver o que vai resolver, porque pode nunca acontecer. É isso que eu tinha pra falar em relação a isso.

Robson: Como pastor evangélico, em relação ao casamento, é obvio que vai acontecer uma liberação, ainda a igreja evangélica não aceite, que os católicos não aceitem, ainda que qualquer outra denominação não aceite o casamento gay, vai acontecer, porque aconteceu em outros países, vai acontecer no Brasil também, a grande verdade é que o negócio aqui demora mais um pouco, então é obvio que vai acontecer. Não depende da igreja não depende de ninguém, é aquilo que eu estava falando aqui a pouco tempo, da liberdade de expressão, até porque existe casais de homossexuais que estão há dez anos juntos e como é que fica numa separação, então é obvio que vai acontecer. Em relação à lei PL 122, é..o grande problema da PL 122 é o radicalismo dela, então se tivesse feito o projeto de maneira maleável não teria tido tanto problema, porque assim como tem os homossexuais de caráter, honestos e éticos, tem também os homossexuais que não prestam, como os evangélicos, espíritas e aí vai. Eu também me favorecer, “eu to baseado na PL 122, mexer comigo eu vou colocar na cadeia”. Tem homossexuais tratando assim, a mesma coisa um idoso que entra em um ônibus e começa agredir um jovem dizendo “me dá meu lugar porque eu sou idoso”. A bíblia fala que a palavra branda repreende o furor, então tudo é a maneira que é colocado, muita gente faz isso. Agora as pessoas que agredem homossexuais, batem, matam, tem que ser preso, tem que ir pra cadeia, tem que ser... paga pelo erro que fizeram, porque é crime, não presta. Tem um trecho da bíblia que diz assim: “eu tenho que amar o meu próximo como a mim mesmo e amar a Deus sobre todas as coisas”. Eu não acredito numa religião que faz mal pro outro, eu acredito numa religião que faz bem. Eu não acredito numa religião que prejudica, que incita a maldade, que faz o mal,

eu não acredito nessa religião e eu digo pra vocês, o curso de toda essa história, o rio ele tá caminhando e vai tudo se resolver, agora: respeito acima de todas as coisas. Eu tenho o direito de viver a minha vida, eu tenho o direito de aceitar ou não aceitar. Eu sou negro, tem gente que não gosta de negro, agora atacar o negro não pode. A minha esposa é loira, ela sofre preconceito porque é casada com um negro, minhas filhas sofrem preconceito porque o pai delas é ex gay. Meu filho pequeno, a Alexya pode dizer aqui, estudava no colégio da Alexya. Qual foi o dia que eu cheguei na escola e disse alguma coisa que mexesse com sua integridade e sua ética: nunca. Então mesmo que eu não concorde com a vida que a Alexya vive e que ela não concorde ou não, tem que respeitar, é uma sociedade. O grande problema é que quem, a grande verdade é que quem faz essa farofa, essa celeuma, não quer resolver a questão do homossexual, nem do ex gay e daquele que quer resolver a sua vida, tá todo mundo tirando uma casquinha dessa história de homossexualidade porque o assunto é tabu, é segredo, é o mistério e aí vamos todo mundo tirar proveito disso, é jornal, televisão, mídia, diretores, escritores, tá todo mundo lucrando. Agora quem precisa mesmo de ajuda e precisa da sua vida resolvida tá se dando mal.

Marcos/Luandhha: Eu me sinto privilegiado por estar numa mesa tão diversa e com um público assim tão diverso. Me senti muito contemplado por todas as falas, especialmente pela da Dra. Márcia porque eu acho que o grande problema da nossa sociedade é entender essa diversidade de que eu posso hoje me transexualizar e simplesmente passar a gostar de mulheres. Eu posso simplesmente me definir como hetero, mas gostar de transar com homens, isso não define quem eu sou. A minha afetividade ou a minha experiência sexual não pode ser o limitador da minha essência de quem eu sou e nenhuma lei vai dar conta disso, a grande realidade é essa, isso passar por uma noção de mudança de concepções. São as consciências que devem ser mudadas e para mudar a consciência nós temos que mudar os discursos. Nós vivemos numa sociedade de discursos performativos. Acho que esse conceito é muito familiar para algumas pessoas, isso foi falado muito fortemente hoje aqui pela manhã. Os discursos formam a nossa sociedade e a nossa sociedade é formada por um discurso judaico-cristão-ocidental, ou seja, eu não preciso ser crente, eu não preciso ser cristão para sofrer a influência desse discurso. Quantas pessoas não se identificam como cristãos – e como cristãos eu tô colocando todas as religiões cristãs, desde a católica até a mais fundamentalista. Eu não preciso me confessar sendo de uma determinada religião cristã para ter na minha formação esses determinados discursos. Aí é lógico, dentro dessa sociedade que é tão plural, se eu sou formado por esse discurso, eu vou acreditar que fulana não tem direito porque não pode, mas porque ele não pode? “Ah, porque Deus não quer”. O grande justificador desse discurso é esse e aí tá o grande problema: quem vai contradizer Deus? Eu posso chegar aqui e dizer a maior asneira do mundo e dizer está escrito na bíblia e todo mundo vai acreditar que eu estou falando em nome de Deus, e Deus é inquestionável, esse é o grande problema e aí o legislativo esbarra nisso, o judiciário esbarra nisso, a sociedade esbarra nisso e a gente não avança, não cresce, não se desenvolve, porque enquanto indivíduo eu posso até ter consciência, o PR. Robson pode até ter consciência de que a Alexya, independente da sexualidade dela é uma ótima professora para o filho dele, mas ele como indivíduo de dentro dessa sociedade que nós construímos coletivamente, eu não construo sozinho, eu construo

coletivamente e também destruo coletivamente. Então nós temos que começar a desconstruir esses discursos que estão formando a nossa sociedade, começar a pensar principalmente a escola: que escola é essa que nós temos atualmente que está formando os nossos cidadãos e que não forma cidadãos críticos, que não forma cidadãos que questionam. Porque se a constituição diz que todos somos iguais perante a lei, então se $A=B=C$, $A=C$, porque que se a constituição diz isso, alguns tem direitos e outros não? Porque eu não falo pro meu aluno, porque eu tenho que falar pros meus alunos que cada um tem o direito de ser aquilo que ele quiser ser, e se por acaso o Du chegar aqui e dizer: “meu nome é Du, sou mulher”, eu vou dizer “parabéns Du, seja bem vindo, ou bem vinda”. Eu preciso aprender a respeitar o outro como ele ou ela se vê e eu acho que aí a gente vai conseguir escrever leis que comecem a favorecer exatamente isso, o respeito a toda e qualquer diversidade, que as infinitas siglas que nós temos hoje não conseguem dar conta, não conseguem abarcar. Eu digo isso porque eu sou de uma igreja radicalmente inclusiva onde a gente se propõe dentro de uma teologia inclusiva a entender todos e ainda assim tem hora que surge uma interrogação na minha cabeça e eu me pergunto: “nossa, pode isso?” eu sou obrigado a me colocar pensando: “claro que pode, porque não ia poder?”. Se eu posso, o outro pode. É isso que a gente tem que se propor a pensar e a construir na nossa sociedade.

Alexya: Na minha visão, na minha experiência de vida, hoje enquanto pessoa trans* eu acredito que a lei PL 122 tem de fato que acontecer sim. Eu particularmente não acho que ela é impositiva porque pessoas morrem cotidianamente pela falta dessa lei que seja eficaz de verdade. Eu também acredito que a partir do momento que for aprovada ninguém mais em lugar nenhum, nem um padre, nem um pastor ou pastora, reverendo ou reverenda vai cair na loucura de nos seus púlpitos questionar o negro, porque até pouquíssimo tempo a bíblia era usada para legitimar que Deus criou a escravidão. Tá lá, Deus criou, e o homem tinha que ser escravo. Até pouco tempo os nossos avós não muito longe eles viveram, os meus bisavós que vieram da áfrica viveram isso. Então a partir do momento que o Brasil acordar pra isso, e é claro que eu também entendo que lá no congresso, existe pessoas que estão falando em nome de um Deus. É notório ver a bancada evangélica lá impedindo, barrando. E o discurso hoje, com todo perdão, Pr. Que o senhor não se ofenda com o que eu vou falar, sabemos que a igreja evangélica, assim como a católica em seus discursos, elas punem severamente a homossexualidade, até porque, Du, a Bíblia fala da transexualidade? Dá lá pra tirar de repente um texto ou outro. Na nossa formação que nós tivemos na ICM, a teologia queer que está chegando da Europa porque nós estamos atrasaderrimos, muita coisa não tem material traduzido, nós estamos começando, fazendo parte desse cenário que brota no Brasil pra discutir todo esse cenário e chega pra nós que tem sim viu Du, tem transexual, pessoa que se travestiu lá, no antigo testamento. Então nós vemos aí um discurso dito evangélico ou católico que ele assina, que ele legitima a morte de pessoas homossexuais, transexuais. Nesse momento nós estamos aqui, tem uma travesti caída em algum lugar aí sim, porque no Brasil não há efetivamente uma lei que puna. Eu sonho com o dia que nenhum pastor, nenhum padre vai usar o livro de Levítico para me atacar, eu sonho com esse dia, porque ele não usa mais o antigo testamento para legitimar o escravo, ele não é louco, então dizer que pode, não, não pode. Que Brasil é esse que de certa somos co-responsáveis por cada gay assassinado, por cada lésbica, por cada travesti que não consegue emprego. A minha amiga cria um site e

fala que ninguém consegue emprego? Isso é fruto de uma religiosidade demoníaca, tudo aquilo que não promove vida é do diabo sim. Enquanto nós não entendermos que o outro é livre e que eu não tenho o direito de dizer que ele está fora, eu estou legitimando morte, tem pessoas morrendo e isso tem que ser levado em conta, não é capricho de ninguém não. Até quando nós vamos fingir que nada acontece? Até quando o Silas Malafaia vai continuar naquele discurso de ódio dele, instigando o povo a continuar nos odiando? Eu sou professora do Estado e do município, eu dou aula pro ensino-médio, quantas coisas eu já não ouvi dos meus alunos que são fruto desse neopentecostal que esqueceram. Pra que foram chamados? Os frutos do espírito passam por onde? Passam pelo amor e o amor tem que ser concreto, como dizia Santo Agostinho. Deus é ato em amor, a partir do momento que esse amor impõe limites, não é amor, deixa de ser o que é, e hoje nós aqui abrimos esse debate, esse pensamento. Enquanto nós apenas discutirmos genero, não temos nada em comemorar em nada. Parada do orgulho LGBT? Orgulho do que que nós vivemos enquanto Brasil? Quando eu me transiciono...eu tirei uma licença de 15 dias pra conseguir tirar força pra deixar o professor Alexander lá na cova e chagar na escola com um salto desse tamanho, maior que esse. Quando eu chego lá eu senti na minha pele o que é transfobia, eu mato um leão por dia, o meu relacionamento assim como o dela, acredito que sofre preconceito, porque o meio LGBT é machista, o próprio movimento LGBT em São Paulo ele legitima: ou você é homem ou você é mulher, não tem meio termo. E hoje quando eu falo que meu marido é gay, como assim? Você não é mulher? Ninguém entende: ele conseguiu olhar pra mim e me ver como pessoa que ficou do meu lado na minha transição e não me abandonou. Eu conheci na internet pessoas que quando um dos dois transiciona o companheiro deixava. Também é um direito, eu tenho que aceitar, mas eu não posso legitimar o que é certo ou errado, eu tenho que legitimar sim o ser humano, promovê-lo enquanto pessoa, dar condição pra que ele possa pensar e a lei no Brasil não nos faz isso, ta muito longe ainda. Obrigada, gente.

2ª parte

Du Meinberg Maranhão pergunta

Minha pergunta é a seguinte: tem alguma coisa que leva uma pessoa a se tornar travesti ou transexual? Essa pergunta é motivada pois o pr. Robson coloca abuso e trauma como possíveis razões. Então eu quero problematizar essa questão: o que levaria – se é que tem algo que leve – uma pessoa ser trans*, ser travesti, e seguindo isso, o que levaria a pessoa a ser ex-travesti, ou ex-trans*? Seguindo ainda, o que leva a pessoa a ser ex-ex-trans*? Tem um monte de gente que passou por ministérios de conversão de travestis e que são travestis, é isso.

Alexya: Nesse sentido eu acredito que ninguém deixa de ser aquilo que...da minha visão eu comungo da ideia de meu colega que ele nunca foi gay. Ele falou muito em respeito, então pr., com todo respeito, na minha visão o senhor nunca foi. Mas, eu tenho que ter a ciência de que ele tem o direito de se definir como ex-gay. Eu acredito que trauma nenhum leva alguém a ser o que não está no ser dela, na sua alma, na sua anima. Ninguém pode ser o que nunca foi. Eu acredito que a gente se descobre. Eu lembro que quando a minha irmã menstruou aos doze anos, a minha mãe foi lá e eu vi a minha mãe ensinando a minha irmã a usar o absorvente. No dia seguinte eu fui no guarda-roupa da minha irmã e peguei e coloquei na minha cueca e fui pra escola. A minha mãe tão pequenininha e eu não pude usar as roupas da minha mãe. Eu acredito que essa questão da transexualidade sempre esteve em mim, desde muito pequena. Em determinado momento da vida coisas vão acontecendo que te empoderam. Vale salientar que cada ser humano é único na sua composição, uns vão descobrir mais cedo e outros mais tarde.

Marcos/Luanddha: Esse pensamento sobre o que influencia uma pessoa a se tornar homossexual é ainda uma coisa muito polemica, né. Ontem eu vi um vídeo onde uma pessoa ex travesti dizia que tinha sido assim porque tinha sido violentado, não tinha essa figura de pai. Ai eu trago sempre essa análise pra minha vida: eu sou o primeiro filho de três. Meu irmão é heterossexual, casado, tem filhos e tão familiarizado com essa sociedade que ele chega a ter amante. Foi criado pela mesma mãe e mesmo pai que eu. Minha irmã de 22 anos também é heterossexual. O que houve de influencia para que eu me tornasse gay e meus irmãos não, se somos filhos da mesma mãe, do mesmo pai, criados da mesma forma. Porque algumas pessoas respondem a trauma de formas diferentes? Então toda pessoa que foi violentada deveria assumir a identidade daquela sexualidade? Normalmente você responde a uma experiência traumática com repulsa. Não existe uma resposta, é a experiência de um individuo. O problema é você querer formatar uma resposta e dizer que automaticamente é aquilo, ai nossa sociedade tem infelizmente essa mau hábito, aí todo homossexual sofreu violência sexual, inclusive isso é uma questão que se usa para dificultar a adoção de casais homoafetivos. Imagina a criança, vai ser criada por dois homens e duas mulheres? Como vai ficar a cabeça dessa criança? Eu garanto que vai ficar muito melhor do que se ela

fosse criada no meio da rua, sem amor, sem carinho. Eu fui criado por um casal heterossexual, sou homossexual, eu não aprendi com meus pais a ser heterossexual. O que leva a pessoa a ser ex? Eu acho que é a pressão do discurso, a pessoa é pressionada a vida inteira de que ela tem que ser alguma coisa. Se ela não for aquilo ela vai magoar a mãe, magoar o pai. Eu só assumi minha homossexualidade aos 26 anos de idade. Até 26 anos eu tentei viver uma vida heteronormativa, porque eu não conseguia me aceitar porque eu pensava o dia todo “o que vai ser da minha mãe? Como as pessoas vão me olhar, o que vai ser de mim?”. Eu vivi uma vida dentro da igreja, eu era da Assembléia, fui da Deus é amor, eu fiz campanhas e mais campanhas, subi o monte, fiz vigílias, horas de adoração pedindo que Deus me libertasse do espírito da homossexualidade. Até que um dia eu disse que não havia espírito nenhum e passei a viver minha vida. Se minha mãe não aceitasse o problema era dela, se as pessoas não aceitassem o problema era deles, mas eu não ia continuar me mutilando. Nem todo mundo consegue carregar o peso, aí vai ser ex, vai voltar a ser ex-ex... E assim vai viver a vida inteira.

Alexya: Sobre o ex-ex, eu acredito que não há uma cartilha pra responder essas questões, Du. Eu acredito que quando alguém não consegue sozinho suprir seus conflitos e se entender, vai ficar nesse ciclo, mas também entendo que a pessoa é livre pra ir e voltar, ir e voltar e nós não estamos preocupados com esse devir. Ela tem o livre arbítrio, não tem? Então ela que vá, que volte, que vá, que volte, ela vai ser bem vinda de novo.

Robson: Cada um fala na sua defesa, né? Da mesma maneira a igreja pensa, acredita que a pessoa entrando na igreja ela está liberta, ela pode deixar a prática da homossexualidade. Agora, eu Robson não enveredei pra prática da homossexualidade, eu me condicionei... eu sofri uma violência muito grave e a psicologia foi feita pra isso, pra explicar a cabeça do ser humano. Problemas, traumas, questionamentos, a psicologia é isso mesmo, eu tenho um problema. Agora você... cada um tem sua experiência. Eu achei que viver na prática homossexual não foi coisa boa pra mim. Eu acredito que Deus tem poder pra transformar tudo aquilo que se pede para ser transformado. Cada um tem a sua maneira de achar, eu acredito que foi a palavra que me transformou, acredito nesse milagre espiritual. Agora, eu tenho que respeitar o meu próximo. Uma vez que eu também não aceito que uma pessoa não pode ser transformada por deus, eu estou limitando Deus. Uma vez que eu não aceito que um... ah, mas ele tá... eu digo que quem sofre mais é quem deixa a prática do que o gay, porque hoje tá em voga em ser homossexual, tem gente que nem é gay e diz que está na moda.

(Platéia reage)

Robson: Tem um monte sim, principalmente quem tem poder, o pessoal da balada que vai e se inflama. Agora eu sei da minha vida, eu fui um homem que sofreu um trauma, não nasci gay, e fui transformado pelo poder de Deus, eu acredito nisso.

Márcia: Eu penso assim, prática é uma coisa, identidade é outra. Eu falei: já transei com homens, sexo a gente pode fazer até com cenoura, e sou o que? Cenourasssexual? Prática é prática, sofre uma violência, fica confuso, é possível. Identidade, seja ela em relação a orientação sexual ou identidade de genero, uma

vez formada, não muda. Você pode mudar comportamento, prática, mas o que você é não muda. Se tiver uma pessoa que adora jiló e odeia chocolate, essa pessoa não é normal do ponto de vista da maioria. Agora eu não sei qual é o psicólogo ou pastor que vai passar anos e anos estudando essa pessoa para poder entender porque ela gosta de jiló e não de chocolate, ela é o que é e dane-se. Agora falou em sexualidade, falou em um homem botar uma saia ou uma mulher botar um bonezinho ou um bermudão, querer tirar seio, aí já começa a ter que entender porque, pra normatizar, pra enfiar na caixinha, vão tentar entender para corrigir. Porque corrigir? Essa pessoa é essa pessoa, questão de caixinha, vai ter que criar uma caixinha para cada ser humano. Na verdade ela já existe, o nome. Nós somos diferentes, nós não temos que nos enquadrar no que o outro acha certo.

(Carlos anuncia que Pr. Robson tem que sair pois ministrará culto)

Robson: Eu quero dizer em nome da igreja evangélica que o nosso propósito é amar o próximo acima de todas as coisas. Eu falo por mim, nesses 20 anos que eu estou casado que durante esses 19 anos eu não tive vontade nenhuma de viver novamente a pratica homossexual e digo pra vocês que sou um homem feliz e estou realizado vivendo a vida que tenho hoje. Estou feliz, realizado porque eu amo a verdade, não estaria casado com a Paula, expondo minha família. Cada um tem o direito de cuidar de cada um. Eu respeito os queridos, mas foi Deus quem fez essa obra sobrenatural na minha vida. Cada um entende Deus da sua forma, da sua maneira, eu fico com a palavra, com a Bíblia que até hoje ninguém conseguiu modificar. Tentam adaptar, mas enquanto não mudarem ela, eu fico com ela.

Imagem: Mesa bienal – Eu, Alexya Salvador, Marcos Lord, Robson Staines, Marcia Rocha e Carlos Gutierrez

3ª parte

A plateia pergunta

Pergunta de filho de ex-pastor da Assembléia (que virou alcoólatra depois de descobrir a homossexualidade do filho). Conta brevemente sua história, pastor que veio “tirar a homossexualidade dele”. Você não acha que hoje o maior incentivador de ódio para com os transgêneros vem da igreja evangélica? Se a igreja tentasse olhar que nós somos pessoas com práticas diferentes, não seria melhor agregar elas e ter como cidadão comum, não tentando mudar alguma coisa? Você não acha que ela é o nosso maior incentivador de ódio hoje? Porque eu acho.

Robson: Não acredito que a igreja seja incentivadora desse ódio. Você usou o exemplo da Ad, mas não é só a AD que é contra a prática homossexual. O grande problema das igrejas inclusivas hoje é que a igreja inclusiva não é reconhecida pelas igrejas evangélicas, acredito eu que ela nem precisa disso. Agora, a igreja evangélica ela vive a palavra e a palavra fala que a prática homossexual é pecado. Como que a igreja vai ser a favor de alguma coisa que a palavra diz que é pecado. Eu Robson determinei estar na igreja, eu não fiquei na igreja porque falaram pra mim que era pecado. Não é só a igreja, a sociedade também não aceita o homossexual, tem um monte de outros grupos que não aceita. Agora você pegar e colocar... se os evangélicos tivessem tanto poder assim, Dilma não tinha ganhado, porque todos os evangélicos apoiaram Marina e Aécio. Não é só pegar essa culpa e jogar na igreja evangélica porque a igreja evangélica acredita na palavra. Ainda que a igreja inclusiva não aceite essa verdade, ache que é mentira, que tem que mudar, perere, perere, a palavra não foi desmentida, a palavra... a interpretação até agora não foi mudada.

Alexya: Se formos olhar pastor...

Robson: Deixa eu terminar. O que acontece, eu não acredito nisso. Eu fico muito triste de saber da posição de seu pai que era pastor e você viveu toda essa história. Não concordo com ele, não é a correta e não é a que Cristo ensinou. Agora, eu não posso pegar o teu pai e generalizar, porque existem igrejas que não trazem essa experiência para as pessoas, senão eu não estaria aqui. Se eu falar pra você que a igreja trouxe problemas pra mim eu vou mentir, eu fui aceito cheio de trejeitos.

Esposa de Robson, na plateia: E nem todos os evangélicos concordam com tudo que o Silas Malafaia fala, da maneira que ele fala.

Robson: Tem isso também, não pode generalizar. Representando a mesa evangélica, eu não sou maioria aqui. Não tem presidente das evangélicas, tem a presbiteriana, tem a assembléia, tem a congregação, tem várias igrejas.

Alexya: Não pr. A palavra foi modificada sim, como bem lembrou meu amigo, sua esposa ela anda de calça, ela pinta o cabelo, ela corta o cabelo..Não meu anjo, eu to falando do discurso que seu amigo acabou de falar.

Esposa de Robson: As mulheres...

Alexya: Minha linda, posso terminar? A palavra é clara em Paulo que mulher não pode cortar o cabelo, que a mulher na igreja não pode... gente, a palavra...

(enquanto isso a esposa de Robson tenta interferir)

Alexya: A minha fala, perdoe-me, a minha fala é só encima da palavra dele, querida, calma aí. Você diz que a palavra não foi modificada, claro que foi. A bíblia é clara quando diz que a mulher não pode fazer um monte de coisas, hoje temos pastoras aí nas AD, em várias igrejas que pertencem ao CONIQ, quem manda no Brasil é o CONIQ, todo mundo sabe disso. Então pastor, dizer que a palavra não foi modificada, me perdoe, com todo respeito, se a palavra não fosse modificada mulher não poderia abrir a boca, poderíamos citar outros exemplos...

Robson: A Bíblia não foi modificada, Alexya.

Alexya: A Bíblia ela é colocada em um momento de conveniência, o que é conveniente para aquele grupo, para aquela demanda. Isso é real, é conveniência e como eu disse aquela hora, por conta dessa conveniência, vidas são levadas.

Aplausos.

(Nessa hora Benjamin tenta passar o microfone para outra pergunta, mas a esposa de Robson fica insistindo em falar. Todos pedem para deixar ela falar)

S: Deixa eu falar uma coisa para aquele rapaz: os homossexuais que tem sido mortos por aí, nenhum deles foram mortos dentro da igreja evangélica.

Rapaz: (fala baixinho). É verdade, dentro da igreja não né.

Márcia: você imagina um telefone sem fio de 300/400 anos passando por línguas diferentes. Igreja muda a igreja católica mudou em uma série de coisas. Eu com a minha religião única, minha, acredito sim que Cristo existiu, como Buda, Maomé. E eu acredito que Cristo quando veio, veio pra mudar as bobagens e veio pra pregar o amor e até hoje as pessoas não entenderam isso.

A gente sofre também o preconceito. Eu faço parte de um movimento feminista e já sofri preconceito de feminista dizendo que eu não tinha legitimidade para ser feminista porque eu era trans* e um dia já fui homem. Eu falei: “qual o machismo que te atinge que não me atinge?” me explica que eu... não sei. Eu vivo tudo isso e vivo o estranhamento, mato um cachorro por dia, ir na padaria comprar pão nunca mais é ir na padaria comprar pão. Minha vida é um ativismo 24 horas por dia, eu to lidando com olhar do outro, estranhamento... as vezes positivas. Dentro do movimento LGBT também existe transfobia, a

gente lida com isso. Eu e minha namorada que é lésbica assumida há anos é muito difícil. Porque ela namorar uma menina, tudo bem, mas ela namorar uma travesti? Imagina mamãe.

Alexya: Desde o início da minha transição eu comecei a perceber o preconceito por ser mulher. As pessoas que me conhecem de muito tempo vão se transicionar comigo também, a transição não acontece apenas em mim. O preconceito que eu tenho que enfrentar é o por ser mulher trans*. Assim como ela sofreu esse preconceito dentro dos movimentos, eu também sofro. “Ah, porque você é muito alta, você tem rosto de homem, sua voz é muito grossa, seu pé é muito grande”, ou seja, pessoas que deveriam se alegrar comigo porque eu conseguir trans-gredir, romper, não, elas querem colocar atributos em mim, que eu tenho que seguir aqueles atributos. Não, enquanto eu sou apenas Alexya, e nada mais. É constante.

Marcos/Luanddha: é uma pena que o pr. Robson teve que ir... mas eu vou falar que a Bíblia mudou? Não, a Bíblia realmente não mudou, o que mudaram foram as pessoas e as compreensões que elas escolheram ter sobre ela. Há menos de 50 anos atrás, a mulher não usava calça, era proibido. De tempos em tempos a igreja se reinventa. Nós precisamos reinterpretar no contexto. Agora, as pessoas escolhem o que elas querem reinterpretar, isso é lógico. Sobre isso que minhas amigas falaram, o problema da nossa sociedade não é nem o machismo, é a misoginia. A homofobia nasce desse sentimento misógino que nossa sociedade tem, porque eu sou vítima disso quando eu me monto, quando eu boto meu salto alto e saio pela rua pedindo pelos direitos dos homossexuais. Mas não é porque eu sou gay, é porque naquele momento eu tenho a figura do feminino, eu transgredi optando por tornar a figura do que a sociedade considera menor. Então a homofobia, vocês podem olhar o jornal, quem morre de homofobia não é o boyzinho que não dá pinta, é o afetado, a pintosa, o travesti. Essa que vai ser apedrejada na rua. E eu me encaixo dentro dessas, eu sou pintosa, afetada, afeminada. E a gente sofre isso da sociedade em geral, inclusive da comunidade LGBT. A gente precisa combater a misoginia que tem em cada um de nós.

Edu: e a misoginia também afeta homens trans que não tem o neofalo porque tem uma b(...). Pessoas trans* não-binárias que não se identificam apenas como mulher ou com homem mas num amplo espectro... e sua feminilidade sofre resistências... a misoginia vai afetar qualquer pessoa que esteja dentro do campo das feminilidades.

(Fim do debate)

Tais controvérsias auxiliam a corporificar questões importantes desta tese, relacionadas à relação discurso e elaboração identitária. O capítulo seguinte aprofundará o assunto a partir de uma série de entre-vistas. A primeira é com Josi. Considero a mesma como *entre-vista fundante da tese*.

*A*tos de (re/des)conexão: (re/des)fazendo gênero e religião na (re/des)conversão de pessoas trans*

Eu quero dizer, agora o oposto do que eu disse antes
Raul Seixas

Break on through to the other side
(Atravesse para o outro lado)
Doors

Non... rien de rien...
Non... je ne regrette rien
(Não, nada de nada / não, não me arrependo de
nada)
Edith Piaf
You can make it all true, or you can make it undo
(Você pode fazer tudo isso acontecer,
ou você pode desfazer tudo)
Cat Stevens

Algumas personagens-metáforas, apresentadas anteriormente, reaparecem aqui. Como @ leitor@ perceberá, tais figuras não são indicativas apenas da fixidez ou mobilidade generificada. Elas demonstram a imbricação de marcadores identitários, aqui, mais especificadamente, a conexão entre identidade religiosa e de gênero. Este capítulo questionará: o discurso religioso/generificado pode atuar na (re/des)engenharia identitária de pessoas entre-gêneros? De que formas?

1^o Ato: Agrado

leitor@ deve se lembrar da personagem Agrado, de Almodóvar, e que é tomada na tese como modelo de pessoas trans* binária. Destaca-se na fala da personagem, referida no capítulo *Iniciar*, que Agrado se chama assim por pretender ser agradável aos/às outr@s, que ela passa por adequações estéticas e que “se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma”.

Histórias de Agrado, ou narrativas de transição semelhantes, muito provavelmente puderam ser escutadas durante toda a história da humanidade. E como dizem que o mito imita a vida, é possível que isto seja visto na figura de Tirésias, da mitologia grega, por exemplo. @ mesm@ foi um@ profeta/profetisa que, orando no Monte Citorão, vê um casal de serpentes copulando e mata a fêmea: por encanto Tirésias se torna mulher. Como não recordar de *histórias de Agrado*, em que pessoas consignadas compulsoriamente “homens” no nascimento ou gestação fazem um processo de adaptação à seu sexo-gênero de identificação?

Mas para além de Agrado e Tirésias – retornemos à pergunta – como as pessoas trans* *de verdade* circulam na sociedade atual?

Costumeiramente são alvos de discriminação. Talvez uma exceção sejam as igrejas evangélicas que se intitulam inclusivas LGBT e os terreiros de matriz afro-brasileira, dois espaços que costumam ser considerados espaços de acolhimento de gente trans*. Mas as pessoas trans* que entre-vistei deram declarações desestabilizadoras a respeito: “as igrejas inclusivas não são inclusivas. São exclusivas. Recebem algumas pessoas mas nem todo mundo é bem vindo como os outros. As trans não são bem vindas como os homossexuais” e “não me sinto acolhida nas religiões afro mais. Depois que transicionei continuam me vendo como eu era” dão vistas a opiniões que contradizem o senso mais comum.

De todo modo, muitas outras narrativas de pessoas t* sinalizaram para a acolhida respeitosa nestes espaços. Algumas, inclusive, ocuparam espaços de protagonismo. Dentre estas, conheci algumas mulheres transexuais e algumas travestis que eram mães-de-santo. Nas evangélicas inclusivas de SP, cito Josi, cantora do ministério de louvor da ICMSP, a diaconisa Paula, da ICM Mairingá, Alexya Salvador, pastora da ICM Manancial de Mairiporã, todas mulheres trans, além de Jacque Channel, auto-intitulada *travesti gospel* e líder de ministério direcionado a

peessoas transexuais e travetis, o *Séfora*, da CCNEI-SP, fundado em novembro de 2014. Na ICMSP há também ValdirenePontoCom, pessoa trans* que, como diz o Rev Cris, já *transcendeu* o gênero, sendo considerada por Cris como pós-gêner@. Na versão fluminense da ICM, a ICM Betel, há a pastora Luanddha Peron, drag queen assumida pelo pastor Marcos Lord. Há assim, um contexto geral de inclusão de pessoas t* como elas *são* e *estão* nas igrejas auto-declaradas inclusivas.

Em sua maioria, tais pessoas são evangélicas ou católicas de berço e *retornam à casa* quando se trata de uma igreja inclusiva LGBT. A metáfora passa aqui de Agrado e Tirésias para a do filho pródigo. Aliás, no caso, da *filha pródiga* pois travestis e mulheres transexuais são incluídas como mulheres, como travestis, enfim, como elas são. E no caso dos poucos homens trans que eu soube frequentarem tais espaços, acolhidos no masculino como filhos. Um lema geral seria “*vem filha* ou *vem filho* como tu és”. Mas nem sempre o percurso é fácil. Sigamos com Josi em parte de sua jornada.

“*D*isseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar, mas eu não acreditei”⁸⁰²

A entre-vida inicial com Josi foi realizada em 04 de novembro de 2010, por volta das 16h, durando quase 4 horas, e acompanhada posteriormente por conversas. Este dia foi marcado por um ato público promovido pelo grupo Prisma, liderado por seu irmão Dario, contando com apoio da ICMSP, que teve como representantes os reverendos Cristiano e Fausto e diversos membros, dentre eles Levi e Josiane. A entre-vida com Josi interpolou momentos de entusiasmo e de certa melancolia. Eis abaixo fragmentos da mesma.

Meu nome é Josiane, tenho 23 anos, sou uma travesti evangélica. Canto numa igreja inclusiva e sou profissional do sexo.

Meu processo de aceitação foi bem complicado. Começou com 13 anos de idade, quando fui com minha mãe na Assembléia de Deus em São Mateus e lá tive meu primeiro sentimento, com o filho do pastor da igreja. Fiquei 4 anos, até meus 17 anos e sofri bastante. No começo era normal, não sabia o que estava sentindo. Num ensino bíblico comentaram sobre o que era a homossexualidade e eu comecei a entender o que acontecia comigo. Diziam que Deus matava os homossexuais. Eu comecei a achar que eu estava errada, me sentia culpada por amar o filho do pastor... aí comecei a pedir a Deus que ele me curasse, que ele me mudasse, e nada acontecia. Então tentei me matar quatro vezes.

A primeira vez eu tava em casa, lavando a louça, do nada peguei a faca e comecei a me cortar, aí meu sobrinho entrou de repente em casa e gritou ‘o que você está fazendo?’ E nesta hora perdi a coragem. A outra vez eu tava na escola na hora do intervalo, fui prá sala de aula, e uns meninos que estavam brincando quebraram o vidro da janela, e eu vi um caco de vidro no chão. Eu peguei e acabei tentando me cortar de novo. Nesta hora entrou um pessoal na sala e eu desisti. A terceira vez que eu tentei me matar, eu tava atravessando a rua, muito angustiada, e eu vi que tava virando um caminhão, e quando eu ia parar na frente dele prá ele me atropelar eu senti uma mão me puxando. Na última vez eu tentei me jogar do viaduto, lá perto da casa de meu irmão em Guaianazes, e na hora que fui me jogar apareceu uma pessoa que não me deixou pular. Ela sentou comigo e começou a conversar comigo.

⁸⁰² Este fragmento de narrativa faz parte de uma das entre-vidas com Josi. Publiquei fragmentos da mesma (alguns são os mesmos que apresento aqui) em duas ocasiões anteriores: MARANHÃO F^o, “*Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei*”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica, 2011b; MARANHÃO F^o, “*Jesus me ama no dark room e quando faço programa*”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), 2011c.

Nesta época o pessoal começou a descobrir tudo, meus sentimentos... naquela época eu me identificava não como travesti mas como homossexual... isto com meus 17 anos... então o pessoal da igreja me afastou das coisas que eu fazia, como cantar no louvor... e então eu saí da igreja.

Então voltei prá uma outra igreja que eu frequentava... lá perto da casa da minha mãe em Guianazes... fiquei lá durante quase um ano, e neste período comecei a conseguir me 'controlar', pensava que podia ter uma 'cura'... Só que chegou uma época e eu não consegui mais. Um dia fui trabalhar como voluntária na escola, e tinha um rapaz na sala de aula... a gente trocou olhares, ele começou a me olhar bastante, eu comecei a ficar eufórica... eu tinha 17 anos... foi no finalzinho do ano... eu desci prá usar o toalete e ele acabou indo atrás de mim... a gente acabou se beijando, eu o masturbei, ele me masturbou... foi só isto. Mas esta não foi minha primeira vez. Eu perdi a minha virgindade com 15 anos. Foi com um rapaz de 23 anos, ele era segurança do hospital e a gente se conheceu e aí rolou. Depois disto tive outros relacionamentos também. E depois que eu saí da Assembleia de Deus de São Mateus, e fui prá igreja perto da casa da minha mãe, eu parei. Tentei até namorar uma menina. A gente ficou juntos durante uma semana. Ai, foi horrível. Tentava se beijar, mas era muito diferente.

Mas depois que fiquei com este rapaz da escola, eu fiquei toda cheia de culpa e contei prá minha mãe. Ela me orientou a falar com o pastor, falei com ele e ele me afastou das coisas que eu fazia. Eu cuidava da escola dominical, dava aula de ensino bíblico... eu ajudava os meninos a cuidar das crianças... eu cantava na igreja... eu cheguei a dirigir cultos... e até a pregar lá. E o pastor me afastou de tudo isto. E você deve ter percebido que eu sou o tipo de pessoa que é muito ativa dentro da igreja. Eu gosto de participar. Se você observar as fotos que tem da ICM, eu sempre estou nos eventos. Quando as pessoas me afastam, me impedem de ajudar na igreja, isto me prende muito, sabe? Eu perco totalmente a vontade de ir. Acabei saindo desta igreja e não fui prá mais nenhuma igreja. Durante um ano deixei de frequentar igrejas.

Me assumi, comecei a sair com homens, e eu não percebia que eu estava passando uma transformação. Deixei o cabelo crescer, me aparentar como menina, ficar bem mais feminina, mas aí até aí, eu não me assumia como travesti. Depois disto voltei de novo prá igreja, que era a Assembleia de Deus de Madureira, mas fiquei lá durante pouco tempo. Depois mudei prá outra igreja, outra Assembleia porque sempre frequentei Assembleias, e nesta eu sofri bastante discriminação. Quando cheguei lá eu contei ao pastor sobre minha vida e sobre o 'pecado' que eu tinha, e ele disse que ia me ajudar. O processo de mudança de uma igreja a outra foi assim: na Assembleia de Deus de Madureira eu cantava, e este pastor me viu cantando e acabou me 'puxando' prá cantar na igreja dele algumas vezes, e eu comecei a congregar lá logo depois. Era a Assembleia de Deus da Vila Ré. Eu fiz parte de quatro Assembleias de Deus: a Assembleia de Deus Madureira, depois fui prá Assembleia de Deus Vila Formosa, depois fui de uma Assembleia de Deus Madureira de São Mateus, e de lá o pastor me puxou prá da Vila Ré.

No começo era muito bom, eu ia cantar em muitos lugares, ele me levou prá viajar... ele ia pregar e eu ia prá cantar. Eu ia cantar e ele ia prá pregar. Aonde eu estava ele estava e vice-versa. Só que aí aconteceu de eu não conseguir mais me controlar. Cheguei nele e disse que tinha um sentimento por

ele, uma atração por ele, e ele se afastou de mim. Aí começaram a me discriminar bastante na igreja, a me humilhar constantemente, e aquilo foi me machucando, machucando, machucando...

Eles diziam que eu tinha entregue minha vida ao diabo, que eu era filho dele, que eu tinha rejeitado a Deus... que eu era um safado, que eu não queria nem cura nem libertação... e não era esta a verdade, eu queria estar bem com Deus e com a igreja. Neste período eu comecei a me afastar.

E comecei a desconfiar. Porque na Bíblia fala que Deus não rejeita a oração do coração contrito. E que o Espírito Santo ao encontrar um coração prá habitar ele faz morada e trabalha neste coração, ele muda a pessoa quando ela está errada. Eu comecei a pensar que se Deus muda o erro do que tem o coração contrito e eu não mudava... será que eu tinha mesmo alguma coisa prá mudar?

Era tanta coisa que eles faziam comigo nesta igreja que eu saí de lá sabe? Era muita humilhação mesmo. Era visto como alguém demoníaco, que tinha pacto com o diabo, ou o próprio diabo. Aí, todo mundo dizia que Deus ia me matar. Mas eu fazia de tudo para não acreditar.

Quando eu estava lá eu orava assim prá Deus: 'olha Deus, o Senhor sabe qual o mior desejo do meu coração... o Senhor sabe o que eu mais quero... se tiver que fazer alguma mudança na minha vida, se tiver de tirar algo, faça o que quiser pois quero estar bem contigo. Abro mão de qualquer coisa prá estar junto de ti.' Aí quando saí desta igreja passei a orar também assim: 'me coloque num lugar onde tenham pessoas preparadas prá me ajudar nesta transformação, que realmente possam me ajudar a fazer esta transformação. E que não venham me rejeitar nem me excluir, que me amem e me respeitem do modo como eu sou. Agora, se não tiver nada prá ser mudado ou transformado, se isto for tudo coisa da minha cabeça, o Senhor me coloca numa igreja onde existam pessoas que vão me amar, me aceitar do jeito que eu sou...'

Sabe que nesta igreja da Assembleia de Deus da Vila Ré eu cheguei a até fazer voto, pagar voto... existem umas campanhas né? Por exemplo, a Campanha da Prosperidade... você dá uma quantia de R\$ 50 por um período, e Deus abriria os seus caminhos... a Campanha do Coração Aberto... você dá uma quantia de R\$ 50 e escreve uma carta pedindo prá Deus trabalhar em determinada área de sua vida... é meio que a campanha da carteira aberta mesmo... e eu aderiria a todas estas campanhas... eu queria mudar de qualquer jeito.... é que eu achava que se eu continuasse atraída por homens eu ia pro inferno. Quando eu saí de lá eu tava com 20 anos... aliás, estava com 19... aí, neste período eu estava muito confusa, e me afastei da igreja... isto foi no começo de 2007... eu saí de lá, comecei a viver a minha vida... e sempre fui feminina, feminina, feminina... tanto que nas empresas que trabalhei, de telemarketing, quase ninguém me chamava pelo meu nome de registro, que é Josué... a maioria já me chamava de Josi... mesmo nesta época em que eu me definia como homossexual, eu sempre era chamada de Josi.

Eu ficava muito confusa, pois eu queria andar como mulher, me vestir como mulher, queria colocar peito e fazer tratamentos mas tinha medo... queria tomar hormônio mas não sabia como funcionava... era totalmente inocente... hoje eu já entendo como funciona... hoje já não tenho mais medo. E no final do ano de 2007, eu conheci um menino numa balada, a gente foi se aproximando e em dezembro recebi o convite prá ir a uma igreja num culto natalino... e mesmo com o pé atrás com igrejas, aceitei o convite e combinei com ele de ir. Na realidade eu tava indo não por causa da igreja, mas por causa

dele. No dia eu tava me arrumando, e o Dario me viu me arrumando e perguntou ‘você vai sair?’ e eu falei ‘vou’. Ele falou prá onde você vai, eu falei ‘vou sair com o Robson’, e ele disse, ‘desmarca com ele que eu quero te levar noutro lugar’. Eu falei ‘não! Eu vou com ele! Já combinei com ele e não vou desmarcar não!’. Ele ficou me enchendo o saco, tanto ele como o Levi, ficaram na minha cabeça... mas eu nem quis saber... mas encheram tanto meu saco que eu liguei prá desmarcar tudo, e eles comentaram então que era prá me levar numa igreja. Aí quando liguei falei que eles tavam querendo me levar prá uma igreja e que ia ter de desmarcar. Então o Robson perguntou que igreja era, o nome e tal, e eu não sabia. Aí passei o telefone pro Dario e eles começaram a conversar. E identificaram que era a mesma igreja! Aí eu disse, ‘que bom, então vamos’. Então nos encontramos com ele na igreja e ficamos todos juntos lá. E creio que não exista coincidência, Deus sempre mexe nas coisas prá acontecer o melhor...

E Deus mostra, prova as coisas prá mim. Eu tive muitas experiências destas. Uma das experiências que eu tive, foi na Assembleia de Deus da Vila Ré. Tava todo mundo falando mal de mim, e eu pedindo “Deus tem misericórdia da minha vida!” e Deus usou a vida de uma senhora que nem era da igreja, mas foi lá e falou na frente de todo mundo que a minha vida perante Deus era uma vida transparente. Ela viu o quanto eu estava sendo humilhada. Ela foi na frente de todo mundo e disse que Deus ia me tirar de lá, ia me carregar e me levar prá um lugar onde as pessoas iam me respeitar, me aceitar e me proteger. E que Deus sabia o que havia de mais profundo na minha alma, meu maior desejo. E eu fiquei com aquela palavra no meu coração.

Isto dos meus irmãos e do Robson querem me levar no mesmo lugar, na mesma hora, não foi uma coincidência. Quando cheguei na igreja lembrei da palavra daquela senhora que disse que Deus ia me carregar prá um lugar que me aceitasse. Quando conheci a ICM foi em final de 2007 e eu amei! Me senti bastante acolhida e fiquei. Sempre cantei... ajudei no que podia... eu uso a minha voz para agradecer a Deus, é através do louvor que agradeço as coisas maravilhosas que Deus tem feito por mim. Todas as coisas que ele fez provando que é fiel na minha vida... cantando eu agradeço... o louvor na minha vida é muito importante.... sabe que todas as igrejas por onde passei, ao descobrirem minha orientação sexual me impediram de cantar e me discriminaram. Não me deixavam cantar nem fazer nada por eu ser homossexual. E quando me impediam de cantar ou ajudar na obra da igreja, eu acabava me entristecendo e me afastando.

Quando me aceitei como travesti, foi um ano depois. Na época eu era secretária da ICM e aí eu fui fazer uma viagem com o reverendo. Aí fui prá uma viagem com o Rev, mas eu não assumia ser uma travesti apesar de ir maquiada e tudo. Então o reverendo sentou comigo e começou a conversar. Ele perguntou ‘o que vai no seu coração? Como você se sente bem?’ Eu disse ‘Cris, eu me sinto muito bem quando estou como mulher, não que eu tenha vontade de me operar, isto eu não tenho... mas eu me sinto bem vestida como mulher, me passando por mulher e sendo tratada como mulher. Ser vista como mulher.’ e ele disse ‘então gata, você é travesti’.

Aí ele foi me explicando o que era ser travesti. Naquela época eu tava com 21 anos. Aí fui perdendo o medo de algumas coisas e acabei entendendo direito quem sou... a partir daquele dia, fui me

aceitando melhor. Tanto que em 2009, no retiro da ICM, eu me batizei... pois quando eu estava na Assembleia, quem foi batizado foi o Josué. E quando fui prá ICM me entreguei a Deus sem máscara nenhuma, sem fingimentos... e como Josiane. Como quem eu realmente era.

Tive vários problemas depois, e me afastei um pouco. Passei pelo candomblé e pela umbanda, mas vi que ali não era o meu lugar. Vi que não era porque Deus já tinha feito um chamado na minha vida. Um chamado de que através da minha voz, através da minha vida, através da minha história, eu ia levar o amor de Deus para várias pessoas que sofrem, para muitas pessoas que estão morrendo sem conhecer o amor dEle. Para pessoas que estão se matando. Não só homossexuais. Mas, por exemplo, para ladrões, assassinos. Eles acreditam que Deus não os ama. Mas isto não é verdade. Deus os ama sim. Deus quer o bem deles.

Quando retornei, foi o momento mais feliz da minha vida. Eu fui até a casa do reverendo, e falei como estava me sentindo, e ele me disse ‘ô gata, sabe o que acontece? Você está querendo voltar prá casa do pai, mas você está querendo voltar como jornalista, como empregada, só que Deus é tão generoso, tão amoroso, que ele vai te pegar no colo, colocar a melhor roupa que ele tem, a melhor sandália que ele tem, o melhor anel no seu dedo, e vai fazer o melhor banquete. Porque você voltou. A filha pródiga dele voltou. Que tinha pegado parte da herança que lhe cabia, foi gastar no mundo, depois de gastar tudo ficou entre os porcos, comendo larvas prá sobreviver, lembrou que os empregados comiam melhor que o que você comia e então você voltou. E ele estica o braço mais aberto e abre o sorriso mais largo ainda... porque todo o momento ele estava esperando você voltar.

Aquilo mexeu comigo, sabe? Chorei muito, e vi que realmente Deus me amava. Eu comecei a perceber que eu podia levar o amor de Deus a muitas pessoas que estão morrendo, que estão sendo desprezadas em igrejas e outros lugares, que estão sendo humilhadas. Que se afastam de Deus sem conhecer realmente o amor dele. Muitas pessoas estão se matando. Muitas pessoas entendem que não merecem o amor de Deus e acabam se matando. Mas Deus ama igual a todos e quer bem a todos. O problema é que a maioria dos ‘evangelocos’ não entendem que Deus ama a todos de modo igual. E deixar o amor de Deus entrar significa aceitar. Não só os homossexuais se matam por não reconhecerem o amor de Deus e acreditar que Deus os condena, o que não é verdade, como muitas outras pessoas se sentem rejeitadas por Deus por entenderem que erraram ou pecaram. Mas não é assim. Deus ama a todos igual... e é este chamado que Deus tem prá minha vida. Eu olhei em volta e pensei: como eu vou realizar isto aqui no terreiro? Como eu, Josiane vou fazer isto, se eu vou estar presa dentro dum lugar, onde eu vou ter de ser inferior a um ser humano, ter de colocar de lado minhas vontades e meus desejos por causa de um orixá, sendo que não é assim que funciona? Ah, eu vi que ali no terreiro não era prá mim. Mas respeito os que se sentem bem lá. Simplesmente vi que não era prá mim. E lá eu não podia fazer o que mais amo de paixão na vida, o que me motiva a viver, que é cantar.

Em relação ao canto hoje em dia? Eu tomo hormônio feminino e ele vai alterando várias coisas, uma delas é a voz. Então estou querendo voltar a fazer aulas de canto, pois estou constantemente tentando reeducar a minha voz, que se torna mais feminina a cada dia. O hormônio vai modificar muita coisa ainda, meu rosto, meu corpo vão ficando mais femininos, eu tenho vontade de colocar prótese nos

seios também... mas não penso em fazer cirurgia de alteração de sexo, não... só quero ficar bem feminina...

Sobre o trabalho... em todo o momento eu sofri discriminação. Eu tinha o perfil prá trabalhar em empresas, mas eu ia lá e na hora, não era contratada. Por ser travesti eu não era aceita. Eu trabalhei em empresas de telemarketing mas sofri preconceito, principalmente depois que me identifiquei como travesti. E como eu saí da casa da minha mãe, eu acabei descendo, trabalhando na avenida com programas prá eu poder me estabilizar, me organizar, deixar minha vida financeira mais tranquila... e também para ter dinheiro para fazer minhas cirurgias... Acho que vou ser mais bem aceita quando tiver mais feminina... mas acho também que nas fases em que eu não era bem aceita isto aconteceu porque na verdade eu que não me sentia bem comigo mesma, sabe? Eu não sentia bem com meu corpo. A partir do momento em que fui me sentido bem comigo mesma, tudo começou a melhorar. Isto só ocorreu quando fui me aceitando.

Eu canto na igreja, ajudo a conduzir o culto, dou alguma palavra, ajudo na intercessão e oração... enfim sirvo na igreja e sou uma referência... e ao mesmo tempo, faço PGs na avenida (programas)... o que a ICM prega é que Deus não nos julga pelos nossos atos, como outras igrejas fazem. Deus não vai me rejeitar por ser gorda, ou ser pobre, ou ser travesti, ou por fazer programas. Esta não é a visão da ICM. A ICM é uma igreja que inclui todos no amor de Deus. Na Assembleia, por exemplo, para fazer parte do corpo de membros, eu teria de cortar meu cabelo, andar como homem, usar roupas masculinas, namorar e casar com uma mulher e depois ter filhos, trabalhar numa empresa e sustentar casa, ser um homem de bem que cuide de meus filhos e esposa. São regras sociais, mas Deus vai muito além disto.

Eu trabalho atualmente como profissional de sexo, mas não sou menos amada, acolhida ou aceita por Deus. Isto vai além do que a sociedade vê ou prega, porque Deus é mais do que isto. Eu sou profissional do sexo e estou numa igreja fazendo parte do grupo de louvor e ministro o amor de Deus... é uma coisa bem diferente sim! Porque isto não seria aceito em outros lugares. Numa igreja você tem de seguir o padrão, ser assim e assado. Para a igreja evangélica mais tradicional, para Deus estar com você, você tem de seguir uma lista de regras. Para você não ser condenada, você tem de seguir estas normas que são determinadas por eles, e não por Deus. Não pode cortar cabelo de um jeito, o homem e a mulher devem usar roupas adequadas, especialmente nas igrejas mais pentecostais, como a Assembleia mesmo. A mulher tem de usar roupas que cubram seu corpo... não se pode ter relações antes do casamento... só depois mesmo... são regras ditadas por homens, não por Deus. Eu comparo a época que vivemos hoje com a época em que Cristo estava na Terra. Ele veio prá fazer uma revolução em relação ao verdadeiro amor de Deus. Os fariseus usavam a Lei dos 10 Mandamentos prá 'crescer' em cima das pessoas, julgando as pessoas e discriminando elas do amor de Deus. E Jesus veio mudar tudo isto. Ele deu um novo entendimento do amor de Deus através do Evangelho. Eu comparo o que eu vivo hoje com a época de Jesus. Porque os evangélicos são quase iguais aqueles fariseus. 'não pode isto não pode aquilo'. É uma ditadura de regras. E o mandamento de Jesus é prá amarmos uns aos outros como a nós mesmos. Isto que a gente prega aqui: o amor de Deus, sem distinguir ninguém. Deus ama a todos. Independente do que penso, de como ajo, das minhas atitudes.

O Rev Cris já falou comigo assim: ‘como eu vou levar o amor de Deus a uma travesti se eu não sei o que é ter uma vida de travesti, ou saber o que uma travesti passou?’. Então tem coisas que acontecem na vida da gente que a gente não entende no momento mas vai nos ajudar lá na frente. Lá na frente entende o porquê das coisas que acontecem. O reverendo diz que não vai me criticar de jeito nenhum nem vai me rejeitar, mas que claro, não gostaria que eu estivesse trabalhando com programa. Não exatamente pelo fato de eu estar vendendo meu corpo, mas pelos riscos que eu corro, especialmente em relação à violência, pois a homofobia ainda é muito forte e a violência com os homossexuais muito grande. Risco de eu ser assassinada, de alguém me pegar e me bater... sofrer qualquer tipo de violência... umas três ou quatro vezes tentaram me agredir. Aonde eu trabalho tem um drive in, e então todas as vezes eu corri prá dentro do drive in. Agora se não dá prá correr e fugir, tem de enfrentar. Aí a gente pega um pedaço de pau, alguma coisa e vai prá cima deles.

A primeira vez que eu quase sofri violência foi numa sexta-feira. Passaram de carro e quase me atropelaram, se eu não tivesse corrido prá dentro da calçada eles me atropelavam. Eles desceram a rua, abriram a porta, fecharam e deram a ré. Quando eles voltavam fui entrando no drive in. Eles entraram com o carro, quebraram uma garrafa na cabeça de uma menina... fizeram todo o auê. Na segunda vez eu tava sentada na porta do drive in, que tem uma mureta que dá prá sentar, e subi a famosa ‘gangue de motoqueiros’. São motoqueiros que se juntam e saem com pedaços de pau, pedaços de pedra... com ferro, com coisas assim... e vão prá cima das meninas. Eles são famosos naquela área. Já teve casos também do cliente sair comigo e achar que tá saindo com uma mulher e só depois ver que sou uma travesti, e não querer pagar meu programa... já aconteceu... ele pediu prá eu devolver o dinheiro, e eu falei que não ia devolver... ele veio prá cima de mim e me agrediu, mas eu também agredi ele... saí e tudo e quando ele veio atrás de mim as meninas já me ajudaram. Ele estava a pé... e quando as meninas viram que ele estava vindo prá cima de mim prá me bater, as meninas vieram e ele fugiu. Lá é assim: se uma sofre todas sofrem. O homem hetero geralmente não vai ajudar. Não vai ajudar uma travesti... por causa do preconceito mesmo. Quer ver? Teve um caso que aconteceu com uma amiga minha, que estava dentro do metrô, e entraram uns pivetes e começaram a zoar ela... e tava bem claro que ela tava sendo agredida verbalmente por ser travesti. Quando ela foi descer do vagão um cara deu uma bicuda no pé dela, um cara que não tinha nada a ver, tava só escutando... quando ela foi descer ele chutou ela. Ou seja, é o preconceito... lá na rua é assim: se a gente vê que uma vai sofrer violência a gente corre prá defender. Entende? Este é o motivo do reverendo não querer que eu faça programa. De eu sofrer qualquer violência. Não bem pelo fato de eu estar na rua vendendo o corpo. Lá na ICM a gente tem o seguinte ditado: Deus deu a vida prá cada um e cada um cuida da sua. Se é difícil cuidar da minha, vou cuidar só da minha, não vou cuidar da dos outros. Se é o momento de eu me sustentar desta forma, Deus sabe quais são as minhas necessidades, que prá eu poder me manter e guardar um pouco de dinheiro prá me operar é desta forma...

Eu não sou o tipo de pessoa que sai por aí pregando o amor de Deus... fazendo proselitismo... Às vezes as meninas perguntam qual a minha religião, elas acham interessante e eu vou explicando... eu conto a minha experiência, eu conto a minha vida. Eu acredito que é melhor eu levar o amor de Deus prá elas através das coisas que eu vivi, que eu senti... não pegar um livro da Bíblia e ficar falando de

algo que não é da realidade delas... é mais fácil eu levar o amor de Deus prá estas meninas através do que aconteceu com a minha vida... dando uma palavra de consolo e carinho eu tou levando o amor de Deus. Quando acontece de eu comentar sobre a igreja, não falo prá ela se tornar membro da igreja. ‘Vamos que lá vai acontecer algo’... não, eu vou falar simplesmente que Deus te ama. A minha forma de levar o amor de Deus é esta: falar da minha experiência com Ele. Não é a minha função, escutar uma pregação ela escuta na igreja. Eu sirvo a Deus cantando e vivendo o amor de Deus. Mesmo na avenida. Quando a gente vive o amor de Deus a gente acaba levando ele prá muitas pessoas.

Mas entendo ainda além: creio que Deus está comigo onde quer que eu vá. Eu estou descendo prá avenida, fazendo meu programa e a todo o momento sei que Deus está ali comigo. Ele está ali do meu lado, está me ajudando, está me protegendo... Eu oro prá Deus me proteger antes, durante e depois dos programas. Deus está comigo a cada minuto, até durante os pegês. Deus me ama em todo o lugar... inclusive na avenida. Deus me ama. Deus está comigo em todo o lugar. Se eu for no dark room, Ele está lá comigo. Eu estou na avenida trabalhando, fazendo programa, Ele tá lá comigo. Eu tou ali com o cliente no procedimento de um programa, Ele tá ali comigo. Me protegendo, não deixando que nada de ruim aconteça, porque eu sou filha dEle. Jesus me ama no dark room e quando faço programa. Eu entreguei a minha vida a Ele, eu entreguei a minha alma a Ele. Então Ele está comigo e eu tenho esta certeza.

Eles falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei. Muitos falaram que Deus não está comigo, em muitos momentos. Eles não conseguem tirar isto de mim. Esta certeza que eu tenho é porque eu vivi minhas experiências com Ele. Este amor de Deus que eu tenho na minha vida é algo que veio até a mim. É um sentimento que cresceu em mim em todos os momentos. Foi Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre. Esta fé ninguém vai tirar de mim, ninguém.

Em relação a relacionamentos eu sofri bastante. Hoje em dia as pessoas querem relacionamentos sem compromissos, só sexo, e o que eu gostaria mesmo era de uma relação estável, com amor, respeito, admiração, carinho, fidelidade. O meu sonho é ter um relacionamento hetero. Eu trabalhando, ele também... Acho que é o que toda pessoa quer né? Mas eu não quero encontrar um homem que vai me atrapalhar trabalhar na igreja. Peço “Deus, que seja alguém que me acompanhe e esteja comigo na igreja”. Sobre os programas, isto é temporário, é só uma forma de me sustentar.

Travesti é uma pessoa que nasceu em um corpo masculino, mas se sente uma mulher, tem desejos de mudar seu corpo e não tem problemas com seu órgão genital masculino... tanto faz como tanto fez... não é como o transsexual, que é a pessoa que nasceu no corpo masculino e sente uma mulher mas não aceita seu órgão genital... sofre, tem delírios, às vezes se mutila... fazem cirurgia... eu não me entendo como homossexual. Porque o travesti é uma mulher. Mesmo tendo o órgão genital masculino, é uma mulher. Tem atitudes de mulher, sonhos... anda como mulher, pensa como mulher, age como mulher... claro, há momentos que pensa como homem também. Quer ver um exemplo? Se eu tivesse de brigar com um cara eu pensaria como homem... não ia brigar como uma mulher, dar um tapinha na cara dele... ia enfiar um soco na cara dele! Porque querendo ou não eu estou num corpo de homem... eu tenho uma força física de um homem. E tem algumas travestis que fazem programa que metem a mão mesmo! E o homem que sai com uma travesti é hetero. Porque está saindo com uma mulher... uma mulher que tem um corpo feminino e tudo. Na minha concepção é hetero. A maior parte do

público que eu atendo é ativo, porque eu tenho traços femininos e delicados, esta é a minha característica. Então chama mais a atenção de homens ativos. Mas também atendo homens passivos, que preferem que a travesti seja a ativa... mas em geral não.

Eu já visitei a Assembleia como travesti... foi engraçado... uma amiga minha da Assembleia da Vila Formosa, aquela em que eu fui apaixonada pelo filho do pastor, que eu tinha ficado 4 anos, queria muito falar comigo... dizia que eu era a única pessoa que poderia entendê-la... e marcou da gente se encontrar lá na igreja. Cheguei lá, assisti o culto da escola dominical, participei... todo mundo já me conhecia... e claro, me reconheceram e levaram um susto! E você sabe que travesti é abusada! Eu fui com uma camiseta da ICM, cabelo solto e tudo, uma calça super apertada... uma linha bem abusada, prá provocar mesmo... e quando viram que eu estava com uma Bíblia, e que eu falava durante a escola dominical... ficaram tentando entender...

O meu pior momento foi no dia 19 de março de 2007. Eu estava dormindo e sou acordada no susto e saindo prá fora vi uma imagem que me chocou pro resto da vida. Foi a de ver meu irmão pendurado numa corda. Foi a pior fase que passei, ver o meu irmão assim. A primeira pessoa que viu foi o Levi. Ele foi pegar a toalha prá tomar banho e viu meu irmão parado ali e achou que ele estava só olhando prá alguma coisa... e quando foi voltar viu o corpo dele balançando e quando olhou prá cima ele viu a corda. E já passou correndo e berrando... quando fui abrir a porta e vi... foi o pior momento da minha vida. Era o penúltimo irmão, o Alexandre... eu sou a caçula... e ele era muito meu amigo... acho que ele não aguentou a separação do casamento... a filha deles agora mora com a mãe... foi meu pior momento. A primeira vez que ele tentou se matar quem viu fomos eu e minha mãe. Ele tinha tomado um coquetel de remédios... liguei pro SAMU, eu e minha mãe socorremos ele... e a segunda vez não teve como.

Como eu falei, também há muitos casos de pessoas que se mataram por serem homossexuais e não serem aceitas. O filme *Orações para Bobby*, com a Sigourney Weaver é um destes. Não precisa chegar ao ponto da pessoa se pendurar numa corda, dar um tiro na cabeça ou pular dum prédio. Às vezes a pessoa pode morrer por dentro, o que é bem pior. Quando ela perde a fé, quando ela perde o amor. Quando cresce a raiva, a angústia... ela se sente sozinha e desprezada. Por isto que tem tantos homossexuais, lésbicas, travestis que acabam indo prá macumba. Porque não tem mais sentido. E na macumba eles sentem mais refúgio, mais abrigo. Vão prá outras religiões porque nas igrejas evangélicas são rejeitadas. Quando a pessoa chega ao ponto de se matar é porque ela já foi morta por dentro. Ela já está podre. Ela não tem mais nada. Hoje eu estou viva porque dentro de mim, mesmo nos piores momentos de rejeição, ainda existia um pinga de vida, que era do amor de Deus. E foi o que me salvou.

Muitas travestis vêm conversar comigo. Eu falo da minha decisão de sair da macumba e voltar prá igreja. Teve gente que veio tirar sarro da minha cara, e eu disse que quando Jesus morreu ele venceu o mundo por mim, e que quem me justifica é Deus. A gente tem de mostrar o amor de Deus a estas

pessoas. Mostrar a elas uma nova vida. O melhor momento da minha vida foi a volta, o retorno à ICM depois de uns meses que fiquei fora. Eu senti muita paz, muita segurança, muito acalentada mesmo. Me deu uma vontade muito maior de viver, de continuar a viver... de continuar a lutar pelos meus espaços e direitos... lutar para conseguir resgatar vidas... então este sentimento cresceu novamente mas de uma forma bem maior. O amor de Deus veio prá minha vida e eu senti de uma forma muito maior. Agora, o meu ‘sim’ foi um ‘sim prá sempre’.⁸⁰³

Como vemos, ainda que tenham dito a Josi que esta “seria o Diabo e que Deus a mataria”, ela não acreditou. Isto se fundamenta em parte de sua própria teologia pessoal, que para fins heurísticos/didáticos, chamo aqui de *teot** ou *teologia trans** – mas mais que isto, é a *teologia da Josi*, e isto é o que vale. Sigamos com outras histórias de vida que apresentam concepções religiosas+generificadas relevantes.

⁸⁰³ MARANHÃO F^O, “*Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei*”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica, 2011b; MARANHÃO F^O, “*Jesus me ama no dark room e quando faço programa*”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), 2011c.

1º Entreatos: EntreAgrado

O que seria da história de Tirésias se ele destransicionasse o corpo mas sua identidade permanecesse na fronteira? E se ele fosse responsável pela destransição de outras pessoas que haviam convertido seu corpo e identidade de gênero e mesmo assim não se visse destransicionado totalmente? É provável que Rouvanny Moura, líder do ministério de conversão de travestis da SAL se encontre neste entre-lugar identitário ou entre-gêneros.

“*A Dibelém morreu mas carrego ela no caixão*”

“*M*ona, vamos no Acampa? Estamos te esperando.” Assim Rouvanny Moura interpelou uma travesti que encontrou na Avenida Industrial de Santo André no começo de julho de 2014.

Era uma fria tarde de sábado. Eu já havia conversado com Rouvanny outras vezes, mas pelo FB. Esta seria a primeira vez que conversaríamos off-line – ainda que tendo celulares com tecnologia 3G nunca estivéssemos totalmente “off”.

Combinamos de nos encontrar na hora do almoço na estação Prefeito Saladino para ele me apresentar a SAL. No caminho passamos pela avenida referida e ele me explicou ser este um dos principais pontos de prostituição de travestis da cidade e alvo da evangelização do ministério que ele liderava.

Eu ainda estava conectando os termos *mona* e *acampa* e desconfiando do que se tratava quando ele explicou: “Sabe o que é o Acampamona? Assim... e aí, mona, vamos acampar? Aí ficou Acampamona, é o nome sugestivo deles mesmo. Vamos acampar mona? (risos) Um acampamento prá travestis. Quer ir com a gente?” Prontamente respondi que sim e pedi mais detalhes. Ele contou que se tratava dum evento a ser realizado num sítio próximo a Santo André e que no ano anterior havia tido uma primeira edição. Confirmei minha disposição em participar para escutar histórias de gênero+religiosas das (dos?)⁸⁰⁴ travestis e rumamos à SAL.

Chegando à SAL, Rouvanny me apresentou missionari@s e morador@s da casa, a esposa de Cappelletti, e sua cachorrinha Lígia. Explicou que a casa estava com a população reduzida mas que ampliariam em breve, dizendo haver seis morador@s, sendo três travestis.

⁸⁰⁴ Uma dificuldade minha no campo foi a de ressignificar o modo como pessoas travestis são denominadas. Ainda que a ampla maioria destas – ao menos as da região sudeste do Brasil, com quem convivi – prefiram e reivindiquem serem referidas no feminino, @s missionári@s da SAL, assim como seu fundador, as chamavam no masculino. E algumas das (alguns dos) travestis que conheci no Acampamona e na casa missionária da SAL também se chamavam assim. Neste caso, além de ressignificar o modo como travestis são chamadas, eu tive de renomeá-las/adaptar o modo como estou acostumada a designá-las, chamando algumas destas pessoas no masculino, caso preferissem. Eu perguntava: “você prefere que eu te chame no feminino ou no masculino”?, para me certificar dos pronomes de tratamento mais adequados. Na dúvida, inclusive na presença de missionári@s, eu designava tais pessoas no feminino, sabendo que geralmente travestis apreciam ser denominadas desta forma.

Permanecemos por pouco tempo, nos dirigindo a uma padaria próxima afim de tomarmos um café, em que gravamos a entre-vista. Chegamos por volta das 13h e paramos a gravação próximo das 16h20, quando iniciava um jogo entre Corinthians e Palmeiras e percebemos que tínhamos perdido o horário de almoço da SAL.

Fomos à missão e lá Rouvanny me apresentou a Cappelletti, líder e fundador da mesma. Expliquei que estava colhendo histórias de travestis e transexuais para minha tese e interessado em conhecer mais sobre a SAL. Conversei com Cappelletti e missionári@s durante o jogo e após o mesmo – neste momento entrevistei Cappelletti, cuja entre-vista está no capítulo anterior.

Durante o lanche da tarde, após a partida, Cappelletti me convidou: “vai ter um acampamento de travestis, vá com a gente, pegue detalhes com o Rouvanny. Dá prá você escrever um livro lá”. Agradece, expliquei que já estava sabendo do evento e que sim, gostaria muito de participar e conversar com o pessoal presente.

Conheçamos a seguir um pouco da história de Rouvanny, ex-Dibelém, que nos manterá linkad@s com a questão do discurso religioso/generificado e da (re/des)elaboração da identidade e do corpo.

Acho que vão umas 30, ano passado foi umas 30. É 26 de agosto. O que acontece: nós vamos 26 à noite, é em Jacaré. Aí passa 27 todinho, aí quando for 28 de manhã a gente vem depois do café. Fechou? Vai de voluntário, pra cozinhar, limpar. Também é um momento bom pra conversar.

Nós temos quatro momentos devocionais: café, almoço e janta, café da manhã no outro dia. A oportunidade de cultuar o Senhor junto com eles. Eles não cultuam o Senhor? Cultuam sim, eles acreditam em Deus, mas não tem a igreja aberta pra eles porque tem o preconceito. É viado e trans. Aí quando vem a amizade, pega amizade assim, ó. Aqui eles são muito objeto sexual, o dia inteiro atrás deles.

O que vale é a nossa atitude. 10 anos eles não me vêm fumando pedra, nem roubando e nem me prostituindo na esquina. É a minha ação com eles, de não falar de Jesus com eles fumando pedra, entendeu? Tem uns que adora uma chacota, falar, e como falam. Mais do que a palavra, as nossas atitudes que falam.

É falar: Olha só, fica na paz de Deus, aí você mostra a diferença. Não chegar e blá, blá, blá. Aí a gente faz o Acampamona, porque é uma forma dele se empolgar porque eles gostam dessas coisas. Começou o ano passado isso e colocou. Esse sistema do acampamento vem

da CENA, que é uma instituição com a mesma filosofia: retratar, restaurar e reintegrar. Restaurar o caráter e reintegrar à sociedade.

Viado, viado em si é aquele rapaz que é considerado na sociedade gay. Mas ele tá na sociedade arrumadinho bonitinho e tá trabalhando uma vida normal. O travesti já não, eles já estão vivendo uma vida diferente, uma transformação, ele se torna mais, mais... pesado. quer correr atrás de se manter, de mudar a sua aparência, né. Colocar silicone, tudo coisa de louco mesmo. Se encher de silicone pra melhorar a sua aparência, colocar um corpo estranho dentro do corpo já é muito louco. É uma coisa que já não pode dar certo.

De silicone industrial. A bombadeira, que não é barato. Uma prótese pra colocar sai muito caro, então é silicone industrial. Esse silicone é aquele mesmo que abastece o avião, não tem nada a ver o que preenche pia nada, endurece. Eu coloquei no corpo, coloquei em Fortaleza. Bombei lá.

Eu posso tar com problema, com dificuldade, mas sempre um sorriso no rosto, porque o meu problema não é obrigado você a passar. É a mesma coisa de um ser humano normal, você pode estar com problema com tudo, mas se vem conversar alguém contigo, você vai tratar bem, vai sorrir, mesmo com dificuldade. Eu não vou tratar mal aquela pessoa porque eu to com problema, mas eles sempre falam da falta e da ilusão. Falta alegria, porque nós olhando, quem ta de fora, vê uma alegria tremenda, vive rindo, vive brincando. E eu to aqui, com tanto problema, tanta dificuldade, mas quando aquela pessoa ta sozinha, na sua cama, aí sabe quem é você de verdade. Você só sabe quando está sozinho, não com os outros, falando das minhas dificuldades, das minhas lutas, eles não vão me ajudar. Não é? Só vai julgar. O povo tá lá só pra julgar, não ajudar. A dificuldade que eu vejo é porque é coisa de louco você abrir sua casa. Você tem esposa? Tem filho? Ah, é solteiro? Se tivesse esposa, tivesse filho, você ia levar uma pessoa homossexual pra sua casa? Travesti. Quando eu falar os homossexuais eu to falando todos. Porque o travesti vai muito além, porque ele vai atrás dos sonhos, do sonho de ser mulher. E sabe qual o pensamento Eduardo? Eu sou mulher no corpo de um homem. E o que eu puder fazer pra libertar essa mulher eu vou fazer, botando silicone, quebrando os músculos masculinos, colocando prótese, fazendo cirurgia plástica. Assim: eu tenho estrutura masculina. Eu vou colocando o músculo pra ficar torneado. Cria uma capa feminina. Eu deixo de ter aquela aparência masculina e vou quebrando com o silicone pra ter uma aparência feminina, entendeu? Me faz sonhar isso. Isso é gasto, não é de graça. Aí o que acontece: eu sempre me prostituí pra eu poder me manter. Em Fortaleza e aqui também. Agora eu vou falar da minha vida, não vou usar as outras pessoas, vou usar eu. Dos treze anos até os vinte anos eu trabalhei em casa de família, eu fui expulso de casa, porque norte e nordeste não aceita. O pai respondeu que nasceu foi homem, não foi um viado. Com treze anos eu me sentia um adolescente me sentindo atraído pelo mesmo sexo.

Mas, ainda não me sentia mulher. Eu tinha um sentimento homossexual pelo outro homem. Começava pelo roça, roça, como começa. Hoje em dia não tem mais roça, roça, porque hoje em dia tá tão fácil fazer sexo porque você não precisa mais brincar com... Tinha moça que se guardava, casava virgem, hoje em dia não. Mas voltando ao nosso assunto, com treze anos sai de casa, quatorze, quinze, dezesseis eu fui trabalhando em casa de família pra me manter. E estudava também. Aí eu me mandava embora pra uma casa, pra eu ser empregada doméstica. No norte aceita, aqui não tem empregada doméstica homossexual. Tem umas dona que gosta de você e fala: ai, vem, trabalha minha casa. Você lava, passa, cozinha, você faz bem feito. E lá eles aceita essa parte de te dar um emprego, mesmo não pagando bem. Pagava pouco mas morava lá, você não gastava com nada, aluguel e nada. E ainda ganhava um dinheirinho. O dinheirinho você quer pra que? Mas aceitam ter em casa, porque em casa não me aceitaram como eu queria e onde eu to me aceitam como eu quero.

Hoje tá mais aceito a homossexualidade, hoje tem uma bandeira levantada. Se é bom? Pra ser bem sincero com você? Eu acho que cada um tem a sua vida e vive do jeito que quer, e não estou aqui pra criticar ninguém. Eu simplesmente vou falar assim: eu não quis mais viver assim, eu não quis mais levantar essa bandeira. Sejam feliz, sempre tá mostrando uma felicidade, uma felicidade que não é felicidade, porque eu vou querer abraçar então? Quer abraçar? Abrace, viva! Hoje eu só quero viver diferente, eu já tenho minha realidade diferente, eu não corro mais atrás daquele sonho, eu vou mostrar a foto pra você de como eu era e sonhei e cheguei, mas no final eu vi que não valeu de nada, principalmente na parte sentimental. Nós seres humanos corremos atrás de um companheiro pra viver juntos, parece que homem e mulher se encaixam juntinho e o homossexual por mais que se encaixe, sempre tem um ciúme, uma briga. Os relacionamentos que eu tinha com homem, eu sempre tinha um pé atrás, porque mulher é mulher, vagina é vagina, pode ser a mulher mais feia do mundo, mas tem uma vagina o cara tá lá. Não tem aquela harmonia, aquela paz.

Aí voltando. Dos treze aos vinte eu trabalhava na casa de família e com o dinheiro eu comprava hormônio. Como é que eu vou conseguir, o primeiro passo: eu tenho que descobrir com os outros travestis e homossexuais como eu faço pra ter um peitinho. Eu via os travestis com peito, com tudo, como é que faz? Primeiro passo, o hormônio feminino, anti concepcional. O dinheiro que eu ganhava, além de comer, beber e dormir na casa, que eu pagava com meu trabalho, eu tinha dinheiro pra comprar o que ia me mudar. Não nasce pelo, não nasce nada, até gogó você não tem, aí você vai ficando cada vez com mais perna, a mulher sabe o que eu to falando, a única diferença é que a mulher tem o ciclo menstrual e joga pra fora, o travesti não tem o ciclo menstrual, então vai só absorvendo. Não sei se é mito ou verdade, mas a gente não pode ejacular, porque se ejacular, o hormônio sai pra fora. Então eu fazia o máximo possível pra não ejacular, porque eu não queria que o hormônio fosse pra fora. Aí isso vai aprendendo com os outros homossexuais, aí vai criando aquela

pele, peito, as glândulas vai crescendo, igual de uma mocinha. Você fica com a aparência brilhante e cada vez mais você vai acreditando que é uma mulher, a única coisa que faz a casa cair é quando você vai pro banheiro e você vai pro espelho vê seu pênis, aí te deixa com mais ódio ainda. Só o que tá faltando agora é eu cortar o pênis, fazer a mudança de sexo pra eu ficar mulher no total..

Eu coloquei prótese industrial. Tirei, já fiz quatro lipos. Porque é um líquido que cria uma gordura, faz um líquido, corta, faz uma raspagem.

Mas o hormônio se eu gripar, ter algum problema, eu seco. Ele me deixa inchado, bonito, mas se eu tenho alguma doença... Alguma coisa é a famosa recaída hormonal, se você tiver uma recaída, emagrece. Aí eu não queria emagrecer, aí coloquei silicone, se coloca silicone, fica pra sempre, porque por mais que você emagreça, tá sempre turbinada. Eu colocava, como era novinho e comecei a tomar hormônio muito cedo, eu formei um corpo perfeito, eu só tirei algumas falhas masculinas, como na nossa bunda, não tem uma parte chatinha da lateral? Coloca uma agulha ali e preenche pra arredondar. Dali já joga pro quadril. Aquele osso que tem na nossa virilha, aquele osso saliente, dá umas agulhadas em cima e tira aquilo ali. O joelho é muito masculinzinho, dá umas agulhadas do lado e preenche e fica redondinho. Aí coloquei dois copos no peito, copo americano, do barramil, foi 350, é um grosso e outro mais ou menos. É igual um mel, grosso. Cara, dói o depois, o depois que dói. O calor do nosso corpo endurece o silicone no lugar. É como fazer uma prótese, fica lisinha e sai a prótese gelatinosa. A pessoa que não tem um repouso legal, para no pé e fica um pezão bem grande, pezão de boi. Desce pro nosso testículo, se nós não souber se ajeitar legal, o risco da rejeição. Aí eu corri atrás do silicone, eu nunca tive o sonho de ter prótese de silicone, eu queria mesmo ter um seio lisinho que desse pra segurar, e colocar uma blusa, um biquíni que desse pra ver que não era um tórax que pegava e não tinha nada, aí servia até de close. Sempre tinha a chacotinha um com o outro, aí eu fui correndo, correndo e conseguindo tudo, aí chegou um dia meu amigo, que eu vi que eu corria atrás do vento, consegui uma estética, cheguei num ponto que só me frustrava tirar a calcinha e eu via meu pênis. Pensei em fazer a transvaginal, mas aí eu perdia o prazer.

No SUS um dia chega, só não chega se não colocar o nome (risos). Mas eu nunca pensei em mudar de nome. Como eu sou de Belém do Pará, eu fiquei conhecido como a de Belém. “E aí Dibelém? cadê a Dibelém, a Dibelém ta aqui?”. Eu já sabia que era eu, aí quando eu pensei em mudar de sexo, eu descobri também que o gostoso era gozar. Porque eu vou tirar se o gostoso é gozar? Gozar é igual espirrar, rápido e gostoso. Porque até então quando a gente toma hormônio a gente acha que é mulher, então não quer nem gozar pra não perder o hormônio. Mas como um amigo meu falou pra mim que o gostoso é gozar, é comer, não é dar. Dar é gostoso, mas comer é melhor ainda.

Prá fazer programa aí vinha os três já, porque a mulher entrava. Se chegasse a mulher e o homem pagando. Era tudo profissional, tudo que fala mais alto é o dinheiro, pensa em uma coisa e enfia lá. Prá comer um cara, comer uma maricona é rapidinho. Quando o travesti tá todo pronto, ele não pensa mais se é mulher, ele pensa no dinheiro. É muito raro um travesti todo plastificado já querer ser mulher, porque ele já tá até com nojo dos homens. Dá até nojo, mas tá lá porque precisa sobreviver. Aí quando eu descobri que gozar era gostoso, eu tirei da minha cabeça de querer operar, eu queria era gozar. Aí eu fui vivendo. Caí nas drogas, comecei na cachaça, depois da cachaça fui conhecendo a maconha, depois da maconha comecei na farinha e depois da farinha comecei no crack. E o crack foi o melhor de todos, aí eu virei clínico geral, eu precisava de cada um, um pouco prá poder sobreviver. Eu tinha que fumar o cigarro prá poder fazer aquilo, eu tinha que beber prá acalmar meu sistema nervoso, eu tinha que tirar uma cocaína porque eu não tinha dinheiro prá comprar o crack. De todos o crack era o melhor. Aí fui no Forte de Belém do Pará e de lá eu vim pra São Paulo, de São Paulo fiquei na Amaral Gurgel, Jóquei Clube, Higienópolis, Barra Funda, tudo. A Dibelém. Eu fiz amizade, se eu disser que não tive amizade boa, tive muitas amizades boas, conheci muitas pessoas legal na prostituição. Mas sumiram da minha vida.

Você já assistiu Bruna Surfistinha? É a real aquilo dali, tanto da travesti quanto da garota de programa. Você já assistiu Uma linda mulher? Também já é outra realidade. A gente sonha com o príncipe, com o homem que tira a gente daquela vida, a gente sonha com o homem de verdade que vai assumir a gente, dar uma casa, e o sonho também de ir pra Itália. Nossa era uma loucura. A gente querer ir pra Itália, ficar ali na rua do Coliseu pelada, só com o casacão. Dava muito dinheiro, você consegue se manter. Mas aí eu pensava muito. Quando eu vim pra São Paulo, as bicha amigo meu falavam assim com respeito, aqui eles tratavam a gente muito melhor que no norte. Aí me deu um incentivo melhor, tratado como mulher, mas aonde eu vi de verdade, onde me trataram como mulher foi na cadeia. Na cadeia te tratam como mulher mesmo, te tratam com respeito, sabia? Na cadeia eu fui preso em Fortaleza, fiquei um mês e saí. Foi uma loucura. Foi muita diversão, a minha vida era o eterno mundo da diversão, foi muito legal. Fiquei um mês preso em Fortaleza, saí e fui pra Belém. Belém eu nunca fui preso, meu maior medo era o Carandiru, eu tinha o cabelo comprido aí eu tinha medo de rasparem a minha cabeça. Aí quando derrubaram o Carandiru eu fiquei feliz da vida, que legal! Aí fui preso, caí na delegacia de Pinheiros. Mas não sendo o Carandiru pra mim tava ótimo. Mas cortaram, aí rasparam. Aí fiquei mano, lá. Eu entrei com tráfico de droga, mas aí caiu com 16, 16 era vício, usuário. Mas foi aí, na cadeia que eu comecei a ver a ação de Deus na minha vida. Quando você acredita em Deus, de verdade acontece uma ação natural, eu não sei se já aconteceu com você, mas aconteceu comigo, porque eu não abro mão, posso estar aos trancos e barrancos mas levo a vida com Deus, porque eu sei o que ele fez pra mim.

Minha conversão... na cadeia eu tomei a decisão, mas começou... não foi sozinho não. Eu conhecia os crentes, os de rua de lá na Cracolândia. Encontrei o pastor João Carlos, o pastor Paulo Cappelletti, um grupo de missionário que ia lá na Cracolândia, ia lá na nossa casa.

Eu já conhecia o trabalho da igreja da CENA ali na Cracolândia. Eu pensei: que legal essas pessoas olhando pra viado, ninguém olha para viado, viado é criação do diabo, viado é *sai demônio, sai pombagira*. Quando eu vi eles trabalhando com viado, viado não *homossexuais*, desculpa, eu fiquei muito surpreso, pensei que legal, eu nunca tinha visto isso. Aí eu já tinha saído da cadeia de Fortaleza, estava vários anos morando em São Paulo, aí eu coloquei peito de silicone, comecei a fazer, fiz umas plásticas no meu nariz, me ajeitei do jeito que eu queria, onde foi que eu mergulhei mais das drogas, foi onde eu conheci os crentes olhando pros homossexual, uma igreja olhando pros homossexual. Entendeu?

Aí o que aconteceu: quando criança eu já tinha entregado a minha vida pra Jesus, mas quando eu caí na vida, quando eu saí com 13 anos pra morar em casa de família eu falei assim pra Deus: “Deus, eu não quero caminhar contigo, eu não quero viver essa vida, eu quero ir pro mundo, eu quero conhecer a vida, eu quero conhecer os homens, eu quero ver *as pequenas, as médias e as grandes*.” Eu fui bem sincero com Deus: “Mas cuida de mim, não deixa que nada acontece comigo, me livra de facada, me livra de tiro, me livra do HIV. Pai, me guarda, me protege, me livra do Mal”. Eu sabia que eu ia sair, mas não sabia se voltava, e muitos dos meus amigos não voltavam. Eu sempre fui temente a Deus, sempre o Pai Nosso na minha cabeça, sempre pedindo pra Deus.

Minha família não era evangélica. Era largada, era tudo cachaceiro, ninguém ia pra igreja, só eu ia. Eu tinha uma vizinha que levava a gente pra igreja Assembleia de Deus, eu ia pra escola dominical, os estudos bíblicos, tudinho, aí isso foi comigo. Como? “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”, esse eu tenho desde a minha infância. “A sua palavra é luz pro meu caminho”, e o *principal*: “maldito o homem que se deitar com outro homem dizendo ser mulher, que será queimado na chama eterna”. Esse ficou desde criança (risos).

Aí eu conversava com as bichas, meus amigos homossexuais e diziam assim pra mim “Dibelém, porque você não vai pra igreja, tem todo jeito de crente”. Eu dizia “eu não, vai você”. Mas eu sempre falava: “que marido o que, a Bíblia fala...”, aí eu dizia pra ele. Aí a bicha falava “ah, mas eu não vou sozinha” (risos). Sempre tinha uma resposta sarcástica e levava tudo na brincadeira, mas eu levava isso comigo. Eu nunca quis viver com homem, eu vivia uma vida louca, mas eu nunca quis ter um homem pra dizer “esse aqui é meu marido”. Eu já to fazendo errado, tenha misericórdia da minha vida.

A primeira vez que eu ouvi esse verso... lembro que uma irmã da igreja quando eu era criança, na frente da casa da minha tia, aí eu era moleque, aí ela falou assim: “Rouvanny, eu posso ler um versículo da Bíblia pra você?”. Aí eu falei assim: “pode”, ela leu esse versículo

pra mim: “ ai do homem que se deitar com outro homem dizendo ser mulher, será queimado na chama eterna”. Aquilo ficou na minha mente e quando eu encontrava os crentes eu perguntava onde está aquele verso assim, assim, assim. Aí eles falavam. Cara, eu era moleque. Criança, 13 anos. Foi o tempo que eu sai de casa, eu saí de casa e fui nessa família. E aquilo ficou, marcou.

O sentimento de culpa, eu to fazendo uma coisa, mas eu sei que tá errado. Mas eu não queria saber se tava errado ou não, eu queria era viver, todo dia era festa, todo dia era domingo. Aí quando eu fui pra rua a primeira vez, eu tinha 20 anos, eu trabalhava em casa de família eu tinha tudo, eu escolhia roupa, não quero essa. Sabe aquelas patricinhas? Era eu. Eu preciso comprar uma roupa pra mim pra eu ir fazer a matrícula na escola. Um dia eu fui numa mega de uma rua, produzido e tudo e o cara me pagou. Quando ele me pagou pra fazer o programa, eu vi que poderia ganhar dinheiro com aquilo, aí eu abandonei toda aquela vida de casa, certa que eu tinha. Quando eu abri mão de tudo eu tinha vinte anos. Aí me debandei mesmo. Eu coloquei silicone quando eu tinha vinte anos, preenchi algumas partes do meu corpo e comecei a viver, louco mas feliz, falsa felicidade. Aí a gente anseia como todo mundo em querer conquista: conquistei silicone, conquistei plástica, conquistei tudo, mas continuava faltando alguma coisa.

Foi onde eu conheci os crente. Em São Paulo, na Cracolândia, a galera da missão CENA. Se eu falasse bebe aqui, eles pegavam no meu copo e bebia, você quer um pouco, ele pegavam e tomava, não era aquela coisa da cadeia, você não pega meu copo, não fuma no meu cigarro, não pega em mim, porque por mais que tratava como mulher.... Aí eu vi aquele povo e achei muito bonito o trabalho, eu vi um povo voltado para o homossexualismo, pregando a palavra de Deus pros homossexuais e pegando amizade. Aí eu fui pro acampamento da CENA em 2001, quando caiu a torre. Em 2001, meu amigo. Era estilo esse. Esse Acampamona o nome eu que criei. Então, eu sou fruto desse acampamento da CENA. Aí lá teve o acampamento dos homossexuais lá no centro de São Paulo. Era pra homossexuais, travesti.

Quem organizou isso era o pessoal da CENA, o Paulo, o João Carlos, todo o pessoal. Que não vão pra apontar o dedo na tua cara e dizer que tu é homem, mas pra apontar o dedo na tua cara e dizer que é uma pessoa, entendeu? E era o café da manhã de rei...aí uma outra armadilha, a comida (risos). Aí aquele cafezão. Aí tava tendo a reportagem que tava derrubando a torre, aí a gente falou: olha esse filme, que louco. Depois nós fomos ver que era tudo real, nós ficamos em choque ali dentro, daí depois, deixa pra lá. Aí teve um filme de Jesus, aquele do Mel Gibson, aí me quebrou, entendeu? Foi antes da prisão, em 2001 eu não tinha sido preso ainda.

Ai quer saber, eu sozinho sempre quis voltar pra felicidade, eu brincando, eu rindo, eu era a pessoa mais feliz do mundo, mas eu sozinho com uma maria-mole eu ficava pensando... maria-mole é conhaque com Contini. E eu parado tomando uma maria-mole no bar eu pensava: se eu tivesse estudado, se eu tivesse me formado, será que a minha vida não ia ser melhor que essa de ficar aqui esperando aparecer um homem pra fazer programa e poder pagar a minha diária no hotel e poder usar droga? Esse era meu pensamento de solidão e tristeza. Pros outros eu era a pessoa mais feliz do mundo e divertido, mas pra dentro aquela miséria. Quando eu vi o filme no acampamento eu tive o desejo de mudar, eu acho que vou mudar a minha vida, porque eu falei pra Deus que ele cuidasse de mim que um dia eu voltaria. Quando eu falei pra Deus que eu queria homem, eu deixei bem claro que “um dia eu volto pro teu caminho, e quando eu voltar eu quero ficar contigo pra sempre”, mas agora eu quero isso. Sabe você fazer um trato? Eu me sentia fazendo um trato com Deus, e ele fez a parte dele, porque eu cheguei a transar com homem com câncer de capoce, aquelas manchas de HIV? Eu já cheguei a ficar com um assim, todo peludinho. Nossa! Ganhei bastante dinheiro. Transei com homem que era soropositivo, ele saía do da mulher e sentava no meu. O dia todinho usando droga.

Eu não ter pego HIV... espiritualmente eu vejo como obra de Deus mesmo. Aquela frase “cuida de mim, não me deixa com HIV, nem com facada”, e o medo... Uma vez eu saí com um cara na Barra Funda e o cara era bichado, ele pegou no carro a camisinha e jogou o leite lá dentro, quando eu vi, senti o calor, e falei “você tirou a camisinha”, ele falou que era bichado, tinha a tia. Aí eu falei pra uma bicha, e ela me disse “acredita em Deus, que sangue de Jesus queima”. Realmente, “que o sangue de Jesus venha queimar”. Até então eu vivia numa vida que eu achava que tinha, que era soropositivo. Eu caminhei a minha vida achando que eu era soropositivo. Quando deu 2001 eu senti o desejo de querer, eu vou tentar mudar a minha vida, no dia que caiu aquelas torres.

Aí eu fui, fui pra uma fazenda em Juquitiba. Eu fiquei doze dias só, aí quando eu fui nessa fazenda, aí eu peguei e fiz vários planos. Quando você é travesti tem que aprender tudo de novo, cabelo cortadinho. Eu me achava tão feio, com aquela cara cheia de silicone, com peito, de homem, eu não entendia o que falava, as lutas, a negação. Eu chorava, eu pedia pra Deus, eu queria que saísse tudo de uma vez e entrasse o homão. Era isso que eu queria, aí eu peguei e fiquei lá doze dias só e nesse período eu fiz um exame de HIV. Aí eu fui buscar meu exame, eu preocupado, pensativo...fiquei pensando assim: “eu sou mais um, será que eu tenho?” Carregar o *será* é uma coisa, carregar o *positivo* é outra. Aí eu parei, pedi “Deus, de verdade eu quero te servir, me livra”. Aí eu fui pegar o exame e deu negativo. Mano, deu negativo o exame. Nossa, eu fiquei muito feliz, mas com 12 dias eu voltei pra rua de novo, porque lá onde eu morava tinha grupo de apoio e nós pegava camisinha pra fazer os exames de rotina pra ver como tava. O final da minha carreira travesti foi ali na Cracolândia. Ali

veio vários sonhos, eu vou me cuidar, é só eu voltar pra rua de novo eu vou usar camisinha, eu vou conseguir dinheiro, eu vou fazer um curso, sabe você planejar um monte de coisas? Aí eu sai fora.

Sabe você planejar um monte de coisa, 2001, 2002, 2003, 2004. Quatro anos, a minha vida ficou pior do que era. Eu fiquei mais drogado que era. Aí comecei, aí eu comecei a entender as lutas, comecei a entender aquelas frases: “quando eu sair do caminho do Senhor, vem sete demônios em cima de você, o seu estado fica pior que o último”, eu comecei a entender as coisas, entender de verdade a Bíblia. A Bíblia fala isso. Até então eu não acreditava, eu não acreditava, o pessoal lia. Mas quando eu saia e via eu comecei a sentir. Meu estado ficar pior do que o último porque eu fiquei mais drogado ainda, eu me envolvi no tráfico, comecei a vender. Eu já mergulhei foi de cabeça mesmo e falei: “é um jogo, o diabo vai me dar isso, isso e isso. O diabo tá me dando dinheiro, homem e poder”, e você quando tem... aí eu to jogando com a minha liberdade e o jogo é esse. Até que eu caí na cadeia por causa do tráfico. Sabe aquele dia que você sabe que vai ser preso? Sabe aquele dia que você sente a coisa ruim, aquele dia que é uma nuvem preta em cima de você, que você escuta as vozes, tudo aconteceu comigo. Eu só vivia drogado, eu era um drogado natural. Eu conversava, eu brincava com você tudinho de boa, mas sabe aquela coisa falando, falando, te perturbando e eu começava a ver as coisas. Eu comecei a ver que tinha alguma coisa errada, aí eu fumei uma maconha e desci a rua. Eu olhei pra uma esquina e não olhei a outra, a polícia veio pá, pra cima de mim. Aí eu fui preso. Aí eu falei, ah, eu sabia que isso ia acontecer, vamo lá então. Caí e depois fui pra Pinheiros. Aí rasparam a cabeça todinha, eu me senti feio, só me senti feio. Me senti feio. Não me senti homem, não é o cabelo que faz a gente homem.

Perguntei como ele havia se sentido em 2001 quando passou 12 dias em Juquitiba:

Me senti feio, não é homem, é que é uma estética diferente. Eu cresci com estilo de homem, depois eu lutei pra me sentir mulher. construí uma estética, querer uma bolsa, um salto, e tudo. Aí depois parecia uma sapatão. Em Juquitiba a gente se vestia de homem, de rapazinho, era uma bermudona, uma calça. Você tem um choque. Mas o choque tive na cadeia, não foi os crentes quem rasparam meu cabelo. Em 2001 eu cortei, mas não cortei curto. Na época da CENA eu cortei aqui, ó. Olha só como eu sou esperto, se não der certo, eu estou de Chanel (risos). Mas também eu pensava o seguinte: por mais que eu cortar curto depois eu ponho uma peruca e um salto, dá no mesmo também.

Aí voltando em 2004, mano, eu cabeça raspada, sem dente, tinha perdido o dente apanhando na rua. Aí eu fui preso, quando eu fui preso eu me senti mais feio ainda, eu vi que tudo aquilo que eu sonhei não se concretizou nada, ficou pior, eu me senti no pior lugar, tudo deu errado, nem tirar o documento eu consegui. Mas sempre temente à Deus também, sempre orando, chorando. Aí tinha uma grade, uma jaula, que era dos crente. Aí eu fui. Mano,

quando eu fui pra lá, aconteceu pela segunda vez uma coisa sobrenatural na minha vida, porque em 2001 eu sai do acampamento eu não tive mais vontade de viver vida de travesti, eu não queria mais pagar diária, droga, beber cachaça, roubar, eu queria viver uma vida normal, com pessoas normais, dignamente. Aí eu fui pedir ajuda pro pastor e eu aceitei Jesus. Era o João Carlos.

Aceitei Jesus com ele e um grupo de pessoas. Sim, já tinha aceitado Jesus quando criança. Aí eu retornei pra Jesus. Quando eu retornei foi uma coisa muito louca, aquilo de você chorar não de dor, de felicidade. Quando mais você chorava, mais eu ia me esvaziando daquelas coisas ruins, daquelas coisas que estavam impregnadas dentro daquele lamaçal. Cara, tinha uma luz em cima de mim que era sobrenatural. Uma coisa muito inexplicável, que só eu sei que foi comigo, foi pra mim. Você é cristão? Eu não sei se aconteceu com você, mas comigo aconteceu. Em 2004 que eu fui preso e aí eu fui pra igreja dos ladrão, dos crentes lá, tava tocando louvor, “foi na cruz, foi na cruz, foi na cruz”. Aí eu levantei minha mão de novo, levantei minha mão de novo e falei: “Deus, me ajuda, não me deixa ficar aqui. Se o Senhor me tirar daqui, eu volto pro seu caminho, eu vou tentar morar contigo, porque até então eu só morei com Satanás”. Todo esse tempo...”agora eu quero ver como é morar contigo, como é dizer não pra essa vida, como é ser obediente, porque eu sai da minha casa porque eu não quis obedecer”. Meu pai não me mandou embora só porque eu era homossexual não, era porque eu queria viver a minha vida, eu não queria obedecer, eu não queria regras. Entendeu? Aí eu peguei, primeira audiência o advogado mandou eu mentir. Eu não menti eu falei que “a droga é toda minha”. Mas que “eu alugava um quartinho e fumava lá dentro, eu não agredia ninguém, eu usava porque eu gostava de usar”. Segunda audiência: aí o advogado falou que eu ia ser condenado, porque eu confessei. A audiência foi 13 de abril e outra 6 de maio. O advogado falou que eu ia ser preso, condenado. Eu abaixei minha cabeça e orei pra Deus, “tu é meu advogado, maldito homem que confia em outro homem, eu confio em ti Senhor”. Eu senti que eu ia ser preso, mas eu senti que eu ia sair também. Eu tinha certeza, convicção que eu ia sair. As bichas falava tudo “você vai ser condenada Dibelém”. Mas “eu creio, eu tenho convicção, eu vou sair, vai ter ação, eu creio em Deus que eu vou sair”. “Mas tu vai ficar, viado” (risos). Mano, aí eu fui pra segunda audiência dia seis de maio, chegou uma testemunha lá. “Você conhece Rouvanny Souza Moura?” “Conheço”. “Ele usa droga?” Ela respondeu: “muita”. Só puxou o papel, assinou o papel, liberdade provisória. Você acredita? A testemunha foi favorável, porque eu falei tudo aquilo, que eu usava. Eu menti, porque eu traficava, traficava não, eu passava. Aí eu tinha falado pra Deus “eu vou caminhar contigo”. Aí eu fui pra Cracolândia. Eu vou fumar uma pedra, de calça, cabeça raspada, sem dente, aí eu vou dormir, e quando eu dormir e vou pra igreja. Mano eu passei foi 12 dias sem dormir, porque quando eu menos esperava chegava gente na porta me dando droga pra eu não dormir. Era o diabo mesmo, aí eu comecei a

escutar vozes, ter alucinações, comecei a escutar as coisas, eu saía correndo dentro do hotel, e quando eu chegava tinha uma voz que dizia: “saí daí que tu vai ser preso, saí daí que tu vai ser preso”. Aí fui embora na igreja, fui falar com uma mulher da igreja, a mulher tava com medo de tão doido que eu tava. Eu queria que a pessoa orasse comigo, aí um cozinheiro orou comigo. Aí eu voltei pro hotel, aí quando eu volto pro hotel, o hotel não tava cercado de polícia? Que loucura é essa? Aí todo mundo tava me dando como louco. “A Dibelém tá louca, a Dibelém tá louca”. E realmente, quando a gente sai da cadeia nós desencadeamos uma doença psicológica. De perseguição, fica aquela coisa nóia. Então, vão me fazer mal, lá dentro a gente via e ficava com medo de fazer algo pra gente, de matar a gente. Quando eu voltei, tava cheio de polícia. Como é que eu to doido? Aí teve outras confusões, aí teve uma hora que eu saí, só foi levantar assim do hotel, eu saí com uma pedra, um cachimbo e um isqueiro. Eu coloquei a pedra, esse é meu ultimo pega pra nunca mais. Saí jogando peruca, jogando isqueiro e fui embora.

Fiquei vagando, com medo de me pegarem, depois fiquei na frente da igreja. Aí o pastor me acolheu de novo, me colocou dentro da igreja e me mandou de novo pra casa de recuperação de onde eu saí. Aí eu esperto, falei assim “quer saber, vou engordar, deixar o cabelo crescer, vou ficar três meses contigo, vou te dar três meses, se você não mudar minha vida, o meu pensamento, eu vou embora”. Mano, durou três meses, quinze dias e vinte dias, aí eu queria vir embora, sabe aquela vozinha assim, que vinha? “mas você não falou?”. Eu comecei a conversar comigo assim “mas você não falou que ia ficar três meses?”. De três meses passou pra um ano, de um ano para dois anos, de dois anos, eu estou dez anos, dez anos que eu estou com Jesus, dez anos recusando meus desejos homossexuais.

Todo dia. Aí sabe aquela notícia da cura gay? Que aquele pastor tava falando? Eu tirei uma conclusão também, não é um remédio que vai ter a cura, não existe isso, o que existe é a gente dizer não todo dia pra essa vida errada, o que existe é eu colocar na balança e ver o que é bom pra minha vida como ser humano. Voltei a estudar, acabei o ensino médio, entrei pro seminário. Eu tenho uma alegria imensa de ajudar outros homossexuais. Não quero dizer pra ele você é homem, ou mulher, não, eu quero dizer pra ele: você é uma pessoa e eu quero ser seu amigo, não pra jogar na tua cara que tua vida é ruim, mas o que eu quero dizer pra você é que nós pode mudar sua história, nossa vida. Nós pode dizer não, eu posso viver dez anos, eu posso dizer que não quero. Desejo todos nós temos, você tem quando você olha uma mina, você não vai endurecer seu pau?

Perguntei como era a questão da atração e do controle do desejo prá ele.

Não, não, o de se sentir mulher eu não tenho, depois que eu comecei a olhar pro homem e imitar o homem, porque até então eu olhava pra mulher e imitava a mulher, aí quando eu comecei a imitar o homem eu passei a aprender a me vestir, aprendi a parar de

desmunhecar, de me posicionar, aprendi a ter respeito com as pessoas então foi mudando. Eu não, sei, cara, mas vai mudando. As cirurgias plásticas que tem, eu cortei um, fiz lipo no rosto. Eu fiz no quadril, fiz na bunda. No seio não ficou muito legal, aí não ficou muito legal, aí eu fiz a segunda, ele cortou a auréola e sugou, depois a mesma coisa de novo, a outra ele cortou. Não é igual prótese. Ele é injetado entre o músculo e tudo, ele cria uma falsa gordura. Ele tá aqui no meio, eu simplesmente me amarrei, coloquei o sutiã meia taça, aí ele fica aqui, parado aqui. Quando o médico raspa ele não tira de uma vez. Por isso eu fiz várias vezes. Ele dá uma mão, por isso eu já fiz três. Esse lado aqui tá sequinho, esse lado aqui já tá maior. Ele cortou aqui, emendou, aí tá aqui de novo. A gente nunca tira tudo, porque é uma coisa que tá espalhada, não tá concentrada. Ele espalha, tem que fazer várias sessões. Eu fiz na CENA, eu já vim com várias sessões.

Prá tirar pelo SUS até consegue, mas não é assim da noite pro dia. Tem um hospital perto da Santa Cruz que tão tirando, eu vi no jornal, tem um coisa agora que tira, e eu indiquei pra um amigo meu. Aí entra uma grande contaminação de coisas boas.

Então, aí vem o povo e diz “eu não acredito que tem ex gay, eu não acredito que pode mudar”, gente, na Bíblia também não tem Jesus passando e mudando um traveco, mas eu gosto de dizer uma coisa: “conhecereis a verdade e Jesus vos libertará”. Quando a gente conhece a palavra de Deus, ela começa nos libertar dessa mente feminina, dessa mulher que tá dentro do nosso corpo que a gente acha que é mulher. A Bíblia não fala da mudança, mas tem o Romanos, tem outros versículos que fala sobre a homossexualidade. Aí quando você vê: fulano mudou, eu pensava “viado é viado, vai dar o cu o resto da vida”.

Questionei se havia ou não ex-travestis.

Não tem, mas eu não quero saber da vida dos outros, eu quero saber de eu, pode falar que não existe. Tem até chacota na televisão. Você já viu o Zorra? Tem uma lá que é ex, mas desmunheca. Aí ele fala que ex é ex, mas ele desmunheca. Eu não quero saber o que o povo pensa e fala. Quero saber da minha vida, quero saber da melhora que eu conheci, o que eu tenho agora, que eu sou melhor que antes. Se é ou não é sobre o palpite dos outros, pra mim tanto faz.

Já ouvi falar de ex-travesti, porque aquilo, aí entra aquela coisa assim, eu acho que quando acontece isso a pessoa deixa de lutar, como eu te falei, é uma luta, todo dia eu tenho que lutar, é uma luta pra mim. É como ser um viciado, uma vez adicto, todo dia tem que lutar pra não usar droga. Quando o cara é promíscuo e ele casa, ele tem que lutar todo dia pra não querer mais as outras minas e respeitar a mulher dele. A vida do ser humano é uma luta, é uma grande luta a nossa vida, eu só tenho força pra lutar porque eu tenho Deus, eu coloco Deus na parada. Que se eu não colocar Deus na parada, eu volto. Se eu deixar de colocar Deus na parada, eu volto a pensar na merda que eu vivia. Aí me vê hoje, eu penso assim:

“pra mim tanto faz eu pensar ele voltou ou não voltou, pra mim o que importa é eu não voltar. Eu não quero é eu voltar, porque eu acredito que eu não vou entrar no céu contigo”. Quando nós nos aprofundamos na palavra de Deus, a nossa vida muda. Eu quero saber da minha vida, que eu quando mudei dessa vida, no “conhecereis da Verdade e a Verdade vai te libertar”, que ele tá me libertando. Só não se liberta quem não quer, quem quer viver nessa mesmice. Não é? Eu penso assim. E quando eu via uma pessoa travesti que era amigo meu mudar? Mudar assim. ele tem jeito de viado. Você pode olhar pra mim e dizer: mas ele ainda fala como viado, “você tem uma voz, um trejeito”, fica. Foram vários anos tu acha que em cinco anos vai mudar? Se tu me conhecesse como era, você ia ficar surpreso. E mesmo assim eu ainda dou uma desmunhecada de vez em quando... Falo uma gíria direto.

Comentei que às vezes, quando ele vai se referir às travestis, se refere não como *elas* ou *elas* mas como “*nós*”.

Sempre que eu digo assim e coloco nós, é porque eu me encaixo junto do sofrimento que passou. Eu me encaixo junto do sofrimento que eles passaram, porque eu sei que eles passaram. E eu tenho mania mesmo de colocar nós, porque eu nunca quero ser melhor que eles, porque eu sou “ex”, eu não sou melhor que você.

Mas fica, eu tenho um pensamento de uma historinha assim: tinha um homem que ele morreu, não, ele não morreu, ele *puxava um caixão*. E todo mundo dizia que no caixão era a mãe dele. Ele gostava tanto da mãe dele que não conseguia se separar da mãe. Aí quando foi um dia ele abriu o caixão, era ele mesmo que tava lá dentro. Então nós temos que matar o velho homem, mas a gente nunca vai matar o velho homem, nunca vai mudar a nossa natureza, porque de uma hora pra outra a gente levantamos.

Eu posso dizer assim: o velho travesti sempre vai estar me acompanhando aqui na minha mente, entendeu? A Dibelém sempre vai estar aqui, até porque eu não consigo esquecer, porque não é um processo de computador que eu delete e jogo fora.

E eu vivo junto com eles também. Não tem como, eu só não quero viver aquelas práticas que a Dibelém vivia, mas hoje eu me aceito como Rouvanny, vivendo uma nova vida. Não tem como matar a Dibelém. Eu já deixei aflorar uma vez e onde me levou? Na cadeia, no crack, porque eu vou querer viver essa vida com o Dibelém se eu posso ter uma vida de liberdade com o Rouvanny? Com novas atitudes, novas ações, uma pessoa honesta, uma pessoa digna, uma pessoa que quer fazer o bem pros outros? Porque a Dibelém passava por cima, a Dibelém não tinha perdão. A Dibelém se pudesse, até te matar te matava.

Indaguei: “você acha que se a sociedade fosse mais acolhedora com a pessoa homossexual, com a pessoa travesti, acolhesse ela normalmente na sociedade desde pequena, isso provavelmente ia afastar essas

peessoas de prostituição, crack, tudo mais?” Ele respondeu: “lógico que iria”. Perguntei: “se tudo isso tivesse acontecido, hoje eu poderia estar conversando com a Rouvanny?” Ele respondeu:

Cara, eu vejo assim, o que me fez mudar não foi a sociedade, foi a palavra de Deus, certo? “Cuida de mim, me protege, que um dia eu volto pro te colo e fico pra sempre, entendeu?” Não foi a sociedade. Mas eu vou usar eles agora, os travestis. Se de verdade a sociedade aceitasse como eles são, se eles querem se vestir de mulher ou não, porque o que vale é o respeito. O travesti só é desrespeitado porque ele quer andar com o corpo de fora. Ele coloca uma prótese de 500 e quer usar um topzinho desse tamanho no peito, com isso aqui tudo de fora, ele quer entrar num lugar como esse e dar bafão, e ninguém é obrigado, nós vive num sistema de vida que tem que respeitar. Nós temos crianças, nós temos adultos, nós temos velhos, nós temos novos, então se eles se comportassem como mulheres normais, eles entram e saem em qualquer lugar. Eu conheço aqui na rua, pessoa que não tá se prostituindo mais, mas tá trabalhando no telemarketing, com calça jeans, cacharrel, saltinho, vai como uma mulher, atualmente, nessa sociedade. Aí é que ta, depende como você vai. Se o travesti conseguisse se comportar... Olha a Rogéria, a Rogéria é fina. Olha o finado Clodovil. Se os travestis procurassem estudar, fazer faculdade, eles não precisavam ficar aí. A marginalidade... Se a gente for ver no dia de hoje. Eu trago no dia de hoje, eu não estou mais presa no passado, a gente tem que ver hoje. Hoje a bandeira tá levantada, se você olhar feio, você é processado como homofóbico, entendeu? Hoje a gente consegue ver nos jornal professora travesti, eu já vi. Eles fazem faculdade, eles se aceita. Então não tem mais esse preconceito todo, não é igual. A prostituição só existe porque as mariconas tão bancando. É isso, mano. Eu acredito que o travesti pode, eu conheço, mano. Se quiser ir trabalhar todo dia, entendeu? Aí o que acontece, a gente tem que beber uma maria mole pra agüentar, aí vem as drogas, aí vai ter que roubar, de um jeito ou de outro vai ter que se virar, aí torna uma grande cadeia, a gente tem que sobreviver de qualquer jeito. Ou eu ganho na moral, ou eu roubo. Mas hoje, hoje a gente pode viver sim, eu falo pra eles, independente de você não quiser mudar sua vida, você pode viver dignamente.

Perguntei como a igreja via as pessoas trans* e exemplifiquei: “você entendeu a palavra “conhecerei a Verdade e a Verdade os libertará”, aí você foi colocando seu pensamento feminino no caixão”. Ele disse “encaixei, precisa.” Questionei: “mas digamos que uma travesti que tu conheça por aqui diga “eu quero, mas eu não quero deixar a minha identidade feminina”, como que a igreja deve ver este caso?” Ele explicou:

Não depende de nós, não depende nada de nós. Não depende de mim, de você, depende só da pessoa. Eu acho que tem outra pessoa ali que tá intervindo pela gente, eu acho que.. Vai chegar uma hora que a pessoa vai dar um... entendeu?

Ele toca, eu acredito nesse Deus. Eu acredito nesse Deus, então “quer ir comigo, vai comigo. Tá de mulher, não to nem aí não, você vai. Mas vamos juntos.” Mas chega uma hora que você é tocado, assim como eu fui. Dez anos já, dez anos de aprendizado, caminhando com Deus. Sempre que eu tenho vontade de voltar com a vida errada, eu sempre lembro o que me levou. Eu lembro de onde eu sai, de dentro de uma cadeia, eu acho que até hoje era pra eu tá preso, ou morto. Eu sempre digo assim: independente, “eu vou ter amizade com você, eu vou gostar de você do mesmo jeito, não sou eu que vou te mudar. Quem muda é o Espírito Santo”, então tem uma intervenção divina, eu acredito nisso. Eu vou mil vezes na rua, mil vezes eu vou te dar um abraço, um beijo e conversar contigo, entendeu? Mas eu te garanto, se você não querer nada...o sofrimento... tem uns que tão no topo ainda, esses não querem nada. Mas aqueles que já estão assim, destruídos, sem perspectiva de vida, sem sonho, porque eu acredito que a nossa vida é um eterno sonho, nós temos sempre que sonhar com coisas boas. Se você não sonhar com uma coisa melhor pra você, você para. Quando a gente chega numa vida sem nexo, você para, e a droga faz a gente parar. Eu vejo que o mundo ele gira, e nós temos que girar com ele, estudando, se envolvendo com a tecnologia. Lá no passado era máquina de bater.

Questionei se o FB ou a mídia em geral poderiam ajudar a pessoa a se tornar travesti, transexual, ex-travesti.

Olha, eu acho que tudo que a gente tem, cara, tem momento na nossa vida, ainda mais quando tá drogado, no fundo do posso, nem um travesti vira travesti da noite pro dia, as mudanças não acontecem da noite pro dia, vai levando tempo pra você ir formando, entendeu? Eu hoje acho assim: a tecnologia deixou a gente mais...com acesso às pornografias. É uma grande laranja, tem acesso pra dois lados, o lado bom e o ruim, depende de você, que lado tu quer. É como um casal.

Hoje tá mais fácil, é o que te falei. Hoje se você for em Belém do Pará você vê meninozinho de 12/13 anos que quer ser travesti. A mídia também, a televisão mostra isso, que pode. Duas mulheres em família, o marido aceitar e ainda ser padrinho. O Felix, um outro homem rico, bem sucedido, a mídia ta com a bandeira assim, levantada e balançando. Em termos de lucro a parada gay só perde pra aqueles do carrinho, que passa de domingo. E hoje virou... olha como ficou assim. Na novela *Em família*, mostrou que numa família tudo pode acontecer.

Eu acredito que na família tudo pode acontecer sim, como aconteceu na minha. Teve um homossexual, teve um ladrão, teve as lésbica, mas não é tudo isso que a Globo mostra, tem muita dificuldade, muita luta, muita aceitação.

Eu: “A gente sabe que numa família tem de tudo, mas o que é o ideal de família? Poderia uma família cristã ter o casal da novela, lésbico”?

Então mano... Eu acho que nenhuma família tá livre disso, o problema a gente só vê na porta do vizinho, nunca vê na nossa porta, o travesti, a garota de programa a gente só vê na porta do lado, mas você pode ter certeza que de uma hora pra outra pode ter na sua família, aí você vai saber o problema. Você tem na sua família? Travesti, homossexual, prostituta, coisa que não presta, pra falar da ovelha negra. Ele ia viver a vida dele e você a sua. Você não ia achar nada, porque ele tá vivendo a vida dele, pagando aluguel, pagando água. Pagando as contas dele.

Na prática, sabe quem aceita, a mãe aceita. A mãe aceita muito bem, mas aí vai ficando grande. No meu caso meu pai me aceitou legal depois, depois de... com uns 18 anos, ele começou a me aceitar de boa, não tem mais jeito, não posso fazer mais nada, mas assim, eu não morava mais com ele, eu pagava minhas contas, eu vivia minha vida, eu pagava minhas dívidas, entendeu? Eu nunca levei polícia na porta da minha casa, meus problemas eu sempre respondi só, até nas cadeia eu caía, depois que eu avisava. Eu saí da cadeia em fortaleza, no outro dia eu avisei e ele foi atrás de mim. Avisei depois que eu saí.

Eu: O que leva uma pessoa a ser travesti e o que leva uma pessoa a deixar de ser travesti?

Cara, o que me levou, sabia... Cara, que desejo é esse? Que curiosidade é essa? Quando eu brinquei de roça-roça, é como colar duas cartolinas, os dois lados fica atingido, é despertar prazer também, eu senti prazer, você sentiu prazer. Eu posso ter crescido e querer ficar com outro homem, você pode crescer e não sentir mais vontade de brincar de roça-roça com outros homens e querer ficar só com as mulher, mas atinge os dois lados, entendeu? Eu cresci, eu sentia o prazer.

Eu não sei se atinge o espírito, eu só sei que atinge carnalmente, atinge, porque você sente o prazer hormonal e é gostoso, é o que te falei: gozar é igual espirrar, rápido e gostoso. Então mano, quando você cresce com aquilo, vê aquele homem bonito você tem curiosidade, eu olhava o vizinho, aí eu comecei a ver que tinha pequena, que tinha média e que tinha grande. Eu comecei a ver que tinha torta, eu comecei a ver que tinha uns com cabelinho pretinho e outros loirinhos, outros era ruivo. A curiosidade foi crescendo mais ainda e o prazer foi aumentando mais ainda, entendeu? É um grande vício, entendeu? Aí quando eu conheci um travesti mesmo, o que o homem se transformou, o cabelo, aquela pele... aí eu quero ser assim. Aí entra o outro porém, que quando tem a aparência feminina os homens se aproximam mais rápido, porque o homem quer ficar com a mulher, o homem não quer ficar com o travesti. Mas como tem uma aparência de mulher e é bonito, porque tem travestis bonitos, se você disser que não, é mentira, porque tem sim, aí quando você fica com um

homem, tudo de bom. Aí aquele momento que chegou, do sexo, acabou. O homem nunca assume, ele só quer se aliviar e ir embora. Quando eu vi aquilo, aquilo me deu um... sabe aquele tchan, eu quero ser assim? Eu vou ser assim, vou correr atrás disso. E consegui, foi procurando, preenchendo a lacuna, mas quando eu preenchi tudo, eu vi que ainda tava vazio, por dentro, aquela tristeza. Quando eu me aprofundei na palavra, Jó fala assim: “antes eu te conhecia de ouvir falar”. Quando criança eu só ouvia falar de Jesus que morreu na cruz, que morreu por mim, aquilo outro. “Hoje eu te conheço por contigo andar”. Hoje eu conheço Deus e Cristo por com ele andar.

E tem a pombagira. É um demônio, entendeu? Como conhecido nas casas de umbanda. Então a gente ia, a gente sempre se apegava também. Dá um champanhe...

Passei por muitas religiões... Umbanda...eu sempre acreditei assim: que tem a linha do bem e tem a linha do mal. Aqui tem o bem e o mal em cima dessa terra. Quando eu ia aos terreiros de macumba eu via as pombagiras, as ciganas, a tranca rua, um monte, as sete saias, eu sempre via isso e elas são assim bonitas, elas chamam, tem atração. Chamam elas, idolatram elas com imagem, tudinho e coloca champanhe, coloca cigarro, axé, me dá sorte, me dá homem, me dá dinheiro.

Mas falar que eu já caí no chão, me bati endemoniado eu vou tá mentindo, eu nunca! Mas eu tinha a sensação de que elas estavam comigo, porque a partir do momento que eu não acreditava em seu nome e eu fui mudando tudo isso, eu fui mudando uma... uma mulher bonita...

E comecei analisar algumas coisas: quando eu ia no terreiro eu via as pessoas incorporar e de repente a pessoa mudava tudo, uns se torciam, os homens ficavam mais afeminado. Eu tinha de 16 pra 17 anos. Depois que eu tava no processo. Homossexual gosta muito de macumba, gostam muito dessas coisas. Aí eu ia vendo aquilo. Um dia eu li um livro, entendeu? Que fala sobre isso, que fala sobre demônios, aí eu comecei a ficar pensando assim. Comecei a ler esse livro, joguei de lado, depois eu tava na cadeia e aquele monte de travesti dentro da jaula começamos a bater ponto de terreiro, música, cantando, não baixava nada. De repente todos estavam juntos, “ai não vai baixar”.

Tinha a jaula das travestis e a jaula dos crentes. Aqui em Pinheiros. E aí eu peguei, nós batemos ponto e não desceu nada. De repente veio uma resposta: o que vai descer se elas já estão tudo aqui? Entendeu? Acompanhando nós. Aí no livro também eu li um pensamento que era assim: que o inimigo ele usa a gente como um cavalo, se apegam na gente e a gente se torna a marionete deles. Aí eu ficava assim pensando, esse é o meu pensamento: por isso eu nunca orei, porque de verdade o demônio já tomou conta de mim, a pombagira já tomou conta de mim.

Eu sempre acompanhei o terreiro, eu ia, mas eu nunca incorporei. Tinha 15 anos. Eu comecei a transformação com 13 anos. Aí eu não sei se ela já estava ali. Depois que eu comecei a frequentar, eu comecei ver algumas coisas estranhas, eu comecei ver as imagens, a sensualidade, as coisas que a pombagira dava, os homens. Eu começava a me inspirar também. É a questão da pombagira que ela tem sete machos, sete saias. “São mulheres, sete homens, quero mais um pra casar”, entendeu? Tem vários pontos. Tem cigana, tem várias. Eu cheguei a um pensamento depois, o meu pensamento, não to dizendo se é, não sei se é, mas eu cheguei depois a pensar que de verdade eu não incorporava porque eu já era uma pombagira, eu já tinha, eu já carregava ela comigo, entendeu? Não sei te dizer muito, só sei que eu cheguei a essa conclusão, eu achava que eu era a mulher. Eu não posso falar do caso dos outros, só posso falar do meu caso que eu cheguei nesse pensamento.

Eu: Então seu processo de transformação tem um sentido espiritual?

É, porque hoje eu não tenho os mesmos pensamentos. Os mesmos pensamentos que eu tinha na infância. A Bíblia também fala que quando a gente limpa nossa casa, a gente joga tudo pra fora. Eu acredito em nome de Jesus que eu joguei tudo pra fora, que o que reina dentro de mim é o Cristo, é a nova criatura.

A identidade e o corpo feminino ainda tem que lutar. Não, eu não vejo isso como espiritual, mas quando eu vejo aquela época, eu via: sabe por que eu não incorporo, porque eu já carrego ela comigo, eu já sou a pombagira. Eu tinha esse pensamento, ninguém me falou nada.

Eu: Então houve a substituição da pombagira por Jesus?

Pode ser, eu acredito que sim. Eu acredito tanto até porque... foi em 2004, velho, onde posicionou mesmo. Quando a gente volta não tem mais sete que te acompanha. Aí aconteceu uma coisa muito legal, eu vou contar um pequeno testemunhinho na rua. Eu ia andando, eu ia tirar um DVD, entregar, aí um cara bateu assim, “oi, tudo bem com você?” “Tudo!” E aquele cheiro de enxofre, “Como é que você vai?” “Eu vou bem” “e o santo?”. Aí eu pensei que ele tava falando de Santos da praia. “ai, eu nunca mais fui pra Santos”. “O santo, você abandonou, não vai querer ir mais?”. Aí eu fiquei olhando assim e comecei estranhar a conversa. Aí ele falou assim pra mim: “você sabe que você tem a sete saias”. Aí eu falei: “eu não tenho nada”. Cara, eu não lembro o ano, eu saí em 2005 da clínica, entendeu? Ele falou “você sabe que você tem”. “Eu não tenho nada, tenho Jesus.” Aí eu entrei na conversa também, falei “eu não quero mais nada, tudo que vocês me deram vocês me tomaram, eu caí foi numa cadeia, perdi tudo”. Aí ele respondia pra mim: “você perdeu porque você não cuidou, você tá com raiva colocando a culpa na gente, mas não é culpa da gente isso”.

Eu nunca vi aquele cara. Aí ele falava pra mim que eu tinha sete saias, eu falava que não tinha mais nada, tinha Jesus, “agora minha casa tá limpa”. Tudo bem, ele falou assim “nós estamos lá do outro lado com uma trouxa te esperando”, acredita? Aí eu peguei e falei assim “tudo bem, mas eu não vou voltar”. Quando eu cheguei em casa eu falei isso em casa, “gente, aconteceu uma coisa bem louca comigo agora”, aí ele bate de novo e fala assim “mas a gente gosta de você”, e saiu andando. Nunca tinha acontecido isso, eu vi... na minha percepção eu vi o próprio diabo falar comigo, só pode ter sido. E quando ele falou que tinha uma outra trouxa do outro lado me esperando, aquilo que me deu mais força pra nunca mais voltar (risos). Acredita, mano? Não é uma coisa meio assim, inacreditável? Mas eu te digo, perante Deus que aconteceu isso comigo.

Meu Deus do céu, mas aquilo me fez parar e pensar muito, e me deu mais força pra caminhar com Deus. Eu não deixo de acreditar, nós vive em duas linhas do bem e do mal, as casas tem lá suas coisas e seus trabalhos e eu passo direto.

Eu vou visitar assim, casa de travesti que eu entro. Hoje em dia o ministério ficou tão gostoso porque eu não tô só na rua, eu tô na casa deles também, tenho porta aberta pra entrar pra orar.

Eu sou responsável do ministério dos travestis. Eu sempre digo que é o ministério da questão H, dos homossexuais (risos). Eu e o meu nome. Mas não é um nome oficial. Acampamona é. É uma atividade desse ministério. É um ministério da SAL. Eles ajuda. O centro é os travestis, mas ele é aberto pra todos, pros gays, travestis, pras lésbicas, entendeu? Essa moça aqui é garota de programa.

Da diferença de travesti e transexual... Então, eu acredito que transexuais é aquele que opera. Mas agora eles tão falando que são transexual por causa do terceiro gênero. São terceiro gênero. Tem o homem, a mulher e os travestis. O da operação eles dão outro nome, antigamente a gente chama de trans, transex, terceiro gênero que virou mulheres.

É aquela coisa, tudo que é uma palavra bonita eles querem colocar na boca: eu sou trans, a moda é trans agora. Terceiro gênero, eles sempre querem colocar uma palavra bonita, eu sou travesti, entendeu? É nesse esquema. Mas tem que pesquisar o significado de transex, se eu não me engano é o terceiro gênero. Eles estão abraçando agora. Mas antigamente quando dizia que era trans, era uma operada.

No ministério aconteceu o seguinte: tem uns que.. mudaram a aparência tudinho, depois quiseram voltar pra vida errada, mas viram que não era mais aquilo, que preferiram viver como rapazinho trabalhando, vivendo uma vida...sou gay, mas tô na sociedade.

Porque assim, eu tô lendo um livro que fala de ex, quando eu falo de ex é deixou, quando eu digo assim eu sou ex, eu não sou mais nada, não sou mais aquilo. Não é assim, mano, eu

não considero essa palavra certa. Quando eu digo ex, eu não sou mais, mas eu não posso dizer ex porque eu carrego aqui ó. Sabe a Dibelém, que está no caixão? Entendeu, quando eu digo ex, ex...

Eu não uso essa palavra ex porque assim, eu nem gosto. Sabe por quê? Vamos super que um dia eu ramele na vida, e caia na vida de novo? Mas o cara não era ex? é viado mesmo. Então não existe o ex, é mais uma coisa que pode usar, não existe ex mesmo, viado é viado. Sou um cara lutador que luto todo dia pra não viver a velha vida, não quero ser o invertido. Quando eu digo ex, eu to afirmando definitivamente ex isso.

Aí quando eu falo ex aí acontece aquele negócio do cara voltar de novo, então ele não foi ex. Não é meio estranho essa palavra ex? aí quando eu to falando, eu to afirmando que não é mais, e se o cara volta? Então ele não é ex, ele ainda é.

Eu: Tem uma coisa semelhante aquilo do AA? Só por um dia... cada dia ele luta pra não cair?

Lógico, a mesma situação. Eduardo, quando eu falo isso tipo ex, é porque a Bíblia ela fala “quem está de pé, busque pra não cair”. E nós vivemos numa linha que se nós não vigiar, se nós não tiver consciência pra viver uma nova vida, nós vamos cair, e aí cai por terra o ex, entendeu? Mas eu acredito cara...

Mas eu acho que eu posso viver todo dia pela misericórdia de Deus, todo dia mais um dia, todo dia a historia do AA: só por hoje. Só por hoje eu matei a Dibelém, só por hoje eu matei a Dibelém de novo. Matei o vício do crack, eu matei o desejo homossexual, eu matei e vivo todo dia cada vez melhor. Agora no decorrer da caminhada você conhece uma mulher, você constrói uma família, você relaciona.

Hoje eu quero estudar, eu não quero tem um diploma de teólogo, eu quero aprender, eu quero ensinar, eu quero falar, sabia? Eu quero ter uma vida legal assim com Deus, não de blá blá blá, que até papagaio fala. Eu quero ter uma vida digna honestamente com as pessoas, quero mostrar que todo dia eu mato um leão, uma leoa, e posso viver como o Rouvanny. Isso que eu quero, eu penso assim. Aí eu posso assim se um dia...

Então, eu já quero estudar, hoje em dia eu quero estudar. Se colar, se aparecer de verdade uma mina que a gente...porque é assim.. o tesão não tem problema. O importante é o relacionamento, o importante é ter uma pessoa pra conversar e tesão eu não tenho problema de comer uma vagina, não tenho um pinga de problema. Mas eu não vejo assim que eu tenho que arranjar uma mulher pra mostrar pros outros “ah, ele é homem agora”, porque eu vejo muitos homens casados e tão dando o cu aqui na rua. A maioria. Viciado no vício do sexo, porque o homem é assim, vou ser vulgar agora: o homem enquanto ele não sentir o tesão no ânus, ele é homem. Enquanto ele não der o rabo ele não vai deixar de ser homem, porque ele tá ali de paletó e a cuequinha dele, em quatro paredes. Mas a partir do momento

que ele goza pelo ânus, com uma mulher, com um homem, travesti, tá com o dedo, tá com língua, com o vibrador no rabo dele, ele vai embora e sentiu um orgasmo diferente, por isso eles vem, é como a cartolina. Só pra entender que os dois lados são atingidos, só pra mostrar isso. Mas eu vejo sabe, cara que... mas nem por isso ele vai deixar de ser homem, ele é homem, só quer ter um prazer diferente.

Mas eu sou muito feliz com a minha nova escolha, eu não quero saber da vida dos outros, se as pessoas tem dúvida se tem ex, se não tem ex. eu quero saber da minha vida, eu com Deus, da minha atitude, das minhas ações, e se eu puder ajudar as pessoas, eu vou ajudar cada vez mais, independente se é travesti, se é gay, se é prostituta, sabia? Se é mendigo. Eu não quero ficar preso em quatro paredes louvando a Deus e sair na rua e ver miserável, cada vez mais miserável. Quero viver ajudando, transformado pra transformar. Um dia teve pessoas que me ajudaram e eu quero ajudar pessoas também. Uma vez um travesti falou pra mim “a não sei o que”, e jogou na cara sobre isso. Eu peguei e falei “Olha fulano, eu não quero saber se você acha que eu sou viado ou não, eu só quero te dizer uma coisa: “que nós pode mudar nossa vida, que nós pode mudar nossa história, que nós pode deixar de fumar crack, deixar de ser mendigo, o lixo da sociedade e viver dignamente com Deus”. Isso eu posso te mostrar, e não em palavra. E posso te dizer também que todo dia eu luto, mas o que predomina hoje é minha vida com Deus. Agora o que os outros vão pensar, o que as pessoas acham, eu não quero nem saber, eu quero saber da minha vida.

Isso de ex é como o drogado que deixa de usar droga e tem que dizer todo dia não pra droga. É como outro cidadão normal que todo dia tem que deixar de olhar pro rabo da mulher, deixar de comer ela com a mão.

Eu: Quando tu fala que não existe ex travesti não corre o risco de algum crente também falar: então você não se converteu?

Mas é isso que a pessoa tem que entender, quando eu falo a palavra ex, entendeu? Ela dá um significado que não é mais, como que eu posso dizer que não é mais se eu luto com isso todo dia? Pra não viver mais essa vida errada?

As pessoas podem realmente questionar isso pra mim, mas a pessoa tem que entender de verdade essa palavra. Eu me considero lutador, mano. E eu não estou lutando sozinho, estou lutando com Cristo, ele está lutando comigo. Tem um grupo que nós estamos caminhando junto. É uma família, um ajudando o outro. Vamos caminhar uma milha duas milhas, três milhas. Se tivesse sozinho, era muito mais difícil. Porque eu sempre dou esse ponto, eu acho que a gente tem que avaliar a nossa vida. Sozinho, a gente tem que ter muito cuidado com a palavra liberdade, que a gente quando se sente livre quer fazer o que a gente quer. Quando eu me senti livre eu só me dei com a cara na parede, então hoje eu prefiro caminhar com uma família que me aceitou como família, porque eles me aceitaram como família, viu? A

minha família é aqui. Tenho família em Belém do Pará, vou, converso tudinho, mas a minha família é aqui. Espiritual é tudo aqui. As pessoas sempre vão querer distorcer uma palavra. Distorce quando falar ex e falar ex dizendo que eu não acredito, então você não é ex, ainda é, entendeu? Então por isso tem que ter muito cuidado em falar sobre homossexualismo. Tem um grupo aí que tá matando a pau, o grupo dos homossexuais.

O trabalho do ministério é fazer amizade, tratar como gente, como pessoa. O culto já começa a partir do momento que a gente levanta da cama, já é o culto. Ajuda. Quer ir no hospital, vamos no hospital, quer remédio, vamos comprar remédio, tá com frio? Vou te dar cobertor, tá com fome? Vou te dar comida... Todos os sentidos. É dar o pão, porque uma coisa é certa: a solução do problema não é só levantar a mão e dizer: “eu aceitei Jesus, eu to vivo, o teu nome tá escrito no Livro da Vida e amém.” É muito mais do que isso, se o travesti levanta a mão, você tem que ter suporte pra ajudar ele, psicologicamente. Você tem que ter tempo pra ensinar ele, tem que ter tempo... tem que ter profissionais pra cuidar dele, porque vem doente.

Tem que ter tempo, lugar pra ele morar, porque ele não tem onde morar. Mora com a gente, basta ter vaga. Hoje tem uma vaga. Além da casa tem a igreja lá. Nós tamo com um projeto de uma casa de recuperação, mas só tá no projeto. Então o problema não está só em oferecer o Reino, a vida eterna. O problema está que vai ter que ajudar ele, como me ajudaram. A retirada de silicone... eu quis. Sabe quando dá um estalo? Eu quis, eu não queria mais. Sabe, tem um ditado assim: a mulher tinha um ídolo “ah, não quero mais saber desse ídolo”. Quebrava e jogava fora. Aí depois que ela precisava colava lá todinho o ídolo e jogava fora, até que um dia ela socou todinho ele e jogou no templo, não tinha mais como colar ele. O travesti, eu quando era travesti, vivia travestinado, era meu pensamento, eu vou pra cá, mas se não der certo eu coloco uma peruca e salto alto, porque o meu corpo já tá todo pronto. E se eu quero de verdade viver uma vida com Deus, eu tenho que destruir o ídolo, entendeu?

Não tem como, eu tenho que quebrar o ídolo pra poder de verdade viver uma vida e só depende de você, ninguém me obrigou, ninguém colocou uma faca no meu pescoço, ninguém me chantageou, eu quis, eu quebrei prá não montar mais ele de novo (risos). Não é?

A missão ajudou. Lugar pra morar. É como eu te falei: não é só colocar o nome no Livro e te oferecer o Reino, pra ajudar uma pessoa tem que ter casa pra morar, tem que ter tempo pra ele, tem que ter...

Eu fui pra casa de recuperação e lá vai aprendendo tudo de novo. Na fazenda da CENA. 2004. Fiquei um ano e quatro meses. Rola terapia ocupacional, você tem que ocupar sua vida, a sua mente, capinar. Vai mudando, formatar tudo de novo. Aí eu conclui, eu tinha

construído a Dibelém, eu tinha formatado a Dibelém, agora eu formatei o Rouvanny, então o Rouvanny tem dez anos de idade. A de Belém já tinha 29 anos.

A Dibelém eu conto desde que nasceu, eu sempre tive um trejeito. Quando você olha pra criança e logo vê um trejeito, diz que é homossexual. Mas a gente tudo vai aprendendo, assim como eu olhei para aquele travesti a primeira vez e falei “o que eu vou fazer pra mim ser aquela pessoa?”. O primeiro passo vai ser hormônio, depois vem silicone, cirurgias plásticas. A Dibelém eu deletei ela, e to formatando, pode dizer formatar? Eu formatei o Rouvanny que tem dez anos de idade, aprendendo a se comportar, a se vestir, entendeu? Sepultar os desejos. Então eu me considero com dez anos.

É o testemunho. É o que eu te falei, eu vi uma pessoa mudando, mesmo tendo os trejeitos. E ele conseguiu, porque eu não consigo? Quem me inspirou foi o Graciano. O cara ta em Juquitiba. Trabalha, é líder lá.

Próximo ao final da entre-vista Rouvanny me perguntou: “mas você vai fazer o que com todas essas informações mesmo?” Relembrei o mesmo que fazia parte da minha tese de doutorado, e ele explicou a preocupação:

Eu tenho esse pensamento porque se eu afirmasse de verdade que eu sou um ex, eu não sentiria a coisa que eu sinto. Se o drogado dizer que ele é ex drogado, ele não devia sentir o desejo de fumar pedra hoje.

Eu me converti e todo dia eu mato um leão caminhando com Jesus, dizendo não e a oração do AA. Vamos marcar de ir na clínica de recuperação em Juquitiba. O acampamento eu te confirmo tudinho. Aí você conhece o Paulo, muito gente boa. Ele passou agora no Doutorado, eu não sei o que é. Eu sou meio aéreo. Ganhou bolsa e tudo. Mas não vai faltar oportunidade de você conhecer ele. Ele tem uma experiência muito grande de trabalhar com marginalizado. É bom você conversar com ele. Vai enriquecer isso pra você.

A entrevista lhe ajudou em alguma coisa? Vamos conversando. Uma coisa eu te digo, hoje eu vivo muito melhor que antes. Independente de esbanjar no dinheiro, viver na orgia, cinco minutos de prazer com os homens, mas que nunca ia ser meu. Hoje eu vivo muito bem e feliz.

A preocupação de Rouvanny marcou um ponto-chave da tese. Como considerá-lo? Ainda que as pessoas vejam ele como ex-travesti, o mesmo se narra *alguém que mata um leão – ou uma leoa – por dia prá se libertar*, como no AA. Nem travesti e nem ex-travesti. Assim, se pensássemos nas personagens-metáforas Agrado e DesAgrado, Rouvanny se encaixaria em uma delas? Provavelmente não, daí pensar em sua experiência como a de EntreAgrado.

Josi e Rouvanny são fundamentais para entendermos como se estabelecem algumas das (re/des)carpintarias religiosas/genericadas da tese. Assim, com efeitos didáticos, segue uma tabela com algumas das concepções de amb@s acerca do corpo.

Concepções teológicas de Josi e de Rouvanny acerca do corpo		
	Josi	Rouvanny
Da conversão do corpo cis ao corpo trans*	<p>Quando conheci a ICM foi em final de 2007 e eu amei! Me senti bastante acolhida e fiquei. Sempre cantei... ajudei no que podia... eu uso a minha voz para agradecer a Deus, é através do louvor que agradeço as coisas maravilhosas que Deus tem feito por mim. Todas as coisas que ele fez provando que é fiel na minha vida... cantando eu agradeço... o louvor na minha vida é muito importante....</p> <p>Quando me aceitei como travesti, foi um ano depois. Na época eu era secretária da ICM e aí eu fui fazer uma viagem com o reverendo. Aí fui prá uma viagem com o Rev, mas eu não assumia ser uma travesti apesar de ir maquiada e tudo. Então o reverendo sentou comigo e começou a conversar. Ele perguntou ‘o que vai no seu coração? Como você se sente bem?’ Eu disse ‘Cris, eu me sinto muito bem quando estou como mulher, não que eu tenha vontade de me operar, isto eu não tenho... mas eu me sinto bem vestida como mulher, me passando por mulher e sendo tratada como mulher. Ser vista como mulher.’e ele disse ‘então gata, você é travesti’.</p> <p>Aí ele foi me explicando o que era ser travesti. Naquela época eu tava com 21 anos. Aí fui perdendo o medo de algumas coisas e acabei entendendo direito quem sou... a partir daquele dia, fui me aceitando melhor. Tanto que em 2009, no retiro da ICM, eu me batizei... pois quando eu estava na Assembleia, quem foi batizado foi o Josué. E quando fui prá ICM me entreguei a Deus sem máscara nenhuma, sem fingimentos... e como Josiane. Como quem eu realmente era.</p> <p>Como eu saí da casa da minha mãe, eu acabei descendo, trabalhando na avenida com programas prá eu poder me estabilizar, me organizar, deixar minha vida financeira mais tranquila... e</p>	<p>A Dibelém eu conto desde que nasceu, eu sempre tive um trejeito. Quando você olha pra criança e logo vê um trejeito, diz que é homossexual. Mas a gente tudo vai aprendendo, assim como eu olhei para aquele travesti a primeira vez e falei “o que eu vou fazer pra mim ser aquela pessoa?”. O primeiro passo vai ser hormônio, depois vem silicone, cirurgias plásticas.</p> <p>sabe qual o pensamento Eduardo? Eu sou mulher no corpo de um homem. E o que eu puder fazer pra libertar essa mulher eu vou fazer, botando silicone, quebrando os músculos masculinos, colocando prótese, fazendo cirurgia plástica. Assim: eu tenho estrutura masculina. Eu vou colocando o músculo pra ficar torneado. Cria uma capa feminina. Eu deixo de ter aquela aparência masculina e vou quebrando com o silicone pra ter uma aparência feminina, entendeu?</p> <p>Aí o que acontece: eu sempre me prostituí pra eu poder me manter.</p> <p>Dos treze aos vinte eu trabalhava na casa de família e com o dinheiro eu comprava hormônio. Como é que eu vou conseguir, o primeiro passo: eu tenho que descobrir com os outros travestis e homossexuais como eu faço pra ter um peitinho. Eu via os travestis com peito, com tudo, como é que faz? Primeiro passo, o hormônio feminino, anti concepcional.</p> <p>O dinheiro que eu ganhava, além de comer, beber e dormir na casa, que eu pagava com meu trabalho, eu tinha dinheiro pra comprar o que ia me mudar</p> <p>Aí isso vai aprendendo com os outros homossexuais, aí vai criando aquela pele, peito, as glândulas vai crescendo, igual de uma mocinha. Você fica com a aparência brilhante e cada vez mais você vai acreditando que é uma mulher, a única coisa que faz a casa cair é quando você vai pro banheiro e você vai pro espelho vê seu pênis, aí te deixa com mais ódio ainda. Só o que tá faltando agora é eu cortar o pênis, fazer a mudança de sexo pra eu</p>

	também para ter dinheiro para fazer minhas cirurgias...	ficar mulher no total... Eu coloquei prótese industrial. Tirei, já fiz quatro lipos. Porque é um líquido que cria uma gordura, faz um líquido, corta, faz uma raspagem.
A morte como passagem do corpo / A vida como continuidade do corpo	<p>Num ensino bíblico comentaram sobre o que era a homossexualidade e eu comecei a entender o que acontecia comigo. Diziam que Deus matava os homossexuais. Eu comecei a achar que eu estava errada, me sentia culpada por amar o filho do pastor... aí comecei a pedir a Deus que ele me curasse, que ele me mudasse, e nada acontecia. Então tentei me matar quatro vezes.</p> <p>Eles falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei. Muitos falaram que Deus não está comigo, em muitos momentos. Eles não conseguem tirar isto de mim. Esta certeza que eu tenho é porque eu vivi minhas experiências com Ele. Este amor de Deus que eu tenho na minha vida é algo que veio até a mim. É um sentimento que cresceu em mim em todos os momentos. Foi Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre. Esta fé ninguém vai tirar de mim, ninguém.</p>	<p>Eu tenho um pensamento de uma historinha assim: tinha um homem que ele morreu, não, ele não morreu, ele <i>puxava um caixão</i>. E todo mundo dizia que no caixão era a mãe dele. Ele gostava tanto da mãe dele que não conseguia se separar da mãe. Ai quando foi um dia ele abriu o caixão, era ele mesmo que tava lá dentro. Então nós temos que matar o velho homem, mas a gente nunca vai matar o velho homem, nunca vai mudar a nossa natureza, porque de uma hora pra outra a gente levantamos.</p> <p>Eu posso dizer assim: o velho travesti sempre vai estar me acompanhando aqui na minha mente, entendeu? A Dibelém sempre vai estar aqui, até porque eu não consigo esquecer, porque não é um processo de computador que eu delete e jogo fora.</p> <p>Quando eu digo ex, eu não sou mais, mas eu não posso dizer ex porque eu carrego aqui ó. Sabe a Dibelém, que está no caixão? Entendeu, quando eu digo ex, ex...</p> <p>Eu não uso essa palavra ex porque assim, eu nem gosto. Sabe por quê? Vamos super que um dia eu ramele na vida, e caia na vida de novo? Mas o cara não era ex? é viado mesmo. Então não existe o ex, é mais uma coisa que pode usar, não existe ex mesmo, viado é viado. Sou um cara lutador que luto todo dia pra não viver a velha vida, não quero ser o invertido. Quando eu digo ex, eu to afirmando definitivamente ex isso.</p> <p>Eu acho que eu posso viver todo dia pela misericórdia de Deus, todo dia mais um dia, todo dia a historia do AA: só por hoje. Só por hoje eu matei a Dibelém, só por hoje eu matei a Dibelém de novo. Matei o vício do crack, eu matei o desejo homossexual, eu matei e vivo todo dia cada vez melhor.</p>
Da desconversão do	***	<p>Se encher de silicone pra melhorar a sua aparência, colocar um corpo estranho dentro do corpo já é muito louco. É uma coisa que já não pode dar certo.</p> <p>eu sou fruto desse acampamento da CENA.</p> <p>Fui pra fazenda em Jiquitiba. Eu fiquei doze dias só, aí quando eu fui nessa fazenda, ai eu peguei e fiz vários planos. Quando você é travesti tem que aprender tudo de novo, cabelo cortadinho. Eu me achava tão feio, com aquela</p>

<p>corpo trans* ao corpo cis</p>		<p>cara cheia de silicone, com peito, de homem, eu não entendia o que falava, as lutas, a negação. Eu chorava, eu pedia pra Deus, eu queria que saísse tudo de uma vez e entrasse o homão.</p> <p>Me senti feio, não é homem, é que é uma estética diferente. Eu cresci com estilo de homem, depois eu lutei pra me sentir mulher. construí uma estética, querer uma bolsa, um salto, e tudo. Ai depois parecia uma sapatão. Em Jquitiba a gente se vestia de homem, de rapazinho, era uma bermudona, uma calça. Você tem um choque. Mas o choque tive na cadeia, não foi os crentes quem raspam meu cabelo. Em 2001 eu cortei, mas não cortei curto. Na época da CENA eu cortei aqui, ó. Olha só como eu sou esperto, se não der certo, eu estou de Chanel (risos). Mas também eu pensava o seguinte: por mais que eu cortar curto depois eu ponho uma peruca e um salto, dá no mesmo também.</p> <p>A retirada de silicone... eu quis. Sabe quando dá um estalo? Eu quis, eu não queria mais. Sabe, tem um ditado assim: a mulher tinha um ídolo “ah, não quero mais saber desse ídolo”. Quebrava e jogava fora. Ai depois que ela precisava colava lá todinho o ídolo e jogava fora, até que um dia ela socou todinho ele e jogou no templo, não tinha mais como colar ele. O travesti, eu quando era travesti, vivia travestinado, era meu pensamento, eu vou pra cá, mas se não der certo eu coloco uma peruca e salto alto, porque o meu corpo já tá todo pronto. E se eu quero de verdade viver uma vida com Deus, eu tenho que destruir o ídolo, entendeu?</p> <p>Não tem como, eu tenho que quebrar o ídolo pra poder de verdade viver uma vida e só depende de você, ninguém me obrigou, ninguém colocou uma faca no meu pescoço, ninguém me chantageou, eu quis, eu quebrei prá não montar mais ele de novo (risos). Não é?</p> <p>Eu fui pra casa de recuperação e lá vai aprendendo tudo de novo. Na fazenda da CENA. 2004. Fiquei um ano e quatro meses. Rola terapia ocupacional, você tem que ocupar sua vida, a sua mente, capinar. Vai mudando, formatar tudo de novo.</p> <p>A Dibelém eu deletei ela, e to formatando, pode dizer formatar? Eu formatei o Rouvanny que tem dez anos de idade, aprendendo a se comportar, a se vestir, entendeu? Sepultar os desejos. Então eu me considero com dez anos.</p>
--	--	--

2^o Ato: DesAgrado

Lembram da história de Tirésias? No mito, depois de sete anos, Tirésias está orando no mesmo monte e vê outro casal de serpentes copulando. Mata o macho e por encanto se torna homem. Em uma discussão entre Hera e Zeus sobre quem tinha mais prazer nas relações sexuais, mulher ou homem, Tirésias foi chamado para dar seu veredito. Sua resposta foi “se dividirmos o prazer em dez partes, a mulher fica com nove e o homem com uma”, irando Hera, que apostava com Zeus que o homem é quem tinha mais prazer. Irada, Hera cegou Tirésias, e como compensação, Zeus lhe deu o dom da previsão.⁸⁰⁵ O que o mito sobre Tirésias não conta é se ele encarou sua transformação de homem em mulher como uma bênção ou como um castigo – o mesmo valendo para sua *reconversão* de mulher para homem. De todo modo, no mito Tirésias é abençoado com o dom da previsão ao se *destransicionar*. Haveria para nós gregos uma associação entre a suposta dádiva da previsão e a suposta dádiva da masculinidade? É provável. De todo modo, tal parte do mito demonstra um caso de *destransição*.

O mito de Tirésias sinaliza para pessoas que são designadas como homens, adequam sua estética à sua identidade feminina como travestis ou mulheres transexuais e depois retornam à condição

⁸⁰⁵ Recomendo o filme *Tirésias*, que tem uma brasileira e um brasileiro como intérpretes do profeta (2003). O filme dirigido por Bertrand Bonello e protagonizado por Clara Choveaux e Thiago Téles apresenta Tirésias como uma transexual brasileira sequestrada e que, privada de hormônios, vai readquirindo aparência masculina. Sobre sua personagem brasileira, Bonello comenta que “no Brasil há muitos transexuais e uma grande presença religiosa, uma convivência entre o profano e o sagrado” (*Adivinho Tirésias vira transexual brasileiro em filme francês*).

masculina.⁸⁰⁶ Muitas destas pessoas tornam-se ex-travestis ou ex-transexuais por questões religiosas. Tratam-se de pessoas que passam da metáfora de Agrado para outra, de *DesAgrado*, que sinaliza para a *destransição* e para o fato de que ora *agradamos* as outras pessoas, ora *desagradamos*. Apresento em seguida parte da narrativa da primeira pessoa que conheci e que se declarou *ex-travesti*.

“*Quero ser obreiro de Jesus mas só me operam se for risco de vida*”

Conheci Tirésias C. – pseudônimo – no início de 2011. Me recordo do momento em que o conheci (utilizo o pronome masculino pois foi assim que o mesmo se apresentou). Havia um grupo de gente trans* conversando, em que eu fazia parte, e ele se aproximou. Rapidamente alguém perguntou: você é um homem trans? Como Tirésias C. possuía aparência masculina e se aproximava de gente trans* a resposta parecia óbvia. Mas ele explicou: “não, sou homem cis. Sou ex-travesti” – causando certo espanto nas pessoas presentes, inclusive em mim, que não imaginava conhecer uma pessoa que se designasse *ex-travesti* numa roda de pessoas trans*.

Tirésias C. sentou-se ao meu lado e durante a conversa me contou:

eu não me tornei travesti porque quis. Eu era uma pessoa que me drogava muito. E durante uma ocasião, umas travestis bombaram meu corpo. Aí já estava feito, me joguei nesta vida. Fui travesti em minha cidade natal e também no litoral durante mais de uma década. Mas ganhar a vida na noite você sabe como é né? É uma miséria só. E eu era de berço evangélico. Então sentia falta da religião. Aí tomei coragem e procurei uma Assembleia. No começo foi difícil demais pois eles diziam que Jesus só me receberia de corpo limpo e liberto. Aí eu me coloquei à disposição do Senhor.

Perguntei então o que significava se colocar à disposição do Senhor. Ele contou:

eu comecei a participar da congregação. Todos me chamavam pelo meu nome de batismo. Pediram que eu cortasse a cabeleira e comprasse um terno de crente. Fiz tudo isto. Arrumei um emprego num lugar perto da igreja, um emprego braçal mesmo, e fui morar perto da

⁸⁰⁶ Também pode ocorrer de uma pessoa assignada *mulher* transicionar ao *masculino* e destransicionar ou fazer a engenharia reversa. Transição e *destransição* (bem como *retransição*, que veremos adiante) podem ocorrer em qualquer nuance identitária dentro do amplíssimo (para não dizer infinito) espectro de gênero.

igreja, que fica perto duma praia. Com o tempo, meu sonho transbordou, o de ser obreiro. Mas aí que me encontro na dificuldade.

Indaguei qual era a dificuldade e Tirésias C. explicou: “É o seguinte: cortar cabelo é fácil, usar roupa de homem também, mas o que eu faço com isto aqui?”, e apontou para seus seios. E continuou:

por mais que eu tente esconder, usar uma faixa, dá prá ver que eu tenho seios. E são seios de silicone de bombadeira. Então... o pastor quer que eu tire. Ele disse que eu só posso ser obreiro da igreja se eu retirar todo o seio. Mas como vou retirar? Tem ideia de quanto custa? eu tentei tirar no SUS. E é aí que tá o problema. Se fosse prótese seria fácil retirar em algum lugar. Mas de bombadeira cria um monte de nódulo, não dá prá tirar fácil nem numa sessão só. Aí o médico me disse que só tiraria se eu corresse risco de vida. Quero ser obreiro de Jesus e só me operam se for risco de vida.

A esta altura, ele chorava. E soluçando explicou:

o que eu faço? Qual a solução? Eu quero participar da igreja. Eu me sinto muito bem lá. Mas tenho de ser um homem completo. Tenho de retirar este negócio. E só posso operar pelo SUS. Só tenho uma solução. Vou pegar uma tesoura, uma faca e ir prá porta do SUS. Vou esfaquear meu peito todinho, retalhar tudo, assim eles vão ser obrigados a me operar...

807

Ficamos conversando mais um tempo, e Tirésias C. manteve a conclusão de que sem a operação sugerida por seu pastor ele não poderia ser nem homem e nem obreiro cristão. Infelizmente perdi o contato de Tirésias C., mas tenho esperanças de ter notícias do mesmo novamente. A narrativa dele mexeu profundamente comigo. Creio ser muita falta de bom senso e de responsabilidade social e cristã um pastor dizer a um fiel que para ele ser homem, obreiro ou aceito por Jesus deve fazer uma alteração corporal. O estado a que tal fiel pode chegar é, dentre outros, o óbito.

Esta se tornou uma das preocupações que tive com este trabalho. Como se dão estas (re/des) *conversões de gênero* associadas às de religião? O que leva uma pessoa travesti a buscar a ex-travestilidade? E ainda, haveriam casos de ex-ex-travestis ou de ex-ex-transexuais, pessoas que retornam à condição travesti ou à condição transexual após se tornarem “ex”?

Em 2012 tive a notícia de outra pessoa que se designava ex-travesti e que, além disso, era pastor – e se apresentava esporadicamente no programa televisivo do também pastor Silas Malafaia. Era *Joide Miranda*. Através do FB, consegui conversar com a esposa de Joide, Missionária

⁸⁰⁷ Tirésias C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

Edna, que, muito solícita, arranhou uma entre-vista com o mesmo através do celular. Conversei então com Joide.

“Se meu lado travesti não morresse eu que morreria”

A entre-vista com Joide⁸⁰⁸ foi realizada por telefone: eu em Floripa, ele em Cuiabá. Conversamos sobre vários assuntos. Perguntei ao mesmo acerca da importância da religião e da transição à identidade travesti em sua trajetória, e o que o motivou a se tornar ex-travesti e palestrar sobre o tema. Joide iniciou contando sobre sua infância:

desde quando eu me conheci por gente, nós éramos espíritas né, eu digo nós a minha família, os meus pais eram espíritas. O meu pai sempre foi um homem muito agressivo, um homem muito violento, nós somos em quatro, e eu o único filho homem. Eu não sabia porque meu pai me odiava, meu pai brigava muito, mesmo eu sendo uma criança ainda e naquela religião que nós estávamos servindo diziam pra ele na época que na outra encarnação nós éramos inimigos e que nessa encarnação tínhamos vindo pai e filho para purificar.

A minha mãe era espírita, aí ela começou a freqüentar um terreiro de umbanda e nesse terreiro de umbanda disseram que eu tinha um dom que eu precisava desenvolver, que eu tinha vindo com uma missão aqui na terra. Aí eu comecei a me desenvolver num terreiro de umbanda onde o pai de santo era homossexual, esse homossexual abusou de mim, um advogado também que morava perto da minha casa abusou de mim, na época eu tinha seis, sete anos, foi quando eu comecei a ter experiências com outros meninos, aí com doze anos eu fui pra um outro terreiro de umbanda no Mato Grosso do Sul. No Mato Grosso do Sul a

⁸⁰⁸ Utilizo o nome verdadeiro de Joide pois seu testemunho de conversão é público e notório, com diversos vídeos circulando na rede, inclusive em seu site pessoal: *Ministério Joide Miranda*.

mãe de santo do terreiro de umbanda era uma lésbica e eles fizeram um ritual comigo e eu fiquei muito revoltado com aquilo.

Hoje eu falo no meu testemunho que isso na verdade foi uma legalidade e eu comecei a tomar raiva da minha imagem, eu não queria ser homem, mas na verdade devido às conseqüências dos traumas sofrido pelo meu pai na infância, foi uma forma de eu me vingar do meu pai e querer partir para aquela vida. Hoje eu tenho dito nas igrejas que ao invés de nos condenarmos, algum trauma aconteceu com ele e é uma forma dele agredir ou a sociedade, ou a família, hoje eu entendo que quando eu comecei a deformar a minha imagem, eu comecei a tomar hormônio, a deixar o peito crescer, eu não entendi na época né, mas hoje com o conhecimento da verdade aquilo foi uma forma que eu encontrei de agredir meu pai, porque meu pai vivia dizendo que eu não prestava, que eu não valia nada, que eu era um inútil, então eu quis provar para ele que eu ia ser alguém e não importava como.

Joide conta que de 12 para 13 anos

eu entrei para a prostituição já, para as drogas, muito jovem ainda, sai da minha cidade no Mato Grosso, fui para o Rio de Janeiro, no RJ fiquei alguns meses, ai me disseram que em SP ganhava mais dinheiro. Fui para SP, porque na verdade aquela sede de vingança em relação ao meu pai era fixa na minha cabeça. Então eu dizia eu vou provar para o meu pai que eu vou ser alguém, não importa como, mas eu vou vingar. Então de SP eu coloquei silicone no meu quadril, eu conheci outros travestis que tinham carro chic, apartamento chic e eu logo perguntei para eles como que eles ganhavam tanto dinheiro assim, ai eles me disseram que em Paris se ganhava mais dinheiro ainda. Eu falei bom, então eu vou para Paris, eu quero ser rico, eu vou mostrar para meu pai que eu quero ser rico, eu vou mostrar para ele. Essa sede de vingança eu tinha no meu coração, mas de uma forma errada, numa ignorância. Ai eu fui prá Paris, fiquei um ano e meio na França, voltei de Paris e não me adaptei mais no Brasil, onde eu voltei para Europa, morei em vários países da Europa e tudo aquilo que eu tinha em mente, todo desejo que eu tinha em mente de conquistar eu conquistei. Eu conquistei fama, porque na época, na década de 1980 eu me tornei o terceiro travesti mais belo do Brasil e conquistei apartamentos, muitas jóias, dinheiro, viagem, conheci vários países da Europa.

Disse que, observando colegas que se travestiam, especialmente

os mais velhos né, aqueles na época que estavam na homossexualidade junto comigo, como eles sofriam na solidão, aqueles momentos de prazer tinham que ser pagos, eles pagavam para ter aqueles momentos de prazer com aquele jovem e de repente aqueles jovens saíam e gastavam o dinheiro deles com outros homossexuais mais novos ou outros travestis. Não existe fidelidade no mundo homo. Eu provo que não existe, eu tenho como provar que não existe fidelidade no mundo homo, que é uma atração carnal, uma atração física, que não

existe fidelidade. Isso que a mídia mostra, esse glamour, essa beleza, isso tudo é mentira. Eu comecei a observar aquilo e pensar se eu não morrer antes, quando eu ficar velho isso também vai acontecer comigo, entendeu? Se meu lado travesti não morresse eu que morreria. Hoje eu sou bonito, tenho fama, tenho dinheiro, mas e quando eu envelhecer? Eu to até escrevendo um livro que ta falando sobre a escuridão da homossexualidade, aquilo que mídia não mostra, eu trago tudo para minha pessoa, porque eu não quero agredir ninguém, eu não ofendo ninguém, muito pelo contrário, eu tenho muito amor para com essas vidas.

Mas como a renúncia à travestilidade – aqui enfeixada no guarda-chuva da homossexualidade – se conecta às experiências trans-religiosas de Joide? Nas palavras dele,

a minha mãe se converteu. Minha mãe se converteu e foi convidada para participar do retiro de carnaval e ela não gostava, mas como meu pai era muito violento, bebia e agredia e ficava muito violento e as minhas irmãs já tinham casado na época, e só tava ela e meu pai, aí meu pai um dia bebeu, ficou muito violento e ela ficou muito triste uma vizinha dela convidou ela para ir no retiro de carnaval. Como ela não tinha nada para fazer ela foi no retiro de carnaval. Nesse retiro de carnaval ela se converteu, aceitou Jesus como único e verdadeiro salvador da vida dela e de lá para cá tudo começou a mudar, entendeu.

Um dia eu decidi ir na igreja da minha mãe e nessa minha decisão eu aceitei Jesus como meu único e suficiente salvador e a primeira igreja que eu aceitei Jesus não soube lidar com o meu caso, como hoje eu tenho dito também que existem muitas igrejas que não estão preparadas para trabalhar com as pessoas que voluntariamente desejam deixar o estado. Essa igreja foi uma delas, não estava preparada na época para me ajudar. Hoje nós damos palestras nas igrejas, hoje eu tenho uma apostila maravilhosa que nós damos uma palestra, tipo um seminário desenvolvido em dois dias, com três horas para as pessoas saberem lidar. Não é um bicho de sete cabeças, entendeu? As pessoas tem esses preconceitos em relação à homossexualidade. Tem uma outra igreja, que na época a pastora também não sabia lidar, mas ela tinha o amor incondicional e ela começou a me amar muito e começou o processo da minha vida. Não foi fácil, não foi do dia para noite, foi uma renúncia por dia, chorei muito, mas eu digo para as pessoas, hoje eu estou aí né.

Sua narrativa demonstra que sua homossexualidade/travestilidade teve início graças à má convivência com o pai, o desejo de vingança em relação ao mesmo, o abuso sexual sofrido, trauma, trabalhos espirituais. São “causas” que costumam ser atribuídas às homossexualidades/transgeneridades por muit@s profissionais das áreas psi – não apenas @s evangélic@s.

Joide comenta sobre seu contato com a psicoterapia, como paciente e como interlocutor com fins de palestrante/evangelista.

hoje eu sou conhecido, viajo, mas ninguém sabe o que eu passei em 1991, 1993, 1994, 1995, ninguém sabe o que eu passei. Foram dias de guerra. Então durante esse período eu precisei de uma psicóloga. Hoje também eu tenho brigado com essa resolução dos psicólogos, de não atenderem as pessoas que voluntariamente desejam deixar o estado da homossexualidade. Eu acho um absurdo, porque as pessoas precisam entender que não só o homo, mas o hetero também. Um exemplo: você tem um hetero que era totalmente promíscuo, que vivia numa vida de prostituição, tinha várias mulheres, era viciado na masturbação, viciado no sexo, então quando ele se converte ele precisa, porque o emocional dele está todo destruído. O que as pessoas precisam é separar muito bem a psicologia, a psicóloga vai trabalhar com o indivíduo, vai fazer o trabalho da psicoterapia da pessoa. Mas esse movimento niilista, não sei se você sabe dessa resolução desde 1999, proíbe as pessoas de atenderem as pessoas que voluntariamente desejam deixar o estado da homossexualidade porque foi comprovado que homossexualidade não é uma doença. Não é uma doença física, mas é uma doença que tá lá no CID 10, que consta nove tipos de transtorno, entre as quais estão o transtorno ecodistônico. Eu sofri desse transtorno.

Perguntei se este CID era relacionado à homossexualidade:

Isso. Justamente, então hoje eu ajudo as pessoas, eu ajudo as pessoas do Brasil inteiro que não estavam satisfeitas com a homossexualidade. Hoje eu já não pego mais, mas na época eu peguei muita orientação de psicólogos. Só um exemplo que eu até dou nas palestras: imagina eu, 20 anos usando calcinha e de repente eu tenho que usar cueca. Existe o lado espiritual, existe, mas também existe o lado emocional, então a gente não pode tirar isso, não é assim que as coisas acontecem.

No processo de conversão de Joide e de *destransição* ou engenharia reversa, foi fundamental ter conhecido Edna, que se tornou sua esposa:

foi durante esse processo, foi muito doloroso, 1991, 1992, 1993, foi quando eu conheci a minha esposa, num testemunho que eu dei num ginásio, onde tinha mais ou menos umas 3 mil pessoas, eu conheci a Edna, aliás, ela me conheceu e ali começou uma linda amizade entre eu e ela, e essa amizade foi se tornando uma amizade mais séria onde eu me apaixonei por ela, e ela se apaixonou por mim, então é uma longa história, se eu for falar aqui a gente vai ficar até o final da noite. Foi num ginásio, no Dia da Bíblia. Aqui em Cuiabá tinha o dia da Bíblia, que se eu não me engano foi o dia 21 de setembro de 1993, não lembro bem, não sou muito bom de data, a Edna minha esposa que lembra a data. Ai nós nos conhecemos e

uma linda amizade e depois começamos a namorar e em 1998 nós casamos e estamos juntos vai fazer 15 anos esse ano para honra e Glória do senhor Jesus Cristo.

Sobre a possibilidade do mesmo sentir desejos homossexuais, ele narrou:

eu falo que a Bíblia diz que nós temos que ter a mente de Cristo, e eu não creio que Cristo tem uma mente homossexual. Então o que as pessoas hoje precisam entender: A Bíblia diz assim: submetei-mos a Deus, isso é Thiago. Submetei a Deus e resisti ao Diabo. Então quanto mais eu me aproximo de Deus, mais eu vou ficar parecido com Deus. Quanto mais eu ler a Bíblia, quanto mais eu tiver intimidade com ele, quanto mais eu busco a face dele, quanto mais eu anseio por ele, mas ele vai se aproximar de mim, mais eu vou me aproximar dele, mais o pecado vai ficar distante de mim. Mas as pessoas pensam que Deus é fada madrinha, que Deus tem a obrigação de fazer tudo. Tudo que Deus tem que fazer Deus já fez. No início eu sempre digo, não foi fácil, foi uma renúncia a cada dia, mas tudo passa, na medida que você começa a conhecer melhor quem é Deus, as pessoas às vezes falam para mim: mas Deus conhece meu coração, eu digo Deus conhece seu coração, mas você não conhece o coração dEle. O dia que você passar a conhecer o coração dEle você vai saber o quanto você precisa mudar.

Comentou sobre antigas amizades:

a maioria morreram, daquela época, pelo menos aqui da minha cidade. Eu vou fazer 49 anos, não parece mais eu vou fazer 49 anos. É raro travesti velha, principalmente as que se prostituem. Falam que existe uma morte muito grande de travestis. Tem outra coisa que o deputado Jean Wyllys fala, que existe uma homofobia muito grande, morte muito grande de travestis. Mas na verdade, se você for ver porque travestis são mortos, a maioria (*impossível de compreender, interferência de sinal*). Na verdade, 90% dos caras que saem com travestis são passivos, aí na hora do hotel, eles fazem chantagem, né, os homens casados eles roubam aliança, eles falam um preço lá fora e chega dentro do quarto eles cobram outro preço, porque eles começam fazer chantagem dizendo que vieram ali pra ser mulher e acabei sendo seu homem. Aí levam carteira, documento, às vezes levam relógio, aliança, essas coisas, e isso gera um ódio muito grande no coração dos homens, aí eles passam de madrugada, ou matam, ou mandam matar. Então por isso que há essa... aí esse deputado Jean Wyllys fala que não, que isso é homofobia. Mas essa é a causa da maioria da morte delas. Aí a gente só que fica orando. Hoje a gente desperta as igrejas para elas saber lidar, não olhar com olhar de condenação, olhar com olhar de compaixão, perguntar para Deus o que levou para que essas pessoas chegassem a esse estado, porque é mais fácil nós condenarmos do que amar, o desafio pra amar é muito grande, a facilidade pra condenar... Então você condena as pessoas rapidinho, mas abraçar e amar e estender as mãos, dar um abraço e dizer “eu posso te

ajudar,” isso é muito difícil. Mas nós estamos aí Edu, rodando o Brasil testemunhando, engrandecendo o nome do Senhor Jesus, para que ele seja honrado e as famílias sejam restauradas. Deus abençoe.⁸⁰⁹

Como vemos, na perspectiva de Joide, ou ele matava o travesti que morava dentro dele e renascia para o Senhor Jesus ou ele morreria por conta da ostentação, drogas, promiscuidade, prostituição, glamour, etc. Destaca-se também seu trabalho pastoral e missionário na conversão de homossexuais e travestis, tendo como base sua cidade, Cuiabá.⁸¹⁰

Além de Joide, o FB permitiu que eu “conhecesse” outra pessoa que se designa ex-travesti, chamada *Felipe Valentino*. Digo que conheci “entre aspas” pois não cheguei a conversar com o mesmo, apenas realizei breve etnografia através do site.

⁸⁰⁹ MIRANDA, *entre-vista de HOCEL a EMAMF*, 2012.

⁸¹⁰ Um documentário acerca do tema *pastor (ex-)travesti* é *Sérgio e Simone* (2014), que conta a história de travesti que foi pastor evangélico e líder de religião afro-brasileira.

“A Gabriela morreu e o Felipe renasceu”

Tauana Felizarda Carvalho

June 25 near Ipatinga

Esse vídeo, mostra um dos momentos mais fortes e emocionantes da transformação de Deus na vida do Felipe Valentino.. Ainda no ✨ENCONTRO COM DEUS ✨ após a ministração da palestra sobre libertação, o Felipe chegou para mim e disse: "Tauana, eu não aguento mais essas roupas de mulher, eu não aguento mais o meu cabelo, preciso corta-lo!" Neste momento glorioso estávamos eu, Pastora Aglessandra e nossa querida cabeleireira Magna! ✨ O nosso Deus é perfeito, e tudo que ele faz é perfeito também, neste vídeo a emoção e a certeza transmitida através do olhar do Felipe é algo maravilhoso... Como a Bíblia mesmo diz "...Se você está em Cristo, nova criatura é...as coisas velhas já passaram. Eis que tudo se fez novo!" #Milagre #JesusCristo #NovaCriatura #Aleluia #Fpn — with Felipe Valentino.

Like · Comment · Share

175,681 39,779 79,902 Shares

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe

A imagem acima apresenta postagem de Tauana Felizarda Carvalho em seu perfil pessoal do FB⁸¹¹ acerca da conversão *de Gabriela em Felipe Valentino*. Sigamos inicialmente para a transcrição das falas do vídeo que foi disponibilizado por Tauana no Youtube e depois retirado (mas reproduzido por diversas outras pessoas).

Legenda:

P1 = pessoa que está gravando o vídeo, provavelmente Tauana Felizarda

P2 = Magna, a cabeleireira

P3 = mulher à porta, provavelmente a pastora de Tauana, Aglessandra

P1: Felipe, seu momento chegou.

P2: Amém.

P1: Seu momento chegou. Diabo, nesse momento ele está sendo envergonhado. Porque aquilo que ele sonhou tá acabando de ser destruído.

P2: Amém.

___: Em nome de Jesus.

P1: Pra honra e glória do nome do Senhor. Quando você se olhar no espelho, você vai começar a contemplar o novo de Deus sobre a sua vida. Um tempo de restituição. Aleluia Jesus! Aleluia Senhor! Ah, Senhor, nós não temos palavras.

P3: (impossível entender) Aleluia, Deus! Nós te louvamos por cada obra que faz, Senhor. (impossível entender)

P1: Aleluia.

P3: A obra é sua, pai. A obra é tua, Senhor. Só o teu Espírito Santo é capaz de transformar alguém.

P1: Aleluia, Deus.

Este vídeo foi postado por Tauana no Youtube em junho de 2014, e compartilhado pela mesma em seu perfil pessoal do FB na mesma semana, em 25 de junho. O vídeo mostra Felipe Valentino, apresentado como *um* ex-travesti (no masculino), agora *homem de Deus*. Podemos observar uma pessoa cortando o cabelo de Valentino, outra que assiste. E ainda há outra que filma e comenta, Tauana. Todas mulheres. Menos Felipe, claro – afinal, travestis costumam ser vistos por igrejas evangélicas como *homens homossexuais radicais* ou *gays no fundo do poço*.⁸¹² Segundo a postagem de Tauana no seu perfil,

⁸¹¹ Vale salientar que apesar de estar em seu perfil pessoal a postagem está disponibilizada para o público em geral, como se pode ver pelo símbolo de um globo ao lado da data e local de postagem (25 de junho (2014), em Ipatinga).

⁸¹² Termos nativos que escutei em campo.

esse vídeo, mostra um dos momentos mais fortes e emocionantes da transformação de Deus na vida do Felipe Valentino. Ainda no ENCONTRO COM DEUS após a ministração da palestra sobre libertação, o Felipe chegou para mim e disse: “Tauana, eu não aguento mais essas roupas de mulher, eu não aguento mais o meu cabelo, preciso corta-lo!”.

E ainda:

neste momento glorioso estávamos eu, Pastora Aglessandra e nossa querida cabeleireira Magna! O nosso Deus é perfeito, e tudo que ele faz é perfeito também, neste video a emoção e a certeza transmitida através do olhar do Felipe é algo maravilhoso... Como a Bíblia mesmo diz”: Se você está em Cristo, nova criatura é. As coisas velhas já passaram. Eis que tudo se fez novo!”.⁸¹³

O vídeo se tornou um viral. Até fim de junho ele já havia sido curtido no perfil de Tauana por mais de 75 mil pessoas, comentado por mais de 39 mil e compartilhado por mais de 79 mil. E como o video foi compartilhado inúmeras vezes em diferentes perfis, é impossível rastrear quantas curtidas e compartilhamentos receberam de fato Felipe e Tauana. Além disto, o vídeo foi replicado em sites, blogs, etc. E claro, *curtir* e *compartilhar* não necessariamente quer dizer *apreciar*, já que ainda nao foi instalado no FB botões como *descurtir* ou *eliminar* o vídeo da rede. Dois dias dias antes de postar o video da transformação de Felipe, ela anunciou:

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 2

Anteriormente ela já havia feito várias postagens em seu perfil pessoal comunicando a conversão de Valentino. Em 5 de junho comentou:

⁸¹³ FELIZARDA, postagem pública em perfil pessoal, 2014.

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 3

Tauana apresenta nesta postagem a conversão *de* Gabriela *em* Felipe e publiciza o *endereço da bênção*, a *Igreja Fogo para as Nações* (FPN) de Ipatinga, MG. E lembra: *não há nada que Deus não possa transformar*. No próprio dia 5, numa postagem editada, explicou como se deu a transformação:

Tauana Felizarda Carvalho

June 5 near Ipatinga · Edited

A uns dois meses atrás, eu estava no meu quarto..debaixo das cobertas, pronta pra dormir.. À 1:30hr da manhã 🕒! Quando o meu coração❤️ começou a queimar de uma maneira sobrenatural e Deus me disse: Tauana, desce pra rua.. Por que tem alguém precisando de você! A princípio eu fiquei com medo.. Pelo horário, pela situação.. Mais o meu coração queimava tanto! Que era impossível não responder a voz de Deus! Eu desci.. Igual uma louca orando em voz alta pelas ruas.. Clamando a Deus por essa tal pessoa.. E pedindo que ele me mostrasse quem era.. Foi quando perto dos motéis eu avistei um travesti e o espírito santo me disse: É ELE! Cheguei até ele.. E com um olhar amedrontado eu disse: " Olá, meu nome é Tauana.. E Deus mandou eu vir aqui! Por favor eu pago o seu programa mais eu preciso falar de Jesus pra você! Eu quero te dizer que o seu pecado não é maior que o meu! Existe um Deus que te ama.. E quer mudar a sua história!" Em seguida ele me disse: "É resposta de oração, pois ontem orei a Deus e disse: pai se o Senhor não esqueceu de mim, envia alguém pra falar me do seu amor!" Depois disso...Trocamos os contatos, e a grande obra do Senhor havia se iniciado.. Foram horas de oração, horas de conversas no whatsapp.. Foi aí que a "GABRIELA" foi ao encontro com Deus.. Ele verdadeiramente queria mudar de vida, embora não soubesse como.. dentro dele, ele sabia que Deus o havia escolhido para libertar os cativos e proclamar salvacao aos povos atraves de seu testemunho de vida! Foram 6 anos como travesti, envolvido com macumbaria.. Pactos satanicos, drogas e tudo de ruim que vocês possam imaginar! Mais NADA é impossível para o nosso Deus! Quando ele vê um coração arrependido..🙏 No encontro a Gabriela MORREU.. O FELIPE RENASCEU!!!!!!🙏🙏 O espírito santo devolveu ao Felipe a identidade que o diabo havia roubado dele! Pra glória de Deus! O Felipe saiu da prostituição.. do homossexualidade e das drogas ! Quando ele voltou do encontro ele não tinha uma peça de roupa masculina, exceto a que ele estava vestido.. Como Deus havia prometido mudar seu quadro de vida.. Ainda no culto de domingo (25/05/2014) ele ganhou 20 blusas, 10 pares de calçados, 6 bermudas, 6 calças, 3 blusas de frio.. Quase 1000,00 reais de oferta.. E a cirurgia para retirar o silicone! DEUS É FIEL!!!!!! Ontem o Felipe tirou o silicone... (04/06/2014) Tudo tão rápido, porque Deus tem pressa no ministério Dele!! Deus o prometeu mudança e cumpriu!!!! Jesus não fica devendo devendo nada a ninguém!!! E eu creio que ele NÃO vai ser conhecido como um EX-travesti.. E sim como UM HOMEM DE DEUS!!!! #Deuséfiel #milagre #tudopraglóriadeDeus #Fpn #Fogoparaasnações OBS: Se você quiser ajudar o Felipe, seja de qualquer forma que Deus tocar em seu coração é só entrar em contato comigo ou com alguém da Fogo para nações! Juntos somos mais forte, e a obra só está começando!!!

Por favor leiam e entendam o proposito de Deus na vida do Felipe;

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201329901803334&set=a.3980805092332.125325.1646824688&type=1&theater¬if_t=like

. — with Apóstolos Valdir E Keller Fpn II and Nayana Felizarda.

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda acerca da conversão de Gabriela em Felipe 4

Tauana explica que Deus a acordou para que ela ajudasse alguém, e que o Espírito Santo a revelou que tal pessoa era um travesti que estava se prostituindo. A mesma se propôs a pagar o programa sexual para falar de Jesus e esta pessoa respondeu ser resposta de oração. Tauana então comenta que a ex-Gabriela se envolvia com *drogas, macumbaria, pactos satânicos e tudo de ruim* (causas ou consequências da travestilidade, talvez?) e que através dela – Tauana – Gabriela morreu e o Felipe nasceu: “o espírito santo devolve ao Felipe a identidade que o diabo havia roubado dele”. Em seguida relaciona a travestilidade com homossexualidade, prostituição e drogas, explica que em 25 de maio de 2014 Felipe ganhou um enxoval masculino da FPN e quase R\$ 1000 de *oferta* – além da cirurgia para retirar o silicone. Comenta então que em 04 de junho Felipe fez a cirurgia e que o mesmo não seria conhecido como um *ex-travesti* mas um *homem de Deus* – ainda que as postagens futuras batam na tecla do *testemunho* do *homem de Deus que é um ex-travesti*.

Esta postagem – como convém a um *testemunho virtual* – era seguida das fotos no estilo *antes e depois*:

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 5

A postagem de Tauana foi compartilhada no REAPT em junho, gerando comentários:

Imagem: Comentários sobre fotos de Tauana e Felipe⁸¹⁴

As fotos causaram desconforto para algumas integrantes do REAPT. Uma delas foi confortada por outras. A postagem de Tauana se relacionava a outra, de sua irmã Nayana Felizarda, que reforçava o *antes e depois* e o poder de decisão de Valentino em se converter, dentre outras coisas.

⁸¹⁴ Comentários no REAPT sobre ex-travestis I, FB, 2014.

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda /conversão de Gabriela em Felipe 6

Como vemos, uma das fotos mostra Felipe testemunhando sua conversão. As demais momentos de antes e depois. Tal postagem procurava explicar (justificar?) a postagem da conversão de Gabriela em Felipe a pedido dele – talvez por que a esta época as irmãs Felizardas estivessem recebendo algum tipo de crítica. Para a mesma, o “homossexualismo” não é o maior pecado que existe: ele *comunga* com o adultério, a mentira e o roubo. Conta sobre a *prova com Deus* feita por Felipe e explica “pra tantas pessoas que dizem que fomos preconceituosas” que em “nenhum momento, nós pedimos, forçamos, ele mesmo pediu prá que ajudássemos” e lembra que a história dele parece a de um filme de ficção científica – talvez porque pessoas t* costumem ser vistas meio como alienígenas pela sociedade em geral.

Comenta ainda que pessoas como ex-Gabriela/Felipe precisam aplicar óleo de motor de avião, referindo-se ao silicone industrial, isto após passarem por *seitas* – não explicando exatamente de que se tratariam tais seitas, que aqui as relaciono com as supracitadas *seitas de gênero*, as transgeneridades, vistas pela *Igreja Cisgênera* como perigosas e dignas de reparo. Evidentemente, o provável contexto de seitas a que Nayana se referia eram de seitas religiosas ao estilo que sua irmã já havia se referido, associadas à *macumbaria*, *pactos satânicos* e *tudo de ruim* – lembrando que para os movimentos evangélicos as transgeneridades também fazem parte do *combo tudo de ruim*. Chegando ao final, *Deus é louvado por cada curtida e compartilhada* d@s fiéis: por conta da propagação de tais posts, pelo que deparei, muitas pessoas procuraram

as irmãs Felizardas e a FPN para *converterem* seu gênero e religiosidade. O conteúdo, abaixo das fotos, era este:

Nayana Felizarda

Tentamos proteger e não expor o Felipe esse tempo todo, mas foi uma decisão dele, ele nos pediu pra postar, por que ele não agüentava mais de tanta felicidade, pois segundo ele, o coração dele queimava pra que todo mundo soubesse da glória do Senhor sobre a sua vida. Mtas pessoas glorificando o nome de Deus, porém outras sendo maldosas e preconceituosas com todos os cristãos. Nós precisamos parar de colocar o homossexualismo, como um dos maiores pecados, perante ao Senhor, não há diferença do roubo, da mentira, do homossexualismo, do adultério. Quando Deus olha pra nós, ele nos olha como a igreja Dele, ele não está interessado em saber se vc é evangélico ou se é católico, ele está interessado no seu coração e se vc entendeu que só através dele que vc obtém a salvação. Precisamos nos unir, a uma só voz e proclamar o reino de Deus!!!

Quando minha irmã saiu de madrugada, ela chorava tanto dizendo que ela precisava sair, porque tinha alguém na rua precisando dela. E o Felipe tinha feito uma prova com Deus, que se o Senhor não o havia esquecido, era pra mandar alguém falar do seu amor e segundo ele, achou que ninguém ia, porque as pessoas tem medo de travesti.

Fiquei assustada, fui atrás dela, e o choro dela intercedendo pelo Felipe, me impactava. Uma vez minha irmã, pegou o Felipe na porta do motel, por que ele ligou chorando dizendo que não agüentava mais aquela vida, e fomos orar pela vida dele. E o Felipe nos constrangia por tamanha sede de Deus. E pra tantas pessoas que dizem que fomos preconceituosas, nenhum momento, nós pedimos, forçamos, ele mesmo pediu pra que ajudássemos. Mta gente achou que estávamos doidas por ter colocado ele dentro da nossa casa, mas evangelho verdadeiro, é evangelho de prática. A história dele, parece filme de ficção científica, em que vc acha que só acontece nos filmes.

Essas pessoas sofrem tanto que vcs não imaginam, pra ficarem com os corpos daquele jeito, eles precisam passar por seitas, é aplicado óleo de motor de avião, com agulha que usam em cavalos e pra tampar, utilizam esmalte. Os cabelos que eles usam, são oferecidos a pomba gira pra que eles possam usar. (Palavras do próprio Felipe)

Esses cafetões usurpam dinheiro deles, fazendo com que a dívida com eles nunca acabam. E a válvula de escape que eles usam é usando drogas e mais drogas.

Louvo a Deus por cada curtida e compartilhamento que vcs estão dando, por que vcs não imaginam quantas mensagens, ligações, estamos recebendo, de pessoas procurando ajuda, querendo mudança, muitas pessoas estão sedentas por Deus, por que entenderam, que nada, preenche esse vazio, a não ser Jesus. O Felipe ouviu a voz do Senhor e entendeu o propósito pelo qual ele foi chamado. Chegou a hora de você também perguntar pra Deus, o propósito pelo qual ele te chamou.

Orem pela vida do Felipe, pela minha família, por eu sei que a obra do Senhor, só está começando.

Obrigada a todas as famílias que abraçaram o Felipe. — with Thiago Fabiola, Tauana Felizarda Carvalho and Apóstolos Valdir E Keller Fpn II.

Like · Comment · Share · June 7 · Edited

👍 Fausto Garcia, Tauana Felizarda Carvalho and 9,022 others like this.

💬 1,741 shares

💬 View previous comments

41 of 1,201

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Nayana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe

Em outra postagem, destacam-se os hashtags: *perdeucapeta* e *meugaroto!* – que demonstram que Gabriela era fruto de obra das trevas, combatida com unhas e dentes espirituais – e através

de cirurgias – por Tauana e a FPN.

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 7

Em 23 de junho ela postou:

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 8

Através de sua postagem no FB e do video no Youtube, Felizarda ganhou divers@s *gospel lovers*, ultrapassando o limite máximo de 5000 *amigos do face* – alcançando até setembro de 2014 47.385 seguidor@s. O número de seguidor@s deve ter crescido ainda mais após ela dar seu endereço de outras redes sociais, logo após anunciar seu retorno ao FB e a importância da rede:

Imagens: Postagens de Tauana Felizarda

Além de divers@s seguidor@s, Tauana também recebeu a adesão de divers@s *gospel haters* que criticaram a mesma, Felipe e a FPN. Entre as diversas reações positivas e negativas, seleciono três, vistas no Youtube:

- . travesti não necessariamente é homossexual. O que aconteceu no vídeo é uma mutilação. Em vez de acolher o diferente, marginaliza-se como se fosse um bandido.
- . para quem acredita ou não, isso é a prova da transformação de Deus! E o direito de escolha de cada um de querer ou não mudar! Que Deus abençoe essa nova vida! Agora as pessoas criticam até o direito de escolha dos outros. HIPOCRISIA.
- . eles não se tornam héteros, eles são héteros mas devido a algum trauma eles passaram a ser homossexuais, nada que uma reorientação, afinal isso é um distúrbio assim como a zoofilia e pedofilia por exemplo, fogem da normalidade assim como o homossexualismo.

Felizarda(s) e Valentino Se tornam *webcelebridades* gospel.... ou *celebridades on + off-line*: Felizarda está sendo chamada por igrejas para testemunhar a transformação de Valentino. O mesmo também está atendendo chamados para tal. Só não aceitaram ainda meus diversos pedidos para cessão de entrevista. Segue um deles:

Imagem: Pedido de entre-vista a Tauana em julho de 2014

O video foi postado no REAPT. Seguem alguns comentários:

Imagem: Postagem na página REAPT sobre a conversão da ex-Gabriela/Felipe⁸¹⁵

Tauana foi atualizando seu perfil com postagens sobre a conversão de Felipe Valentino:

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 9

Comentou também sobre certo sumiço de Felipe no FB. Estaria ele sendo alvo de críticas e deu um tempo da rede social?

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 10

Como parece, Felipe é içado a símbolo de cura e libertação. Talvez o testemunho de conversão de “um” travesti tenha um efeito de promoção – do Evangelho, da igreja, d@s conversor@s, do que for – maior do que imaginamos. Como sinalizei, é possível que a retirada de Felipe do FB tenha sido motivada por críticas dirigidas a ele. Sendo ou não esta uma das razões, em finais de julho, o vídeo postado por Tauana foi retirado do YouTube. Mas simultaneamente, ele já havia sido replicado por outras pessoas, assim, continuou online no mesmo site – e claro, em outros. Um dos vídeos disponíveis no YouTube, dentre outros, tem o nome *Travesti aceita Jesus e corta o cabelo para virar um homem hétero!*. Em 24 de julho, Tauana avisou:

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe 11

Em 27 de julho, Tauana inseriu novo vídeo no Youtube, chamado *CHAMADO X ENTREGA – Testemunho de Felipe Valentino – Ex travesti*, agora justificando a conversão da ex-Gabriela em Felipe. A descrição da postagem no Youtube era a seguinte:

Publicado em 27/07/2014

Com uma direção de Deus, resolvemos gravar este vídeo.... Eu (Tauana Felizarda) e meu querido irmão Felipe Valentino para explicar um pouco sobre tudo que aconteceu.. Desde o momento que ele deixou de ser um travesti e se TORNOU UM GRANDE HOMEM DE DEUS!⁸¹⁶

No seu perfil, Felizarda postou:

⁸¹⁶ Descrição do vídeo *CHAMADO X ENTREGA – Testemunho de Felipe Valentino – Ex travesti*, no YouTube.

Tauana Felizarda Carvalho shared a link.

July 27

A pedido de muitas pessoas que tem acompanhado esse testemunho maravilhoso desde quando postamos a história de como tudo aconteceu e depois o vídeo onde o Felipe corta seus cabelos com o objetivo de tomar um dos maiores passos de fé.. De sua nova vida como homem e não como mulher! Com uma direção de Deus, resolvemos gravar este vídeo.... Eu (Tauana Felizarda) e meu querido irmão Felipe Valentino para explicar um pouco sobre tudo que aconteceu.. Desde o momento que ele deixou de ser um travesti e se TORNOU UM GRANDE HOMEM DE DEUS! 🙏🏻
Isto é um RESUMO de tudo que Deus tem feito nas nossas vidas..nós esperamos de todo coração que vocês sejam ricamente abençoados! E tenham a fé renovada de maneira sobrenatural, pois aquilo que Deus fez na vida do felipe.. Mudando o quadro de vida dele dessa forma tão tremenda.. Ele também pode fazer na sua: basta você abrir o teu coração!!! Pois o Senhor nos aceita da forma que nós estamos.. No entanto,ele nao permite que permaneçamos da mesma forma..ELE TEM PRAZER EM NOS TRANSFORMAR!!!!!!!!!! Que Deus abençoe a todos.. 🙏🏻 — with Felipe Valentino.

CHAMADO X ENTREGA - Testemunho de Felipe Valentino - Ex travesti

Com uma direção de Deus, resolvemos gravar este vídeo.... Eu (Tauana Felizarda) e meu querido irmão Felipe Valentino para explicar um pouco sobre tudo que ac...

Like · Comment · Share

1,271 Shares

Tauana Felizarda Carvalho, Felipe Valentino and 2,256 others like this.

Tauana Felizarda Carvalho shared a link.

July 28 · Edited

Boa noite queridos! 🙏🏻Pra quem ainda não teve a oportunidade de ver o "resumo" de todo o testemunho do Felipe Valentino! Desde o momento que ele deixou de ser um travesti e se torna um homem de Deus! Aqui está o vídeo ! Espero que vocês sejam ricamente abençoados! #Testemunho #Transformação

https://www.youtube.com/watch?v=AC4XcpH_v-E&feature=youtu.be

CHAMADO X ENTREGA - Testemunho de Felipe Valentino - Ex travesti

Com uma direção de Deus, resolvemos gravar este vídeo.... Eu (Tauana Felizarda) e meu querido irmão Felipe Valentino para explicar um pouco sobre tudo que ac...

Like · Comment · Share

660 Shares

Tauana Felizarda Carvalho and 1,444 others like this.

[View previous comments](#)

4 of 249

Imagens: Postagens no perfil pessoal de Tauana Felizarda sobre o novo vídeo com Felipe

Leiamos a transcrição do vídeo, auto-explicativa:⁸¹⁷

Tauana Felizarda: Olá, queridos, meu nome é Tauana Felizarda.

Felipe Valentino: E eu sou o Felipe Valentino.

TF: E nós estamos aqui em uma direção de Deus. O Senhor nos direcionou a tá gravando este vídeo, pra que vocês nos conheçam melhor. E pra que vocês entendam aquilo que aconteceu na minha vida, aquilo que aconteceu na vida do Felipe, aquilo que tem acontecido no nosso meio e que é algo tremendo. E é isso que nós queremos passar pra vocês. Eu costumo dizer que o Felipe é a materialização do impossível de Deus. Porque (...) hoje nós nos deparamos com tantas pessoas que pregam o Deus do impossível, que pregam o Deus de milagres, mas infelizmente não conseguem viver isso. Algum tempo atrás eu me vi na frente de um espelho, onde eu tinha que assumir o meu chamado, mas eu também tinha que entender quem eu era em Deus. Eu creio que há pessoas neste momento, que estão me escutando, que estão me ouvindo e estão passando por esse mesmo conflito que um dia eu passei... Eu quero te dizer que o Senhor te escolheu pra uma grande obra, ele te escolheu pra manifestar a glória dele, por onde você passar. E algo que eu sempre disse ao Senhor, que o amor Dele fosse a base de tudo, que o amor Dele fosse aquilo que me guiasse e fosse aquilo que eu conseguisse transmitir pras pessoas.

Há uns três meses atrás, quando eu estava ainda deitada na minha cama, já pra dormir, o meu coração começou a queimar de uma maneira sobrenatural e eu comecei a perguntar ao Espírito Santo “Deus, o que o Senhor quer de mim?” e Deus me disse “Tauana, desce, porque tem alguém precisando de você neste exato momento.” Naquele momento, queridos, eu tinha a escolha de negar o meu eu e a escolha de simplesmente trancar o meu coração e não escutar a voz de Deus. Naquele momento o medo veio sobre mim, a dúvida veio sobre mim, mas eu escolhi dizer sim pra o chamado do Senhor e eu desci. Então eu desci, era mais ou menos uma e meia da manhã. E eu disse pro Senhor “Deus eu creio que o Senhor vai me mostrar quem é a pessoa na qual eu devo abordar e eu devo liberar uma palavra.” E então eu avistei debaixo de uma árvore aparentemente uma mulher, eu não sabia muito bem, mas eu falei “Deus, será que é aquela pessoa?” e Deus disse pra mim (que) era. E eu cheguei perto dessa pessoa e disse “Oi, tudo bem? Meu nome é Tauana e o Senhor me trouxe aqui pra dizer pra você que ele te ama e que Ele tem uma obra na sua vida.”

FV: E pra mim naquele momento, vendo aquela jovem, aparentemente uma patricinha, aquele horário virando pra mim e falando comigo que precisava falar comigo, que Deus incomodou ela para que ela fosse falar comigo... E naquele momento eu me lembrei que há dois dias atrás eu tinha orado e pedido ao Senhor, que se ele não tivesse esquecido de mim,

⁸¹⁷ Agradeço a Thomas Fernando pela ajuda na transcrição do vídeo.

que ele mandasse alguém falar do amor dEle pra mim. E uma das coisas que a Tauana me falou que mais me comoveu, foi quando ela virou pra mim e falou comigo que o meu pecado não era pior e nem maior do que o dela.

Tauana prossegue – como se fossem passos dum script, lembrando que o vídeo é uma resposta a comentários na web, especialmente no FB, em relação ao vídeo anterior:

TF: Existe um preconceito, sabe queridos?, no nosso meio, em que nós colocamos hierarquias de pecados. Como se existisse um “pecadinho” e um “pecadão”, isso não é verdade... Nós sabemos que as consequências dos pecados são diferentes, mas eles ferem o coração de Deus da mesma forma. E foi exatamente isso que eu disse pra ele. Eu falei “olha, o seu pecado não é maior que o meu, o mesmo Jesus que morreu por mim, morreu por você também.”. E eu vi que naquele momento, isso entrou dentro do coração dele. Eu vi o coração dele sendo atraído pela presença de Deus naquele momento.

Neste ponto o vídeo mostra uma textimagem com os dizeres “Felipe como Gabriela”, em que é apresentada a montagem do *antes* e *depois* de Felipe.

FV: Era mais ou menos no período de uma e meia da manhã e Tauana me abordou de uma forma que eu nunca tinha visto. Eu preocupado porque eu tinha que trabalhar e ela a primeira coisa que a Tauana virou pra mim e falou “não se preocupe que eu vou pagar o seu programa, mas eu preciso falar do amor de Deus pra você”. E aquilo pra mim, eu fiquei meio assim, e falei com ela “tá pode falar”... (e ela... uma das...) Tauana falou N coisas bonitas pra mim, mas uma das coisas, irmãos, que mais me tocou foi uma frase que ela virou pra mim e disse que o pecado dela não era menor e nem maior que o meu. Aquilo pra mim corroe o meu coração, porque como eu disse há dois dias atrás eu tinha orado ao Senhor e tinha pedido ao Senhor que.. se ele ainda tivesse um propósito sobre a minha vida e que se Ele ainda me amasse que ele mandasse alguém falar do amor dele pra mim. Só que a maioria dos evangélicos tem medo de abordar um travesti.

Nesta parte há uma pausa com um corte da gravação e edição, em que a fala de Felipe é interrompida...o que ele teria falado? Fica a curiosidade. Mas sigamos:

FV: e mesmo aceitando o convite da Tauana pra poder ir pra igreja, eu fiquei um pouco constrangido, irmãos, porque já teve casos de eu ir ainda vestido de mulher numa igreja e quando eu chegar na porta da igreja todo mundo ficar olhando pra trás, todo mundo ficar cochichando, porque nem todo mundo ainda tá preparado pra receber um travesti dentro da sua igreja. E na Fogo Prás Nações, a igreja que a Tauana congrega e que eu fui, eu me senti amado, eu senti um amor que eu procurei por muitos anos nas esquinas, que eu procurei por muitos anos nas bebida, nas drogas, e naquele lugar, foi um amor tão especial que eu já cheguei com uma vontade imensa de chorar. Só que eu não podia mostrar pra aqueles

irmãos que eu tava comovido com aquilo porque eu tinha um auto superior que eu podia, que eu era, irmãos, mas aquele momento eu descobri que eu não era nada, que eu não era ninguém, que o que eu precisava naquela igreja tinha, que era da presença do Senhor.

E foi um mover tão grande que em muitas das vezes eu me senti envergonhado ali dentro por motivos de eu estar chorando, por motivos de eu ta sentindo a presença do Senhor. Só que a gente fazemos tantas coisas, irmãos, que é envergonhoso para o Senhor e não estamos nem aí... e se tratando da gente chorar... se tratando da gente se derramar e se aquebrantar diante do Senhor, achamos isso envergonhoso. Então eu fui entendendo isso cada vez mais. Na ministração do louvor eu me eu me (como que eu posso dizer pra vcs?)

TF auxilia Felipe:

TF: Eu me quebrantei muito...

FV: Eu me rasguei muito diante do Senhor, porque naquele momento eu realmente entendi que eu precisava muito sentir a presença de Deus sobre a minha vida...

TF: Eu me lembro queridos que eu estava ao lado do Felipe e durante o louvor eu comecei a interceder pela vida dele. Eu falei “Deus o Senhor não trouxe o Filipe aqui à toa, eu creio que ainda hoje o Senhor vai entrar dentro do coração dele e vai mudar a história desse homem”. E eu me lembro que eu comecei a orar e eu coloquei a minha mão sobre os ombros do Felipe e falei “Felipe, o Senhor te chama pelo nome, o Senhor te chama pelo nome, não olhe para a direita nem para a esquerda, mas entenda que a sua hora chegou e que o Senhor ta te esperando de braços abertos”. No momento do apelo que eu liberei essa palavra sobre o Felipe ele olhou pra mim e disse “eu quero esse Jesus e nós fomos lá na frente e...”

Este trecho pode dar a impressão de que a igreja acolheu Felipe como travesti, sem julgá-lo.

Teria sido mesmo assim? Sigamos:

FV: uma das coisas que mais me ajudou e ao mesmo tempo que eu fui mais confrontado no encontro foi a parte de eu entender realmente qual era a minha verdadeira identidade, porque no encontro tinha outrora o banheiro que era feminino outrora o banheiro que era masculino e na parte de eu entrar para a ministração tinha a parte onde os homens sentavam e as mulheres sentavam. Mesmo que por fora era uma imagem feminina, dentro do meu interior eu tinha certeza que eu era um homem então naquele momento eu decidi que eu iria sentar junto na fila junto com os homens porque eu era um homem e no... tivemos as ministrações de sexta, eu ainda vestido como uma mulher, foi no sábado e no sábado a tarde tivemos a ministração da libertação: foi onde Deus teve o mover tremendo, que eu realmente tive um encontro com Deus, face a face com Deus e fui realmente liberto diante do Senhor

(Que quando eu... eu me lembro muito bem que eu tinha...) eu tava deitado na ministração e quando eu levantei eu... a primeira pessoa que eu procurei foi a Tauana e eu disse “Tauana eu preciso que você arrume uma roupa de homem pra mim”. E Tauana assim meio assustada comigo, que ela Tauana também não entendeu nada, eu falei assim Deus me fez homem e eu preciso me vestir como homem. Essa identidade não foi Deus que me deu eu entendi isso... isso irmãos é porque naquele momento Deus tinha abrido meus olhos espirituais e naquele momento Deus tava me fazendo entender quem eu realmente era. Naquele momento Tauana conseguiu a roupa para mim eu cortei o meu cabelo e foi uma benção.

TF: Depois disso, nós voltamos para a igreja e o Felipe testemunhou aquilo que Deus tinha feito na vida dele, todo mundo ficou muito impactado mas naquele momento acabava de morrer uma pessoa e renascer outra que era o sepultamento da Gabriela e o nascimento do Felipe porque naquele momento ele estava vestido de homem mas em casa todas as roupas dele eram de mulher e naquele momento ele teve que abrir mão de tudo. Depois do testemunho que ele deu nós fizemos um apelo dentro da igreja e todo mundo se mobilizou foi lindo onde pessoas ofertaram roupas na vida do Felipe e foi tremendo. E depois do culto nós fomos até a casa onde o Felipe morava e nós pegamos todas as roupas femininas dele e trouxemos aqui pra casa e aí depois nós queimamos tudo, né Felipe? Ele abriu mão de tudo, ele queimou tudo e às vezes você deve estar se perguntando “nossa, mas precisava disso tudo?” olha... eu digo que precisava sim, porque foi toda essa entrega que fez com que o Senhor olhasse pro Felipe, visse um coração sincero e um coração rendido a Ele. O Felipe abriu mão de tudo, eu lembro que até o celular dele ele queimou... literalmente. Ele tava decidido a começar uma nova vida e ele não queria nada que fosse da vida passada na qual ele tentou viver e não encontrou a felicidade que então ele tava vivendo naquele momento.

TF: Depois disso o Senhor levantou pessoas pra ta ofertando na vida do Felipe pra ele ta realizando a cirurgia da retirada da prótese e tem sido um milagre atrás do outro, queridos. Tem sido assim literalmente viver na dependência do Senhor e vendo o milagre Dele se fazendo real na vida do Felipe e nas nossas vidas. Até aqui o Senhor fez grandes coisas na vida do Felipe, mas o que mais deixa o nosso coração alegre é que está apenas no começo, está apenas começando. Porque a obra que o Senhor começou, nós acreditamos, que ele é fiel pra terminar. Nós queremos deixar bem claro que embora nós entendemos que, sim, as pessoas não nascem homossexuais, nós também queremos deixar bem claro que nós amamos os homossexuais da mesma forma que eles são porque é isso que nós fizemos com o Felipe. Nós o amamos como ele estava, da maneira que ele estava. Mas o mais lindo é que o Senhor nos aceita da forma que nós estamos, mas ele não deixa que nós permaneçamos da forma que nós vamos até a Ele. Ele nos transforma, ele muda a nossa história, ele muda o nosso quadro. E é isso que o senhor tem feito na vida do Felipe. O Felipe entendeu que a

identidade na qual ele tinha se apropriado não era a identidade que o Senhor Jesus tinha estabelecido sobre a vida dele, né Felipe?

FV: É isso mesmo... E eu também quero deixar bem claro pra todo mundo que recebemos muita crítica nas postagens que fizemos do meu testemunho que, gente, de todo meu coração nada que eu fiz foi forçado, que nada que eu fiz foi pra gente ta ganhando fama, pra gente ta ganhando aplauso, eu realmente também quis encher o vazio que existia muito grande dentro de mim, que só eu e Deus sabia qual era. É essa a palavra que a gente quer deixar pra vocês...

TF: Esse é um pouquinho do que Deus tem feito. É... esse é o primeiro vídeo que nós estamos fazendo pra compartilhar com vocês tudo o que aconteceu, eu espero que vocês sejam ricamente abençoados que o....

Eu quero te dizer que da mesma forma que o Senhor mudou a vida do Felipe seja em qual área for a mudança que você tanto espera, creia, que o Senhor é fiel pra transformar a sua vida, transformar a sua casa, a sua família, o seu estado e fazer de você mais que vencedor fazer de você um grande homem e uma grande mulher de Deus. Estejam orando por nós.

TF/FV junt@s: E que Deus abençoe vocês!⁸¹⁸

O sentido geral do vídeo parece ter sido: “foi tudo de livre e espontânea vontade”. Este segundo vídeo também acendeu reações, como vemos no REAPT.

⁸¹⁸ *CHAMADO X ENTREGA* - Testemunho de Felipe Valentino - Ex travesti, 2014.

Imagem: Comentários no REAPT sobre o segundo vídeo de Tauana/Felipe

Em início de agosto, e dali por diante, Tauana foi atualizando seu perfil com fotos com Felipe e comentários acerca de seu progresso como converso.

Imagem: Postagem no perfil pessoal de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe

Como vemos, as postagens são reações às acusações recebidas de homofobia (ou transfobia): “enquanto muitos, nos chamam de homofóbicos! Nós amamos as pessoas!!!!” e “eu nasci pra amar as pessoas! E levar o amor de Cristo por onde eu passar! Mais uma vez eu digo: O seu pecado não é maior que o meu!”

Já Felipe, em seu perfil, mostrou estar *em obras*, sendo *moldado e aperfeiçoado pelo Espírito Santo*.⁸¹⁹ A imagem do sinal de trânsito é a de *homens trabalhando* – neste caso, com o *auxílio do Espírito*. Do lado direito da imagem há o logotipo da FPN e logo abaixo, seguido do nome todo da agência, Centro Apostólico Fogo para as Nações e de seu endereço, em Ipatinga.

Vemos que a primeira postagem de sua timeline mostrava a FPN *trabalhando por um avivamento*. Até o dia anterior a esta atualização, Felipe usava uma foto recente dele.

⁸¹⁹ A capa de sua página foi atualizada com esta imagem em 17 de julho de 2014.

Imagem: Perfil e timeline da página de Felipe

Vendo a *timeline* de sua página, a maior parte das postagens eram relativas à sua transformação, bem como a testemunhos que o mesmo estava dando em diversas igrejas – pelo que percebi, ultrapassando as fronteiras mineiras. Alguns eventos foram cancelados também, como vemos na primeira imagem. Na segunda, evento com participação de Felipe, utilizado como capa da página do mesmo.

Imagem: Postagem de Felipe Valentino

Imagem: Capa da fanpage de Felipe Valentino

No REAPT ainda foi compartilhada uma postagem de Tauana, em que ela comenta a conversão/transformação de Felipe.

Dos comments postados, selecionei outro, que ao invés da morte de Gabriela, atua no sentido inverso, pedindo seu renascimento.

Imagem: Renasça, Gabriela⁸²⁰

Como vemos na postagem no REAPT, o desejável é que *Felipe morra definitivamente* para que *Gabriela renasça*.

Não entrando ainda no mérito da conversão de travestis – mesmo porque uma boa etnografia (incluo as “digitais”, e mais particularmente a minha, *ciborgue*), como lembra Latour, é *auto-explicativa*, um aspecto correlato a ser pensado é o dos vídeos e das postagens de Tauana e Felipe como *agentes*, *actantes* que permitem percebermos fluxos identitários de (ex) travestis e

⁸²⁰ Postagem no REAPT, 2014.

de conversor@s – e da mesma forma, as postagens reativas são demonstrativas de determinadas posições públicas.

O primeiro vídeo online estimula a seguir este fluxo nas esferas on e off, ou a retornar a esta parte do campo, visto que em 2011 já havia conversado com pessoas que se declaram ex-travestis. Assistindo ao mesmov, revi a importância de se seguir tais atores e atrizes e através de alguns contatos, entrei em contato com dois ministérios evangélicos de conversão de “homossexuais” à heterossexualidade, CENA e SAL. Conversei com fundadores, ex-travestis e ex-ex-travestis. Dentre eles, um missionário ex-travesti que abriu seu ministério de conversão de (outros/as) travestis. Os primeiros contatos com este missionário ex-trans foram online, assim fluxos on e fluxos off se imbricam borrando fronteiras. Através do FB conversei com mais ex-travestis. Resumindo, uma forma como o vídeo de Felipe e Tauana me *afetou* foi me jogar neste campo mais intensamente, o que proporcionou a escrita desta parte da tese. Diversos outros vídeos com testemunhos de ex-travestis e ex-transexuais se encontravam na web antes do vídeo de Felipe e Tauana – mas a partir destes, muitos se tornaram conhecidos, e outros novos, curtidos e compartilhados. A maior parte dos testemunhos se relaciona à morte “do” travesti e o renascimento em forma de homem de Deus. Acompanhem alguns comentários no REAPT.

Imagem: Ex-travesti na IURD

As respostas foram, em geral, de indignação e desesperança, ressaltando a não possibilidade de detransição, ou trazendo perspectivas que relativizaram a questão:

Imagem: Comentários sobre ex-travesti na IURD

Em outra postagem do REAPT:

Imagem: Ex-travesti Cleiton Lima

E outra, seguida de alguns dos comentários, uns mais bem-humorados, outros menos:

Imagem: Ex-travesti Silas Furtado

Imagem: Comentários REAPT 1

Outra parecia tratar da conversão de homens trans, compartilhada por mim do perfil de Marco Feliciano – o mesmo aparece ao lado de uma pessoa (aparentemente) ex-homem trans. O nome da postagem, *Deus transforma!*

Imagem: Deus transforma, Feliciano

Vejamos o comentário de Feliciano, seguido de indicação para a campanha “Feliciano me representa”:

Imagem: Comentários de Feliciano

Como observamos nesta postagem de setembro de 2014, Feliciano utiliza como “material da campanha” “Feliciano me representa” o testemunho de uma pessoa que, segundo o comentário dele era ou um homem trans ou uma lésbica, ou um pouco dos dois – o que não importa muito, o que vale no caso é sua transformação em *mulher de Deus* e transformada através de uma *obra linda*. As postagens abaixo comentaram:

Imagem: Comentários REAPT 2

Outro comentário no REAPT foi o seguinte:

Imagem: Comentários REAPT 3

Como vemos nas reações, umas pessoas temem pel@s evangélic@s na política, outr@s relacionam à lavagem cerebral, e por fim, algumas pedem não ser marcadas nestas postagens do REAPT pois as acham muito agressivas – verdadeiros *trigger warnings*, ativando diversos tipos de desconforto pessoal.

Além dos vídeos acima, muitos outros *bombaram* na rede. Um deles foi o de *Ricardo*, cujo grande desejo era conhecer a artista *Rogéria*. Se uma frase resumisse o vídeo, esta seria “vou provar que uma vez homem, morre homem” – mais uma vez a metáfora da morte se mostrando presente num relato acerca de destruição. Sintetizando a saga de Ricardo, segue transcrição resumida:

Apresentador: O caso do Ricardo, que durante 24 anos viveu como travesti, a travesti Dani... Gente, causou um burburinho violento, cada um ligou pra cá com um tipo de pensamento, mas é o seguinte ele tinha um grande sonho: conhecer a transformista Rogéria, aquela mulher que não tem papas na língua. A Rogéria, pra quem não sabe, dessa nova geração, é ícone do mundo gay (...) ela esteve aqui em Fortaleza e nós levamos o Ricardo, desculpe, o Ricardão, rapaz que mudou, pra encontrar a Rogéria e ele gostaria de fazer uma pergunta pra ela. Para o que você está fazendo, de olho aqui, veja...

Repórter: O Ricardo já está preparado para encontrar a Rogéria, ele que alimenta esse desejo há muito tempo, inclusive, conversando com a nossa equipe, ele disse que muitas vezes já até se espelhou nesta transformista, porque ele acha a Rogéria uma mulher de um certo equilíbrio, muitas vezes autoritária que impôs até um certo respeito e conquistou o espaço. É isso mesmo, Ricardo?

Ricardo: É verdade, né. É, desde criança que eu via ela na telev... na TV, né, e eu ficava me perguntando, né, porque eu admirava muito o trabalho dela, né? Sempre uma mulher muito rígida, né? No seu trabalho, né? Na sua profissão de... de.. transformista e eu sempre tinha vontade de conhecê-la melhor, pra saber se o que que tá acontecendo comigo acontecia com ela também assim. Eu gostaria de perguntar à Rogéria se ela sentiria a mesma vontade que eu sinto hoje, de deixar de ser travesti, pra ser o Ricardo novamente.

Repórter: Algumas pessoas também ligaram para a televisão, vem cá, vamos andando a gente já vai pra o carro, e falando o seguinte jamais existe a possibilidade de um dia você voltar, né?

Ricardo: Não

Repórter: Tem pessoas que colocam um ponto de interrogação, ou seja, uma vez homossexual, sempre homossexual. Você acredita nessa tese?

Ricardo: Atire a primeira pedra aquele que não tiver pecado.

Repórter: Ahhhh...

Ricardo: Então, se eu acho que só quem pode nos julgar é o Senhor. Críticas a gente recebe sim, porque o homossexualismo... eu não, eu não critico, eu não critico o... o trabalho das transexuais, dos... dos drag queens, que eu acho muito bonito, é muito divertido, mas pra mim, que eles me vejam hoje, que eles não me critiquem nem me julguem, que eles só me vejam como uma pessoa que queira mudar, que queira ser feliz, como é o que eu estou procurando para a minha vida, porque eu nunca tive paz enquanto eu era travesti. Quando eu era Daniele Dávila eu nunca tive, assim, a felicidade de ta com os meus pais, de ta com os meus irmãos e hoje em dia eu... depois de que eu fui amadurecendo mais eu fui botando na minha cabeça que não vale a pena.

Repórter: Então vamos lá, a Rogéria está aguardando a nossa equipe nesse momento. Você vai ficar cara a cara com essa transformista que um dia você sonhou em conhecer.

Ricardo: com certeza, sempre eu tive muita admiração pelo trabalho dessa pessoa tão querida pelo Brasil, né?

Neste ponto o repórter encontra Rogéria ao lado de Elke Maravilha, também ícone da cultura T*LGB brasileira e explica a situação.

Repórter: É uma pessoa que está passando por um momento um tanto quanto difícil, eu já posso até adiantar pra você. Foi travesti durante 24 anos.

Rogéria: e agora?

Entrevistador 2: e agora mudou. Está querendo ser o Ricardo que ele nasceu.

Rogéria: ele quer ser.

Entrevistador 2: voltar a ser homem

Rogéria: mas isso é impossível, aí que...

Entrevistador 2: posso chamá-lo?

Rogéria: hã?

Entrevistador 2: Eu posso chamá-lo?

Rogéria: Não, não. Eu não vou conversar esse assunto, querido.

Entrevistador 2: Mas porque não, ele...

Rogéria: Não. Porque eu não acredito nessa história.

Entrevistador 2: Mesmo?

Rogéria: Não existe, isso é balela, pelo amor de Deus, eu não acredito nessa. (...) é impossível, querido, é impossível. A gente nasce gay, morre gay, graças a Deus. (...) Esse é

o conselho. Querida, não engane as pessoas, tá? (...) Isso é um texto antigo, pelo amor de deus. Passa ele pra Elke, que a Elke ama.

Elke: Hã? Ninguém vira nada, a mãe natureza faz a gente do jeito que a gente é. Não tem virar. Não tem como eu agora resolver ter tesão nela. Não tem, ou eu tenho ou eu não tenho. Isso não existe, inventar tesão não existe. Você ou tem ou não tem tesão em alguém, sabe? E o gay nasceu com tesão, com vontade de transar com o mesmo sexo. O hetero nasceu com vontade fazer papai e mamãe e fazer neném. A mãe natureza fez todos, todas as pessoas, pra um desígnio, uns pra fazer filho e os outros pra cuidar, pra fazer arte, como os gays, ou pra fazer filosofia, entendeu?

Rogéria: (...) Só pra terminar, eu não acredito nessa história. Rogéria Astolfo Barroso Pinto, que eu ainda tenho, tchau.

Entrevistador 2: Ricardo, a Rogéria foi clara e objetiva, ela disse o seguinte, que nem precisava falar com você, que o recado era direto: não existe a mínima possibilidade de um dia reverter a situação, ou seja, você como gay uma vez gay, sempre gay.

Ricardo: é, assim ela pensa, né, é mas eu vou mostrar pra ela, vou lá até onde ela está, mesmo que ela queira fugir, vou mostrar a ela que depois... vou, já sou o que sou, o Ricardo, e depois da minha cirurgia ela vai ter a oportunidade de me conhecer e de conhecer a minha esposa e meus filhos.

Entrevistador 2: Certeza absoluta então?

Ricardo: certeza absoluta!

Entrevistador 2: que não vai interferir em nada aquilo que ela falou?

Ricardo: nada, nada do que ela disser vai me atingir. Porque eu acho que é tudo força de vontade e eu já tenho isso no meu coração. Eu nasci o Ricardo e sou o Ricardo e nunca vou ser a Daniele. Então, sim, quero fazer a minha cirurgia e depois da minha cirurgia eu vou procurar ela e vou provar a ela que uma vez homem, morre homem.

Esta história alimenta a controvérsia em torno da destransição e nos mantém *conectad@s* com o assunto deste capítulo, a (re/des)conversão de travestis através de redes. Obviamente, não entrarei na polêmica acerca da possibilidade da pessoa se tornar ex-travesti. Aliás, entrando um pouco na mesma, creio que todo tipo de fluxo é possível, entretanto, a questão maior é problematizar *as razões* pelas quais uma pessoa travesti quer se tornar ex, como nos casos aqui apresentados.

Nossa jornada entre-campos prossegue procurando indícios que respondam a isto: da FPN e do FB partamos para Jacareí, cidade próxima a SP, afim de conhecer uma das atividades do ministério anônimo de conversão de travestis da SAL, o Acampamona.

2^o Entre-atos: Acampamona é o caminho

It's a long and winding road
Beatles

A té a data de realização do Acampamona, de 27 a 29 de agosto, fui mantendo contato com Rouvanny, bem como outr@s missionári@s da SAL afim de saber sobre os preparativos e expectativas em relação ao evento. Um@ missionári@ me comentou: “O evento terá várias atividades que os travestis curtem, é assim que nos aproximarmos dos caras”.

A aproximação, não só com as travestis como com o público em geral, se deu também pelo FB. Em agosto Rouvanny – assim como divers@s missionári@s – publicou pedido para que as pessoas colaborassem contribuindo financeiramente ou enviando alimentos ao AM:

Imagem: Eis-me aqui, Acampamona

Destaco no cartaz a palavra *caminho*, que se vincula às trans(genericidades+religiosidades), tema caro à tese. Relato agora meu caminho em direção ao AM.

Cheguei por volta das 17h30 do dia 27 na SAL. No portão fui recepcionado por um missionário que havia me conhecido no dia em que estive na casa e que perguntou o que eu estava escutando, já que estava de headphones. Disse que era Whitesnake e ele disse que gostava muito de Metallica. Disse que também gostava e ele me acompanhou até o interior da casa, onde

estavam Rouvanny, por volta de 8 missionári@s e 14 travestis. Elas estavam sentadas em sofás e cadeiras e se preparando para assistir um filme no DVD. O filme escolhido foi A Maldição de Chucky. Uma das travestis comentou: “porque será que travesti gosta tanto de filme de terror?”. Enquanto assistíamos foram chegando outras meninas. De pouco em pouco, haviam cerca de 27 travestis na casa, superando minhas expectativas, já que Rouvanny havia dito no dia da entrevista que talvez fossem entre 6 e 10 travestis ao evento. No meio tempo, Rouvanny distribuía cobertores e moletons às travestis que chegavam. Algumas acharam que tratavam-se de presentes mas ficaram sabendo depois que eram empréstimos, para uso no sítio.

Às 20h chegou um ônibus fretado a fim de levar missionári@s e travestis ao Acampamona. Ajudei a carregarem o veículo com caixas de alimentos e refrigerantes. O ônibus partiu às 21h e chegou ao sítio Shalom, em Jacareí, por volta das 22h45. No caminho, o carro parou para apanhar cerca de oito travestis. Ao total, viajaram ao Acampamona 35 travestis, além de uma mulher transexual. Durante a viagem, fui conversando com travestis e missionári@s. Fiquei sabendo que a grande maioria das travestis era de Fortaleza, CE. Muitas chegaram a Santo André com a promessa de que teriam condições de adequarem sua aparência através da colocação de silicone e que seriam acolhidas em determinadas casas. A maior parte sabia que tratavam-se de casas de cafetinas, em geral outras travestis, que por vezes funcionavam como *bombadeiras*, e que pagariam diárias para residir nas casas destas através do que arrecadassem em programas sexuais.

Mas muitas das travestis que estavam no ônibus moravam embaixo de viadutos, e muitas eram consumidoras de cocaína e/ou de crack. Pelo que observei, todas viviam em situação de enorme vulnerabilidade social. E estavam muito entusiasmadas em irem a um sítio onde poderiam se divertir, descansar e comer à vontade. No caminho, Rouvanny explicou as regras do evento:

não tem confusão, não tem rixa. Não pode sair da chácara, certo? Não pode se colocar, se colocar é um bom motivo pra se descolocar amanhã. Nós tem só hoje e amanhã a gente vai embora, ninguém vai morrer, vamos aproveitar sem briga, sem confusão, ta bom? Vamos orar? Senhor nós queremos te louvar e te agradecer a vida de cada pessoa que está aqui, não é uma pessoa, mas um **amigo** que eu considero como amigo senhor Jesus. Obrigado porque cada **um** está aqui e que possamos de verdade nos divertir, ter um dia na sua paz, na sua presença senhor. Desde já queremos repreender toda ação do diabo, toda ação do inimigo, toda inveja, tudo que não convém de ti. Que caia por terra em nome de Jesus e que nós possamos nos alegrar na sua paz, amém?⁸²¹

⁸²¹ ROUVANNY, oração no AM, 2014.

Destaco na frase os termos *amigo* e *um*, no masculino. Como veremos, durante o AM o referente se modifica algumas vezes entre feminino e masculino. Em seguida Rouvanny fez orações e estimulou as meninas a cantarem cânticos evangélicos. A canção que entoa “como Zaqueu, eu quero subir o mais alto que eu puder”⁸²² foi cantada em cântico pela maioria, mas as demais recebiam poucas participações. Algumas canções foram puxadas por três ou quatro travestis. No ônibus fui apelidada pelas mesmas de *Jesus* e de *anjinho*, talvez por estarem de alguma forma imbuídas de algum sentido religioso, apelido que me acompanhou até o fim do evento. Às 23h o ônibus parou na estrada para algumas travestis poderem fumar lá fora. No caminho Rouvanny atualizou seu FB:

Imagem: Nossa saída

Chegamos ao sítio Shalon por volta da meia-noite. As pessoas foram direcionadas ao refeitório e lá apresentadas às/aos demais missionári@s que já estavam na casa – cerca de 15 – além de Paulo Cappelletti. Quando este me cumprimentou, comentou: “aqui você vai ter material prá pelo menos uns dois livros”. Após as travestis se sentarem, Rouvanny fez a apresentação do evento:

Rouvanny: Acampamona 2014, “eis me aqui, vim para te adorar. Disse Jesus: eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim.” João, 14:16. Amém gente.

(Aplausos)

Rouvanny: “eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim”, certo? E nós vamos trabalhar uma coisa, o caminho. O caminho que a maioria de nós

⁸²² *Faz um milagre em mim*, de Régis Danese.

quando criança a mãe mostrou, o caminho que a gente tinha que seguir, que era Jesus. O caminho, foi apresentado pro senhor. Então nós vamos passar hoje e amanhã e na sexta falar sobre o caminho, e preste bastante atenção, certo?

Hóspede: Mas o caminho é a esperança.

Rouvanny: A esperança no Senhor. Ele não morreu, ele ressuscitou e está aqui, com cada um de nós, certo?

(Aplausos)

Rouvanny: Ele quis vir pra cá. Quem vai trazer Jesus não sou eu, é a unção.

Missionári@: E nós vamos ajudar.

Rouvanny: Se não fosse uma equipe junto, não estaria acontecendo isso pra vocês. Amém?

(Aplausos)

Em seguida apresentou @s voluntári@s e missionári@s que chegavam, e também a mim. Fui apresentade como *Jesus* e assim chamade até o fim do evento, inclusive por Rouvanny, Cappelletti, @s missionári@s que já me conheciam e as travestis às quais me apresentava como Edu. Em seguida orou:

Rouvanny: Vamos orar? Eu quero dizer que nós estamos muito felizes porque você está aqui, e que você possa de verdade fazer aquilo que nós achamos que seria legar fazer pra vocês, dá um dia de descanso, e que você pudesse refletir na sua vida, sem droga e sem abuso, sem homens que podem te machucar. O que nós queremos é que você seja bem vindo e que você de verdade tenha dois dias maravilhosos aqui com a gente.

Todas: Amém.⁸²³

O jantar foi servido após as apresentações da equipe técnica do evento. Era um sopão bem servido de carne com legumes. Após a refeição as pessoas foram direcionadas a quartos coletivos. Na maioria deles havia ao menos um@ missionári@. Alguns quartos, contudo, eram reservados somente para est@s. Após as pessoas se acomodarem, algumas retornaram ao refeitório para assistirem outro filme de terror, comerem pipoca e tomarem refrigerante, tudo servido por Cappelletti e @s missionári@s.

Do lado de fora, em um quiosque, algumas travestis tomavam bebidas alcoólicas e fumavam, ao que foram lembradas da proibição por missionári@s. A cozinha era o QG do ministério. Enquanto as travestis assistiam o filme ou conversavam do lado de fora, ou ficavam em seus

⁸²³ AM, *notas de campo*, 2014.

quartos, @s missionári@s combinavam os horários de serviços e as melhores formas de tratarem as pessoas que estavam recepcionando.

Ao tempo em que eu circulava por cozinha+refeitório+parte externa, conversei com algumas travestis. Dentre elas, Tirésias D., que me contou já ter sido uma ex-travesti e que atualmente era travesti:

minha família é de uma igreja pentecostal de Guarulhos e eu sempre fui uma menina mesmo sendo nascida menino. Mas ninguém nunca me aceitou, nem em casa nem na igreja nem na escola. Eu com uns treze anos já me vestia quase só de menina. Mas na hora de ir prá igreja minha mãe forçava eu prender cabelo e colocar embaixo do boné e ir com as roupas de menino. Com uns 16 comecei a me colocar e beber muito. E num dia em que eu cheguei em casa colocada meus irmãos me cobriram de porrada. Eles já me batiam quase todo dia, minha mãe e meu pai às vezes. Mas neste dia, eles me seguraram, e então começaram a raspar meu cabelo à força com maquininha. Tiraram minha roupa. Colocaram as roupas de homem. Fizeram eu ir prá igreja daquele jeito. Por dois anos fizeram eu ficar daquele jeito, me forçando a ir na igreja, a deixar cabeça quase raspada, jogaram tudo que eu tinha de menina fora. Queria que eu casasse com uma menina da igreja. Fizeram eu namorar ela. Mas eu não gostava dela, nem de ser homenzinho como eles queriam. Então fugi da casa de meus pais e vim parar em Santo André. Lá eu me prostituo sim, mesmo porque eu me coloco muito. Eu fui travesti e minha família e a igreja forçaram eu a ser ex-travesti. Hoje sou travesti de novo. Deus é bom, o seu amor é infinito e dura para sempre. Eu sempre falo isto.⁸²⁴

Tirésias D. não quis comentar mais pois “os missionários não sabem mas a gente se coloca aqui também” – *se colocar* é gíria para usar cocaína.⁸²⁵ Ela se denominou *ex-ex-travesti*, e não foi a única pessoa no acampamento a se definir assim, já na primeira noite. Tirésias E. explicou: “fui homem, fui travesti, virei homem de novo, depois assim, como estou, travesti de novo. Voltei prá essência”.⁸²⁶

Já Tirésias F. explicou:

eu fui travesti, aí morei na casa da missão durante um ano e meio como homem, convertido e salvo. Mas aí fui pra rua e caí. Aí fiquei assim. Não sou mais travesti. Mas também não sou homem. Sou assim né? Sei que não sou salvo sendo assim.⁸²⁷

⁸²⁴ TIRÉSIAS D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸²⁵ TIRÉSIAS D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸²⁶ TIRÉSIAS E., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸²⁷ TIRÉSIAS F., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Conversei também com Tirésias G: “eu era travesti também, e era belíssima. Mas você conhece a vida de travesti? É treva. Ser trava é treva. Eu deixei de ser travesti porque é tudo muito puxado. Não teve motivo religioso não. Era muita tiração mesmo”.⁸²⁸

No quarto que me foi indicado a ficar estavam duas pessoas ex-travestis e a única mulher transexual do evento que, segundo um@ missionári@, “apesar da SAL, nunca deixou de ser um homem homossexual que diz que é mulher”,⁸²⁹ além de três missionários, todos do sexo masculino, já que para a SAL, apesar de ter travestis e uma mulher transexual, aquele era “um quarto de meninos”.

A partir das 7h30 do dia seguinte @s missionários se dirigiram ao refeitório para prepararem o café-da manhã das travestis e fazerem os direcionamentos diários.

Foi realizada a primeira reunião d@s missionári@s e voluntári@s do AM. Falou-se sobre a divisão dos trabalhos:

a gente não precisa ficar falando “tem que varrer o salão, e tem que lavar louça”, a gente tem que se dispor. Não dá só pra você lavar louça, a gente tem que se revezar, todo mundo aqui tem que pegar no breu, tem que pegar na bucha, na palha de aço e levar. Ai não vai ficar pesado pra ninguém, também não vai ficar só um ou outro na louça.

Os trabalhos sendo divididos, me dispus a ajudar no café da manhã. Descrevo o restante da conversa em forma de diálogo.

Missionári@: nós também pensamos em fazer uma sala onde você vai ter o nome dos travestis pra orar, né? Então cada meia hora o Rouvanny vai pedir pra dois ou três ir pra sala orar.

Missionári@: olha a lista.

Missionári@: . não chegou aos quarenta, mas nós somos 35, certo? Tem o nome de mulher, mas eu acho que Deus conhece cada um.

Missionári@: é um monte de mulher, mas você sabe que é um homem. O que leva a vida desse rapaz, desse homem, independente se tem nome de mulher ou de homem, não é?

Missionári@: pessoa.

Cappelletti: ó, qualquer problema que tiver, não importa qual seja, Rouvanny. Você quer fazer alguma coisa, Rouvanny, tá?

Missionári@: pegou a bicha fazendo alguma coisa...

⁸²⁸ TIRÉSIAS G., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸²⁹ MISSIONÁRI@ do AM A., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Cappelletti: pegou a bicha fazendo alguma coisa, Rouvanny. Ô, tem um cara lá, papapa, bati um papo mas não está funcionando, vai lá. A gente vai centrar tudo no Rouvanny, qualquer dificuldade que a gente tiver, Rouvanny. Se o Rouvanny falar pra você fazer alguma coisa, não reclama, faz. “ó, mas eu to fazendo isso”, não reclama, pega e faz, mano, pra gente não ficar bagunçado. Alguma pergunta?

Missionári@: OK.

Cappelletti: alguma dúvida? Como tratar com os garotos? Quer que chame como mulher, é nome de mulher, nós temos uma posição muito clara, nós vamos falar no final e no decorrer das conversas que nós vamos ter no café da manhã, no almoço e na janta. A nossa casa ela serve só pra quem quer uma oportunidade de não viver mais a homossexualidade, então a pessoa que quer ir tem que trazer pro Rouvanny ou pra mim pra gente bater papo. A gente só tem uma vaga lá em casa, a gente não tem mais do que uma. Nós vamos explicar que se eles querem só deixar as drogas, que a gente já tem um caminho pra prefeitura, então a gente pode encaminhar que lá eles vão tratar os travestis como mulher e tudo mais. Nós vamos deixar claro que a nossa casa é uma casa que a gente tem a opção de experimentar a vida com cristo e mudar sua sexualidade, ou assumir a sexualidade dele. Essa tem que ser a conversa nossa. Quando a gente for falar “nossa casa, a casa da missão”, é uma casa que é pra quem tá cansado de ser travesti. No meio dele existem vários que está cansado. Então ó, se você quiser experimentar, essa é a conversa. Se querem que chame de mulher, chama de mulher. Se falar nome de homem, não chame a pessoa de homem perto dos outros, o nome de homem. Se estiver sozinho pode bater papo como homem, mas se tiver com a galera, chama pelo nome de mulher.

Missionári@: se eles querem chamar de mulher, vamos chamar de mulher, se eles querem chamar de homem, vamos chamar de homem, não tem problema. A gente não tem que se escandalizar por causa disso.

Missionári@: isso é uma coisa importante. Se você sentir, isso é uma coisa que acontece, tem gente nova aqui, né, se você sentir que você se incomoda, você não se incomoda no sentido de preconceito ou coisa assim, mas no sentido de você começa a pisar muito em ovos, começa a ter tanto cuidado, que você não sabe como dizer, o que dizer, então evita, vem trabalhar aqui e deixa quem manja do negócio falar. Se você sentir, você até vai com vontade, eles dão aquele sorriso, faz uma amizade, mas se você sentiu que você não vai saber lidar, você vai dizer alguma coisa que pode ferir, pode por....por incrível que pareça, eles são totalmente sensíveis, o Paulo definiu muito bem isso: eles são sensíveis como mulheres e comem como homens.

(Risos)

Missionári@: o Paulo definiu. Foi você que falou isso, né? Eles são sensíveis como mulheres e comem como homens, então você precisa ter o cuidado quando você vai tratar. Se você sentir que tá sem jeito pra fazer, então vem trabalhar e deixa...

Cappelletti: alguém quer falar mais alguma coisa?

Missionári@: eu acho que o povo vai até ficar pensando: vai fazer o desfile, tá incentivando então o homossexualismo, essa moda, desfile, uma faixa, uma coisa? Na verdade é tudo uma armadilha, é uma forma mesmo da gente trazer eles. Eu tava falando com esse rapaz que é uma forma, porque o assunto na rua era o desfile. Eu vou pro acampamento, eu vou pro acampamento. Se a gente dissesse vamos pro acampamento orar, eles não iam sair de casa, eles não iam. Comida também tem na casa deles, tudo, então no fundo é tudo uma armadilha, arrumamos esse desfile. Então não precisa se escandalizar, pensar que a gente tá incentivando eles a viver essa vida, não. É tudo uma grane armadilha. E aí, o que acontece: nós vamos mostrar um pouco do amor de Deus pra eles. E conhecer um pouco o mundo deles, na realidade. Até chamamos um que vai fazer uma dança tudinho, mas é tudo uma armadilha. No final do acampamento, quem vai dar a conclusão mesmo é a gente. Muitos vão voltar ano que vem, e depois, e depois, por causa desse desfile e uma hora eles vão ser pegos, uma hora Jesus fala com eles. Como (_____, _____)...hoje eles aceitam a gente chamar eles como homem. Alguns são transformados de uma só vez, outros são no processo.

Missionári@: é saber que eles tem sede. Na hora que tava cantando, teve muitos deles que chorou.

Cappelletti: a gente vai falar no café da manhã sobre violência doméstica, né? Uma coisa que vai mudar o nosso caminho, a violência doméstica. Então o devocional vai ser sempre João 14:16, mas só muda o foco. Violência doméstica, meio dia vai ser droga e prostituição que também vai justificar o caminho. A noite vai ser glamour e dinheiro, certo, eu preciso de alguém pra falar sobre o glamour e o dinheiro, que vai desviar a gente do nosso caminho.

Missionári@: glamour é nossa tentação.

Missionári@: e na sexta quem fecha é o Paulo, então eu preciso de uma pessoa que fale a noite.

Missionári@: quem é o mais rico da turma? (risos)

Cappelletti: é o Eduardo tá fazendo doutorado na USP é o mais rico.

Missionári@: o Jesus. (risos)

Cappelletti: e aí, vai pro palco?

Eu: Não, não.

(Risos)

Um@ missionári@ se dispôs a falar, perguntando se era algo simples. A resposta foi:

Missionári@: é uma coisa simples, não precisa enfeitar o palhaço porque já tá tudo enfeitado. É uma coisa bem simples. E seria legal se eles saíssem com esse verso na cabeça.⁸³⁰

Estabelecidos os direcionamentos, @s missionári@s oraram e iniciaram as atividades do café-da-manhã. Este se iniciou com o cântico do pastor Samuel do Ministério Apostólico Igreja Viva, colaborador da SAL, com o hino “Eis-me aqui”, seguido do hit que entoia o refrão “como Zaqueu”, acompanhado por volta de 26 travestis e os cerca de 20 missionári@s e voluntári@s do AM.

Na geladeira do refeitório havia um adesivo da CENA, ex-missão de Cappelletti, que trazia o lema “enxergando Deus no meio das trevas”. O slogan é também aplicável à SAL, como me confirmou um@ missionári@, que complementou: “por enquanto estes caras estão nas trevas, mas nossa missão é trazê-los prá luz. Prá muitos deles o Acampa é o único caminho.”⁸³¹

A abertura dos trabalhos de evangelização, como era de se esperar, foi feita por Rouvanny. O tema da pregação era “Eis-me aqui” e o verso pregado, João 14: 6, que narra “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim”, conectando com o tema central do evento, que era *o caminho*. Rouvanny pregou em companhia de um@ missionári@ sobre o tema específico, que era violência doméstica, *causa de todos os males*.

o nosso pai xingou a gente que nós íamos ser viados (...) os nossos irmão também deram uma palavra da violência, que é a violência psicológica, que são palavras que você guarda no seu coração e você cresce com essa palavra, que você é incapaz, que você é um drogado, que você é um viado, que você é um lixo, que você não vale nada, mas Jesus não te quer assim, Jesus não vê nós assim, certo? E essa sim, a violência doméstica, o falar – a verbal – que é agressiva, quando nosso irmão pega a gente no pau, o nosso pai, a mãe, mas sempre tem alguém que tá de braços abertos, mostrando pra gente o caminho, amém? (...) que o Senhor venha trabalhar nessa parte da violência doméstica que nós sofremos lá no passado mas que nós viemos trazer agora pro presente. Amém?⁸³²

A pregação de Rouvanny foi completada com a frase “Deus fez Adão e Eva, e não Eva e Adão”, brincando com a ideia da expressão pejorativa “é viadão”. Em meio às atividades do evento, Rouvanny ia compartilhando os acontecimentos do AM em seu FB:

⁸³⁰ Reunião entre missionári@s do AM, *notas de campo*, 2014.

⁸³¹ MISSIONÁRI@ do AM 2, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸³² ROUVANNY, *pregação no AM*, 2014.

Imagem: Nossa chegada foi assim

Como é sinalizado através de uma das fotos, nenhum cabelo foi cortado à moda masculina. As travestis tinham seus cabelos cortados femininos se desejassem. Como um@ missionári@ me explicou, “é pra eles ficarem à vontade. Depois no tempo certo eles cortam como tem que cortar, masculino”.⁸³³

Durante o almoço, foi recebido o pastor Eduardo Mascarenhas, que interpreta o Xaropinho no Programa do Ratinho, do SBT. Sua mensagem transitou pela frase “Deus também me curou”, e Cappelletti a complementou dizendo que o importante era ficar atento para “entrar nos desvios do Caminho”.

Após o almoço, como já estava acontecendo durante o evento, @s missionári@s se reuniram em pequenos grupos para orar pelas hóspedes. No grupo em que me integrei @ missionári@ orou:

acalanta, Deus tu sabes que são homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal. Sabes ó Pai que eles precisam de sua graça. Quem somos nós, ó Deus? Em outras águas, em outros níveis, tão pecadores quanto. A única diferença entre nós é que nós entendemos a tua graça, entendemos a tua graça e conscientes de nossos pecados Pai, estamos aqui para nos arrepender deles, porque o Senhor sabe nos perdoar e nos tratar, segundo sua misericórdia e não segundo o nosso merecimento, porque por merecimento nada teríamos, nada seríamos, e o que somos e o que temos é por sua graça e talvez a única diferença desses homens que aqui estão diante de nossos olhos, a um espetáculo estranho, bizarro aos nossos olhos ou aquilo que estamos acostumados, mas são homens que precisam da tua graça, são homens

⁸³³ MISSIONÁRI@ do AM B., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

que precisam do teu amor. Tua igreja é uma agência de salvação de vidas, treinamento de perdidos salvos, ajuda-nos a viver essa realidade, Deus, toma conta. Você sabe das frustrações que tomaram conta das suas vidas, se for essas frustrações o senhor pode curar, transformar, oferecer uma vida melhor. Pai interfere... Usa nossa vida, Deus.⁸³⁴

Após o momento de oração fui até a área comum e conversei com Tirésias H., que disse:

é a primeira vez que venho. Eu to gostando. Eu gostei do trabalho que eles fazem, tudo, mas vamos supor, eu achei que essa missão foi mais um ponto de lazer, pras trans, pra se unir mais, sem aquele negócio de briga, de richa, mesmo assim ainda tem. É mais pra ter um momento com Deus, a maioria não tem. É trabalho, rua, bebida, droga... sair um pouco da rotina disso. Esse negócio de prostituição, de ficar com homem, não sei o que. É bem, guarda um aquê, não foge de alibã.⁸³⁵

Durante a tarde conversei com um@ pastor@ que acompanhava o AM, com missionári@s e hóspedes. @ leitor@ deve se recordar das concepções evangélicas acerca das possíveis causas para a homossexualidade (inclua-se aí as identidades travestis e transexuais). @ pastor@ comentou que era mais fácil trabalhar na evangelização de prostitutas que de travestis:

elas são bem mais fáceis de lidar, porque só pra começar você é mulher, se você fosse uma prostituta você não seria uma aberração, você só estaria usando o corpo do jeito que ele é pra ganhar dinheiro. Mas o homossexual e o travesti especificamente ele é bizarro.⁸³⁶

El@ continuou:

com prostituta é bem mais fácil, porque elas não são aberração da natureza. Eles se prostituem, vivem do sexo... e elas são apenas prostitutas que é uma profissão muito mais aceitável na sociedade. Quando é travesti já tem rejeição. Tem muito cara que não tem problema em dizer que pega prostituta, mas se pega travesti tem problema de ser visto, entendeu? Eles dizem que o que eles mais...que o caso que eles mais atendem na área de prostituição é o cara que gosta de levar também....casado que gosta de levar...porque geralmente quando o cara não gosta de levar, procura prostituta que faz sexo anal. Ele gosta de sexo anal, que é chamado biblicamente de sodomita. Não é só o afeminado que vai pro inferno, o sodomita também. Tem muito homem normal que gosta do sexo anal. Na própria esposa...e tem mulher que gosta disso, que gosta de levar...já descobriu-se que dá prazer na mulher, e o homem sente prazer. Muitos desses começaram sentindo prazer assim, os tios, os primos...eles não tem sentimento que estão sendo abusados, gerando sentimento no cara,

⁸³⁴ Oração de missionári@ no AM, *notas de campo*, 2014.

⁸³⁵ TIRÉSIAS H., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. *É bem* significa que é bom, *alibã* é polícia e *aqué*, dinheiro.

⁸³⁶ PASTOR@ DO AM, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

mas quando ele cresce, quando ele recebe penetração ele continua sendo abusado até os 12 anos, aí quando ele recebe a penetração já há o prazer, fica ereto, porque toca numa região próxima à próstata que gera ejaculação e dá prazer. A primeira ejaculação que ele tem na vida é sendo penetrado, não penetrando. Ai acabou, velho, depois dos 12 anos que ele é penetrado e sente prazer e ejacula, porque o penis do cara toca na região onde causa ejaculação. Ai ele é lambido, chupado e lambido. Você já ouviu falar que o médico quando quer fazer você ejacular ele pode enfiar o dedo no seu cú e alcançar a próstata e dar um toque pra você ajacular? Com a técnica.⁸³⁷

Perguntei qual era a relação entre homossexualidade e travestilidade.

existem três níveis de homossexualidade, vou falar vulgarmente pra você compreender: existe o homossexual que são pessoas como eu e você, que se vestem assim, entendeu? E que são o que as novelas tem mostrado. É o cara normal que aos olhos da sociedade é um pai de família, normal, mas ele é uma opção sexual. Tem o homossexual viado, que é esse que se veste como homem mas é todo viadinho, todo cuidadoso, que na novel também tem. Que é o Felix. E nesta novela é o Paulo Betti. O outro também tem, que faz o José Mayer. Um enrustido e outro declarado. O terceiro é o travesti. O cara negro da novela não é bem o travesti, é o andrógino, que é o homem vestido de mulher, que tem opções sexuais, mas ele não chega a ser travesti. É um homem vestido de mulher, travesti o cara põe peito, põe bunda...Entendeu? e depois do travesti tem o transexual, que é o cara que cortou o..... coiso, o pinto...o pinto ficou pra dentro na verdade. É complicado, né? Só a graça do senhor.⁸³⁸

@ pastor@ me explicou que já havia feito “algumas tentativas, algumas com sucesso e outros não, de recuperação do homossexual.” Acerca das causas contemplou que

geralmente o caso do abuso é assim: a criança vem sendo abusada, geralmente essa pessoa abusa por anos e a criança acha que aquilo é normal. Quando ela chega a puberdade ela passa a sentir as sensações e aí geralmente a primeira ejaculação que ela tem na vida dela é com a ejaculação normal, porque ela foi beijada, acariciada e excitada, então ela endureceu o penis, esta pronta pra ejaculação. Ela é penetrada e de tanto a penetração alcançar lá no toque da próstata, gera o prazer e a ejaculação sem ele se tocar. A primeira experiência dele é a penetração anal de um homem mais velho, geralmente parente. Ai ele vai experimentar, mas aquela foi a primeira ejaculação dele. Então isso é quando o abuso gera a homossexualidade da criança. Em outros casos também já estudado por mim a criança nasce com uma certa quantidade de hormônio feminino aí nesse caso ela tem formas diferentes, percebe o cheiro do homem diferente. Quando ela chega na puberdade começa a sentir igual mulher. eu conheço casos, dou nome, RG, endereço e telefone, de que o pai sentou com a

⁸³⁷ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸³⁸ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

família, com o pastor, levou para uma clínica especializada fora do Brasil, tomou o remédio que controlava os hormônios e ele voltou ao normal.⁸³⁹

Explicou que pode haver uma causa conjunta, abuso e hormonal:

pode ser os dois juntos, quando a criança tem hormônios diferentes ela já começa desde cedo ter trejeitos e já desperta o outro que quer fazer. Muitas vezes não é o tio, não é o primo, não é o vizinho mais velho, às vezes é o amiguinho da mesma idade. Eles vão fazendo troca-troca, isso é muito comum na infância, até que ambos atingem a puberdade e ambos começam a sentir prazer e continuam fazendo. Aí tudo isso vai gerando. Cada caso é um caso. Tem casos de exceção. O caso do abuso é um caso psicológico, emocional, questões físicas. Tem o caso que uma criança nasce com uma tendência porque ela nasce com hormônios em excesso, é uma disfunção hormonal, assim como tem mulheres com barba, mulheres com hormônios masculinos. Isso é normal, precisa de tratamento e hoje já existem, tá muito mais fácil, qualquer plano de saúde cobre um problema de disfunção hormonal. Até o SUS eu acho. O pessoal confundiu essa coisa da cura gay, nada mais era que você tem um problema hormonal, nós oferecemos o tratamento pra você, era só isso. Se você decidir que a cura gay não existe, na verdade ela é uma proposta que deveria ter vindo lá de cima da política dizendo o seguinte: se você decidir fazer um tratamento pra deixar de ser, nós vamos bancar o tratamento. Era isso que eles queriam, nada de forçar, obrigar todo mundo.⁸⁴⁰

Perguntei quem havia proposto a ‘cura gay’ e se havia mais razões para a homossexualidade:

eu acho que foi a questão do Marcos Feliciano. Eu não to interado muito das coisas. Agora a outra questão é a seguinte: existe uma questão espiritual, e aí já o povo é mais cético de acreditar nessa questão espiritual. Eu conheço casos... O pessoal mais tradicional não acredita muito nessas coisas. Eu conheço casos em que a criança foi oferecida quando bebê a um demônio para que quando ele completasse doze anos esse demônio dirigisse vida dele. Especificamente era um demônio chamado pomba gira. Um demônio que age na área sexual, na deturpação sexual, entendeu? Alguns estudiosos dizem que o Brasil existem, cada continente é dominado por uma potestade. Por exemplo, o continente africano é dominado pela potestade da morte, o continente europeu é dominado pela potestade do dinheiro, e o Brasil é dominado por um deturpado do sexo, voltado pra sexualidade. A região da América Latina é dominada por isso. Você pode ver que mesmo as paraguaias, as bolivianas, as brasileiras são conhecidas pela sua ferosidade. A moral da história: eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da

⁸³⁹ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁴⁰ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

pombagira, um tipo de pombagira. Aí levou a criança lá, a criança foi consagrada com 5/6 meses, o menino cresceu e depois de um tempo quando completou 12/13, ele cresce já diferente, cresceu cheio de trejeitos. Quando completou 12/13 anos foi buscar a experiência pessoal já buscou com homens, geralmente mais velhos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Nestes casos... o diabo é legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs. Ele vai ficar o tempo todo dizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim. Então ele vai ficar atrás perturbando e vai criar todas as possibilidades pra que a criança seja colocada dessa forma ou numa questão de abuso, de tudo mais, entendeu? Então existe o caso espiritual.⁸⁴¹

Haveria uma justificativa tripla então – *hormonal, traumática e espiritual*? El@ confirmou:

e como. O inimigo ele cria uma legalidade de levar uma pessoa a uma posição cada vez mais forte. A grande maioria do que eu vi foram emocionais. Eu tratei de um caso de um menino que ele...quando eu conheci tinha 25 anos. Ele era homossexual, ele não era viado. Ele era o José Mayer da novela, era um cara normal, cuidava das fazendas do pai. O pai dele era um cara intransigente, um cara ruim de conversar, um cara fechado. O cara foi tão frustrado no relacionamento com o pai, ele foi tão humilhado no relacionamento com o pai que quando ele cresceu começou a ter relações sexuais com o peão da fazenda e sabendo que aquilo ofendia o pai, era uma vingança ao pai e acabou se tornando homossexual (...) quando eu conversei com ele, ele disse assim pra mim “eu na verdade tenho uma opção sexual, eu tenho uma preferência homossexual. Eu gosto de senhores de 55 em diante, baixinho, barrigudinho, carequinha”. Ele descreveu o pai dele. O abuso do peão nele foi só a porta de entrada pra ele descobrir o prazer dele. A porta de entrada foi a rejeição do pai. O incentivo que faltava foi esse.⁸⁴²

A narrativa d@ pastor@ foi sendo computada e analisada, e alheio às interpretações que eu fazia o AM seguia seu curso. A parte noturna teve como destaque um desfile – anunciado entre @s missionári@s como *estratégia e armadilha prá chegarmos nos caras e trazermos eles pro caminho de Jesus*.

Antes do início do desfile, ao assistir as travestis já vestidas e maquiagens, Tirésias E. comentou com algumas delas: “a roupa está ótima, só faltou a camisa. A camisa-de força. E o Gadernal”.

⁸⁴¹ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁴² Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Perguntei por que a observação, ao que ele respondeu: “Porque eles são loucos. Ridículo homens se vestirem achando que são mulheres. Vão todos pro inferno”.⁸⁴³

Algumas outras, enquanto Rouvanny passava cumprimentando todas, diziam, “olha, a Dibelém tá voltando!!!”. Rouvanny apresentou o desfile, ao qual fui uma das pessoas do júri, e antes da pregação noturna, compartilhou:

Imagem: Por tudo que aconteceu neste acampa!

O subtema da parte noturna do dia 27 de agosto, logo após o desfile, foi “glamour e dinheiro”, ministrado por um@ voluntári@ do AM, que concluiu da seguinte forma: “eu não mereço ser chamada de filha. Mas sim, ser chamado de filho, de filho pródigo” (grifos meus), evidenciando que tais travestis, ao serem convertidas, deveriam se perceber não como filhas mas como filhos, no masculino.

Na manhã do dia 28, antes do café-da manhã, um pastor comentou comigo algo que eu já havia desconfiado: “não existe apenas a tentativa de converter os travestis. Você reparou como a cada momento eles tentam nos seduzir?” Perguntei a ele: “como assim nos seduzir? A SAL quer converter elas e elas querem converter a gente?”, e ele: “é exatamente isto, querem converter a gente pra outra coisa.”⁸⁴⁴ Tal observação mostra outra conversão – a de sentido – em que conversão religiosa é tomada como referente para a conversão sexual.

⁸⁴³ TIRÉSIAS E., nota de campo, 2014.

⁸⁴⁴ PASTOR@ DO AM, nota de campo, 2014.

Ainda de manhã, uma das hóspedes me procurou e disse: “se você não é da equipe deles e tá escrevendo, sabia que eles ganham dinheiro com as gays?”, e confidenciou: “eles ganham 12 mil dólares por mês por travesti que mora na casa deles você sabia?” Uma ex-ex-travesti explicou:

eles da casa se filiam a uma missão de fora, que faz parceria com a casa. Tem missão do Brasil também. Lá tem curso de pastor, carteirinha e tudo. Eles ganham um dinheiro por cabeça da ovelha, vamos dizer assim... é pastor né...⁸⁴⁵

Após saber das opiniões de algumas ex-ex- travestis que passaram pela casa, especialmente as relativas a rendimentos da SAL e do AM, entrei em contato com Cappelletti por FB e perguntei a ele acerca do acontecido. Encaminhei as perguntas também por email, ambas em outubro de 2014. Até o depósito da tese eu ainda não havia recebido as respostas.⁸⁴⁶

Na véspera do retorno conversei com outr@ missionári@. Um@ explicou como se dava o evangelismo de travestis:

tem um ministério com travestis nas quartas, toda quinta e quarta. Agora a gente reduziu só pra quinta porque tem pouco missionário. O Rouvanny lidera, mas tem pessoas que frequentam junto, visita a casa do pessoal, de casa em casa. A partir das duas da tarde. Passa a tarde na casa da pessoa, conversa com toda essa galera.⁸⁴⁷

Perguntei se era por isso que o acampamento estava cheio.

isso, tem também de manhã, porque de manhã a gente entrega pão e café na rua, toda terça de manhã... tem duas casas onde moram muitos travestis, que invadiram, inclusive muitas pessoas daqui moram lá. São pessoas que dormem na rua, então não acordam pro café da manhã.⁸⁴⁸

⁸⁴⁵ TIRÉSIAS I., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁴⁶ As perguntas foram:

1. Vc conhece psicólogos cristãos que trabalham com homossexuais, com travestis? pra eu conversar e colocar opiniões diferentes na tese? porque conversei com psicólogos que são contra as terapias com gays e com travestis. Mas quero falar com quem é a favor da terapia de reversão de homossexualidade...
2. Como a SAL se sustenta financeiramente?
3. Como o Acampamona se sustenta financeiramente?
4. Quais as expectativas após o Acampamona em relação à conversão de travestis?
5. Me falaram de um financiamento do exterior para cada gay ou cada travesti que é convertido? Isso é verdade? Pode comentar?
6. Qual seu posicionamento em relação à terapia de reversão da homossexualidade?
7. O que vc acha da “cura gay”?
8. O que vc acha da resolução do CFP a respeito da proibição da terapia de reversão da homossexualidade?
9. Quais as razões (psicológicas, emocionais, espirituais, etc) para a pessoa se tornar gay? Ou se tornar travesti? Ou transsexual?
10. Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre o assunto?

⁸⁴⁷ MISSIONÁRI@ do AM 3, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁴⁸ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Comentei que a SAL era próxima de ruas de prostituição. E el@:

é um ponto estratégico mesmo, e também é proposital. Já fazem 10 anos que a casa está lá, só ficou 5 anos afastado daquele local. O contato que o Rouvanni tem com essas pessoas aqui é de anos. Essa coisa aqui, essa reunião é muito bom para o relacionamento com o Rouvanny, porque isso aqui motiva muito mais ele do que a mim pra ele persistir, até porque é luta diária.⁸⁴⁹

Perguntei se prá el@, converter outras travestis é uma forma de Rouvanny se manter não-travesti de novo: “é lógico, é um negócio que te puxa prá cima, ver 36 pessoas durante 3 dias que são totalmente dependentes da rua para sua sobrevivência.”⁸⁵⁰

Outr@ missionári@ comentou sobre tratar travestis no feminino:

você tem que admitir que ele é mulher também, então é uma questão de respeito. Isso é uma coisa que o Rouvanny falava muito. Pela questão do respeito, até a pessoa se abrir, porque quando você chega pelo nome de nascimento, você confronta uma coisa que ele tá querendo construir. Prá mim é muito difícil quando você vai construir uma frase: Ele ou ela fez? Esse é um grande problema, tem também uma outra coisa... o problema é que o português não tem o neutro, aí você tem que optar. Eu tou começando a me amolecer com isso, porque eu tenho muito preconceito dentro de mim.⁸⁵¹

Perguntei se além de converterem religião, o gênero também era convertido. El@ disse:

isso é uma das coisas que eu tenho muita questão. É uma coisa que a própria teologia tem que começar a pensar. Suponha que uma pessoa que abdica da sua condição natural e abdica do conceito que Deus trouxe pra ele, o seu gênero, e no caso deforma o corpo sagrado, como ele chega aos céus? E aí você tem uma pergunta: Será que existe uma forma no céu? Isso é muito maluco de pensar. Será que quando você sobe, seu corpo se restaura? e aí surge muitas questões sobre o que significa o corpo pra religião.⁸⁵²

Eu comentei que o corpo era o centro da teologia, e el@:

justamente, e aí por exemplo, os conflitos que uma pessoa pode ter quando está passando por esse tipo de conversão... Imagina como não deve ser conflitante para uma pessoa que fez cirurgia de troca de sexo, ao se converter, o tanto de questionamento, de aceitação? Fora o preconceito.⁸⁵³

Perguntei se havia relação entre o corpo e a alma, e el@ explicou:

⁸⁴⁹ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵⁰ MISSIONÁRI@ do AM D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵¹ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵² Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵³ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

o que me faz pensar por exemplo, que é possível uma conversão real, é o fato de que... isso é muito difícil, eu queria ter fé pra isso, mas eu não tenho... tem que existir o exemplo visual, e esse exemplo é esse cara aqui, o Rouvanny. Se você, por exemplo não acredita na conversão, se você não tem fé suficiente, você precisa de um exemplo e a partir de quando você tem um exemplo, você pode agir pra isso. É isso que a gente faz.⁸⁵⁴

Indaguei se havia ligação entre corpo e conversão:

suponha que a pessoa queira restaurar sua condição inicial e isso seja possível. Suponha que ele queira restaurar seu corpo inicial, pra se converter totalmente, baseado que a condição de restaurar o corpo é necessária, é verdadeira. Mas suponha que ele não tem condição pra fazer isso, financeira. Isso significa que a conversão se torna um problema financeiro, não espiritual, e então é falso.⁸⁵⁵

@ missionári@ anterior complementou:

mas ó, cortar o cabelo meu amigo, não é brincadeira. Não é um passo simples, ainda mais se o cabelo é grande. Fora que existe o preconceito interno, dos próprios travestis. Quem tem um cabelo grande, tem um status maior, por isso cortar o cabelo não é uma coisa tão simples, tem que abdicar de um status. Suponha que ele queira mudar de vida, então ele vai pra nossa casa, aí o que acontece: uma condição pra que ele ir pra casa é que ele tenha que cortar o cabelo. Ai você...⁸⁵⁶

@ outr@ missionári@ interfere: “tem muitos travestis que já ficaram em casa, aí a primeira coisa é o nome...” @ missionári@ anterior infere: “mas também logo no primeiro dia já corta o cabelo. Essa coisa admite uma condição que a gente não está admitindo: que é o fato de que ele já quer mudar.”⁸⁵⁷

Um@ hóspede se aproxima e conta que morou na casa da SAL e depois foi embora. Comentou sobre o novo local em que mora:

a minha briga em casa, com as minhas amigas é por causa disso: porque elas não entendem. Eles dizem que lá na casa do pastor fazem uma lavagem cerebral na gente. Não é que faz uma lavagem cerebral, a gente vê que a vida é assim, eu sou homem e acabou, não adianta a gente ter peito.⁸⁵⁸

⁸⁵⁴ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵⁵ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵⁶ MISSIONÁRI@ do AM C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵⁷ MISSIONÁRI@ do AM D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁵⁸ TIRÉSIAS J., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Perguntei como el@ se identificava: “não sei se sou homem ou travesti. Ah, eu não sei...eu me arrependo de ter botado silicone. Não tem como tirar mais. É industrial. Não tiro, não sai tudo.” Em seguida fala sobre sua família e me pergunta:

a maioria da minha família é convertida, todos eles querem que eu volte pra igreja, eles dizem que eu sou a ovelha desgarrada deles. O que você acha? Eu sou uma ovelha desgarrada?⁸⁵⁹

Falei que não tinha como responder e el@ perguntou o que eu fazia no acampamento. @ missionári@ entrevistou dizendo que eu estava escrevendo sobre o mesmo e @ hóspede indagou: “a gente é diferente...você acha que um homem que se veste de mulher é um homem normal?” Eu perguntei se não era. El@ disse

claro que não. É uma loucura, doente, uma safadeza... pilantragem... como diz, Deus fez o homem e a mulher, não fez o terceiro sexo. Deus não disse assim: esse aqui é homem, esse é mulher e esse aqui é travesti. É o terceiro sexo...não sou homem... travesti eu não sou.. eu não quero botar silicone, esse restinho de peito por mim eu já tinha tirado. Quando eu voltar de São Luis eu quero cortar o cabelo de novo...⁸⁶⁰

Outr@ hóspede interrompe: “e Jesus me quer, você não é Jesus?” Eu disse: o Jesus mesmo quer todo mundo.”, e ela, “então eu vou prá Jesus hoje, me espera. As meninas que me disseram que você é Jesus. Aí todos eles me dizem: Jesus te ama. É você que é Jesus que me ama?” (risos gerais) Um@ missionári@ fala: “Maria Madalena, Maria Madalena...”, e as pessoas da roda começam a cantar uma música que tinha Jesus como tema. No último café-da-manhã do evento, Cappelletti fez a ministração. Rouvanny compartilhou em sua timeline:

⁸⁵⁹ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁶⁰ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Imagem: Ninguém caminha só

Retornando do AM, algo a realçar é que me senti extremamente desconfortável. Definitivamente, não era o local que eu apreciaria ter ido. Mas senti que fazia parte de meu compromisso de pesquisa com @s co-labor-ador@s da tese e com @ leitor@. Então fui.

Nos dias seguintes, recolhi algumas opiniões divergentes acerca do controverso assunto *conversão de travestis*. Leticia Lanz diz que tais ministérios são “excrecências da excrecência que constituem seitas insuportavelmente dogmáticas (já que todas as religiões são dogmáticas por definição...)”.⁸⁶¹ Márcia Rocha comentou: “Absurdo! Apenas podem fazer com que travestis fiquem no armário, não expressem suas realidades. Isso não é saudável e sei bem disso.”⁸⁶² Alexya Salvador entende que “eles têm somente o objetivo de colocar a condição

⁸⁶¹ LANZ, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁸⁶² ROCHA, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

humana em cheque. Em nada contribuem na formação da pessoa humana, justificando segundo eles, que Deus assim o quer. Geram morte e opressão da vida”.⁸⁶³ Lord/Peron infere:

conversão de travestis de que forma? Conversão no sentido de deixarem de ser travestis? Se assim o for tem meu inteiro repúdio. Sou contra toda e qualquer forma de adequação à padrões normativos. E se for no sentido proselitista de aculturação das mesmas aos padrões judaico-cristãos ocidentais neo-inclusivos, pois estes as vezes se mostram tão agressivos quanto qualquer outro, não é diferente. Repudio veementemente. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou, essa é a máxima que trago em minha vida.⁸⁶⁴

Uma moça trans falou: “Não entendo este negócio de ex-gay, de ex-travesti... e de que ex-travesti tem que ficar lutando contra o desejo. Se é ex-travesti como ainda tem desejo, menino? Se é ex-gay, como ainda tem tesão, aquele fogo no rabo? Ex-travesti, sei...”⁸⁶⁵ Viula, ex-líder de ministério de conversão, o MOSES, indaga: “se o homossexual foi transformado, por que é que ele continua se sentindo insuportavelmente atraído por pessoas do mesmo gênero? Por que seus sonhos eróticos durante a noite não são heterossexuais?”⁸⁶⁶ No mesmo sentido ele argumenta:

conheço gente que casou e diz que está bem, mas não pode deixar os grupos de apoio, porque depende dos estímulos ali recebidos para continuar agindo como heterossexual. Ora, se alguém é heterossexual não precisa de apoio psicológico para agir como tal. Pode ser que precise de apoio psicológico para superar determinadas dificuldades de ordem existencial, familiar, etc., mas não para reafirmar sua heterossexualidade, como se a cada dia ela estivesse ameaçada.⁸⁶⁷

Em relação aos casos de ex-travestis e de ex-gays que se esforçam diariamente para não caírem em *tentação*, indaga:

será que existem testemunhos de libertação homossexual genuinamente verdadeiros? E a questão aqui não é se o homossexual supostamente liberto transa ou não transa. A questão é se ele realmente deixou de ser homoafetivo. Uma pessoa heteroerótica não deixa de ser heterossexual por estar em abstinência sexual. Será que o homossexual deixa de ser gay quando, na verdade, mata um leão por dia para não transar com alguém do mesmo sexo? (...) Será que existe “libertação” ou “cura” para homossexuais?⁸⁶⁸

O mesmo autor responde: “o que precisa de cura é o preconceito, seja da parte do homem ou da mulher inclinados à afetividade sexual por pessoa do mesmo gênero, que não se aceitam, ou da sociedade que os discrimina”.⁸⁶⁹ O ex-líder do MOSES comenta serem

⁸⁶³ SALVADOR, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁸⁶⁴ LORD/PERON, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁸⁶⁵ ATENA W., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁶⁶ VIULA, 2010, p. 33.

⁸⁶⁷ Idem, 2010, p. 36.

⁸⁶⁸ Ibidem, 2010, p. 38.

⁸⁶⁹ Ibidem, 2010, p. 41.

“muitos os casos que eu conheço pessoalmente de gente que estava até mesmo atuando em grupos evangélicos de ajuda a homossexuais e que “caiu em tentação” mais de uma vez com pessoas do próprio grupo”.⁸⁷⁰ Esta narrativa me lembra outra, que escutei durante o AM da SAL: “tem missionário que vem aqui com a gente no quarto de noite e passa de mão em mão, viu?”⁸⁷¹ Não consigo precisar se tal fala é verdadeira, mas fica com parte do processo de escuta/leitura de narrativas contraditórias, convenientes à controvérsia. Também escutei “ah, e tem como ficar sem se colocar, sem beber aquela cachacinha escondido? E se aparecer um bofinho cê sabe né? A gente pega mesmo... algum missionário, a gente leva pro quarto...”⁸⁷² – nestes casos as pessoas *ex exageram* na comunhão, ao que parece – ao menos de acordo com o padrão do AM, e a conversão passa a adquirir *outro* sentido.

É bom destacar que a CENA e a SAL não são as únicas missões evangélicas que procuram converter travestis em São Paulo e região. Dentre muitas outras, católicas e evangélicas, há a *Missão Batista Cristolândia*, que trabalha com o público da Cracolândia, de SP, formado por travestis, garotas de programa, adict@s em geral. O slogan principal da missão é indicativo: *Jesus transforma*. Reparem que as palavras trans e forma são separadas. Alguma alusão à transformação de gente trans*? É possível.

Imagem __: Onde abundou o pecado

⁸⁷⁰ Ibidem, 2010, p. 33. Sobre o público alcançado pelo MOSES e outros ministérios, Viula comenta: “o MOSES, bem como outras organizações semelhantes, adora abordar homossexuais complexados por serem gays, inseguros sobre a legitimidade de seus sentimentos e de seus relacionamentos. Graças à falta de informação que reina entre os próprios homossexuais, visto que a maioria vive isolada e escondida por medo da reação de familiares e amigos, o MOSES conduz esses homossexuais a uma consciência de pecado para poder apresentar-lhes a fórmula da salvação pela fé em Cristo. É mero proselitismo religioso, mas com o agravante de que se utiliza da ignorância de muitos a respeito do assunto para promover ainda mais auto homofobia na cabeça daqueles que ainda não aprenderam a vivenciar tranquilamente sua própria sexualidade” (Ibidem, 2010, p. 74).

⁸⁷¹ TIRÉSIAS D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁷² TIRÉSIAS L. *Entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Atividades como o AM destacam – dentre outras coisas – a existência de pessoas ex-ex-travestis. Conheçamos um pouco das histórias contadas por algumas delas.

3^o Ato: ReAgrado

Você se lembra da história de Tirésias? Segundo o mito, el@ foi designad@ homem ao nascer, após 7 anos se tornou mulher (transicionou) e depois de mais 7, se tornou novamente homem (*destransicionou*). E se el@ fizesse a engenharia reversa da destransição, ou seja, *retransicionasse*, se tornando mais uma vez mulher?

Isso não ocorre no mito grego. Mas na vida real sim. É o caso de pessoas que muitas vezes se declaram *ex-ex-travestis*. Algumas destas pessoas passam por ministérios de conversão de travestis, ficam algum tempo, fazem o processo destravestilizador (ou partes deste) e depois, arrependidas, retornam ao gênero feminino de auto-identificação. Seguem alguns fragmentos de narrativas.

“Não mataram nem converteram meu gênero”

*Like a rainbow in the dark
(Como um arco-íris no escuro)
Ronnie James Dio*

O AM proporcionou que eu conhecesse diversas pessoas entre-gêneros que faziam *caminhos* distintos e autênticos relacionados ao ser ou não ser trans*. Uma destas contemplou:

Eu vim de Fortaleza. Aqui o que mais tem. Cearense. Paraibana. Maranhense. Do Amazonas tem. Quase todas tem a cafetina que banca a vinda pra fazer cirurgia, colocar bunda, peito, hormônio, estas coisas. Toda sabe o que espera aqui sim. Ninguém é boba não. Mas paga o preço, quer ser mulher, sabe que é mona. Tentei trabalhar em outra coisa mas quem dá trabalho prá viado que nem eu? Ninguém vê a gente de mulher, ninguém respeita. Só serve praquela gozadinha rápida.

Aí eles prometem que a vida melhora, que Jesus vem, toma conta, mas cadê Jesus que não chega? eu morei em casa de recuperação. Fiquei um ano, acho. Falavam que eu era das trevas e ia conhecer a luz. Fiquei esperando e cadê a luz? Aí o papo do velho homem que tem que morrer, tentaram, tentaram e cadê que morreu? Não mataram meu gênero não. Voltei de Fênix, é assim que fala? mais forte que antes. Queriam converter meu gênero e não conseguiram. Sou travesti, sou viado, sou o que eu quiser ser e ninguém vai falar que eu não posso. Eu sou bonita. Se sou das trevas eu sou arco-íris das trevas.⁸⁷³

Esta narrativa demonstra que a engenharia reversa não obteve êxito – o caminho seguiu para a identificação anterior de Tirésias M. Além disto, durante a conversa *converter* não se referia à religião, mas a gênero.

Se no caso da Agrado que é bem-acolhida numa igreja inclusiva LGBT* a metáfora do filho pródigo peregrina para o “vem, filha, como tu és”, e se no caso da DesAgrado que participa do ministério de conversão de travestis a metáfora é “vem filha, como tu estás, mas *torne-se* filho”, neste caso, como ficaria ReAgrado?

⁸⁷³ TIRÉSIAS M., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014

Provavelmente, se passar por uma inclusiva que de fato incluía, ouvirá “vem, filha”, e no ministério de conversão, “volta filho, volta *como* filho”. Neste caso, a solução seria *des-re-des*converter seu gênero.

Certamente, a metáfora de ReAgrado é demonstrativa de eventual jornada sem fim certo: a pessoa pode fazer o fluxo de ida e volta por diversas vezes.

Como nos casos anteriores, lembro que nem tod@ (re/dis)transregrett faz sua (re/des)transição por motivações religiosas – ainda que possam existir similaridades com os processos religiosos de conversão.

4^o Ato: *DesReagrado*

Relembrando Tirésias, o que ocorreria se el@, após re+des+transicionar, se encontrasse numa situação que fosse não de um entre-lugar identitário mas de um não-lugar? Se não se visse em mais nenhuma situação legível (não digo legítima) relacionada aos gêneros constituídos socialmente? É o caso de pessoas que passaram por ministérios de conversão de gente trans* mas não se percebeu “bem transicionad@” em nenhum polo.

É o caso também de pessoas que não passaram por ministérios de conversão mas simplesmente não acharam seu lugar – às vezes nem um entre-lugar – num mundo que procura definir regras de gênero.

A metáfora aqui então é de DesReAgrado, ou jogando com as palavras, refere-se a quem é *desregrad@* – talvez não exatamente por vontade própria mas por certa contingência do destino: *não conseguem se ler* em um gênero adequado dentro de uma sociedade generificada. Sigamos alguns fluxos de pessoas entre-gêneros. O primeiro caso trata de pessoas que passaram por ministérios de conversão de travestis, e o segundo, de pessoas que vivem em uma cidade indígena.

“Se eu morrer Jesus não me deixa entrar”

As redes do FB permitiram que me conectasse com diversas pessoas entre-gêneros que se designam em distintas situações relativas às transgeneridades e/ou ex-transgeneridades. E em alguns casos, em alguma situação que parece *não encontrar lugar* em nenhum destes dois parâmetros e nem na cisgeneridade. Conversei com uma pessoa que havia passado por ministérios de conversão de travestis em Minas Gerais. Ela contou:

prá eles eu não sou gente. Não sou travesti, então eles não conseguem mexer no meu corpo porque eu sou operada, fiz vagina, e não podem ganhar seu bom dinheirinho. Eles não tem como me transformar em homem então não rendo aquele testemunho. Não dou lucro. Cada um tem seu preço. Eu já não, meu caso é diferente, a missão não tem como me fazer homem de novo. Cada pessoa eles ganham um tanto. Vamos dizer, quem vive lá dentro se recuperando, tem que tá lá dentro, registrado que tá lá. Porque você tá em tratamento. E eles mostram este documento prá quem paga eles. Essas casas de recuperação ganham assim, por morador, por travesti. Travesti vale mais porque é testemunho mais caro. Passou mais dificuldade né? Assim. Aí eles fazem cortar cabelo e fazer uma linha homem. Tem uma lá com peito e tudo. Mas vai tirar. Tem vários também, que tentaram virar, tem uns que não conseguem não, é muito difícil que virou, não existe ex gay nem ex-travesti. Aliás ex-travesti existe sim. Quando vira mulher, vira transexual. Como eu era. Mas ex-travesti que vira homem? Não existe. Prá eles transexual não é aceito, é uma aberração humana. É difícil entrar na cabeça deles que a gente pode ser feliz e completa sendo a gente, e realizada sexualmente... orgasmo normal, tudo normal. Eles querem o dinheirinho no cofrinho. Hoje? Não sei que sou. Tenho vagina. Não me vejo mais mulher e tenho vagina. Não sou travesti. Não sou homem. Mexeram com minha estrutura.⁸⁷⁴

Outra pessoa contemplou:

vim de longe, menino. Meu sonho era fazer o corpo. Me tornar mulher. Mas fui percebendo que eu nunca seria mulher de verdade. Era tudo um sonho. Olha bem prá mim. Você acha que eu ia conseguir ser mulher? Hoje em dia já tá tudo caro, pensa há uns 15 anos? Eu

⁸⁷⁴ TIRÉSIAS N., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014

morei em clínica de recuperação. Fiquei mais de dois anos. Minha lição, olhar prá mim e não saber mais o que é isso. Não sou travesti, não sou homem, o que eu sou? Sou um monstro. Você acha mesmo que se eu morrer Jesus vai me aceitar assim? Claro que não. Tenho certeza. Se eu morrer Jesus não me deixa entrar. Todo deformado? Tá doido.⁸⁷⁵

Estas duas breves histórias demonstram que passar por um ministério de conversão de travestis pode eventualmente causar impactos como estes. Na segunda narrativa, fica clara a relação entre o corpo e a alma. Como lemos anteriormente no relato acerca do AM, a concepção que relaciona modificação do corpo com a do espírito circunda o ministério de travestis da SAL – provavelmente ecoando no imaginário das pessoas que circulam pelo mesmo.

Pensando na metáfora do filho pródigo, tais pessoas seriam mesmo recusadas no céu por não serem lidas dentro do sistema binário?

Tais inquietações não fazem parte apenas do universo de pessoas que transitaram por ministérios de reversão da homossexualidade/travestilidade.

Lembram do pastor Joide, que de Cuiabá percorre o país testemunhando sua tripla conversão – de gay, travesti e religioso afro-brasileiro a *homem de Deus*?

Ministérios evangélicos semelhantes podem ser vistos em todo o país, até mesmo na *cabeça do cachorro*, região fronteira com Colômbia e Venezuela e que compreende São Gabriel da Cachoeira, *cidade mais indígena do país*.

⁸⁷⁵ TIRÉSIAS D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014

“Querem que eu morra e só fique aquele menino”

Em SGC, Alto Rio Negro, conheci institutos de formação de pastor@s indígenas, igrejas evangélicas indígenas e igrejas neopentecostais de “branc@s” que tinham como público... indígenas. Dentre estas, destacavam-se as mundialmente, aliás, universalmente conhecidas IMPD e IURD.⁸⁷⁶ Além destas, diversas assembleias *abençoam a região*, como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Amazonas (IEADAM), Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (IEADBAM), Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil na Amazônia, Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas (IEADTAM) e Igreja Evangélica Assembleia do Rio de Janeiro (IEADRJ, apelidada de Assembleia do Rio Jordão, pois o Rio Negro seria o *Rio Jordão brasileiro*). Até 2013 todas possuíam mais de três filiais espalhadas na cidade-sede de SGC, sem contar as que singravam o ARN e seus afluentes *estabelecendo estacas e alargando suas tendas* em busca das *almas indígenas perdidas*.

Não foi uma total surpresa saber que haviam indígenas homossexuais no ARN, mesmo com o enorme tabu que circunda o tema. Nem que evangélic@s indígenas se preocupavam com este *pecado* de alguns/mas irmãs. Neste sentido não fiquei tão surpreso em ver indígenas homossexuais pela cidade. Nem nos festivais de cultura indígena. Nem nas associações de bairro que produziam caxiris e outras bebidas fermentadas. Nem na Igreja Católica. Nem nas igrejas evangélicas mencionadas. Contudo, como era de se esperar, tais pessoas homossexuais não faziam sua *assunção* gay nas igrejas.

Mas foi com certo impacto que soube que em algumas destas igrejas haviam ministérios que estavam se especializando na conversão de indígenas homossexuais em *varões e varoas abençoad@s*. Conversei com @s líderes destes ministérios. Um@ deles, indígena, me contou:

aqui na igreja a gente trata dos jovens indígenas de São Gabriel, da sede e das comunidades. Evangeliza e cuida dos jovens que tem envolvimento com crack, cola, cocaína, com álcool e até com homossexualismo. Sim, por que dizem que não existe índio homossexual mas existe

⁸⁷⁶ Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. Acompanhei a fundação da primeira, em 2013, e diversas atividades de ambas, bem como das demais acima referidas e de todas as outras igrejas da cidade.

sim. Então a gente procura tratar todo este pessoal. É ministério de cura e libertação mesmo.⁸⁷⁷

Então fiquei sabendo da conversão de “um irmão indígena que se vestia de mulher porque era possuído por uma pomba-gira. Depois te conto essa história”.

irmão Edu, este irmão travesti é o único assim da cidade. Aliás, era, porque a gente converteu ele prá graça do Senhor. Hoje em dia ele não tem frequentado, mas ficou vários meses aqui conosco. Cortou cabelo, ganhou várias roupas bonitas de homem. Hoje se veste de homem. Mas quase não sai de casa, pelo que eu sei. Faz tempo que não vejo ele. É o irmão (nome masculino).⁸⁷⁸

Fui então atrás de “(nome masculino)”. Mas não “o” encontrei. Parece que durante minha estadia “ele” se encontrava fora da cidade. Mas mesmo enquanto estava fora, consegui conversar com “o mesmo” através do FB, contato intensificado após meu retorno a SP. Coloco os referentes de (nome masculino). no masculino nesta frase por ser como todas as pessoas de SGC se referiram a ele quando eu perguntava sobre a pessoa. Mas antes mesmo de conectar tal pessoa no FB eu intuía que muito provavelmente ela preferisse ser designada no feminino. E dito e feito. No FB Atena F./Apolo F. me explicou:

meu perfil já foi (nome feminino), aí depois quando voltei à igreja virou (nome masculino) de novo, e agora, que faz meses que não vou lá, já tou querendo de novo colocar (nome feminino). Mas o pessoal aqui em São Gabriel briga muito comigo. Todo mundo fala que prefere que eu seja (nome masculino). Não deixam eu me assumir como mulher. Mas eu sou mulher. Mesmo que eu não pareça muito. Mas eu sou. Mas no momento estou assim entre os dois.⁸⁷⁹

Perguntei como foi sua experiência na igreja e escutei um sintético “querem que eu morra e só fique aquele menino.”⁸⁸⁰

Quando retornei de SGC a SP, muitas questões me inquietavam em relação à conversão de indígenas pel@s evangélic@s. Mas uma delas era relacionada à conversão de gênero da pessoa acima. O que motivava nela a conversão a menino após se identificar como menina? E posteriormente, o que a motivou a contar que se sente ainda menino mesmo com os diversos estímulos na cidade para que o menino permaneça dentro e fora dela? Porque era tão importante

⁸⁷⁷ MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE SGC 1, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁷⁸ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014. Na *entre-vista*, nome retirado e substituído pela letra “R” para preservação do anonimato.

⁸⁷⁹ ATENA F./APOLO F., *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

⁸⁸⁰ Idem, *entre-vista de FB a EMAMF*, 2014.

para @s nativ@s de SGC que a menina deixasse de existir? Não tive respostas conclusivas a este respeito, ao menos até este momento – mas é algo a se *repensar* numa pesquisa futura.

Minhas conversas com Atena F./ Apolo F. até o momento, foram através do FB – e de certo modo, não considero “menos pessoais” do que se fossem realizadas no período em que estive em SGC. Mas conversei, na cidade, com três pessoas indígenas aqui chamadas provisoriamente entre-gêneros. Uma pessoa designada menina ao nascer se sentia *menino* mas dizia que aquilo não era possível. Apolo G./Atena G. falou

aqui nesta cidadezinha feiosinho não sei se tem como eu. Mas esta minha colega daqui também não sei se é menino ou menina. Mas eu não sei se tinha mais menina que era menino não, assim. Minha família tem muito preconceito mesmo. A minha mãe tem muito, por isso que eu sou muito triste. A minha mãe não aceita. A minha mãe não aceita do jeito que eu sou, do jeito que eu quero ser, do jeito que eu quero viver. Briga muito comigo. De querer me matar. Quer dizer, ela quase me matou com vassoura na minhas costas, de tanto eu apanhar, mas eu sobrevivi. A minha mãe não aceita não. Bateu muitas vezes. De vassoura. Fala que eu tenho de ser menina. Que nasci menina. Ela fala que nunca vai aceitar uma... ela nunca vai aceitar uma tipo nora como mulher, como diz ela mesmo. Esse negócio, ela nunca vai aceitar. A minha mãe nunca vai aceitar do jeito que eu sou, ela já falou muitas vezes pra mim: para de curtir mulher, tu nem é homem, tu é mulher, tu já é feia, para de ficar com menina. Só que eu sou boba logo, eu não sei o que eu sou, quer dizer, eu já entendi o que eu sou, do jeito que eu fui feita, só que minha mãe nunca vai aceitar. Comigo tem mais cinco irmãs. Nasci muito diferente, não pouco. Sou menino? Me sinto menino. Às vezes sinto menino, nunca sinto que sou menina. E quero namorar menina. O que eu sou? Eu moro bem nessa rua de barrinho, logo. Por isso que eu sou tão esquisita também, porque a minha rua é pobre, é pobre. Eu falei eu sou esquisita, pobrinha. Você falou que eu não sou esquisita. Eu sou do jeito que Deus me fez. Eu vou querer chorar, para.⁸⁸¹

Em outra história contada, por alguém assignad@ menino ao nascer,

eu sou índio, índio, índio, mas eu fui criado assim, no meio de gente que fala português. Eu acho que quando eu era bem criancinha eu já era assim, agora quando eu descobri que gostava realmente de homem foi com os meus quatorze anos. Dos dez aos doze anos eu sempre gostei de brincar com menina, entendeu? Pra mim era normal. Antes disso pra mim tava sendo normal. Com quatorze anos eu gostava de um menino da minha sala, aí que eu descobri que eu gostava de homem. Aí eu falei pra ele e rolou. Hoje eu tenho um... namoradinho. Eu gosto dele, gosto bastante dele...Se pudesse casava, ah, é o meu sonho!

⁸⁸¹ APOLO G./ ATENA G., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Eu vejo de uma maneira assim, se eu tivesse que casar, eu queria assim andar de mãos dadas, em público de mãos dadas, entendeu? Beijando... Só que aqui não é normal, tem muito preconceito, entendeu? Se o cara gosta da pessoa que nem eu, não vai porque tem vergonha. Aí vai às escondidas e fica. Mas eu já queria algo mais, abraçar, beijar, ta agarradinho, sempre junto. Pra mim parece muito bom, eu vejo sempre isso, casal mesmo, homem e mulher. Eu queria ser assim, que nem um homem e uma mulher. Eu sendo a mulher e ele sendo logicamente homem. Meu maior sonho é ser mulher... mas do jeito que eu sou, eu sou feliz.

Conheço gente que era assim que nem eu. Mas mudou. Eu tinha um amigo meu que os pais dele não aceitavam, entendeu? Ai o que ele fez: ele passou umas duas semanas aqui em casa, e falou que ia pra Manaus. Ai foi sem nada, tipo fugido. Ai em Manaus com a amiga dele, conheceu várias pessoas gays que já são travestis e falaram pra ele virar uma traveca também e ele não pensou nem duas vezes e virou. Hoje ele mora em São Paulo, trabalha e tem tudo. Ele é (nome masculino), mas o nome de mulher é (nome feminino). Ele sempre fala: “vem prá cá, (nome d@ entrevistad@), eu to me transformando”. Ai eu falei “nossa, que legal”. Ai depois eu posso me arrepender ou não, né. Ele nasceu aqui também, é indígena. Deve ser Baré. Era bem magrinho, ai foi pra lá e se bombou, ele mandou umas fotos pra mim todo com bundão, corpo de mulher, seco assim, na praia. Eu senti vontade de estar ali com ele junto, naquele mesmo corpo. Só que eu não fui... ele trabalha como garçoneiro. Ele é a borboletinha, assim a gente chamava (risos).

Meus parentes (fala a etnia) tem preconceito, muito mesmo. Eles falam na nossa língua e eu entendo. Falam assim que tipo eu sou, vamos dizer assim gay, ou mulher. Em (idioma) eles chamam de homem-mulher, né. Eu não sei falar em (idioma). É homem-mulher, os dois juntos. Ai eu já ouvi falar muito assim e eu não considero eles parentes por causa disso. Tem um irmão da minha mãe. Ele tem muito preconceito ele. Ele fala que eu to sujando o sobrenome deles, não sei o que, só porque eu sou assim. Mas eu nem ligo pra isso. Às vezes ele fica gritando: “seu gay, seu mulher, vai virar homem”, e eu só fico ouvindo não faço nada, mamãe que vai gritar com ele também. Agora pela parte do meu pai já não tem muito. Da parte de meu pai eles me respeitam mais que a família da minha mãe. E olha que são tudo índios, que não entende esse negócio de gay, né? Eu na verdade nunca cheguei a falar pra minha mãe. Ela diz que me viu assim...Lá em casa eu passo, eu varro, eu cozinho, lavo roupa, tudo. Mas a maioria das vezes são minhas irmãs que fazem.

Todos, todos são católicos. Vão à missa. Mamãe é muito católica. Ela não pode ir pra igreja porque (motivo, retirado para não identificá-la), mas ela vai em um centro comunitário. Às vezes na hora do almoço ela junta a gente pra rezar. “tem que ir pra igreja, não sei o que lá”, ela sempre fala. Ela é dessas, pra ela tudo é igreja. Ai ela fala que tatuagem não presta, ela é

dessas ainda. Ela foi criada em internato, junto com as freiras. A infância todinha dela foi lá. Eu sou católico, sempre rezo, antes de dormir, de me deitar eu agradeço, quando eu acordo também, peço a Deus que me proteja. Mas eu não sei explicar porque eu não vou. Não tem haver com preconceito – eu não gosto da palavra preconceito não – mas eu não sei porque eu não vou. Eu era coroinha, eu não saía da igreja. Como são três horários de missa, da manhã – das sete e das nove da noite – e de noite, eu ia nas três. Não saía de perto do padre, até os meus dezesseis anos. Ai de lá eu nunca mais fui, a última vez que eu fui na igreja foi na minha formatura há uns cinco anos atrás. Não entro mais na igreja, mas como te falei, eu me pego rezando. Quando minha mãe fala eu sempre digo a ela que eu rezo a noite, peço a Deus pra me dar saúde, não só pra mim, mas pra vocês também. Que o outro dia seja maravilhoso, cheio de coisas boas. Isso tudo eu falo quando eu converso. Mas ir mesmo... não sei porque isso. Nunca pensei porque eu não sinto vontade de ir. Eu fiz minha primeira comunhão, a minha crisma, eu fui coroinha...não por ela. O meu pai também era muito católico. Eu ia assim, não por eles, ia porque eu gostava, ai e um dia pro outro, acabou. Eu gostava de ta em oratório, esses negócios que os padres fazem. Eu sempre freqüentei o centro dos jovens. De uma hora pra outra parou a vontade de ir pra igreja, a vontade de freqüentar, mas eu sempre to rezando. Já fui em outras também. Com o (nome d@ amig@) inclusive. A que ele vai, eu vou. Na Adventista, na Batista. Eu gostei de lá. A gente ia na Universal mas não foi.

Ah, o meu nome de mulher eu sempre tive. Seu eu fosse uma mulher, se eu nascesse mulher e eu mesma pudesse botar meu nome, eu colocaria de (nome feminino, usado eventualmente na cidade). Eu acho muito forte. Ai toda vez que a gente vai nos travestidos, do carnaval, na festa junina tem os travestidos também, ai nesse negócio de homem se vestir de mulher tem que adotar um nome feminino, e eu sempre botei (nome feminino). Aí as vezes as pessoas bagunçam comigo e falam “e aí, (nome feminino)?”.⁸⁸²

A história narrada de Atena E./Apolo E. sintetiza, entre outras coisas, que el@ se vê feliz, ainda que não possa se ver/assumir conforme seu maior sonho, o de ser mulher. Outra narração conta sobre o *leilão* feito pela *alma indígena a ser convertida*:

vai eu e a (nome de uma amiga) na Universal. Um cabra veio e chegou aqui, e ele era noiado na cidade, fez tratamento, ai ele voltou, voltou recuperado das drogas e passava por aqui e olhava sempre, sempre, sempre, ai ontem ele entrou aqui e me deu um folheto da igreja. Eu conhecia ele, mas eu achei ele muito mudado, parecia que eu não conhecia ele. Pra melhor, a fisionomia dele era de outra pessoa. Ai o eu falei: será que é ele? Ele falou: é, não parece mas é. Eu falei: Legal. Aí ele convidou a gente, então a gente vai dar uma passada na Universal. Ele falou que na sexta feira é dia de descarrego, se alguém tiver

⁸⁸² ATENA E./APOLO E., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

inveja de ti, porque aqui tem muita macumba, ai pra ir tirar, que só Deus consegue, só Deus pode, e eu vou. Vai eu, a (nome de uma amiga), (nome de um@ amig@) vai, né? (Nome de uma amigo), tu vai pra igreja Universal?

(Amigo): Eu não gosto da Universal não. Eu não gosto não porque o casamento da minha mãe acabou por causa dessa igreja, uma flor que eles deram pra minha mãe. A mulher lá destruiu o casamento da minha mãe. Meu pai e minha mãe brigaram até hoje.

(Retorna à fala): Meu Deus, babado fortíssimo (risos). Então eu senti interesse de ir nessa igreja, né. Tomara que não me dê nenhuma flor (risos). Realmente, lembrando um episódio do passado, eles sempre dão olinhos ungidos nessa igreja, uma vez, olha só, eu tava dentro de um ônibus em Manaus e me deram um olinho desse e parece que realmente deu tudo ao contrário, o efeito é outro. Não sei se é coisa da minha cabeça, né. Depende, não sei. Amanhã eu vou. Às vezes já era pra ter acontecido, não é por causa da igreja, eu acho.

Que eu não vou numa igreja evangélica tem uns dez anos, ou mais. Era AD, mas não era do Brasil, não era de nada não. Era só AD. Era acho que a segunda de SGC. Não tem mais essa naquela rua, ela tá lá na frente da Universal do centro. IEADAM.

Já fizeram, já disputaram quem ia me levar pra igreja. Uma irmã teve um sonho comigo e contou esse sonho na igreja, que eu tava em cima de um cavalo, um cavalo lindo, negro, brilhava, ela falou. Eu tava em cima dele na praia, diz ela. Ela me contando aqui, e eu falei “ah, tá”. Ai ela me falou que tinha contado na igreja, foi um testemunho na igreja, tal, aí depois desse dia chegou muita gente me convidando dessa igreja, da ADB e vinham aqui em casa, marcavam pra me buscar “eu vou te buscar de carro, não sei o que”. Vinha mulher e homem.

Só senhoras e senhores mesmo vinham aqui e convidavam, falavam que sete e meia ia tá aqui me buscando e eu falava que sim, mas eu não tava nunca, eu fugia, eu nunca esperei ninguém me buscar. Num domingo eu acordei com vontade de ir pra igreja, olha só pra tiver como são as coisas. Nesse domingo que eu acordei com vontade eu liguei pra um amigo que virou evangélico na época, e ele não me atendeu. Ai eu liguei e não me atendeu, ai eu fiquei mais chateado ainda, o dia que eu queria ir, que eu tava disposto a ir. Isso foi ano retrasado, depois do sonho, mas ai nunca parou os convites da igreja, já vieram aqui, oraram aqui na frente.

Eu tava aqui conversando, sentado bem aqui, ai pararam ali e eles não tavam me vendo, eu acho, porque lá de fora não dá pra olhara pra dentro. Ai ficaram orando. Eu me arrepiei todinho, sabia? Saíram do carro, ai ficam “Lá lá lá lá” com a mão voltada pra cá, assim. De dentro do carro saiu um bando de crente, orando, levantando a mão. Ai eu me arrepiei todinho, fiquei com medo. Quase saí pra bater boca, mas eu fiquei com tanto medo,

então...ai que eu fiquei mais chateado com a igreja evangélica, porque eles querem ser donos da razão, quer ser dono da verdade e tudo mais e isso eu não acho certo, eu acho cada um com a sua opinião.

Todas as igrejas, até a espírita já veio. Praticamente todas igrejas vieram, inclusive essa universal, vários convites dela e dela é o único que me chama atenção. Eu acho que eu vou. Acho que vou na Universal porque chama mais atenção de tanto assistir o programa na TV.

Mundial não veio me chamar, que eu lembre não. Só essa que não. Esta é nova é? Mas já veio quase todas, vários pastores. O pastor (de uma das igrejas com ministério de conversão) ele é amigo do meu cunhado, marido da minha irmã. Ele falou: eu vou levar (nome masculino del@) pra igreja. Ai meu cunhado falava fala de tudo, menos de igreja perto dele, ele não suporta. Ai ele veio com esse papo pro meu lado, o pastor veio aqui, ele falou “(nome masculino del@) eu vou te levar pra igreja, vestido de paletó”, eu falei “vai nada”, “vai nessa, você não vai conseguir nunca, pode conversar comigo, mas...”. ele vinha aqui cortar o cabelo dele, trouxe a mulher pra fazer cabelo, trouxe uma noiva pra se arrumar, vinha sempre cortar o cabelo, chegava cantando louvores aqui. Conversava muito sobre mim, perguntava se eu era feliz e eu falava que era, muito feliz, que não faltava nada, que eu tinha Deus comigo todo dia.

Eu acordo, eu penso em Deus, agradeço todos os momentos, só o fato de eu amanhecer respirando já é deus na minha vida, mas a fé sem obrar não é fé, né. Quem sabe amanhã... eu sinto falta de fazer....se alguém passar aqui sem sandália eu compro, se pedir comida eu dou, se chegar na minha casa eu faço o que eu puder, entendeu. Eu me considero religioso, porque minha infância foi dentro da igreja e eu só parei porque fiquei chateado com pessoas de fora. Deus não tem culpa disso.

Eu me considero católico. Só que a evangélica me atrai pela musicalidade, animação. Se eu pudesse ser católico, se a igreja católica fosse iguala evangélica eu não perderia nenhum domingo, porque é mais alegre. Na igreja católica a musica é mais sem graça. Na AD é banda completa. Eu cheguei a falar uma vez que eu ia virar crente um dia se tivesse uma igreja na frente da minha casa, e tem. Quando eu vim pra cá tinha um vazio ali. Demorou um tempo e abriu, ai os crente que eu falei isso sempre vem me cobrar: “você ta devendo”. Ai lá na igreja você falou que só ia virar evangélico quando tivesse uma igreja na frente da sua casa, mas eu não fui. Já fui até na porta e não entrei. Não sei se é o capeta que me puxou, RS, só sei que alguém me puxou de lá. Sabe quando você vai com uma empolgação e depois, ah, deixa pra lá! Foi isso que aconteceu.

Eu tenho vergonha da igreja evangélica, não sei, pelo fato de serem evangélicos e lá não terem homossexuais o tempo todo e eu ser o único a querer ir, não é que eu tenha medo, é

receio, vergonha de eu ser único, loiríssimo e maquiado, porque eu não saio de casa sem maquiagem, fico um nojo.

Eu já fui na (nome de igreja), fui super bem recebido, todo mundo me cumprimentou, seja bem vindo na igreja. A filha do pastor é menino, se pudesse ela só vestia de menino e era menino. Ela não está em São Gabriel não. Ela é bem homenzinho, ela é mais homem que eu. Eu não me sinto nem tanto homem, nem tanto mulher, me sinto bem no meio. Eu acho bem mais pro feminino, sabia?

(Comenta sobre amig@ ao lado): Ele é mais mulherzinha, sabia? Eu sou, mas ele é mais gay, muito fresco. Às vezes eu fico até chateado porque é muito frescura para o meu gosto.

(Amig@ ao lado): Eu sou assim, o que eu posso fazer?

Me irrita às vezes de tanta frescura.

(Amig@ ao lado): Eu provoço mais ainda, pra fazer mais raiva. Sou menina. Totalmente. Meu lado feminino é bem mais que o masculino. Se pudesse seria mulher. Ai, nossa! Muito, muito.⁸⁸³

Perguntei sobre duas pessoas que viveram na cidade antes de irem pra Manaus. Assignadas homens no nascimento, se sabiam do gênero feminino.

Pelo menos o que eu via realmente do (nome masculino) e do (nome masculino), que na época se vestiam de mulher, era que as pessoas não gostavam mesmo. Não gostavam mesmo, chegavam a bater direto neles. Eu cheguei a andar com eles já, beber, mas nunca me agrediram, nunca levantaram a voz comigo, não sei se pelo fato de eu ser mais conhecido e eles ser pouco conhecido e entrar logo de cara assim, de mulher. E eu não fico de mulher.

Nessa igreja que o (nome masculino) ia e que fizeram ele ficar menino tem muito gayzinho lá, eles querem que eles virem hetero, arruma até namoradinho pra ele. O (nome masculino) até namorou, disse que ia casar, não sei o que, agora é funkeira, dança funk, funk, funk. Já está com o nome de mulher de novo.

Ele foi pra igreja e virou (nome masculino) e a gente não sabia que era (nome masculino) o nome dele, na verdade. Quando ele chegou assim ele era uma menininha, vestidinha de bermudinha de homem e blusinha normal, parecia uma machudinha, mas a gente sabia que era um menininho, com o cabelinho bem por aqui. Isso há uns cinco anos atrás, quando ele veio da comunidade pra cá. A gente achava que era menina. Ele é (nome da etnia). Os (nome da etnia) são os mais gay que tem. Tem vários que são mulher. Os (nome da etnia) é a etnia mais homossexual, mais que a (nome da etnia), (nome da etnia) tem bem pouco. A

⁸⁸³ ATENA D./APOLO D.; ATENA E./APOLO E.; *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

informação que eu tenho é que são mais (nome da etnia), por eles ainda andarem nu, entendeu? Ai estimula bastante. Se eu tivesse lá e visse um homem nu, ai meu Deus do céu! Já tá lá nu mesmo...(risos). Deus me livre.

Esse de falar nome de Deus é meu lado religioso. Eu quero ir na igreja mas fico assim. Nessa que pegaram o (nome masculino), tenho medo. Muita gente falava que as pessoas caíam no chão, puxavam o cabelo, ficavam louca lá dentro, choravam. Acontece isso mesmo? Uma amiga minha entrou lá e caiu no chão e ficou se puxando o cabelo e quando saiu de lá tava doendo a cabeça dela e ela não lembra como ela caiu, essas coisas. Eu achei esquisito, entendeu? Nem curiosidade de ir na porta eu tenho.

A última que eu e (nome d@ amig@ ao lado) foi era porque minha amiga, que era da bagaceira comigo, ela gostava de cantar e ela ia fazer uma apresentação lá e ela tinha que levar um amigo. Ai foi eu, ela e ele. Nós três fomos bem recebidos, só que tinha muitos gatinhos e a gente ficava se cutucando eu e ele. Aí “ai meu Deus do céu, chegou uma hora que eu queria chorar”. Mas não chorei. Alguma coisa tocou meu coração, mas eu não chorei, mas eu travei porque eu não queria chorar, mas a vontade era grande, entendeu? Eu me emocionei. Foi dezembro do ano passado. Sabia que eu me sinto evangélico, sabia? Eu sou católico, gosto muito da igreja, mas se for pra eu mudar de religião e seguir uma, eu ficaria na evangélica, a sensação do Espírito Santo é maior, a música. No futuro mesmo, pra eu continuar firme, de vez, tipo mudar de vida total. Mudar minha vida todinha, passado tudo, virar, esquecer de tudo que aconteceu comigo. Mas tá bem longe ainda esse dia, porque eu quero aproveitar o máximo, bastante. Eu acho que não conseguiria viver sem diversão, esse tipo de bagaceira, de grelhar, de bebida, de cigarro, de macho, essas coisas. Se tivesse isso e eu continuasse sendo da igreja, mas não pode. Se fosse em São Paulo eu ia nessa inclusiva que você falou que existe. A gente sente a presença de Deus do mesmo jeito? Se tivesse uma inclusiva aqui, eu iria.

Meu sonho? Eu gostaria de casar e ter filhos. Se eu pudesse casar com um homem e ter um filho eu casaria. Uma menininha. Eu já tive uma suspeita de gravidez, de menina, eu não gostei nem um pouco. Queria um marido, um homem. Eu sinto falta de um homem. O mundo ideal pra mim, eu não sei. É imprevisível nos meus pensamentos. Tem hora que eu penso em virar evangélico, casar com mulher e ter filho, tem hora que eu penso em continuar nessa vida e casar com um rapaz e ficar aqui em casa com ele. Mas o sonho é que eu seria uma dona de casa, e ele um homem, homem, homem. Seria mulher, evangélica, dona de casa, duas meninas pra mim cuidar, um maridão alto, bonito e sensual. Esse seria o ideal pra mim.⁸⁸⁴

⁸⁸⁴ ATENA D./APOLO D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

@leitor@ deve-se lembrar que na maioria das narrativas de missionári@s conversor@s de travestis, a teologia que embasava o discurso religiosos/genericado era o que (provisoriamente) chamei cishet-psi, por fundamentar-se na cis-heteronormatividade e em supostos das áreas psi. Mas há um algo mais nestas teologias, e este algo mais é elaborado e apresentado por um@ líder de conversão de alma indígena:

a primeira igreja que converteu homossexual e provou pra SGC que há demônio foi a RJ, porque no tempo que eu moro aqui, eu nunca ouvi testemunho de ninguém em dizer que homossexual se converteu e virou homem, só de fora já, mas aqui não, porque é horrível esse negócio de preconceito. O nosso foco não é ver o que a pessoa é, não é ver o comportamento dela, mas sim ver o que está por traz disso tudo, a parte espiritual. O demônio existe, existe. Ele age na vida da pessoa? Age. De diversas formas. Não tem como dizer que a pessoa é Santa por olhar ela não, tem que explicar do modo espiritual. O nosso foco é fazer com que as pessoas entendam que isso é um demônio atrás dela, é a forma do carinho, do amor, acolher, é o que muitos não fazem. Antes viam o homossexual assim, vai te libertar, vai procurar salvação, ou seja, joga toda a responsabilidade pra cima do homossexual, ele não prega assim: “meu irmão, borá comigo ali, vamos orar pra ver se isso...”. A gente tem esse objetivo, de convidar a pessoa em vir ter com a gente pra depois ele próprio se descobrir se aquilo é certo ou errado. Da mesma forma diversos alcoólicos entram na igreja. Se ele descobrir que aquele demônio é o Zé Pilintra, ele próprio vai pedir de Deus que não quer mais isso.

Tem diversos demônios. Eu tive a oportunidade de ver vários estudos de homens de Deus, como o pastor Marcos Feliciano, Malafaia e diversos outros. Diversos estudos mostram que pro cara ser homossexual vem desde a infância, o que influencia muito isso é a própria televisão que é uma porta, uma janela aberta pra Satanás entrar na vida da pessoa. Se você pegar uma noveleira e um crente que assiste novela é a mesma coisa. Se ela descobrir o que age por trás daquilo lá é tudo armação do diabo pra pessoa. A pessoa que ta vendo novela naquela parte romântica ela vive aquilo, parece que ele ta ali. Quer fazer um teste? Desliga a novela na hora que tem uma cena romântica pra ti ver a briga que você vai arrumar, porque aquilo já ta dentro dela, consegue te hipnotizar, fica daquele jeito. É a mesma coisa o cara que bebe, ele pode ser o mais calmo do mundo, primeira dose de cachaça que torna valente porque o demônio se apodera daquele corpo da mesma forma que a dose da cachaça. A gente faz com que a pessoa reconheça isso, que há esse demônio atrás dela, por isso a (nome da igreja) trabalha muito nessa parte da libertação. Já vi crente antigo vomitar sangue, cabelo, coisas feitas por macumbaria. Agora porque a macumba pega? Janela, portas de entrada de demônio. Porque a (nome da igreja) é muito perseguida tanto pelos homens quanto pelos demônios? Porque o Senhor, pela misericórdia dele, faz com que a gente

mostramos isso. Se a maçonaria é do diabo, ela é do diabo e acabou, se eles sacrificam criança, sacrificam criança e acabou, e a gente fala isso.

Os drogados já têm aquele... É aquele, o Chiquinho que age na vida deles, porque ele não consegue se denominar. O Chiquinho trabalha muito com doce, ele é muito criança ele, o demônio que age como criança, faz ele se viciar fácil. Ele faz tu experimentar uma coisa e dali permanece.

Voltando ao caso dos homossexuais, foi o (nome masculino) o primeiro, esse foi o primeiro. Ele era travesti, tem foto dele de mulher aí, tudinho. Só que parece que ele caiu de novo, porque ele saiu dessa igreja e foi prá (nome de outra igreja). Lá não tem esse mesmo processo que a gente tem, de libertação, que a gente vê, e gente chega na pessoa e fala: “eu posso orar por ti?”. Se ela disser que pode a gente entra com tudo. Eu queria achar ele pra conversar com ele, pra resgatar ele.

O (nome masculino d@ indígena) manifestou na igreja, foi muito feio, ele manifestou lá e o pastor pediu pra ele identificar pra os demônios se identificar, quem são vocês. “Em nome de Jesus, ele falou assim: eu sou (nome feminino d@ indígena), o demônio pombagira (nome feminino d@ indígena)”. Eu nunca tinha ouvido falar esse nome. “Eu sou (nome feminino d@ indígena)”. “Quem ta mais aí contigo?” “Lady Gaga”. “Tá aqui comigo Lady Gaga”. Todo mundo ta de testemunho, (nome feminino d@ indígena) Lady Gaga. Por isso que Lady Gaga sempre faz aquele sinal assim no olho dela, três vezes. Tudo ali é diabólico, ela aparece no clipe dela com uma pintura de estrela, é um bode de cabeça pra baixo, é uma subliminar, ela ta representando a deusa grega que faz esse gesto também. Tem muitas coisas.

Eu nunca tinha ouvido falar isso. Mas o tranca-rua, exu caveira prejudicam muito a vida da pessoa homossexual, muito mesmo. Porque assim, se entra um pra fazer a cabeça do homossexual, aí da brecha pra todos, entra o espírito da prostituição, entra da... de tudo, tudo que não presta. Por isso que a gente fala às vezes de legião. Tem uma legião, não é um só, são muitos, diversos. No caso dele que era travesti era mais forte, porque custou demais pra ele sair do corpo dele. Por mais que ele estava determinado em querer aquilo, o demônio não queria sair. O processo de libertação dele foi em uma semana, ele foi liberto em uma semana. A gente provou, ele não quis saber mais de roupa feminina, ele não quis saber de mais nada que era feminino. Tinha cabelo comprido, cortou, ficou como homem, né. Falou em casamento, tava namorando. Tava de gracinha pro lado de uma irmã da igreja. Ele falou m casar, mas não deu o primeiro passo de buscar realmente. Aí ele resolveu sair da (nome

da igreja) e foi pra essa outra, aí caiu, né. Difícil, irmão, essa vida é difícil. Pior que é tarde agora. Ah, já vai acabar? Mas eu nem falei de bruxaria ainda.⁸⁸⁵

Esta concepção teológica demonstra, mais do que aquilo que denominamos *cishet-psi*, uma teologia amparada na espiritualidade – talvez possamos denominá-la *cishet-psi-spi*, de espiritual. Tal teologia tem um caráter normativo obviamente *binário*, para usarmos um termo do gênero, em que ou se é das trevas ou se é da luz, ou se é de Jesus ou se é da Lady Gaga. Da pomba da paz à pomba-gira, tudo poderia ser cômico... se não fossem pelos atos performativos religiosos/generificados dignos de um teatro da tragédia infelizmente real. As narrativas d@s indígenas que passam por conversor@s, muitas vezes também indígenas, é de sofrimento e *desterritorialização*: seu lugar identitário é um *não-lugar*, e todo mundo quer um cantinho prá chamar de seu. Principalmente quem se acostuma a pensar que fora do binarismo não há salvação.

Pessoas como estas, indígenas que passam por ministérios que objetivam converter seus gêneros, dentre muitas outras que co-labor-aram com a tese e pensadas através da metáfora de DesReAgrado, podem ser vistas no âmbito do *desregrado* pois escapam, de formas diferentes, das expectativas binárias do cis-tema. À contragosto, pois sabem-se binárias.

Mais que isto, algumas destas pessoas, tanto as que passaram por ministérios de conversão de travestis em grandes centros urbanos, como as que vivem em cidades como SGC, e cujos corpos não condizam com as expectativas do nascimento, estão em assimetria com os planos e normas de Deus, e se não corrigirem o curso do rio, *não fluirão* para a casa do Senhor afinal, *deformar o corpo é deformar a alma*.

Além do que vimos até aqui, podemos refletir sobre outras imbricações possíveis entre fluxos de gênero e de religião, ou perguntar: será possível pensarmos em religião como uma *metáfora* para gênero? Estabelecermos *comparações/outras conexões* entre ambos? Para tal, dialogarei – a partir de minha experiência de campo ciborgue – com Daniëlle Hervieu-Léger e Silas Guerriero, que trabalharam com conceitos como os de trânsito e bricolagem religios@s, Igreja/seita/rede mística, convertid@s e peregrin@s, identidades religiosas e Novos Movimentos Religiosos (NMR).⁸⁸⁶ Se utilizamos Butler e Maluf para pensar religião (e gênero), usemos Hervieu-Léger e Guerriero para pensar gênero (e religião).

⁸⁸⁵ MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE SGC 1, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁸⁶ Como @ leitor@ vai perceber, utilizo insistentemente os textos de Hervieu-Léger e de Guerriero para *conectar*, neste ponto da tese, gênero e religião. De alguma forma, tais escritos podem ser considerados quase *evangelhos* duma *bíblia* conectora/instauradora/prescritora de temas, que é esta parte do trabalho. Algum *fundamento queer* interatua neste papel como *ideia/evangelho* de fundo.

“*F*inale”:

(Re)aniquilando e (re/des)fazendo corpos e espíritos abjetos – entre o (des)regrado e o Sagrado

Mas a quem pertence o corpo trans*? À própria pessoa, a Deus ou ao Diabo? Sigamos esta nota de campo:

Fim de tarde abafado em São Gabriel da Cachoeira. Abafado como quase sempre. Como acontece quase todos os fins de tarde caminho em direção a uma das 35 igrejas evangélicas da cidade prá conversar com as pessoas. E dentre os assuntos, as relações de gênero. Em SGC os papéis são muito bem definidos, tanto nas comunidades como aqui na sede. As mulheres, tanto aqui como lá, fazem a maior parte dos trabalhos diários. Lá, cozinham, cuidam das crianças, limpam a casa, vão prá roça cuidar da mandioca prá depois fazer farinha. Fazem a comida, com base em beiju, peixe pescado em geral pelos homens e jovens, ou retirado dos cacuris, e produtos comprados às vezes com auxílio de bolsa família como macarrão. Os homens pescam, caçam, fazem reparos na casa, constroem a casa. Às vezes ajudam a limpar a roça. Mas no dia-a-dia pegam bem menos no pesado que as mulheres. Bem menos. O senso comunitário, de todo modo, é muito importante e prevalece. A maioria das refeições se faz coletivamente, sexta-feira é dia de trabalho comunitário prá homens e mulheres. As mulheres têm filh@s muito cedo. Nas comunidades não se fala em homossexualidade. É um grande tabu. É como se não existissem indígenas lésbicas ou gays. Menos ainda se menciona a possibilidade dum indígena ter nascido homem e se perceber como mulher ou vice-versa. Nas comunidades em que estive subindo o rio, nunca foi mencionada a existência de tais pessoas. Quando eu perguntava, diziam que não havia índio gay, que era coisa de branco. Aqui na sede, também não se costuma admitir a existência de indígenas homossexuais. Travestis, menos ainda. Aliás, qualquer indício de quebra de gênero é malvisto. Tanto nas comunidades como na sede, o sentido comunitário prevalece em relação ao de individualidade. Transgredir o gênero ou mexer no corpo adaptando de algum modo ao gênero de identificação se assemelha, ao que parece, a transgredir uma espécie de corpo coletivo. Afeta toda a coletividade. Afeta o próprio senso de comunidade/coletividade d@s indígenas do ARN. Então é melhor nem falar ou pensar na possibilidade da transgressão. Menos ainda falar disso com branco.

Mas há quem fale e admita a existência de indígenas homossexuais e daquel@s que não se encaixam no gênero determinado. E há igrejas que têm se especializado em promover a

“cura e libertação” dessas pessoas, “corrigir e erradicar” tais vivências do seio da comunidade. Estou indo em direção a uma destas igrejas, conversar com os missionários com quem falei semana passada. Uma das coisas que me disseram foi “Deus faz o corpo do homem mas influenciado pelo diabo ele vai e deforma. O corpo é possuído por pomba-giras como a Sete Saias e a Lady Gaga”. Perguntado como aprendeu a relação entre alteração do corpo ou homossexualidade e influência de pombas-gira demoníacas, ele me disse “assistindo os vídeos de homens abençoados como o pastor Silas Malafaia e o pastor Marco Feliciano”.

Caderno de campo, fevereiro de 2014

Escutei concepção semelhante no AM, de um@ missionári@: “este corpo é de Deus mas tá na mão do Diabo”.⁸⁸⁷ Em outra narrativa,

o travesti deforma o corpo e aí deforma o espírito. Deus fez o corpo e a alma dele dum jeito e ele altera, deforma tudo. Precisa reformar tudo de novo, cortar cabelo, tirar seio, mudar a vida pro espírito entrar no Reino dos Céus. Ele não pode ser salvo com o corpo deformado.⁸⁸⁸

Nestas concepções, signatárias do que chamei provisoriamente de teologia cishet-psi-spi, o corpo é morada de entidades como a pomba-gira Sete Saias ou a pomba-gira Lady Gaga. E ser possuíd@ por tais entidades significa ter efeitos no corpo e na alma – reflexos um do outro. Deus cria um binômio corpo/alma, o Diabo deforma, mas a igreja está lá para auxiliar nas *obras de reforma* – corrigir a alteração corporal/espiritual.

Mas como a pessoa entre-gêneros absorve tais declarações? Como ela (não) lê e (não) legitima seu corpo e sua identidade, enfim, a si mesma? Escutar tais discursos pode produzir sentidos: como a pessoa indígena de SGC recebe a notícia de que “está possuída pela pomba-gira Sete Saias?” Como @ hóspede do AM enxerga que “está deformad@ e precisa reformar tudo?” Como se dão as relações/negociações interiores e com @ outr@ ao escutar ou saber-se don@ de corpo/alma “possuíd@” ou “deformad@?”

Em alguns casos, tais pessoas se vêem num Não-Lugar: “não sei o que sou. Sei que não sou homem, porque nunca achei que era, nem mulher, porque é contrário às leis divinas”. Esta situação não-binária não é voluntária nem desejada/desejável. Tal pessoa não consegue *ler* seu sexo/gênero/corpo/alma nem *legitimar* sua experiência identitária pois *aprendeu* que esta lhe é impossível e/ou interdita. Claro que estas enunciações podem falhar, não surtindo os efeitos

⁸⁸⁷ MISSIONÁRI@ do AM 2, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁸⁸ MISSIONÁRI@ do AM 3, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

desejados pel@s enunciator@s: “eles não páram de pegar no meu pé aqui na cidade, mas eu ainda vou ser eu mesma”, disse Atena C./Apolo C., de SGC, em novembro de 2014.⁸⁸⁹

Entretanto, há outras concepções que enxergam o corpo trans* de modos diversos – também associadas ao binômio corpo/alma: “Nasci no corpo errado? Não, transicionar o corpo foi só mais um obstáculo que superei. Minha alma já nasceu feminina. Deus me abençoou com corpo e alma trans”.⁸⁹⁰

Concepções semelhantes podem ser vistas em uma postagem do REAPT:

Imagem: Há um espírito trans?

Seguem os comentários:

⁸⁸⁹ ATENA C./APOLO C., *entre-vista de HOFB a EMAMF*, 2014.

⁸⁹⁰ ATENA _____, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Laylah Felix 1 – Espírito tem sexo?

Essa pergunta foi formulada por Allan Kardec, na questão 200, de O Livro dos Espíritos. A resposta dos mentores espirituais, "Não como entendeis, porque os sexos dependem de constituição orgânica", é afirmativa. Não obstante, traz importante ressalva: não se trata de uma condição morfológica. Não há órgãos sexuais masculinos ou femininos na personalidade imortal, estabelecendo a distinção.

2 – Se não é uma questão de forma física, como se exprime, então, uma sexualidade espiritual?

Uma condição psicológica. Dizemos que é um Espírito masculino se nele predominam características eminentemente masculinas; se ocorre o contrário, é feminino.

3 – Isso significa que nenhum Espírito é masculino ou feminino por inteiro?

A psicologia vem demonstrando isso. Há sempre uma mesclagem. Digamos que o Espírito "masculino" tem setenta por cento de masculinidade e trinta de feminilidade, e vice-versa.

4 – Essa distinção é permanente?

É transitória. Com o desdobramento das experiências evolutivas opera-se um equilíbrio perfeito entre a masculinidade e a feminilidade.

5 – A reencarnação faz parte desse processo?

Sim. Reencarnando múltiplas vezes como homem e como mulher, o Espírito desenvolverá suas potencialidades e aprenderá a exercitar o que há de melhor na masculinidade e na feminilidade.

6 – Há uma alternância? Hoje homem, amanhã mulher, novamente homem...

Não necessariamente. O Espírito pode reencarnar várias vezes como homem ou mulher, alternando o sexo com menos frequência, sempre de conformidade com suas necessidades evolutivas.

7 – Se o Espírito masculino reencarna como mulher depois de várias reencarnações como homem, não terá dificuldade para adaptar-se ao sexo feminino?

Não, porque haverá uma polarização das características femininas, adequando sua psicologia à morfologia. Ele se ajustará à condição feminina, sem problemas.

8 – Até quando ocorrerá essa alternância?

Até que atinja estágios mais altos de espiritualidade. O Espírito puro apresenta perfeito equilíbrio entre a masculinidade e a feminilidade. Por isso costuma-se dizer que anjo não tem sexo.

Do livro: Reencarnação: Tudo o que você precisa Saber

9 de dezembro às 00:05 · Curtir · 1

Minha concepção de espírito é aquela de que, se temos um espírito ou alma, esta nada mais é que nossa essência, que se encontra codificada na complexidade de nossos cérebros. Não é algo que transcende nossa existência...estando limitada a nossa breve existência, a nossos poucos anos de vida. Quando morremos, nossos cérebros param de funcionar e atingimos o vazio, o nada, a não-existência. Nesse meio tempo, nosso corpo é o que é - uma casca, um mero receptáculo para nosso "eu". Sendo assim, nosso espírito é muito mais trans que nosso corpo, pois é ele quem nos compele a seguir esse caminho de adequação do nosso corpo e vivência com nossa expressão de gênero. Nós modificamos nossos corpos para que eles atendam nossas necessidades, sendo modificações relacionadas ou não com a transexualidade. Por isso também digo que não vejo meu espírito como um espírito trans, mas sim como um espírito puramente feminino inserido em uma casca masculina. Trans é a condição errônea na qual eu nasci e que resultou nesse oposto, nessa discrepância entre meu "eu" e meu corpo.

9 de dezembro às 09:49 · Editado · Curtir

Leticia Lanz Oi Du, "corpo" e "espírito" são construções culturais – conceitos – produzidos pela linguagem simbólica, que participam da montagem e sustentam a organização sociopolítica-cultural da sociedade em que vivemos. Os mitos e, posteriormente, a ciência, sempre tiveram papel fundamental na estruturação da psique individual e coletiva. As "explicações" quanto ao "funcionamento" do mundo, tanto faz se de natureza "mítica" ou de natureza "científicas", cumprem o papel de estruturar o tempo e o espaço, reduzindo a ansiedade humana de ter que lidar com um universo desconhecido, imprevisível e implacável. Foi por isso que abrimos mão da liberdade original de "ser-sem- rótulos", na condição de simples animais, para a vivência estruturada em sociedade, trocando o mundo "natural" pelo mundo "cultural" ou a "inocência" pela "linguagem". Ao mesmo tempo, são "abonados" ou "descartados" pelo poder vigente, na medida em que contribuem para a estabilização desse poder ou o ameaçam. Dentro dessa perspectiva, a primeira pergunta a ser feita é o que está sendo chamado de "corpo" e o que está sendo chamado de "espírito" e quais são as funções psicossocio-políticas que esses conceitos cumprem na organização da vida em sociedade.

9 de dezembro às 10:32 · Curtir · 1

Carlel Lobo meu corpo é trans, mas meu espírito não é trans, porque trans é referente à relação gênero-gênero designado, e eu acredito que meu espírito não recebeu um gênero designado, então meu espírito não cabe nem em cis e nem em trans, mas ele é pangênero 😊

9 de dezembro às 12:18 · Curtir

meu espírito é 100% feminino. todas as características da minha personalidade são femininas, pq eu sou mulher. that's it

9 de dezembro às 12:24 · Curtir · 1

Rosália Santos A transexualidade está única e exclusivamente na genética...nao tem nada de construção social....isso é papo de psicólogo cis....

9 de dezembro às 12:26 · Curtir

Margot Paon Garcia Espírito a grosso modo é assexuado! Mas todo espírito tem sua essência e minha essência é feminina!

2 h · Curtir

Imagem: Resposta – Há um espírito trans?

Como foi possível perceber, os comentários foram múltiplos. Laylah Felix tem como suporte o livro *Reencarnação*: tudo o que você precisa saber, que narra que “o espírito puro apresenta perfeito equilíbrio entre a masculinidade e a feminilidade. Por isso costuma-se dizer que anjo não tem sexo”.

Atena/REAPT E. crê que “nosso espírito é muito mais trans que nosso corpo, pois é ele quem nos compele a seguir esse caminho de adequação do nosso corpo e vivência com nossa expressão de gênero.

Leticia Lanz explica que corpo e espírito são construções culturais e, mais que isto, merecem ser problematizados: “o que está sendo chamado de ‘corpo’ e o que está sendo chamado de ‘espírito’?

Cariel Lobo opera outra equação. Para el@, seu corpo é trans mas o espírito, “não cabe nem em cis e nem em trans, mas ele é pangênero”.

Atena/REAPT E. relata que seu espírito é 100% feminino, sendo todas as características “de uma personalidade, femininas.

Rosália Santos, semelhantemente, entende que a transexualidade é unicamente genética, enquanto Margot Paon Garcia entende que o “espírito é a grosso modo assexualizado”, mas que sua essência é feminina.

Durante o Natal do Ministério Séfora de TT’s, fiz esta pergunta para as 3 travestis da CCNE presentes. Acompanhem as respostas: Atena AH: “o corpo é trans mas a alma é de mulher, a alma é feminina”. Atena AI concebeu: “corpo é travesti ou corpo é trans. Mas a alma não tem sexo, a alma é assexualizada”.⁸⁹¹ Jacque Chanel disse: “a alma não tem sexo nem gênero, mas isso quando morre. Vivo com a alma feminina, no caso da mulher trans”. Outra travesti presente explicou: “existe uma alma travesti. Existe uma alma mulher trans. Mas não existe alma drag não. Nem alma ex-travesti. Estas duas almas são almas gay”.⁸⁹²

Como vemos, é uma questão que depende, como quase tudo que vimos nesta tese, da concepção de cada um@, ainda que as distintas opiniões se relacionem com as concepções de ministérios diversos, teóric@s, etc.

A experiência de protagonismo de pessoas trans* em igrejas inclusivas LGBT*, especialmente a partir de 2014, também realça a concepção de pessoas trans* com corpo e alma *de Deus*. Como

⁸⁹¹ ATENA AI, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁹² ATENA AJ, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

narrou Jacque Channel a respeito das iniciativas da igreja em que congrega de acolher travestis e transexuais,

Durante o Natal do Ministério Séfora de TT's, perguntei a Jacque Chanel acerca das relações entre corpo e alma e de acordo com ela:

Quando a pessoa trans* transiciona ela transiciona a mente. Porque a alma já está definida, o que está se adequando é a mente e o corpo. Eu digo assim, a partir do momento que você morreu, porque aqui a alma é feminina, aqui tem. Tem versículo na bíblia que você pode buscar essa base pra isso. Não diz exatamente dessa forma, mas.... o que eu to te falando da nossa alma é porque eu sei que tem um versículo da bíblia que... Na bíblia só usa homem e mulher, só usa esses dois termos. A Alma não é exatamente trans* porque, pelo que a gente entende na bíblia, ele fez somente duas almas, feminina e masculina. Porque você vê que a gente dá uma volta na vida e veio cair onde, no homem e mulher, não é? Tudo não veio se encaixar onde?

Como vemos, é uma questão que depende, como quase tudo que vimos nesta tese, da concepção de cada um@, ainda que as distintas opiniões se relacionem com as concepções de ministérios diversos, teóric@s, etc.

A experiência de protagonismo de pessoas trans* em igrejas inclusivas LGBT*, especialmente a partir de 2014, também realça a concepção de pessoas trans* com corpo e alma *de Deus*. Como narrou Jacque Channel a respeito das iniciativas da igreja em que congrega de acolher travestis e transexuais,

você sabe que a CCNE está abrindo um espaço inédito, que vai na contra-mão do que as outras igrejas pregam, essa conversão assim de tirar silicone, de raspar a cabeça e tudo mais, ela tá indo na contra-mão e na contra-mão do discurso, da pregação que é feita contra os gays, contra as trans, que é justamente aquele discurso que são os demônios.⁸⁹³

Tal espaço, para Jacque, é importante comunitariamente, já que

o papel da igreja é estar de portas abertas, de braços abertos para acolher a chegada dessas pessoas aqui, e agora elas têm pessoas semelhantes a elas aqui dentro, então é diferente. Ser recebido por um rapaz gay, é diferente do que por uma trans. Então agora tem pessoas semelhantes que estão dispostas a isso, porque precisava se descobrir isso, alguém que tivesse disposta a fazer isso. É a igreja alcançando a plenitude do papel social, acolhedor de uma igreja inclusiva, né?⁸⁹⁴

⁸⁹³ CHANNEL, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁸⁹⁴ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

As inclusivas evidenciam uma situação de trânsito relacionada à intolerância. Na ICEPT, um diácono contou seu testemunho:

eu era diácono da Batista da cidade que nasci. Eu assumi que era homossexual no gabinete do pastor, só pra ele, e o pastor me chamou no púlpito no culto noturno e me humilhou na frente de todo mundo dizendo que o demônio tinha entrado no meu corpo e se apossado dele e que eu não era mais merecedor de estar naquele altar sagrado. Mas graças ao Senhor, e não ao demônio, que este se estava em alguém não era em mim que estava, eu vim prá cá e Deus me restituiu na Para Todos. Glórias a Deus.⁸⁹⁵

Entre (i)legibilidade e (i)legitimidade, entre corpo/alma abençoado e corpo/alma maldito, todas estas concepções parecem ter algo em comum: situam-se em distintos *regimes de validação do crer*, relativo a crenças religiosas e generificadas. Mas o que seriam os regimes de validação do crer?

Hervieu-Lèger define quatro tipos de validação do crer, todos relacionados à mobilidade religiosa contemporânea. O primeiro regime seria o de autovalidação do crer, no qual “o sujeito reconhece apenas para si mesmo a capacidade de atestar a verdade da sua crença”.⁸⁹⁶ Tal movimento, contudo, convive com outro:

quanto mais os indivíduos “bricolam” o sistema de crenças correspondente a suas próprias necessidades, tanto mais eles aspiram a intercambiar essa experiência com outros indivíduos que partilham o mesmo tipo de aspirações espirituais. Essa contradição aparente corresponde, de fato, aos limites intrínsecos da autovalidação do crer. Para estabilizar as significações que produzem a fim de dar sentido a sua experiência cotidiana, os indivíduos raramente podem se contentar com sua própria convicção. Eles têm necessidade de encontrar no exterior a garantia de que suas crenças são pertinentes.⁸⁹⁷

É na troca que se consolida o universo de sentidos pessoal e coletivo,⁸⁹⁸ tornando-se assim, uma vivência que peregrina da autovalidação do crer para a *validação mútua do crer*. Tal regime é

fundado sobre o testemunho pessoal, a troca de experiências individuais e, eventualmente, sobre a busca das vias de seu aprofundamento coletivo. A validação mútua não está apenas no princípio da constituição das redes móveis da nebulosa místico-esotérica. Ela invade igualmente o mundo das religiões instituídas. A paisagem atual das igrejas se caracteriza pelo desenvolvimento de grupos e redes que põem em marcha, às margens ou no centro das

⁸⁹⁵ DIÁCONO 2 DA ICEPT, *Nota de campo*, 2011.

⁸⁹⁶ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 158. Ela reforça que no regime de autovalidação, “desaparece toda instância de validação além do indivíduo, ele mesmo. É nele mesmo, na certeza subjetiva de possuir a verdade, que encontra a confirmação da verdade da crença” (idem, 2008, p. 163).

⁸⁹⁷ Ibidem, 2008, p. 158.

⁸⁹⁸ Para Hervieu-Léger, “na ausência de tal apoio, é muito provável que as significações individualmente produzidas (...) não façam sentido por muito tempo” (ibidem, 2008, p. 158).

paróquias e dos movimentos, formas flexíveis e movediças de sociabilidade, fundadas em afinidades espirituais, sociais e culturais dos indivíduos que estão implicados nelas.⁸⁹⁹

Neste regime, “quando participa dos encontros de um círculo espiritual com afinidades, o grupo lhe oferece o apoio de um dispositivo de “compreensão mútua” a serviço de cada um dos membros”.⁹⁰⁰ O regime de validação mútua do crer se distingue do regime de *validação comunitária do crer*. Nesse, em que “a coesão comunitária testemunha, para cada um, a verdade do crer comum”,

crentes convictos assumem certezas partilhadas em formas comuns de organização da vida cotidiana e de ação no mundo. É em um modo de vida fundado inteiramente sobre princípios religiosos que se atesta a pertinência das crenças.⁹⁰¹

Hervieu-Léger ainda comenta sobre um *regime institucional da validação do crer*, “realizado por instâncias garantidoras da linhagem de fé”, em que “o tipo de organização do poder de cada tradição varia” e “autoridades religiosas reconhecidas (padres, rabinos, irmãs, etc.) definem as regras que são, para os indivíduos, os sinais estáveis da conformidade da crença e da prática”.⁹⁰² A autora lembra que isto não invalida que existam no interior de uma dada instituição diferentes “regimes de validação comunitária do crer correspondente ao desejo dos grupos particulares de viver sua fé de maneira intensa”.⁹⁰³

⁸⁹⁹ E exemplifica: “um bom exemplo disso é dado pelos grupos espirituais, ctólicos ou protestantes, que reúnem, de maneira geralmente informal, profissionais atuando no mesmo setor de atividade e partilhando laços de amizade, mas também uma linguagem, referências, uma bagagem cultural comum. Sua principal preocupação não é, antes de tudo, evangelizar um ambiente profissional particular, à maneira, por exemplo, dos movimentos da Ação Católica especializada. Mas é, antes de tudo, dar a cada um as condições ótimas de uma expressão de suas experiências e de suas expectativas” (ibidem, 2008, p. 159).

⁹⁰⁰ Ibidem, 2008, p. 160.

⁹⁰¹ Ibidem, 2008, p. 160.

⁹⁰² A autora reforça que “o regime da validação institucional do crer remete à autoridade religiosa (os detentores do poder de definir a verdade do crer) o cuidado de confirmar as crenças e práticas dos fiéis. O critério considerado é o da conformidade das crenças e das práticas para com a norma fixada pela instituição (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 162)”.

⁹⁰³ Ibidem, 2008, p. 160.

Regime de validação	Instância de validação	Critério de validação
Institucional	A autoridade institucional qualificada	A conformidade
Comunitária	O grupo como tal	A coerência
Mútua	O outro	A autenticidade
Autovalidação	O indivíduo, ele mesmo	A certeza subjetiva

Imagem: Regimes de validação do crer, de Hervieu-Léger⁹⁰⁴

Adaptando os regimes de validação do crer religioso ao crer religioso/generificado relacionado às transgeneridades, percebemos por exemplo, que numa situação como a d@s indígenas do Alto Rio Negro, uma alternativa esteja no regime de autovalidação, como quando Atena C./Apolo C. explica que “eles não páram de pegar no meu pé aqui na cidade, mas eu ainda vou ser eu mesma”. É possível que, ao compartilhar com Atena B./Apolo B. e Atena A./Apolo A.⁹⁰⁵ seus sentimentos e vivências em relação à sua feminilidade, isto se assemelhe ao que Hervieu-Léger denomina regime de validação mútua. Não, há, em SGC, um sentimento comunitário entre tais pessoas – as três, que se conhecem, manifestam maior ou menor repúdio em diferentes momentos à sua condição entre-gêneros. Não há, assim, ao menos ainda, algo que pareça com o regime de validação comunitária do crer proposto por Hervieu-Léger. Mas o regime de validação institucional do crer religioso/generificado se faz presente na cidade em várias instâncias, uma delas, no discurso religioso/generificado das igrejas locais que reforçam as binariedades homem/mulher, corpo santo/corpo maldito, e o repúdio às identidades/orientações homossexuais ou de gêneros divergentes, o que obstaculariza formas de validação comunitária de um possível crer transgênero.

No caso do AM, o regime institucional de validação do crer se dá a partir da organização do próprio evento pela SAL, se relacionando a uma validação comunitária em que se procura instituir um senso comum de que a experiência trans* (lida como experiência homossexual) deve ser combatida com unhas e dentes espirituais e se necessário, cirurgias reparadoras da identidade masculina, como ocorreu com Rouvanny, por exemplo. Entretanto, há o risco inerente de insucesso da enunciação performativa, como no caso da hóspede que narrou: “a

⁹⁰⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 163.

⁹⁰⁵ Lembro que o uso destes pseudônimos se dá na tentativa de contemplar a identidade e expressão de gênero destas pessoas, que se referem em muitos momentos nos dois gêneros. Não se tratam de pessoas não-binárias, mas sim que vivem em momentos entre-gêneros em que tentam (re)conhecer sua experiências que provisoriamente podemos chamar de trans* ou entre-gêneros.

gente vem aqui prá ficar longe dos alibãs, dos penosos, dos viciosos, dos lixos que procuram a gente só pro sexo, estamos aqui só prá descansar desta vida mesmo, não queremos deixar de ser como somos”,⁹⁰⁶ o que apresenta um outro regime de validação comunitária do crer generificado, certamente esperado mas não desejado pela direção do AM/SAL.

Por outro lado, quando Jacque Channel promove as atividades do recém-criado ministério Séfora de TT’s, ela procura estimular as relações entre ativismo de gênero e evangelismo, o que se relaciona com sua própria biografia, de “sangue correndo na veia de militante. Você sabe que a gente luta a vida inteira pra conquistar um espaço digno pra nós e aliado a isso tem a minha vida cristã”.⁹⁰⁷ Esta declaração pode nos estimular a pensar *conversões* de termos, como *evangelismo de gênero* e *ativismo evangélico*, e demonstra um esforço em se propagar uma fé religiosa/transgênera que se assemelha ao que Hervieu-Lèger chama de regime de validação comunitária do crer – que ao mesmo tempo, por ter o apoio de uma igreja instituída, pode ser considerado um regime de validação institucional do crer que é ao mesmo tempo generificado e religioso.

Adaptar tais regimes, propostos por Hervieu-Lèger para pensar a crença religiosa, às crenças religiosas/generificadas e/ou às crenças de gênero associadas às trans*(generidades/religiosidades) pode dar possíveis sinais de que religião e gênero, enquanto construtos sociais, podem operar de formas semelhantes.

As experiências descritas trazem algo em comum: são vivências perpassadas pelo corpo. Podemos pensar em alguns eixos, a partir das entre-vistas elencadas até aqui: a conversão do corpo cis em corpo trans*; a *desconversão* do corpo trans* em cis; a *reconversão* e a *redesconversão* de corpos; a metáfora da morte transpassando tais (re/des)conversões; justificativas para as transgeneridades. O primeiro ponto é a *conversão do corpo cis ao corpo trans**. Vejamos alguns exemplos. Josi conta:

fui prá uma viagem com o Rev, mas eu não assumia ser uma travesti apesar de ir maquiada e tudo. Então o reverendo sentou comigo e começou a conversar. Ele perguntou ‘o que vai no seu coração? Como você se sente bem?’ Eu disse ‘Cris, eu me sinto muito bem quando estou como mulher, não que eu tenha vontade de me operar, isto eu não tenho... mas eu me sinto bem vestida como mulher, me passando por mulher e sendo tratada como mulher. Ser vista como mulher.’ E ele disse ‘então gata, você é travesti’.

⁹⁰⁶ ATENA _____, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹⁰⁷ CHANNEL, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Ela fala que em seguida ele

foi me explicando o que era ser travesti. Naquela época eu tava com 21 anos. Aí fui perdendo o medo de algumas coisas e acabei entendendo direito quem sou... a partir daquele dia, fui me aceitando melhor. Tanto que em 2009, no retiro da ICM, eu me batizei... pois quando eu estava na Assembleia, quem foi batizado foi o Josué. E quando fui prá ICM me entreguei a Deus sem máscara nenhuma, sem fingimentos... e como Josiane. Como quem eu realmente era.⁹⁰⁸

Josi fala mais sobre seu segundo batismo – ou sobre o primeiro, pois antes era Josué. “quando eu me batizei nas águas foi meu renascimento, eu percebi o apoio da igreja e que aqui é uma comunidade que apoia uns aos outros. Eu tive apoio prá me libertar”.⁹⁰⁹ Assim, o batismo de Josi, representando sua conversão, aponta não somente para a conversão da alma como a do corpo, ou melhor ainda, para a conversão *e batismo* de alma/corpo de Josi, ou em outras palavras, da conexão entre seu corpo e alma trans*, ou corpo e alma feminin@s.

A conexão entre conversão de corpo e alma é *validada* institucional e comunitariamente quando Rev Cris enuncia: “temos de gostar do nosso corpo, valorizar esta benção de Deus, ele faz parte de nossa conversão. Nosso corpo faz parte da experiência com Deus”.⁹¹⁰ Tal conexão entre experiência corporal e espiritual pode ser apontada na própria sexualidade, quando Levi, Dario e Josi relacionam “Deus sabe tudo que faço, está comigo em todo lugar, até no dark room”. Tal concepção demonstra que não se pode se esconder de Deus – no mesmo sentido, de Deus não se esconde o desejo de converter o corpo para afiná-lo à alma naturalmente feminina. Mas este não é um caminho que se faz só.

Tanto na onipresença divina no dark room como na conversão de corpo e alma, é fundamental a presença dos regimes de validação institucional e comunitário. O primeiro é expresso quando Dario, diácono da igreja, anuncia de púlpito: “saio do culto e vou lindamente pra Vieira, me jogo gostoso num dark room e aproveito”, e quando Cris explica, “aqui nós temos um conceito do que é promíscuo: é quem faz mais sexo que o invejoso”. Ao mesmo tempo, tais discursos são retroalimentados pela comunidade em geral, que em parte os apoia na enunciação, em parte os estimula, em parte aprende a aceitá-los.

⁹⁰⁸ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

⁹⁰⁹ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁹¹⁰ VALÉRIO, *Pregação dominical*, notas de campo, 2010.

O apoio comunitário e institucional auxiliam na conversão completa do ser: quem é batizada e convertida é, não só a travesti, mas a prostituta, a cantora, a secretária, e mais uma série de coisas que caracterizavam Josi no momento e que para algumas pessoas, como escutei, eram contraditórias. Até aquele momento uma travesti prostituta causava certa estranheza – algo que não era exatamente publicizado em uma roda de conversas, mas falado à miúda. Confesso que quando eu escutava tais coisas eu me chocava e entristecia, o que comentava com tais pessoas na hora – afinal, meu tema de doutorado se deu justamente a partir da biografia de Josi, que mescla ativismo social/sexual/generificado/religioso/espiritual. Ou ainda brincando com as palavras, *evangelismo* social/sexual/generificado/religioso/espiritual. Como Josi comentava, era a partir do seu corpo que as pessoas percebiam a magnitude e o esplendor de Deus,

eu sou travesti, faço programas, e com este mesmo corpo minha vida é um louvor a Deus. Estou fazendo programa, meu corpo está lá, e minha alma também. Este é meu trabalho atual. Mas mesmo fazendo programa, estou cantando e louvando a Deus com meu corpo e com minha alma a cada minuto do meu dia.⁹¹¹

Josi aprofunda a relação entre corpo e alma:

se eu não tivesse me batizado nas águas eu não seria completa como pessoa. Quando descí às águas, descí como Josué, mas retornei como Josi, de corpo e alma lavadas e remidas pelo Espírito Santo. Agora estou completa de corpo e alma. E eu só consegui isto nesta igreja.⁹¹²

Assim, para Josi há relação direta entre batismo e conversão de corpo e alma, e isto se dá no contato com o coletivo, através do apoio da comunidade, que adere à ideia de uma secretária/cantora/travesti/que faz programas e que é batizada/convertida com todas estas características; há o (re)conhecimento e apoio: mas isto é de alguma forma didático/heurístico, pois a igreja teve de aprender a ser (ou a se descobrir) inclusiva. *Inclusive*, percebe-se *inclusiva* a partir de novas experiências de inclusão. E como disse Retamero,

é redundante falar igreja inclusiva, a verdadeira Igreja de Cristo é inclusiva. Se tem fundamentalistas tanto nas igrejas tradicionais como em outras igrejas que se dizem inclusivas mas são exclusivas para gays, por exemplo, então elas não são inclusivas.⁹¹³

Isto também ocorre em outras unidades. Até 2013 a CCNEI não parecia muito inclusiva em relação às travestis. Entre 2010 e 2012, inclusive, eu escutei comentários desrespeitosos de

⁹¹¹ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁹¹² Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁹¹³ RETAMERO, *entre-vista a EMAMF*, nota de campo, 2011.

membros acerca das travestis e transexuais que por ali passaram, por conta de suas identidades de gênero. Em 2014, com a inclusão de Jacque Channel, uma *ativista/evangelista de corpo e alma religios@s e generificad@s*, foi se percebendo um discurso de maior aceitação e a tentativa da liderança de aprender com @ outr@ trans* as formas como respeitá-l@.

Imagem: Ministério Séfora de TTs⁹¹⁴

Imagem: Divulgação do ministério Séfora

⁹¹⁴ O grupo do FB foi criado em 28 de outubro de 2014.

A imagem anterior demonstra a conexão entre ativismo e evangelismo, inclusão social e religiosa. Mas é de realce que mesmo entre @s líderes da CCNEI, ainda há dúvidas de quem são as pessoas trans* e como denominá-las. Por exemplo, em uma das reuniões que participei em 2014, ao lado de algumas pessoas trans*, homens e mulheres, um@ líder da igreja se referiu a um homem trans* que estava conosco: “queremos agradecer também esta menina que veio no culto”, ao que o rapaz disse “menina não, menino”. Não tratava-se de uma confusão a respeito da aparência da pessoa: @ líder sabia que se tratava de uma pessoa trans* pois ela havia sido apresentada por outras a el@ como *homem trans**, além disso, é uma pessoa que traz expressão de gênero bastante masculina. Mas mesmo assim, @ líder da igreja tratou-a como mulher. Não por maldade, mas por falta de conhecimento. Fiquei pensando: se um@ líder de uma igreja inclusiva que se propõe a aceitar pessoas trans* e auxiliar em um ministério direcionado a pessoas travestis e transexuais se confunde assim, causando grande constrangimento ao homem trans referido, imagine-se nas igrejas “exclusivas”, naquelas em que pessoas trans* não são reconhecidas como completas como trans* de corpo e alma. Imaginei ainda o desconforto de pessoas trans* binárias e não-binárias que, ao contrário do rapaz trans que estava no culto, não seriam lidas nos seus gêneros de auto-identificação. Afinal, e infelizmente creio, as pessoas são designadas e reconhecidas através de suas expressões/interfaces/performances de gênero, independentemente de suas auto-marcações. Como uma outra pessoa trans* me comentou no dia do culto,

se percebem no corpo do homem trans qualquer sinal de feminilidade, como seios, ou o tom da voz, mesmo que ele seja bem masculino, vão chamar ele no feminino, apresentar como mulher, etc. Se não vêem o corpo dele como de homem como vão aceitar que a alma dele é masculina e tratar ele como ele quer ser tratado, homem de corpo e alma?⁹¹⁵

Uma pessoa que se define ao mesmo tempo homem trans e trans* n-b que estava conosco comentou:

as pessoas olham que eu tou vestido de homem e tals mas escutam eu falar e já vem no feminino. Até pessoal ativista, tem dificuldade de me chamar no masculino quando eu falo que gosto que me chamem no masculino, que minha expressão de gênero é masculina, mesmo que minha identidade seja não-binária, mas ela é mais pro masculino. Sim, considero minha identidade de gênero a minha alma e minha expressão de gênero o meu corpo.⁹¹⁶

⁹¹⁵ APOLO _____, *entre-vista a EMAMF*, nota de campo, 2014.

⁹¹⁶ APOLO _____, *entre-vista a EMAMF*, nota de campo, 2014.

Mas é relevante atentar que todas as agências inclusivas são formadas por *peessoas* – que em sua maior parte vieram de outras igrejas, católica ou evangélicas, que tinham toda uma formação pedagógica de sexo/corpo/gênero/alma fundada no estranhamento/repúdio ao corpo/alma trans*.

O que ressalto é que a aceitação da presença trans* *de corpo e alma* está sendo construída nas igrejas que se denominam inclusivas. Para muitos membros das mesmas, a questão da reconstrução do corpo – templo do Espírito aqui? ela é um Santo – é envolta em um mix de sacralidade e interdição: não se deve mexer no que Deus moldou: “o que esta pessoa quer homem, dá prá ver que é um homem. Não dá pra pensar num homem vestido de mulher na igreja. Como ela quer falar de Jesus assim neste corpo promíscuo?” Perguntei à pessoa como a liderança via a situação, e a pessoa explicou: “a pessoa está aqui, é uma igreja inclusiva, mas nunca vi ninguém explicando como é esta coisa toda da pessoa achar que é mulher”.⁹¹⁷

Esta posição, *tradicional* nas igrejas tradicionais, é encontrada nas inclusivas ao lado das concepções de que cada um@ é don@ de seu próprio templo e que faz de sua *Nova Jerusalém* seu próprio terreno sagrado. Ou profano se quiser. Neste caso, adornar o corpo é uma questão pessoal apoiada/validada comunitária e institucionalmente. De modo geral, paulatinamente incluindo pessoas trans*, as próprias igrejas potencialmente vão potencialmente se *transicionando* a outros patamares de inclusividade – ou não.

No caso da CCNEI, a própria liderança da igreja tem aprendido quem são as pessoas trans* a partir de uma maior presença delas na igreja.

Tais pessoas, membros de igrejas inclusivas, também *transicionam* suas concepções afim de entenderem e aceitarem o corpo/alma trans* em seu meio, aliás, perceber que além do corpo trans* há uma *alma trans**. Como escutei, “a Patty é mulher de corpo e alma, o espírito dela é assim, feminino, o corpo agora também é.”⁹¹⁸ Há assim, no apoio da ICM à conversão do corpo trans*, um reflexo na pedagogia de que há uma alma trans*, na pedagogia de que a pessoa trans* deve ser (re)conhecida e aceita por completo. Na CCNEI, a partir de atividades como a *I^a Conferência Trans e Religião*, e da criação do *Ministério Séfora de TT's*, estimula-se não só a adesão de pessoas trans* como a pedagogia da aceitação d@ corpo/alma trans* pelos demais membros. A ICM Manancial, liderada por uma pastora trans*, ao ter o apoio da ICM Brasil para ser criada, a partir da ICM SP, demonstra a toda a comunidade evangélica: “sim, pessoas trans* também podem e devem pregar”. Quando Luanddha Peron sobre ao palco, apresenta ao *corpo de fiéis* (aliás, a@ *corpo e alma* de fiéis): “quem vai pregar é uma pastora drag queen, mas antes

⁹¹⁷ Nota de campo em igreja inclusiva, 2010.

⁹¹⁸ Membro da ICM, Retiro de Páscoa, nota de campo, 2011.

de tudo, é uma pessoa, e o mais importante é a mensagem do Cristo”, ainda que seja também fundamental a mescla entre ativismo/evangelismo generificado/religioso.

Assim, a presença trans* na CCNEI e na ICM – e bem possivelmente em outras inclusivas que não detectei por não ter acompanhado em 2014 – tem fins evangelísticos/ativistas/espirituais/políticos/didáticos/heurísticos. *Tudo junto e misturado*, como se costuma dizer.

Nestes espaços, apoia-se a conversão do corpo, proporcionando a sintonia com a alma. Outro exemplo da *conversão do corpo cis ao corpo trans** está na fala de Rouvanny:

eu olhei para aquele travesti a primeira vez e falei “o que eu vou fazer pra mim ser aquela pessoa?”. O primeiro passo vai ser hormônio, depois vem silicone, cirurgias plásticas. Sabe qual o pensamento Eduardo? Eu sou mulher no corpo de um homem. E o que eu puder fazer pra libertar essa mulher eu vou fazer, botando silicone, quebrando os músculos masculinos, colocando prótese, fazendo cirurgia plástica. Assim: eu tenho estrutura masculina. Eu vou colocando o músculo pra ficar torneado. Cria uma capa feminina. Eu deixo de ter aquela aparência masculina e vou quebrando com o silicone pra ter uma aparência feminina, entendeu? Aí o que acontece: eu sempre me prostituí pra eu poder me manter (...) cada vez mais você vai acreditando que é uma mulher, a única coisa que faz a casa cair é quando você vai pro banheiro e você vai pro espelho vê seu pênis, aí te deixa com mais ódio ainda. Só o que tá faltando agora é eu cortar o pênis, fazer a mudança de sexo pra eu ficar mulher no total...⁹¹⁹

Tirésias C. explica que foi forçado: “eu não me tornei travesti porque quis. Eu era uma pessoa que me drogava muito. E durante uma ocasião, umas travestis bombaram meu corpo. Aí já estava feito, feito, me joguei nesta vida”.⁹²⁰ Joide argumenta:

hoje eu entendo que quando eu comecei a deformar a minha imagem, eu comecei a tomar hormônio, a deixar o peito crescer, eu não entendi na época né, mas hoje com o conhecimento da verdade aquilo foi uma forma que eu encontrei de agredir meu pai, porque meu pai vivia dizendo que eu não prestava, que eu não valia nada, que eu era um inútil, então eu quis provar para ele que eu ia ser alguém e não importava como.⁹²¹

⁹¹⁹ MOURA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹²⁰ TIRÉSIAS C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁹²¹ MIRANDA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

Como vemos, Joide une em sua explicação a gênese de sua conversão corporal com a tentativa de agredir o pai. Ele aprofunda a justificativa para sua travestilidade: “eu comecei a me desenvolver num terreiro de umbanda onde o pai de santo era homossexual, esse homossexual abusou de mim, um advogado também que morava perto da minha casa abusou de mim, na época eu tinha seis, sete anos”, e posteriormente “a mãe de santo do terreiro de umbanda era uma lésbica e eles fizeram um ritual comigo”.⁹²² Robson Staines declara: “eu fui um homem que sofreu um trauma, não nasci gay, e fui transformado pelo poder de Deus, eu acredito nisso”.⁹²³

Para autores como Tay, um dos motivos é a “exposição de menores a ideologias gays afirmativas que possam agir como estímulo homossexual suficiente em uma idade em que eles estão mais suscetíveis ao desenvolvimento homossexual”.⁹²⁴ Para ele, “basta dizer que ambientes homossexuais ou a favor da homossexualidade – seja na educação escolar, seja na forma de um relacionamento homossexual – podem ser forças poderosas”.⁹²⁵ Tay computa fatores pós-natais como a ausência/distância emocional dos pais,⁹²⁶ abuso sexual e físico infantil praticado por parentes mais velhos⁹²⁷ e abuso sexual e físico na vida adulta, especialmente no caso de lésbicas.⁹²⁸ Viula, um dos fundadores do Moses, narra que “o MOSES gosta de pensar que as causas do desejo homossexual nas pessoas são as seguintes: experiência homossexual na infância, anormalidade familiar, experiência sexual fora do normal incluindo sexo grupal ou com animais, e as influências culturais”.⁹²⁹ Cappelletti diz que

a maioria dos travestis que passou pela minha casa eles foram abusados sexualmente ou eles sofreram violência doméstica (...) O travesti é perda da identidade masculina. Ele quer perder a identidade, por isso ele coloca silicone, ele quer abandonar essa identidade pra ir ao outro lado. Tem o trauma, acredito muito claro.

Indaguei sobre motivos espirituais:

não tem. Você não pode falar que o cara é homossexual porque o demônio entrou nele. Aqui na minha casa eu posso falar que ninguém foi possesso. Não é porque ele tinha a pombagira que ele se tornou travesti, é que ele sofreu um abuso sexual na infância, aí o que aconteceu: ele procurou uma religião que aceita o terceiro sexo ou outro gênero e assumiu uma potestade chamada pombagira. Então o processo é esse. Demônio é o cara que abusou do

⁹²² MIRANDA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012. Ele reforça: “eu não queria ser homem, mas na verdade devido às consequências dos traumas sofrido pelo meu pai na infância, foi uma forma de eu me vingar do meu pai e querer partir para aquela vida”.

⁹²³ STAINES, *participação na mesa Trans(Religião/Gênero)*, 2014.

⁹²⁴ TAY, 2011, p. 147.

⁹²⁵ Idem, 2011, p. 148.

⁹²⁶ Ibidem, 2011, p. 143.

⁹²⁷ Ibidem, 2011, p. 144.

⁹²⁸ Ibidem, 2011, pp. 144 -147.

⁹²⁹ VIULA, 2010, p. 73.

moleque. Ele foi abusado na infância, aí ele começa ter uma declinação e assumir posições femininas. Ele vai descendo até ele não querer mais a identidade masculina dele, então ele coloca silicone e coloca um nome dele.⁹³⁰

Assim como Joide, Rouvanny também relaciona a experiência travesti com as religiões afro:

quando eu ia aos terreiros de macumba eu via as pombagiras, as ciganas, a tranca rua, um monte, as sete saias, eu sempre via isso e elas são assim bonitas, elas chamam, tem atração. Chamam elas, idolatram elas com imagem, tudinho e coloca champanhe, coloca cigarro, axé, me dá sorte, me dá homem, me dá dinheiro. Quando eu ia no terreiro eu via as pessoas incorporar e de repente a pessoa mudava tudo, uns se torciam, os homens ficavam mais afeminado.⁹³¹

Ele narra que quando estava preso,

aquele monte de travesti dentro da jaula começamos a bater ponto de terreiro, música, cantando, não baixava nada. De repente todos estavam juntos, “ai não vai baixar”. Tinha a jaula das travestis e a jaula dos crentes. Aqui em Pinheiros. E aí eu peguei, nós batemos ponto e não desceu nada. De repente veio uma resposta: o que vai descer se elas já estão tudo aqui? Entendeu? Acompanhando nós. esse é o meu pensamento: por isso eu nunca orei, porque de verdade o demônio já tomou conta de mim, a pombagira já tomou conta de mim. Depois que eu comecei a frequentar, eu comecei ver algumas coisas estranhas, eu comecei ver as imagens, a sensualidade, as coisas que a pombagira dava, os homens. Eu começava a me inspirar também. É a questão da pombagira que ela tem sete machos, sete saias. “São mulheres, sete homens, quero mais um pra casar”, entendeu? Tem vários pontos. Tem cigana, tem várias. Eu cheguei a um pensamento depois, o meu pensamento, não to dizendo se é, não sei se é, mas eu cheguei depois a pensar que de verdade eu não incorporava porque eu já era uma pombagira, eu já tinha, eu já carregava ela comigo, entendeu?

Rouvanny entende que, mais que acompanhado pela pombagira, ele mesmo era uma. A justificativa para a travestilidade era sumamente espiritual, portanto. Se Rouvanny era a própria pombagira, diziam a Josi que ela era o diabo: “era tanta coisa que eles faziam comigo nesta igreja que eu saí de lá sabe? Era muita humilhação mesmo. Era visto como alguém demoníaco, que tinha pacto com o diabo, ou o próprio diabo. Aí, todo mundo dizia que Deus ia me matar. Mas eu fazia de tudo para não acreditar”.⁹³² Rouvanny comenta ainda, no AM, que a violência doméstica é um motivo forte: “o nosso pai xingou a gente que nós íamos ser viados (...) Os nossos irmão também deram uma palavra da violência, que é a violência psicológica, que são

⁹³⁰ CAPPELLETTI, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹³¹ MOURA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹³² Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

palavras que você guarda no seu coração e você cresce com essa palavra, que você é incapaz, que você é um drogado, que você é um viado”. Tal violência se relaciona com o trauma e frustração, segundo uma oração no AM:

Deus tu sabes que são homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal. Talvez a única diferença desses homens que aqui estão diante de nossos olhos, a um espetáculo estranho, bizarro aos nossos olhos ou aquilo que estamos acostumados, mas são homens que precisam da tua graça, são homens que precisam do teu amor. Tua igreja é uma agência de salvação de vidas, treinamento de perdidos salvos, ajuda-nos a viver essa realidade, Deus, toma conta. Você sabe das frustrações que tomaram conta das suas vidas.”⁹³³

Um@ pastor@ explicou:

muitos desses começaram sentindo prazer assim, os tios, os primos...eles não tem sentimento que estão sendo abusados, gerando sentimento no cara, mas quando ele cresce, quando ele recebe penetração ele continua sendo abusado até os 12 anos. Em outros casos também já estudado por mim a criança nasce com uma certa quantidade de hormônio feminino aí nesse caso ela tem formas diferentes, percebe o cheiro do homem diferente. Quando ela chega na puberdade começa a sentir igual mulher.⁹³⁴

Além disto,

eu conheço casos em que a criança foi oferecida quando bebê a um demônio para que quando ele completasse doze anos esse demônio dirigisse vida dele. Especificamente era um demônio chamado pomba gira. Um demônio que age na área sexual, na deturpação sexual, entendeu? (...) eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da pombagira, um tipo de pombagira. Aí levou a criança lá, a criança foi consagrada com 5/6 meses, o menino cresceu e depois de um tempo quando completou 12/13, ele cresce já diferente, cresceu cheio de trejeitos. Quando completou 12/13 anos foi buscar a experiência pessoal já buscou com homens, geralmente mais velhos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Nestes casos... o diabo é legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs. Ele vai ficar o tempo todo dizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim. Então ele vai ficar atrás perturbando e vai criar todas as possibilidades pra que a criança seja colocada dessa forma ou numa questão de abuso, de tudo mais, entendeu? Então existe o caso espiritual.⁹³⁵

⁹³³ PASTOR@ do AM, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹³⁴ Idem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹³⁵ Ibidem, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Para Tauana, ao cortar o cabelo de Felipe, estava claro que “Diabo, nesse momento ele está sendo envergonhado. Porque aquilo que ele sonhou tá acabando de ser destruído”.⁹³⁶ Para um@ missionári@ de SGC,

tem diversos demônios. Eu tive a oportunidade de ver vários estudos de homens de Deus, como o pastor Marcos Feliciano, Malafaia e diversos outros. Diversos estudos mostram que pro cara ser homossexual vem desde a infância, o que influencia muito isso é a própria televisão que é uma porta, uma janela aberta pra Satanás entrar na vida da pessoa.⁹³⁷

Dentre tais entidades encontra-se “o demônio pombagira Lady Gaga”, que faz companhia a outros:

o tranca-rua, exu caveira prejudicam muito a vida da pessoa homossexual, muito mesmo. Porque assim, se entra um pra fazer a cabeça do homossexual, aí da brecha pra todos, entra o espírito da prostituição, entra da... de tudo, tudo que não presta. Por isso que a gente fala às vezes de legião. Tem uma legião, não é um só, são muitos, diversos. No caso dele que era travesti era mais forte, porque custou demais pra ele sair do corpo dele.⁹³⁸

Resumindo, as causas seriam trauma, abuso sexual, físico, emocional ou psicológico, rejeição, ausência dos pais, experiência homossexual na infância, ambiente escolar, sexo grupal ou com animais, consagração da pessoa a cultos afros, participação da pessoa em cultos afro, contato com pombagiras, mídia, contato com ideologias gays ou travestis afirmativas, hormônios do outro sexo – e às vezes são causas conjuntas. Como me explicou um@ psicólog@, com exceção das causas espirituais, as demais serviram historicamente – aliás servem

para justificar não só a homossexualidade como a prostituição, o alcoolismo, o uso de crack e outras drogas, a pessoa ser assassina ou traficante, são estas ‘causas’: trauma, abuso sexual na infância, rejeição do pai ou da mãe, superproteção da mãe.⁹³⁹

Percebemos que certos discursos evangélicos que se amparam em alguns discursos das áreas psi são recorrentes – escutamos/lemos o mesmo nas narrativas de Cappelletti, Joide, Tauana, Tay, etc, e valem para validar a “cura” e “conversão” de pessoas gênero-divergentes ou com orientações afetivo-sexuais “fora do padrão.”

No caso, crescem-se justificativas acerca do apelo midiático e espiritual. A pessoa é vista como consagrada ao demônio, abominação a Deus e abandonada por Ele, recebendo acolhimento do capeta em suas muitas moradas, em especial as chamadas “casas de encosto” lideradas por “pais de encosto” (expressões usadas por evangélic@s para se referirem à casas-de-santo e pais e

⁹³⁶ *Vídeo da conversão de Felipe Valentino, postado no perfil de Tauana Felizarda, 2014.*

⁹³⁷ MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE SGC 1, *entre-vista de HOT a EMAMF, 2014.*

⁹³⁸ *Idem, entre-vista de HOT a EMAMF, 2014.*

⁹³⁹ PSICÓLOG@ B., *entre-vista de HOT a EMAMF, 2014.*

mães-de-santo). Ora a pessoa é referida como consagrada ao capeta, ora como filha dele, ora como o próprio. Uma clara solução está na transformação/conversão do corpo: a pessoa travesti que se torna *novamente homem* restaura sua identidade e pode ser melhor aceita no porvir.

Tais justificativas para a travestilidade – ou a passagem de PréAgrado para Agrado – se relacionam com tema correlato, a *desconversão do corpo trans* em corpo cis* – ou com a metáfora de DesAgrado. Joide lembra que

um dia eu decidi ir na igreja da minha mãe e nessa minha decisão eu aceitei Jesus como meu único e suficiente salvador e a primeira igreja que eu aceitei Jesus não soube lidar com o meu caso, como hoje eu tenho dito também que existem muitas igrejas que não estão preparadas para trabalhar com as pessoas que voluntariamente desejam deixar o estado.⁹⁴⁰

Cortando o cabelo da ex-Gabriela, Tauana exaltava:

a obra é sua, pai. A obra é tua, Senhor. Só o teu Espírito Santo é capaz de transformar alguém. Quando você se olhar no espelho, você vai começar a contemplar o novo de Deus sobre a sua vida. Um tempo de restituição. Aleluia Jesus! Aleluia Senhor! Ah, Senhor, nós não temos palavras.⁹⁴¹

O próprio Felipe comenta sobre sua desconversão do antigo estado de Gabriela.

uma das coisas que mais me ajudou e ao mesmo tempo que eu fui mais confrontado no encontro foi a parte de eu entender realmente qual era a minha verdadeira identidade, porque no encontro tinha outrora o banheiro que era feminino outrora o banheiro que era masculino e na parte de eu entrar para a ministração tinha a parte onde os homens sentavam e as mulheres sentavam. Mesmo que por fora era uma imagem feminina, dentro do meu interior eu tinha certeza que eu era um homem então naquele momento eu decidi que eu iria sentar junto na fila junto com os homens porque eu era um homem e no... tivemos as ministrações de sexta, eu ainda vestido como uma mulher, foi no sábado e no sábado a tarde tivemos a ministração da libertação: foi onde Deus teve o mover tremendo, que eu realmente tive um encontro com Deus, face a face com Deus e fui realmente liberto diante do Senhor.

(Que quando eu... eu me lembro muito bem que eu tinha...) eu tava deitado na ministração e quando eu levantei eu... a primeira pessoa que eu procurei foi a Tauana e eu disse “Tauana eu preciso que você arrume uma roupa de homem pra mim”. E Tauana assim meio assustada comigo, que ela Tauana também não entendeu nada, eu falei assim Deus me fez homem e eu preciso me vestir como homem. Essa identidade não foi Deus que me deu eu

⁹⁴⁰ MIRANDA, *entre-vista de HOCEL a EMAMF*, 2012.

⁹⁴¹ *Vídeo da conversão de Felipe Valentino, postado no perfil de Tauana Felizarda*, 2014.

entendi isso... isso irmãos é porque naquele momento Deus tinha abrido meus olhos espirituais e naquele momento Deus tava me fazendo entender quem eu realmente era. Naquele momento Tauana conseguiu a roupa para mim eu cortei o meu cabelo e foi uma benção.⁹⁴²

Tauana também comentou que

o Senhor levantou pessoas pra ta ofertando na vida do Felipe pra ele ta realizando a cirurgia da retirada da prótese e tem sido um milagre atrás do outro, queridos. Tem sido assim literalmente viver na dependência do Senhor e vendo o milagre Dele se fazendo real na vida do Felipe e nas nossas vidas. Até aqui o Senhor fez grandes coisas na vida do Felipe, mas o que mais deixa o nosso coração alegre é que está apenas no começo, está apenas começando. Porque a obra que o Senhor começou, nós acreditamos, que ele é fiel pra terminar.⁹⁴³

Já Tirésias D. narrou ter sido obrigada a *destransicionar*:

minha família é de uma igreja pentecostal de Guarulhos e eu sempre fui uma menina mesmo sendo nascida menino. Mas ninguém nunca me aceitou, nem em casa nem na igreja nem na escola. Eu com uns treze anos já me vestia quase só de menina. Mas na hora de ir prá igreja minha mãe forçava eu prender cabelo e colocar embaixo do boné e ir com as roupas de menino. Com uns 16 comecei a me colocar e beber muito. E num dia em que eu cheguei em casa colocada meus irmãos me cobriram de porrada. Eles já me batiam quase todo dia, minha mãe e meu pai às vezes. Mas neste dia, eles me seguraram, e então começaram a raspar meu cabelo à força com maquininha. Tiraram minha roupa. Colocaram as roupas de homem. Fizeram eu ir prá igreja daquele jeito. Por dois anos fizeram eu ficar daquele jeito, me forçando a ir na igreja, a deixar cabeça quase raspada, jogaram tudo que eu tinha de menina fora. Queriam que eu casasse com uma menina da igreja. Fizeram eu namorar ela. Mas eu não gostava dela, nem de ser homenzinho como eles queriam. Então fugi da casa de meus pais e vim parar em Santo André. Lá eu me prostituo sim, mesmo porque eu me coloco muito. Eu fui travesti e minha família e a igreja forçaram eu a ser ex-travesti. Hoje sou travesti de novo. Deus é bom, o seu amor é infinito e dura para sempre. Eu sempre falo isto.⁹⁴⁴

Tirésias E. explicou: “fui homem, fui travesti, virei homem de novo, depois assim, como estou, travesti de novo. Voltei prá essência”.⁹⁴⁵ Se as histórias contadas de Tirésias E. e Tirésias D. são narrativas de ReAgrado, a de Tirésias G. é outra história de DesAgrado: “eu era travesti

⁹⁴² VALENTINO, *Segundo vídeo de Tauana e Felipe*, 2014.

⁹⁴³ FELIZARDA, *Segundo vídeo de Tauana e Felipe*, 2014.

⁹⁴⁴ TIRÉSIAS D., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹⁴⁵ TIRÉSIAS E., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

também, e era belíssima. Mas você conhece a vida de travesti? É treva. Ser trava é treva. Eu deixei de ser travesti porque é tudo muito puxado. Não teve motivo religioso não. Era muita tiração mesmo”.⁹⁴⁶

Para Rouvanny, outra história de DesAgrado, “se encher de silicone pra melhorar a sua aparência, colocar um corpo estranho dentro do corpo já é muito louco. É uma coisa que já não pode dar certo.” Ele explica como foi um dos momentos fundantes da conversão da Dibelém em Rouvanny – ou o momento de cura e libertação do segundo em relação à primeira:

eu sou fruto desse acampamento da CENA. Fui pra fazenda em Jucituba. Eu fiquei doze dias só, aí quando eu fui nessa fazenda, aí eu peguei e fiz vários planos. Quando você é travesti tem que aprender tudo de novo, cabelo cortadinho. Eu me achava tão feio, com aquela cara cheia de silicone, com peito, de homem, eu não entendia o que falava, as lutas, a negação. Eu chorava, eu pedia pra Deus, eu queria que saísse tudo de uma vez e entrasse o homão.

Me senti feio, não é homem, é que é uma estética diferente. Eu cresci com estilo de homem, depois eu lutei pra me sentir mulher. construí uma estética, querer uma bolsa, um salto, e tudo. Ai depois parecia uma sapatão. Em Jucituba a gente se vestia de homem, de rapazinho, era uma bermudona, uma calça. Você tem um choque. Mas o choque tive na cadeia, não foi os crentes quem raspam meu cabelo. Em 2001 eu cortei, mas não cortei curto. Na época da CENA eu cortei aqui, ó. Olha só como eu sou esperto, se não der certo, eu estou de chanel (risos). Mas também eu pensava o seguinte: por mais que eu cortar curto depois eu ponho uma peruca e um salto, dá no mesmo também.

A retirada de silicone... eu quis. Sabe quando dá um estalo? Eu quis, eu não queria mais. Sabe, tem um ditado assim: a mulher tinha um ídolo “ah, não quero mais saber desse ídolo”. Quebrava e jogava fora. Ai depois que ela precisava colava lá todinho o ídolo e jogava fora, até que um dia ela socou todinho ele e jogou no templo, não tinha mais como colar ele. O travesti, eu quando era travesti, vivia travestinado, era meu pensamento, eu vou pra cá, mas se não der certo eu coloco uma peruca e salto alto, porque o meu corpo já tá todo pronto. E se eu quero de verdade viver uma vida com Deus, eu tenho que destruir o ídolo, entendeu? Não tem como, eu tenho que quebrar o ídolo pra poder de verdade viver uma vida e só depende de você, ninguém me obrigou, ninguém colocou uma faca no meu pescoço, ninguém me chantageou, eu quis, eu quebrei prá não montar mais ele de novo (risos). Não é?

Eu fui pra casa de recuperação e lá vai aprendendo tudo de novo. Na fazenda da CENA. 2004. Fiquei um ano e quatro meses. Rola terapia ocupacional, você tem que ocupar sua

⁹⁴⁶ TIRÉSIAS G., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

vida, a sua mente, capinar. Vai mudando, formatar tudo de novo. A Dibelém eu deletei ela, e to formatando, pode dizer formatar? Eu formatei o Rouvanny que tem dez anos de idade, aprendendo a se comportar, a se vestir, entendeu? Sepultar os desejos. Então eu me considero com dez anos.⁹⁴⁷

Tirésias C. conta que cortou o cabelo e comprou terno de crente como lhe pediram, e explicou sobre a exigência da retirada dos seios, moldados com silicone industrial, para que pudesse alcançar a condição de obreiro.

por mais que eu tente esconder, usar uma faixa, dá prá ver que eu tenho seios. E são seios de silicone de bombadeira. Então... o pastor quer que eu tire. Ele disse que eu só posso ser obreiro da igreja se eu retirar todo o seio. Mas como vou retirar? Tem ideia de quanto custa? eu tentei tirar no SUS. E é aí que tá o problema. Se fosse prótese seria fácil retirar em algum lugar. Mas de bombadeira cria um monte de nódulo, não dá prá tirar fácil nem numa sessão só.⁹⁴⁸

Entre tais narrativas de DesAgrado e ReAgrado – ou de desconversão do corpo trans* ao cis e da reconversão do corpo cis ao corpo trans*, realça-se ainda as contações de DesReAgrado. Tirésias F. explicou:

eu fui travesti, aí morei na casa da missão durante um ano e meio como homem, convertido e salvo. Mas aí fui pra rua e caí. Aí fiquei assim. Não sou mais travesti. Mas também não sou homem. Sou assim né? Sei que não sou salvo sendo assim.⁹⁴⁹

Esta situação pós-(re/des)conversão de Não-Lugar, parecendo convergir a um abismo (ou convergindo de fato!) remete a uma *dessubjetivação*, ou certa morte do ser, que identitariamente, não se localiza mais: não vê as *migalhas* que performatizam Agrado, DesAgrado, ReAgrado ou PréAgrado como cheias de sentido como em momentos anteriores, o que pode ser frustrante e desesperador.

Aliás, a *metáfora da morte* circunda a maior parte das narrativas de desconversão do corpo trans* ao corpo cis. Rouvanny abre o AM com a lembrança: “a esperança no Senhor. Ele não morreu, ele ressuscitou e está aqui, com cada um de nós, certo?”⁹⁵⁰

Tirésias C. Recorda que “o médico me disse que só tiraria se eu corresse risco de vida. Quero ser obreiro de Jesus e só me operam se for risco de vida”.⁹⁵¹ Joide demonstrou que

⁹⁴⁷ MOURA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹⁴⁸ TIRÉSIAS C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

⁹⁴⁹ TIRÉSIAS F., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

⁹⁵⁰ MOURA, *oração de abertura do AM*, 2014.

⁹⁵¹ TIRÉSIAS C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

isso que a mídia mostra, esse glamour, essa beleza, isso tudo é mentira. Eu comecei a observar aquilo e pensar se eu não morrer antes, quando eu ficar velho isso também vai acontecer comigo, entendeu? Se meu lado travesti não morresse eu que morreria. Hoje eu sou bonito, tenho fama, tenho dinheiro, mas e quando eu envelhecer?⁹⁵²

No primeiro caso, o risco de vida físico apontaria para a possível morte espiritual: o corpo está imbricado ao espírito. No segundo a preocupação com a morte fez com que Joide matasse a travesti que ora existiu dentro dele. A frase de Tauana a Felipe, “seu momento chegou. Diabo, nesse momento ele está sendo envergonhado. Porque aquilo que ele sonhou tá acabando de ser destruído” demonstra a morte e sepultamento de Gabriela, como ela diz: “ele deixou de ser um travesti e se TORNOU UM GRANDE HOMEM DE DEUS”. Ela comenta ainda, após o mesmo ter cortado o cabelo e colocado “roupa de homem”:

depois disso, nós voltamos para a igreja e o Felipe testemunhou aquilo que Deus tinha feito na vida dele, todo mundo ficou muito impactado mas naquele momento acabava de morrer uma pessoa e renascer outra que era o sepultamento da Gabriela e o nascimento do Felipe porque naquele momento ele estava vestido de homem mas em casa todas as roupas dele eram de mulher e naquele momento ele teve que abrir mão de tudo.⁹⁵³

No contra-discurso, uma postagem do REAPT pedia que “*Felipe morra definitivamente* para que *Gabriela renasça*. Rouvanny conta que a Dibelém morreu mas ainda se faz presente:

eu tenho um pensamento de uma historinha assim: tinha um homem que ele morreu, não, ele não morreu, ele *puxava um caixão*. E todo mundo dizia que no caixão era a mãe dele. Ele gostava tanto da mãe dele que não conseguia se separar da mãe. Ai quando foi um dia ele abriu o caixão, era ele mesmo que tava lá dentro. Então nós temos que matar o velho homem, mas a gente nunca vai matar o velho homem, nunca vai mudar a nossa natureza, porque de uma hora pra outra a gente levantamos. Eu posso dizer assim: o velho travesti sempre vai estar me acompanhando aqui na minha mente, entendeu? A Dibelém sempre vai estar aqui, até porque eu não consigo esquecer, porque não é um processo de computador que eu delete e joga fora.

Quando eu digo ex, eu não sou mais, mas eu não posso dizer ex porque eu carrego aqui ó. Sabe a Dibelém, que está no caixão? Entendeu, quando eu digo ex, ex... Eu não uso essa palavra ex porque assim, eu nem gosto. Sabe por quê? Vamos super que um dia eu ramele na vida, e caia na vida de novo? Mas o cara não era ex? é viado mesmo. Então não existe o

⁹⁵² MIRANDA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁹⁵³ FELIZARDA, *Postagem de FB de Tauana*, 2014.

ex, é mais uma coisa que pode usar, não existe ex mesmo, viado é viado. Sou um cara lutador que luto todo dia pra não viver a velha vida, não quero ser o invertido. Quando eu digo ex, eu to afirmando definitivamente ex isso. Eu acho que eu posso viver todo dia pela misericórdia de Deus, todo dia mais um dia, todo dia a história do AA: só por hoje. Só por hoje eu matei a Dibelém, só por hoje eu matei a Dibelém de novo. Matei o vício do crack, eu matei o desejo homossexual, eu matei e vivo todo dia cada vez melhor.⁹⁵⁴

Se até aqui vimos metáforas da morte remetentes à conversão d@ corpo/alma trans* @o corpo/alma cis, também temos a resistência à morte como continuidade do corpo trans* – ou outro tipo de morte, já que Josué morreu para Josi nascer:

num ensino bíblico comentaram sobre o que era a homossexualidade e eu comecei a entender o que acontecia comigo. Diziam que Deus matava os homossexuais. Eu comecei a achar que eu estava errada, me sentia culpada por amar o filho do pastor... aí comecei a pedir a Deus que ele me curasse, que ele me mudasse, e nada acontecia. Então tentei me matar quatro vezes.

Eles falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei. Muitos falaram que Deus não está comigo, em muitos momentos. Eles não conseguem tirar isto de mim. Esta certeza que eu tenho é porque eu vivi minhas experiências com Ele. Este amor de Deus que eu tenho na minha vida é algo que veio até a mim. É um sentimento que cresceu em mim em todos os momentos. Foi Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre. Esta fé ninguém vai tirar de mim, ninguém.⁹⁵⁵

A resistência ao assujeitamento ou não-morte equivale, então, à não-conversão de um binário a outro, do corpo/alma trans* ao corpo/alma cis. Tais narrativas têm como conectores os *links* estabelecidos entre aniquilação do corpo e conversão de corpo e alma através de redes que envolvem discursos religiosos conectados a pressupostos das áreas psi. Envolve ainda discursos que se fixam ou flexibilizam.

Se para Rouvanny Deus fez Adão e Eva e não Eva e Adão, para Josi Jesus a ama mesmo quando ela faz programa. Ou está no dark room. Se para Joide estar no dark room é estar nas trevas, conhecer Jesus foi o modo de sair destas prá luz. Se para Josi e Jacque, a metáfora do Natal – o nascimento – é pertinente, para Joide e Rouvanny, o corpo destransicionado/desconvertido representa a Páscoa – a ressurreição

⁹⁵⁴

⁹⁵⁵ SOUZA, *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2010.

generificada/religiosa. Entre corpos/almas nascid@s e ressurret@s, a frase atribuída a Picasso “todo ato de criação é antes um ato de destruição” é pertinente. Josi e Jacque destróem o corpo original que não combina com sua alma trans* onde reside Jesus, Joide e Rouvanny destroem o corpo deformado e o reconstroem para que o Senhor habite. Afinal, como *adornar o templo do Espírito Santo*? Há diversas maneiras plausíveis para tal.

Butler já dizia que o corpo é destruído para constituir o sujeito:

o corpo não é um lugar sobre o qual uma construção tem lugar, é uma destruição que forma o sujeito. A formação desse sujeito implica o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo. Ela implica igualmente o modo sobre o qual esta destruição é conservada (no sentido de sustentada e embalsamada) na normalização.⁹⁵⁶

Normalização e normatização são os conceitos relativos à “construção deste corpo destruído”. A partir deste corpo que é transformado (transtornado?) o sujeito é estabelecido, conforme Foucault anunciara: “alma, prisão do corpo”.

Pensando em *Agrado*, *DesAgrado* e *ReAgrado*, “se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma”, é a partir da *reforma* de partes de seu corpo que a subjetivação vai sendo (re)constituída.

Pensando nas normas de identidade religiosa/generificada, Agrado nasceu PréAgrado, com gênero/sexo/alma determinados/atribuídos/reiterados culturalmente/espiritualmente, mas não se identificava com os mesmos. Qual a solução? Fazer a transição do “masculino” para o “feminino”. Como? Através de cirurgias em série. No caso da destransição/desconversão e da reconversão/retransição de DesAgrado e ReAgrado, renovam-se as operações de (re/des)encaixes. Mas todo mundo trilha o Caminho, buscando suas migalhas-pistas para retornar ao Lugar ou Novo Lugar. Em outros casos, não se chega a um Lugar. Permanece nos vales da sombra e da morte do Não-Lugar, ou peregrina-se permanentemente Entre-Lugares.

Como Maluf argumenta sobre Agrado, “é a partir das transformações feitas em seu corpo, e principalmente da fala sobre esse corpo, que só ganha existência enquanto corpo do qual se fala, que Agrado aparece como sujeito”. O mesmo vale para as outras figuras da (re/des)elaboração identitária geenrificada/religiosa da tese, o corpo (re)transformado apresenta-se como espaço de (re/des)territorialização de sujeitos das margens, como todos aqueles que surgem a partir de PréAgrado. Tais sujeitos, constituem-se subjetivamente através “de uma nova *bildung*: a *bildung*

⁹⁵⁶ BUTLER, *La vie psychique du pouvoir* – L’assujettissement en theories, 2002, p.147.

do corpo – através dele e nele se constrói uma nova pessoa” e se o silicone, para Agrado, “representa o processo, a agência, a ação do sujeito sobre o que é visto como estruturalmente *dado*”,⁹⁵⁷ a retirada do mesmo representa *igualmente* o processo, a agência, a ação do sujeito sobre o que também é visto como estruturalmente *dado* – depende aqui de quem *dá*, enuncia o discurso. Existiria um *silicone do Senhor* e um *silicone do Diabo*?

Maluf compreende que a natureza de Agrado “não está no corpo, mas no desejo inscrito no corpo”, e “não é a de saber-se mulher mas “saber-se travesti”.⁹⁵⁸ Para Maluf, a pessoa transformista “desloca a posição do sujeito de um lugar estruturalmente fixado”.⁹⁵⁹ Mas o intento da viagem é retornar para um cantinho só seu, similar ao que conheceu ao nascer chamado Lugar. Por um lado, Agrado *subverte* o esperado a ela: ter um sexo e um gênero masculino. De outro, *reproduz* alguns padrões binários: a “mulher” deve ter seios assim, um quadril assado. Ou ainda: a travesti deve ter seios assim, um quadril assado – como uma paródia de gênero do que é ser mulher. Aliás – essa mulher “essencializada” e buscada como identidade em processo contínuo de reiteração não é prerrogativa de pessoas trans* - as mulheres cisgêneras estão constantemente procurando reiterar as normas condizentes com os marcadores relativos “ao que é ser mulher”.

Como dito, para os estudos queer *sexo* e *gênero* são construtos sociais⁹⁶⁰ – que podem (devem) ser desconstruídos. Para Butler ocorre “uma subversão interna no seio da qual a binaridade é pressuposta e disseminada até o ponto em que ela para de fazer sentido” – referindo-se às “identidades que desestabilizam identidades.”⁹⁶¹

Nos casos de Agrados, DesAgrados e ReAgrados, como estas identidades se (re/des)estabilizam? Em que pontos há ou não subversões? Há encaixes com finalidade de enquadramentos?

Os assujeitamentos a padrões binários de gênero podem ser vistos em modelos de PréAgrados, não só em Agrados – bem como em DesAgrados também: Joide e Rouvanny remodelam o corpo para agradar Jesus. Haveria um outro binário aqui, religioso? Trevas e luz são encontradas através do corpo binário?

O corpo transgênero e o corpo ex-transgênero demonstram assim, uma tentativa de *subversão ao assujeitamento* – e a *reiteração do assujeitamento* – ainda que seja ao gênero e/ou sexo distintos

⁹⁵⁷ MALUF, *Corporalidade e desejo*: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem, 2002, pp. 146-149.

⁹⁵⁸ Idem, 2002, p. 147.

⁹⁵⁹ Ibidem, 2002, p. 151.

⁹⁶⁰ No mesmo sentido, “não só o corpo e os corpos são construções culturais como também o próprio conceito de corpo é uma construção cultural e histórica”, diz Maluf, apoiada em Leenhardt e Csordas (ibidem, 2002, p. 149).

⁹⁶¹ BUTLER, 2002, p. 288.

dos atribuídos na gestação e/ou nascimento. Agrado – dentre milhares de trans*, representa um desvio e uma afirmação da norma, visto que resiste a um assujeitamento cultural, mas visa incorporar outro, o seu “oposto”. DesAgrado demonstram a afirmação do assujeitamento ao padrão binário imposto no retorno ao masculino. E ReAgrado? Representa a volta ao feminino constituinte do cis-tema.⁹⁶²

Recordemos a frase “meu nome é Agrado, pois nasci para agradar os outros”. Para existir, constituir-se e sentir-se sujeito, *gente*, deve satisfazer aos seus anseios de satisfazer @ outr@. Isto encontraria consonância no que Butler denomina *ligação apaixonada ao assujeitamento*. Assujeita-se à norma das identidades de gênero femininas para sentir-se feminina – e para *sujeitar-se às expectativas sociais do que é ser feminina* – ou masculino, no caso dos homens trans. Remete também aos regimes de validação do crer de Hervieu-Lèger: para *ser autêntic@*, antes de tudo precisa-se *ser*, e ser vist@, aceit@ e (re)conhecid@ pel@ outr@. Para Agrado, ReAgrado e DesAgrado, mais do que o “desejo de aparência (parecer ser o oposto do que não se quer ser)”, existe o “desejo de ‘aparecência’ (desejo de aparecer), desejo de evidência de uma corporalidade construída.”⁹⁶³ O mesmo ocorre com DesReAgrado, mas esta não parece ter esperanças no momento de ser reconhecida em sua *aparecência*, visto perceber seu templo *em ruínas*.

No caso dos relatos de Agrado, DesAgrado e ReAgrado, deve-se agradar a si mesmas ao assujeitar-se a um binário, agradar ao/à próxim@ e principalmente, a Deus. Em uma perspectiva de Agrado e ReAgrado, “se o templo do Espírito Santo é meu corpo, adorno como quero”, e numa concepção de DesAgrado, “como Jesus vai habitar neste templo deformado que eu tenho? Reforma já!”.

Em *Mecanismos psíquicos do poder* Butler fala sobre a ideia do *tropo*. Este termo – uma figura de linguagem, uma metáfora, no caso -, deriva do grego **τρόπος**, *trépo*, que significa *girar, rodar, fazer a volta* – diz respeito à mudança de significado, ou/e de direção. Em Butler, o termo relaciona-se às relações de poder: tal *giro* ou *volta* é relativa à possibilidade de (re)significação do *eu*, da subjetividade – em situação de dominação e assujeitamento: é a (re)criação e (re)invenção de si a partir da *resistência* às normas, quando é exercitado o *cuidado de si* como prática subversiva e reflexiva de liberdade. São diversos os giros remetentes às (re/des)transições/(re/des)conversões.

⁹⁶² Acerca dos limites entre transgressão e sujeição ao binário em pessoas transgêneras, acesse a dissertação de Leticia Lanz: LANZ, *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*, 2014.

⁹⁶³ MALUF, 2002, p. 145.

Pode-se falar aqui, citando Haraway, em *eu* e *@ outr@*, ou Maluf, em *englobad@* e *englobante*, na medida em que há “um dualismo hierárquico em que sempre um dos termos acabará englobando o outro – no caso da cultura de gênero, o termo ‘englobante’ invariavelmente tem sido o masculino.”⁹⁶⁴ Agreguemos: “no caso da cultura generificada/religiosa”. Para a autora, “o masculino é a ausência de gênero (o englobamento da diferença no sujeito universal); o feminino é o gênero (o termo que marca a diferença, onde a particularidade aparece)”⁹⁶⁵, e de modo semelhante, falar de “identidades de gênero” é referir-se às transgeneridades - não se costuma falar em “identidades cisgêneras”.⁹⁶⁶ De modo similar, falar de gênero é falar de feminilidades – e de homossexualidade – não costumamos pensar relacionalmente ou particularmente nas masculinidades heterossexuais. E porque isto? Provavelmente, por que a dominação opere pelo apagamento de si. *@* “diferente é *@ outr@*”. É relevante pensar que mulheres transexuais e travestis *invertem* sua condição de englobantes para englobadas, ao identificarem-se/definirem-se como mulheres ou de outros modos no plano do “feminino”. De modo semelhante, pessoas trans* n-b que foram designadas “homens” no nascimento, ao assumirem sua feminilidade (ainda que de modo diverso da de pessoas trans* binárias) ou sua ageneridade, abdicando de alguma (ou toda) forma à sua condição “masculina”, passam de englobantes a englobades/englobadas. É o caso em que “o ‘predador’ se torna ‘presa’, em que

aquele que estruturalmente se encontra na posição de sujeito busca se construir contingencialmente como sujeito, não mais na posição estruturalmente fixada, mas na experiência instável da transformação do devir como movimento sem fixação final.”⁹⁶⁷

São os casos de Agrados, que podem sofrer assujeitamentos do discurso religioso por se identificarem no feminino – e quando retornam ao masculino na figura de DesAgrado, readquirem a figura assujeitadora do masculino – reforçada pelo cis-tema religioso. Às que retornam à figura de ReAgrado, se é acompanhada pela nova condição de englobada.

Evidentemente, não podemos dizer que a constituição da identidade trans* ou ex-trans* a partir da (re/des)construção do corpo esteja *primordialmente* vinculada ao assujeitamento *ao/à outr@*. Provavelmente – mais que tudo – estas pessoas procuram assujeitar-se aos *seus próprios* desejos e expectativas de “ser e sentir-se mulher” – “ou homem”. Ou mulher e homem *de Deus* cujo corpo *pode ser habitado pelo Espírito*. Mas ainda assim a relação entre subversão e enquadramento a determinado binário se (re/des)constitui. Enunciação e assujeitamento / eu e *@*

⁹⁶⁴ Idem, 2002, p. 150.

⁹⁶⁵ Ibidem, 2002, p. 150.

⁹⁶⁶ Aliás, você que está lendo esta tese, antes da mesma conhecia o conceito de cisgêner@? Sabia-se cis? Ou conhecendo as categorias de cis e trans* considera-se em outro lugar identitário?

⁹⁶⁷ Ibidem, 2002, p. 151.

outr@ / englobante e englobad@ / Lugar e Não-Lugar comungam sem fazer acepção de instituição religiosa, se uma diz *você é travesti* a outra diz *você não é*: descrevem-se/prescrevem-se identidades, ambas aparentemente dentro do binário religioso/generificado remetente ao *você é travesti de Deus /você é ex-travesti de Deus*. Ou do capeta.

Mas fica a questão: isto não ocorre também com as pessoas cisgêneras? O que é parecer homem? E parecer mulher? *De Deus* ainda por cima? @s cisgêner@s não estão – a todo momento – reiterando estas normas, procurando adequar-se a elas?

É aqui que voltamos à questão das identidades, provavelmente fluidas e derretidas em um *caldeirão identitário*⁹⁶⁸, *líquidas*⁹⁶⁹, *em rasura*⁹⁷⁰, e não como chegada, mas como intenção, busca, *alvo*⁹⁷¹. Por mais *(des)agradável* que seja o assunto das transições, des-transições e re-transições, é importante seguirmos as trilhas de Agradados, DesAgradados, ReAgradados: quais as relações entre (re/des)engenharias do corpo e da alma?⁹⁷²

Se Agrado representa uma “tentativa de *subversão ao assujeitamento*” (por mais que também *reitere o assujeitamento*), o que dizer de DesAgrado? Seria *tentativa de assujeitamento da subversão*? E ReAgrado, subversão de assujeitamentos de outras subversões?

É possível dizer que a pessoa ex-travesti *retornou ao armário* ou isso seria reducionista? E a pessoa ex-ex-travesti, teria saído do armário *novamente*? Ou o armário do gênero conecta com o armário de Jesus?

Neste contexto religioso-generificado, o que parece valer é que Agrado, DesAgrado ou ReAgrado (vale para identidades-desdobramentos como uma possível *Exrreagrado*, por exemplo) – @ convertid@, @ desconvertid@ e @ reconvertid@ – estejam de algum modo conectadas com o *sagrado*, ainda que seja o sagrado de gênero (ou o gênero (como) sagrado).

Mas como ficam outras figuras da mobilidade de gênero, como DesReAgrado e PósAgrado?

No primeiro caso, tais pessoas muitas vezes percebem a si mesmas como abjetas – *monstros*, como mencionou Tirésias D., e tais conformidades físicas (e psíquicas) se associam às identidades espirituais. É como se houvesse a plaquinha “São Pedro só deixa entrar homem e mulher”. Lamentavelmente, a abjeção/monstruosidade é aprendida/apreendida com o discurso

⁹⁶⁸ MARANHÃO F^o, *A grande onda vai te pegar*, 2013.

⁹⁶⁹ BAUMAN, *Modernidade líquida*, 2001.

⁹⁷⁰ HALL, *Quem precisa da identidade?*, 2000.

⁹⁷¹ AGIER, 2001. Distúrbios identitários em tempos de globalização, 2001; SANCHIS, *Inculturação? Da Cultura à Identidade, um Itinerário Político no Campo Religioso: o caso dos agentes de Pastoral negros*, 1999.

⁹⁷² É fundamental problematizar *porque* os corpos são (re/des)construídos e muitas vezes, *a partir de quem* – de que influências. Reforço minha posição de repúdio à qualquer patologização/pecadologização das identidades trans* ou de quaisquer formas de identidade.

religioso/generificado que associa salvação do corpo e da alma, e aquel@s que percebem seu corpo fora da caixinha salvífica de gênero, se crêem indign@s de banquetear com Cristo. A reforma íntima deve passar pela (re)arquitetura do corpo e espírito.

No caso de PósAgradados, ou pessoas que se vêem politicamente como não-binárias agêneras ou pós-gênero, algo a se considerar é a relação com a passabilidade. Quando tais pessoas são identificadas em um binário, ainda que não se vejam desta forma, ficam menos passíveis das tentativas de assujeitamento. No caso de pessoas n-b que se identificam como agêneras e são percebidas como algo que não tem lugar certo no cis-tema, podem surgir resistências associadas à religião. Na narrativa de Hermafrodit@ C.,

minha avó é católica e não admite que eu tenha aparência andrógina menos ainda que eu me veja sem sexo e gênero. Ela diz que eu nasci menina e tenho de morrer menina, que odeia ver que a menina que ela criou morreu e que tem um troço que parece menino na frente dela. E que Deus não me aceita misturada. Então tenho me camuflado. Quando fico na casa dela procuro passar por menininha, saio de lá corrida prá ter minha identidade que às vezes é bigênera na expressão mas aqui dentro é agênera, é pós-gênera. Não tenho gênero nenhum. Pior que sou super catolique (risos).⁹⁷³

Assim, o corpo rege se a pessoa entra no céu também em casos de pessoas pós-gênero vistas como andróginas ou que desregulam as expectativas cis-têmicas (ou talvez *totêmicas* se pensarmos gênero como sagrado). Enquanto a pessoa for passável como mulher ou homem pode se situar no *Lugar* por excelência, operando como englobante em relação a quem *transgride* claramente as normas – passou para o continente da ilegibilidade/ilegitimidade, engloba-se em um giro performático que pode custar a passagem pros paraísos, tanto o religioso quanto o de gênero. Pelo menos na concepção alheia.

Como vimos nas concepções apresentadas, corpo e espírito tem estreita relação. Josi e Jesus simplesmente se amam independentemente do corpo da primeira (e provavelmente do corpo do segundo), e Alexya demonstra que Deus fez uma linda obra na vida dela quando ela refez seu corpo (ou refizeram junt@s). Felipe ainda está *em obras* – seu templo vai sendo reconstruído por Deus com auxílio de Tauana e da FPN: o importante é que tal templo remeta ao Lugar e siga o Bom Caminho.

Em alguns casos o devir trans* atrapalha o celeste porvir – em outros é o veículo de condução ao paraíso. No primeiro, deve-se (re)costurar o corpo de acordo com os moldes sonhados por

⁹⁷³ HERMAFRODIT@ C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Deus. No segundo, costura-se o corpo de acordo com os designios do Criador: superada a provação de acordo com a divina aprovação.

Em ambos os casos, a religião estimula as engenharias de sexo/corpo/gênero, discurso religioso fundamentando discurso de gênero. Mas é possível pensarmos numa retroalimentação: o discurso de gênero fomentando a concepção religiosa.

As concepções *Deus criou o homem e a mulher* ou *Deus criou Adão e Eva* podem apontar para o seguinte: não se tratam de discursos puramente religiosos, mas conectados com discursos de gênero. Neste sentido, a Bíblia pode ser considerada um livro religioso e também um livro de gênero (dentre outras possibilidades). Ela não regula apenas religião, nem apenas gênero, mas se pretende regular todos os aspectos da vida. *Religião e gênero*: onde começa um e termina o outro?

A conversão/salvação d'alma se condicionam na *conversão/salvação de sexo/corpo/gênero*, e talvez vice-versa.

Para um melhor entendimento das possíveis relações entre discurso generificado/religioso e elaboração de identidades e corpos religiosos/generificados, observemos a tabela que segue.

Discurso religioso/generificado atuando na elaboração identitária e corporal	
Igrejas inclusivas LGBT*	Ministérios de (des)conversão de travestis
Discurso de inclusão d@ filha pródig@ como ele está em termos generificados	Discurso de inclusão d@ filha pródig@ como ele deve se (re)constituir em termos generificados
Quando Rev Cris diz à Josi, <i>você é uma travesti</i> inaugura e/ou reforça uma série de atos performativos de gênero a respeito do <i>que é</i> ser travesti Tal enunciação e os atos decorrentes também podem ser religiosos à medida que a binariedade mulher/feminino (onde <i>a travesti</i> se encaixa) e homem/masculino retroalimentam à religião (cristã ao menos)	Quando Tauana diz a Felipe, <i>você é homem</i> , inaugura e/ou reforça uma série de atos performativos de gênero a respeito do <i>que é</i> ser homem Tal enunciação e os atos decorrentes também podem ser religiosos à medida que a binariedade mulher/feminino e homem/masculino retroalimentam à religião (cristã ao menos)

Quando Rev Cris diz à Josi, <i>você é uma travesti de Deus</i> , inaugura e/ou reforça uma série de atos performativos a respeito do que é ser <i>travesti</i> e ser <i>de Deus</i>	Quando Tauana diz a Felipe <i>você é um homem de Deus</i> , inaugura e/ou reforça uma série de atos performativos a respeito do que é ser <i>homem</i> e ser <i>de Deus</i>
Quando Alexya diz <i>esta igreja me empoderou a ser eu mesma</i> , demonstra a retroalimentação entre discurso religioso/generificado e elaboração identitária	Quando Rouvanny diz <i>esta missão fez eu ver quem eu sou</i> , demonstra a retroalimentação entre discurso religioso/generificado e elaboração identitária
Quando Alexya diz <i>esta olha a obra que Deus fez na minha vida</i> e mostra seu corpo, demonstra a retroalimentação entre discurso religioso/generificado e elaboração identitária e do corpo	Quando Felipe posta em seu FB que <i>está em obras</i> , sinaliza para a retroalimentação entre discurso religioso/generificado e elaboração identitária e do corpo
Discursos como <i>Deus me ama eu sendo travesti ou transexual</i> demonstra <ul style="list-style-type: none"> . a relação entre sexo/corpo/gênero e religião/espiritualidade . a importância do sistema sexo/corpo/gênero na relação com o Sagrado . sinaliza para a relação entre corpo e espírito . sinaliza para a relação entre aceitação de Deus do corpo trans* 	Discursos como <i>Deus me ama eu sendo homem (cis)</i> demonstra <ul style="list-style-type: none"> . a relação entre sexo/corpo/gênero e religião/espiritualidade . a importância do sistema sexo/corpo/gênero na relação com o Sagrado . sinaliza para a relação entre corpo e espírito . sinaliza para a relação entre aceitação de Deus do corpo cis
Possibilidade conclusiva: discursos religiosos/generificados podem atuar na elaboração identitária e corporal generificada/religiosa	Possibilidade conclusiva: discursos religiosos/generificados podem atuar na elaboração identitária e corporal generificada/religiosa

Imagem: Discurso religioso/generificado atuando na elaboração identitária e corporal religiosa/generificada

Se nos ministérios anônimos de recuperação/conversão de travestis da SAL e das igrejas de SGC há a concepção de que corpo e alma *são de Jesus* e por Deus feitos masculinos, e nestes templos não se deve mexer, em inclusivas como a CCNEI e a ICM corpo e alma *são de Jesus* e mesmo que o primeiro tenha sido moldado masculino, neste tempo pode-se mexer sim. Para algumas instituições, bem para algumas pessoas, dentro e fora destas, *o cadastro pode ser alterado*. Para outras, não.

Eu mesma fui *alterando o cadastro* da tese – ou a *transicionando* – de acordo com o acompanhamento de vários fluxos individuais, coletivos e institucionais relacionados a pessoas t* binárias e n-b. A tese *tomou corpo* a partir de dois campos importantes e separados por 4

anos: julho de 2010 e julho de 2014. A partir do primeiro, fui percebendo o empoderamento dado pela ICMSP a Josi para sua transição/conversão de sexo/corpo/gênero/alma/identidade/expressão. O segundo, em julho de 2014, demonstrou o empoderamento dado pela SAL à *destransição/desconversão* sexo/corpo/gênero/alma/identidade/expressão e também orientação sexual. Através da SAL/AM, percebi ainda outras experiências conversoras de corpo/alma, expressas/impressas em pessoas que se *redesconverteram*, ou que se sentiram em um Não-Lugar em que os resultados de conversões diversas não eram legíveis e portanto suas almas/corpos, deslegitimados perante si mesmas.

*M*antendo a (re/des)conexão gênero+religião

O ptar por *novas religiosidades* ou *novos gêneros* indica que esta pessoa dará menor importância aos referentes tradicionais de religião e/ou de gênero e ao seu legado familiar/cultural como ancoramento subjetivo. Navega-se mais livremente ao se optar por uma religiosidade ou transgeneridade mais fluida e self: “quando percebi que podia ser livre e me assumir como trans, e ter minha espiritualidade do jeito que escolhi, me senti completa”, disse Atena A.⁹⁷⁴ Neste sentido, é possível pensar que a busca individual leva a certo sentido de *salvação*, quer seja religioso, quer seja de gênero. Ou de ambos, no caso. *Self religion* e *self gender* conectad@s e ativad@s.

Mas nem sempre a experiência trans* é necessariamente de *transgressão*. Muitas vezes *há um desenquadre para se enquadrar*. Explico: a pessoa é designada compulsoriamente em dado sistema sexo-gênero (feminino ou masculino) e faz sua travessia para o outro pólo, de identificação. Em grande parte dos casos, a pessoa se desencaixa do sexo-gênero que lhe foi imputado para realizar o encaixe no “lado oposto”. Assim, o que parece revolucionário pode apresentar, ao menos aparentemente, um aspecto paradoxalmente conservador relacionado à binariedade de gênero.

Em termos religiosos, o mesmo pode ocorrer: a pessoa pode abandonar sua religião “de nascimento” para se enquadrar nos supostos da religião de escolha. Ora, e o que estas coisas tem de errado? Absolutamente nada – mas merecem ser problematizadas.

Até aqui observamos fluxos e ciborguismos identitários de gênero que se relacionam com fluxos e ciborguismos identitários, podendo dar vistas a retroalimentações do discurso religioso+de gênero. Um exemplo de ciborguismo religioso e de gênero está na narrativa “sou alguém que é metade demigirl e a outra metade dividida em agêner e bigêner. Na religião sou meio budista e na outra metade do tempo, meio católique e meio agnóstique.”⁹⁷⁵

⁹⁷⁴ ATENA A. *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

⁹⁷⁵ HERMAFRODIT@ H., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2014.

Como Hervieu-Léger comenta, “as crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições”.⁹⁷⁶ Uma postagem de Alexya – falando de gênero – pode dar vistas a isso:

Imagem: Seja GENTE!⁹⁷⁷

É de se refletir: aconteceria algo de semelhante em relação aos NMG? Conversei com uma pessoa que me explicou conhecer um indivíduo auto-declarado *genderfucker*:

então, esta pessoa tem barba e seios. Ela se define um pouco travesti, pois usa seu pênis sem ter o tal repúdio a ele, se define um pouco homem, pois tem barba e pelos, se define um pouco mulher trans por causa da feminilidade, próteses nos seios, e é genderqueer. Bagunça tudo.⁹⁷⁸

Este seria um exemplo de uma composição vista como insólita por muitas outras pessoas. Mas questionemos: se ninguém se choca com o sujeito que bricola santo padroeiro, anjo da guarda e orixá de cabeça, porque ainda se choca com aquel@ que mescla referentes de gênero diversos em sua aparência física? Por que est@ não poderia misturar as identidades de gênero que quiser? Outro exemplo está na narrativa de Hermafrodt@ E.:

minha identidade de gênero é não-binária. Minha expressão de gênero não é. Ela é masculina. E tenho muita disforia com isto. Eu quero casar a minha expressão de gênero com a minha identidade de gênero. Conversei com alguns cirurgiões para fazer uma cirurgia experimental no Brasil. Não tenho disforia com meu pênis mas tenho o desejo de ter uma vagina. No Brasil ainda é impossível uma pessoa fazer uma CRS deste tipo. Mas quero ter

⁹⁷⁶ HERVIEU-LÈGER, 2008.

⁹⁷⁷ SALVADOR, postagem em perfil pessoal de FB, 2014.

⁹⁷⁸ ATENA A., *entre-vista a EMAMF*, 2012.

os dois órgãos genitais. Há pessoas intersexo que têm. Acho perfeito. Queria ser assim. Me vejo com os dois sexos, inclusive na genitália.⁹⁷⁹

Talvez tal narrativa desestabilize quem a leia. Mas consideremos: se é possível realizar uma CRS para se adaptar o genital da pessoa ao seu gênero de identificação, porque seria menos plausível ou “lícito” (em termos “morais”, não científicos) que tal pessoa realize cirurgia para adaptação de sua genitália recebendo um novo genital e permanecendo com o de origem? De novo, a analogia com a religião: alguém se chocaria com um sujeito com *dupla pertença religiosa*, por exemplo, católico e candomblecista e que utilize adereços das duas religiões? E com aquela pessoa com *dupla pertença de sexo-gênero*, que possua dois genitais? Aliás, isto aponta, como sugerido na própria narrativa, para as próprias pessoas intersexuais, muitas delas tendo naturalmente os dois genitais (ainda que geralmente um menos desenvolvido que o outro). Por que o primeiro exemplo de justaposição/dupla pertença (religiosa) ainda choca mais que o segundo, de *justaposição/dupla pertença genital*?⁹⁸⁰

Devemos considerar algo ainda, em relação a tal dupla pertença: no caso da pessoa católica+candomblecista, os rituais e elementos cúlticos podem se combinar simultaneamente ou não. Ela pode realizar um sincretismo em seu altar pessoal (ou outro local de culto).

Ainda que nas NMR existam bricolagens, Guerriero também infere que

a conversão total e irreversível ao protestantismo, por exemplo, e a outras religiões que assim exigem, é exceção em uma sociedade que não requer rompimento para confirmar a adesão do fiel a um novo sistema religioso.⁹⁸¹

Em relação às transgeneridades, é perceptível a relação pendular entre fixidez e fluidez. Como explicou uma ativista do movimento transexual feminino:

a travesti é aquela que tem tesão com seu pênis. A mulher transexual é aquela que tem ojeriza pelo pênis e que não vê a hora de amputá-lo. O homem trans que não quer retirar os seios não é um homem trans.⁹⁸²

Podemos considerar tal perspectiva como *fundamentalista* em relação às transgeneridades, visto procurar determinar papéis fixos a pessoas trans*: deve-se converter o gênero de modo definido e definitivo como *rezam* manuais diagnósticos como o DSM.

Guerriero lembra que

⁹⁷⁹ HERMAFRODIT@ E., *Entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

⁹⁸⁰ Chamo aqui de justaposição pois em ambos os casos não me parece haver uma síntese, mas a associação de elementos distintos (ainda que não necessariamente ambíguos ou conflitantes).

⁹⁸¹ GUERRIERO, 2006, p. 54.

⁹⁸² ATENA C., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

os campos dos saberes tendem a não possuir mais fronteira rígidas. Tanto há religiosos que se apoiam nas palavras da ciência como cientistas que buscam nos grandes mitos da humanidade uma coerência em seus discursos e a eliminação da frieza e da falta de sentido muitas vezes presentes em seus trabalhos.⁹⁸³

No caso de ministérios de “conversão” de travestis, um de seus principais apoios está nos discursos *psi*. Mas a ciência é vista como validadora por muitos outros segmentos, inclusive parte das pessoas trans* (inclus@ s ativistas). Para muit@s, mesmo algumas pessoas que *pregam* a despatologização das identidades trans, o que é descrito nas *bíblias diagnósticas* acerca das fronteiras entre o que é ser travesti e ser transexual é *dogma* a ser defendido e posições contrárias, combatidas. É certo que há um contexto de preservação da garantia de direitos como TH e CRS, mas para além, há quem advogue que as fronteiras “estabelecidas” devam ser reforçadas. Neste caso, as fronteiras definidas pelas áreas psi são *religiosamente* defendidas. Há um mercado dos bens simbólicos generificados a ser estimulado dentro do campo de gênero: “para ser travesti, adquira seios, para ser transexual, faça a redesignação”. Mas nem todas as pessoas que se marcam/declaram travestis desejam colocar próteses nos seios e nem toda pessoa que se entende (então é) transexual pretende fazer a CRS.

De certo modo, grupos que pregam a exclusividade do pertencimento nos moldes “ser transexual é”, “ser travesti é”, “ser transgêner@ é”, agem de modo sectário – separando as categorias e separando (“cortando” do seu meio) o *joio* (os grupos discordantes ou dissidentes) do *trigo* (os próprios grupos). Aquel@s que criam seus próprios mecanismos de marcação/declaração/pertencimento de gênero transitando por diferentes *confissões* é o ser a ser *satanizado*.

No caso dos NMG, as posições fixadas não parecem exceções: a maior parte das pessoas trans* com quem conversei entendem que *conversão é só uma vez* e deve ser bem feita, com todas as etapas presumíveis. Tal *religiosidade de gênero* não é difusa e flutuante como em bricolagens em que se *ciborguizam* meditação zen-budista e leitura da Bíblia, por exemplo. Ou em atos n-b/genderfucker que mesclam elementos distintos de feminilidade e masculinidade como usar saia e blazer, por exemplo. Provavelmente, no caso genderfucker, o que ocorra seja a recusa ao controle institucional de gênero binário (trans* ou cis) e suas ideias *ortodoxas* de verdade única – ainda que uma certa ideia de transformação pessoal e de *revelação* também se presentifiquem.

Talvez, conectando as pessoas trans*, *a verdade seja única* (“não concordarás com seu sexo-gênero de nascimento”), ainda que esta possa ser alcançada por vias distintas.

⁹⁸³ GUERRIERO, 2006, p. 62.

Fluidez e fixidez também podem, não apenas estar em uma situação de *entre*, mas *comungar*. Há pessoas travestis e transexuais que se dizem n-b. Como as amarras institucionais de gênero em alguns momentos se afrouxam, é possível se declarar *praticante de uma confissão generificada mais tradicional* (como a travestilidade ou transexualidade parecem ser em relação à transgeneridade n-b), e se dizer *adept@ de uma generidade que prega a flexibilidade*: “sou transexual, operada, redesignada, mas ao mesmo tempo não sou homem nem mulher, sou fluida de gênero”, como disse Hermafrodit@ F.⁹⁸⁴ Promove-se assim um amálgama de crenças de gênero particular.

Em ambos os casos, nas *devoções* trans* binárias e não-binárias, um elemento que as une está em seu caráter de formação *em* e *de* redes. A experiência trans* é dependente, em muitos casos, das vivências trocadas com semelhantes na rede (como no FB), e tais redes sociais, por sua vez, fazem o papel das instituições “convencionalmente estabelecidas”. Como escutei,

eu passei por várias religiões, até muçulmana eu fui. Nunca fui aceita. Mas me encontro na instituição do Face. E no Face troco mensagens religiosas com um monte de meninas evangélicas.⁹⁸⁵

O FB é para Atena A. sua *nova congregação*. Se *desconecta* com a instituição e se *religa* no divino através da rede social – e de redes específicas com laços mais ou menos passageiros. Rompem-se dadas amarras institucionais mas mantem-se o sagrado vivo. Mais que isto, de algum modo, o FB é espaço de autonomização religiosa: pode-se criar *textimagens*, compartilhá-los e curtir os *textimagens* de sua *rede de irm@s*, e a troca de mensagens pode *acender a centelha divina* de cada um@. É possível *pregar* a um número incomensurável de pessoas, ampliando a ideia de liderança religiosa. Pode-se tornar *seu/sua própria Senhor@*, sem a necessidade do apoio institucional religioso. Para algumas pessoas trans*, talvez o FB seja *o Caminho, a Verdade e a Rede*. E retornando às metáforas, as *estacas* de gênero também podem ser *alargadas* e nov@s *fiéis* conectad@s/conquistad@s.

Desconectando-se das instituições formais, o sujeito pode transitar mais livremente pelas religiões, pelos gêneros e claro, pelo FB. Provavelmente as “antigas” ideias de obrigação e permanência se mostrem menos presentes ou até ausentes.

Guerriero suspeita que

os valores hoje pregados pelos NMR, como a autonomia do indivíduo diante das instituições religiosas, a ideia de que cada um é portador da centelha divina e de que fazemos parte de

⁹⁸⁴ HERMAFRODIT@ F., *entre-vista por FB a EMAMF*, 2014.

⁹⁸⁵ ATENA A. *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2012.

uma totalidade, não havendo, portanto, criador nem criatura, estariam disseminados no conjunto mais amplo da sociedade.⁹⁸⁶

Tais suspeitas, direcionadas às influências das NMR em religiões tradicionais, poderiam ser feitas relacionadas às questões de gênero. Quem sabe os NMG – talvez especialmente os que pregam a n-b – não reflitam tal ideia quando não se vêem como criaturas generificadas e repensem seu supremo criador, o gênero? Se non è vero, è bene provato.

É possível ainda pensar em outra imbricação entre religião e gênero – numa *interinfluência*: questões de gênero reverberam nas religiosas e a religião ecoa sistematicamente sobre as identidades e demandas de gênero.

Guerriero comenta que

a secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso, uma vez que, não havendo as amarras das instituições religiosas, o indivíduo pode manipular os bens simbólicos construindo seus arranjos religiosos sem medo de quebrar o eixo central onde está apoiado.⁹⁸⁷

É possível que a secularização, afrouxando as amarras religiosas, também tenha possibilitado a eclosão de trânsitos de gênero, constituídos de arranjos e bens simbólicos específicos? E ainda hipoteticamente, um Congresso Nacional como o eleito em 2014, com uma maior profusão de polític@s evangélic@s e católic@s ligados a pautas conservadoras, pode obstacularizar o avanço dos direitos de pessoas trans*? Me parece que sim. Guerriero, acerca da separação entre Igreja e Estado, escreve: “o direito é, hoje, baseado em uma visão racional e até científica. Ninguém admitiria mais o estabelecimento de leis a partir de pressupostos religiosos”.⁹⁸⁸ Será? Poderemos confirmar isto nos próximos anos – como @ leitor@ percebe, minha visão sobre o atual Congresso Nacional é pouco otimista.

A religião encontra-se em *tudo ou quase tudo* em termos sociais. E *comunga* constantemente com o gênero, paquerando deliberadamente as transgeneridades. Influenciam as decisões políticas, jurídicas, a saúde, as áreas psi, a academia, a mídia, os novos laços societários e identificações, as adesões fixas e/ou provisórias. No Brasil contemporâneo, o cristianismo representado pela ICAR e igrejas evangélicas, sobretudo pentecostais e neopentecostais, entendem-se como bastiões da moral conservadora religiosa linkada à de gênero: as homossexualidades (ou o “homossexualismo”, como referem-se), de onde supostamente aflorariam as transgeneridades, são um mal a ser combatido com unhas e dentes não só

⁹⁸⁶ GUERRIERO, 2006, p. 65.

⁹⁸⁷ Idem, 2006, p. 50.

⁹⁸⁸ Ibidem, 2006, p. 51-52.

espirituais mas políticos e mediáticos, ou ainda acadêmicos, biológicos, científicos e das “psi”. Tais grupos religiosos muitas vezes ferem supostos da liberdade religiosa e da liberdade de gênero e obstaculizam políticas públicas de Estado.

Um exemplo está nas discussões recentes acerca do avanço (neo)pentecostal no Congresso Brasileiro, com a crescente (da) bancada evangélica no mesmo, a indicação do pastor Marco Feliciano para a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da referida, o veto dado pela presidenta Dilma Rousseff ao Kit Anti-Homofobia e a reprovação do PL 122.

E claro, as instituições religiosas não são autônomas, mas formadas por pessoas, em muitos casos por famílias. E algumas delas *pregam* a conformação dos indivíduos no que entendem ser o padrão aceitável *por Deus* (ou por deus@s, entidades, mentor@s, etc). E são tais famílias precursoras do conservadorismo que dão base para partidos políticos que tem como bandeiras principais a Família Brasileira no modelo Dorian, com papai+mamãe+filhinh@, o que deixa de fora uma infinidade de cidad@os que por motivos diversos não compartilham dos mesmos padrões e ideais. Tais famílias associadas a dadas religiões ainda fundamentam grupos como o CPC (Corpo de Psiquiatras Cristãos) e diversos ministérios de conversão à heterossexualidade = ministérios de reversão da homossexualidade – sendo que alguns deles tem como foco específico as pessoas trans*. Em ambos os casos, do CPC e dos ministérios que “convertem” travestis e transexuais, a doutrina se fundamenta na *desprogramação cerebral e espiritual* em diversas formas.

Fica a pergunta: haveria no Brasil aceitação das NMR? E das NMG? Riquíssimo e polissêmico quanto às variabilidades religiosas e de gênero, seria o Brasil um país justo e democrático em relação a tais marcadores de diferença e identidade? Todo mundo pode ser o que quiser ou deve se conformar a padrões ideais?

No FB, as religiões e religiosidades, bem como espiritualidades, ateísmos e agnosticismos representam oceanos de crenças e descrenças que se (re/des)conectam criando negociações e tensões, e indicam sujeitos políticos que (re/des)estabelecem adesões, comunidades, redes e filiações. Nos grupos, perfis e páginas de pessoas trans* e/ou que falam sobre transgeneridades, emergem diversas postagens acerca das relações subjetivas entre religião e variabilidades de gêneros e/ou orientações sexuais e afetivas. O FB serve na difusão+globalização de identidades religiosas e de gênero. Não é mais necessário aguardar a chegada d@s *missionári@s* de gênero ou religiosos@s. Com um *click* ou um *like* se acessa tanto os templos tradicionais de gênero e de religião como @s NMG e NMR – incluindo as possíveis NIR e NIG *no* e *do* ciberespaço. Como explica Atena K.,

me classifico como CD porque só me travisto de mulher na web. Descobri que posso ser mulher às vezes através de grupos do Facebook e do BCC.⁹⁸⁹ Esta é minha identidade de gênero online. Fora faço o machão empreendedor e católico sem problemas.⁹⁹⁰

Quando falamos de NMR, pensamos em uma variedade amplíssima deles. O mesmo vale para os NMG, com seus/suas milhares de *adept@s*.

Dentro dos NMG há também formas de discriminações internas. Há movimentos que *pregam* a fixidez identitária, enquanto outros proclamam a fluidez. Se para *@s* segund@s a *Bíblia* a ser colocada num altar é *Problemas de Gênero* de Butler ou outra obra de teóric@s queer, para as primeiras, o gênero deve ser *convertido* apenas uma vez. Há assim *fiéis* da transgeneridade não-binária que *pregam* que tod@s sejam n-b. E *adept@s* da binariedade transgênera que fomentam um mundo binário, ainda que possibilitando um trânsito único em direção ao *paraíso binário*: o importante é não permanecer em nenhum *purgatório não-binário*, nem nas *trevas* do sistema sexo-gênero que lhe foi imputado, claro (a não ser no caso das pessoas cis que concordam com o sistema sexo-gênero de nascimento). Enfim, talvez sejam distintas *teologias de gênero*.

A todas estas posições, apresento a minha (ainda que caíndo em relativismo não-desejável), que não é necessariamente melhor nem pior. Quem quiser ser binári@ e quem quiser ser não-binári@, *que assim seja, amém*.

Saindo e/ou entrando em armários ciborgues, ou abrindo e fechando os mesmos, foram se destacando na tese exemplos de transgeneridades e ex-ex-transgeneridades *no* e *do* ciberespaço e em rede com o mesmo.

@ (in) fiel de gênero pratica, peregrina e/ou se converte, torna-se adept@ do ateísmo de gênero e/ou é salv@, torna-se bendit@ ou maldit@ através das conexões mais ou menos *agradáveis* com o Sagrado Gênero pelos pixels, bits e bites da internet – e/ou em rede com ela.

Agrados, NeoAgrados, ReAgrados, PósAgrados e DesReAgrados se (re/des)costuram, (re)aniquilam e (re/des)subjetivam / (re/des)identificam, superando as expectativas mitológicas de Tirésias e a ficção de Almodóvar. Tais (re/des)conexões mostram conexões em redes ou *redesconexões* em que a fé de gênero ou a fé no gênero se assemelha a fé religiosa e em muitos momentos se mostra mais sagrada que a própria religião. Mais do que a simples metáfora do gênero como religião, gênero é religião, é ateísmo, é crença.

Ao me posicionar no campo, fui afetado e afeitei o mesmo. O reforço de meus posicionamentos desde a infância (seriam então posicionamentos “infantis”?) de ser adept@ dum

⁹⁸⁹ Brazilian Crossdresser Club.

⁹⁹⁰ ATENA K., *entre-vista de HOT a EMAMF*, 2011.

ateísmo/anarquismo de gênero através do FB colocaram muitas pessoas binárias – cis e trans* – em posição de (des)conforto e (des)confiança, gerando tentativas de aniquilação de minha própria condição de anarquista+ateu/atéia de gênero. Sendo impossível *agradar* a tod@s adept@s de gênero ou a tod@s adept@s religiosos (se é que em alguns casos as duas expressões não expressem redundância), evocamos/invocamos/provocamos a pergunta: religião e gênero (não) se discute? Religião *de* gênero (não) se discute?

É possível queerizarmos a nós mesm@s, queerizarmos tais questões e mantermos uma postura perfeitamente respeitosa em relação a tod@ e aquel@ que não quis/não quer assinar um *contrato de queerificação* – ou se *converter à queerreligião*? Entre controvérsias a respeito de *quem quer queer* e *quem não quer queer*, é possível adotarmos postura conciliatória e fazermos ambos os públicos *congregarem*? Teríamos tal *missão salvífica*? Provavelmente não: mas um bom início é conduzir uma pesquisa ética, respeitando todos os lados da questão – ainda que façamos a *assunção* de nossas próprias posições pessoais.

Esta tese/relato etnográfico ciborgue permite pensarmos nos fluxos online+off-line e estimular (re)ações relativas a posicionamentos éticos, aqui (re)assumidos. Podemos pensar: Há distinção entre on e off? Quais as fronteiras e limites? Redes como o FB agenciam a (des)construção identitária de gênero e religião? (ou de outro marcador?) Como “nós que observamos” percebemos ou relacionamos os deslocamentos entre on e off? São deslocamentos *entre...* ou são deslocamentos simultâneos? Depende do caso? Como as pessoas “observadas” percebem e relacionam tais deslocamentos? Lembrando a dificuldade em se dicotomizar observador e observad@... somos tod@s observad@s? Somos tod@s nativo@s *na (da) rede* e *em rede*?

Por fim, para (re)pensarmos questões éticas com novos campos: devemos pedir autorização, em um trabalho no (com o) FB, para publicarmos postagens de fóruns (perfil pessoal, perfil público, grupo, evento, página)? Usamos pseudônimos? O que fazer? Como fiz aqui na tese, postagens públicas, ainda que em perfis pessoais, assim como em perfis públicos, eventos e páginas públicas, foram reproduzidas como eu reproduziria notícias diversas (ainda que não sejam a mesma coisa). No caso de postagens em perfis pessoais com visualização restrita a amigos, ou em grupos e páginas fechados ou secretos, usei do anonimato na preservação da identificação, alterando informações que pudessem identificar as pessoas e/ou pedi autorização para uso.

Através desta etnografia ciborgue/tese, algumas perguntas iam sendo reforçadas: por que converter o gênero de uma pessoa travesti? Por que a pessoa travesti converte seu gênero em *ex*? Há um determinado perfil da pessoa travesti que se converte? E um perfil das missões conversoras?

Minha tendência, em campo, foi ver conversor@s como @s nov@s *inquisidor@s* e a Bíblia como nova versão do *martelo das bruxas*. Mas será que há algo além do reforço à opressão a travestis por ministérios de conversão? Mas eu ia continuamente me colocando em xeque: estaria eu sendo reducionista? Será que há algo além do reforço à opressão a travestis por ministérios de conversão? Tudo se resumiria à fé no dinheiro? Status, testemunhos, fama, grana, vulnerabilidade, devoção, mercado, solidariedade, ajuda à/ao próximo@ ... pode ter um pouco de tudo isso – e outras coisas que não detectei. Mas o campo continua aberto a novas incursões e convido nov@s pesquisador@s a responderem estas e outras questões.

Ficam outras perguntas: assim como o FB pode servir de armário sócio-técnico (ou ciborgue) para a *assunção* trans*, pode ser também o armário que *guarda* a identidade trans* e a reelabora como ex-trans*? FB, YouTube, etc podem estimular uma pessoa travesti a se tornar ex-travesti – através, por exemplo, do relato de ex-travestis e de conversor@s? Pessoas aprendem a se montar – e a se desmontar – em contato com outras em perfis pessoais, fanpages, grupos e eventos do FB. Ambas as coisas ocorrem, e neste caso, podemos pensar na internet como centro de (re/des)elaboração identitária trans* e cis. Assim como há CDs que se montam esporadicamente, uma travesti com quem falei disse:

não fico 100% do tempo como menina, não. Quando tou com minha família na internet uso um perfil antigo de menino e no chat do Face amarro cabelo e coloco uma camiseta bem larguinha. Passo de menino prá minha família. Eles sabem da minha transição mas não admitem, e eu respeito, então vou adaptando. É isso mesmo, eu faço uma espécie de cross dresser ou de travesti ao contrário.⁹⁹¹

É possível que alguma travesti, no processo de elaboração interior para ex, faça *assunções* no FB como menino, para posteriormente assumir uma condição masculina.

Em relação à tais reelaborações, um dado importante é a *assunção* e o desaparecimento de nativ@s: algumas das pessoas com quem eu interagira online me diziam: “olha, daqui uns dias vou mudar de perfil, este de trans já era, vou voltar a ser menino”, ou “este meu perfil de Pedro não vai existir mais, vou fazer um prá Pietra”. Perfis eram convertidos de acordo com novas *salvações* pessoais de gênero. Que assim seja.

Assim como ocorre com as trans-religiosidades no e do ciberespaço,⁹⁹² existem as transgeneridades (e ex-transgeneridades) *no* e *do* ciberespaço. Umas encontram-se em rede, outras só na rede. As primeiras referem-se às transgeneridades (e ex-transgeneridades) on + off-

⁹⁹¹ ATENA L., *entre-vista deHOFB a EMAMF*, 2013.

⁹⁹² MARANHÃO F^o, *Religiosidades no e do ciberespaço*, 2013i.

line, as segundas, às transgeneridades e ex-transgeneridades assumidas apenas (muitas vezes contingencialmente) no FB ou em outros SRS, blogs, sites de compartilhamento de áudio-vídeo, etc.

Outro aspecto a se considerar através do FB é o da espetacularização de gênero e/ou religiosa. Assim como há drag queens que promovem seus shows através de perfis e páginas, há conversor@s de travestis e ministérios especializados que promovem seus eventos de cura e libertação.

Os ministérios que procuram converter travestis e *salvá-los prá Jesus* estão numa rede de tensões envolvendo missões, ONGs e igrejas financiadoras brasileiras e do exterior, polític@s evangélic@s no Congresso, diferentes formas de mídia, acadêmic@s como este que escreve agora, a biomedicina, as áreas psi, com destaque para os embates entre os Conselhos de Psicologia e @s psiquiatras e psicólog@s crist@os, igrejas (neo)pentecostais, a ICAR, os terreiros de religião afro-brasileira e outras religiões, inclusive os NMR, os NMG, os ativismos trans*, os ativismos LGB, igrejas inclusivas LGBT, ministérios de travestis e transexuais que estão surgindo, etc. Tal rede tensionada sugere diferentes formas de patologização e despatologização da identidade t*, bem como formas de pecadologização e despecadologização das mesmas. Estes escritos são frutos do fervilhamento dos acontecimentos: o que será deste campo daqui uns anos? Veremos novos ministérios que terão gênero como base de sua atuação, como é o caso dos ministérios de conversão de gente t* e das igrejas inclusivas LGBT? De minha parte, reassumo o que publiquei em 2012⁹⁹³ e o que já dizia a amig@s desde 2010 acerca do surgimento de igrejas inclusivas para a população travesti e transexual. É possível ainda que hajam segmentações. Uma igreja para travestis. Uma para homens trans. Outra para mulheres transexuais. Ou para pessoas transgêneras, no sentido mais ampliado: surgiria uma igreja queer para pessoas queer? Estaria a ICM Brasil neste caminho?

Algumas *inconclusões* talvez *desagradáveis* conectando trans-religiosidades e transgeneridades: A pessoa que transita entre religiões, por exemplo, é católica, segue para o candomblé, depois retorna ao catolicismo, depois volta ao candomblé, pode ser discriminada em um outro destes ambientes por conta de seus fluxos.

Mas a pessoa que nasce carregando a expectativa de ser um menino, é inconforme com isto, torna-se mulher, depois faz o fluxo de retorno ao esperado do nascimento, e depois retorna novamente ao pólo feminino, ou seja, é trans*, depois ex-trans*, depois trans* de novo, causa potencialmente muito mais impacto social que alguém que faz o trânsito religioso. Poderia

⁹⁹³ MARANHÃO F^o, 2012h.

gênero ser considerado uma espécie de crença religiosa? Seria algo mais “sacralizado” que a própria religião, envolvendo sistemas de crenças complexos e que não deveriam ser questionados, talvez nem mencionados? Ou ainda, o que seria religião e o que seria gênero? Gênero e religião são coisas concretas? Parodiando / completando a lacuna do tema da última Bienal de São Paulo de 2014 – “Como ... coisas que não existem” –, como *crer* em coisas como estas que não existem – ao menos não concretamente? Ou elas existem sim, graças a mecanismos e atos performativos de gênero e religiosos, muitas vezes intercambiantes? Além da retroalimentação entre seus discursos, pode-se pensar numa retrossignificação entre ambos?

Retornando ao tema da Bienal de São Paulo, como *lutar* por coisas que não existem, como o direito pleno das pessoas se auto-marcarem e auto-declararem identitariamente sem sofrerem sanções envolvendo segregações e associações patológicas e pecadológicas? Como lutar contra algo que existe, como as diversas formas de transfobia binária e não-binária?

Por que mais importante que refletir se é possível ou não a pessoa ser por exemplo travesti ou ex-travesti, é problematizar se ela se torna uma coisa ou outra graças à conexões que fazem dela com patologias, demônios, etc. É atentar para a fundação da autotransfobia em razão dos fundamentos religiosos de gênero.

Dialogando com Agrado, DesAgrado, ReAgrado e a turma toda: como agradar o sagrado sem desagradar a si mesm@? Como criar mecanismos para que @s gurus de gênero+religião+identidade “permitam” a multiplicidade de existências?

Eu diria: quem quer permanecer em “igrejas de gênero”, permaneça. De minha parte, sugiro que queimemos as igrejas fundamentalistas generificadas que existem dentro de nós mesmos. Respeitando as igrejas alheias. Por fim: gênero pode ser considerado a “nova” religião mundial em ebulição?

Lembro que este é apenas um texto provisório e instável, como quem o escreveu, que não se pretende referência a ninguém. Como brinquei em uma postagem do FB,

Imagem: “Não aceitamos adept@s”

Caso houvesse um hino para esta inexistente igreja, ele provavelmente seria parecido com uma canção de Cat Stevens, que transcrevo a seguir e serve de “hino da tese”.

A ideia da postagem (é) estimular que cada um@ desenvolvesse suas próprias concepções a respeito de possíveis caminhos e descaminhos relacionados a gênero, religião e tudo o mais. *Inconcluindo e desconectando* – já me despedindo d@ leitor@, *agradecendo* a atenção e desejando-lhe sucesso na vida –, deixo um “hino de encerramento” da tese, uma canção de Cat Stevens, seguido de uma espécie de *10 mandamentos/manifestos trans**, fundamentados em minhas observações de (em) campo ciborgue de 2010 a 2014, e uma nota “final” de campo, *Desligar para religar*.

Well, if you want to sing out, sing out
And if you want to be free, be free
'Cause there's a million things to be
You know that there are

And if you want to live high, live high
And if you want to live low, live low
'Cause there's a million ways to go
You know that there are

You can do what you want
The opportunity is on
And if you can find a new way
You can do it today
You can make it all true
And you can make it undo
you see ah ah ah
It's easy ah ah ah
You only need to know

Well if you want to say yes, say yes
And if you want to say no, say no
'Cause there's a million ways to go
You know that there are

And if you want to be me, be me
And if you want to be you, be you
'Cause there's a million things to do
You know that there are

Well, if you want to sing out, sing out
And if you want to be free, be free
'Cause there's a million things to be
You know that there are... (3x)

Bem, se você quer cantar, cante
E se você quer ser livre, seja
Porque existem milhares de maneiras de ser
Você sabe que existem

E se você quer viver pra cima, viva
E se você quer viver pra baixo, viva
Porque existem milhares de caminhos pra seguir
Você sabe que existem

Você pode fazer o que quiser
A oportunidade está aí
E você pode encontrar um novo caminho
Você pode fazer isso hoje
Você pode fazer isto acontecer
E você pode *desfazer* tudo
Você vê ah ah ah
É fácil ah ah ah
Você só tem que querer

Bem, se você quer dizer sim, diga
E se você quer dizer não, diga não
Porque existem muitos caminhos pra ir
Você sabe que sim

E se você quer ser eu, seja
E se você quer ser você, seja
Porque existem milhões de coisas pra fazer
Você sabe que sim

Bem, se você quer cantar, cante
E se você quer ser livre, seja
Porque existem milhões de coisas pra fazer
Você sabe que sim (3x)

If you want to sing out, sing out – Cat Stev

***D**esconectar/Desligar*

*C*onexões inconclusivas ou downloads não-realizados

Vem, vamos embora...
Geraldo Vandrê

It's the end of the world as we know it, and I feel fine
REM

*E*sta tese procurou apresentar algumas das formas como pessoas trans* e ex-trans* peregrinam por ambientes religiosos/generificados e (re/des)convertem seus corpos e suas almas, muitas vezes conectadas com discursos religiosos/generificados.

Para tal, me vali de uma *etnografia ciborgue*, conjunto de procedimentos que compreendeu observação participante e história oral em ambientes “online” e “off-line”. Teve realce na metodologia utilizada os pressupostos do Núcleo de Estudos de História Oral da USP (NEHO/USP), especialmente relacionados à *história oral temática* e à *história oral de vida*, e realizada tanto “off-line” como através do Facebook (FB); e a observação de campo a partir de três cenários, o próprio FB, especialmente o grupo REAPT*; igrejas inclusivas, destacadamente a ICMSP; e ministérios de recuperação de travestis, enfaticamente a SAL e o AM. Estes três cenários proporcionaram que eu seguisse os múltiplos fluxos de actantes e (re/des)transicionasse / (re/des)convertesse a tese por diversas vezes.

A escolha de tema se deu a partir de setembro de 2014. Foi neste mês que decidi qual rumo a tese deveria tomar em termos de assunto central a ser abordado. Poderia ter centrado a atenção nas peregrinações e conversões religiosas propriamente ditas, ou nas relações entre fluxo religioso e intolerância religiosa/de gênero, que era a hipótese inicial da tese. Ou nos distintos fluxos generificados e debates acerca das (des)getimimações sobre quem pode ou não ser considerad@ trans*. Em relações que iam além do assunto trans(religiosidades/generidades), como romance e família. Nas transfobias, ou na não-binariedade. Nas relações das transgeneridades com a mídia. Mas escolhi focar nas diversas formas possíveis de (re/des)carpintaria do corpo associadas a determinados discursos generificados/religiosos em razão de sua relevância social.

Procurei demonstrar como algumas destas (re/des)engenharias de corpo e alma são realizadas tendo como (re/des)conectores os discursos de gênero e religião, bem como alguns de seus (d)efeitos n'alma e no corpo. Muito poderia ter sido aprofundado, como por exemplo as relações entre a (re/des)elaboração identitária religiosa/generificada e a comunidade, ou ainda os laços de solidariedade e afetividade. Mas uma tese é feita de escolhas e realizei as minhas. Ainda assim,

admito (in)tensamente que nenhum download foi realizado em sua completude. Não sinto ter “provado” que corpos e almas são (re)desenhados a pC

10 Mandamentos–Manifestos Trans da tese*

E trouxe Moisés as Tábuas da Lei
Bíblia, Alcorão, Torá
(mas porque foi Moisés e não Rute, Noemi ou outra personagem feminina –
ou então uma personagem andrógina?)

I – Respeitarás as crenças, peregrinações e conversões de gênero d@ próxim@

Respeitarás as ciberidentidades/ciberexpressões, bem como identidades ou expressões de gênero que se apresentam somente off-line, ou que se apresentam on+off

Não regeirás sobre a *salvação de gênero* d@ próxim@

II – Não pecadologizarás identidades e pessoas trans*

Nenhuma identidade ou expressão de gênero deve ser regulada ou *pecadologizada* por nenhuma instância institucional o não-institucional. Não existem identidades ou expressões de gênero trans* que possam ser consideradas demonizadas, abominações, pecados, passíveis de abandono ou rejeição por parte de Deus/Deusa/deuses/deusas/orixás, espíritos/entidades, etc. Muito menos por líderes e membros religiosos@s

Não julgarás corpos e/ou espíritos como abjetos

III – Não patologizarás, diagnosticarás ou institucionalizarás identidades trans*

Nenhuma identidade ou expressão de gênero deve ser regulada ou patologizada por instâncias institucionais ou não-institucionais

Não determinarás a ninguém que est@ seja identificad@ como mulher/feminin@, homem/masculin@, ou não-binária

Não colocará em documentos referências ao sistema sexo-gênero,

Pensarás sexo-gênero como código aberto e não como determinante das identidades e expressões d@ próxim@

Não estimularás binariedade religiosa (“ou se é ou não se é religios@”) ou de gênero (“ou se é ou não se é mulher ou homem”)

Não cederás privilégios de nenhum tipo a ninguém por est@ ser identificad@ como homem, mulher, trans*, cis, n-b, agêner@, bigêner@, pangêner@, etc

Repudiarás a institucionalização de normas para regência do sexo-gênero d@ próxim@

Os critérios de binariedade feminina ou masculina, assim como de androginia e não-binariedade não devem ser fixados, (re)produzidos ou ministrados por instâncias jurídicas, biomédicas, estatais, administrativas, religiosas, etc, mas dizerem respeito às escolhas individuais das pessoas maiores de idade. Deve-se possibilitar que pessoas trans* fora dos padrões heteronormativos/ciscêntricos possam realizar as cirurgias que desejarem, inclusas, por exemplo, a de colocação de órgão genital independentemente da remoção do já existente. Para tal, deve-se incentivar novas pesquisas a respeito de tais possibilidades cirúrgicas. Os corpos devem seguir os anseios de suas/seus portador@s e não da suposta “coerência” esperada pela sociedade cis-heteronormativa.

IV – Não confundirás identidade de gênero com expressão de gênero ou com orientação sexual ou com orientação afetiva

Há pessoas trans* binárias e não-binárias de diferentes orientações sexuais e afetivas, assim como pessoas cis

V – Não matarás nem cometerás transfobia a binári@s e não-binários

Todas identificações ou expressões de gênero devem ser respeitadas.

Assim, sendo você cis, trans* binári@ ou não-binárie/queer:

Não praticarás trans-não-bináriefobia;

Não praticarás dragqueen/kingfobia;

Não praticarás transfobia binária;

Não praticarás travestifobia;

Não praticarás CDfobia;

E daí em diante.

Acrescente ainda: não praticarás cisfobia. Resumindo, lembra-te de respeitar @s semelhantes, sejam el@s trans* ou cis

VI – Não discriminarás crianças trans*

Toda criança terá direito a uma educação que apresente as múltiplas possibilidades binárias e não-binárias de generidade, multigeneridade e ageneridade

VII – Não discriminarás idosos@s e famílias trans*

Deve-se assegurar a pessoas trans* idosas o mesmo atendimento a pessoas cis idosas, dentro de suas especificidades

“Permitirás” a adoção e reprodução assistida a pessoas trans* que necessitarem

Não estimularás reprodução e matrimônio ou qualquer relação familiar heterocentrada que não seja do interesse d@ próxim@

VIII – Não recusarás emprego a outra pessoa por conta da identidade de gênero dela

Nem levarás em conta qualquer identificação binária ou não-binária de gênero em entrevistas de emprego, concursos ou qualquer instância seletiva,

Nem farás distinção em termos salariais ou darás privilégios a alguém por conta do sistema sexo-gênero designado no nascimento

IX – Não furtarás das pessoas trans* a sua autonomia em decidirem sobre suas vidas

Aniquilarás a heteronomia em suas relações, respeitando a autonomia d@ próxim@, percebendo que est@ nunca está tão próxim@ ao ponto de exercer escolhas no lugar dest@

A pessoa deve ter absoluta autonomia para reger sobre seu próprio corpo, sem interferência na tomada de decisões da pessoa por nenhuma instância institucional, incluindo Estado, mídia, academia, ativismos e religiões, ou não-institucional .

X – Apoiarás a mudança de nome e sexo-gênero sem necessidade de cirurgias, hormonizações e laudos médicos, psicológicos, psiquiátricos, administrativos ou de qualquer tipo

Respeitarás o nome/auto-designação d@ próxim@ a partir de qualquer idade da pessoa que se designa, quer seja no feminino, no masculino, no bi/poli/pangênero ou no agênero. Assim, ainda que a pessoa nasça Fernanda, respeitarás sua auto-determinação caso ela queira se designar, ainda que instável e provisoriamente, Fernando, Fernande, Fernando/Fernanda, João Fernanda, XYZ 13, Nuvem, Dragão, etc.

***D**esligar para religar – ou do Apocalipse à Gênese*

Na semana de depósito da tese, início de dezembro, Josi posta em seu FB que resolveu fazer nova mudança em sua vida: retornar ao candomblé.

Esta informação pode ter colocado @ leitor@ atordoad@: afinal, Josi está desde a *gênese* da tese, sendo lembrada na dedicatória, e *abre nossos trabalhos* com sua narrativa “disseram que eu era o Diabo e que Deus ia me matar mas eu não acreditei”, o que a vinculava à ICMSP – e a quase todo momento era referida como cristã evangélica inclusiva, e agora, se *reconverte* ao candomblé? Será o *apocalipse*?

Não, prezad@ leitor@, não é – este novo caminho de luz de Josi só nos lembra como momentos como este acionam nosso carrossel identitário e nos fazem *gente* – constituíd@s de agência para definirmos para nós mesm@s possíveis giros e mudanças de percursos.

Qualquer fluxo identitário que se faça, se é de pleno desejo da pessoa não-patologizada/pecadologizada/demonizada, e para seu bem, parodiando um célebre apóstolo televisivo, “é prá aplaudir de pé”.

Referências

Entrevistas utilizadas

Nomes reais

CAPPELLETTI, Paulo. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

CHANNEL, Jacque. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

FOXX, Rebecca. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LANZ, Leticia. *Entrevista*. Facebook, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LANZ, Leticia. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LORD/PERON, *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LORD/PERON, *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MARTINS, Ledah. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MIRANDA, Joide. *Entrevista*. Celular, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MOURA, Rouvanny. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PONTOCOM, Valdirene. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ROCHA, Márcia. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ROCHA, Márcia. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

SALVADOR, Alexya. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

SALVADOR, Alexya. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

SALVADOR JUNIOR, Roberto. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

SCHWACH, Karen. *Entrevista*. São Paulo, 2012d. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

SOUZA, Josiane Ferreira de. *Entrevista*. São Paulo, 2010 a 2014. Entrevistas concedidas a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TCHAKA, Rainha. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

VALÉRIO, Cristiano. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

Pseudônimos

APOLO A., *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO C./ HERMAFRODIT@ C. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO D./HERMAFRODIT@ D., *Entrevista*. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO G./ ATENA G. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO G. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO H. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO I. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

APOLO J. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA A. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA B. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA C. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA D./APOLO D. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA E./APOLO E. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA F./APOLO F. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA H. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA I. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA J. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA K. *Entrevista*. Curitiba, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA L. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA M. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA N. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA O. *Entrevista*. Facebook, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA P. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA Q. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA R. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA S. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA T. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA U. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA V. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA X. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA Y., *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA W. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA Z. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA ZA. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA ZB. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA ZC. *Entrevista*. Facebook, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA ZD. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ATENA ZE. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA CENA A.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA CENA B. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA CENA C.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA CENA D.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA SAL A.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA SAL B.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

EX-MISSIONÁRI@ DA SAL C.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ A. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ B./ APOLO B., *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ C. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ E. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ F. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ G. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

HERMAFRODIT@ H. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LÍDER CATÓLIC@. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MÃE DE MULHER TRANS*. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE SGC A.. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE TRAVESTIS A.. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ DE CONVERSÃO DE TRAVESTIS B.. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ do AM A. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ do AM B. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ do AM C. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRI@ do AM D. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PASTOR@ DO AM. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PASTOR@ EVANGÉLIC@ A. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PASTOR@ EVANGÉLIC@ B. *Entrevista*. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PASTOR@ EVANGÉLIC@ C. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PSICÓLOG@ A.. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PSICÓLOG@ B. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PSICÓLOG@ C. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS A. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS B. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS C. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS D., *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS D., *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS E. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS F. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS G. *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS H. *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS I. *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS J. *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS K., *entre-vista* Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS L., *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS M. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS N. *Entrevista*. Belo Horizonte, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS O. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS P. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

Bibliográficas

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*. Estudos de Antropologia Social, vol.7, n.2, pp.7-33, 2001.

ALENCAR, Gedeon. Pentecostalismo Hitech: uma janela aberta, algumas portas fechadas. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ALMEIDA, Marina de. Meu sonho é ser estilista. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 1. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 15, p. 304-305, 2013.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê *Vivências trans*: desafios, dissidências e conformações, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*. London: Routledge, 2001.

AMARAL, Marília dos Santos, TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Entre Novatas, Cdzinhas & Transformers: políticas de (re)existência na experiência de travestis iniciantes. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 162-184, 2013.

ANDRADE, Solange Ramos de; MANOEL, Ivan A. *Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas*. Franca, SP: UNESP-FHDSS, 2010.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Envelhecendo como travesti no Brasil. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org). *Gênero em movimento*. *História Agora*, v.12, nº 2, pp. 237-267, 2011.

_____. Travestis, gênero, envelhecimento e velhice. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 165-185, 2013.

ASSIS, Dallmer Palmeira Rodrigues de. Homossexualidade em levítico. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). *Bíblia & sexualidade* – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

AURELIANO, Oiara da Silva. A diferença se tornando unidade: análise dos temas da semana nos grupos de discussão na Igreja Missionária Inclusiva em Maceió. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1594-1602).

AVELLAR, A propagação da fé através do e-mail numa visão da Mística e do Sagrado. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ÁVILA, Simone, GROSSI, Miriam Pillar. Identidades trans no contexto de transnacionalização do Movimento Transgênero e diáspora queer. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 199-216, 2013.

BARBOSA, Bruno Cesar. O Brasil “travesti”: percursos e percalços das noções de travesti e transexual. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 5-33, 2013.

_____. *Nomes e diferenças*: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Orientação de Júlio Assis Simões. Dissertação em Antropologia apresentada à USP, São Paulo, 2010.

BARBOSA, Luanna. *Muxes de Juchitán*: sobre la errancia y el efeminismo en campo, 2013. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2013.

BARBOZA, Heloisa Helena. Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê *Vivências trans*: desafios, dissidências e conformações, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENETTI, Geórgia Maria Ferro. Gênero e subjetividade nas comunidades sobre menstruação no Orkut. *Anais do Fazendo Gênero 8* - Corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

_____; PELUCIO, Larissa. *Despatologização do gênero*: a politização das identidades abjetas, 2012.

_____; _____. *Editorial do dossiê Vivências trans*: desafios, dissidências e conformações, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

_____. Identidade legal de gênero: reconhecimento ou autorização? In: Costa, Horácio, BENTO, Berenice, GARCIA, Wilton, INÁCIO, Emerson, PERES, Wiliam Siqueira. *Retratos do Brasil homossexual*. Fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial, 2008.

_____, SILVA, Marcos Mariano Viana da. Produção e negociação das identidades trans nas relações familiares em Natal-RN. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp.34-57, 2013.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes, 1985.

_____. *O Dossel Sagrado*: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. 3. ed. São Paulo:

Paulus, 1985.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. The Third Space: interview with Homi Bhabha. In: *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, pp. 207 – 21, 1990.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz*. Desafio para o século XX. São Paulo: Vozes, 2009.

BOMFIM, Patrick Thiago dos Santos. *Discriminação e preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*. Orientação de Tânia Mara Campos de Almeida. Dissertação em Psicologia apresentada à Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

BOYD, Malcolm. *Amazing Grace: Stories of Lesbian and Gay Faith*. Crossing Press, Inc., 1991.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade. *Labrys*, Estudos Feministas. n. 1-2, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. Igrejas e homossexualidade – ensaio de um balanço, 2010. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). *Bíblia & sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BULLOUGH, Vern. *Before Stonewall: Activists for gay and lesbian rights in historical context*. Taylor & Francis, Inc., 2002.

BUSIN, Valéria Melkin. *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas*. Orientação de Maria José Fontelas Rosado-Nunes. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à PUC/SP, São Paulo, 2008.

_____. Religião, sexualidades e gênero. In: ROSADO, Maria José Fontelas; LEONARDI, Paula (orgs.). *Dossiê Desigualdades de Gênero e Religião*, REVER, 2011.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras*. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária Editorial, pp. 55- 81, 2002.

_____. *La vie psychique du pouvoir – L’assujettissement en théories*. Éditions Léo Scheer, 2002.

_____. *Mecanismos Psíquicos del Poder*. Teorías sobre la sujeción. Stanford: Stanford Univ. Press, 1997.

_____. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

_____. *The Psychic Life of Power*. Stanford: Stanford Univ. Press, 1997.

_____. Vida Precária. In: *Contemporânea*, 1, 2011, pp.13-33.

CAETANO, Carlos Alberto da Silva. “*Alegrai-vos no Senhor*” - a CCGSP, Comunidade Cristã Gay de São Paulo: uma experiência religiosa cristã de alteridade na heteronomia. Orientação de José Queiróz. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à PUC/SP, São Paulo, 2002.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história*. Para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). *Bíblia & sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um estabelecimento*

neopentecostal. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, Paralelo 15, 1998.

CARDOSO, Fernando. *Homoafetividade e o Cristianismo*. Série Mensagens de Inclusão. São Paulo: Clube de Autores, 2010a.

_____. *O Evangelho Inclusivo e a Homossexualidade*. São Paulo: Clube de Autores, 2010b.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *A Sociedade em Rede*. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARRIJO, Gilson Goulart. Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê *Vivências trans*: desafios, dissidências e conformações, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

CHENG, Patrick S. *Radical love: an introduction to queer theology*. Church Publishing Incorporated, 2011.

CHIROMA, Livan. Evangélicos e as relações de gênero na implantação de uma Igreja Inclusiva em Campinas. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1624-1638).

CLIFFORD, James. Diasporas. In: *Cultural Anthropology*, 9, vol. 3, pp. 302-38, 1994.

COACCI, Thiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 134-161, 2013.

COUTINHO, Suzana Ramos. A Internet e seus perigos: individualismo e poder entre as Testemunhas de Jeová. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues, *Boletim do Museu Nacional*, 1978.

_____. *Relativizando*. Uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DE LAURETIS, Teresa. Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. In: *Differences: A Journal Of Feminist Cultural Studies*, vol. 3, n. 2, 1991.

DUQUE, Tiago. “Eu quero ir para a Europa”: reflexões sobre uma jovem travesti traficada In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org). *Gênero em movimento. História Agora*, v.12, nº 2, pp. 179-197, 2011.

_____. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê *Vivências trans*: desafios, dissidências e conformações, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.) *A aventura antropológica: Teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra,

1986.

ELLENS, *Sexo na Bíblia* – novas considerações. São Paulo, Fonte Editorial, 2011.

EVANGELISTA, Marcela; ROVAI, Marta; RIBEIRO, Suzana. Audiovisual e história oral: utilização de novas tecnologias em busca de uma história pública. *Oralidades*, São Paulo, n. 10, 2011.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Movimento homossexual e a produção e identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FARRA, Ivanete dal. *Prostituição e religião: mulheres prostitutas em São Paulo e suas representações de Maria*. Orientação de Maria José Fontelas Rosado Nunes. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à PUC/SP, São Paulo, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetado*. In: *Cadernos de Campo*, pp. 155-161; 2005.

FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e homossexualidade*. Verdades e mitos. Rio de Janeiro, Metanóia Editora, 2010.

_____. *O prêmio do Amor*. Uma abordagem cristã do sexo nas relações homoafetivas. Brasília, DF: Ed. do Autor, 2011.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Umberto Eco, Carlo Maria Martini, Jacques Derrida: Saber e Fé no Deserto do Deserto. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 2356- 2366).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FONTES, Fátima Cristina. *Homossexualidade e religião: questões de gênero e orientação na pós-modernidade*. Orientação de Maria José Fontelas Rosado Nunes. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à PUC/SP, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *A microfísica do poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*, Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Bispo Celso. Sobre sexualidade e o pecado da homofobia. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). *Bíblia & sexualidade* – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GALLIAN, Dante M. C. *75x75: EPM/Unifesp, uma história, 75 vidas*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2008.

GAMA, Rejane. “O que queres que eu te faça?” – *Em busca de uma metodologia da convivência na ação pastoral para a população sobrando dos centros urbanos: estudo de caso da Missão SAL em Santo André*. Orientação de Sandra Duarte de Souza. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à UMESP, São Bernardo do Campo, 2013.

GARCIA, Marina Santi Lopes; PINEZI, Ana Keila Mosca. Espaços religiosos de inclusão e diversidade sexual: um estudo sobre uma igreja inclusiva paulistana e os elementos sagrados e profanos em torno da noção de sexualidade. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1653- 1669).

GASPODINI, Ícaro Bonamigo. Transcrianças em sofrimento dispensável. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 84-100, 2013.

GOLDMAN, Márcio. *Os tambores do antropólogo: Antropologia pós-social e etnografia*. PontoUrbe,

ano 2, versão 3.0, julho, 2008.

_____. “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”. *Etnográfica*, Vol. X (1) 2006, pp.161-173.

_____. Jeanne Favret-Saada, os Afetos, a Etnografia, *Cadernos de Campo*, n. 13, pp. 149-153, 2005.

GUERRA, Verônica Alcântara. Fazendo o corpo e desenhando o gênero: travestis da aldeia à cidade. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 185-198, 2013.

GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro*. Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2006.

GRUNVALD, Vitor. Duas ou três reflexões sobre vestidos, sapatos, batons, arte e humor político. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 99-133, 2013.

HALBERSTAM, Jack (Judith). “A homofobia faz parte do estado teocrático”. Entrevista a Pedro Fernandes. Caderno Muito. *Jornal A Tarde*. Salvador, 19/8/2012.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

HARAWAY, Donna. Las promesas de los monstruos: una política regeneradora para otros inapropiados/ble. *Politica y Sociedad*. Vol. 30. Universidad Complutense Madrid. 1999, pp. 121-163.

_____. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (2ª edição).

HARDING, Sandra. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. Revista de Estudos Feministas, n.1, Florianópolis, pp. 7-32, 1993.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

HOLDER, Lanna. *O diário de uma filha pródiga*. São Paulo: Atual Brasil, 2010.

HOOVER, Stewart. M.; ECHCHAIBI, Nabil. The “third spaces” of digital religion. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ISHTAR, Laylah E. Identidade de Gênero X Umbanda e Candomblé. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In)visibilidade Trans. In: *História Agora*, São Paulo, 1, 15, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012.

_____. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp.101-123, 2013.

JOHNSTON, Robert K. A homossexualidade e os evangélicos: a influência da cultura contemporânea. In: PROENÇA, Eduardo de. *Homossexualidade – perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008
JONES, Beth Felker. *Marks of His Wounds: Gender Politics and Bodily Resurrection*. Oxford University Press, 2007.

JONES, Serene. *Feminist Theory and Christian Theology: cartographies of grace*. Augsburg Fortress, Publishers, 2000.

_____. *Trauma and Grace: Theology in a ruptured world*. Westminster John Knox Press, 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. *Auto-divinização maquínica: ensaio sobre o gnosticismo ciberespacial de nossos dias*. In: MARANHÃO Fo, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

KOZINETS, Robert V. *On netnography: Initial reflections on consumer research investigations of cyberculture*. Evanston, Illinois, 1997.

KULICK, Don. No. In: ROBERTSON, Jennifer. *Same- Sex cultures and sexualities: an Antropological Reader*, Blackwell Publishing, pp. 61-9, s/d.

KUNDTZ, David; SCHLAGER, Bernard. *Ministry Among God's Queer Folk: LGBT Pastoral Care* (Center for Lesbian and Gay Studies in Religion and Ministry). LGBT Pastoral Care. Pilgrim Press, The/United Church Press, 2007.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”. Um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (2ª edição).

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Orientação de Miriam Adelman. Dissertação em Sociologia apresentada à UFPR, Curitiba, 2014.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. On recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. *Actor-network theory and after*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p.15-25.

_____. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. EDUSC, EDUFBA: Santa Catarina, São Paulo, 2012.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Transitar para onde?: monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). *Dossiê Vivências trans: desafios, dissidências e conformações*, Revista de Estudos Feministas, v. 20, nº. 2, 2012.

LEMONS, Carolina Teles. Mobilidade religiosa e suas interfaces com a intimidade e a vida cotidiana. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; MORI, Geraldo de. *Mobilidade religiosa: Linguagens, juventude, política*. São Paulo: Paulinas, 2012.

LIMA, Regiane Ap. de. Comunidade Cristã Inclusiva: movimento LGBTTTIS ou pentecostal? In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1612-1623).

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

_____. *O corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004c.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denilson (Org.). *Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura*. São Paulo: Nojossa, 2004b, pp. 23-28.

_____. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. Florianópolis: *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, vol. 2, 2001.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias*. Deuses ou demônios? Rio de Janeiro: UNIPRO Editora, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos, PICCOLO, Fernanda Delvalhas, ZUCCO, Luciana Patricia, SIMÕES NETO, José Pedro. Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro. In: ROSADO, Maria José Fontelas; LEONARDI, Paula (orgs.), *Dossiê Desigualdades de Gênero e Religião*, REVER, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.

MALUF, Sônia Weidner. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. *Antropologia em Primeira Mão*, 124, 2011, pp. 5-14.

_____. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista de Estudos Feministas*, Ano 10, 1º sem. 2002, pp. 143-153. _____. *Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação*. (mimeografado, no prelo).

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A aniquilação de uma mulher transexual no candomblé através do Facebook . In: SOUZA, Sandra Duarte de e SANTOS, Naira Pinheiro dos. *Estudos Feministas e Religião: tendências e debates*. Curitiba: Prismas, 2014a.

_____. A Bola de Neve avança, o Diabo retrocede: Preparando davis para a batalha e o domínio através de um Marketing de Guerra Santa em trânsito. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; Usarski, Frank (orgs.). *Marketing Religioso. REVER – Revista de Estudos da Religião (PUC-SP)*, ano 12, n. 2, pp. 124- 143, 2012a.

_____. *A grande onda vai te pegar: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013a.

_____. *A grande onda vai te pegar: Mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church*. Orientação e coorientação de Márcia Ramos de Oliveira e Artur Cesar Isaia. Dissertação em História apresentada à UDESC, Florianópolis, 2010a.

_____. A memória como desafio para a história do tempo presente: notas sobre narrativas e traumas. *História Agora*, São Paulo, v.1, n.9, pp. 10-31, 2010b.

_____. (org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR/FFLCH-USP, 2013b (pp. 01-3207). Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simpósio-da-ABHR-Sudeste.pdf>.

_____. Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Dossiê (In) Visibilidade Trans 1*. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 15, p. 29-59, 2013c.

_____. Anotações sobre uma História do Tempo Presente. *Boletim do Tempo Presente (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 27, pp. 1-20, 2010c.

_____. Apresentando conceitos nômades: entre-gêneros, entre-mobilidades, entre-sexos, entre-orientações. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Dossiê Gênero e Religião*. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 14, pp. 17-54, 2012b.

_____. Apresentando um Marketing de Guerra Santa em trânsito e rasurando conceitos. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 12, pp. 38-49, 2012c.

_____.; SENE, Talita (org.). Caderno de Programação e Resumos do 1º Simpósio Internacional / 1º Simpósio Sudeste da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões), *Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. FFLCH/USP, 2013. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/10/Caderno-de-Programação-e-Resumos.pdf>. 2013d

_____. Caia Babilônia: análise de uma canção religiosa a partir do contexto, poética, música, performance e silêncio. *Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH*, ano V, n. 13, pp. 234-272, 2012d.

_____.; SENE, Talita. Correndo prá Jesus à Beira-Mar: Esporte, religiosidade e cura na Bola de Neve Church. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.) *Religiões e religiosidades em (con)textos*. 1º Simpósio Internacional / 1º Simpósio Sudeste da ABHR. São Paulo: Fonte Editorial, 2013e.

_____. “É dando à igreja que se recebe a graça de Deus”: Discurso econômico em uma igreja neopentecostal. In: MIRANDA, Daniela da Silveira, et al. *O gênero em diferentes abordagens discursivas*. São Paulo: Paulistana, pp. 1-19, 2011a.

_____.; USARSKI, Frank. Editorial. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque, USARSKI, Frank. *Marketing Religioso. REVER-PUC/SP*, v. 12, n. 2, pp. 7-9, 2012e.

_____. “Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Dossiê Gênero em Movimento. História Agora*, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011b.

_____.(org.). Gênero em Movimento. *História Agora*, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011c.

_____.(org.). Gênero e Religião. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 14, 2012f.

_____. Grandezas metodológicas para uma História do Tempo Presente a partir de Beatriz Sarlo e seu Tempo Passado. *Intellèctus* (UERJ), Rio de Janeiro, pp. 1-19, 2009a.

_____.; ROVAI, Marta. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos. Entrevista com o professor José Carlos Sebe Bom Meihy. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; ROVAI, Marta (orgs.). *Memória Escrita e Memória Oral: Desafios Interpretativos. História Agora*, São Paulo, n. 9, p. 190-195, 2010d.

_____. “Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. *Oralidades – Revista de História Oral da USP*, dossiê Diversidades e Direitos, pp. 89-116, 2012g.

_____. MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). (In) Visibilidade Trans 1. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 15, 2013f.

_____. MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). (In) Visibilidade Trans 2. *História Agora*, São Paulo, v.2, n. 16, 2013g.

_____. “Jesus me ama no dark room e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). In: MACHADO, Paula Sandrine (org.). *Polis e Psique*, Edição especial, Porto Alegre, v. 1, n. 3, pp. 221-253, 2011d.

_____. “Marketing de Guerra Santa”: da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, pp. 201-232, 2012h.

_____.; USARSKI, Frank (orgs.). Marketing Religioso. *REVER-PUC/SP*, v. 12, n. 2, pp. 1-206,

2012i.

_____.; ROVAI, Marta (orgs.). *Memória Escrita e Memória Oral: Desafios Interpretativos. História Agora*, São Paulo, v.9, n.2, 2010e.

_____.; PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. Mercado e discurso religioso na modernidade líquida. *Estudos de Religião* (IMS), pp. 205-216, 2009b.

_____.(org.). Mídia, Religiões e Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. GTHRR/ANPUH, v. 7, n. 20, 2014b.

_____. Neopentecostalismo de supergeração: o ciberespaço como chave para o sucesso neopentecostal. *História Agora*. São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 342-362, 2010f.

_____. “Nós somos a dobradiça da porta”: notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.). *Mandrágora*, v.18, n.18, 2012j.

_____. O corpo e o esporte como estratégias de marketing da Bola de Neve Church. *Oralidades: Revista de História Oral da USP*. São Paulo, v.7, n.2, pp. 35-52, 2010g.

_____. “Olhei para Jesus e não vi nada”: uma travessia da crença ao ateísmo. *Oralidades: Revista de História Oral da USP*. São Paulo, v.8, n.1, pp. 195-210, 2010h.

_____. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Volume 17. Florianópolis, Santa Catarina, 2009c.

_____. “Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso”. Entrevista sobre gênero e sexualidade com Cristiano Valério, reverendo da ICM. *História Agora*, São Paulo, v.2, n. 14, pp. 316-329, 2012l.

_____.(org.). *(Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013h

_____.; AGUIAR, Verônica (orgs.). Religião e Sacralidades. *Angelus Novus – USP*, São Paulo, v. ___, n. ___, 2011e.

_____.(org.). Religiões e Religiosidades. *Oralidades – USP*, São Paulo, v. 10, 2010 i.

_____.(org.). Religiões e Religiosidades no Tempo Presente 1. *História Agora*, São Paulo, v.2, n. 10, 2010j.

_____.(org.). Religiões e Religiosidades no Tempo Presente 2. *História Agora*, São Paulo, v. 1, n. 11, 2011f.

_____.(org.). Religiões e Religiosidades no Tempo Presente 3. *História Agora*, São Paulo, v. 2, n. 12, 2011g.

_____.(org.). *Religiões e religiosidades em (con)textos*. 1º Simpósio Internacional / 1º Simpósio Sudeste da ABHR. São Paulo: Fonte Editorial, 2013i.

_____.(org.). *Religiões e religiosidades em (con)textos – 2º*. Volume. 1º Simpósio Internacional / 1º Simpósio Sudeste da ABHR. São Paulo: Fonte Editorial, 2014c (no prelo).

_____.(org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013j.

_____. Religiosidades do (no) ciberespaço. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013l.

_____.; LEÃO, Paulo Júnior. Sem comunicação, não há salvação. Um olhar sobre as relações entre mídias de massa, religiões e igrejas na atualidade. Entrevista com Pedrinho Guareschi. In MARANHÃO

Fº, E M de A, USARSKI, F. Marketing Religioso. *REVER-PUC/SP*, v. 12, n. 2, pp. 175-178, 2012m.

_____. Sensualidade e interdição do desejo na Bola de Neve Church. *Via Teológica*, Curitiba, v. 18, 2009d.

_____; NERY, João. Transhomens: a distopia nos tecnohomens. In: SOUTO, Katia (org.). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*, 2014 (no prelo).

_____; _____. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 139-165, 2013m.

_____; _____. Transhomens no ciberespaço 2: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice (org.). *Des-fazendo gênero*, 2014 (no prelo).

Travestis em trânsito identitário: propondo um diálogo com Luiz Alberto Ribeiro. In: ROSADO, Maria José Fontellas, 2014d (no prelo).

_____. Trânsitos identitários religiosos de trans*. *Anais do IV Encontro do GT Nacional História das Religiões e das Religiosidades - Memória e Narrativas*. UNISINOS. São Leopoldo, 2012n (no prelo).

MARCUS, George E.; CUSHMAN, Dick. Las etnografias como textos. In: CLIFFORD, J. y otros. *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1998.

McNEILL, John J. Homossexualidade: desafio ao crescimento da Igreja. In: PROENÇA, Eduardo de. *Homossexualidade – perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil fora de si. Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, comunidades, universidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai*, 2011, p. 103.

_____; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, *História oral: desafios conceituais*, 2009, p. 138.

_____. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos: Entrevista a Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; ROVAI, Marta (orgs.). *Memória Escrita e Memória Oral: Desafios Interpretativos*. *História Agora*, São Paulo, n. 9, p. 190-195, 2010.

_____. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, pp. 150-182, 2009.

_____. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, 28, Campinas, Unicamp, 2007.

MORAES, Márcia. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde*. Vol.11, nº2, Rio de Janeiro, 2004.

MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. Igrejas Inclusivas: novo movimento religioso ou mais uma igreja cristã emergente? In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1670-1686).

MURTA, Daniela. Sobre a apropriação médica da transexualidade e a construção do “Transtorno de Identidade de Gênero. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 66-83, 2013.

MUSSKOPF, André Sidnei. A sistematização do pensamento teológico gay no Brasil, 2010. In: CALVANI, Carlos Eduardo (org.). *Bíblia e sexualidade* – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

_____. *Uma brecha no armário*. Propostas para uma Teologia Gay. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos/EST, 2005.

_____. *Via(da)gens teológicas*: itinerários para uma teologia queer no Brasil. Orientação de Rudolf von Sinner. São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. *A homossexualidade como pecado ou como bênção divina*: entre discursos hegemônicos, mediações e dissidências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê Gênero e religião. *História Agora*, v.14, nº 2, pp. 124-138, 2012.

_____. *Deus me aceita como eu sou?* A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ. 2008.

_____. *(Homos)sexualidades, poder e religião no Brasil*. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Religiões e religiosidades em (con)textos. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____; OLIVEIRA, Leandro de. Religião e intolerância à homossexualidade. In: SILVA, Vagner Gonçalves. *Intolerância religiosa*: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

NERY, João W. *Erro de Pessoa*: João ou Joana? São Paulo: Record, 1984.

_____; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens: a distopia nos tecnohomens. In: SOUTO, Katia (org.). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*”, 2014 (no prelo).

_____; _____. Transhomens no ciberespaço: Micro-políticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 2. *História Agora*, São Paulo, v.2, n. 16, pp. 139-165, 2013.

_____; _____. Transhomens no ciberespaço 2: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice (org.). *Des-fazendo gênero*, 2014 (no prelo).

_____. *Viagem Solitária* – Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

NELSON, James B. A homossexualidade e a igreja. In: PROENÇA, Eduardo de. *Homossexualidade* – perspectivas cristãs. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

NOVINSKY, Sônia. *As moedas errantes: narrativas de um clã germano judaico centenário*. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. Tese em História Social apresentada à USP, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Paulo Castello Barbosa de. Transgeneridade e indumentária, a antropologia da moda. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 124-138, 2013.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. *Isto é contra a natureza?* Decisões e discursos sobre conjugalidades homoeróticas em tribunais brasileiros. Tese de doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientação de Miriam Pillar Grossi e coorientação de Luzinete Simões Minella. Florianópolis, 2009.

ORO, Ari Pedro. Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. *Cadernos de Antropologia*, 9, 1992, pp. 7-44.

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

PAIXÃO, Claudia Ferreira da. Alternativas para uma inclusão de gênero: a comunidade homoafetiva e o mito da inclusão nas igrejas cristãs tradicionais, 2012. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê Gênero e religião. *História Agora*, v.14, nº 2, pp. 10-28, 2012.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. *PontoUrbe*, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, Ano 2, Versão 2.0, 2008.

PEREIRA, Máira Conceição Alves. Narrativas digitais nas diversas redes educativas que atravessam as aprendizagens em terreiros de Candomblé no Brasil. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

PEREIRA, José Carlos. *Religião e exclusão social*. A dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da Igreja Católica. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestilidades nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê Vivências trans: desafios, dissidências e conformações, *Revista de Estudos Feministas*, v. 20, nº. 2, 2012.

PERONE, Renata Garcia Lopez. (In)visibilidades desejadas: os usos do stealth por transexuais e suas implicações políticas – apontamentos de um projeto de pesquisa. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 217-226, 2013.

PERRY, Troy; LUCAS, Charles L. *The Lord is my shepherd and he knows I'm gay*. The Autobiography of the Reverend Troy D. Perry. Nash Publishing Corporation, 1972.

_____; SWICEGOOD, Thomas L.P. *Don't be afraid anymore*. The story of Reverend Troy Perry and the Metropolitan Community Churches. St. Martin's Press, 1992 (a).

_____. Profiles in Gay and Lesbian Courage. St. Martin's Press, 1992 (b).

_____. 10 Spiritual Truths For successful living for Gays and Lesbians... (and everyone else!). St. Martin's Press, 2009.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROENÇA, Eduardo de. *Homossexualidade – perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

REIDEL, Marina. Ser trans e as interlocuções com a educação. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 58-65, 2013.

RETAMERO, Márcio. *Banquete dos Excluídos*. Série Mensagens de Inclusão 1. Rio de Janeiro, Metanóia Editora, 2009.

_____. *Crônicas de um pastor gay*. Rio de Janeiro, Metanóia Editora, 2011a.

_____. *Manual de Homilética*. Igrejas da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2011b.

_____. *Manual de Liturgia*. Igrejas da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2010a.

_____. *Pode a Bíblia incluir?* Por um olhar inclusivo sobre as sagradas escrituras. Rio de Janeiro, Metanóia Editora, 2010b.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997.

RIBEIRO, Luiz Alberto Faria Ribeiro. *Inclusão Social das Travestis através da Religião*. Rio de Janeiro,

mestrado em Serviço Social. PUC-RJ, 2009.

RICH, Adrienne Rich. La contrainte à l'hétérosexualité et l'existence lesbienne, *Nouvelles Questions Féministes*, Paris, mars, n°1, p.15-43- p. 31, 1981.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

RIGO, Kate Fabiani. E quando Deus vira Google? O adolescente e sua percepção sobre Deus no Facebook. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RIOS, Luis Felipe. *Em busca da tradicionalidade: geração, gênero e sexualidade no candomblé baiano-carioca*. Boletim sexualidade, gênero e sociedade, n. 17. Rio de Janeiro: Cepesc/UERJ. 2004.

_____. “Loce loce metá rê-lê!”: posições de gênero-erotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife. *Revista Pólis e Psique*, vol. 1, 2011.

RODRIGUEZ, Manuela. Travestis buscando axé: Gênero e sexualidade em religiões de matriz africana na Argentina. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, n° 1, pp. 260-282, 2013.

RODRIGUEZ, Tássio Acosta. A pomba-gira sou eu: aspectos da identidade transexual com a religiosidade afro. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1603-1611).

ROSADO-NUNES, Maria José (org.). Dossiê Gênero e Religião. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 13, 2, maio-agosto/2005.

_____; LEONARDI, Paula (orgs.). Dossiê Desigualdades de Gênero e Religião. *REVER*, Revista de Estudos da Religião. Ano 11, n. 1. Jan/Jun/2011.

ROSA, Flávia Gabriela da Costa. Religião e ciberespaço: cultura do imaterial e elementos da estética classicista no portal dos Aautos do Evangelho. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ROSALDO, Renato. *Cultura y verdad*. La reconstrucción del análisis social. Quito: ediciones Abya-Yala, 2000.

RUBIN, Gayle. The traffic in Women: Notes on the “political Economy of Sex” in Reiter, Rayna, R. *Toward an Anthropology of Women*, New York and London, Monthly Review Press, p.159, 1975.

SANCHIS, Pierre, Inculturação? Da Cultura à Identidade, um Itinerário Político no Campo Religioso: o caso dos agentes de Pastoral negros. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 20, 2, 1999, pp. 55-72.

SANTOS, Lourival dos. *A família Jesus e a Mãe Aparecida: História Oral de Devotos Negros da Padroeira do Brasil (1951-2005)*. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. Tese em História Social apresentada à USP, São Paulo, 2005.

SÁ, Simone Pereira. Netnografia nas redes digitais. In: PRADO, J. L., *Crítica das práticas midiáticas*. São Paulo: Hacker editores, 2002.

SEEGER, Antony. Os índios e nós. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. São Paulo: Campus, 1980.

SEVERO, Julio. *O movimento homossexual: sua história, suas tramas e ações, seu impacto na sociedade, seu impacto na Igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 1998.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: *Estudos Teológicos*, Rio

Grande do Sul, IECLB, 37, 1, 1997, pp. 47-61.

SILVA, Aramis Luis. Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo: o perfil de uma igreja inclusiva e militante. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 1639-1652).

SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes da. “Agora é que são elas”: alguns apontamentos sobre travestilidade e espaço artístico. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. História Agora, v.15, nº 1, pp. 5-28, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Apresentação. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____; LODY, Raul. *Joãozinho da Goméia: O lúdico e o sagrado na exaltação do candomblé*. Caminhos da Alma – Coleção Memória Afro-Brasileira, vol. 1. São Paulo: Selo Negro, 2002.

SILVEIRA, Êmerson Sena da. Nichos cibernéticos de performance religiosa: a conversação em chats da Canção Nova. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SIQUEIRA, Mônica S. Memórias de uma Diva: Notas etnográficas sobre lembranças, sociabilidades e itinerários urbanos de travestis das antigas. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. História Agora, v.15, nº 1, pp. 227-259, 2013.

SOUZA, Natanael Francisco de. *Raízes do pentecostalismo no Brasil: a canção da mudança*. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. Dissertação em História Social apresentada à USP, São Paulo, 2008.

SOUZA, Ronivaldo Moreira de. O Testemunho Religioso no ciberespaço: uma forma (cri)ativa de interpelar o outro. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SOUZA, Sandra Duarte de (org.). Dossiê Gênero, Fundamentalismo e Religião. *Mandrágora*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. nº 14, 2008.

_____. Dossiê Religião e homossexualidade. *Mandrágora*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. nº 5, 1999.

_____. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____. Gênero e trânsito religioso entre mulheres e homens evangélicos do ABC Paulista. In: PERETTI, Clélia (org.). *Para onde caminhamos? Teologia, gênero e expressões*. Curitiba: Champagnat, 2011.

SPRINGETT, Ronald M. *O limite do prazer*. O que a Bíblia diz sobre a identidade sexual, 2007. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. *Epistemologia feminista plural: Corpos sexuados, identidades nômades*. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz.

Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (2ª edição).

TALBURT, Susan. Contradicciones y posibilidades del pensamiento queer. In: TALBURT, Suzan; STEINBERG, Shirley R. (Org.). *Pensando queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Graó, pp. 25-35, 2005.

TAY, Dr. John S. *Nascido gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade?* Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Histórias que não têm era uma vez: as (in)certezas da transexualidade. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê Vivências trans: desafios, dissidências e conformações, *Revista de Estudos Feministas*, v. 20, nº. 2, 2012.

TERZETTI FILHO, Celso Luis. O Coven: múltiplas pertencas, legitimação de um discurso histórico e as tipologias clássicas em relação à moderna bruxaria. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (pp. 142- 153).

_____. Uma porta para o diálogo: o simpósio sudeste e simpósio internacional da ABHR. *REVER*, Ano 13, n.02, Jul/Dez 2013.

TOMASI, Julia Massucheti. Lápides, flores e velas virtuais: os rituais post-mortem nos cemitérios on-line (1990-2013). In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

URIARTE, Montoya Urpi. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *PontoUrbe*. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, Ano 6, Versão 11.0, 2012.

USARSKI, Frank. A retórica da aniquilação. Uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição e alternativas religiosas. In: *REVER* (PUCSP), 1, 1, São Paulo, pp. 91-111, 2001.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira – *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VENCATO, Anna Paula. Vestidos para ir a lugar nenhum”: negociações entre estar “montada” e “desmontado” em homens que praticam crossdressing. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, pp. 204-219, 2013.

VIEIRA, Fernanda, AMORIM, Sylvia Maria Godoy, BRANCALEONI, Ana Paula Leivar. (Des)Compromisso social e sofrimento: o processo de exclusão de travestis e transexuais do interior de São Paulo. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 1. *História Agora*, v.15, nº 1, pp. 80-98, 2013.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Crenças e experiências religiosas dos “sem religião” nas comunidades virtuais. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VIULA, Sergio. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, vol.8, N.1, pp. 113-148, Rio de Janeiro, abril 2002.

_____. *A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WARNER, Michael. *Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

WEISS, *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Orientação de Miriam Pillar Grossi. Tese em Antropologia encaminhada à UFSC, Florianópolis, 2012.

WEKKER, Gloria. After the Last Sky, Where Do the Birds Fly?. In: *Crossfires*, West, Cornell. Prophetic Thought in Postmodern Times, Common Courage Press, Monroe, Maine, 1994.

WHITE, Mel. *Stranger at the Gate: To Be Gay and Christian in America*. New York: Plume/Penguin Books, 1995.

WILSON, Nancy. *Our Tribe: Queer Folks, God, Jesus, and the Bible*. Alamo Square Press, 2000.

_____. *Our Tribe: A Lesbian Ecu-Terrorist Outs the Bible for the Queer Millennium*. Harper Collins Publishers, 1995.

WIRTH, Lauri Emilio. *A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica*. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo - SP, v. 25, p. 171-183, 2003.

WITTIG, Monique. La pensée straight. *Questions Féministes*, Paris, Ed. Tierce, n.7, 1980.

YANCEY, Phillip. *Decepcionado com Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

ZAMUR, Azimute. A testosterona mudou meu estar por aqui. In: MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 1. *História Agora*, São Paulo, v.1, n. 15, p. 287-290, 2013.

Cibernéticas

Sites e blogs

31ª Bienal de São Paulo – Simpósio Trans (Religião/Gênero). Disponível em: <http://www.31bienal.org.br/pt/post/1916>. Acesso em: nov. 2014.

Adivinho Tirésias vira transexual brasileiro em filme francês. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u33273.shtml>. Acesso em: 20 mar 2014.

Belarus calls to cancel Eurovision over inclusion of drag singer. Disponível em: <http://www.gaystarnews.com/article/belarus-calls-cancel-eurovision-over-inclusion-trans-singer231013#sthash.mqZlP2va.dpuf>. Acesso em: 20 mar 2013.

Cartunista gay explica como é namorar transhomens. Disponível em: <http://www.ladobi.com/2013/11/gay-namorar-transhomens/>. Acesso em: 12 dez. 2013.

Ciborgues, site de Du Meinberg Maranhão. Disponível em: <ciborgues.tk>

Conchita Wurst. Biography. Disponível em: <http://conchitawurst.com/index.php?id=7>. Acesso em: maio 2014.

Conchita é uma jogada de marketing que deu certo. Disponível em: <http://www.leollo.com.br/2014/06/03/conchita-e-uma-jogada-de-marketing-que-deu-certo/>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Conchita Wurst. Wikipedia. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Conchita_Wurst. Acesso em: maio 2014.

Dicionário Transgênero. Leticia Lanz. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/dicionario-transgenero/#o>. Acesso em: diversas datas.

Fotógrafa registra acampamento para crianças que questionam as normas da identidade de gênero. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2014/05/fotografo-registra-acampamento-somente-para-meninos-com-identidade-de-genero-diferente-dos-que-nasceram/>. Acesso em: maio 2014.

Fotógrafa retrata jovens que não se identificam com nenhum gênero. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2014/05/auto-retratos-de-jovens-que-se-identificam-como-sem-generos/>. Acesso em: maio 2014.

FRANCO, Paki Vergaras, CERVERA, Julia Pérez. Manual para o uso não sexista da linguagem: PROTECA, 2006. Disponível em: <http://naobinario.files.wordpress.com/2013/07/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem.pdf>. Acesso em: ago. 2013.

Igreja kopimista. Disponível em: <http://kopimismo.org.br/>. Acesso em: diversas datas.

JUNO. Deixando o X para trás na linguagem neutral de gênero. In: *Batatinhas*. Perspectivas trans* for a da binária. Disponível em: <http://naobinario.wordpress.com/2013/08/01/deixando-o-x-para=tras-na-linguagem-neutra-de-genero/>. Acesso em: ago. 2013.

KAAS, Hailey. *Guarda-chuva trans**. Transfeminismo. Disponível em: <http://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>. Acesso em: 20 dez. 2012.

LANZ, Leticia. *Cisgênero*. Disponível em <http://www.leticialanz.org/cisgenero/>. Acesso em out. 2014.

_____. *Dicionário Transgênero*, 2014. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/dicionariotransgenero/>. Acesso em: várias datas.

_____. *Transgênero: um histórico do termo*, 2012. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/transgenero-um-historico-do-termo/>. Acesso em: 20 dez. 12.

Líderes religiosos acusam drag queen barbada de ser a causa das enchentes na região dos Balcãs. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/humanos/2014/05/1458419-lideres-religiosos-dos-balcas-acusam-drag-queen-barbada-de-ser-a-causa-das-enchentes-na-regiao.shtml>. Acesso em maio 2014.

Pioneira no metal extremo, transexual rompe barreiras, mantém "urros" e é até cantada por fãs, 2014. Disponível em: <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/12/21/pioneira-no-metal-extremo-transexual-rompe-barreiras-mantem-urros-e-e-ate-cantada-por-fas.htm>. Acesso em: dez. 2012.

SCHNEIDER, Maite. Encontro em SP reunirá lideranças cristãs homossexuais da América Latina e EUA. *Casa da Maite* (Curitiba, 28 nov. 2006). Disponível em: http://www.casadamaite.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3706&Itemid=316. Acesso em: out. 2014.

Terceiro gênero para registro de bebês é criado na Alemanha. Pragmatismo político. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/terceiro-genero-para-registro-de-bebes-e-criado-na-alemanha.html>. Acesso em: maio 2014.

Triunfo de Conchita Wurst aviva debate sobre direitos dos homossexuais, Jovem Pan, 2014. Disponível em: <http://jovempan.uol.com.br/entretenimento/musica/triunfo-de-conchita-wurst-aviva-debate-sobre-direitos-dos-homossexuais-2014-05-17.html>. Acesso em: 20 mar 2013.

V., VIVIANE. *Tempestade em guarda-chuvas**. Porcausadamulher, 2012. Disponível em: <http://porcausadamulher.wordpress.com/2012/11/14/tempestade-em-guarda-chuvas/>. Acesso em: dez. 2012.

*I*nformações institucionais

Anuncie no Facebook, FB. Disponível em:

https://www.facebook.com/advertising?campaign_id=466780656697650&placement=pf&extra_1=not-admgr-user

Anúncios e conteúdo do Facebook, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/about/privacy/>

Atalhos do Facebook, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/badges/>

Bate-papo, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/219443701509174/>

Bloquear, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/219443701509174/>

Cadastre-se e entre. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/345121355559712/>

Como eu deixo de seguir uma página, FB). Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/382751108453953>

Como faço para converter minha conta pessoal em uma página?, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/201994686510247>

Cutucar, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/219443701509174/>

Criar uma página, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/create/>

Denunciando abuso, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/>

Encontrar amigos, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/189976267783273>

Facebook Brasil. Disponível em: https://www.facebook.com/FacebookBrasil/info?ref=page_internal

Glossário de termos, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/219443701509174/>

Identidade e privacidade, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/>

Informações básicas sobre páginas, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/281592001947683>

Informações que recebemos e como são usadas, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/about/privacy/your-info#public-info>

Nomes e números de identificação de usuários, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/about/privacy/your-info#public-info>

Noções básicas sobre listas, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/135312293276793/>

O que é um administrador de grupo?, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/146441348760878>

O que é o perfil, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/133986550032744>

Preserve sua identidade, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/FacebookBrasil/photos/pb.123739327653840.->

Promoções, FB. Disponível em: https://www.facebook.com/page_guidelines.php

Quais públicos posso escolher ao compartilhar algo?, FB). Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/211513702214269>

Quais são as opções de privacidade dos grupos?, FB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/220336891328465>

Seguir, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/follow/>

Seguir atualizações públicas, FB). Disponível em:

<https://www.facebook.com/help/www/382751108453953>

Segurança, FB. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/>

Termos de páginas do Facebook, FB. Disponível em: https://www.facebook.com/page_guidelines.php

*P*erfis pessoais

FELIZARDA, Nayana. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

FELIZARDA, Tauana. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

FOXX, Rebecca. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

LANZ, Leticia. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

MARTINS, Ledah. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

MOURA, Rouvanny. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

PENONI, Cris. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

SALEMA, Föxx. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2012.

TCHAKA, Föxx. *Postagem pública em perfil pessoal*, 2014.

Travestis e transexuais devem ser tratados como se fossem mulheres dentro do candomblé? Disponível em:

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=440922619313958&set=a.361627007243520.83579.100001886701385&type=3&theater>. Acesso em: 20 jun. 2013.

*P*erfis públicos / fanpages

1ª Conferência – Trans e religiões. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Ia-Confer%C3%A2ncia-Trans-e-Religi%C3%B5es/280936175416508?fref=ts> Acesso em 02 ago. 2014.

CCNEI. Disponível em: <https://www.facebook.com/CCNEI.SEDE?fref=ts>

FELICIANO, Marco. Disponível em:

<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano?fref=nf&pnref=story>

ICM São Paulo. Disponível em: <https://www.facebook.com/icmsaopaulo.brasil?fref=ts>

Missão CENA. Disponível em: <https://www.facebook.com/MissaoCENA?fref=ts>

Missão SAL. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Miss%C3%A3o-SAL/489539594400108?fref=ts>

Tchaka Rainha. Disponível em: <https://www.facebook.com/drag.tchakarainha?fref=ts>

Travesti gospel. Disponível em: <https://facebook.com/travestigospel>

VALENTINO, Felipe. Disponível em: <https://facebook.com/felipevalentino>

Grupos

ABNB (*Associação Brasileira de Trans* Não-Binárias*). Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/1552050718361483/?fref=ts> >. Acesso em: diversas datas, 2014.

Espectrometria Não Binária. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/750165918353967/?fref=ts> >. Acesso em: diversas datas, 2014.

Ministério Séfora de TT's. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/327245917454642/?fref=ts>. Acesso em 27 nov. 2014.

Religiosidade, espiritualidade e ateísmo de pessoas trans*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/123135821193013/?fref=ts>>. Acesso em: diversas datas, 2014.

Transgente. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/transgente/?fref=ts> >. Acesso em: diversas datas, 2014.

Eventos

Aulas de linguagem não-binária no Projac em le núcleo de novele italiane. Disponível em: <https://facebook.com/events/1499298580283226/?fref=ts>. Acesso em: 07 jun. 2014.

Mesa

GUTIERREZ, Carlos. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). 31ª Bienal de São Paulo, 3 nov. 2014.

LORD, Marcos/ PERON, Luanddha. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). *31ª Bienal de São Paulo*, 3 nov. 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). *31ª Bienal de São Paulo*, 3 nov. 2014.

ROCHA, Márcia. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). *31ª Bienal de São Paulo*, 3 nov. 2014.

SALVADOR, Alexya. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). *31ª Bienal de São Paulo*, 3 nov. 2014.

STAINES, Robson. Participação na mesa Trans(Religião/Gênero). *31ª Bienal de São Paulo*, 3 nov. 2014.

*M*inicurso

FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas; TONINI, Marcel Diego; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Minicurso de iniciação à pesquisa em História Oral: conceitos e práticas. Ministrado em 08 maio 2014. NEHO/Diversitas/USP, 2014.

*A*nexos

*I*nstrumentos de viagem/procedimentos operacionais para uma etnografia ciborgue

*P*artindo em direção ao campo, convém levar uma mochila com as ferramentas necessárias para o trabalho e as provisões para se manter diante das adversidades.

Eu, entretanto, ao me lançar na jornada que deu origem a esta tese, parti com uma mochila meio vazia e a hipótese ingênua de que as pessoas trans* que realizam trânsitos religiosos o faziam por terem sofrido intolerância/discriminação/violência em alguma igreja ou religião.

Para identificar o quanto eu estava certa ou errada, me vali da ferramenta que já tinha à mão, a *história oral*. Esta foi complementada pela *observação participante* que tangenciou uma *participação observante*, por *anotações de cadernos de campo* (descontando/“desconectando” um caderno perdido no próprio),⁹⁹⁴ e um instrumento adquirido após o campo ter se iniciado –

⁹⁹⁴ Em 2012, eu conversava – ou fazia uma entre-vista? – com duas moças transexuais na padaria Gêmel, no Largo do Arouche, São Paulo. Àquela época eu morava no centro da cidade, mais especificamente num prédio apelidado de Redondo, na Avenida Ipiranga. Por volta das 19h30, retornávamos a nossas respectivas moradas – eu ficaria

colhido durante o (per)curso –, e utilizado de forma bastante intuitiva e pessoal, e que é costumeiramente chamado de *netnografia* ou *etnografia digital*. A todo este conjunto de procedimentos chamei de *etnografia ciborgue*. Mas o que seria uma etnografia ciborgue e como estas ferramentas foram (re/in)utilizadas?

Etnografia ciborgue

A princípio pensemos no termo *etnografia*, que tem uma multiplicidade de sentidos como ocorre com a expressão história oral, por exemplo. Como etnografia é entendida nesta tese?

Método classicamente empregado pela antropologia e entendido por Márcio Goldman como “o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal,”⁹⁹⁵ a etnografia encontra-se atualmente (re/des)apropriada por pessoas das mais diversas áreas de estudo, como psicologia, biologia, teologia, ciências da religião, medicina e história - no meu caso específico, numa imbricação entre a história oral e uma *história do tempo imediato*, sendo esta entendida como variação da história do tempo presente: realizada não somente no calor dos acontecimentos mas na *fervura* dos mesmos.

Como explica José Guilherme Magnani, o método etnográfico “não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.”⁹⁹⁶

entretide em programas no computador e as duas se aprontariam para fazerem programas (o que não quer dizer que no meio tempo não ficassem também imersas no ciber através de seus celulares) – e resolvi pedir um sanduíche para viagem, para comer mais tarde vendo tevê. Coloquei o meu caderno de campo na sacola do sanduíche e fomos embora. No caminho, um pedinte me pediu algo, e eu disse que poderia ceder meu lanche. O resto @ leitor@ já adivinhou... na hora de dar o lanche para ele, cedi com a embalagem e a sacola, só me lembrando do caderno de campo quando cheguei em casa – e retornando ao local onde o lanche foi oferecido, não achei mais o pedinte.

⁹⁹⁵ GOLDMAN, *Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica*, 2006, p. 167.

⁹⁹⁶ MAGNANI, *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*, 2002, p.17

Para Mariza Peirano, etnografia é mais que metodologia, mas “a própria teoria vivida” e “no fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados.”⁹⁹⁷ Para a mesma, a prática é atravessada pela teoria, desejavelmente obtida antes da partida ao campo, conhecendo antecipadamente o grupo a ser pesquisado e a produção bibliográfica sobre o mesmo: o olhar é assim guiado pelas leituras prévias. No retorno do campo, ordena-se os dados obtidos e os inscreve numa dada interpretação/análise. Ao mesmo tempo, a teoria nem sempre disciplina @ pesquisador@, visto que o campo pode surpreender. Ou como comenta Goldman,

os discursos e práticas nativos devem servir, fundamentalmente, para desestabilizar nosso pensamento (e, eventualmente, também nossos sentimentos). Desestabilização que incide sobre nossas formas dominantes de pensar, permitindo, ao mesmo tempo, novas conexões com as forças minoritárias que pululam em nós mesmos.⁹⁹⁸

Como complementa Peirano, “agitar, fazer pulsar as teorias reconhecidas por meio de dados novos, essa é a tradição da antropologia.”⁹⁹⁹ De modo geral, a etnografia é compreendida como um processo com três fases, *ler*, *ir à campo* e *escrever*: faz-se a leitura prévia sobre o tema para obter uma *formação teórica* que embasará o campo; seguida do *trabalho empírico* (preferencialmente um longo tempo entre @s nativ@s), e retorna-se à casa afim de tabular os dados, cotejar as informações e realizar a *parte escrita* de sua análise.¹⁰⁰⁰

Aqui apresento uma diferença entre o fazer etnográfico proposto por Peirano e a pesquisa que fundamenta esta tese: *primeiro* fui a campo e me encantei com este, *depois*, fui fazendo leituras concomitantemente sobre transgeneridades.¹⁰⁰¹ Fui a campo, claro, com algumas leituras prévias e correlatas, como as referentes à religião e à identidade - mas não sobre gênero nem especificamente transgeneridades. Ao mesmo tempo, fui escrevendo (e em alguns casos, já publicando) algumas análises das informações do campo.

De todo modo, entendo o conjunto de meu trabalho, ainda que com as fases “clássicas” da etnografia misturadas, como um trabalho etnográfico, ou usando um jargão utilizado por algumas/ns antropólog@s, *um trabalho de inspiração etnográfica*, especialmente por eu não ter a fundamentação teórica e metodológica de ume etnógrafe de formação e não seguir uma etnografia como faria boa parte d@s antrópolog@s.

⁹⁹⁷ PEIRANO, *Etnografia, ou a teoria vivida*, 2008, p. 3.

⁹⁹⁸ GOLDMAN, *Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia*, 2008, p.7.

⁹⁹⁹ PEIRANO, 2008, p. 4.

¹⁰⁰⁰ Conforme, dentre muit@s autor@s, Roberto Cardoso de Oliveira (RCO), em *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, 1998 e Urbi Montoya Uriarte, *O que é fazer etnografia para os antropólogos*, 2012.

¹⁰⁰¹ Fui a campo, claro, com algumas leituras prévias e correlatas, como as referentes à religião e à identidade - mas não sobre gênero nem especificamente transgeneridades.

Destaco que preferi me *lançar ao campo* como uma *criança no mundo*¹⁰⁰² - aliás, algo que meu orientador me disse em uma reunião em 2014 foi: “você parece uma criança no campo, se encanta com tudo, e é bom saber parar e sair do campo”¹⁰⁰³ - e depois realizar algumas leituras que basicamente confirmaram alguns pontos de minha observação e me pareceram passíveis de relativização na maioria dos casos. Assim, não tive uma formação teórica de etnógrafo, minha formação anterior era de uma historiadora do tempo presente e oralista.

Em relação ao campo, a etnografia costuma recomendar um tempo relativamente longo e contínuo de pesquisa e como salientado tanto por Roberto Da Matta quanto por Gilberto Velho, o tempo possibilita que @ antropólogo@ torne exótico (distante, estranho) o que é familiar e familiar (conhecido, próximo) o que é exótico.¹⁰⁰⁴

Tais experiências podem ser atravessada ainda pelo que Da Matta chamou de *antropological blues*,¹⁰⁰⁵ ou uma espécie de saudade de casa e sofrimento por estar fora. Ou subvertendo o conceito, este *blues* é possível a qualquer etnógrafo@, oralista@ ou pesquisador@ e pode se dar em campo ou após o campo, local saudoso e marcante na (da) vivência biográfica. Ainda podemos relativizar o “estar fora”, muitas vezes o campo está “dentro de casa”, como no caso de uma pesquisa com o FB, acessível em seu notebook.

Já a escrita etnográfica (ou terceira fase da etnografia) seria fundamentada num (suposto) *realismo etnográfico*,¹⁰⁰⁶ o esforço em se representar o que ocorre em campo da forma mais precisa possível, descrevendo o cotidiano “nativo” em detalhes que demonstrem a ida e permanência em campo e iluminem @ leitor@ sobre o que ocorreu durante a observação/experiência empírica de @ pesquisador@. Tais detalhes/fragmentos são antes de tudo *pistas* para se compreender o cenário analisado de modo contextual.¹⁰⁰⁷

No caso desta pesquisa, há uma imbricação entre os pontos de vista “nativos” e os meus próprios (ainda que eu tenha feito algum esforço para diferenciar tais vozes), quando eu exercitei minhas experiências subjetivas em contato com outras, num trabalho em que a “voz

¹⁰⁰² SEEGER, *Os índios e nós*. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras, 1980.

¹⁰⁰³ MEIHY, reunião do NEHO/USP, 2014.

¹⁰⁰⁴ DA MATTA, *Relativizando*, 1981, p. 144; VELHO, *Observando o familiar*, 1978.

¹⁰⁰⁵ DA MATTA, *O ofício de etnólogo* ou como ter Anthropological Blues, 1978.

¹⁰⁰⁶ MARCUS, CUSHMAN, *Las etnografías como textos*, 1998 *apud* URIARTE, *O que é fazer etnografia para os antropólogos*, 2012. Os autores criticam o realismo etnográfico, assim como Clifford que comenta sobre um surrealismo etnográfico, indicando mais uma construção do que uma descrição “do real”.

¹⁰⁰⁷ Rosaldo lembra que a parte mais difícil da etnografia é a escrita. para ela, “se tivermos de dizer qual das três fases etnográficas é a mais difícil, diríamos certamente que é a da escrita, pois como converter tantos dados num texto? Em quantos capítulos? De quê será cada um? A teoria irá em um capítulo e os dados em outro? Por onde começar? São perguntas que ansiosamente todos nos perguntamos quando nos vemos diante de uma escrivaninha abarrotada de depoimentos, transcrições, fitas, cadernos de campo, fotos, diário de campo, lembranças, sensações, etc.” (ROSALDO, *Cultura y verdad*. La reconstrucción del análisis social 2000, p. 61, *apud* URIARTE, 2012).

nativa” e a “voz pesquisadora” foram sendo constantemente (con)fundidas.¹⁰⁰⁸ Há assim uma perspectiva dialógica e não detetivesca ou inquisitória. Mais que uma “palavra cedida”, há *palavras trocadas*. Fica a pergunta: quando iniciam ou acabam o *êmico* (categorias d@ pesquisador@) e o *ético* (categorias d@ nativ@)? E nesta perspectiva, os dados se apresentam e se (per)fazem para @ pesquisador@, ao mesmo tempo em que, de certa maneira, @ pesquisador@ (per)faz os dados.

Tal experiência pode ser relacionada diretamente com a *observação participante* ou ainda a *participação observante*,¹⁰⁰⁹ bem como pelo *ser afetad@* proposto por Favret-Saada,¹⁰¹⁰ em que o ponto de vista d@ pesquisador@ é (con)fundido com @ d@ nativ@. Ainda que haja tal (con)fusão entre pontos de vista nativos e de pesquisador@s, lembro que para a etnografia (ou uma de suas múltiplas vertentes), a narrativa d@ pesquisador@ não é necessariamente a narrativa d@ nativ@, ainda que @ primeir@ também seja nativ@. Como lembra Viveiros de Castro, o ponto de vista d@ antropólog@ é o de sua relação com o ponto de vista d@ nativ@, é o que @ primeir@ entende que @ segund@ pensa.¹⁰¹¹ No caso de uma etnografia que tem como um de seus fundamentos a gravação de entre-vistas em história oral, como é aqui proposto, ainda que tais narrativas sejam armazenadas em um dado suporte e possam ser analisadas, é bom realçar que qualquer narrativa é um ponto de vista contextual, produto de determinado momento da biografia d@ entrevistad@ e claro, d@ entrevistador@ (mesmo que as fronteiras entre entrevistad@ e entrevistador@ sejam borradas). Além disto, quando @ pesquisador@ analisa seus dados etnográficos, inclusive suas entre-vistas, muitas vezes o faz para (des)confirmar suas próprias teorias e hipóteses de pesquisa, *descontextualizando* as narrativas e os próprios pontos de vista nativos. É possível ainda pensarmos que qualquer narrativa (oral ou escrita), assim como qualquer escuta (ou leitura) é de certo modo *descontextualizada*, visto ser reflexo do momento de fala(escrita)/escuta(leitura), de uma seleção fragmentada da memória e do discurso, com fins de explicitar o que se deseja que @ outr@ saiba, e pela razão de que as ideias apresentadas no momento em que se diz (ou se escreve) ou se escuta (ou se lê), em muitos casos são reformuladas em instante posterior. De todo modo, pontos de vistas nativos e de pesquisador@s mesclados, o que importa é que o resultado “final” do trabalho seja o mais polissêmico (ou polifônico?) e inter-subjetivo possível. Ressalto que em meu trabalho a pessoa, mais que entrevistada, é *interlocutora*.

¹⁰⁰⁸ Certamente não há pesquisa “neutra”. Especifico aqui a falta de neutralidade de minha própria pesquisa.

¹⁰⁰⁹ DURHAM, *A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*, 1986; WACQUANT, *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, 2002. Na participação observante, @ observador@ torna-se experimentador@ e a experimentação é colocada a serviço da observação.

¹⁰¹⁰ SAADA, 2005, pp. 155-161; GOLDMAN, 2005, pp. 149-153.

¹⁰¹¹ VIVEIROS DE CASTRO, *O nativo relativo*, 2002.

As inferências anteriores servem para pensarmos o trabalho de campo “off-line” mas também o “on line”. Destaca-se a importância das novas tecnologias, especialmente do ciberespaço, como campo de estudos a ser *acessado*. Como comenta Geórgia Maria Ferro Benetti, “motivados pelo fato de que estes estudos se realizam em território “fluido”, não-topológico, muitos pesquisadores renomeiam etnografia”¹⁰¹² através de uma nomenclatura diversa proposta para os estudos etnográficos realizados no ciber, composta por termos como netnografia,¹⁰¹³ cibernetnografia,¹⁰¹⁴ etnografia virtual,¹⁰¹⁵ etnografia digital, dentre outras. A autora pergunta:

Há algum elemento distintivo na etnografia virtual? Ou a etnografia virtual é unicamente a mesma etnografia clássica com um novo objeto de estudo: Internet?” As diferenciações entre a etnografia clássica e aquela chamada de virtual são dadas pelo campo ou se fazem notar no trabalho de campo?¹⁰¹⁶

Lembra ainda que “houve um tempo em que se acreditava que para garantir o distanciamento requerido pelo estudo etnográfico era necessário deslocar-se até terras distantes e exóticas” mas que na

Antropologia das sociedades complexas, o foco de interesse investigativo se desloca do espaço físico e recai sobre as representações da espacialidade e as redes de pertencimento, bem como se enfatiza o pertencimento dos indivíduos a determinadas redes de relações e/ou significados, sem a pretensão de esgotar, em termos explicativos, o funcionamento da sociedade como um todo. Assim, hoje não é preciso sair de casa para viajar até onde estão os informantes. Já é possível realizar o trabalho de campo apenas conectando-se à Internet por intermédio de um computador, permanecendo no conforto do lar, imerso na própria cultura e podendo sempre fazer uma pausa para uma xícara de chá.¹⁰¹⁷

Em relação à inserção d@ pesquisador@ no ciber, há basicamente duas formas de se netnografar: como *lurker* ou como *insider*. @ lurker é compreendid@ como um@ pesquisador@ silencios@, nem sempre revelando sua identidade na comunidade ou grupo analisado. @ insider, ao contrário, é percebido@ como parte do grupo. Em ambos os casos há uma observação participante, e no segundo, provavelmente, uma participação observante e maior potencial de ser afetad@. Nesta pesquisa, combinei ambas as metodologias, em alguns casos acompanhando postagens e textimagens de modo invisível como lurker, e em outras,

¹⁰¹² BENETTI, *Gênero e subjetividade nas comunidades sobre menstruação no Orkut*, 2008, p. 2.

¹⁰¹³ O termo *netnografia* parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1997 por Kozinets, e no Brasil, por Sá, em *Netnografias nas redes sociais*, de 2002.

¹⁰¹⁴ Em 2008, Benetti refere-se ao termo *cibernetnografia*, em *Gênero e subjetividade nas comunidades sobre menstruação no Orkut*.

¹⁰¹⁵ Christine Hine foi provavelmente a primeira pessoa que utilizou o termo, em *Virtual Ethnography*, de 2002.

¹⁰¹⁶ BENETTI, 2008, p. 2.

¹⁰¹⁷ Idem, 2008, p. 3.

participando mais ativamente como insider. Realizei simultaneamente tanto uma etnografia “física” como uma netnografia: a este conjunto de procedimentos, convencionei *etnografia ciborgue*. Esta etnografia ciborgue pode ser relacionada com a ANT (Actor Net Theory), ou traduzindo, a TAR (Teoria Ator Rede), desenvolvida por Bruno Latour.

ANT (Teoria Ator-Rede)

Formiga, ou *ant* em inglês, é a metáfora usada por Latour para se referir a si mesmo em campo: um bichinho nômade, míope, viciado em trabalho e farejador de tramas e trilhas.¹⁰¹⁸ O acrônimo *ANT*, relacionado a tal inseto, é sigla da teoria que ele desenvolveu, a *Actor-Network Theory*, que traduzindo é a Teoria Ator-Rede (TAR).¹⁰¹⁹ Se a ANT tiver um slogan, talvez seja “siga os atores em suas redes, preste atenção ao modo como eles respondem suas próprias questões e descreva seus enredos”.¹⁰²⁰

Quando Latour fala em “atores”, ele não se refere apenas às pessoas, mas também a coisas, pois elas também podem negociar, intermediar, estimular, provocar, deslocar, permitir, autorizar e bloquear. As coisas, ou não-human@s, também têm agência, e circulam em rede com os/as humanes. Latour chama *ator* ou *actante* qualquer pessoa, coletivo, instituição ou coisa que tenha agência, ou seja, produza efeitos no mundo e/ou sobre ele.¹⁰²¹ @ actante tem composição

¹⁰¹⁸ Textualmente, “uma pessoa me observou que o acrônimo ANT (*Actor-Network Theory*) era perfeitamente adequado para um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário. Uma formiga (*ant*) escrevendo para outras formigas, eis o que condiz muito bem com meu projeto!” (LATOUR, *Reagregando o social*, uma introdução à teoria do Ator-Rede, 2012, p. 28). E ainda: “a viagem com a ANT, lamento dizer, será penosamente lenta. Os movimentos serão a todo instante interrompidos, embaraçados, suspensos e desviados (...) o estudioso da ANT tem de arrastar-se como uma formiga, carregando seu pesado equipamento para estabelecer o mais insignificante dos vínculos” (Idem, 2012, p. 47).

¹⁰¹⁹ Mantenho a sigla no original (ANT) para remeter à/ao leitor@ a ideia da *formiguinha em (no) campo*.

¹⁰²⁰ Ou cumpre “seguir os próprios atores”, ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se veriam forçados a estabelecer” (Ibidem, 2012, p. 31). E também: “os atores sabem o que fazem e nós temos que aprender com eles não apenas o que eles fazem, mas também, como e por que fazem determinadas coisas (...) é uma teoria sobre como dar aos atores um espaço para eles se expressarem” (Ibidem, 1999, p. 19).

¹⁰²¹ Identificar a agência n@ (d@) não-human@ é antes de tudo, praticar a quebra do binarismo ou dicotomia natureza-sociedade.

heterogênea: articula human@s e não-human@s, e sua elaboração se realiza em rede. Ser actante é produzir efeitos na rede (e de certo modo, efeitos *em* rede), modificar a mesma e ser modificado por ela:¹⁰²² actantes deixam traços, daí poderem ser seguid@s: são estes fluxos que devem fazer parte de uma descrição de ANT.

Na ANT, *rede* se refere a deslocamentos, fluxos, circulações, movimentos, alianças, rupturas, ao invés de remeter a uma entidade fixa. Esta rede *não se refere* necessariamente à rede mundial dos computadores. Latour fala que

a palavra “rede” é tão ambígua que já deveríamos tê-la descartado há muito tempo. No entanto, a tradição dentro da qual a empregamos permanece distinta, a despeito de sua possível confusão com outras duas linhas. Uma delas é, obviamente, a rede técnica - eletricidade, trens, esgotos, internet, etc. A segunda vem sendo usada, em sociologia da organização, para introduzir uma diferença entre empresas, mercados e países (Boyer, 2004). Neste caso, rede é uma maneira informal de associar agentes humanos (Granovetter, 1985).¹⁰²³

Como @ leitor@ já percebeu, eu utilizo rede *em dois sentidos*, o latouriano em que as/os actantes (humanes e não-humanes) envolvidos interferem e sofrem interferências, a rede remetendo a fluxos, circulações, deslocamentos, rupturas e continuidades; e no sentido tecnológico remetente à internet e ao ciberespaço. Daí a expressão ciborgues *em* rede e *na* rede.

A rede de atores (podemos pensar aqui em *atrizes* também) não se reduz a um único ator (ou atriz) ou a uma única rede. Ela se compõe de

séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. Por um lado, a rede de atores deve ser diferenciada da tradicional categoria sociológica de ator, que exclui qualquer componente não-humano. Por outro, também não pode ser confundida com um tipo de vínculo que liga de modo previsível elementos estáveis e perfeitamente definidos, porque as entidades das quais ela é composta, sejam naturais ou sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos. Assim, uma rede de atores é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede, capaz de redefinir e transformar seus componentes (Callon, 1986, p. 93). Tal definição implica uma ontologia de geometria variável, cujas conseqüências para os estudos em ciências devem ser seguidas a fim de não

¹⁰²² Latour explica que o termo ator se refere mais especificamente à pessoas, enquanto actante (termo emprestado da semiótica), também a não-human@s.

¹⁰²³ Ibidem, 2012, p. 190.

deixarmos escapar as contribuições da teoria ator-rede tanto em relação aos estudos sociais em ciências, quanto em relação aos estudos epistemológicos.¹⁰²⁴

É a partir das redes de atores com suas conexões heterogêneas, entradas e saídas, quebras e permanências, que surgem fluxos identitários como os de gênero e os religiosos.

Rastrear fluxos é trabalhar com a incerteza pois “não é possível decidir se esta está no observador ou no fenômeno observado (...) o analista nunca sabe o que os atores ignoram, e os atores sabem o que o observador ignora.”¹⁰²⁵ Mas será que sempre sabem mesmo? De todo modo,

a ANT se considera mais capaz de vislumbrar ordem *depois* de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias nas quais se meteram. É como se disséssemos aos atores: ‘Não vamos disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram’. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las.¹⁰²⁶

Ainda: “a ANT alega que encontraremos uma maneira mais científica de construir o mundo social, caso nos abstenhamos de interromper o fluxo de controvérsias”.¹⁰²⁷ Latour utiliza o exemplo d@ cartógraf@, que teria de

lidar não apenas com múltiplos relatos de exploradores, mas também com múltiplas coordenadas *ad hoc*. Frente a tamanha balbúrdia, é possível se restringir o leque de controvérsias ou levar em conta todas elas (...) a segunda solução relativista enfrenta situações conturbadas, quentes e radicais, mas então temos de permitir que as controvérsias se desdobrem inteiramente.¹⁰²⁸

¹⁰²⁴ MORAES, *A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas*, 2004, s/p.

¹⁰²⁵ LATOUR, 2012, p. 42.

¹⁰²⁶ Idem, 2012, p. 44. Comenta ainda: “se eu tivesse de fazer uma lista das características que deve ter uma boa descrição ANT - e isso representaria um bom indicador de qualidade -, perguntaria: os conceitos dos atores figurariam como *mais fortes* que o do analista? Ou o próprio analista monopolizaria o discurso? No que toca aos relatos escritos, eles exigem um julgamento preciso, mas difícil: o texto que comenta diversas citações e documentos é mais, menos ou tão interessante quanto as expressões e atitudes dos atores? Se é fácil para você passar por estas provas, então a ANT não lhe diz respeito” (Ibidem, 2012, p. 53). Para mim a ANT é trabalho que (in)quieta. Uma pergunta é: No caso desta tese, o que fazer quando @ analista é também ator/atriz? Rastreio a mim mesmo enquanto sigo o fluxo alheio e “permito” (percebo) também ser seguido?

¹⁰²⁷ Ibidem, 2012, p. 45. Ou “a ANT sustenta ser possível rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles” (Ibidem, 2012, p. 45).

¹⁰²⁸ Prossegue: “Tentar harmonizar as duas posições seria absurdo porque as controvérsias não são um mero aborrecimento a evitar, e sim aquilo que permite ao social estabelecer-se e às várias ciências sociais contribuírem para sua construção” (Ibidem, 2012, p. 46).

Pensando na metáfora da formiga de Latour e adequando tais fluxos e(m) redes para o trabalho ciborgue na rede, trago outra metáfora, aqui, vinda dum desenho animado:

Imagem __: Atom Ant

Mas como *formigas atômicas* podem trabalhar *em rede* e *na rede*? Certamente não há receita pronta e as experiências devem ser pessoais, já que trata-se de seguir fluxos igualmente únicos: nenhum campo é igual ao outro.

Este trabalho se fundamentou em seguir os fluxos de pessoas (provisoriamente chamadas) entre-gêneros no FB e “fora” dele. Observando tais itinerários, pensei e narrei minha própria construção subjetiva: Entre 2010 e 2014, acompanhei diversas pessoas entre-gêneros em seus trabalhos, momentos de lazer e de religiosidade, grupos de discussões “on” e “off-line”, reuniões e eventos de ativismo trans. O mapeamento de suas experiências identitárias – sobretudo as de gênero e as religiosas – se completou através de incursões na internet, especialmente em grupos do FB. O conjunto das informações obtidas através destes ambientes foi acolhido como bagagem para minha própria jornada de auto-identificação, em diálogo com as pessoas que gentilmente co-labor-aram com esta pesquisa. Transitando com estas pessoas, me percebi peregrino de gênero, viajante identitário, *bricoleur* de mim mesmo. Como comentei na parte anterior do trabalho, é a jornada de uma ciborgue entre-gêneros /não-binária entre outr@s ciborgues.¹⁰²⁹

Na minha experiência com o que tenho chamado provisoriamente de etnografia ciborgue, foram necessárias a escuta/leitura de narrativas orais e no (do) FB. Para a realização do trabalho, foi fundamental a realização de entre-vistas, conversas mais ou menos (in)formais realizadas com (outras) pessoas entre-gêneros, e fundamentadas nos parâmetros da história oral de vida e da história oral temática. É um trabalho de história oral *ciborgue*: mescla entre história oral “presencial” e história oral “cibernética”, imbricado com trabalho de campo igualmente ciborgue: “offline” e “online”.

¹⁰²⁹ É interessante ressaltar que a *primeira* pessoa que nomeei como *entre-gêneros* numa publicação fui eu mesmo, em artigo escrito em conjunto com Nery, que se classifica como *transhomem* (2013).

Minha travessia/trabalho consistiu basicamente em conversar com as pessoas, escutá-las, acompanhá-las, observar seus agenciamentos em diferentes campos. Uma primeira coisa a se pensar é: O que é conveniente lembrar? O que é conveniente contar? O que é conveniente expressar no FB? Como veremos, memória e narrativa são os elementos que dão combustível àquilo que é o motor da tese, a identidade.

Lembrar e narrar

As narrativas orais estão diretamente ligadas à memória. Esta, para @ oralista, deve ser tomada a partir de uma verdade referencial, ou seja, deve ser privilegiada a confiança no testemunho, ainda que saibamos que a memória é seletiva, hierarquizável, fragmentada e dada a distorções. Como ensina Paul Ricoeur, @ historiador@ deve reconhecer sua profunda dependência da memória, aceitando que esta seja seu solo de enraizamento. Além disto,

A memória está ligada a uma ambição, uma pretensão, a de ser fiel ao passado; a este respeito, as deficiências atinentes ao esquecimento (...) não devem ser de início tratadas como formas patológicas, como disfunções, mas como o lado sombrio da região iluminada da memória.¹⁰³⁰

Nesta direção, como eu disse anteriormente,

Ainda que lembrar seja importante e o saber “não ocupe espaço”, o esquecimento e o segredo contribuem para um amparo psíquico e emocional, e daí o exercício da sensibilidade ao silêncio e ao segredo: atentar a eles é aprender sobre o outro, e apreender o que as lacunas significam faz da memória a dialética do indizível, cujo vazio cheio de significados é matéria-prima ao que estuda a história viva. Para preencher estes espaços, novas conversas, contextualizações e o auxílio de fontes escritas e audiovisuais podem se fazer mister.¹⁰³¹

E ainda,

¹⁰³⁰ RICOEUR, *A memória, a história, o esquecimento*, 2000, p. 26.

¹⁰³¹ MARANHÃO Fº, *A memória como desafio para a história do tempo presente: notas sobre narrativas e traumas*, 2010, p. 21.

Devemos lembrar aos outros o que a névoa do tempo esfumou, mas também duvidar do que é lembrado e narrado. É atentar para as zonas cinzentas: o indizível dos que sofreram traumas, tendo em mente que a interdição do discurso também inunda o silêncio dos perpetradores do trauma. É relevante que se identifique as vozes silenciosas dos violentadores.¹⁰³²

Algo relevante a se fazer é escutar diretamente as vozes dos que discriminam e intoleram as pessoas transexuais e travestis, como alguns/mas líderes religiosos@s, por exemplo – lembrando que as narrativas, memórias e narrativas são edificadas num contexto relacional, ou seja, as violações simbólicas afetam e causam (muitos) efeitos. Além disto, estar ou ser identificad@ no papel de vítima e/ou de perpetrador@ de violência(s) também é questão de ponto de vista. E no meu, pessoas que queiram *converter* a identidade de gênero das outras se encaixam na segunda categoria. Neste contexto, entre-vistei líderes de missões evangélicas que visam a conversão de travestis, como comento no *diário de bordo* e na parte específica sobre o tema.

Devemos ainda admitir que *não há imparcialidade* no trabalho conjunto entre oralista e colaborador@. Por mais que se ofereça ao/à colaborador@ “estímulos” como “conte sobre sua vida” ou “fale sobre suas experiências religiosas”, o exercício de escuta, de um lado, e o de fala, do outro – lembrando que numa entrevista estes lugares muitas vezes são trocados – operam seleções naturais na (da) memória e na (da) narrativa.

Pensando no termo entrevista cortado ao meio por um hífen, *entre-vista*, isto pode sinalizar um trabalho que pode ser mais horizontalizado e dialogado do que se costuma propor – o objetivo é que seja o mais *simétrico* possível. Sabemos que não existe relação simétrica em plenitude.

Tal “simetria” é relativa, visto que @ pesquisador@ mantém a autoridade sobre sua pesquisa, ou como diz Roberto da Matta, há uma mistura de autoridade e fragilidade, que tipifica o discurso:

A autoridade decorre de ser você quem testemunha e produz o relato. Mas a fragilidade advém da consciência aguda e dolorida de que o ‘presente etnográfico’ é uma ilusão que dentro de alguns anos será corrigida por outro etnólogo que, numa outra pesquisa, fará outras perguntas (...) daí a relação íntima entre boa etnografia e confissão (percebida por Lévi-Strauss) e entre boa etnografia e romance.¹⁰³³

Eduardo Viveiros de Castro explica:

¹⁰³² Idem, 2010, p. 19.

¹⁰³³ DA MATTA, *Relativizando o interpretativismo*, 1992, p. 59.

A simetria não cancela a diferença, pois a reciprocidade virtual de perspectivas em que se pensa aqui não é nenhuma ‘fusão de horizontes’. Em suma, somos todos antropólogos, mas *ninguém é antropólogo do mesmo jeito*: “está muito bem que Giddens afirme que ‘todos os atores sociais (...) são teóricos sociais’, mas a frase é vazia se as técnicas de teorização têm pouca coisa em comum” (Strathern, 1987, pp. 30-31).¹⁰³⁴

Assim, pensar uma pesquisa fundamentada em relações *o mais simétricas possíveis* não implica na anulação das diferenças entre pesquisador@ e pesquisad@.

Além de lembrar que “ninguém é antropólogo do mesmo jeito” (aqui podemos pensar que ninguém é oralista, historiador@ ou pesquisador@ da mesma maneira), Viveiros de Castro reforça que “ninguém é nativo o tempo todo”.¹⁰³⁵

Muitas vezes @ entrevistad@ entrevista @ oralista, @ observad@ tomando o lugar d@ observador@, procurando perceber quais as melhores ideias e as palavras mais acertadas a se dizer – e também a se perguntar. Assim, a relação entre observador@ e pesquisad@ pode ser mais dialética e rica do que se pensa. Como disse em outra ocasião,

Por mais que abramos nossa caixa de ferramentas e nos utilizemos com consistência do que dispomos - análise, seleção, recorte, hierarquização, interpretação e crítica -, nossa pesquisa é atravessada por nossas escolhas e interesses, o que nos constitui como espécies de disciplinadores de memórias e narrativas alheias, expressas nas perguntas que fazemos.¹⁰³⁶

Entretanto, reforço a ideia anterior: até que ponto “quem narra” não faz o mesmo, sondando, rastreando, (n)etnografando, entre-vistando, procurando investigar aquel@ que se pretende “don@” da pesquisa? Quem “usa” quem, quem pesquisa quem?

O narrado é a exata medida do vivido? E o escutado, tem a mesma dimensão do que é narrado ou vivido? Certamente não. Mas isto não faz com que a informação narrada, e a sua análise concomitante e/ou posterior sejam mais ou menos “autênticas” que um documento escrito. Este produto humano – o escrito – é tão suscetível a falseamentos, embargos, seleções em decorrência de tabus, interditos, interesses diversos como é a fala – e a escuta. Escrita e oralidade são documentos igualmente (des)confiáveis. Entretanto, como ensina Meihy, tratando-

¹⁰³⁴ VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 141. Comenta ainda: “O que muda, em suma, quando a antropologia é tomada como uma prática de sentido em continuidade epistêmica com as práticas sobre as quais discorre, como equivalente a elas? Isto é, quando aplicamos a noção de “antropologia simétrica” (Latour, 1991) à antropologia ela própria, não para fulminá-la por colonialista, exorcizar seu exotismo, minar seu campo intelectual, mas para fazê-la dizer outra coisa? Outra coisa não apenas que o discurso do nativo, pois isso é o que a antropologia não pode deixar de fazer, mas outra que o discurso, em geral sussurrado, que o antropólogo enuncia sobre si mesmo, ao discorrer sobre o discurso do nativo?” (Idem, 2002, p. 115).

¹⁰³⁵ Ibidem, 2002, p. 141.

¹⁰³⁶ MARANHÃO F^o, 2010, p. 19.

se de memória, “mais do que a fala, o esquecimento, as distorções, as mentiras, a tradição oral têm se feito matéria”.¹⁰³⁷

Mas mesmo que uma análise d@ oralista possa (ou deva?) atentar a tais silenciamentos e distorções, cotejadas a partir de outras informações, o relato do/a colaboradore deve ser tomado como um produto cheio de verdade referencial. Importa menos se a pessoa está elaborando inverdades, já que nosso trabalho, por mais investigativo que seja, não é de um policial ou detetive. E importa muito mais *o que podemos aprender* com a narrativa d@ colaborador@ – e o que *isto pode ajudar* na promoção do bem comum, dos direitos humanos e/ou de políticas públicas de defesa da justiça social. Ainda pensando a (im)parcialidade da parceria entre colaboradore + oralista, é importante atentar ao

contorno das narrativas e identificar continuidades e rupturas, mas admitir sua própria subjetividade, o que pode legar um tipo de recuo: este distanciamento se dá não em relação à fonte viva e proteiforme que enseja diferentes graus de interação, mas ao que já imaginamos saber antes de perguntar: é preciso assim, não induzir respostas, é deixar falar, e escutar para se surpreender.¹⁰³⁸

As narrativas surpreendentes e desestabilizadoras devem, assim, ser bem-vindas @ oralista, que deve idealmente se manter respeitos@ em relação à verdade referencial d@ contador@. De toda maneira, nossas pesquisas são inundadas pelo *agora*:

uma pesquisa de história oral, na qual lembrar, esquecer e narrar são fundadores, é por excelência imbricada com o presente: o tempo da lembrança e da contação é o do agora, como o tempo da análise do pesquisador, e os interesses deste se moldam a partir de suas inquietações e curiosidades, que nascidas em qualquer tempo reverberam no hoje.¹⁰³⁹

Narrar, escutar, interagir na entre-vista é também (des)amarrar ideias. Numa entre-vista em que estímulos convivem com perguntas de corte e a/o oralista se coloca como possível ponto de observação e *diálogo*, abre-se para tornar-se também ponto (des)estabilizador e (des)estabilizado.

Assim como se pode ser afetad@, abalad@ e desestruturad@ ao narrar e ao escutar, o mesmo exercício pode possibilitar a terapêutica do (re)lembrar, (re)viver, (re)contar e (re/des)aprender.

A atenção à narrativa é fundamental: ao evocar a memória e contar, organizam-se os sentimentos, processando reaprendizado em relação ao vivido e reconfigurando o passado através das novas informações que possui e da experiência de vida adquirida até o momento da contação. Ao relatar, o contador o faz no presente, incitando reinterpretações sobre o

¹⁰³⁷ MEIHY, *História oral: desafios conceituais*, 2009, p. 138.

¹⁰³⁸ MARANHÃO Fº, 2010, p. 21.

¹⁰³⁹ Idem, 2010, p. 21.

acontecido. Como se diz, “quem conta um conto, aumenta um ponto”, o que aponta para a reinvenção do acontecido pelo narrador, mas também pelo condutor da entrevista: boa parcela da história se conserva, mas outra parte é reinterpretação da narrativa. É bem possível que experiências traumáticas sejam mais bem elaboradas na psique através das narrativas de memória e que áreas fronteiriças como a psicologia e a psicanálise dotem o historiador de maior grade de inteligibilidade em relação ao que escuta. Além disto, estas áreas apontam para o efeito terapêutico que tem no narrar, e às vezes no escutar.¹⁰⁴⁰

Áreas como a antropologia,¹⁰⁴¹ dentre outras possíveis, também podem trazer boas contribuições a quem exerce a história oral. Aliás, o trabalho d@ oraliste é muitas vezes, marcado pelos *entre lugares* de saber, pela *transdisciplinaridade*. Meu próprio trabalho nesta tese tem mais características de um exercício de inspiração (n)etnográfica e de esforço de oralista do que historiográfica. Talvez por esta razão, prefira definir meu trabalho como de uma *etnógrafe ciborgue* (com o exercício de *oralista* incluso), e não de uma *historiadora oral* ou uma *historiadora stricto sensu*, ainda que meu bacharelado, licenciatura e mestrado tenham sido realizados na área de História.

Se meu trabalho é feito de modo híbrido, relacionando elementos de diferentes disciplinas, de modo semelhante são constituídas a memória, a narrativa e a identidade: *relacionalmente*. No caso das identidades religiosas e as de gênero, ambas são agenciadas através dos relacionamentos que são tecidos com outras pessoas, com coletivos e instituições, sendo todas estas instâncias produtoras e produtos de agências. A identificação de algumas das tensões e negociações¹⁰⁴² que se desdobram a partir destas relações auxilia na percepção dos diferentes fluxos e sentimentos identitários de gênero e religiosos, costurados consigo mesmo e com diferentes comunidades afetivas e emocionais. As narrativas, agenciadoras e agenciadas por negociações em fluxo, nesta tese, são basicamente advindas de duas fontes: da oralidade e da netnografia realizada no FB. Em relação à primeira, as narrativas orais podem ser analisadas de diferentes formas. As escolhidas aqui, dizem respeito especialmente à metodologia da *história oral*. Dentre as suas muitas modalidades possíveis, utilizo-me de duas, a *história oral de vida* e

¹⁰⁴⁰ Ibidem, 2010, p. 20.

¹⁰⁴¹ Para quem tem interesse nas relações entre história e antropologia, sugiro o texto de Lilia Schwarcz, *Repertório do tempo*, de 2009.

¹⁰⁴² O termo *negociações* diz respeito às relações e trocas costuradas entre os diferentes indivíduos pesquisados, como pessoas entre-gêneros *religiosas* (algumas destas tiveram vinculação religiosa, mas não frequentam mais, sendo *outsiders* *religios@s contemporâne@s*) e *não-religiosas*, identificando experiências de *encaixe e desencaixe religioso* e de *gênero* (e/ou de outros marcadores sociais), em relação a outras pessoas, cis e/ou trans*, e a instituições e coletivos diversos.

a *história oral temática*,¹⁰⁴³ operadas através de procedimentos do NEHO/Diversitas/USP.¹⁰⁴⁴ De início, cabe esclarecer a possível indagação d@ leitor@: o que é a história oral?

História oral

História oral é o conjunto de procedimentos que se inicia com o artesanato de um projeto e que continua com a(s) entrevista(s) com determinado(s) indivíduo(s). Suas etapas são: a) elaboração do projeto; b) gravação de entrevista(s); c) confecção de documento escrito; d) devolução; e e) análise dos resultados. É bom ressaltar que “entrevistas não se equivalem a história oral” e “em termos operacionais da história oral, entrevista é uma etapa do processo”.¹⁰⁴⁵ Segundo o NEHO/USP, há 4 gêneros narrativos em história oral: *história oral de vida*, *história oral testemunhal* (drama ou trauma coletivo) *história oral temática* e *tradição oral*. Na tese pratiquei duas destas modalidades: a história oral de vida e a história oral temática. A primeira abrange aspectos mais gerais da biografia d@(s) entrevistad@(s), e a segunda trabalha temas mais específicos a partir (ao menos em geral) de divers@s entrevistad@s.

Na constituição da tese tive como inspiração o livro *Brasil fora de si*, de Meihy, que utiliza-se concomitantemente de relatos inteiros não muito longos, advindos de trabalho de história oral de vida e de fragmentos de histórias temáticas, referentes a assuntos diversos (por vezes um ou dois parágrafos).¹⁰⁴⁶

Se no livro citado Meihy utilizou-se de uma *história oral plena*,¹⁰⁴⁷ graças à vasta pesquisa com cerca de 700 entrevistas com emigrantes brasileiros que foram para Nova York,¹⁰⁴⁸ em minha

¹⁰⁴³ O livro *Manual de História Oral* (2005), de Meihy, é um guia eficaz para se compreender com profundidade estas modalidades de história oral (MEIHY, 2004). Além deste, outras obras do autor são referências (Idem, 2004, 2007, 2009, 2011).

¹⁰⁴⁴ O NEHO, Núcleo de Estudos em História Oral, é dirigido por meu orientador, o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, e associado ao Diversitas, Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, coordenado pela professora Zilda Gricoli Iokoi. Ambos são vinculados à Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰⁴⁵ MEIHY, 2009, p. 139.

¹⁰⁴⁶ Idem, *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*, 2004.

¹⁰⁴⁷ Em história oral, “as entrevistas podem ser o *fim* ou o *meio*: como *fim*, a proposta de história oral se esgota na constituição de arquivo ou coleção de entrevistas; como *meio*, a proposta de história oral prevê análises dos resultados. Há, assim, 3 tipos de situações em relação ao uso de entrevistas em história oral: (1) *história oral instrumental*: as entrevistas são o fim do projeto, ou seja, não há análise; (2) *história oral plena*: as entrevistas são o

pesquisa realizei uma espécie de história oral mista ou híbrida,¹⁰⁴⁹ por ter analisado não só entrevistas como outras fontes – ou quem sabe, como proponho aqui, seja uma *história oral ciborgue*, visto que muitas das entre-vistas foram realizadas no ciberespaço. Além disto, me vali da análise de *textimagens* e postagens em geral no (do) FB e de conversas por escrito (em chats) através deste.

Em ambos os casos, do livro de Meihy e desta tese, a história oral é vista e utilizada como um *meio*, e não como um fim,¹⁰⁵⁰ é a metodologia empregada para se obter informações imaginadas, previstas ou /e não. E quais seriam os procedimentos de realização de uma história oral propostos pelo NEHO/USP?

Co-labor-ação e mediação

A história oral professada pelo NEHO/USP tem como conceitos básicos a *co-labor-ação* e a *mediação*. A *co-labor-ação* diz respeito à relação de compromisso entre entrevistador@ e entrevistad@. Há o convite à participação ativa de ambas as partes, ainda que a primeira seja a responsável direta pelo trabalho: os sujeitos ativos se unem no propósito de produzir um trabalho que demanda convivência e, preferencialmente, um objetivo comum.

Por *colaboração* entende-se a relação estabelecida entre pesquisador@ e narrador@, onde @segund@ age em *co-labor-ação* com @entrevistador@, mais que prestando informações,

meio e são analisadas dialogando entre si, sem a inclusão de outras fontes documentais; (3) *história oral híbrida*: as entrevistas são o meio e são analisadas com outras fontes documentais (FERNANDEZ, MARANHÃO F^o, TONINI, 2014).

¹⁰⁴⁸ O autor explica: “Com o devido respeito à história de cada um/uma, mais do que redesenhar um fenômeno individual, foi a questão histórica e social que busquei tocar. Constituir um registro do processo migratório nacional brasileiro através das histórias pessoais exigiu a responsabilidade de mostrar os efeitos da relação entre o público e o privado, do Estado e dos cidadãos. (...) O alvo do trabalho é o registro de experiências de pessoas comuns, de personagens anônimos, de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos, velhos que, individual ou familiarmente, se investiram da coragem de migrar para um espaço de supostas realizações pessoais” (MEIHY, 2004, p. 21).

¹⁰⁴⁹ Um exemplo de *história oral híbrida* está em *As Moedas Errantes: Narrativas de um Clã Germano Judaico Centenário* (NOVINSKY, 2002). Neste foram entrevistadas 4 famílias nucleares do clã, que constituíram as “fontes prioritárias” da pesquisa. Contudo, a convivência com os colaboradores foi intensa, o que levou a ter muitos tipos de fontes, além das narrativas. São “fontes complementares”, importantes para o trabalho: registros de psicoterapias e de sonhos, registros de conversas telefônicas, cartas e documentos familiares, anotações pessoais, fotografias e as moedas de ouro, que eram quase um segredo de família e que foram dispersas, perdidas e recuperadas, tal como a união do clã” (FERNANDEZ, MARANHÃO F^o, TONINI, 2014).

¹⁰⁵⁰ Um exemplo de *história oral instrumental*, ou de *história oral como fim*, está no *Banco de memória e histórias de vida da EPM/UNIFESP*, um desdobramento do Projeto 75 x 75: *Histórias de vida para contar os 75 anos da EPM/UNIFESP*. Neste, procurou-se registrar, conservar e disponibilizar um grande número de histórias/memórias de vida de pessoas que participaram da história/memória da EPM/UNIFESP. Eram alun@s, professor@s, funcionári@s, vizinh@s, dentre outr@s. Tal banco de memórias/histórias de vida são um rico acervo para a história/memória dos serviços de saúde de São Paulo (GALLIAN, 2008).

acompanhando o processo de formatação da pesquisa. Neste sentido, @ pesquisador@ assume o papel de mediador@, possibilitando condições favoráveis à narração, estimulando o diálogo com perguntas abertas e anotando informações relevantes. Assim, o trabalho de colaboração pode ser visto como parceria, mas tendo @ gerente da pesquisa (pesquisador@) as responsabilidades jurídicas sobre o mesmo.

A *mediação* também pode ser entendida como o papel d@ entrevistador@ no processo de

coleta de entrevistas, pois ele deve estar treinado para ser hábil e dar bom andamento ao projeto. O pesquisador coloca-se como *mediador* de todo o trabalho em vista de uma preocupação acadêmica e social, tentando conciliar preocupações, ouvir diferentes versões e conter possíveis tensões.¹⁰⁵¹

Mas devemos lembrar que @ mediador@ não é *tabula rasa* no processo nem se situa numa torre de marfim: é pesquisador@, mas muitas vezes – como no meu caso – agente e paciente; além disto, cada pesquisador@ possui suas próprias versões e tensões subjetivas a serem (re)negociadas em (com o) campo – e porque não deixá-las (im)expressas no trabalho? @ pesquisad@ é menos capaz de agência e empoderamento que @ pesquisador@? É @ pesquisador@ quem empodera, agencia ou “dá voz” @ pesquisad@? @ pesquisador@ “dá ouvidos” @ pesquisad@? Não é nisto que creio. Em meu trabalho, prefiro que as redes sejam tecidas do modo *mais simétrico* e *menos hierárquico* possível. Mesmo sabendo que sou @ gerenciadore da pesquisa, meu interesse é que as pessoas pesquisadas, ainda que entendidas como coletivo, andem *ao lado*, e não em subordinação – ao menos, o quanto for possível, visto que evidentemente as “decisões” a respeito sejam dadas pel@ pesquisador@ em consonância com alguns de seus pares acadêmicos (orientador@, bancas, etc). Ao mesmo tempo, @ entrevistad@ exerce certo controle sobre a entre-vista que concede, visto que pode não autorizar a publicação da mesma.

Outros dos mais caros conceitos propostos pelo NEHO/USP são os de comunidade de destino, ponto zero, colônia e rede.

Comunidade de destino, ponto zero, colônias, redes

Comunidade de destino é o grupo ampliado de pessoas constituídas como sujeitos de um projeto. É definida como uma coletividade com um laço identitário comum e mais abrangente. *Ponto zero* é a pessoa que detém a reserva de memória da comunidade de destino e que pode

¹⁰⁵¹ FERNANDEZ, MARANHÃO Fº, TONINI, 2014.

sugerir o contato com uma determinada colônia ou com determinadas redes já constituídas ou com potencial de constituição. As *colônias* são subdivisões da comunidade de destino. São definidas através de afinidades comuns de parcela da população desta. As *redes* são subdivisões da colônia, ou a menor parcela de uma comunidade de destino.¹⁰⁵²

Em relação aos três pontos acima – ponto zero, colônias e redes – exemplificarei/contextualizarei a partir de minha tese na parte seguinte do trabalho, diário de bordo *em rede* e *na rede*. E a entrevista (ou entre-vista) – como ela pode ser realizada de acordo com os pressupostos do NEHO/USP? O primeiro passo é a pré-entrevista.

Pré-entrevista e entrevista

Como procedimento adotado pelo NEHO/USP está a *pré-entrevista*, momento em que o projeto de pesquisa é apresentado aos/às colaboradores/as através de *negociação prévia*, explicando-se os procedimentos, a necessidade de utilização dos equipamentos de gravação de voz e/ou imagem, e apontando para o agendamento de datas e locais de gravação da entrevista. Local e data devem ser preferencialmente de escolha do/a entrevistado, para que o mesmo se sinta mais à vontade e a entrevista flua melhor. É necessária a atenção ao ambiente adequado, especialmente em relação às possibilidades de interferência sonora na gravação. Antes de iniciar a entrevista, deve-se gravar o nome do projeto, a identidade do/a entrevistado, local e data da entrevista.

Em relação à *entrevista*, como comentado, há quatro gêneros narrativos em história oral: de vida, temático, testemunhal e tradição oral. Num projeto de pesquisa, a(s) modalidade(s) escolhida(s) deve(m) ser especificadas(s). Fatores a serem levados em conta: quantas pessoas participarão da entrevista: esta será individual ou coletiva? Haverá uma entrevista com a mesma pessoa ou entrevistas múltiplas? Haverá a presença de uma terceira pessoa, conhecida d@ entrevistad@? Tal presença pode auxiliar ou atrapalhar (n)o processo de rememoração e narração? Também é necessário atentar ao tamanho da equipe de gravação na entrevista, o que pode implicar na rememoração e narrativa. Haverá mais de um/a entrevistador@s?

Quais os recursos a serem utilizados, além dum gravador? A memória será ativada através de roteiro de perguntas, estímulos gerais ou outros meios como objetos biográficos ou fotografias? O caderno de campo, recomendado para se registrar a “evolução” ou possíveis transformações no projeto, será utilizado? As entrevistas podem ser realizadas em formato *áudio* ou

¹⁰⁵² Latour – assim como outr@s autor@s – traz outra concepção sobre *redes*, como comentei anteriormente.

audiovisual. No NEHO/USP a maior parte das pesquisas foi realizada através de gravação em áudio, mas algumas pessoas tem pensado o uso do formato audiovisual, como demonstram Marta Rovai, Suzana Ribeiro e Marcela Evangelista:

O uso de vídeo no trabalho com histórias orais coloca em debate uma série de novas preocupações sobre as relações que se estabelecem entre entrevistado e entrevistador e os produtos da pesquisa. Uma delas é até que ponto a imagem interfere – positiva ou negativamente – na condução de narrativas e que critérios podem ser pensados para os cortes, construção e análise das mesmas.¹⁰⁵³

Em minha pesquisa realizei entre-vistas por método audiovisual através da internet, sobretudo no FB, o que comento um pouco mais adiante.

Transcrição, textualização, transcrição

Associada a estas etapas, encontra-se a *transcrição*, na qual o registro oral é transferido para o escrito, inclusive com ocasionais falhas léxicas e gramaticais, gírias e repetições que fazem parte da oralidade. É a passagem absoluta, *ipsis litteris*, com todos os detalhes sonoros da gravação para o suporte escrito.

Em seguida, adota-se a *textualização*, em que se procura dar um caráter mais fluido ao texto, colocando as perguntas e respostas dentro de um fluxo narrativo, favorecendo a leitura do relato, fazendo com que a entrevista transforme-se em texto aberto a interpretações polissêmicas. Esta transcrição trabalhada elimina as perguntas e respostas, sons e ruídos e repara eventuais erros gramaticais, repetições e palavras sem peso semântico, favorecendo a clareza do texto.

Sobre a passagem do oral para o escrito, Alberto Lins Caldas compara as obras de Daphne Patai e Meihy:

Para Daphne Patai (1989), como a entrevista é um vasto diálogo, encontro de subjetividades, não há busca pelo “real”, pelo “fato”, mas *criação textual* que nos deixa entrever outras ficcionalidades sociais, pondo em aberto o passado e o presente. Uma de suas ações metodológicas é reescrever os depoimentos, não só tornando a leitura mais compreensiva como dando margem a uma auto-iluminação do próprio texto. Para isto ela separa (como Meihy fará depois numa perspectiva bem mais radical e consequente) as narrativas de uma introdução teórico-metodológico, sem misturar, objetificando, pedaços de entrevistas a um fluxo discursivo acadêmico. Tendo uma “ideia” mais *ficcional* que

¹⁰⁵³ Sobre entrevistas de história oral em áudio-vídeo em geral, recomendo “Audiovisual e história oral: utilização de novas tecnologias em busca de uma história pública” (EVANGELISTA, RIBEIRO, ROVAI, 2011).

positiva, Patai consegue conceber um predomínio das ideias sobre o *ipsis literis* do interlocutor, conquistando com isso a própria vida do vivido. No entanto, não vai tão longe quanto Meihy, que nos propõe uma verdadeira reescritura radical do texto.¹⁰⁵⁴

Esta transformação radical é advogada pelas próprias palavras de Meihy:

Transcrição, portanto, não é apenas uma operação textual – e nem ética, pois não se refere apenas à relação de entrevistado/entrevistador. Muito mais, *transcrição* é a *desnaturalização* dos fatos sociais, coletivos, que sem a ação dos *colaboradores*, de ambos os agentes da formulação narrativa, simplesmente não existiria. Transcrição é muito mais do que mudar palavras ou sentenças em uma narrativa, é ato de compromisso com a transformação dos acontecimentos. Devir. Transcrição: ação criativa de mudar. De mudar tudo: texto e contexto. Por lógico, clamo limites. Sem messianismos totalizantes, mas também sem alienação do saber que é, sim também, ato político.¹⁰⁵⁵

Sobre a modificação do contexto, toda vez que uma frase é retirada de um texto e colocada em outro, automaticamente está descontextualizada e des/re/apropriada para justificar ou explicar ideias, supostos ou prerrogativas do/a (des)organizador destes textos. Aqui fica novamente patente a (im)parcialidade da/o oralista que escreve sobre as narrativas escutadas: cada texto é assim, antes de tudo, uma *tradução* – mais que isto, como diziam os irmãos Campos, uma *traição*. E tal conceito fundou a noção de transcrição do NEHO/USP.

Na transcrição, além do que foi visto acima, podem vislumbrar-se não apenas as palavras d@ entrevistad@, mas também, potencialmente, os sentidos e significados que assumem seus gestos, pausas, risos, lágrimas, interjeições, expressões faciais e/ou corporais, embargos e emoções, sugerindo sua subjetividade como aspecto de interesse e análise por parte d@ pesquisador@.

Conferência, validação, tom vital, devolução

A partir deste momento caminha-se para a *conferência*, em que @ pesquisador@ retorna a entrevista ao/à seu/sua colaborador@ com o objetivo de receber a autorização de uso e publicação por parte deste, bem como a indicação de possíveis mudanças. *Validação* é o momento em que, após a conferência da entrevista transcrita, @ entrevistad@ se reconhece na narrativa apresentada pel@ entrevistador@ e autoriza o uso da mesma. *Tom vital* é uma

¹⁰⁵⁴ CALDAS, *Oralidade, texto e história*. Para ler a história oral, 1999, p. 89.

¹⁰⁵⁵ MEIHY, *História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai*, 2011, p. 103.

passagem ou fragmento da entrevista que pode nomear, dar título a uma parte específica do trabalho.

O produto deste trabalho é a *devolução*, o retorno do material produzido (tese, livro, etc) para as/os colaborador@s, fazendo com que a experiência da história oral atravessasse a Academia em direção à coletividade. Todos estes procedimentos, chamados núcleo de documentação, são seguidos de um segundo momento, o *analítico*, onde as narrativas são colocadas em um contexto e apontam para ferramentas do fazer historiográfico como a seleção e a interpretação. A devolução compreende ainda uma *história pública*, visto que sinaliza para possíveis políticas públicas, relevantes à comunidade de destino geradora da pesquisa.

Todos estes procedimentos, chamados *núcleo de documentação*, são seguidos de outro momento, o *analítico*, em que as narrativas são colocadas em um contexto e apontam para a atenção à espessura da duração e a utilização de ferramentas do fazer historiográfico como a *seleção* e a *interpretação*.